



Mares de
SANGUE

SCOTT LYNCH

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Mares de
SANGUE



O ARQUEIRO

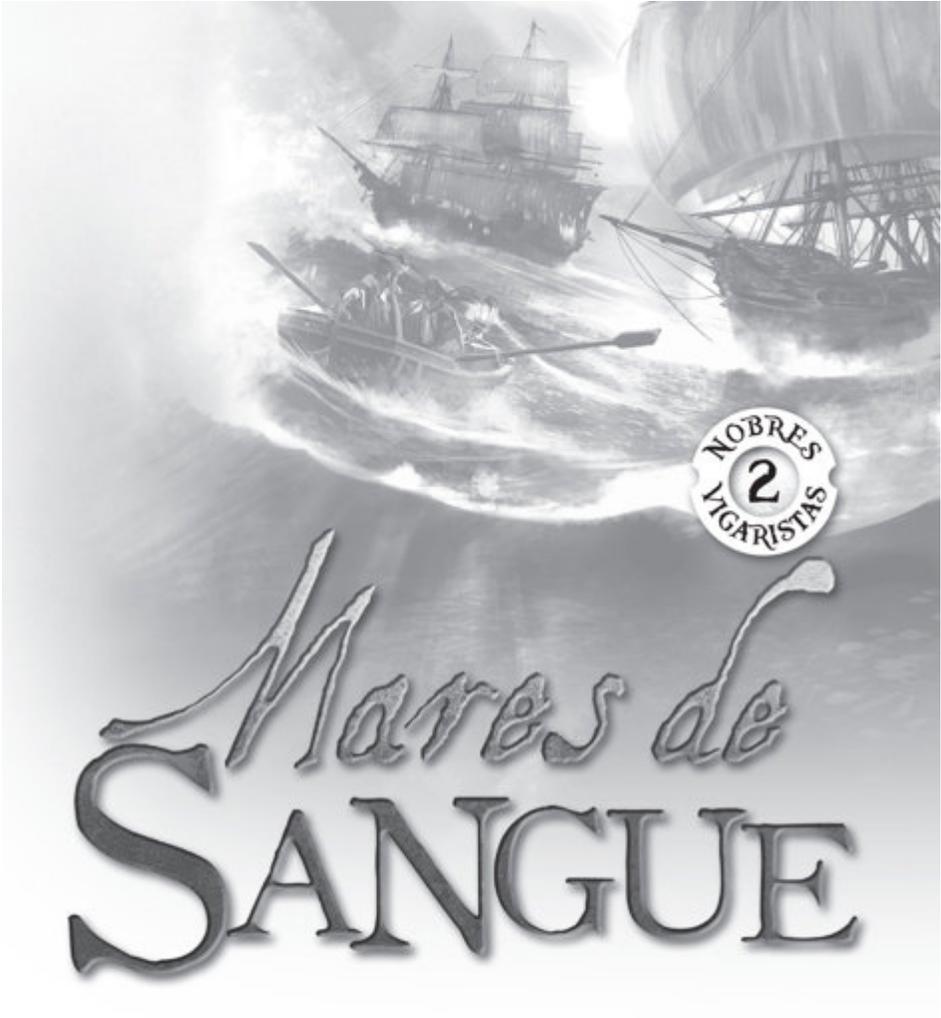
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.



NOBRES
2
VIGARISTAS

Mares de
SANGUE

SCOTT LYNCH



Título original: *Red seas under red skies*
Copyright © 2007 por Scott Lynch
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado originalmente por Gollancz, Londres.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob
quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alves Calado
preparo de originais: Gabriel Machado
revisão: Carolina Rodrigues e Milena Vargas
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
imagem de capa: © Benjamin Carré / Bragelonne
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L996m

Lynch, Scott
Mares de sangue [recurso eletrônico] / Scott Lynch [tradução de Ivanir
AlvesCalado]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital

Tradução de: *Red seas under red skies* Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide
Web ISBN 978-85-8041-315-1 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros
eletrônicos. I. Título.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

14-
14107

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Matthew Woodring Stover,
uma vela amiga no horizonte.*
Non destiti, numquam desistam.

PRÓLOGO

Uma conversa tensa

Locke Lamora estava parado no píer de Tal Verrar, com o vento quente de um navio em chamas às costas e a picada fria de uma flecha de balestra no pescoço.

Deu um sorriso torto e se concentrou em manter sua balestra ao nível do olho esquerdo do oponente. Os dois se achavam próximos o bastante para se sujarem com o sangue um do outro caso disparassem ao mesmo tempo.

– Seja razoável – disse o homem que o encarava. O suor deixava riscas visíveis ao escorrer pela testa e pelas bochechas cobertas de sujeira. – Considere as desvantagens da sua situação.

Locke fungou.

– A não ser que seus globos oculares sejam feitos de ferro, a desvantagem é mútua. Não acha, Jean?

Estavam parados dois a dois: Locke e Jean frente a frente com seus rivais. Eram quatro flechas de metal frio nas armas retesadas, a poucos centímetros da cabeça de quatro homens compreensivelmente nervosos. A essa distância ninguém poderia errar, nem se todos os deuses acima ou abaixo do céu quisessem o contrário.

– Parece que nós quatro estamos enfiados em areia movediça até os bagos – comentou Jean.

Na água atrás deles, o velho galeão gemia e estalava à medida que as chamas violentas o consumiam de fora para dentro. A noite virava dia num raio de centenas de metros ao redor e o casco era entrecruzado por riscas de um laranja esbranquiçado nos pontos em que as tábuas se separavam. A fumaça saía daquelas rachaduras infernais em pequenas erupções negras, os últimos suspiros trêmulos de uma enorme fera de madeira em agonia. Os quatro homens estavam no píer, estranhamente sozinhos no meio da luz e do barulho que atraíam a atenção de toda a cidade.

– Baixe a arma, pelo amor dos deuses – pediu o oponente de Locke. – Fomos instruídos a não matá-los se não fosse necessário.

– E tenho certeza de que você diria a verdade se a ordem fosse justamente o contrário, é claro – replicou Locke. Seu sorriso se alargou. –

Faço questão de jamais confiar em homens com armas encostadas no meu pescoço. Desculpe.

– Sua mão vai começar a tremer muito antes da minha.

– Vou apoiar a ponta do meu quadrelo no seu nariz quando me cansar. Quem mandou vocês atrás de nós? Quanto estão pagando? Não estamos desprovidos de fundos; poderíamos chegar a um feliz acordo.

– Na verdade – interveio Jean –, eu sei quem os mandou.

– Sério?

Locke lançou um olhar para Jean antes de encarar o adversário outra vez.

– E foi feito um acordo, mas eu não diria que é feliz.

– Ah... Jean, acho que não estou acompanhando você.

– Não.

Jean levantou uma das mãos para o homem à sua frente, com a palma para fora. Depois virou a mira devagar, com cuidado, para a esquerda, até apontar a balestra contra a cabeça de Locke. O homem que ele estivera ameaçando anteriormente piscou, surpreso.

– Sou *eu* que não estou acompanhando você, Locke.

– Jean. – O sorriso de Locke desapareceu. – Isso não é engraçado.

– Concordo. Me entregue sua arma.

– Jean...

– Entregue agora. Depressa. E você aí, por acaso é imbecil? Tire essa coisa da minha cara e aponte para ele.

O antigo oponente de Jean umedeceu os lábios, nervoso, mas não se mexeu. Jean trincou os dentes.

– Olhe, seu macaco de cais com cérebro de esponja, estou fazendo o serviço para vocês. Aponte a balestra para a droga do meu ex-parceiro para podermos sair deste píer!

– Jean, eu despreveria esta reviravolta como *muito pouco favorável* – disse Locke, e parecia a ponto de falar mais, só que o oponente de Jean escolheu esse momento para aceitar o conselho.

Agora Locke sentia o suor descendo numa cascata pelo rosto, como se sua própria umidade traiçoeira estivesse abandonando o recinto antes que algo pior acontecesse.

– Pronto. Três contra um. – Jean cuspiu no cais. – Você não me deu escolha, tive que fazer um acordo com o patrão desses cavalheiros antes de partirmos. Maldição, *você* me obrigou. Desculpe, achei que eles fariam

contato antes de partirem para cima de nós. Agora entregue sua arma.

– Jean, que diabo você acha que está...

– Não. Não diga mais porra nenhuma. Não tente vir com artimanhas para cima de mim; conheço você bem demais para deixá-lo falar. Silêncio, Locke. Tire o dedo do gatilho e *entregue a arma*.

Locke olhou a ponta de aço do quadrelho de Jean com a boca aberta, incrédulo. O mundo ao redor se dissipou até restar apenas aquela ponta minúscula, reluzente, viva com o reflexo laranja do inferno que chamejava no ancoradouro atrás dele.

– Não acredito – disse Locke. – Eu só...

– É a última vez que vou mandar, Locke. – Jean manteve a mira firme, bem entre os olhos dele. – Tire o dedo do gatilho e me dê a droga da arma. *Agora*.

LIVRO I

CARTAS NA MÃO

*Se for preciso jogar,
decida três coisas primeiro:
as regras do jogo, os riscos
e a hora de desistir.*

PROVÉRBIO CHINÊS

CAPÍTULO UM

Joguinhos

1

O jogo era Carrossel da Sorte, as apostas representavam mais ou menos metade de toda a riqueza que eles possuíam e a verdade era que Locke Lamora e Jean Tannen estavam levando uma sova como dois tapetes empoeirados.

– Última oferta para a quinta mão – anunciou o crupiê com casaca de veludo em seu pódio ao lado da mesa circular. – Os cavalheiros desejam receber novas cartas?

– Não, não, os cavalheiros desejam confabular – respondeu Locke, inclinando-se à esquerda para aproximar a boca do ouvido de Jean, e acrescentou em um sussurro: – Como estão suas cartas?

– Um deserto terrível – murmurou Jean, movendo casualmente a mão direita para cobrir a boca. – E as suas?

– Um ermo de frustração amarga.

– Merda.

– Será que estivemos negligenciando as orações esta semana? Será que algum de nós peidou num templo ou algo assim?

– Achei que a expectativa de perder fazia parte do plano.

– E faz. Eu só esperava que pudéssemos lutar com mais honra.

O crupiê tossiu recatadamente na mão esquerda – numa mesa de jogo, isso era o equivalente a dar um tapa na nuca dos Nobres Vigaristas. Locke se afastou de Jean, bateu com as cartas de leve na superfície laqueada da mesa e sorriu, como se dissesse “sei o que estou fazendo”. Suspirou por dentro, olhando a pilha considerável de fichas de madeira que fariam a curta viagem

do centro da mesa para os montes dos oponentes.

– Claro, estamos preparados para encontrar nosso destino com um estoicismo heroico, digno de ser mencionado por historiadores e poetas.

O crupiê assentiu.

– As damas e os cavalheiros recusam a última oferta. A casa pede que baixem as cartas pela última vez.

Houve um farfalhar de cartas sendo embaralhadas e descartadas enquanto os quatro jogadores formavam as últimas sequências e as baixavam, viradas para baixo.

– Muito bem – disse o funcionário. – Virem e revelem.

Os sessenta ou setenta ociosos mais ricos de Tal Verrar, apinhados na sala atrás deles para assistir ao desdobramento de cada estágio da humilhação de Locke e Jean, agora se inclinavam como se fossem um só, ansiosos para ver como eles ficariam desconcertados dessa vez.

2

Tal Verrar, a Rosa dos Deuses, fica na fronteira oeste do que o povo terim chama de mundo civilizado.

Se você pudesse ficar parado a mil metros acima das torres verraris mais altas ou sobrevoá-las como as gaivotas que infestam as frestas e telhados da cidade, veria por que suas ilhas vastas e escuras deram o antigo apelido a esse lugar. Elas formam um redemoinho a partir do coração de Tal Verrar: uma série de crescentes em tamanho cada vez maior, como as pétalas estilizadas de uma rosa no mosaico de um artista.

Não são naturais como o continente que se ergue alguns quilômetros a nordeste e se racha diante do vento e do clima, revelando a própria idade. As ilhas verraris não estão desgastadas e talvez sejam impossíveis de se desgastar, pois são formadas por quantidades inimagináveis do vidro preto dos Ancestres, em inúmeros níveis cobertos por camadas de pedra e terra, cruzados por diversas passagens, de onde brota uma cidade de homens e mulheres.

Essa Rosa dos Deuses é cercada por um recife artificial, um círculo partido com 5 quilômetros de diâmetro. Contra essa muralha escondida, o inquieto Mar de Bronze acaba se acalmando para permitir a travessia de

embarcações com bandeiras de uma centena de reinos e domínios. Seus mastros e vergas erguem-se numa floresta, brancos com as velas enfunadas.

Se você pudesse virar os olhos para a ilha mais a oeste da cidade, veria, em seu interior, paredões pretos e íngremes mergulhando por muitas dezenas de metros até as ondas suaves do porto, onde uma teia de docas de madeira se agarra à base do penhasco. O lado voltado para o mar é formado por seis lajes grandes e chatas, como enormes degraus, com escarpas lisas de 15 metros.

O bairro mais ao sul dessa ilha chama-se Degraus de Ouro e seus seis níveis são repletos de cervejarias, antros de jogatina, clubes particulares, bordéis e ringues de luta. Ele é alardeado como a capital do jogo das cidades-estado terins, um lugar onde as pessoas perdem dinheiro com qualquer coisa, desde os vícios mais corriqueiros até os crimes mais perversos. As autoridades de Tal Verrar, num magnânimo gesto de hospitalidade, decretaram que nenhum estrangeiro pode ser escravizado nos Degraus de Ouro. Como resultado, há poucos lugares a oeste de Camorr onde seja mais seguro para os estrangeiros tomar um porre e cair no sono nas sarjetas e praças.

Há uma estratificação rígida nos Degraus de Ouro: a cada nível mais alto aumenta a qualidade dos estabelecimentos, assim como o tamanho, o número e a veemência dos guardas junto às portas. Coroando o bairro, há uma dúzia de mansões barrocas feitas de pedra antiga e madeira-bruxa engastadas no verde úmido e luxuriante de jardins bem cuidados e florestas em miniatura.

Essas são as “casas de tavalagem de qualidade”, clubes seletos onde endinheirados podem jogar no estilo permitido por suas cartas de crédito. Durante séculos, elas têm sido centros informais de poder, em que nobres, burocratas, mercadores, capitães de navios, emissários e espiões se reúnem para apostar fortunas, tanto pessoais quanto políticas.

Todas as comodidades possíveis existem nessas casas. Visitantes notáveis embarcam em caixas-carruagens nas docas particulares na base do penhasco interior e são içados por reluzentes motores de latão acionados a água, evitando, assim, as rampas estreitas, sinuosas e apinhadas que sobem pelos cinco Degraus mais baixos, no lado voltado para o mar aberto. Existe inclusive uma área pública de duelos, um amplo espaço de grama aparada exatamente no centro do nível superior, de modo que as cabeças mais frias

não prevaleçam quando alguém fez seu sangue esquentar.

As casas de qualidade são sacrossantas. Um costume mais antigo e mais firme do que a lei proíbe que soldados ou guardas ponham os pés dentro delas, a não ser para reagir aos crimes mais hediondos. Elas são a inveja de todo um continente: nenhum clube estrangeiro, por mais luxuoso e seletivo que seja, pode sequer imitar a atmosfera característica de uma genuína casa de *tavolagem verrari*. E todas, absolutamente todas, são superadas de longe pela Agulha do Pecado.

Com quase 45 metros de altura, a Agulha do Pecado se projeta em direção ao céu na extremidade sul do último Degrau, que já fica a mais de 75 metros acima do porto. É uma torre de Vidrantigo, reluzindo com um brilho preto e perolado, e uma ampla sacada cheia de lampiões alquímicos envolve cada um dos oito andares. À noite, o edifício é uma constelação de luzes em escarlate e azul-crepúsculo, as cores heráldicas de Tal Verrar.

A casa de *tavolagem* mais exclusiva, mais famosa e mais bem-guardada do mundo está aberta do nascer ao pôr do sol para quem for suficientemente poderoso, rico ou belo para passar pelos caprichos dos porteiros. Cada andar supera o inferior em luxo, exclusividade e risco. O acesso a cada nível superior precisa ser obtido através de bom crédito, comportamento divertido e jogo impecável. Alguns aspirantes passam anos e gastam milhares de solaris tentando atrair a atenção do Senhor da Agulha do Pecado, cujo apego implacável ao seu posto especial tornou-o o mais poderoso árbitro dos favores sociais na história da cidade.

O código de conduta na Agulha do Pecado nunca foi escrito, mas é tão rígido quanto o de um culto religioso: quem é pego trapaceando é condenado à morte. Se o próprio Arconte de Tal Verrar fosse detectado com uma carta na manga, não receberia ajuda nem mesmo dos deuses para se livrar das consequências. De tempos em tempos, os funcionários da torre encontram alguém querendo escapar da regra e ocorre mais uma morte discreta de overdose alquímica numa carruagem ou um “escorregão” trágico de uma sacada, oito andares acima das pedras duras e chatas do pátio da Agulha do Pecado.

Locke Lamora e Jean Tannen precisaram de dois anos e uma série de identidades falsas para subir trapaceando até o quarto andar.

Na verdade, estão trapaceando agora mesmo, esforçando-se ao máximo para rivalizar com seus oponentes, que não precisam disso.

3

– As damas têm uma sequência de cúspides e uma de sabres, coroadas pela chancela do sol – anunciou o crupiê. – Os cavalheiros têm uma sequência de cálices e uma mão mista, coroadas pelo cinco de cálices. A quinta rodada é das damas.

Locke mordeu o lado interno da bochecha enquanto uma onda de aplausos atravessava o ar quente do salão. As damas já haviam ganhado quatro das cinco rodadas e a multidão mal se dignara a notar a única vitória de Locke e Jean.

– Ora, que coisa – disse Jean, numa fingida surpresa digna de crédito.

Locke se virou para a oponente à sua direita. Maracosa Durena era uma mulher magra e de pele escura, com quase 40 anos, cabelos densos cor de fumaça de óleo e várias cicatrizes bem visíveis no pescoço e nos antebraços. Na mão direita segurava um charuto fino e preto enrolado com fio de ouro e levava no rosto um sorriso de contentamento distanciado. Obviamente o jogo não estava exigindo seu esforço máximo.

Usando uma espécie de pequeno rodo de madeira de cabo comprido, o crupiê empurrou a pilha de fichas de madeira perdidas por Locke e Jean na direção das mulheres e puxou todas as cartas de volta às suas mãos. Era rigidamente proibido que os jogadores tocassem nelas depois que o crupiê pedia que fossem reveladas.

– Bem, madame Durena – falou Locke –, parabéns pela condição cada vez mais robusta de suas finanças. Sua bolsa parece ser a única coisa que cresce mais rápido do que minha iminente ressaca.

Locke fez uma das suas fichas caminhar sobre os nós dos dedos da mão direita. O pequeno disco de madeira valia 5 solaris, mais ou menos oito meses de salário de um trabalhador comum.

– Meus pêsames pela mão particularmente infeliz, mestre Kosta.

Madame Durena deu um trago longo no charuto, depois uma baforada que pairou entre Locke e Jean, a uma distância apenas suficiente para evitar o insulto direto. Locke tinha percebido que ela usava a fumaça como seu *strat péti*, seu “joguinho” – um maneirismo aparentemente civilizado, na verdade desenvolvido para distrair ou irritar os oponentes à mesa e instigá-los a cometer erros. Jean havia planejado usar os próprios charutos com o

mesmo objetivo, mas a mira de Durena era melhor.

– Nenhuma mão pode ser considerada infeliz na presença de uma dupla de oponentes tão belas – replicou Locke.

– Eu quase posso admirar um homem capaz de permanecer tão charmosamente desonesto enquanto toda a sua prata é arrancada – comentou a parceira de Durena, sentada entre ela e o crupiê.

Izmila Corvaleur era quase do tamanho de Jean, ampla e espalhafatosa, prodigiosamente redonda em todos os lugares em que uma mulher *poderia* ser redonda. Sem dúvida era atraente, mas a inteligência que brilhava em seus olhos era afiada e cheia de desprezo. Locke reconhecia nela uma belicosidade equivalente à de um arruaceiro de esquina – um apetite afiado pelas disputas difíceis. Corvaleur mordiscava constantemente cerejas cobertas de chocolate em pó que tirava de uma caixa, chupando os dedos com ruído após saborear cada uma. Era seu próprio *strat péti*.

Ela era perfeita para o Carrossel da Sorte, pensou Locke. Uma mente sagaz para as cartas e um corpo capaz de suportar o castigo especial do jogo no caso da perda de uma rodada.

– Penalidade – avisou o crupiê, acionando o mecanismo que fazia o carrossel girar.

O instrumento ficava no centro da mesa e era um conjunto de estruturas circulares de latão que sustentavam fileiras e mais fileiras de minúsculos frascos de vidro grosso, cada um com uma tampa de prata. Ele girou sob a luz suave dos lampiões no salão de jogos até se transformar em riscas contínuas de prata sobre latão e, em seguida... houve estalos, um chacoalhar e o carrossel cuspiu dois frascos. Eles rolaram na direção de Locke e Jean e bateram com ruído na borda um pouco mais alta da mesa.

O Carrossel da Sorte era um jogo caro para duas duplas, porque o mecanismo de relojoaria do carrossel era muito dispendioso. No fim de cada rodada, eram liberadas aleatoriamente duas garrafinhas para a dupla que perdia, contendo bebida alcoólica misturada com óleos doces e suco de fruta para disfarçar o teor. As cartas eram apenas um aspecto das partidas: os contendores também precisavam manter a concentração sob os efeitos cada vez mais fortes dos frasquinhos demoníacos. O jogo só terminava quando um participante ficava bêbado demais para prosseguir.

Teoricamente, não poderia haver trapaça no jogo. A Agulha do Pecado fazia a manutenção no mecanismo e preparava os frascos, e as tampinhas de

prata eram presas com lacres de cera. Os jogadores não tinham permissão de tocar no carrossel ou nos frascos de outros jogadores sob pena de perder de imediato a rodada. Até os chocolates e charutos consumidos pelos jogadores precisavam ser fornecidos pela casa. Locke e Jean poderiam ter chegado ao ponto de recusar a madame Corvaleur o luxo de seus doces, mas seria má ideia, por vários motivos.

– Bom – disse Jean enquanto quebrava o lacre de sua bebida minúscula.
– Aos perdedores charmosos, acho.

– Se ao menos soubéssemos onde encontrar alguns! – observou Locke, e juntos engoliram o conteúdo.

A bebida de Locke deixou na garganta um rastro quente com sabor de ameixa; era das fortes. Ele suspirou e pôs o frasco vazio à frente do corpo. Quatro frascos a um e ele já começava a sentir os efeitos dos líquidos em sua concentração.

Enquanto o funcionário separava e embaralhava as cartas para a rodada seguinte, madame Durenna deu mais uma tragada longa e satisfeita no charuto e bateu as cinzas num pote de ouro maciço sobre um pedestal atrás de sua mão direita. Deu duas baforadas preguiçosas pelo nariz e olhou para o carrossel por trás de um véu cinza. Durenna era uma predadora com queda natural pelas emboscadas, pensou Locke, sempre mais confortável atrás de alguma camuflagem. Segundo as informações que ele havia recebido, ela chegara apenas recentemente à vida de especuladora mercantil estabelecida na cidade. Antes, fora comandante de bucaneiros caçadores de recompensa, perseguindo e afundando em alto-mar os navios de escravos de Jerem. Não tinha adquirido aquelas cicatrizes tomando chá em uma sala de visitas.

Seria uma infelicidade muito, muito grande, se uma mulher como ela percebesse que Locke e Jean contavam com o que Locke gostava de chamar de “métodos discretamente não ortodoxos” para vencer. Diabos, seria preferível perder do modo antigo ou ser apanhado trapaceando pelos funcionários da Agulha do Pecado. Eles, pelo menos, seriam carrascos rápidos e eficientes; tinham um estabelecimento muito movimentado para administrar.

– Espere um pouco – falou madame Corvaleur ao crupiê, interrompendo os pensamentos de Locke. – Mara, os cavalheiros tiveram de fato várias mãos de má sorte. Será que não deveríamos lhes permitir um recesso?

Locke escondeu sua empolgação instantânea; a dupla que assumisse a dianteira no Carrossel da Sorte podia oferecer aos oponentes uma pequena pausa no jogo, mas essa cortesia raramente era dada, pelo motivo óbvio de que concedia aos perdedores um tempo precioso para afastar os efeitos da bebida. Será que Corvaleur estava tentando encobrir alguma inquietação?

– Os cavalheiros fizeram mesmo um esforço extenuante a nosso favor, contando todas essas fichas e empurrando-as repetidamente na nossa direção. – Durena tragou fumaça e expeliu-a. – Queiram nos dar a honra, senhores, de consentir uma pequena pausa para se recuperarem e se revigorarem.

Ah. Locke sorriu e cruzou as mãos sobre a mesa. Então esse era o jogo: representar para a plateia e mostrar como as damas tinham pouca consideração pelos oponentes, como consideravam a vitória inevitável. Isso era esgrima de etiqueta e Durena dera o equivalente a uma estocada em direção ao pescoço. A recusa direta seria um movimento terrível; Locke e Jean precisariam aparar o golpe com delicadeza.

– Como algo poderia ser mais revigorante – perguntou Jean – do que continuar o jogo contra uma dupla tão magnífica?

– O senhor é muito gentil, mestre de Ferra – respondeu madame Durena. – Mas gostaria que dissessem que não temos coração? Os senhores não impediram nenhum dos nossos confortos. – Ela usou o charuto para indicar os doces de madame Corvaleur. – Iriam nos recusar o desejo de conceder um conforto em troca?

– Não recusaríamos nada às senhoras, madame, no entanto imploramos que nos permitam atender ao seu *maior* desejo, pelo qual se incomodaram em vir aqui esta noite: o desejo de jogar.

– Ainda temos muitas mãos pela frente e Jerome e eu ficaríamos magoados caso criássemos qualquer inconveniência às damas – acrescentou Locke, encarando o crupiê.

– Até agora os senhores não nos causaram nenhuma inconveniência – replicou madame Corvaleur com doçura.

Locke tinha uma consciência desconfortável da atenção que os espectadores dedicavam a essa conversa. Ele e Jean haviam desafiado as duas mulheres, consideradas as melhores jogadoras do Carrossel da Sorte em Tal Verrar, e uma plateia considerável apinhara todas as outras mesas no quarto andar da Agulha. Naquelas mesas deveriam estar acontecendo outros jogos,

mas, devido a algum entendimento não verbalizado entre a casa e os clientes, todas as outras ações na sala tinham cessado durante a matança.

– Muito bem – concordou Durena. – Não temos objeção a continuar. Talvez a sorte dos senhores até mude.

O alívio de Locke por ela ter abandonado a manobra verbal era pequeno. Afinal, ela mantinha todas as expectativas de arrancar dinheiro dele e de Jean, como um cozinheiro arrancaria carunchos de um saco de farinha.

– Sexta rodada – anunciou o crupiê. – A aposta inicial será de 10 solaris.

Cada jogador empurrou duas fichas de madeira e o crupiê jogou três cartas diante deles.

Madame Corvaleur terminou de comer outra cereja coberta de chocolate e sugou o resíduo doce dos dedos. Antes de tocar suas cartas, Jean deslizou os dedos da mão esquerda brevemente sob a lapela da casaca e moveu-as, como se estivesse se coçando. Depois de alguns segundos, Locke fez o mesmo. Locke pegou madame Durena observando-os e viu-a revirar os olhos. Os sinais entre os jogadores eram aceitáveis, mas em geral se usava de um pouco mais de sutileza.

Durena, Locke e Jean olharam para as cartas quase ao mesmo tempo; Corvaleur demorou um instante a mais do que eles, com os dedos ainda úmidos. Ela riu baixinho. Sorte genuína ou *strat péti*? Durena parecia tremendamente satisfeita, porém Locke não tinha dúvida de que ela mantinha aquela mesma expressão até enquanto dormia. O rosto de Jean não revelava nada e Locke, por sua vez, arriscou um sorriso débil, ainda que suas três primeiras cartas fossem puro lixo.

Do outro lado da sala, uma escada curva, com corrimão de latão e um funcionário enorme postado na base, levava ao quinto andar, expandindo-se brevemente numa espécie de galeria na metade do caminho. Um movimento rápido nessa passagem atraiu a atenção de Locke: meio escondida na sombra, havia uma figura pequena e bem-vestida. A luz quente e dourada dos lampiões se refletiu num par de ópticos e Locke sentiu um arrepio de empolgação.

Lamora tentou manter um dos olhos no vulto ao mesmo tempo que fingia se fixar nas cartas. O brilho daqueles ópticos não se mexeu nem se alterou; sem dúvida o homem observava a mesa deles.

Ele e Jean haviam afinal atraído a atenção – ou trombado nela e, pelos deuses, aproveitariam esse pouquinho de sorte – do homem cuja sala ficava

no oitavo andar: o Senhor da Agulha do Pecado, o governante clandestino de todos os ladrões de Tal Verrar, um homem que mantinha com punho de ferro tanto o mundo do roubo quanto o do luxo. Em Camorr seria chamado de Capa, mas ali não usava nenhum título além do nome.

Requin.

Locke pigarreou, voltou o olhar para a mesa e se preparou para perder outra rodada com elegância. Lá fora, na água escura, podia-se ouvir o eco suave dos sinos dos navios, soando a décima hora da tarde.

4

– Décima oitava mão – anunciou o crupiê. – A aposta inicial será de 10 solaris.

Locke precisou empurrar de lado os onze frasquinhos à sua frente, com a mão visivelmente trêmula, para deslizar seus marcadores. Madame Durena, firme como um navio em doca seca, fumava o quarto charuto da noite. Madame Corvaleur parecia oscilar na cadeira – estaria com as bochechas mais vermelhas do que o usual? Locke tentou não olhar com muita intensidade enquanto ela fazia a primeira aposta; talvez a oscilação se devesse apenas à iminente embriaguez dele próprio. Era quase meia-noite e o ar temperado de fumaça na sala cheia irritava os olhos e a garganta de Locke.

O crupiê, sem emoção e alerta como sempre – ele parecia ter mais mecanismos por dentro do que o carrossel – jogou três cartas sobre a mesa diante de Locke, que passou os dedos sob a lapela do casaco, depois olhou para as cartas e exclamou “Aaaa-rá!” com um tom de prazer interessado. Elas formavam uma espantosa constelação de bosta; sua pior mão até aquele momento. Locke piscou e franziu os olhos, imaginando se, de algum modo, o álcool estaria mascarando cartas decentes, mas, infelizmente, ao se concentrar de novo, elas continuavam sem valor.

Na rodada anterior, as damas tinham sido forçadas a beber, mas a não ser que Jean ocultasse um tremendo milagre, o outro frasquinho rolaria animado pela mesa em direção à mão frouxa de Locke.

Dezoito mãos, pensou Locke, equivalentes a uma perda de 980 solaris. Sua mente, bem lubrificada pelo álcool da Agulha do Pecado, divagava em

cálculos. O valor correspondia a um ano de roupas finas para um homem de alto nível. Um pequeno navio. Uma casa muito grande. A vida inteira de rendimentos de um artesão honesto, como um mestre de cantaria. Ele já pretendia ser um mestre de cantaria?

– Primeiras opções – anunciou o crupiê, trazendo-o de volta ao jogo.

– Carta – disse Jean. O crupiê empurrou uma para ele; Jean olhou-a, assentiu e empurrou outro marcador de madeira para o centro da mesa. – Aumento a aposta.

– Calma aí – reagiu madame Durena. Ela empurrou dois marcadores de madeira de sua pilha substancial. – Revelação ao parceiro.

Ela mostrou duas cartas de sua mão a madame Corvaleur, que não pôde conter um sorriso.

– Carta – falou Locke.

O crupiê passou-lhe uma e ele virou uma ponta apenas o suficiente para ver o que era: o dois de cálices, que nessa situação valia exatamente um cocô molhado de um cachorro doente. Obrigou-se a sorrir.

– Aumento a aposta – acrescentou, empurrando dois marcadores. – Estou me sentindo abençoado.

Todos os olhos se viraram cheios de expectativa para madame Corvaleur, que pegou uma cereja salpicada de chocolate em seu suprimento cada vez menor e jogou-a na boca, chupando às pressas os dedos.

– Oh-ho – fez ela, olhando suas cartas e batucando os dedos pegajosos suavemente na mesa. – Ah... ho... oh... Mara, essa é... a coisa mais estranha...

E tombou para a frente, pousando a cabeça em sua grande pilha de marcadores de madeira sobre a mesa. Suas cartas caíram, viradas para cima, e ela bateu nelas, sem coordenação, tentando cobri-las.

– Izmila – chamou madame Durena, com um tom de ansiedade na voz.

– Izmila! – Ela sacudiu a parceira pelos ombros pesados.

– 'Zmila – concordou madame Corvaleur numa voz sonolenta, borbulhante. Sua boca se abriu e ela babou restos de chocolate e cereja em seus marcadores de 5 solaris. – Mmmmmmmilllaaaaaa. Mooooitcho... es... estranha...

– A vez é de madame Corvaleur. – O crupiê não conseguia esconder a surpresa em sua voz. – Madame Corvaleur deve declarar uma preferência.

– Izmila! Concentre-se! – sussurrou madame Durena, com urgência.

– Tem... cartas... – murmurou Corvaleur. – Cuidado, Mara... teem...

taaantas... cartas. Na mesa. Blembou... na... fla... gaá.

E apagou.

– Desistência final – anunciou o crupiê após alguns segundos.

Com seu pequeno rodo, puxou todos os marcadores de madame Durena, contando depressa. Locke e Jean ficariam com tudo que estava na mesa. A ameaça de uma perda de mil solaris havia se revertido e Locke suspirou aliviado.

O crupiê avaliou madame Corvaleur, que usava os marcadores de madeira como travesseiro, e tossiu na mão.

– Senhores, a casa irá... é... fornecer novas fichas de valor equivalente no lugar das... que ainda estão em uso.

– Claro – concordou Jean, batendo suavemente na pequena montanha dos marcadores de Durena empilhados à sua frente.

Locke podia ouvir ruídos de perplexidade, consternação e surpresa entre as pessoas aglomeradas atrás de si. Uma pequena onda de aplausos acabou sendo instigada por alguns observadores mais generosos, mas morreu depressa. Todos estavam um pouco constrangidos, em vez de empolgados, ao ver uma pessoa notável como madame Corvaleur inebriada por meras seis doses.

– Huummpf – fez madame Durena, apagando o charuto no pote de ouro e se levantando.

Ajeitou desnecessariamente o casaco de veludo de brocado preto decorado com botões de platina e tecido de prata, valendo uma boa fração de tudo que ela havia apostado naquela noite.

– Mestre Kosta, mestre de Ferra... devemos admitir que perdemos.

– Mas sem dúvida não jogaram mal – completou Locke, conseguindo dar um charmoso sorriso sedutor com os restos pulverizados de seu raciocínio sóbrio. – As senhoras praticamente nos... bem, nos massacraram.

– E o mundo inteiro está oscilando ao meu redor – observou Jean, cujas mãos estavam firmes como as de um joalheiro, da mesma forma que haviam estado durante todo o jogo.

– Cavalheiros, apreciei sua estimulante companhia – comentou madame Durena, num tom que indicava não ser verdade. – Outro jogo mais tarde, esta semana, quem sabe? Com certeza os senhores devem nos conceder uma chance de dar a revanche, em nome da honra.

– Nada nos agradaria mais – garantiu Jean, e Locke assentiu com

entusiasmo, sentindo uma dor no crânio.

Madame Durenna estendeu a mão com frieza e consentiu que os dois beijassem o ar acima dela. Então, como se prestassem respeitos a uma cobra particularmente irritadiça, quatro funcionários de Requin apareceram para ajudar a levar madame Corvaleur, que roncava a plenos pulmões, a algum local mais decoroso.

– Pelo deuses, deve ser tedioso assistir às pessoas embebedarem umas às outras, noite após noite – comentou Jean e jogou um marcador de 5 solaris para o crupiê. Era o costume deixar uma pequena gorjeta para o funcionário.

– Não acho, senhor. Como o senhor gostaria de seu troco?

– Que troco? – Jean sorriu. – Fique com tudo.

Pela segunda vez naquela noite, o crupiê revelou emoções humanas; por mais que estivesse relativamente bem de vida, um pequeno marcador de madeira valia metade de seu ganho anual. Ele conteve um som ofegante quando Locke lhe lançou mais uma dúzia.

– A fortuna é uma dama que gosta de ser passada adiante – disse Locke.

– Compre uma casa, por exemplo. No momento estou com alguma dificuldade para contar.

– Doces deuses. *Muito* obrigado, cavalheiros! – O crupiê olhou rapidamente em volta e acrescentou baixinho: – Essas duas damas não perdem com frequência, os senhores sabem. Na verdade esta é a primeira vez que me lembro.

– A vitória tem seu preço – afirmou Locke. – Suspeito que minha cabeça vá pagar quando eu acordar amanhã.

Madame Corvaleur foi carregada cuidadosamente escada abaixo e madame Durenna a acompanhou para ficar de olho nos homens que levavam a parceira desmaiada. A multidão se dispersou; os observadores que permaneceram às mesas chamaram funcionários, pediram comida e novos baralhos.

Locke e Jean juntaram seus marcadores nas costumeiras caixas de madeira forradas de veludo – peças novas, sem baba, haviam sido fornecidas pelo funcionário para substituir as de madame Corvaleur – e se dirigiram para a escada.

– Parabéns, cavalheiros – congratulou o funcionário que vigiava a subida para o quinto andar. O tilintar de vidro contra vidro e o murmúrio de

conversas vinha de cima, meio abafado.

– Obrigado – agradeceu Locke. – Infelizmente, algo em madame Corvaleur se desconjuntou, e apenas uma ou duas mãos antes que o mesmo acontecesse comigo.

Ele e Jean desceram devagar a escada que se curvava acompanhando a parede exterior da Agulha do Pecado. Estavam vestidos no auge da atual moda de verão verrari. O cabelo de Locke fora alterado alquimicamente para um tom de louro ensolarado e ele usava um casaco caramelo com cintura justa e caudas espalhafatosas que iam até a altura dos joelhos; os punhos enormes, com três camadas, tinham acabamento em laranja e preto e eram decorados com botões de ouro. Ele não trajava colete, apenas uma túnica encharcada de suor, da seda mais fina, sob um lenço de pescoço preto e frouxo. Jean se vestia de modo semelhante e tinha a barriga apertada por uma larga faixa preta, da mesma cor dos pelos curtos e encaracolados da barba.

Desceram passando por andares cheios de pessoas notáveis: rainhas do comércio verrari de braços dados com seus decorativos companheiros jovens de ambos os sexos, que eram como cachorrinhos; homens e mulheres com títulos lashanis, olhando por cima de cartas e jarras de vinho para Dons e Doñas inferiores vindos de Camorr; capitães de navios vadrãs usando casacos pretos apertados, a pele curtida pelo sol em alto-mar parecendo máscaras sobre as feições afiladas. Locke reconheceu pelo menos dois membros do *Priori*, o conjunto de conselhos mercantis que teoricamente governava Tal Verrar; bolsos fundos pareciam ser a qualificação principal para fazer parte dele.

Dados rolavam e taças tilintavam; pessoas festejavam, riam, tossiam, xingavam e suspiravam. Correntes de fumaça moviam-se languidamente no ar abafado, carregando cheiros de perfume e vinho, suor e carne assada, e aqui e ali a sugestão resinosa de drogas alquímicas.

Locke já vira palácios e mansões dos melhores; a Agulha do Pecado, por mais opulenta que fosse, não era muito mais bonita do que os lares para onde muitas daquelas pessoas retornariam quando enfim não restasse mais noite para jogar. A verdadeira magia da Agulha do Pecado resultava de sua exclusividade caprichosa: se você negar algo a certo número de pessoas, cedo ou tarde essa coisa ganhará uma mística densa como neblina.

Quase escondida nos fundos do térreo, havia uma pesada cabine de

madeira onde trabalhavam vários funcionários de uma robustez incomum. Por sorte, não havia fila. Locke pôs sua caixa no balcão, embaixo da única janela da cabine, com um pouco de exagero.

– Tudo na minha conta.

– O prazer é meu, mestre Kosta – disse o atendente-chefe, pegando a caixa.

Leocanto Kosta, especulador mercante de Talisham, era bem conhecido nesse reino de vapores de vinho e apostas. O funcionário trocou rapidamente a pilha de marcadores por algumas anotações num livro-caixa. Ao vencer Durenna e Corvaleur, mesmo descontando a gorjeta para o crupiê, Locke ganhara quase 500 solaris.

– Vejo que ambos merecem os parabéns, mestre de Ferra – continuou o homem enquanto Locke recuava para deixar que Jean se aproximasse do balcão com sua caixa.

Jerome de Ferra, também de Talisham, era o jovial companheiro de Leocanto. Eram dois fictícios amigos inseparáveis.

De repente, Locke sentiu uma mão baixar sobre seu ombro. Virou-se com cautela e se viu diante de uma mulher de cabelos escuros encaracolados, vestida ricamente nas mesmas cores das vestes dos funcionários da Agulha do Pecado. Um dos lados de seu rosto era de uma beleza sublime; o outro era uma meia-máscara de um marrom coriáceo, enrugada como se tivesse sido queimada por completo. Quando sorriu, o lado danificado dos lábios não se mexeu. Para Locke, era como se uma mulher viva estivesse lutando para sair de uma escultura tosca de argila.

Selendri, a governanta de Requin.

A mão que ela pousou em Locke – a esquerda, no lado queimado – não era verdadeira: tratava-se de um sólido simulacro de bronze dourado e brilhava de forma opaca à luz do lampião.

– A casa lhes dá os parabéns – disse ela em sua voz fantasmagórica, ciciante –, tanto pelos bons modos como pela coragem considerável, e deseja que o senhor e mestre de Ferra saibam que ambos serão bem-vindos ao quinto andar, caso optem por exercer esse privilégio.

O sorriso de Locke era genuíno.

– Muito obrigado, em meu nome e do meu companheiro – agradeceu, com um relaxamento embriagado. – A consideração gentil da casa nos é, claro, bastante lisonjeira.

Ela assentiu evasivamente e se afastou pela multidão, tão depressa quanto havia chegado. Sobrancelhas se ergueram em apreciação aqui e ali – poucos convidados de Requin, pelo que Locke sabia, eram informados sobre seu status social crescente pela própria Selendri.

– Somos uma mercadoria desejada, meu caro Jerome – comentou, atravessando a multidão em direção à porta da frente.

– Por enquanto – retrucou Jean.

– Mestre de Ferra. – O porteiro-chefe sorriu. – E mestre Kosta. Posso chamar uma carruagem?

– Não precisa, obrigado – respondeu Locke. – Vou desmaiar se não aliviar a cabeça com um pouco de ar noturno. Vamos caminhar.

– Muito bem, então, senhor.

Com precisão militar, quatro funcionários mantiveram a porta aberta para a passagem de Locke e Jean. Os dois ladrões desceram com cuidado os largos degraus de pedra cobertos por um tapete de veludo vermelho. Esse tapete, como toda a cidade sabia, era substituído toda noite, portanto só em Tal Verrar era possível encontrar sempre exércitos de mendigos dormindo em pilhas de retalhos de veludo vermelho.

A vista era de tirar o fôlego. À direita, toda a vastidão da ilha em forma de crescente era visível para além das silhuetas de outras casas de tavolagem. Havia uma relativa escuridão ao norte, em contraste com a claridade dos Degraus de Ouro que parecia uma aura. Para além da cidade, ao sul, a oeste e ao norte, o Mar de Bronze rebrilhava em prata-fosforescente, iluminado pelas três luas num céu sem nuvens. Aqui e ali, as velas de navios distantes se destacavam do fundo cor de mercúrio, numa palidez fantasmagórica.

À esquerda, Locke podia olhar por cima dos telhados escalonados dos cinco níveis inferiores da ilha, uma visão capaz de provocar vertigem, apesar da solidez das pedras sob os pés. A toda volta, havia os murmúrios do prazer humano e o estardalhaço de carruagens puxadas por cavalos sobre o calçamento; pelo menos uma dúzia delas se movia ou esperava ao longo da avenida reta sobre o sexto Degrau. Acima de tudo, a Agulha do Pecado se erguia na escuridão opalescente, com seus lampiões alquímicos reluzindo, como uma vela destinada a atrair a atenção dos deuses.

– E agora, meu caro pessimista profissional... – disse Locke ao se afastarem da Agulha do Pecado e obterem relativa privacidade. – Meu mercador de preocupações, minha incansável fonte de dúvida e escárnio... o

que tem a dizer diante disso tudo?

– Ah, muito pouco, sem dúvida, mestre Kosta. É muito difícil pensar, pasmo como estou diante da genialidade sublime do seu plano.

– Isso tem uma leve semelhança com sarcasmo.

– Que os deuses não permitam. Você me magoa! Suas indescritíveis virtudes criminosas triunfaram de novo, algo inexorável como o ir e vir das ondas. Lanço-me aos seus pés e imploro absolvição. Seu gênio alimenta o coração do mundo.

– E agora você está...

– Se ao menos houvesse um leproso disponível, para que você pusesse as mãos sobre ele e o curasse...

– Ah, você só está cagando pela boca porque sente inveja.

– É possível. Na verdade estamos substancialmente enriquecidos, e não presos, nem mortos, mais famosos e bem-vindos ao andar de cima. Devo admitir que estava errado ao dizer que era uma trama idiota.

– Sério? Ahn. – Locke enfiou a mão embaixo da lapela do casaco à procura de algo enquanto falava. – Devo admitir que *era* uma trama idiota. Tremendamente irresponsável. Mais um gole e eu estaria acabado. Na verdade, estou bastante surpreso por termos conseguido.

Tirou um pequeno chumaço de lã mais ou menos da largura e do comprimento de seu polegar e o enfiou num dos bolsos exteriores, soltando pó. Depois, esfregou a mão vigorosamente nas mangas do casaco.

– “Quase perdemos” é só outro modo de falar “por fim vencemos” – disse Jean.

– Mesmo assim, a bebida quase acabou comigo. Na próxima vez que eu ficar tão otimista com minha própria capacidade, me corrija com uma machadada no crânio.

– Ficarei feliz em corrigir você com *duas* machadadas.

Madame Corvaleur é que havia possibilitado a trama. Ela cruzara o caminho de “Leocanto Kosta” pela primeira vez numa mesa de jogatina algumas semanas antes e Locke percebera seu hábito de comer com os dedos para irritar os oponentes.

O Carrossel da Sorte não poderia realmente ser trapaceado por qualquer meio tradicional. Nenhum funcionário de Requin fraudaria um baralho, nem uma vez em cem anos, nem mesmo em troca de um ducado. E nenhum jogador poderia alterar o carrossel, escolher um frasco em favor de outro ou

servir um frasco a qualquer outra pessoa. Com a vigilância irrestrita contra o fornecimento de uma substância estranha ao adversário, a única possibilidade que restava era o jogador fazer isso pessoalmente, de forma voluntária, ingerindo algo sutil e não ortodoxo. Algo inserido com um artifício que estivesse além do âmbito até mesmo de uma paranoia saudável.

Como um pó narcótico salpicado nas cartas em quantidades minúsculas por Locke e Jean, depois passado aos poucos ao redor da mesa, para uma mulher que lambia os dedos continuamente enquanto jogava.

A *bela paranella* era um pó alquímico incolor, sem sabor, também conhecido como “amiga da noite”. Era popular entre os ricos nervosos, que a tomavam para cair num sono profundo e reparador. Quando misturada ao álcool, era rapidamente eficaz em quantidades microscópicas; as duas substâncias eram tão complementares quanto fogo e pergaminho seco. Seria amplamente usada para fins criminosos se não fosse vendida por vinte vezes o valor de seu peso em ferro branco.

– Pelos deuses, aquela mulher tinha a constituição de uma galera de guerra – praguejou Locke. – Deve ter começado a ingerir um pouco do pó na terceira ou quarta mão... uma quantidade menor talvez matasse um par de javalis no cio.

– Pelo menos conseguimos o que queríamos – observou Jean, tirando seu reservatório de pó do casaco. Olhou-o por um momento, deu de ombros e enfiou-o num bolso.

– Nós conseguimos mesmo... e eu o vi! – exclamou Locke. – Requin. Estava na escada, vigiando-nos na maioria das rodadas. Devemos ter provocado um interesse pessoal. – As empolgantes consequências disso ajudaram a dissipar um pouco da névoa dos seus pensamentos. – Por que outro motivo a própria Selendri viria dar um tapinha nas nossas costas?

– Bom, presumo que você esteja certo. E agora? Quer pressionar, como falou, ou ir devagar? Quem sabe jogar um pouco no quarto e no quinto andar durante mais algumas semanas?

– Mais algumas semanas? Para o inferno. Já estamos batendo pernas nesta maldita cidade há dois anos. Se finalmente rompemos a couraça do Requin, acho que temos de ir em frente.

– Você vai sugerir que as coisas se passem amanhã à noite, certo?

– A curiosidade dele foi atiçada. Vamos atacar enquanto a lâmina está quente da forja.

– Acho que toda aquela bebida deixou você impulsivo.
– A bebida faz com que eu enxergue de um modo engraçado; os *deuses* me deixam impulsivo.

– Vocês aí – chamou alguém na rua à frente deles. – Parem!

Locke se retesou.

– Perdão?

Um verrari jovem, com cabelos pretos e compridos, parecendo nervoso, estendia as mãos, com as palmas viradas para Locke e Jean. Um pequeno grupo de pessoas bem-vestidas havia se reunido ao lado dele, nos limites de um gramado bem aparado que Locke reconheceu como a área dos duelos.

– Parem, senhores, por favor – pediu o rapaz. – Infelizmente, está acontecendo uma disputa, uma flecha pode passar voando. Poderia implorar que esperem um momento?

– Ah. Ah.

No mesmo instante, Locke e Jean relaxaram. Se alguém estava duelando com balestras, era uma cortesia comum, além de bom senso, esperar ao lado da área do duelo até que os disparos fossem feitos. Desse modo, nenhum participante se distrairia com um movimento ao fundo nem cravaria uma flecha por acidente em um transeunte.

A área dos duelos tinha cerca de 40 metros de comprimento e 20 de largura, iluminada por um suave lampião branco pendurado num suporte de ferro preto em cada um dos quatro cantos. Dois duelistas estavam no centro com seus padrinhos, lançando quatro sombras de um cinza claro num padrão entrecruzado. Locke não desejava assistir àquilo, mas lembrou que deveria interpretar Leocanto Kosta, um homem indiferente a estranhos abrindo buracos uns nos outros. Ele e Jean se espremeram para dentro da turba de espectadores do modo mais discreto possível; uma plateia semelhante havia se formado no outro lado da área gramada.

Um dos duelistas era um rapaz muito jovem, vestindo roupas de cavalheiro, finas e frouxas, de corte elegante; usava ópticos e o cabelo descia até os ombros em cachos bem cuidados.

O oponente, de casaco vermelho, era muito mais velho, um pouco encurvado e desgastado. Mas parecia suficientemente ativo e decidido para representar uma ameaça. Cada um deles segurava uma balestra leve, o que os ladrões camorris chamavam de “arma de beco”.

– Cavalheiros – disse o padrinho do duelista mais novo. – Por favor, não

podemos chegar a um acordo?

– Se o cavalheiro lashani retirar sua imprecisão – acrescentou o jovem duelista com a voz aguda e nervosa –, eu ficaria eminentemente satisfeito, com o mínimo reconhecimento...

– Não, *não podemos* – retrucou o homem parado junto ao duelista mais velho. – O lorde não tem o hábito de se desculpar por meras declarações de um fato óbvio.

– ... com o *mínimo reconhecimento* – continuou o outro duelista, desesperado – de que o incidente foi um equívoco infeliz e que não é preciso...

– Se o lorde condescender em falar com você outra vez – replicou o padrinho do duelista mais velho –, sem dúvida observará também que você geme feito uma *cadela* e indagaria se você é igualmente capaz de morder como uma.

O jovem duelista ficou parado, sem fala, por alguns segundos, depois fez um gesto grosseiro com a mão livre na direção do homem mais velho.

– Sou obrigado – disse seu padrinho –, sou... é... obrigado... a permitir que não haja acordo. Que os cavalheiros fiquem imóveis... costas contra costas.

Os dois oponentes se aproximaram – o mais velho marchava com vigor e o jovem continuava pisando com hesitação – e deram-se as costas.

– Os senhores darão dez passos – informou o padrinho do jovem, com resignação amarga. – Em seguida, esperem e, ao meu sinal, podem se virar e disparar.

Contou lentamente os passos e os adversários se afastaram um do outro. O jovem tremia demais. Locke sentiu uma tensão pouco costumeira crescendo no estômago. Quando havia se tornado um sujeito de coração tão mole? Só porque preferia não assistir, não significava que deveria ter medo de fazer isso... mas o estômago não ligava para sua cabeça.

– ... nove... dez. Parados – ordenou o padrinho do jovem duelista. – Parados... *Virem-se e disparem!*

O jovem se virou primeiro, o rosto parecendo uma máscara de terror; estendeu a mão direita e disparou. Um *tóin* agudo soou no gramado. O oponente nem se mexeu enquanto a flecha passava sibilando pelo ar junto à sua cabeça, errando no mínimo por um palmo.

O velho de casaco vermelho completou o giro mais devagar, os olhos

brilhantes e a boca numa carranca. O jovem o encarou por um tempo, como se tentasse forçar a flecha a voar de volta como um pássaro treinado. Estremeceu, baixou a balestra e jogou-a na grama. Com as mãos nos quadris, ficou esperando, respirando em haustos profundos e ruidosos.

O outro homem olhou-o por um breve momento, depois bufou.

– Foda-se – disse, e levantou a balestra com as duas mãos.

O disparo foi perfeito; houve um estalo úmido e o jovem duelista tombou com uma flecha emplumada no centro do peito. Caiu de costas, agarrando o casaco e a túnica, cuspidando sangue escuro. Meia dúzia de espectadores correram para ele enquanto uma jovem com vestido de noite prateado caía de joelhos e gritava.

– Estaremos de volta bem a tempo para o jantar – falou o duelista mais velho para ninguém em especial.

Em seguida, jogou sua arma descuidadamente para trás e foi andando para uma das casas de tabolagem mais próximas, com o padrinho ao lado.

– Porra, doce Perelandro – praguejou Locke, esquecendo por um momento que era Leocanto Kosta e pensando em voz alta. – Que modo de resolver as coisas!

– O senhor não aprova? – Uma adorável jovem num vestido de seda preta encarou Locke com olhos perturbadoramente penetrantes; não devia ter mais de 19 anos.

– Sei que algumas diferenças de opinião precisam ser resolvidas com aço – interveio Jean, parecendo reconhecer que Locke estava bêbado além da conta. – Ficar parado diante de uma flecha parece idiotice. Os floretes me parecem um teste de habilidade mais honesto.

– Eles são tediosos: todos aqueles avanços e recuos, e é raro um golpe mortal se dar de imediato – rebateu a jovem. – As flechas são rápidas, limpas e misericordiosas. Você pode acertar uma pessoa com um florete a noite inteira e não matá-la.

– Sou obrigado a concordar com você – voltou a falar Locke.

A mulher arqueou uma sobrancelha, mas permaneceu em silêncio; um instante depois, fora embora, desaparecendo na multidão.

O murmúrio contente da noite – risos e conversas dos grupinhos que matavam o tempo sob as estrelas – havia morrido brevemente após o início do duelo, mas nesse momento voltou a surgir. A mulher de vestido prateado batia os punhos na grama, soluçando, e as pessoas ao redor do duelista caído

começavam a se dispersar. O trabalho da flecha fora realizado, sem dúvida.

– Rápidas, limpas e misericordiosas – repetiu Locke baixinho. – Idiotas.

Jean suspirou.

– Nenhum de nós dois tem o direito de fazer essa observação, já que a expressão “malditos idiotas” provavelmente estará gravada nas nossas lápides.

– Tive motivos para fazer o que fiz, e você também.

– Tenho certeza de que aqueles duelistas achavam o mesmo.

– Vamos dar o fora daqui. Vamos andar até tirar os vapores da minha cabeça e voltar à estalagem. Pelos deuses, estou me sentindo velho e azedo. Vejo coisas assim e me pergunto se eu era tão idiota quando tinha a idade daquele garoto.

– Era pior – afirmou Jean. – Até bem recentemente. Na certa ainda é.

5

A melancolia de Locke se evaporou lentamente, junto com um pouco mais da bruma alcoólica, enquanto desciam e atravessavam os Degraus de Ouro, indo na direção nor-nordeste até a Grande Galeria. Os Ancestres (seriam homens? Também mulheres? Ou *coisas*?) responsáveis por Tal Verrar haviam coberto o distrito inteiro com um teto de Vidrantigo aberto na lateral, que descia inclinado desde o topo sobre o sexto nível e mergulhava no mar na base oeste da ilha, fazendo com que houvesse pelo menos 10 metros de pé-direito em qualquer ponto intermediário da cobertura. Estranhas colunas de vidro retorcido surgiam a intervalos irregulares, parecendo trepadeiras sem folhas esculpidas em gelo. Aquele teto tinha facilmente um comprimento de mil metros.

Para além da Grande Galeria, na parte inferior da ilha, ficava o Quarteirão Descartável: níveis ao ar livre em que os miseráveis tinham permissão de montar barracos e qualquer tipo de abrigo que pudessem construir com refugio. O problema era que qualquer vento mais forte soprado do norte, em especial durante o inverno chuvoso, bagunçava o lugar por completo.

De modo perverso, o bairro acima e imediatamente a sudeste do Quarteirão Descartável, o Savrola, era um caro enclave para expatriados,

cheio de estrangeiros com dinheiro de sobra. Todas as melhores estalagens ficavam ali, inclusive o estabelecimento onde Locke e Jean estavam, que lhes servia para firmar suas identidades falsas. O Savrola era isolado do Quarteirão Descartável por altos muros de pedra, fortemente patrulado por policiais e mercenários particulares.

Durante o dia, a Grande Galeria era o mercado de Tal Verrar. Mil mercadores montavam suas barracas nela toda manhã e havia espaço para mais cinco mil, caso a cidade crescesse mais. Visitantes com aposentos no Savrola que não andavam de barco eram obrigados, por uma coincidência maliciosa, a cruzar todo o mercado para ir aos Degraus de Ouro ou voltar de lá.

Um vento leste soprava do continente, através das ilhas de vidro, penetrando na Galeria. Os passos de Locke e Jean ecoavam na escuridão do vasto espaço aberto; lâmpioes suaves em algumas colunas de vidro criavam irregulares ilhas de luz. Pedacos de lixo estavam dispersos aos seus pés, além de fiapos de fumaça de madeira vindos de fogueiras fora de vista. Alguns mercadores mantinham familiares dormindo a noite toda em locais particularmente desejáveis... e, claro, sempre havia desgarrados do Quarteirão Descartável buscando privacidade nas sombras da Galeria vazia. Toda noite, patrulhas percorriam várias vezes os níveis da Galeria, mas no momento não se via nenhuma.

– Que deserto estranho esse lugar se torna depois que escurece! – exclamou Jean. – Não sei se isso me desgosta ou encanta.

– Você provavelmente estaria menos inclinado a se encantar se não tivesse um par de machadinhas enfiadas nas costas do casaco.

– Hummm.

Continuaram andando por alguns minutos. Locke esfregou a barriga e murmurou consigo mesmo.

– Jean... por acaso você está com fome?

– Em geral estou. Precisa de mais lastro para aquele álcool?

– Pode ser uma boa ideia. Carrossel maldito. Se eu perdesse outra mão, poderia ter pedido aquele dragão fumante desgraçado em casamento. Ou simplesmente caído da cadeira.

– Bom, vamos atacar o Mercado Noturno.

No nível mais alto da Grande Galeria, perto da extremidade nordeste do distrito coberto, Locke podia ver a luz tremeluzente de fogueiras em barris e

lampiões e os vultos de várias pessoas. O comércio nunca parava totalmente em Tal Verrar: como milhares de pessoas iam e vinham dos Degraus de Ouro, havia moedas suficientes circulando para que algumas dúzias de barraqueiros trabalhassem logo depois do crepúsculo, todas as noites. O Mercado Noturno podia ser muito conveniente e era mais excêntrico do que o diurno.

Enquanto caminhavam na direção do mercado com a brisa da noite soprando em sentido contrário, Locke e Jean tinham uma bela visão do porto interior com sua escura floresta de mastros. Para além, as outras ilhas da cidade dormiam, salpicadas aqui e ali com pontos de luz, diferentemente do brilho profuso dos Degraus de Ouro. No coração da cidade, as três ilhas em forma de crescente que pertenciam às Grandes Guildas (Alquimistas, Artífices e Mercadores) enroscavam-se como animais sonolentos ao redor da base da alta e rochosa ilha da *Castellana*. E no topo dela, como uma colina de pedras plantada num campo de mansões, ficava a silhueta escura do Mon Magisteria, a fortaleza do Arconte.

Tal Verrar era supostamente governada pelo *Priori*, mas na realidade um grau significativo do poder ficava com o homem que residia naquele palácio, o senhor das armas da cidade. O cargo do Arconte fora criado depois da trágica Guerra dos Mil Dias contra Camorr, para tirar o comando do exército e da marinha das mãos dos birrentos conselhos mercantis. Mas o problema ao se criar ditadores militares, refletia Locke, era livrar-se deles assim que a crise passasse. O primeiro Arconte havia “rejeitado” a aposentadoria e seu sucessor era, no mínimo, mais interessado ainda em interferir nas questões civis. Fora dos vigiados bastiões de frivolidade como os Degraus de Ouro e dos enclaves de expatriados como o Savrola, as discordâncias entre o Arconte e o *Priori* mantinham a cidade tensa.

– Cavalheiros! – chamou uma voz à esquerda deles, interrompendo os pensamentos de Locke. – Honrados senhores. Um passeio pela Grande Galeria não pode ser completo sem uma pequena refeição.

Locke e Jean tinham chegado aos limites do Mercado Noturno; não havia outros fregueses à vista e os rostos de pelo menos uma dúzia de comerciantes os encaravam ansiosos de dentro de seus pequenos círculos de fogueiras ou lampiões.

O primeiro verrari a investir com sua arenga contra o bom juízo dos dois era um homem maneta, bem velho, com cabelo branco e comprido trançado

até a cintura. Ele balançou uma concha de madeira na direção deles, indicando quatro barriletes em cima de um balcão portátil que não era diferente de um carrinho de mão com a superfície plana.

– O que você vende? – perguntou Locke.

– Iguarias da mesa do próprio Iono, o sabor mais doce que o oceano tem a oferecer. Olhos de tubarão em salmoura, todos recém-arrancados. Casca crocante, humores macios, sumos doces.

– Olhos de tubarão? Pelos deuses, não. – Locke fez uma careta. – Tem alguma carne mais comum? Fígado, guelras? Uma torta de guelras seria bem-vinda.

– Guelras? Senhor, as guelras não têm nenhuma das virtudes dos olhos; são eles que dão tonicidade aos músculos, impedem o cólera e firmam os mecanismos do homem para certos... ahn... deveres conjugais.

– Não tenho necessidade de nenhum firmador de mecanismos nesse sentido. E acho que meu estômago está inquieto demais para os esplendorosos olhos de tubarão.

– Que pena, senhor. Eu gostaria de ter algum pedaço de guelra para ofertar, mas há apenas olhos, e pouco mais. Porém, tenho de vários tipos: tubarão-foice, tubarão-lobo, viúvo-azul...

– Por hoje vamos deixar passar, amigo – replicou Jean, avançando ao lado de Locke.

– Frutas, dignos senhores?

Na barraca seguinte, estava uma jovem esguia, abrigada confortavelmente num casaco creme comprido bem maior do que o seu tamanho. Ela também usava um chapéu de quatro bicos com um pequeno globo alquímico pendurado numa corrente, balançando logo acima do ombro esquerdo, e tomava conta de vários cestos trançados.

– Frutas alquímicas, híbridos frescos. Já viram a Laranja Sofia de Camorr? Ela produz seu próprio álcool, muito doce e poderosa.

– Nós nos... conhecemos – respondeu Locke. – E mais álcool não é o que tenho em mente. Pode recomendar alguma coisa para um estômago inquieto?

– Peras, senhor. O mundo não teria estômagos inquietos se todos tivéssemos a sensatez de comer muitas peras por dia.

Ela pegou um cesto com frutas até a metade e segurou-o à frente dele. Locke analisou as peras, que pareciam firmes e frescas, e escolheu três.

– São 5 centiras – informou a vendedora.

– Um volani inteiro? – Locke fingiu ultraje. – Nem se a puta favorita do Arconte as tivesse colocado entre as pernas e rebolado para mim. Um centira já é demais pelo lote.

– Com 1 centira o senhor não compraria nem os cabinhos. Pelo menos não vou perder dinheiro se cobrar 4.

– Seria um ato de suprema piedade eu lhe dar 2. Felizmente, para você, estou transbordando de generosidade; o botim é seu.

– Dois seria um insulto aos homens e mulheres que plantaram essas frutas nas estufas dos jardins do Crescente das Mãos Negras. Mas sem dúvida podemos concordar em 3, não?

– Ok, 3 – assentiu Locke com um sorriso. – Nunca antes fui roubado em Tal Verrar, mas estou com fome suficiente para lhe permitir essa honra.

Ele entregou duas peras a Jean sem olhar enquanto remexia num bolso para pegar as moedas. Jogou três para a vendedora e ela fez um gesto afirmativo de cabeça.

– Boa noite, mestre Lamora.

Locke se imobilizou e fixou o olhar nela.

– Perdão?

– Eu só lhe desejei boa noite, digno senhor.

– Você não...

– Não o quê?

– Ah, nada. – Locke suspirou, nervoso. – É só que eu bebi um pouco demais. Boa noite para você também.

Saiu andando com Jean e deu uma mordida hesitante em sua pera. A fruta estava em boas condições, nem firme e seca demais, nem madura e pegajosa demais.

– Jean – falou entre duas mordidas –, você ouviu o que ela disse?

– Acho que não ouvi nada a não ser o grito da morte desta pera infeliz. Ouça com atenção: “Nããã, não me coma, por favor, nããã...”

Jean já havia reduzido sua primeira pera ao miolo, que foi enfiado na boca, mastigado ruidosamente e engolido inteiro. Sobrou só o cabinho, que ele jogou longe.

– Pelos treze deuses, você *precisa* fazer isso?

– Eu gosto do miolo – alegou Jean, carrancudo. – Todos os pedacinhos crocantes.

– As *cabras* comem os malditos pedaços crocantes.
– Você não é minha mãe.
– Bom, isso é verdade. Sua mãe devia ser feia. Ah, não me olhe desse jeito. Ande, coma o seu outro miolo; ele tem uma pera bela e succulenta em volta.

– O que a mulher disse?
– Ela disse... ah, pelos deuses, nada. Estou tonto, só isso.
– Lanternas alquímicas, senhor? – Um homem barbudo estendeu o braço, de onde pelo menos meia dúzia dos artefatos, em armações ornamentais douradas, pendiam. – Dois cavalheiros bem-vestidos não deveriam ficar sem luz. Apenas os vagabundos andam por aí na escuridão sem poder enxergar! Os senhores não encontrarão lanternas melhores em toda a Galeria, nem de dia nem de noite.

Jean dispensou o homem com um gesto, ainda comendo a pera. Locke jogou seu miolo descuidadamente por cima do ombro enquanto Jean enfiava o dele na boca, esforçando-se para garantir que Locke visse.

– Hummmmm – murmurou com a boca cheia. – Parece ambrosia. Mas você jamais saberá, você e todos os seus colegas covardes em termos culinários.

– Cavalheiros. Escorpiões?

Isso fez Locke e Jean pararem. Quem falava era um homem careca de capa com a pele cor de café de alguém que nascera nas ilhas de Okanti; ele estava a vários milhares de quilômetros de casa. Seus dentes brancos e bem cuidados se destacavam enquanto ele sorria e fazia uma leve reverência por cima de uma dúzia de pequenas gaiolas de madeira; formas escuras podiam ser vistas movendo-se em várias delas.

– Escorpiões? De verdade? Vivos? – Locke se curvou para olhar melhor dentro das gaiolas, mas manteve distância. – Para que raios eles servem?

– Bom, os senhores devem ser visitantes recentes. – O sujeito falava terim com um leve sotaque. – Muitas pessoas no Mar de Bronze são bem familiarizadas com o escorpião-cinzento-das-rochas. Será que os senhores são de Kartane? De Camorr?

– Talisham – respondeu Jean. – Estes são escorpiões-cinzentos-das-rochas, daqui?

– Do continente – esclareceu o mercador. – E seu uso é principalmente... bom... recreativo.

– Recreativo? São bichos de estimação?

– Ah, na verdade, não. A picada, veja bem, a picada desse escorpião é uma coisa complexa. Primeiro vem a dor, aguda e quente, como seria de esperar. Mas depois de alguns minutos há um entorpecimento agradável, uma espécie de febre onírica. Não é muito diferente do efeito de alguns pós jeremitas. Após algumas picadas, o corpo fica mais acostumado. A dor diminui e os sonhos se aprofundam.

– Espantoso!

– É uma coisa comum. Um bom número de verraris mantém um sempre à mão, mesmo que não falem disso em público. O efeito é tão agradável quanto o do álcool, só que muito menos custoso.

– Hummm. – Locke coçou o queixo. – Mas eu nunca precisei me furar para sentir os efeitos do vinho. Isso não é somente uma tramoia, uma diversão para visitantes desavisados?

O sorriso do vendedor se alargou. Ele estendeu o braço direito e puxou a manga da capa; a pele escura de seu antebraço magro era salpicada de pequenas cicatrizes circulares.

– Eu jamais ofereceria um produto pelo qual não estivesse disposto a me responsabilizar.

– Admirável – comentou Locke. – E fascinante, mas... talvez haja alguns costumes de Tal Verrar que seria melhor permanecer inexplorados.

– Seja fiel aos seus próprios gostos. – Ainda sorrindo, o homem baixou a manga e cruzou as mãos diante do corpo. – Afinal de contas, uma cruz de falcão com escorpião nunca foi do seu agrado, mestre Lamora.

Locke sentiu uma pressão súbita e fria no peito. Lançou um olhar rápido para Jean e percebeu o outro igualmente tenso. Lutando para manter a calma exterior, Locke pigarreou.

– Perdão?

– Desculpe. – O comerciante piscou para ele com ar inocente. – Apenas lhes desejei boa noite, cavalheiros.

– Certo.

Locke o encarou por mais um tempo, depois deu um passo atrás, girou nos calcanhares e começou a andar de novo pelo Mercado Noturno, acompanhado por Jean.

– Você ouviu aquilo – sussurrou Locke.

– Muito claramente. Para quem será que o amigável vendedor de

escorpiões trabalha?

– Não só ele – murmurou Locke. – A vendedora de frutas me chamou de “Lamora” também. Você não escutou, mas eu, sim, perfeitamente.

– Merda. Quer voltar e pegar um deles?

– Está indo a algum lugar, mestre Lamora?

Ao girar, Locke quase trombou com uma vendedora de meia-idade e conseguiu impedir que o punhal de 15 centímetros escondido na manga direita caísse num reflexo na sua mão. Jean enfiou um dos braços sob as costas do casaco.

– Parece que está enganada, senhora. Meu nome é Leocanto Kosta.

A mulher não se moveu mais na direção deles; meramente deu um risinho.

– Lamora... Locke Lamora.

– Jean Tannen – disse o vendedor de escorpiões, que havia saído de trás de sua mesinha coberta de gaiolas.

Outros comerciantes moviam-se devagar atrás deles, fitando Locke e Jean.

– Parece que está havendo um *equivoco* – retrucou Jean.

Ele deslizou a mão de baixo do casaco; pela longa experiência, Locke sabia que o amigo já empunhava uma das suas machadinhas escondida.

– Não há *equivoco* – replicou o vendedor de escorpiões.

– Espinho de Camorr... – falou uma menininha que ficou no meio do caminho para o Savrola.

– Espinho de Camorr... – repetiu a mulher de meia-idade.

– Nobres Vigaristas – disse o homem careca. – Longe de casa.

Locke olhou ao redor, o coração martelando no peito. Decidindo que a hora da discrição havia passado, deixou o punhal cair nos dedos que coçavam. Todos os comerciantes do Mercado Noturno pareciam ter se interessado por eles e apertavam o cerco sobre os dois, lançando sombras longas, escuras, nas pedras aos pés de Locke e Jean. Algumas das luzes estavam ficando mais fracas ou era só imaginação de Locke? O ambiente parecia mais escuro – maldição, algumas lanternas estavam de fato se apagando.

– Isso já foi *longe demais*.

Jean deixou sua machadinha cair visivelmente na mão direita e se postou de costas para Locke, junto a ele.

– Não cheguem mais perto! – gritou Locke. – Parem com essa merda bizarra ou vai haver sangue!

– Já houve sangue... – retrucou a menininha.

– Locke Lamora... – murmurava um coro suave ao redor.

– Já houve sangue, Locke Lamora – repetiu a mulher de meia-idade.

As últimas lanternas alquímicas na periferia do Mercado Noturno se apagaram; as últimas fogueiras se extinguíram e agora Locke e Jean encaravam o círculo de vendedores apenas à luz fraca vinda do porto interior e do tremeluzir fantasmagórico de lampiões distantes sob a vasta galeria deserta, longe demais para dar algum conforto.

A menininha deu um último passo na direção deles, os olhos cinzentos e sem piscar.

– Mestre Lamora, mestre Tannen – disse de forma clara e suave. – O Falcoeiro de Kartane manda lembranças.

6

Locke encarou a menina. Ela deslizou adiante como uma aparição, até que apenas dois passos os separavam. Locke sentiu-se um idiota por estar segurando um punhal diante de uma garota que ainda não teria um metro de altura. Mas então ela deu um sorriso frio e malicioso em meio à penumbra e Locke segurou com mais força a arma. A menina tocou o próprio queixo.

– Ainda que ele não possa falar – disse ela.

– Ainda que ele não possa falar por si mesmo... – entoou em coro o círculo de vendedores, agora imóveis no escuro.

– Ainda que ele esteja louco – completou a garota, abrindo lentamente as mãos na direção de Locke e Jean, com as palmas para fora.

– Louco de dor, louco para além de qualquer medida... – sussurrou o círculo.

– Seus amigos permanecem. Seus amigos se lembram.

Locke sentiu Jean se mexer junto às suas costas e, então, as duas machadinhas surgiram, lâminas de aço enegrecido nuas na noite.

– Essas pessoas são marionetes. Existem Magos-Servidores em algum lugar por aí – sussurrou ele.

– Mostrem-se, seus covardes da porra! – berrou Locke, fitando a menina.

– Nós mostramos o nosso poder – rebateu ela.

– De que mais vocês precisam... – murmurou o coro, os olhos vazios.

– O que mais você precisa ver, mestre Lamora?

A garota fez uma sinistra paródia de reverência.

– Independentemente do que vocês quiserem – respondeu Locke –, deixem essas pessoas fora disso. Só falem conosco, porra. Não queremos machucar essas pessoas.

– *Claro*, mestre Lamora...

– Claro... – sussurrou o círculo.

– Claro, esse é o *objetivo* – concordou a menina. – Por isso, vocês devem escutar o que temos a dizer.

– Digam o que querem, então.

– Vocês devem pagar.

– Pagar pelo que foi feito ao Falcoeiro – entoou o coro.

– Vocês devem pagar. Os dois.

– Ah, vão se foder! – reagiu Locke aos berros. – Nós já pagamos: uma língua e dez dedos perdidos em troca de três amigos mortos. Vocês o receberam de volta vivo e era mais do que ele merecia!

– Não cabe a você julgar – sibilou a menina.

– ... julgar os Magos de Kartane... – murmurou o círculo.

– Não cabe a você julgar ou presumir que entende nossas leis.

– Todo mundo sabe que matar um Mago-Servidor significa a morte – interveio Jean. – Isso e mais um pouco. Nós o deixamos vivo e nos esforçamos para devolvê-lo a vocês. Nosso negócio está encerrado. Se vocês quisessem um tratamento mais complexo do que esse, deveriam ter mandado a porra de uma carta.

– Isso não é um negócio – rebateu a garota.

– É pessoal – entoou o círculo.

– *Pessoal* – repetiu a menina. – Um irmão foi sangrado. Não podemos deixar que isso fique sem resposta.

– Seus filhos da puta – xingou Locke. – Acham mesmo que são as porras de uns deuses, não é? Eu não acertei o Falcoeiro pelas costas num beco e roubei a carteira dele. *Ele ajudou a assassinar meus amigos!* Não lamento que ele esteja louco e *não* lamento pelo resto de vocês! Matem-nos e terminem com seus negócios ou deem o fora e libertem essas pessoas.

– Não – negou o vendedor de escorpiões. Um coro sussurrado de “não” ecoou no círculo ao redor.

– Covardes. Vermes! – gritou Jean, apontando uma das machadinhas para a menina. – Vocês não podem nos amedrontar com esse teatro de araque!

– Se vocês nos obrigarem – completou Locke –, vamos lutar até Kartane com as armas que estão nas nossas mãos. Vocês vão sangrar como nós. Parece que tudo que vocês podem fazer é nos matar.

– Não – disse a menina, rindo.

– Podemos fazer coisas piores – completou a vendedora de frutas.

– Podemos deixar vocês viverem – emendou o comerciante de escorpiões.

– Viverem inseguros – retomou a garota.

– Inseguros... – entoaram os vendedores, começando a recuar.

– Vigíados – acrescentou a menina.

– Seguidos – prosseguiu o círculo.

– Agora aguardem – falou a garota. – Façam seus joguinhos e persigam suas pequenas fortunas...

– E aguardem – sussurrou o coro. – Aguardem nossa resposta. Aguardem nossa hora.

– Vocês estão sempre ao nosso alcance – ameaçou a menina – e sempre às nossas vistas.

– Sempre – murmurou o círculo, dispersando-se lentamente de volta às posições de apenas alguns minutos atrás.

– Vocês encontrarão o infortúnio – finalizou a garota, afastando-se. – Isso tudo é pelo Falcoeiro de Kartane.

Locke e Jean permaneceram em silêncio enquanto as lanternas e as fogueiras se acendiam de novo para encher a área com luz quente. Então tudo terminou: os vendedores retomaram as atitudes anteriores de interesse aguçado ou tédio vigilante. Os Nobres Vigaristas esconderam às pressas as armas antes que alguém as notasse.

– Pelos deuses – praguejou Jean, tremendo visivelmente.

– De repente estou sentindo que não bebi o bastante daquela porcaria de carrossel – observou Locke em voz baixa.

Havia uma névoa nos limites de seu campo de visão; ele levou as mãos ao rosto e ficou surpreso ao se descobrir chorando.

– Desgraçados – murmurou. – Crianças. Malditos covardes querendo se exhibir.

– É – concordou Jean.

Os dois voltaram a andar, olhando com cautela ao redor. A menininha que mais havia falado pelos Magos-Servidores estava sentada junto a um homem idoso, arrumando pequenos cestos de figos secos sob a supervisão dele, e lhes abriu um sorriso tímido.

– Odeio esses malditos – sussurrou Locke. – Odeio *isso*. Você acha que eles planejaram mesmo algo para nós ou foi só um blefe?

– Acho que pode ser as duas coisas – suspirou Jean. – Pelos deuses. *Strat péti*. Vamos recuar ou continuar apostando? No pior das hipóteses, temos alguns milhares de solaris na conta na Agulha. Podemos tirar o dinheiro, pegar um navio e ir embora antes do meio-dia de amanhã.

– Para onde?

– Qualquer lugar.

– Não há como fugir desses escrotos, se eles estiverem falando sério.

– É, mas...

– Foda-se Kartane. – Locke fechou os punhos. – Sabe, acho que entendo. Acho que agora entendo os sentimentos do Rei Cinza. Eu nunca estive lá, mas se pudesse *esmagar* Kartane, queimar a porra do lugar, fazer com que fosse engolida pelo oceano... faria isso. Que os deuses me ajudem, eu faria.

De repente Jean estacou.

– Há... outro problema, Locke. Que os deuses me perdoem.

– O quê?

– Mesmo se você ficar... eu não deveria. Sou eu que deveria ir embora, para o mais longe possível.

– Que *porra* de maluquice é essa?

– Eles sabem o meu nome!

Jean agarrou Locke pelos ombros e o amigo se encolheu; aquele aperto de aço não caía bem no antigo ferimento embaixo de sua clavícula esquerda. Jean percebeu imediatamente o erro e afrouxou os dedos, mas sua voz continuou ansiosa:

– Meu nome *verdadeiro*, e eles podem usá-lo. Podem me transformar numa marionete, como esses coitados. Sou uma ameaça a você a cada momento em que estou perto.

– Não ligo a mínima para isso! Está doido?

– Não, mas você ainda está bêbado, sem raciocinar direito.
– Claro que estou raciocinando! Você *quer* ir embora?
– Não! Pelos deuses, não, claro que não! Mas eu vou...
– Calar a boca neste segundo, se sabe o que é bom para você.
– Você precisa entender que está correndo perigo!
– Claro que estou correndo perigo. Eu sou *mortal*. Jean, os deuses amam você, *não* vou mandar você embora, porra, e não vou deixar que você vá embora! Nós perdemos Calo, Galdo e Pulga. Se eu o expulsar, vou perder o último amigo que tenho no mundo. Quem ganha, então, Jean? Quem estará protegido, *então*?

Os ombros de Jean desabaram e, de repente, Locke sentiu o início da transição da embriaguez para a dor de cabeça latejante. Gemeu.

– Jean, sempre vou me sentir péssimo pelo que fiz você passar em Vel Virazzo. E nunca vou me esquecer de quanto tempo você ficou comigo quando deveria ter amarrado pesos nos meus tornozelos e me jogado na baía. Que os deuses me ajudem, *nunca* vou estar melhor sem você. Não me importa quantos Magos-Servidores sabem a droga do seu nome.

– Eu gostaria de ter certeza de que você sabe o que está falando.

– Essa é a nossa vida. Esse é o nosso golpe, no qual investimos *dois anos*. É a nossa fortuna, esperando ser roubada da Agulha do Pecado. São todas as nossas esperanças para o futuro. Foda-se Kartane. Se eles quiserem nos matar, não podemos impedir. Então o que mais podemos fazer? Não vou me sobressaltar com sombras por causa daqueles sacanas. *Vamos em frente!* Nós dois, juntos.

A maioria dos vendedores do Mercado Noturno havia notado a intensidade da conversa particular entre Locke e Jean e evitara apregoar mais mercadorias. Mas um dos últimos comerciantes no limite norte do local era menos sensível ou estava mais desesperado para vender.

– Brinquedos esculpidos, cavalheiros? Algo para uma mulher ou uma criança da vida de vocês? Algo artístico da Cidade dos Artífices?

O homem tinha dezenas de brinquedinhos exóticos sobre um caixote virado. Seu casaco marrom, comprido e velho, era forrado com retalhos numa infinidade de cores espalhafatosas – laranja, roxo, prateado, amarelo-mostarda. Ele balançava na mão esquerda uma peça de madeira pintada, um soldado em miniatura carregando uma lança, pendurada por quatro cordões, e com pequenos gestos dos dedos fazia a figura golpear um inimigo

imaginário.

– Uma marionete? – insistiu o homem. – Um bonequinho para se lembrar de Tal Verrar?

Jean o encarou por alguns segundos antes de responder baixinho:

– Perdão, eu prefiro qualquer coisa a uma marionete.

Com uma dor no coração similar à que crescia na cabeça, Locke acompanhou o amigo para fora da Grande Galeria, entrando no Savrola, ansioso para se refugiar atrás dos altos muros e das portas trancadas, mesmo que isso não fizesse muita diferença.

REMINISCÊNCIA

O Capa de Vel Virazzo

1

Locke Lamora chegou a Vel Virazzo querendo morrer e Jean Tannen estivera inclinado a deixar que ele realizasse o desejo.

Vel Virazzo é um porto de águas profundas cerca de 150 quilômetros a leste de Tal Verrar, esculpido nos altos penhascos rochosos que dominam o litoral do continente no Mar de Bronze. Cidade de oito ou nove mil almas, há muito tempo tem sido uma carrancuda serviçal dos verraris, comandada por um governador nomeado diretamente pelo Arconte.

Uma linha de estreitos pináculos de Vidrantigo se ergue 60 metros acima da água do lado de fora do porto, mais um artefato dos Ancestres de função inescrutável num litoral repleto de maravilhas abandonadas. As colunas de vidro têm plataformas de 4,5 metros no topo e agora são usadas como faróis, mantidas por condenados por pequenos crimes. Barcos os trazem e os deixam para subir as escadas de cordas que pendem pelas colunas. Os criminosos içam suas provisões e se acomodam para algumas semanas de exílio, cuidando de lâmpadas alquímicas vermelhas do tamanho de pequenas cabanas. Nem todos voltam com a cabeça no lugar ou mesmo sobrevivem.

Mais de dois anos antes do fatídico jogo de Carrossel da Sorte, um pesado galeão passou na direção de Vel Virazzo sob os faróis. As pessoas nas pontas das vergas da embarcação acenaram, meio por pena, meio por zombaria, para as figuras solitárias no topo das colunas. O sol fora engolido por nuvens densas no horizonte oeste e uma luz suave, agonizante, ondulava na água sob as primeiras estrelas.

Uma brisa quente e úmida soprava do litoral para o mar e pequenos fiapos de névoa pareciam vazar das rochas cinzentas para os dois lados da

velha cidade portuária. As amareladas velas de mezena do galeão estavam caçadas enquanto ele se preparava para ficar à capa a 800 metros da costa. Um pequeno escaler do mestre do porto veio ao encontro do galeão, com lanternas verdes e brancas balouçando na proa ao ritmo dos oito remadores.

O mestre do porto se levantou ao lado das lanternas da proa, a 30 metros de distância, e gritou através de uma corneta alto-falante:

– Identifique a embarcação!

– *Ganho Dourado*, de Tal Verrar – foi o grito de volta da meia-nau do galeão.

– Vão querer atracar?

– Não! São só passageiros, vão sair de bote.

A cabine inferior de popa do *Ganho Dourado* tinha um forte cheiro de suor e doença. Jean Tannen havia acabado de retornar do convés de cima e perdera parte da tolerância ao odor, o que fez seu mau humor crescer. Ele jogou uma túnica azul remendada para Locke e cruzou os braços.

– Pelo amor da porra, chegamos. Vamos sair deste maldito navio e voltar para a boa e velha rocha. Vista a maldita túnica; eles estão baixando um bote.

Locke sacudiu a roupa com a mão direita e franziu a testa. Estava sentado na beira de um catre, vestindo apenas os calções, e mais magro e sujo do que Jean jamais o vira. As costelas se destacavam sob a pele pálida como o madeiramento do casco de um navio inacabado. O cabelo estava escuro, oleoso, comprido e desalinhado de todos os lados e uma fina camada de barba emoldurava o rosto.

A parte de cima do braço esquerdo era entrecruzada por linhas vermelhas e brilhantes, de ferimentos mal cicatrizados; havia um buraco coberto por casca no antebraço esquerdo e, abaixo, um pano sujo enrolado no pulso. A mão esquerda era uma confusão de hematomas sumindo. Uma bandagem descolorida cobria parcialmente um ferimento feio no ombro esquerdo, poucos centímetros acima do coração. As três semanas no mar tinham ajudado muito a reduzir o inchaço nas bochechas, nos lábios e no nariz quebrado de Locke, mas ele ainda parecia ter tentado beijar uma mula escoiceante. Várias vezes.

– Pode me dar uma mãozinha?

– Não, você pode se virar sozinho. Deveria ter se exercitado esta semana, preparando-se. Nem sempre posso estar aqui, pairando em cima de você

feito a porra de uma fada enfermeira.

– Bom, deixe-me atravessar o seu ombro com a droga de um florete e sacudir, então vamos ver como você vai ficar ansioso para se exercitar.

– Eu *também* sofri cortes, seu bebê chorão, e fiz exercícios. – Jean levantou sua túnica: acima da curva substancialmente reduzida de sua barriga estava uma longa cicatriz lívida nas costelas. – Não me importa o quanto dói; você precisa se mexer, caso contrário eles vão sarar contraídos, e aí você vai ficar mesmo na merda.

– É o que você vive me dizendo. – Locke jogou a túnica no chão, junto aos pés descalços. – Mas a não ser que essa roupa ganhe vida ou que você faça as honras, parece que devo ir para o bote assim.

– O sol está se pondo e vai estar frio lá fora. Mas, se você quer ser idiota, acho que vai assim mesmo.

– Você é um filho da puta, Jean.

– Se você estivesse saudável, eu quebraria seu nariz de novo por causa disso, seu sujeitinho lamuriento...

– Cavalheiros? – A voz abafada de um tripulante atravessou a porta, seguida por uma batida alta. – Trago os cumprimentos do capitão, o bote está pronto.

– Obrigado! – gritou Jean. Em seguida, passou a mão pelo cabelo e suspirou. – Por que me importei em salvar sua vida, afinal? Seria melhor trazer o cadáver do Rei Cinza. Seria a porra de uma companhia melhor.

– Por favor – pediu Locke enfaticamente, indicando com o braço bom. – Nós podemos chegar a um meio-termo. Eu puxo com meu braço bom e você cuida do lado ruim. Me tire desse navio e eu começo a fazer os exercícios.

– Já era tempo – falou Jean.

Após mais uma hesitação, abaixou-se para pegar a túnica.

2

A tolerância de Jean aumentou nos dias depois de serem libertados do mundo úmido, fedorento e oscilante do galeão; mesmo para os pagantes, a viagem de longa distância pelo mar ainda tinha mais em comum com uma sentença de prisão do que com férias.

Locke e Jean converteram os sólons camorris em um punhado de volanis de prata a uma taxa extorsiva, cobrada pelo imediato do *Ganho Dourado*. O homem argumentou que isso ainda seria preferível ao prejuízo que teriam com os cambistas da cidade. Com o dinheiro, os Nobres Vigaristas conseguiram um quarto no segundo andar da Lanterna de Prata, uma estalagem decrépita à beira-mar.

Jean começou imediatamente a procurar uma fonte de rendimentos. Se o submundo de Camorr era um lago profundo, o de Vel Virazzo se tratava de um lago estagnado. Com facilidade, descobriu as principais quadrilhas do porto e os relacionamentos entre elas. Havia pouca organização em Vel Virazzo e nenhum chefão para estragar as coisas. Bastaram algumas noites bebendo nas espeluncas certas e ele soube exatamente quem abordar.

Eles se intitulavam Malandros do Bronze e se escondiam num curtume abandonado nas docas do leste da cidade, onde o mar batia contra os pilares de cais apodrecidos inativos nos últimos vinte anos. À noite, formavam um grupo de ladrões furtivos, assaltantes e trapaceiros. De dia, dormiam, jogavam dados, bebiam a maior parte dos lucros. Jean chutou a porta deles – apesar de ela estar pendendo frouxa no umbral e não estar trancada – às duas da tarde de um dia ensolarado.

Havia uma dúzia deles, rapazes entre 15 e 20 e poucos anos. O padrão de uma gangue de pequena abrangência. Os que não estavam acordados foram trazidos à consciência pelos colegas com tapas enquanto Jean caminhava até o centro da área do curtume.

– Boa tarde! – Ele fez uma pequena reverência, apenas com o pescoço, depois abriu os braços. – Quem é o maior filho da puta, o mais cruel aqui? Quem é o melhor brigão dos Malandros do Bronze?

Após alguns segundos de silêncio e olhares surpresos, um jovem relativamente atarracado, com nariz torto e cabeça raspada, saltou de uma escada para o piso empoeirado, andou até Jean e deu um risinho.

– Você está olhando para ele.

Jean assentiu, sorriu, depois deu um telefone no rapaz que cambaleou. Jean o segurou com força, cruzando os dedos atrás de sua nuca e puxou a cabeça do valentão para baixo com força e deu-lhe três joelhadas. Enfim, soltou-o e o garoto se esparramou de costas no piso do curtume, sem sentidos como uma peça de carne-seca fria.

– Errado – disse Jean, nem ao menos alterando a respiração. – *Eu* sou o

filho da puta mais cruel aqui. *Eu* sou o maior brigão dos Malandros do Bronze.

– Você não é dos Malandros do Bronze, babaca – gritou outro garoto, que mesmo assim tinha um ar de inquietação espantada no rosto.

– Vamos matar esse merda!

Um terceiro rapaz, usando um velho chapéu de quatro bicos e vários colares feitos à mão, com pequenos ossos enfiados, saltou na direção de Jean com um punhal na mão direita. Quando o golpe veio, Jean deu um passo atrás, pegou o garoto pelo pulso e bateu com o outro punho em seu rosto. O moleque cuspiu sangue e tentou piscar para afastar as lágrimas de dor e Jean chutou-o na virilha, depois passou-lhe uma rasteira. O punhal do adversário apareceu na mão esquerda de Jean como por magia e ele a girou lentamente.

– Sem dúvida vocês, garotos, sabem fazer somas simples – falou ele. – Um mais um é igual a “não mexam comigo, porra”.

O garoto que o atacara soluçou e vomitou.

– Vamos falar de tributos. – Jean foi andando pelo perímetro do recinto, chutando algumas garrafas de vinho vazias; havia dúzias delas espalhadas por ali. – Parece que vocês ganham dinheiro suficiente para comer e beber e isso é bom. Vou querer quarenta por cento de tudo, em metal frio. Não quero mercadorias. Vocês vão pagar seus tributos de dois em dois dias, a começar por hoje. Abram as bolsas e virem os bolsos.

– Porra nenhuma! – bradou um rapaz junto à parede mais distante do curtume com os braços cruzados.

Jean foi em direção a ele.

– Não gostou? Então me bata.

– Ahn...

– Você não acha justo? Você bate em pessoas para viver, não é? Feche o punho, filho.

– Ahn...

Jean o agarrou, girou, segurou pelo pescoço e pelo cóis do calção e acertou-o de cabeça várias vezes contra a parede de madeira. O garoto bateu no chão com um grunhido e não conseguiu se defender enquanto Jean revistava sua túnica e se levantava com uma pequena bolsa de couro.

– Penalidade extra por danificar a parede do meu curtume com a cabeça. – Jean esvaziou o conteúdo dentro da sua bolsa, depois jogou o pano vazio perto do garoto. – Agora, todos vocês venham aqui e façam fila. Façam fila!

Quatro décimos não é demais. Sejam honestos, ou vocês podem deduzir o que vou fazer.

– Quem diabos é você? – perguntou o primeiro rapaz que se aproximou de Jean com moedas na mão.

– Vocês podem me chamar...

O garoto fez surgir uma adaga na outra mão, largou as moedas e deu uma estocada. Jean bloqueou o braço estendido do adversário empurrando-o para longe e acertou sua barriga com o ombro direito ao mesmo tempo que agarrava seu tronco. Levantou-o sem esforço e o jogou por cima de suas costas, fazendo-o acertar o piso quase de cara ao lado do último Malandro que havia puxado uma arma contra ele.

– Callas. Tavrín Callas. – Jean sorriu. – Foi uma boa ideia me atacar enquanto eu falava. Isso, pelo menos, eu tenho que respeitar. – Jean deu vários passos atrás para bloquear a porta. – Mas parece que o conceito filosófico sutil que estou tentando transmitir é demais para a cabeça de vocês. Será que vou precisar mesmo chutar a bunda de todo mundo para vocês entenderem?

Houve um coro de murmúrios e um considerável número de garotos balançou a cabeça, ainda que com relutância.

– Ótimo.

Dessa forma, a extorsão aconteceu com tranquilidade; Jean terminou com uma quantidade satisfatória de moedas, sem dúvida o bastante para ficar abrigado mais uma semana com Locke na estalagem.

– Estou indo, então. Descansem e trabalhem bem esta noite. Vou voltar amanhã, às duas da tarde. Podemos começar a falar sobre como as coisas vão ser agora que sou o novo chefe dos Malandros do Bronze.

3

Naturalmente, todos se armaram e, às duas da tarde do dia seguinte, esperavam emboscar Jean.

Para surpresa do bando, ele entrou no velho curtume com uma policial de Vel Virazzo. A mulher era alta e musculosa, vestia um casaco ameixa reforçado com forro de fina malha de ferro; tinha dragonas de bronze nos ombros e cabelo castanho comprido puxado para trás num apertado rabo de

espadachim, com anéis de bronze. Mais quatro policiais se posicionaram do lado de fora da porta. Trajavam casacos semelhantes, mas também carregavam porretes compridos e laqueados e pesados escudos de madeira pendurados às costas.

– Olá, rapazes – cumprimentou Jean. Por todo o curtume, adagas, punhais, garrafas quebradas e porretes foram desaparecendo das vistas. – Tenho certeza de que vocês reconhecem a chefe de polícia Levasto e seus homens.

– Olá, rapazes – disse ela despreocupadamente, enfiando os polegares no cinturão de couro da espada. De todos os policiais, era a única que usava um alfanje numa bainha preta e simples.

– Levasto é uma mulher sensata e comanda homens sensatos. Como eles gostam de dinheiro, vou começar a fornecê-lo, em consideração à dureza e ao tédio de seus deveres. Se por acaso algo me acontecer, bom, eles perderão uma nova fonte daquilo de que mais gostam.

– Seria de partir o coração – completou a chefe de polícia.

– E teria consequências – observou Jean.

A mulher pisou numa garrafa de vinho vazia, despedaçando-a.

– De partir o coração – repetiu com um suspiro.

– Tenho certeza de que todos vocês são rapazes inteligentes – continuou Jean. – Tenho certeza de que todos gostaram da visita da chefe de polícia.

– Eu não gostaria de repeti-la – falou Levasto com um sorrisinho.

Virou-se lentamente e foi embora. O som de seu esquadrão marchando para longe logo sumiu à distância.

Os Malandros do Bronze olharam para Jean, carrancudos. Os quatro rapazes mais próximos da porta, com as mãos às costas, eram os que tinham hematomas pretos e verdes, do dia anterior.

– Por que você está fazendo isso, porra? – resmungou um deles.

– Não sou seu inimigo, rapazes. Acreditem ou não, acho que vão apreciar o que posso fazer por vocês. Agora calemba a boca e escutem. Primeiro – Jean levantou a voz para todos ouvirem –, eu gostaria de dizer que é triste pensar no tempo em que vocês ficaram por aí sem colocar a guarda cidadina na jogada. Eles estavam *ansiosos* por isso. Como cachorrinhos tristes e abandonados.

Jean estava usando um colete preto e comprido sobre uma túnica branca manchada. Levou a mão direita às costas, por baixo do colete.

– Mas pelo menos o fato de que o primeiro pensamento de vocês foi de me matar mostra algum espírito. Vejamos esses brinquedos de novo. Mostrem.

Constrangidos, os garotos sacaram as armas e Jean as inspecionou com um movimento rápido de cabeça.

– Hummmm. Aço fraco, garrafas quebradas, porretes pequenos, um martelo... Rapazes, o problema é que vocês acham que isso serve de ameaça – falou Jean. – Mas apenas me ofendem – completou, já enfiando as mãos por baixo do colete. Num borrão, ele lançou as duas machadinhas.

Um par de odres com vinho pela metade pendurados em ganchos na parede mais distante explodiu num jorro de vinho tinto barato verrari que molhou vários dos garotos. As machadinhas atravessaram os odres bem no centro e se cravaram na madeira.

– Isso foi uma ameaça – afirmou, estalando as juntas dos dedos. – E é por isso que agora *vocês* trabalham para *mim*. Mais alguém quer questionar?

Os rapazes mais próximos dos odres se esgueiraram para trás no momento que Jean se aproximou para arrancar as armas da parede.

– Foi o que achei. Mas não levem a mal: isso funciona a favor de vocês também. Um chefe precisa proteger o que é seu se quiser continuar como chefe. Se alguém que não for *eu* tentar prejudicar vocês, me digam. Eu faço uma visita à pessoa. Esse é o meu serviço.

No dia seguinte, os Malandros do Bronze se enfileiraram de má vontade para pagar seus tributos. Enquanto jogava as moedas de cobre nas mãos de Jean, o último da fila murmurou:

– Você disse que ajudaria se alguém atrapalhasse a gente. Uns Malandros foram sacaneados hoje de manhã pelos Mangas Pretas, lá do lado norte.

Jean assentiu e enfiou seus ganhos no bolso do casaco.

Na noite seguinte, depois de sondar, foi andando petulante até uma espelunca no lado norte chamada Marco do Copo Transbordante. A única coisa que transbordava na taberna eram bandidos, sete ou oito, todos com panos pretos sujos amarrados em volta dos braços das jaquetas e túnicas. Eram os únicos fregueses e levantaram os olhos com suspeita quando ele fechou a porta e empurrou cuidadosamente o trinco de madeira.

– Boa noite! – Jean sorriu e estalou os nós dos dedos. – Estou curioso. Quem é o maior filho da puta, o mais cruel dos Mangas Pretas?

No dia seguinte, ele recolheu os tributos dos Malandros do Bronze com

os nós dos dedos da mão direita envoltos em um unguento. Pela primeira vez, a maioria dos garotos pagou com entusiasmo. Alguns até começaram a chamá-lo de “Tav”.

4

Mas Locke não exercitava os membros feridos como prometera.

Seu parco suprimento de moedas era usado para o vinho; seu veneno preferido era uma porcaria local, particularmente barata. Mais roxo do que vermelho, com um quê de terebintina, o cheiro da bebida logo saturou o quarto que ele dividia com Jean na Lanterna de Prata. Locke o tomava sempre “para a dor”. Uma noite Jean observou que a dor dele devia estar aumentando com a passagem dos dias, porque as garrafas e os odres vazios se multiplicavam. Eles discutiam – ou melhor, reacendiam a discussão constante – e Jean saía pisando forte para a noite.

Naqueles primeiros tempos em Vel Virazzo, em algumas noites Locke descia com cuidado a escada até o salão, onde jogava algumas partidas arbitrárias de cartas com moradores da cidade. Enganava-os, de forma melancólica, com qualquer truque de prestidigitação que conseguisse fazer apenas com a mão em bom estado. Logo eles começaram a se afastar de seus jogos e seu mau comportamento e ele voltou ao segundo andar, para beber sozinho em silêncio. A alimentação e a limpeza continuavam sendo pensamentos secundários. Jean tentou trazer um sanguessuga de cachorro para examinar os ferimentos de Locke, mas o amigo expulsou o sujeito com um jorro de palavrões que fez ruborizar Jean, cuja fala podia ser inflamada a ponto de acender lenha molhada.

– Do seu amigo não posso encontrar nenhum traço – afirmou o homem.
– Ele parece ter sido comido por um daqueles macacos magros e pelados das ilhas de Okanti: tudo o que faz é berrar comigo. O que aconteceu com o último sanguessuga que deu uma olhada nele?

– Nós o deixamos em Talisham – respondeu Jean. – Infelizmente, a atitude do meu amigo convenceu-o a apressar o fim de sua viagem pelo mar.

– Bom, eu faria o mesmo. Em um gesto de profunda solidariedade, não vou cobrar a consulta. Guarde a sua prata: você vai precisar dela para o vinho. Ou para o veneno.

Jean se pegava passando cada vez mais tempo com os Malandros do Bronze, apenas para evitar Locke. Uma semana se passou, depois outra. “Tavrin Callas” estava se tornando uma figura conhecida e solidamente respeitada na fraternidade dos patifes de Vel Virazzo. As discussões de Jean com Locke se tornaram mais repetitivas, mais frustrantes, mais sem sentido. Jean reconhecia instintivamente o arco descendente de autopiedade terminal, mas nunca havia sonhado que teria de arrastar Locke, logo ele, para fora daquilo. Evitava o problema treinando os Malandros.

A princípio, dava só algumas sugestões: como usar sinais simples de mão quando estavam perto de estranhos, como distrair as pessoas antes de bater suas carteiras, como identificar pedras preciosas verdadeiras e evitar roubar imitações. Começou a receber respeitosos pedidos para mostrar “uma ou duas coisas” dos truques que ele havia usado para derrubar quatro Malandros. Os primeiros a solicitarem foram os derrotados.

Uma semana depois, a alquimia se deu com força total. Meia dúzia de rapazes rolava pela poeira do piso do curtume enquanto Jean os treinava em todos os pontos essenciais das lutas corpo a corpo: usar o adversário como alavanca, ter iniciativa e percepção da situação. Demonstrou as habilidades, tanto misericordiosas quanto cruéis, que o haviam mantido vivo após metade de uma vida passada argumentando com os punhos e as machadinhas.

Sob a influência de Jean, os garotos se interessaram mais pela condição do velho curtume. Ele os encorajou a ver o lugar como um quartel-general, o que exigia alguns confortos. Lanternas alquímicas apareceram, penduradas nos caibros. Papel impermeável novo foi pregado sobre as janelas quebradas e os buracos do telhado foram tapados com tábuas e palha. Os rapazes roubavam almofadas, tapetes baratos e prateleiras.

– Encontrem uma pedra alquímica para mim – disse Jean. – Roubem uma grande e eu ensino a vocês, seus pobres coitados, a cozinhar também. Vocês não são capazes de superar os cozinheiros de Camorr; até os ladrões de lá são chefes de cozinha. Eu tive anos de treino.

Ele observou o curtume cada vez mais bem-cuidado, o grupo cada vez mais disposto de ladrões jovens, e falou consigo mesmo:

– Todos nós tivemos...

Tentara fazer Locke se interessar pelo projeto dos Malandros do Bronze, mas foi rechaçado. Naquela noite, tentou de novo, falando do ganho

noturno cada vez maior, do quartel-general, das dicas e do treinamento que estava dando. Locke o encarou por longo tempo, sentado na cama com um copo rachado, vinho roxo pela metade.

– Bom... Bom, dá para ver que você encontrou substitutos, não foi?

Jean ficou pasmo demais para responder.

Locke esvaziou o copo e prosseguiu, a voz monótona e sem humor:

– Sem dúvida foi rápido. Mais rápido do que eu esperava. Uma nova gangue, um esconderijo novo. E não é de vidro, mas provavelmente você pode resolver isso se procurar por tempo suficiente. Então cá está você, brincando de Padre Correntes, acendendo de novo um fogo sob aquela alegre chaleira cheia de bosta.

Jean saltou pelo quarto, explosivo, e arrancou o copo da mão de Locke com um tapa. O copo bateu na parede e cobriu metade do recinto com cacos brilhantes. Mas Locke nem piscou: ele se recostou em seus travesseiros manchados de suor e suspirou.

– Já tem algum par de gêmeos? E que tal uma nova Sabeta? Um novo *eu*?

– Vá para o *inferno*! – Jean apertou os punhos até sentir o sangue quente, pegajoso, brotar sob as unhas. – Vá para o inferno, Locke! Eu não salvei sua maldita vida para você ficar enfiado neste pardieiro desgraçado e fingir que inventou o sofrimento. Você não é tão especial, porra!

– Então por que me salvou, São Jean?

– Nunca ouvi uma pergunta mais idiota...

– POR QUÊ? – Locke se levantou da cama e sacudiu os punhos para Jean; o efeito seria cômico se seu olhar não fosse assassino. – Eu disse para você me *deixar*! Será que devo agradecer por isso? Por este maldito quarto?

– Eu não transformei este quarto no seu mundo inteiro, Locke. *Você* fez isso.

– Foi para *isso* que eu fui salvo? Três semanas enjoado no mar e agora Vel Virazzo, o cu de Tal Verrar? Isto é uma piada dos deuses e eu sou o ponto alto. Teria sido melhor morrer com o Rei Cinza. Eu disse para você me deixar lá, porra! – E acrescentou num sussurro: – E eu sinto falta deles. Pelos deuses, como sinto. Eles estão mortos por minha culpa. Não consigo... não consigo... suportar...

– Nem ouse – rosnou Jean.

Ele empurrou com força o peito de Locke, que caiu de costas na cama e bateu na parede, fazendo chacoalhar os postigos da janela.

– Não ouse usá-los como desculpa para o que você está fazendo consigo mesmo! Não *ouse*, porra.

Sem mais uma palavra, Jean virou-se e saiu do quarto batendo a porta.

5

Locke se deixou afundar na cama, pôs o rosto nas mãos e ouviu os rangidos dos passos de Jean se afastando no corredor lá fora.

Para sua surpresa, os rangidos retornaram minutos depois, cada vez mais altos. Jean empurrou a porta bruscamente, o rosto sério, e marchou direto até Locke segurando um grande balde de madeira cheio d'água. Sem aviso, jogou todo o líquido em cima do amigo, que caiu de costas contra a parede outra vez, ofegando de surpresa. Ele sacudiu a cabeça feito um cachorro e afastou o cabelo encharcado dos olhos.

– Jean, você perdeu a porra da...

– Você precisava tomar um banho. Estava coberto de autopiedade.

Em seguida, atirou o balde no chão e andou pelo quarto, pegando qualquer garrafa ou odre de vinho que ainda contivesse líquido. Terminou a tarefa antes que Locke percebesse o que ele estava fazendo; depois recolheu a bolsa de moedas de Locke na mesinha e colocou no lugar uma fina carteira de couro.

– Ei, Jean, Jean, você não pode... Isso é meu!

– Antigamente era “nosso” – retrucou Jean com frieza. – Eu gostava mais assim.

Locke tentou sair da cama, mas Jean o empurrou de volta sem esforço. Saiu intempestivamente e fechou a porta. Houve um estalo curioso e mais nada, nem mesmo o ranger das tábuas do piso; Jean estava esperando do outro lado.

Rosnando, Locke atravessou o quarto e tentou abrir a porta, mas ela permaneceu firme. Franziu a testa, perplexo, pois o trinco ficava do seu lado e não estava fechado. Sacudiu a madeira mais algumas vezes.

– É curioso que os quartos do Lanterna de Prata possam ser trancados por fora com uma chave especial que só o estalajadeiro possui – comentou Jean. – Para o caso de ele querer manter um hóspede indisciplinado sob controle enquanto chama a guarda.

- Jean, abra a porra dessa porta!
- Não. Abra você.
- Não posso! Você mesmo disse que está com a chave especial!
- O Locke Lamora que eu conhecia cuspiria em você. Sacerdote do Guardião Torto. *Garrista* dos Nobres Vigaristas. Discípulo do Padre Correntes. Irmão de Calo, Galdo e Pulga! Diga: o que *Sabeta* pensaria de você?
- Seu... seu desgraçado! Abra essa porta!
- Olhe para você, Locke. Você é a porra de um miserável. Abra você mesmo.
- Você. Está. Com. A. *Porradamerdadachave*.
- Você sabe enfeitar uma fechadura, não é? Eu deixei algumas gazuas na mesa. Se quer seu vinho de volta, abra você mesmo a porcaria da porta.
- Seu filho da *puta*!
- Minha mãe era uma santa. A joia mais doce que Camorr já produziu. A cidade não a merecia. Posso esperar aqui a noite toda, você sabe. Vai ser fácil: estou com todo o seu vinho e o *seu* dinheiro.
- Gaaaaah!

Locke agarrou a carteira de couro na mesa. Mexeu os dedos da mão boa, a direita, e olhou para a esquerda em dúvida; o pulso quebrado estava se curando, mas doía constantemente.

Curvou-se sobre o mecanismo da fechadura, fez uma carranca e começou a trabalhar. Ficou surpreso ao ver a rapidez com que os músculos das costas começaram a protestar contra a postura desconfortável. Parou por tempo suficiente para puxar a cadeira de modo a trabalhar sentado.

Enquanto as gazuas chacoalhavam dentro da fechadura e ele mordida a língua, concentrado, ouviu rangidos pesados do lado de fora e uma série de pancadas fortes.

- Jean?
 - Ainda estou aqui, Locke – respondeu Jean, agora animado. – Pelos deuses, você está demorando um bocado. Ah, desculpe, você ao menos começou?
 - Quando eu abrir essa porta, você vai morrer, Jean!
 - Quando você abrir essa porta? Então ainda tenho muitos anos de vida.
- Locke redobrou a concentração, voltando ao ritmo que havia aprendido em tantas horas laboriosas na infância: movendo as gazuas ligeiramente,

buscando as sensações. Os rangidos e as pancadas haviam recomeçado do outro lado da porta! O que Jean estava fazendo agora? Locke fechou os olhos e tentou bloquear o som... tentou deixar o mundo se estreitar até apenas a mensagem das gazuas contra seus dedos...

O mecanismo deu um estalo. Locke se levantou cambaleando, jubiloso e em fúria, e abriu a porta com violência.

Jean havia sumido e o corredor estreito do lado de fora estava atulhado, de parede a parede, com caixotes e barris – uma barreira intransponível a cerca de um metro do rosto de Locke.

– Jean, que *diabo* é isso?

– Desculpe, Locke. – Pela voz, dava para saber que Jean estava logo atrás da parede improvisada. – Peguei algumas coisas emprestadas na despensa do estalajadeiro e consegui que alguns rapazes que você passou para trás no carteadado semana passada me ajudassem a carregar tudo aqui para cima.

Locke deu um belo empurrão na parede, mas ela não se moveu; provavelmente Jean estava colocando todo o peso contra ela. Houve um coro de risos abafado em algum lugar do outro lado, provavelmente no salão. Locke trincou os dentes e bateu com a palma da mão boa num barril.

– Que raios está acontecendo com você, Jean? Você está fazendo um teatrinho ridículo!

– Semana passada eu disse ao estalajadeiro que você era um Dom camorri que viajava incógnito, tentando se recuperar de um surto de loucura. Agora mesmo coloquei uma boa quantidade de prata sobre o balcão. Você lembra o que é prata, não lembra? Nós costumávamos roubá-la das pessoas, quando você era uma companhia agradável.

– Isso já deixou de ser engraçado, Jean! Devolva a droga do meu vinho!

– É uma droga mesmo. E acho que, se você quiser pegá-lo, vai ter de sair pela janela.

Locke deu um passo atrás e olhou a parede improvisada, perplexo.

– Jean, você não pode estar falando sério.

– Nunca falei mais sério.

– Vá para o inferno. Vá para o inferno! Não posso pular uma maldita janela. Meu pulso...

– Você lutou contra o Rei Cinza com o braço quase decepado. Saiu por uma janela a 150 metros de altura na Pontacorvo. E aqui está, a dois andares do chão, impotente feito um gatinho num barril de gordura. Bebê chorão.

Amarelão.

– Você está tentando me provocar.

– Não brinca! Você é um gênio.

Locke voltou para o quarto pisando forte, soltando fogo pelas ventas. Olhou a janela fechada e voltou para a parede de Jean.

– Por favor, me deixe sair – pediu o mais calmamente possível. – Engoli o seu argumento.

– Eu enfiaria esse argumento pela sua goela com um espeto de aço em brasa. Por que está falando comigo quando deveria estar pulando pela janela?

– *Desgraçado!*

De volta ao quarto, Locke andou de um lado para o outro furiosamente. Balançou os braços, testando-os; os cortes no esquerdo doíam e o ferimento profundo no ombro ainda provocava pontadas cruéis. O sofrido pulso esquerdo *talvez* servisse. Com ou sem dor... Ele fechou o punho da mão esquerda, encarou-a, depois fitou a janela com os olhos semicerrados.

– Foda-se. Vou mostrar umas coisinhas a você, seu filho de um maldito mercador de seda...

Locke rasgou a roupa de cama, amarrando as extremidades do lençol com as dos cobertores, o que lhe provocou pontadas nas juntas. A dor só servia para impulsioná-lo. Apertou o último nó, abriu os postigos e jogou a corda improvisada pela janela. Amarrou a ponta à cama. Não era um móvel lá muito robusto, mas Locke também já não pesava tanto assim.

Passou pela janela.

Vel Virazzo era uma cidade antiga de edificações baixas; as impressões de Locke, pendurado ali, dois andares acima da rua coberta por uma névoa fraca, vinham em clarões. Construções de teto plano, meio arruinadas, feitas de pedra e reboco... velas enroladas em mastros pretos no porto... luar reluzindo na água escura... luzes vermelhas ardendo sobre pináculos de vidro, recuando em linha em direção ao horizonte. Locke fechou os olhos, agarrou-se aos lençóis e se conteve para não vomitar.

Parecia mais fácil apenas deslizar para baixo; fez isso aos trancos e, quando as palmas das mãos arderam com o atrito, ele resolveu parar. Desceu 3 metros... 6... equilibrou-se precariamente na verga superior da janela do salão no térreo e ofegou algumas vezes antes de continuar. Por mais que a noite estivesse quente, ele sentia arrepios por estar encharcado.

A última tira do último lençol terminava 2 metros acima do chão. Locke deslizou para baixo o máximo que pôde, depois soltou-se. Seus calcanhares bateram com força nas pedras do calçamento e ele encontrou Jean já o esperando, com uma capa cinza barata nas mãos. Antes que Locke pudesse se mexer, Jean jogou a roupa em volta de seus ombros.

– Seu filho da puta! – gritou Locke, enrolando a capa no corpo com as duas mãos. – Seu *filho da puta* com alma de cobra e mente suja! Espero que um tubarão tente chupar o seu pau!

– Ora, mestre Lamora, olhe para o senhor: arrombando uma fechadura, descendo por uma janela. Quase como se já tivesse sido um ladrão.

– Eu já cometia crimes grandiosos quando você ainda mamava no colo da sua mãe!

– E eu venho cometendo crimes grandiosos enquanto você fica emburrado no quarto, bebendo até perder as habilidades.

– Eu sou o melhor ladrão de Vel Virazzo – resmungou Locke. – Bêbado ou sóbrio, acordado ou dormindo, e você sabe muito bem.

– Antigamente eu poderia acreditar nisso. Mas esse era um homem que eu conhecia em Camorr e já faz um tempo que ele não está comigo.

– *Que se dane!* – gritou Locke, se aproximando de Jean e lhe dando um soco na barriga.

Mais surpreso do que dolorido, Jean empurrou-o com força. Locke voou para trás, a capa girando enquanto ele tentava manter o equilíbrio, até que colidiu com um transeunte.

– Olha onde pisa, porra!

O estranho, um homem de meia-idade com um comprido casaco laranja e as roupas afetadas de escriturário ou escrivão, lutou por alguns segundos com Locke, que o agarrou em busca de apoio.

– Mil perdões – desculpou-se Locke. – Mil perdões, senhor. Meu amigo e eu estávamos apenas tendo uma discussão. A culpa é toda minha.

– Claro que é – reagiu o estranho, enfim conseguindo arrancar Locke das lapelas de seu casaco e empurrando-o. – Seu hálito parece um barril de vinho! Maldito camorri.

Locke ficou olhando até o homem se distanciar 20 ou 30 metros, então se voltou para Jean, balançando uma bolsinha de couro preto no ar à sua frente. Ela tilintava com um bom suprimento de moedas pesadas.

– Rá! O que diz disso, hein?

– Foi uma reles brincadeira de criança. Não significa nada.
– Brincadeira de criança? Morra gritando, Jean, isso foi...
– Você está nojento. Está mais sujo do que um órfão do Morro das Sombras. Perdeu peso... não sei como é possível você ter ficado mais magro. Não fez exercícios para melhorar os ferimentos nem deixou que alguém cuidasse deles por você. Estava enfurnado num quarto, deixando-se enferrujar, e está bêbado há duas semanas seguidas. Você não é mais o que era e a culpa é sua.

– Certo. – Locke fez cara feia para Jean, enfiou a bolsa num compartimento da túnica e ajeitou a capa nos ombros. – Você exige uma demonstração. Ótimo. Volte para dentro, remova sua parede idiota e me espere no quarto. Retorno em algumas horas.

– Eu...

Mas Locke já havia coberto a cabeça com o capuz e começado a andar pela rua, pela noite quente de Val Virazzo.

6

Jean tirou a barreira do corredor do terceiro andar, deixou mais algumas moedas da bolsa de Locke com um perplexo estalajadeiro e andou pelo quarto, permitindo que parte do fedor do ambiente fechado se dissipasse pela janela aberta. Pensando melhor, desceu ao bar e voltou com uma garrafa de vidro cheia d'água.

Estava andando de um lado para o outro, preocupado, quando Locke voltou cerca de quatro horas mais tarde, logo depois das três da madrugada. Ele pousou um enorme cesto de vime na mesa, tirou a capa, pegou o balde que Jean usara para encharcá-lo e vomitou nele.

– Peço perdão – murmurou ao terminar. Estava vermelho e ofegante, tão molhado como antes, mas agora de suor quente. – O vinho não saiu todo da minha cabeça... e meu fôlego quase me abandonou.

Jean lhe entregou a jarra e Locke bebeu despidamente, como um cavalo num coche. Jean ajudou-o a se sentar na cadeira. Durante alguns segundos, Locke ficou em silêncio, então, de súbito, pareceu notar a mão de Jean em seu ombro e se encolheu.

– Cá... estamos... então – falou, arfando. – Está vendo o que acontece

quando você me provoca? Acho que teremos de fugir da cidade.

– O que... o que você fez?

Locke tirou a tampa do cesto; era do tipo usado comumente por vendedores para levar pequenas quantidades de mercadoria para uma feira. Dentro havia uma variedade prodigiosa de coisas e Locke começou a descrevê-las enquanto as pegava e mostrava a Jean.

– O que é isso? Ora, são várias bolsinhas... uma, duas, três, *quatro*, todas arrancadas de cavalheiros sóbrios em ruas abertas. Aqui está uma faca, duas garrafas de vinho, uma caneca de estanho... meio amassada, mas o metal ainda é bom. Um camafeu, três broches de ouro, dois brincos. *Brincos*, mestre Tannen, arrancados de *orelhas*, e eu gostaria de ver você tentando fazer isso. Aqui está uma pequena peça de seda boa, uma caixa de doces, dois pães, bem crocantes, com todos os temperos assados juntos, como você tanto gosta. E agora, especialmente para a edificação de certo filho da puta pessimista que gosta de violar a paz e cujo nome não será citado...

Locke ergueu um colar brilhante, uma trança de ouro e prata com um pesado medalhão de ouro cravejado de safiras no padrão estilizado de uma flor. As pedras faiscavam feito fogo azul mesmo à luz do único lampião fraco do quarto.

– É uma bela peça – elogiou Jean, esquecendo-se brevemente de ficar chateado. – Você não roubou isso na rua.

– Não. – Locke tomou outro grande gole da água morna da garrafa. – Tirei do pescoço da amante do governador.

– Você não pode estar falando sério.

– Na mansão do governador.

– É a coisa mais...

– Na cama do governador.

– Lunático desgraçado!

– Com o governador dormindo ao lado dela.

O silêncio da noite foi rompido pelo trinado distante de um apito, o som tradicional de alerta dos guardas citadinos em todo lugar. Vários outros apitos se juntaram àquele alguns instantes depois.

– É possível que eu tenha sido um pouquinho ousado demais – continuou Locke com um sorriso constrangido.

Jean sentou-se na cama e passou as mãos pelo cabelo.

– Locke, durante as últimas semanas, fiz de Tavrín Callas a melhor coisa

que já apareceu no triste bandozinho de Pessoas Certas desta cidade em séculos! Quando os guardas começarem a fazer perguntas, alguém vai apontar para mim... e alguém vai mencionar o tempo todo que eu passei aqui com você... e se tentarmos passar adiante um pedaço de metal assim num lugar tão pequeno...

– Como eu disse, acho que teremos de fugir da cidade.

– Fugir da cidade? – Jean deu um salto e apontou um dedo acusador para Locke. – Você estragou semanas de trabalho! Eu estava treinando os Malandros: sinais, truques, despistes, lutas, a coisa toda! Eu ia... eu ia começar a ensinar a cozinhar!

– Aahh, isso é sério. Não iria demorar muito para o pedido de casamento, certo?

– Droga, isso é *sério*! Eu estava *construindo* algo! Estava trabalhando enquanto você passava o tempo aqui dentro soluçando, resmungando e mijando.

– Foi você que acendeu uma fogueira embaixo de mim porque queria me ver dançar. Agora eu dancei e acho que ganhei a disputa. Vai pedir desculpa?

– Desculpa? Você é que tem sido um merdinha insuportável! Deixar você viver já é um pedido de desculpas suficiente! Todo o meu trabalho...

– Capa de Vel Virazzo? É assim que você se via, Jean? Outro Barsavi?

– Outro *qualquer coisa*. Há coisas piores para ser. Capa Lamora, por exemplo, Senhor de Um Quarto Fedido. Não vou ser um maldito derrotado, Locke. Sou um ladrão honesto e farei o que for preciso para manter uma mesa posta e um teto sobre nossa cabeça!

– Então vamos a algum lugar, voltar para algo lucrativo de verdade. Quer um trabalho de patifaria honesto? Ótimo. Vamos fisgar um peixe grande como fazíamos em Camorr. Você queria me ver roubando, então vamos sair e *roubar*!

– Mas Tavrin Callas...

– Ele já morreu uma vez. Buscando os mistérios de Aza Guilla, lembra? Deixe-o buscar de novo.

– Maldição. – Jean foi até a janela e deu uma olhada para fora; apitos soavam, vindos de várias direções. – Pode demorar alguns dias para arranjarmos vaga num navio e nós não vamos sair por terra com o que você roubou: eles vão verificar todo mundo nos portões, provavelmente durante uma ou duas semanas.

– Jean, agora você está *me* desapontando. Portões? Navios? Faça-me o favor. Estamos falando de *nós*. Poderíamos contrabandear uma vaca viva, passando por cada policial desta cidade, ao meio-dia. Pelados.

– Locke? Locke *Lamora*? – Jean esfregou os olhos de forma exagerada. – Ora, onde você esteve durante todas essas semanas? E eu aqui, pensando que estava morando com um escroto egoísta que...

– Certo. Ótimo. Rá. É, talvez eu tenha merecido esse chute na cara. Mas estou falando sério, sair daqui é fácil como cozinhar. Vá até o estalajadeiro. Acorde-o e jogue mais um pouco de prata para dele. Há muita nessas bolsas. Eu sou um Dom camorri maluco, certo? Diga a ele que tive um acesso de loucura. Me arranje mais roupas sujas, algumas maçãs, uma pedra alquímica e um pote de ferro preto cheio de água.

– Maçãs? – Jean coçou a barba. – Maçãs? Está falando... do truque do purê de maçã?

– Isso mesmo. Me arrume essas coisas e eu vou cozinhar e poderemos sair daqui ao amanhecer.

– Ahn... – Jean abriu a porta, saiu para o corredor e se virou. – Vou retirar parte do que disse antes: você ainda pode ser um filho da puta mentiroso, trapaceiro, baixo, ganancioso, avarento, ardiloso e batedor de carteiras.

– Obrigado – agradeceu Locke.

7

Uma garoa caía fraca quando eles passaram pelo portão norte de Vel Virazzo algumas horas depois. O amanhecer era uma linha aquosa de amarelo no horizonte leste, sob nuvens rápidas cor de carvão. Soldados com casacas roxas olhavam com repulsa de cima da muralha de 5 metros; a pesada portinhola de madeira do portão se fechou atrás deles como se também estivesse satisfeita por se livrar dos dois.

Locke e Jean vestiam roupas esfarrapadas e estavam enrolados em retalhos de uma dúzia de lençóis rasgados e pedaços de roupa, fazendo as vezes de bandagens. Uma fina camada de purê de maçã cozido, ainda quente, vazava por algumas delas, nos braços e no peito, e estava emplastrada prodigamente nos rostos. Andar usando uma camada daquela

coisa por baixo de panos era nauseante, mas não havia disfarce melhor em todo o mundo.

A pele-solta era uma doença dolorosa e incurável e os que sofriam dela eram menos tolerados ainda que os leprosos. Se Locke e Jean tivessem se aproximado de fora dos muros de Vel Virazzo, jamais teriam permissão para entrar. Os guardas nem se interessaram em saber como haviam entrado na cidade; quase tropeçaram nos próprios pés na pressa de vê-los partir.

O exterior da cidade era um local de aparência infeliz: alguns quarteirões de construções meio desmoronadas, de um e dois andares, enfeitados aqui e ali com as improvisadas torres de moinhos de vento usadas para mover foles de forjas e fornos. A fumaça desenhava linhas cinzentas e sinuosas no ar úmido e o trovão ribombava à distância. Mais além, onde as pedras da velha Estrada do Trono Terim se transformava numa trilha de terra molhada, Locke podia ver uma região de mato baixo, interrompida aqui e ali por penhascos rochosos e pilhas de entulho.

As moedas deles – e todos os pequenos bens que valiam a pena ser transportados – estavam numa bolsinha enfiada sob as roupas de Jean, onde nenhum guarda ousaria procurar, nem se houvesse um superior atrás dele com uma espada na mão e dando ordem de fazer isso sob pena de morte.

– Pelos deuses – murmurou Locke enquanto caminhavam ao lado da estrada. – Estou ficando cansado demais para pensar direito. Realmente perdi a condição física.

– Bom, você vai fazer alguns exercícios nos próximos dias, goste ou não. Como estão os ferimentos?

– Têm coçado. Essa porcaria de purê não é muito boa para eles, acho. Mesmo assim, não estão ruins como antes. Algumas horas de movimento parecem fazer algum bem.

– Sábio com relação a isso é Jean Tannen. Mais sábio do que a maioria, especialmente do que aqueles chamados Lamora.

– Fecha essa boca gorda, feia e indiscutivelmente sábia. Hummmm. Olhe aqueles idiotas correndo para longe de nós.

– Você faria outra coisa se visse dois sujeitos atacados por pele-solta na beira da estrada?

– É. Acho que não. Malditos pés doloridos.

– Vamos nos afastar uns 2 quilômetros da cidade, depois encontraremos um lugar para descansar. Assim que nos afastarmos algumas léguas, vamos

poder tirar essa gosma e posar de novo como viajantes respeitáveis. Alguma ideia do lugar em que você quer investir?

– Eu achava que era óbvio – respondeu Locke. – Essas cidadezinhas são para unhas de fome. Estamos atrás de ouro e ferro branco, não de pedaços de cobre. Vamos para Tal Verrar. Alguma coisa vai surgir por lá.

– Hummm. Tal Verrar. Bom, fica perto.

– Os camorris têm uma história longa e gloriosa de pisar nos calos de nossos pobres primos verraris, portanto digo: vamos para Tal Verrar. E para a glória. – Continuaram caminhando sob a névoa da garoa matinal que pinicava na pele. – E para os banhos.

CAPÍTULO DOIS

Requin

1

Locke percebeu que Jean continuava tão inquieto quanto ele com a experiência no Mercado Noturno, mas os dois não falaram mais sobre isso. Havia um serviço a ser feito.

Quando o dia de trabalho terminava para as pessoas honestas de Tal Verrar, o deles estava só começando. A princípio, os Nobres Vigaristas estranharam o ritmo de uma cidade onde o sol simplesmente caía a cada noite por trás do horizonte como uma vítima inerte de assassinato, sem o brilho da Falsaluz para marcar a passagem. Mas Tal Verrar fora construída para gostos e necessidades diferentes dos de Camorr e seu Vidrantigo apenas espelhava o céu, sem produzir luz própria.

A suíte dos dois na Villa Candessa tinha teto alto e era opulenta; custando 5 volanis de prata por noite, não seria de esperar nada menos do que isso. A janela no terceiro andar dava para um pátio calçado com pedras em que carruagens cravejadas de lanternas e com escoltas de guardas mercenários iam e vinham, provocando ecos ruidosos.

– Magos-Servidores – murmurou Jean enquanto amarrava um de seus lenços de pescoço diante do espelho. – Nunca vou contratar um desses desgraçados nem mesmo para esquentar meu chá, nem se viver para ficar mais rico do que o Duque de Camorr.

– Isso me faz pensar... – disse Locke, que já estava vestido e tomava café. Um dia inteiro de sono havia feito maravilhas por sua cabeça. – Se fôssemos mais ricos do que o Duque de Camorr, poderíamos contratar um bando deles e dar instruções para se perderem na porra de uma ilha remota.

– Humm. Acho que os deuses não fizeram nenhuma ilha suficientemente remota para o meu gosto.

Jean terminou de amarrar seus lenços de pescoço com uma das mãos e pegou o desjejum com a outra. Um dos serviços mais estranhos que a Villa Candessa prestava aos hóspedes de longo prazo eram seus “bolos-retratos”: pequenos simulacros de glacê, feitos à semelhança dos hóspedes por um escultor de doces treinado em Camorr. Numa salva de prata ao lado do espelho, um pequenino Locke de pão doce (com olhos de passas e cabelo louro de creme de amêndoas) estava ao lado de um Jean mais rotundo, com cabelo e barba de chocolate preto. As pernas do Jean assado já haviam sumido.

Instantes depois, Jean espanava as últimas migalhas amanteigadas da frente do casaco.

– Pobres Locke e Jean.

– Definharam até morrer – completou Locke.

– Eu gostaria de estar lá para ver você falar com Requin e Selendri.

– Humm. Posso confiar em que você ainda estará em Tal Verrar quando eu terminar? – Ele tentou abrandar a pergunta com um sorriso, conseguindo apenas um sucesso parcial.

– Você sabe que eu não vou a lugar nenhum. Ainda não tenho certeza se é sensato, mas você sabe que não vou.

– Sei. Desculpe. – Ele terminou de tomar o café e pousou a xícara. – E minha conversa com Requin não vai ser tão interessante assim.

– Bobagem. Ouvi certo prazer na sua voz. Outras pessoas sentem isso ao terminar o serviço; você sorri feito idiota antes que o seu comece de verdade.

– Quem disse que eu sorri? Estou com a bochecha frouxa como um cadáver. Só estou ansioso para acabar logo com isso. Negócio tedioso. Estou prevendo uma reunião chata.

– Reunião chata é o meu rabo. Não depois de você andar direto até a mulher que tem aquela maldita mão de bronze e dizer: “Com licença, senhora, mas...”

2

– ... eu estive trapaceando – falou Locke. – Constantemente. Em *todos* os jogos de que participei desde que cheguei à Agulha do Pecado pela primeira vez com meu sócio, há dois anos.

Receber um olhar penetrante de Selendri era uma coisa curiosa: o olho esquerdo dela não passava de um buraco escuro, meio coberto por um toldo translúcido que já fora uma pálpebra; o olho bom concentrava a expressão dos dois e isso era tremendamente irritante.

– A senhora é surda? Estou falando de todos. Trapaceei. Subindo e descendo esta preciosa Agulha do Pecado, trapaceando um andar após o outro, levando seus outros clientes num passeio muito alegre.

– Imagino se o senhor de fato entende o que significa me dizer isso, mestre Kosta – respondeu ela em seu sussurro lento, de bruxa. – Está bêbado?

– Estou tão sóbrio quanto um bebê que ainda mama.

– O senhor inventou isso?

– Estou falando sério. E é com o seu mestre que gostaria de falar sobre minhas motivações. Em particular.

O quinto andar da Agulha do Pecado estava silencioso. Locke e Selendri se achavam sozinhos, com quatro dos funcionários uniformizados esperando a 6 metros de distância. Ainda era cedo demais para que a clientela rarefeita do andar tivesse terminado sua lenta migração farrista pelos andares mais animados.

No coração do quinto andar ficava uma alta escultura dentro de um cilindro de Vidrantigo transparente. Ainda que aquele vidro não pudesse ser trabalhado através das artes humanas, havia literalmente milhões de fragmentos abandonados e pedaços moldados espalhados pelo mundo, alguns dos quais podiam ser aproveitados. Corporações dedicavam-se a encontrar Vidrantigo para necessidades especiais, cobrando quantias exorbitantes.

Dentro do cilindro, havia algo que Locke só poderia descrever como a escultura de uma cachoeira rochosa, mais alta do que um homem, na qual as pedras eram feitas inteiramente de volanis de prata e a “água” era um fluxo constante de milhares de centiras de cobre. O ruído dentro do invólucro de vidro à prova de som devia ser tremendo, mas para quem estava do lado de fora a coisa acontecia em silêncio absoluto. Algum mecanismo no piso mantinha o fluxo de moedas contínuo. Era algo excêntrico e hipnótico...

Locke nunca conhecera alguém capaz de decorar um salão com uma pilha de dinheiro.

– Mestre? O senhor supõe que eu tenha um.

– A senhora sabe que estou falando de Requin.

– Ele seria o primeiro a corrigir sua suposição. Violentamente.

– Então uma audiência particular nos daria a chance de esclarecer vários mal-entendidos.

– Ah, sem dúvida Requin falará com o senhor, *muito* em particular.

Selendri estalou os dedos da mão direita duas vezes e os quatro funcionários convergiram para Locke. A mulher apontou para cima; dois deles seguraram os braços do Nobre Vigarista com firmeza e começaram a levá-lo pela escada. Selendri os acompanhou, alguns degraus atrás.

O sexto andar era dominado por outra escultura dentro de um recipiente ainda maior de Vidrantigo. Parecia um círculo de ilhas vulcânicas, também construídas com volanis, flutuando num mar de solaris. De cada um dos picos de prata jorravam moedas de ouro maciço, até caírem no “oceano” borbulhante e reluzente. Os guardas de Requin mantinham um passo vigoroso demais para Locke captar outros detalhes da obra ou do salão. Passaram por mais dois funcionários uniformizados ao lado da escada e continuaram a subir.

No coração do sétimo andar havia um terceiro espetáculo envolvido por vidro, o maior até então. Locke piscou várias vezes e conteve um risinho de admiração.

Era uma escultura estilizada de Tal Verrar, ilhas de prata aninhadas num mar de moedas de ouro. Sobre a maquete da cidade, com um pé de cada lado dela, como um deus, havia a estátua de mármore em tamanho real de um homem que Locke reconheceu imediatamente. Assim como a pessoa representada, tinha um queixo redondo e protuberante, olhos grandes, malares curvos e proeminentes que davam ao rosto estreito um ar jovial, além de orelhas de abano que pareciam ter sido grudadas na cabeça em ângulo reto. Era Requin, cujas feições tinham uma semelhança razoável com uma marionete montada às pressas por um titereiro meio furioso.

Os braços da estátua estavam estendidos à frente, com as palmas viradas para cima na altura da cintura e, dos punhos do casaco de pedra, moedas de ouro jorravam continuamente na cidade embaixo.

Distraído, Locke só não tropeçou nos próprios pés porque os

funcionários que o seguravam apertaram seus braços com mais força. No topo da escada do sétimo andar, havia uma porta dupla de madeira laqueada. Selendri passou por Locke e pelos funcionários e enfiou sua mão de bronze em um pequeno nicho na parede à esquerda da porta. Acomodou-a em algum tipo de mecanismo e fez um meio giro com ela para a esquerda. Houve um estalo mecânico dentro da parede e a porta se abriu.

– Revistem-no – ordenou, passando pela porta sem se virar.

O casaco de Locke foi tirado rapidamente e ele foi cutucado, sondado, revistado e apalpado mais meticulosamente do que em sua última visita a um bordel. Os punhais da manga (algo perfeitamente comum para um homem importante carregar) foram confiscados, a bolsa foi sacudida, os sapatos tirados e um funcionário chegou a passar as mãos pelos seus cabelos. Quando o procedimento terminou, Locke – sem sapatos, sem casaco e um tanto desganhado – recebeu um empurrão pouco gentil na direção da porta por onde Selendri sumira.

Locke se viu em um espaço escuro não muito maior do que um armário grande. Uma escada em caracol de ferro preto, com largura suficiente para uma pessoa passar, levava até um quadrado de suave luz amarela. Locke subiu-a e saiu no escritório de Requin.

O recinto ocupava todo o oitavo andar da Agulha do Pecado; uma área junto à parede mais distante, isolada por cortinas de seda, provavelmente servia de quarto. Havia uma porta de sacada na parede da direita, coberta por uma tela deslizante. Locke podia ver um grande trecho escuro de Tal Verrar através dela, por isso presumiu que a porta desse para o leste.

Todas as outras paredes do escritório, como ouvira falar, eram prodigamente decoradas com pinturas a óleo: quase vinte quadros ao longo do perímetro visível do salão, em elaboradas molduras de madeira dourada. Obras-primas dos últimos anos do Trono Terim, época em que quase todo nobre da corte do Imperador mantinha um pintor ou escultor na coleira do patronato, ostentando-os como se fossem bichos de estimação. Locke não sabia identificá-los apenas olhando, mas segundo boatos havia dois Morestras e um Ventathis nas paredes de Requin. Esses dois artistas – com todos os seus esboços, livros de teoria e aprendizes – haviam morrido centenas de anos antes, na tempestade de fogo que consumira a cidade imperial de Terim Pel.

Selendri estava ao lado de uma ampla mesa de madeira cor de café fino,

atulhada de livros, papéis e minúsculos instrumentos mecânicos. Havia uma cadeira atrás dela, afastada, e Locke pôde ver os restos de um jantar – algum tipo de peixe num prato de ferro branco acompanhado por uma garrafa pela metade de vinho dourado claro.

Selendri encostou a mão de carne no simulacro de bronze e houve um estalo. A mão se desdobrou como as pétalas de uma flor reluzente. Os dedos foram para dentro, se encaixando ao longo do pulso e revelando um par de lâminas de aço enegrecido, com 15 centímetros de comprimento. Selendri mexeu-as como se fossem garras e fez um gesto para Locke ficar diante da mesa, virado para ela.

– Mestre Kosta. – A voz vinha de algum lugar atrás dele, de dentro da área oculta pela cortina de seda. – Que prazer! Selendri me disse que o senhor expressou interesse por ser *morto*.

– Nem de longe, senhor. Eu só disse à sua assistente que venho trapaceando com meu parceiro nos jogos dos quais participamos em sua Agulha do Pecado. Durante praticamente os dois últimos anos.

– Em todos os jogos – interveio Selendri. – O senhor falou *todos* os jogos.

– Ah, bom. – Locke deu de ombros. – Apenas pareceu mais dramático falar assim. É mais certo dizer *quase* todos os jogos.

– Esse homem é um palhaço – sussurrou Selendri.

– Ah, não. Bom, talvez de vez em quando. Mas agora, não.

Locke ouviu passos movendo-se às suas costas pelo piso de madeira de lei.

– O senhor veio aqui por causa de uma aposta – afirmou Requin, muito mais perto.

– Não no sentido que o senhor costuma usar.

Requin rodeou Locke e ficou diante dele, as mãos às costas, olhando-o com muita atenção. O homem era quase idêntico à estátua no andar abaixo; talvez alguns quilos mais gordo, com os cachos eriçados de cabelo cinza-azul em entradas maiores. O casaco comprido e justo era de veludo preto e as mãos estavam cobertas por luvas de couro marrom. Ele usava ópticos e Locke ficou surpreso ao ver que o brilho que na noite anterior havia considerado luz refletida estava de fato embutido no vidro. As lentes brilhavam num laranja translúcido, dando um tom demoníaco aos olhos grandes que estavam por trás. Certamente era alguma alquimia nova e cara, da qual Locke nunca ouvira falar.

– O senhor bebeu alguma coisa incomum esta noite, mestre Kosta? Um vinho desconhecido, talvez?

– A não ser que a própria água de Tal Verrar embriague, estou seco como areia cozida.

Requin foi para trás da mesa, pegou um pequeno garfo de prata, físgou um pedaço de peixe e apontou para Locke com ele.

– Então o senhor teve sucesso em trapacear aqui durante dois anos e, sem levar em conta a impossibilidade dessa afirmação, agora o senhor quer se entregar a mim. Consciência pesada?

– Nem remotamente.

– Um desejo sério de cometer um suicídio elaborado?

– Pretendo sair vivo deste escritório.

– Ah, o senhor não estará necessariamente morto até bater nas pedras do calçamento lá embaixo.

– Talvez eu possa convencê-lo de que valho mais intacto.

Requin mastigou o peixe antes de falar de novo.

– Como o senhor andou trapaceando, mestre Kosta?

– Principalmente usando prestidigitação.

– É mesmo? Eu consigo identificar os dedos de um carteador rápido só de olhar. Vejamos sua mão direita.

Requin estendeu a mão esquerda enluvada e Locke obedeceu, hesitante, como se os dois fossem se cumprimentar.

Requin agarrou a mão direita de Locke acima do pulso e bateu com ela em cima da mesa, mas em vez do estalo agudo que Locke esperava, sua mão acertou algum painel disfarçado e deslizou para uma abertura sob o tampo. Houve o *clac* alto de algum mecanismo, e uma pressão fria beliscou seu pulso. Locke saltou para trás, mas a mesa havia engolido sua mão como a bocarra de uma fera. As duas garras de aço de Selendri se viraram casualmente em sua direção e ele se imobilizou.

– Pronto. Mãos, mãos, mãos. Elas colocam os donos em muita encrenca, mestre Kosta. Selendri e eu sabemos muito bem disso.

Requin se virou para a parede atrás da mesa e deslizou um painel de madeira laqueada, revelando uma prateleira comprida e estreita engastada na parede.

Dentro, havia dezenas de frascos de vidro lacrados, cada um contendo algo escuro e murcho... Aranhas mortas? Não, eram mãos humanas.

Cortadas, secas e guardadas como troféus, os anéis ainda brilhando em muitos dedos curvados e secos.

– Antes de prosseguirmos para o inevitável, é isso que costumamos fazer – explicou Requin num tom levemente casual. – Mão direita, ta-ta. Cheguei a elaborar um belo procedimento. Antes eu tinha tapetes aqui, mas a droga do sangue fazia *bastante* sujeira.

– É muito prudente da sua parte. – Locke sentiu uma única gota de suor começar a deslizar devagar pela testa. – Estou tão pasmo e humilhado quanto o senhor sem dúvida esperava. Posso ter minha mão de volta?

– Na condição original? Duvido. Mas responda a algumas perguntas e veremos. Bom, dedos rápidos funcionam, como o senhor diz. Mas perdoe-me, meus funcionários são extremamente capazes de identificar prestidigitadores.

– Tenho certeza de que seus funcionários têm boa intenção. – Locke se ajoelhou diante da mesa, na posição mais confortável possível, e sorriu. – Mas eu posso fazer um gato vivo aparecer dançando num baralho comum de 56 cartas e escondê-lo de novo sem problema. Outros jogadores podem reclamar do barulho, mas nunca vão descobrir a fonte.

– Ponha um gato vivo na minha mesa, então.

– Foi... ahn... uma pitoresca figura de linguagem. Infelizmente, gatos vivos não estão na moda como acessórios noturnos para os cavalheiros de Tal Verrar nesta estação.

– Que pena. Mas não é nenhuma surpresa: já houve um bocado de homens mortos ajoelhados onde o senhor está agora, soltando pitorescas figuras de linguagem e pouca coisa a mais.

Locke suspirou.

– Seus rapazes tiraram meu casaco e meus sapatos e, se tateassem um pouco mais, iriam manusear meu fígado. Mas o que é isso?

Ele sacudiu a manga esquerda e ergueu a mão para mostrar que, de algum modo, um baralho havia caído nela.

Selendri ameaçou o pescoço de Locke com suas lâminas, mas Requin fez um gesto para que ela parasse e abriu um sorriso.

– Ele não pode me matar com um maço de cartas, querida. Nada mau, mestre Kosta.

– Agora, vejamos.

Locke estendeu o braço para o lado, com o baralho firme em sua mão,

virado para cima. Uma torção do pulso, um peteleco com o polegar e o baralho foi cortado. Ele começou a flexionar e abrir os dedos, aumentando cada vez mais o ritmo até que eles se moviam como uma aranha tendo aulas de esgrima. Cortando e embaralhando, cortando e embaralhando, nada menos que uma dúzia de vezes. Então, com um floreio suave, bateu com o baralho e abriu-o num longo arco, deslocando vários dos badulaques de Requin.

– Escolha uma. Qualquer uma. Veja qual é, mas não mostre a mim.

Requin obedeceu. Enquanto ele olhava a carta que havia escolhido, Locke juntou o resto do maço com um movimento reverso por cima da mesa; embaralhou e cortou de novo, deixando metade em cima da mesa.

– Ponha a carta que o senhor escolheu em cima da metade do baralho. Lembre-se dela agora.

Requin devolveu a carta e Locke bateu com a outra metade do baralho em cima. Pegando o maço inteiro, fez mais cinco vezes seu movimento de cortar e embaralhar com apenas uma das mãos. Depois deslizou a carta de cima do baralho – o quatro de cálices – para cima da mesa e sorriu.

– Esta, Senhor da Agulha do Pecado, é a sua carta.

– Não – replicou Requin com um risinho.

– Merda. – Locke tirou a próxima carta do topo, a chancela do sol. – Arrá, eu sabia que ela estava por aí, em algum lugar.

– Não – repetiu Requin.

– Maldição. – Locke rapidamente mostrou as próximas cartas. – Oito de cúspides? Três de cúspides? Três de cálices? Chancela dos Doze? Cinco de sabres? Merda. Mestra das Flores?

Requin balançou a cabeça para cada uma delas.

– Ahn... Desculpe.

Locke pousou o baralho na mesa de Requin, em seguida abriu a abotoadura da manga direita e arregaçou a manga, procurando algo. Depois de alguns segundos, colocou tudo de volta no lugar e, de repente, havia outro maço de cartas em sua mão esquerda.

– Vejamos... Sete de sabres? Três de cúspides? Não, já falamos essa... Dois de cálices? Seis de cálices? Mestre dos Sabres? Três de flores? Droga, droga. Esse baralho não era tão bom, afinal de contas.

Locke posicionou o segundo baralho ao lado do primeiro, pareceu coçar um ponto perto da faixa preta e estreita acima da calça, então ergueu um

terceiro maço. Sorriu para Requin e ergueu as sobrancelhas.

– Esse truque funcionaria melhor se eu pudesse usar a mão direita.

– Por quê, se você parece estar se saindo tão bem sem ela?

Locke suspirou e levantou a carta de cima do novo baralho sobre a pilha crescente em volta da mesa.

– Nove de cálices! Parece familiar?

Requin riu e balançou a cabeça. Lock pousou o terceiro maço ao lado dos que já estavam na mesa de Requin, levantou-se e conjurou mais um na região superior das calças.

– Mas seus empregados saberiam, claro, se eu estivesse carregando quatro baralhos escondidos, já que são tão *hábeis* em identificar algo assim num homem sem paletó nem sapatos... Espere, quatro? Posso ter contado errado...

De algum lugar dentro da túnica de seda, ele pegou um quinto baralho, que se juntou à pequena torre de cartas empilhadas cada vez mais precariamente na beira da mesa.

– Sem dúvida eu não poderia ter escondido *cinco* baralhos dos seus guardas, mestre Requin. Cinco seria ridículo. Mas aí estão. Para fazer surgir mais, eu teria de começar a tirá-las de algum lugar desagradável. E sinto dizer que não tenho a carta que o senhor escolheu. Mas espere um minuto... Sei onde ela pode ser encontrada...

Ele estendeu a mão por cima da mesa de Requin, tateou junto à base da garrafa de vinho e exibiu uma carta virada para baixo sob ela.

– Sua carta – anunciou, girando-a nos dedos da mão esquerda. – Dez de sabres.

Requin riu, mostrando uma ampla arcada de dentes amarelados sob os círculos de fogo laranja de seus ópticos.

– Muito bom. Muito bom. E com apenas uma das mãos. Mas, mesmo que eu admita que o senhor consegue realizar esses truques sempre, diante de meus funcionários e meus outros clientes... o senhor e mestre de Ferra passaram muito tempo em jogos que são mais rigorosamente controlados do que as mesas de baralho abertas.

– Posso explicar como vencemos esses também. É só me libertar.

– Por que abrir mão de uma vantagem nítida?

– Então troque-a por outra. Liberte minha mão direita – pediu Locke, pondo em suas palavras o máximo de sinceridade passional – e eu lhe direi

exatamente por que o senhor não deve confiar na segurança atual da Agulha do Pecado.

Requin o encarou, cruzou os dedos enluvados e enfim assentiu para Selendri. Ela afastou suas lâminas – mas manteve-as apontadas para Locke – e apertou um interruptor atrás da mesa. De repente, Locke ficou livre para se levantar cambaleando, esfregando o pulso direito.

– Muito gentil da sua parte – agradeceu Locke com uma tranquilidade que era pura invenção. – Agora... sim, nós jogamos muito mais do que nas mesas abertas. Mas que jogos evitamos deliberadamente? Vermelhos e Pretos. Conte até Vinte. Desejo da Bela Donzela. Todos os jogos em que um cliente compete com a Agulha do Pecado, e não com outro cliente. Jogos planejados matematicamente para dar uma vantagem substancial à casa.

– É difícil lucrar de outro modo, mestre Kosta.

– Sim. Eles não prestam aos objetivos de um trapaceiro como eu, pois preciso de carne e sangue para enganar. Não me importa quantos mecanismos e quantos funcionários o senhor coloque. Num jogo entre clientes, a trapaça *sempre* encontra um modo de se imiscuir, com tanta certeza quanto a água penetra nas rachaduras de um navio.

– Mais falas ousadas – comentou Requin. – Admiro a loquacidade nos condenados, mestre Kosta. Mas o senhor e eu sabemos que não há como trapacear, digamos, no Carrossel da Sorte, a não ser com uma cumplicidade quádrupla entre os participantes, o que tornaria o jogo absolutamente sem sentido.

– Certo. Não há como trapacear no carrossel ou nas cartas, pelo menos aqui na sua Agulha. Mas, quando não podemos trapacear no jogo, devemos trapacear os jogadores. O senhor sabe o que é *bela paranella*?

– Um soporífero. Alquimia cara.

– Isso. Incolor, insípida e duplamente eficaz se tomada com álcool. Jerome e eu empoamos os dedos antes de pegar nossas cartas em cada partida, ontem à noite. Madame Corvaleur tem um conhecido hábito de comer e lambe os dedos enquanto joga. Cedo ou tarde ela acabaria ingerindo a droga em quantidade suficiente para apagar.

– Ora, ora! – Requin parecia genuinamente perplexo. – Selendri, você sabe alguma coisa sobre isso?

– Posso responder pelo menos pelos hábitos de Corvaleur – sussurrou ela. – Parece que é seu método preferido para irritar os oponentes.

– E irritava mesmo – concordou Locke. – Foi um tremendo prazer vê-la se estrear.

– Admito que sua história é remotamente plausível – observou Requin. – Eu estava... curioso com a estranha incapacitação de Izmila.

– Aquela mulher parece um casarão de Vidrantigo. Jerome e eu tínhamos mais frascos vazios do que ela; o que ela havia bebido não afetaria nem os cílios, se não fosse o pó.

– Talvez. Mas vamos falar de outros jogos. Que tal Alianças Cegas?

O jogo de Alianças Cegas era disputado numa mesa circular com divisórias altas especialmente desenhadas, postas diante das mãos de cada jogador, de modo que todo mundo, menos a pessoa diretamente à frente – o parceiro –, pudesse ver pelo menos algumas cartas. Cada participante silencioso deveria colocar o pé direito em cima do pé esquerdo da pessoa à direita, assim nenhum jogador poderia fazer sinais para o aliado. Dessa forma, os parceiros precisavam jogar por instinto e dedução desesperada, isolados da visão, da voz e do toque um do outro.

– Estratagema de criança. Jerome e eu mandamos construir botas especiais, com dedos de ferro fundido embaixo do couro. Deslizávamos os pés cuidadosamente para trás e o ferro fornecia a sensação de uma bota para a pessoa ao lado. Poderíamos sinalizar livros inteiros um para o outro com o código que temos. O senhor já conheceu alguém que dominasse aquele jogo tão completamente como nós fizemos?

– O senhor não pode estar falando sério.

– Posso lhe mostrar as botas.

– Bom, foi uma sorte extraordinária... mas e o bilhar? O senhor teve uma vitória bastante famosa contra lorde Landreval. Como pode ter trapaceado naquilo? Minha casa fornece todo o material do jogo.

– Sim, de modo que não pode ser alterado. Eu paguei 10 solaris ao galeno de Landreval para que me informasse sobre seus problemas médicos. Por acaso, ele é alérgico a limões. Toda noite, antes de jogarmos com ele, Jerome e eu esfregávamos o pescoço, as bochechas e as mãos com limões cortados e usávamos outros óleos para encobrir o cheiro. Depois de meia hora na nossa presença, o lorde ficava tão inchado que mal conseguia enxergar. Não sei bem se ele chegou a perceber qual era o problema.

– O senhor está dizendo que ganhou mil solaris com algumas fatias de *limão*? Absurdo.

– Na verdade, eu perguntei educadamente se ele me emprestaria mil solaris e ele se ofereceu para deixar que o humilhássemos publicamente em seu jogo predileto, por pura gentileza.

– Hmmpf.

– Com que frequência Landreval perdia antes de conhecer a mim e Jerome? Uma vez em cada cinquenta jogos?

– Limões. Não é possível!

– Quando não se pode trapacear no jogo, é melhor encontrar um modo de trapacear o jogador. Tendo informações e preparando-se, não há um só jogador na Agulha que Jerome e eu não possamos fazer dançar como uma marionete. Diabos, alguém com meus talentos, que soubesse o bastante sobre mim, provavelmente poderia me enganar direitinho também.

– É uma boa história, mestre Kosta. – Requin tomou um gole de seu vinho. – Imagino que posso, por caridade, acreditar pelo menos em parte das afirmações. Eu suspeitava que o senhor e seu amigo não fossem mais especuladores mercantis do que eu, mas na minha torre o senhor pode afirmar que é um duque ou um dragão de três dedos, desde que tenha crédito sólido. O senhor certamente tinha isso antes de entrar no meu escritório esta noite. O que nos traz à pergunta mais importante de todas: por que, diabos, está me contando isso?

– Eu precisava da sua atenção.

– O senhor já a possuía.

– Eu precisava de mais do que isso. Precisava de que o senhor conhecesse minhas habilidades e minhas inclinações.

– E agora o senhor tem isso também, na medida em que aceito sua história. O que *exatamente* o senhor acha que isso lhe garante?

– Uma chance de que o que vou falar em seguida será ouvido.

– Verdade?

– Não estou aqui para enganar seus clientes em troca de milhares de solaris, Requin. Foi divertido, mas é algo secundário com relação ao meu objetivo real. – Locke abriu as mãos e sorriu como se pedisse desculpas. – Fui contratado para invadir seu cofre assim que descobrir um modo de tirar tudo o que há dentro, bem debaixo do seu nariz.

Requin piscou, surpreso.

– Impossível!

– Inevitável.

– Agora não estamos falando de prestidigitação ou de limões, mestre Kosta. Explique-se.

– Meus pés estão começando a doer. E minha garganta está meio seca.

Requin encarou-o, depois deu de ombros.

– Selendri, uma cadeira para mestre Kosta. E uma taça.

Franzindo a testa, Selendri se virou e pegou junto à parede uma cadeira de madeira escura, lindamente entalhada e com uma fina almofada de couro. Colocou-a atrás de Locke, que sentou-se com um sorriso no rosto. Após um tempo, ela voltou com uma taça de cristal, que entregou a Requin. O homem pegou a garrafa de vinho e serviu uma dose generosa de líquido vermelho. Líquido *vermelho*? Locke piscou, mas então relaxou. *Kameleona*, o vinho mutável, claro. Uma das centenas de famosas safras alquímicas verraris. Requin entregou-lhe a taça e sentou-se no tampo da mesa com os braços cruzados.

– À sua saúde – disse Requin. – Ela precisa de toda ajuda possível.

Locke tomou um longo gole do vinho quente e se permitiu alguns segundos de contemplação. Maravilhou-se com o modo com que o sabor de abricós se transmutava no gosto mais pungente de maçã um pouquinho ácida na metade do gole. Esse gole valera 20 volanis, se seu conhecimento sobre o mercado da bebida ainda era exato. Assentiu com apreciação para Requin, que gesticulou com desinteresse.

– Não pode ter escapado à sua atenção, mestre Kosta, que meu cofre é o mais seguro de Tal Verrar: o espaço mais bem-protegido de toda a cidade, até mais do que os aposentos particulares do próprio Arconte. – Requin repuxou o couro justo da luva direita com os dedos da mão esquerda. – Ou que ele fica dentro de uma estrutura de Vidrantigo puríssimo e só é acessível através de vários níveis de artifícios mecânicos e metalúrgicos que, se é que posso acariciar meu próprio ego, são inigualáveis. Ou que metade dos conselheiros do *Priori* o têm em tão alta conta que colocam nele boa parte de suas fortunas pessoais.

– É claro. Dou-lhe os parabéns por uma clientela tão lisonjeira. Mas as portas de seu cofre são guardadas por engrenagens feitas por homens. O que um homem tranca, cedo ou tarde outro destranca.

- Repito: é impossível.
- E eu corrijo de novo: *é difícil*. “Difícil” e “impossível” são primos que costumam ser confundidos, mas têm muito pouco em comum.
- O senhor tem mais chance de dar à luz um hipopótamo do que o melhor ladrão tem de passar pelos dispositivos do cofre. Mas isso é bobagem; poderíamos ficar aqui a noite toda disputando quem tem o pau maior. Eu digo que o meu mede 1,5 metro, o senhor diz que o seu mede 2 e dispara sob comando. Vamos voltar logo à conversa significativa. O senhor admite que é fora de questão enganar meus jogos. Meu cofre é o mecanismo mais seguro de todos; portanto *eu* sou a carne e o sangue que o senhor presumia lograr?
- É possível que esta conversa represente minha desistência dessa esperança.
- O que o fato de enganar meus clientes tem a ver com tramar a entrada no meu cofre?
- Originalmente, nós jogávamos apenas para nos misturar aos clientes e esconder que observávamos suas operações. O tempo passou e não fizemos progresso. A trapaça era uma diversão para tornar os jogos mais interessantes.
- Minha casa o deixa entediado?
- Jerome e eu somos ladrões. Andamos trapaceando nas cartas e afanando coisas a leste e oeste, daqui até Camorr e vice-versa, durante anos. Girar carrosséis com os ricos só é divertido por um tempo e não estávamos indo longe com o trabalho, por isso precisávamos continuar nos divertindo.
- Trabalho. É, o senhor disse que foi contratado para vir aqui. Seja mais claro.
- Meu parceiro e eu fomos mandados aqui como homens de frente para uma coisa muito elaborada. *Alguém* por aí quer que seu cofre seja esvaziado. Não meramente penetrado e, sim, pilhado. Saqueado e deixado para trás sem nada.
- Alguém?
- Alguém. Não faço a mínima ideia de quem seja; Jerome e eu fomos contratados através de intermediários. Todos os nossos esforços para descobri-los foi em vão. Nosso contratante é tão anônimo para nós quanto era há dois anos.

– O senhor trabalha frequentemente para contratantes anônimos, mestre Kosta?

– Só para os que me pagam com grandes pilhas de ouro, em metal vivo. E posso garantir: esse tem nos pagado muito bem.

Requin sentou-se atrás da mesa, tirou os ópticos e esfregou os olhos com as mãos enluvadas.

– Qual é esse jogo novo, mestre Kosta? Por que me conta tudo isso?

– Estou cansado do nosso patrão. Estou cansado da companhia de Jerome. Percebi que Tal Verrar é muito do meu gosto e desejo arranjar uma nova situação para mim.

– Deseja virar a casaca?

– Se o senhor prefere colocar desse modo, sim.

– E o que eu tenho a ganhar com isso?

– Primeiro, um meio de trabalhar contra meu patrão atual. Jerome e eu não somos os únicos agentes enviados contra o senhor. Nosso serviço é o cofre, e nada mais. Todas as informações que reunimos sobre suas operações são repassadas a outra pessoa. Eles estão esperando que encontremos um modo de invadir sua caixa de dinheiro e, em seguida, têm outros planos para o senhor.

– Continue.

– O outro benefício seria mútuo. Eu quero um emprego. Estou cansado de correr de uma cidade para outra atrás de trabalho. Quero me acomodar em Tal Verrar, encontrar uma casa, talvez uma mulher. Depois de ajudá-lo a cuidar do meu patrão atual, quero trabalhar para o senhor aqui.

– Fazendo espetáculos, talvez?

– O senhor precisa de um chefe de segurança dos salões. Responda com sinceridade: o senhor continua tão complacente agora com relação à segurança quanto antes? Eu sei como trapacear em cada jogo que *pode* ser trapaceado aqui, e, se não fosse mais inteligente do que os seus funcionários, já estaria morto. Quem melhor do que eu para manter seus clientes jogando limpo?

– Seu pedido é... lógico. Sua disposição a abandonar seu patrão não é. Não tem medo da vingança?

– Não se eu puder ajudar o senhor a superar essa situação. O problema é a identificação. O senhor tem todas as quadrilhas de Tal Verrar sob seu punho e é ouvido pelo *Priori*. Certamente poderia fazer os arranjos caso

descobrísemos um nome.

– E o seu parceiro, mestre de Ferra?

– Nós trabalhamos bem juntos, mas não faz muito tempo que discutimos com relação a uma questão intensamente pessoal. Ele acredita que o insulto está esquecido; garanto que não. Quero ficar quite com ele quando tivermos cuidado do nosso patrão atual. Quero que ele saiba, antes de morrer, que já estou farto. Se possível, gostaria de matá-lo pessoalmente. Isso e o trabalho são meus últimos pedidos.

– Hummmm. O que acha de tudo isso, Selendri?

– Alguns mistérios ficam melhores com a garganta cortada – sussurrou ela.

– Você pode temer que eu queira substituí-la – disse Locke. – Garanto: quando falei em ser chefe de segurança dos salões, quis dizer chefe de segurança *dos salões*. Não quero o seu cargo.

– E você jamais poderia tê-lo, mestre Kosta, mesmo se quisesse. – Requin passou os dedos pelo antebraço direito de Selendri e apertou sua mão intacta. – Admiro sua ousadia só até certo ponto.

– Desculpem-me os dois. Não tinha intenção de ser presunçoso. Selendri, se é que isso vale alguma coisa, eu concordo com você. Na sua posição, livrar-se de mim pareceria o mais sensato. Os mistérios *são* perigosos para as pessoas na nossa profissão. Não estou mais satisfeito com o mistério do meu trabalho atual. Quero uma vida mais previsível. O que peço e o que ofereço são coisas objetivas.

– E em troca – falou Requin – eu recebo possíveis informações sobre uma suposta ameaça contra um cofre que incrementei, com um projeto feito por mim, para se tornar impenetrável.

– Há alguns instantes o senhor expressou a mesma confiança quando falava de seus funcionários e da capacidade de eles identificarem trapaceiros.

– O senhor penetrou na segurança do meu cofre tão completamente quanto diz que dançou ao redor dos meus funcionários, mestre Kosta? O senhor ao menos penetrou nele?

– Só preciso de tempo. Se eu tiver tempo, um modo irá se tornar claro, cedo ou tarde. Não estou desistindo porque é difícil e, sim, porque é o que quero. Mas não aceite apenas minha palavra como prova de sinceridade; examine as atividades de Jerome e as minhas. Pesquise tudo que estivemos realizando em sua cidade nos últimos dois anos. Fizemos alguns progressos

que podem abrir seus olhos.

– Farei isso. E, nesse meio-tempo, o que devo fazer com o senhor?

– Nada de extraordinário. Faça suas sondagens. Fique de olho em Jerome e em mim. Continue a deixar que joguemos na Agulha; prometo jogar mais limpo, pelo menos nos próximos dias. Permita-me pensar nos meus planos e reunir as informações que puder sobre meu empregador anônimo.

– Deixar que o senhor saia daqui incólume? Por que não prendê-lo num lugar seguro enquanto vasculho seu passado?

– Se me levar a sério o bastante para considerar qualquer parte da minha oferta, o senhor também deve levar a sério a ameaça de meu empregador. A qualquer sugestão de que fui descoberto, Jerome e eu podemos ser dispensados. E lá se vai sua oportunidade.

– E lá se vai sua utilidade, é o que quer dizer. Devo aceitar muita coisa apenas pela fé, tratando-se de um homem que promete trair e matar o parceiro de trabalho.

– O senhor segura minha bolsa tão bem quanto sua mesa segurou minha mão. Todas as moedas que tenho estão em Tal Verrar, mantenho-as aqui na Agulha do Pecado. O senhor pode procurar meu nome em qualquer casa de contabilidade da cidade e não irá encontrá-lo. Voluntariamente, lhe dou essa vantagem sobre mim.

– Um homem com um ressentimento genuíno poderia mijar em todo o ferro branco do mundo em troca de uma chance contra seu alvo verdadeiro, mestre Kosta. Já fui esse tipo de alvo por vezes demais para me esquecer disso.

– Não sou obtuso. – Locke pegou de volta um dos seus baralhos na mesa de Requin e o embaralhou algumas vezes sem olhar. – Jerome me insultou sem motivo. Se me pagar bem e me tratar bem, jamais lhe darei motivo para um desprazer.

Locke tirou a primeira carta do maço e depositou-a virada para cima, ao lado do resto do jantar de Requin. Era o Mestre das Cúspides, do naipe pontiagudo como agulhas.

– Eu escolhi deliberadamente ficar do seu lado, se o senhor me aceitar. Faça uma aposta, mestre Requin. As chances são favoráveis.

Requin tirou os ópticos do bolso do casaco e colocou-os no rosto. Olhou para a carta, pensativo; o silêncio se manteve por um tempo. Locke tomou um gole de vinho, que havia se transformado em azul-claro e agora tinha

gosto de junípero.

– Por que, deixando de lado todas as outras considerações, eu deveria permitir que você viole a regra básica da minha Agulha por iniciativa própria e não sofra nada em troca? – indagou Requin.

– Só porque imagino que os trapaceiros são comumente descobertos por seus funcionários enquanto os outros clientes estão observando – respondeu Locke, tentando parecer o mais sincero e contrito possível. – Fora desta sala, ninguém sabe da minha confissão. Selendri nem disse aos seus funcionários por que estavam me trazendo aqui.

Requin suspirou, tirou um solari de dentro do casaco e colocou-o em cima da carta do Mestre das Cúspides.

– Vou fazer uma pequena aposta por enquanto. Se fizer alguma coisa incomum ou alarmante, o senhor não viverá o bastante para reconsiderar. Diante da menor sugestão de que algo que me contou era mentira, mandarei que derramem vidro derretido pela sua garganta.

– Ah... parece justo.

– Quanto dinheiro o senhor tem no livro-caixa aqui?

– Pouco mais de 3 mil solaris.

– Dois mil deles não são mais seus. Permanecerão no livro-caixa para que mestre de Ferra não suspeite, mas vou dar instruções de que o dinheiro não seja dado ao senhor. Considere isso uma lembrança de que minhas regras não devem ser violadas por iniciativa de ninguém, além de mim.

– Ui. Acho que devo me sentir grato. Quero dizer, eu estou. Obrigado.

– Ande pisando em ovos comigo, mestre Kosta. Pise delicadamente.

– Então posso ir? E posso considerar que o senhor é meu patrão?

– Pode ir. E pode considerar que eu o *suporto*. Falaremos de novo quando eu souber mais sobre seu passado recente. Selendri vai acompanhá-lo de volta ao térreo. Saia da minha vista.

Com um ar de leve desapontamento, Selendri dobrou os dedos de bronze de sua mão artificial até ela estar inteira de novo e as lâminas escondidas. A mulher fez um gesto para a escada com essa mão. No olho bom, via-se exatamente quanta paciência ela possuía de sobra para ele, caso a de Requin começasse a se esvaír.

Jean estava sentado, lendo, num reservado particular no Claustro de Ouro, um clube no segundo nível do Savrola, a poucos quarteirões da Villa Candessa. O local era um labirinto de recintos de madeira escura forrados com couro e acolchoados para atender a clientes que desejavam comer com algum grau de solidão. Os garçons, com seus aventais de couro e gorros vermelhos pendentes, eram proibidos de falar, respondendo aos pedidos de todos os clientes apenas com movimentos de cabeça.

O jantar de Jean, enguia-da-rocha defumada em molho de conhaque caramelo, estava retalhado e espalhado como restos de uma batalha. Ele ia abrindo caminho lentamente pela sobremesa, um amontoado de libélulas de marzipã com asas de açúcar cristalizado que reluziam no brilho fixo das velas do reservado. Estava absorto por um exemplar encadernado em couro da *Tragédia dos dez vira-casacas honestos*, de Lucarno, e só notou Locke quando o amigo já estava sentado diante dele no reservado.

– Leocanto! Você me deu um susto.

– Jerome. – Os dois falavam praticamente aos sussurros. – Você estava mesmo nervoso, não estava? O nariz enterrado num livro para não enlouquecer. Certas coisas não mudam nunca.

– Eu não estava nervoso. Apenas um tanto quanto preocupado.

– Não precisava.

– Então está feito? Fui traído com sucesso?

– Bem traído. Completamente vendido. É um defunto ambulante.

– Maravilhoso! E a reação dele?

– Desconfiado. Eu diria que é o ideal. Se estivesse entusiasmado demais, eu me preocuparia. E se não estivesse nem um pouco entusiasmado, bom...

– Locke fez a mímica de enfiar uma faca no peito e sacudi-la várias vezes. – Isso é enguia defumada?

– Sirva-se. É recheada com abricós e cebolas amarelas macias. Não é totalmente do meu gosto.

Locke pegou o garfo de Jean e comeu alguns pedaços de enguia; sentiu-se menos avesso ao recheio do que Jean.

– Parece que vamos perder dois terços da minha conta – informou depois de fazer algum progresso no prato. – Uma penalidade pela trapaça, para me lembrar de não abusar muito da paciência de Requin.

– Bom, de qualquer modo nós não esperávamos sair da cidade com o dinheiro que está naquelas contas. Mas seria bom tê-lo pelo menos por mais

algumas semanas.

– É verdade. Mas acho que a alternativa seria uma mão amputada. O que você estava lendo?

Jean mostrou o título e Locke fingiu engasgar.

– Por que é sempre Lucarno? Você carrega as porcarias dos romances dele aonde quer que vá. Seu cérebro vai amolecer com toda essa bobagem. Você vai acabar servindo apenas para cuidar de canteiros de flores, e não para participar de roubos.

– Bom, sem dúvida eu criticaria os seus hábitos de leitura, mestre Kosta, caso visse o senhor desenvolver algum.

– Já li um bocado!

– História e biografias, principalmente o que Correntes receitava para você.

– O que poderia haver de errado com esses temas?

– Quanto à história, nós estamos vivendo nas ruínas dela. E quanto às biografias, estamos convivendo com as consequências de todas as decisões que já foram tomadas nelas. Não costumo lê-las por prazer. Não é diferente de examinar com cuidado um mapa quando já chegamos ao destino.

– Mas os romances não são reais, e certamente nunca foram. Isso não tira parte do sabor?

– Que escolha interessante de palavras! “Não são reais, e certamente nunca foram”. Poderia haver literatura mais adequada a homens da nossa profissão? Por que você é sempre tão avesso à ficção, quando nós a utilizamos como meio de vida?

– Eu vivo no mundo real e meus métodos são do mundo real. Como você acaba de dizer, eles são parte da minha profissão. Uma questão prática, não uma loucura romântica.

Jean pousou o livro na mesa e bateu na capa.

– É para aí que você e eu vamos, Espinho, ou pelo menos você vai. Procure por nós nos livros de história e estaremos à margem. Procure por nós nas lendas e talvez nos encontre exaltados.

– Descritos com mentiras, de maneira exagerada, você quer dizer. Caluniados ou pisoteados. A verdade de tudo que fazemos morrerá conosco e ninguém jamais saberá de nada.

– Melhor isso do que a obscuridade! Lembro que você já sentiu uma tremenda atração pelo drama. Por peças de teatro, no mínimo.

– É. – Locke cruzou as mãos sobre a mesa e acrescentou ainda mais baixo: – E você sabe o que aconteceu.

– Desculpe – disse Jean com um suspiro. – Eu sei que não deveria falar de novo desse assunto ruivo específico.

Um garçom apareceu na entrada do pequeno reservado, olhando atentamente para Locke.

– Ah, não – falou Locke, pousando o garfo de Jean no prato de enguias. – Para mim, nada, infelizmente. Só estou aqui esperando meu amigo terminar suas pequenas vespas açucaradas.

– Libélulas. – Jean colocou a última na boca, engoliu-a quase inteira e guardou o livro dentro do casaco. – Traga a conta e eu resolvo a coisa com você.

O garçom assentiu, tirou os pratos usados e deixou um pedaço de papel preso numa pequena tabuleta de madeira.

– Bom – disse Locke enquanto Jean contava as moedas de cobre tiradas da bolsa –, não temos compromissos pelo resto da noite. Sem dúvida Requin está nos espiando agora. Acho que uma ou duas noites de relaxamento brando seria adequado, para não incomodá-lo.

– Fantástico. Por que não perambulamos um pouco, e que tal pegar um barco até as Galerias de Esmeralda? Lá há cafés e música. Leo e Jerome poderiam ficar de pileque e perseguir dançarinas de tavernas?

– Jerome pode matar quanta cerveja quiser e incomodar dançarinas de taverna até o sol nos perseguir de volta para casa. Leo vai sentar-se e assistir às festividades.

– Que tal brincar de “identificar a sombra” com o pessoal do Requin?

– Talvez. Maldição, eu gostaria que tivéssemos o Pulga para espreitar nos telhados para nós. Seria bom ter um par de olhos no alto; não há nenhum de confiança nesta porcaria de cidade.

– Eu gostaria que ainda tivéssemos o Pulga, e ponto final – replicou Jean com um suspiro.

Foram até o saguão do clube, conversando baixinho sobre negócios imaginários entre os mestres Kosta e De Ferra, improvisando para os possíveis ouvidos curiosos. Passava pouco mais da meia-noite quando entraram na ordem discreta e familiar e nos muros altos do Savrola. O lugar era artificialmente limpo: ali não havia camelôs, nem sangue nos becos, nem mijo nas sarjetas. As ruas de tijolos cinza eram bem iluminadas por

lanternas prateadas em suportes de ferro oscilantes. Todo o distrito parecia emoldurado pelo luar claro, apesar de o céu naquela noite estar coberto por um alto teto de nuvens escuras.

A mulher os esperava nas sombras, à esquerda de Locke.

Ela acompanhou sua passada enquanto ele e Jean seguiam pela rua. Um dos punhais na manga de Locke caiu na palma de sua mão antes que ele pudesse controlar o reflexo, mas a mulher permaneceu a um metro de distância, com as mãos às costas. Era um tanto jovem, baixa e magra, com cabelo escuro repuxado num rabo de cavalo longo. Usava um casaco escuro elegante e um chapéu de quatro bicos com um lenço de pescoço cinza e comprido que tremulava atrás de si como uma flâmula de navio.

– Leocanto Kosta – chamou ela, com uma voz agradável e tranquila. – Sei que você e seu amigo estão armados. Não vamos criar dificuldades.

– Perdão, senhora?

– Se mexer com esse punhal na sua mão, uma flecha vai atravessar suas costas. Diga ao seu amigo para manter as machadinhas dentro do casaco. Apenas vamos continuar andando.

Jean começou a mover a mão esquerda por baixo do casaco; Locke o conteve com a mão direita e balançou a cabeça com vigor. Não estavam sozinhos na rua; pessoas andavam aqui e ali a negócios ou por prazer, mas algumas encaravam os dois ou estavam paradas em becos e sombras, usando casacos pesados além da conta.

– Merda – murmurou Jean. – Nos telhados.

Locke olhou de relance para cima. Do outro lado da rua, sobre os prédios de pedra de três e quatro andares, podia ver as silhuetas de pelo menos dois homens movendo-se devagar, carregando objetos finos e curvados nas mãos. Arcos.

– Parece que nos pegou em desvantagem, senhora – disse Locke, enfiando o punhal num bolso do casaco e mostrando a mão vazia. – A que devemos o prazer de sua atenção?

– Alguém quer ter uma conversa com os senhores.

– Sem dúvida essa pessoa sabe onde nos encontrar. Por que ela simplesmente não janta conosco?

– A conversa deveria ser particular, não acha?

– Um homem numa torre muito alta mandou a senhora?

Ela apenas sorriu em resposta. Um instante depois, fez um gesto à frente.

– Na próxima esquina virem à esquerda. Os senhores verão uma porta aberta, no primeiro prédio à direita. Entrem. Sigam as instruções.

De fato, a porta aberta prometida estava esperando logo após a próxima encruzilhada, um retângulo de luz amarela que se derramava pelo chão. A mulher entrou primeiro. Consciente da presença de pelo menos quatro ou cinco pessoas espreitando, além dos arqueiros nos telhados, Locke suspirou e fez um rápido sinal de mão para Jean: *calma, calma*.

O lugar parecia uma oficina inativa, mas em bom estado. Havia mais seis pessoas no cômodo, homens e mulheres de gibões de couro com debruns prateados, as costas junto às paredes. Quatro seguravam balestras carregadas, o que apagou por completo qualquer pensamento de resistência que Locke poderia estar nutrindo. Nem Jean poderia compensar a desvantagem.

Um dos homens com balestra fechou silenciosamente a porta e a mulher que trouxera Locke e Jean se virou. A frente de seu casaco se abriu e Locke pôde ver que ela também usava uma armadura de couro reforçado. Ela estendeu as mãos.

– Armas – pediu com educação, mas de modo firme. – Depressa, agora. Locke e Jean se entreolharam e ela riu.

– Não sejam burros, cavalheiros. Se quiséssemos matá-los, os senhores já estariam pregados à parede. Eu cuido de seus bens para os senhores.

Lentamente, resignado, Locke removeu um dos seus punhais do bolso e sacudiu o outro da manga do casaco e Jean entregou o par de machadinhas e nada menos do que três adagas.

– Gosto de homens que viajam preparados – comentou a mulher.

Ela entregou as armas a um dos homens atrás dela e tirou dois capuzes de dentro da capa. Jogou um para Locke e outro para Jean.

– Enfiem na cabeça, por favor. Assim, poderemos continuar nossos negócios.

– Por quê? – Jean farejou o capuz, em guarda, e Locke o imitou. O tecido parecia limpo.

– Para sua própria proteção. Querem mesmo estar com o rosto à mostra enquanto os arrastamos pela rua sob guarda?

– Acho que não – respondeu Locke.

Enfiou o capuz na cabeça e descobriu que isso o deixava na escuridão completa.

Houve som de passos e o farfalhar de capas. Mãos fortes agarraram os braços de Locke e os forçaram unidos às costas. Um instante depois, ele sentiu algo sendo amarrado com força em volta dos pulsos. Houve um tumulto alto e vários grunhidos irritados ao lado dele; provavelmente fora preciso um bom número de pessoas para render Jean.

– Pronto – falou a mulher, a voz vindo de trás de Locke. – Agora andem depressa. Não se preocupem, vocês serão amparados.

Com “amparados”, ela obviamente queria dizer que eles seriam agarrados e carregados. Locke sentiu mãos apertando seus bíceps e pigarreou.

– Aonde vamos?

– Dar um passeio de barco, mestre Kosta. Não faça mais perguntas, porque não vou responder. Vamos indo.

Houve o rangido da porta sendo aberta de novo e uma breve sensação de tontura quando ele foi empurrado e reorientado pelas pessoas que o seguravam. Estavam retornando para a escura noite verrari e Locke podia sentir grandes gotas de suor começando a escorrer por sua testa.

REMINISCÊNCIA

Planejamento desnecessário

– Merda – praguejou Locke quando o baralho voou de sua mão machucada.

Jean se encolheu para escapar da tempestade de cartas no compartimento da carruagem.

– Tente de novo – disse Jean. – Talvez a décima oitava vez seja a boa.

– Eu era bom demais em embaralhar com uma das mãos. – Locke começou a pegar as cartas e reorganizá-las numa pilha. – Aposto que podia fazer isso melhor até mesmo do que Calo e Galdo. Droga, minha mão está doendo.

– Bom, eu sei que pressionei você para se exercitar, mas você estava meio sem prática mesmo antes de se ferir. Dê um tempo.

Uma chuva forte caía ao redor da sacolejante carruagem preta de luxo que seguia pela velha Estrada do Trono Terim, aos pés das montanhas a leste do litoral de Tal Verrar. Uma mulher de meia-idade, encurvada, segurava as rédeas dos seis cavalos sentada na boleia aberta em cima da cabine, com o capuz da capa impermeável puxado para a frente, protegendo o forninho aceso de seu cachimbo. Dois guardas se encolhiam, miseráveis, no estribo da traseira, presos por largas tiras de couro em volta da cintura.

Jean estudava um maço de anotações, folheando páginas de pergaminho para trás e para a frente, murmurando sozinho. A chuva batia com força na lateral direita da cabine fechada, mas eles podiam manter a janela do lado esquerdo aberta, com suas telas e os postigos de couro recolhidos para que o ar sujo que fedia a campos adubados com esterco e pântanos salgados pudesse entrar. Um pequeno globo alquímico amarelo no assento acolchoado junto de Jean proporcionava luz para a leitura.

Tinham saído de Vel Verazzo duas semanas antes, estavam a uns 150 quilômetros a noroeste e haviam ultrapassado em muito a necessidade de se disfarçar com purê de maçã para se moverem com liberdade.

– Minhas fontes dizem o seguinte – começou Jean, quando Locke havia terminado de recolher as cartas. – Requin tem 40 e tantos anos. É um verrari nativo, mas fala um pouco de vadrã e supostamente é um gênio em trono terim. É colecionador de arte, louco pelos pintores e escultores dos últimos anos do Império. Ninguém sabe o que ele fazia mais de vinte anos atrás. Parece que ganhou a Agulha do Pecado numa aposta e jogou o proprietário anterior pela janela.

– E é unha e carne com os membros do *Priori*?

– Com a maioria deles, parece.

– Alguma ideia de quanto ele guarda nos cofres?

– Numa avaliação conservadora, pelo menos o bastante para pagar qualquer dívida em que a casa possa incorrer. Ele jamais se permitiria ficar embaraçado nesse sentido. Portanto, digamos 50 mil solaris, pelo menos. Além de sua fortuna pessoal e dos bens e das fortunas combinados de muitas pessoas importantes. Ele não paga juros, ao contrário das melhores casas de contabilidade, mas também não mantém livros-caixas das transações para os cobradores de impostos. Supostamente, ele possui um livro, escondido só os deuses sabem onde, com registros apenas de próprio punho. No geral, essas informações são mais boatos.

– Esses 50 mil não cobrem nada além das verbas operacionais da casa, certo? Então quanto você presume que valha o conteúdo *total* do cofre?

– Isso não passa de leitura de entranhas sem as entranhas, mas... Trezentos mil? Trezentos e cinquenta?

– Parece razoável.

– É, bem, os detalhes do próprio cofre são muito mais sólidos. Aparentemente, Requin não se importa em deixar que alguns fatos sejam divulgados. Acha que isso dissuade os ladrões.

– Eles são sempre dissuadidos, não é?

– Nesse caso, podem ter motivo. Escute. A Agulha do Pecado tem cerca de 50 metros de altura, é um grosso cilindro de Vidrantigo. Você conhece bem estruturas desse tipo, já que tentou pular de uma há uns dois meses. Desce terra adentro cerca de 30 metros. Tem uma porta no nível da rua e outra para o cofre embaixo da torre. Uma. Sem segredos, sem entradas laterais. O chão é de Vidrantigo puríssimo: não há como abrir um túnel através dele, nem em mil anos.

– Mmmm-hummm.

– Requin tem pelo menos quatro guardas em cada andar a qualquer momento, além de dezenas de funcionários das mesas, crupiês e garçons. No terceiro andar, há um salão onde ele mantém outros funcionários fora das vistas. Logo, pensemos em, no mínimo, cinquenta ou sessenta trabalhadores leais em serviço e mais vinte ou trinta que ele pode chamar. E muitos são brutamontes malignos. Ele gosta de recrutar ex-soldados, mercenários, ladrões e pessoas do gênero. Dá cargos confortáveis às suas Pessoas Certas como prêmio por serviços bem-feitos e paga como se fosse uma mãe zelosa. Além disso, há histórias de crupiês que ganham de figurões sortudos gorjetas equivalentes ao salário de um ano, isso em apenas uma ou duas noites. Suborno não deve funcionar com ninguém.

– Mmmm-hummm.

– Ele tem três níveis de portas no cofre, todas de madeira-bruxa engastada com ferro, 7 a 10 centímetros de espessura. A última porta é supostamente revestida de aço enegrecido, logo, mesmo que você tivesse uma semana para arrebentar as outras duas, jamais passaria pela terceira. Todas têm mecanismos de engrenagens, os melhores e mais caros de Tal Verrar, projetos particulares de mestres da Guilda dos Artífices. As ordens são de que nenhuma porta se abra a não ser que ele esteja lá pessoalmente para supervisionar; ele assiste a cada depósito e cada retirada. E abre as portas no máximo duas vezes por dia. Atrás da primeira porta, ficam entre quatro e oito guardas, em salas com catres, comida e água. Eles podem ficar lá durante uma semana, sob cerco.

– Mmm-humm.

– A porta interna só se abre com uma chave que ele mantém no pescoço. As portas externas só se abrem com uma chave que ele sempre dá à sua governanta. Portanto você precisaria das duas para ir a qualquer lugar.

– Mmm-hmm.

– E as armadilhas... são uma coisa de louco, ou pelo menos é o que dizem os boatos. Placas de pressão, contrapesos, balestras nas paredes e nos tetos. Venenos de contato, jatos de ácido, câmaras cheias de serpentes ou aranhas venenosas... Um sujeito chegou a dizer que há uma câmara antes da última porta que se enche com uma nuvem de pó de pétalas de Orquídeas de Estrangulador e, enquanto você está sufocando, um bocado de fósforos de enrolar cai do teto, incendeia a coisa toda e você queima até virar carvão. Pior não pode ficar.

– Mmm-hummm.

– Para agravar a situação, a parte interna do cofre é guardada por um dragão tratado por cinquenta mulheres nuas armadas com lanças envenenadas, e cada uma jurou morrer a serviço de Requin. Todas ruivas.

– Isso é tudo invencionice, Jean.

– Queria ver se você estava escutando. Mas o que quero dizer é que não me importo se ele tem 1 milhão de solaris lá dentro, colocados em sacos para facilitar o carregamento. Estou inclinado à ideia de que esse cofre pode não ser penetrável, a não ser que você tenha trezentos soldados, seis ou sete carroças e uma equipe de mestres artífices mecânicos sobre os quais não me falou.

– Certo.

– Você *tem* trezentos soldados, seis ou sete carroças e uma equipe de mestres artífices mecânicos sobre os quais não me falou?

– Não, tenho você, eu, o conteúdo das nossas bolsas de moedas, esta carruagem e um baralho. – Ele tentou uma complicada manipulação das cartas e elas irromperam da sua mão de novo, espalhando-se no assento oposto. – Foda-me com uma alabarda!

– Então devo insistir, Senhor da Prestidigitação: talvez haja em Tal Verrar algum outro alvo que devemos considerar...

– Não sei se seria sensato. Tal Verrar não tem uma aristocracia otária para nós brincarmos. O Arconte é um tirano com uma rédea comprida: pode mexer nas leis o quanto quiser, prefiro não passar a perna nele. O conselho do *Priori* é formado por mercadores de origem comum, tremendamente difíceis de ser enganados. Há uma boa quantidade de possíveis vítimas de golpes pequenos, mas, se quisermos um dos grandes, Requin é o melhor alvo. Ele tem o que nós queremos.

– Mas o cofre dele...

– Deixe-me dizer exatamente o que vamos fazer com relação ao cofre.

Locke falou durante alguns minutos enquanto juntava o baralho, delineando os menores detalhes da trama. As sobrancelhas de Jean se levantaram, tentando se descolar do rosto.

– ... Então é isso. O que me diz, Jean?

– Incrível. Pode funcionar se...

– Se...?

– Você tem certeza de que lembra como usar um arnês de escalada? Eu

estou meio enferrujado.

– Teremos um bom tempo para treinar, não é?

– Espero que sim. Hummm. E vamos precisar de um carpinteiro. De fora de Tal Verrar, obviamente.

– Podemos procurar isso também, assim que tivermos um pouco de moedas de volta nos bolsos.

Jean suspirou e todo o humor o abandonou como vinho saindo de um odre furado.

– Acho... que com isso só resta... Droga.

– O quê?

– Eu, ah... Bom, diabos. Você vai ter outro colapso? Vai permanecer confiável?

– Permanecer *confiável*? Jean, você pode... Maldição, veja você mesmo! O que eu estive fazendo? Me exercitando, planejando e pedindo desculpas a droga do tempo todo! Sinto muito, Jean, de verdade. Vel Virazzo foi uma fase ruim. Sinto falta de Calo, Galdo e Pulga.

– Eu também, mas...

– Eu sei. Deixei minha tristeza me dominar. Fui tremendamente egoísta e sei que você deve estar sofrendo tanto quanto eu. Falei coisas idiotas. Mas achei que tinha sido perdoado... Entendi mal? – indagou Locke, endurecendo a voz. – Agora devo entender que o perdão é uma coisa que tende a ir e vir como as marés?

– Ah, isso não é justo. Só...

– Só o quê? Eu sou especial, Jean? Sou nosso único ponto fraco? Quando foi que já duvidei da sua capacidade? Quando foi que tratei você como criança? Você não é a minha mãe, porra, e certamente não é o Correntes. Não podemos ser parceiros se você vai ficar me julgando desse jeito.

Os dois se encararam, tentando transparecer uma indignação fria, mas fracassando. O clima dentro da pequena cabine se tornou soturno e Jean olhou carrancudo pela janela por alguns instantes enquanto Locke embaralhava as cartas, deprimido. Locke tentou de novo cortar com apenas uma das mãos e não se surpreendeu por acabar lançando as cartas no banco oposto, ao lado de Jean.

– Desculpe – falou Locke. – Falei outra merda. Pelos deuses, quando foi que descobrimos como é fácil sermos cruéis um com o outro?

– Você está certo – admitiu Jean, baixinho. – Não sou o Correntes e

certamente não sou sua mãe. Não deveria pegar no seu pé.

– Deveria, sim. Você me empurrou para fora daquele galeão e de Vel Virazzo. *Você* estava certo. Eu me comportei de modo terrível e entendo que você ainda esteja... nervoso comigo. Eu fiquei tão preso às minhas perdas que esqueci o que ainda tinha. Fico feliz porque você ainda se preocupa comigo a ponto de chutar meu rabo quando é necessário.

– Eu, ah, olha... Peço desculpa também. Eu só...

– Droga, não me interrompa quando estou me sentindo virtuosamente autocrítico. Me envergonho de meu comportamento em Vel Virazzo. Foi uma desconsideração por tudo o que passamos juntos. Prometo melhorar. Isso tranquiliza você?

– Sim. Sim, tranquiliza.

Jean começou a pegar as cartas espalhadas e o esboço de um sorriso reapareceu no seu rosto. Locke se acomodou no assento e esfregou os olhos.

– Pelos deuses, precisamos de um alvo, Jean. Precisamos de um *golpe*. Precisamos de alguém em quem trabalhar, como uma equipe. Não vê? Não é só pelo que podemos arrancar do Requin. Eu quero que sejamos nós contra o mundo, vívidos e perigosos, como antes. Onde não haja espaço para esse tipo de dúvida, certo?

– Porque estaríamos constantemente a centímetros de uma morte sangrenta e terrível.

– Isso. Bons tempos.

– Esse plano pode levar um ano – falou Jean devagar. – Talvez dois.

– Para um golpe tão interessante, eu estou *disposto* a gastar um ou dois anos. Você tem algum outro compromisso urgente?

Jean negou, entregou as cartas a Locke e voltou às suas anotações com uma expressão profundamente pensativa. Locke acompanhou a borda do baralho com os dedos da mão esquerda, que parecia um pouco menos útil do que uma garra de caranguejo. Podia sentir as cicatrizes ainda recentes coçando por baixo da túnica de algodão – cicatrizes tão vastas a ponto de parecer que a maior parte de seu lado esquerdo fora costurada a partir de pedaços de trapos. Maldição, ele se sentia pronto para estar curado *naquele momento*. Estava pronto para ter de volta sua antiga agilidade despreocupada. Imaginou que se sentia como um homem com o dobro da sua idade.

Tentou de novo embaralhar com a mão esquerda e o maço de cartas se

desfez nas suas mãos. Pelo menos não havia disparado em todas as direções. Seria uma melhora?

Ele e Jean ficaram em silêncio por um bom tempo.

A carruagem chacoalhou ao redor de uma última colina pequena e de súbito Locke estava contemplando uma paisagem que parecia um tabuleiro de xadrez verde, descendo até os penhascos marítimos a 8 ou 9 quilômetros. Pontos cinzentos, brancos e pretos salpicavam o cenário, adensando-se na direção do horizonte, onde a parte continental de Tal Verrar se apinhava junto às bordas dos penhascos. A área litorânea da cidade parecia comprimida sob a chuva; grandes cortinas prateadas passavam atrás, bloqueando as ilhas verraris. Raios espocavam azuis e brancos à distância e trovões fracos ecoavam até eles através dos campos.

– Chegamos – disse Locke.

– Só na região continental – retrucou Jean sem levantar os olhos. – É melhor encontrarmos uma estalagem; vai ser difícil arranjar um barco para as ilhas com um tempo assim.

– Quem nós seremos quando chegarmos?

Jean levantou os olhos e mordeu o lábio antes de engolir a isca do antigo jogo.

– Não vamos ser camorris por um tempo. Ultimamente, Camorr não nos trouxe nada de bom.

– Talishanis?

– Parece bom. – Jean ajustou um pouco a voz, adotando o sotaque fraco mas característico da cidade de Talisham. – Desconhecido Anônimo e seu sócio Anônimo Desconhecido.

– Que nomes deixamos nos livros-caixas da Meraggio?

– Bom, Lukas Fehrwight e Evante Eccari estão fora de cogitação. Mesmo se aquelas contas não tiverem sido confiscadas pelo Estado, estarão sendo vigiadas. Você acredita que o Aranha não vai ficar com coceira no rabo se descobrir que estamos ativos em Tal Verrar?

– Acho que estou lembrando... Jerome de Ferra, Leocanto Kosta e Milo Voralin.

– Eu mesmo abri a conta de Milo Voralin. Ele deveria ser vadrã. Acho que podemos deixá-lo como reserva.

– E é só isso que nos resta? Três contas úteis?

– Infelizmente, sim. Porém, é mais do que a maioria dos ladrões tem. Eu

vou ser Jerome.

– Então, acho que eu vou ser Leocanto. O que estamos fazendo em Tal Verrar, Jerome?

– Somos... contratados de uma condessa lashani. Ela está pensando em comprar uma casa de veraneio em Tal Verrar e viemos procurar uma para ela.

– Hummm. Isso pode ser bom durante alguns meses, mas e depois que tivermos olhado todas as propriedades disponíveis? Isso vai dar muito trabalho, se não queremos que todo mundo desconfie. E se nos intitularmos... especuladores mercantis?

– Especuladores mercantis. Boa. Não precisa significar porcaria nenhuma.

– Exato. Se passarmos o tempo todo nas casas de tavolagem cortando baralhos, bem, só estamos deixando o tempo passar até que uma condição de mercado amadureça.

– Ou somos tão bons no trabalho que nem precisamos trabalhar.

– Tudo se realiza por si só. Como foi que nos conhecemos e há quanto tempo estamos juntos?

– Nós nos conhecemos há cinco anos. – Jean coçou a barba. – Numa viagem marítima. Viramos sócios por puro tédio. Desde então somos inseparáveis.

– Só que o meu plano exige que eu trame a sua morte.

– É, mas eu não sei disso, sei? Bom companheiro! Não suspeito de nada.

– Otário! Mal posso esperar para ver você se dar mal.

– E o saque? Presumindo que consigamos ganhar a confiança de Requin, controlar os movimentos e sair da cidade com tudo intacto... nós não falamos de fato do que vem depois.

– Vamos ser ladrões velhos, Jean. – Locke estreitou os olhos e tentou captar detalhes da paisagem varrida pela chuva enquanto a carruagem dava a última volta na estrada longa e reta que entrava em Tal Verrar. – Ladrões velhos de 27, ou talvez 28 anos ao fim disso. Não sei. O que acha de se tornar visconde?

– De Lashane – divagou Jean. – Comprar dois títulos, é o que você quer dizer? Nos estabelecer lá de uma vez por todas?

– Não sei se eu iria tão longe. Mas na última vez que ouvi falar, os títulos fracos estavam valendo cerca de 10 mil solaris e os melhores, de 15 a 20. Isso

nos daria um lar e algum poder. Poderíamos fazer o que quiséssemos a partir daí. Tramar mais golpes. Envelhecer com conforto.

– Aposentadoria?

– Não podemos andar por aí disfarçados para sempre, Jean; nós dois sabemos disso. Cedo ou tarde vamos precisar escolher outro tipo de crime. Vamos aplicar um grande golpe neste lugar e depois mergulhar em alguma coisa *útil*. Construir algo de novo. O que vier em seguida... bom, podemos nos entreter com esse enigma quando chegarmos a ele.

– Visconde Desconhecido Anônimo de Lashane e seu vizinho, o Visconde Anônimo Desconhecido. Acho que existem destinos piores.

– Certamente... Jerome. Então, você está comigo?

– Claro, Leocanto. Você sabe disso. Talvez mais dois anos de roubos honestos me deixem *pronto* para me aposentar. Eu poderia voltar para as sedas e os navios, como mamãe e papai, talvez buscar alguns dos antigos contatos deles, se lembrar direito quem são.

– Acho que Tal Verrar vai ser boa para nós. É uma cidade intacta. Nunca trabalhamos nela e ela nunca viu algo como nós. Ninguém nos conhece, ninguém nos espera. Teremos liberdade total de movimento.

A carruagem seguiu em frente, barulhenta sob a chuva, chacoalhando em trechos onde as gastas pedras da Estrada do Trono Terim foram lavadas de suas camadas de terra protetora. Os raios iluminavam o céu ao longe, mas o véu cinza redemoinhava denso entre a terra e o mar, e a grande massa de Tal Verrar estava escondida dos olhos deles.

– Você está certo, Locke: acho que precisamos mesmo de um golpe. – Jean pousou as anotações no colo e estalou os nós dos dedos. – Pelos deuses, vai ser bom perambular por aí. Vai ser bom sermos predadores outra vez.

CAPÍTULO TRÊS

Hospitalidade calorosa

1

A câmara era um cubo de tijolos rústicos com cerca de 2,5 metros de lado. Estava completamente escura e um árido calor de sauna irradiava das paredes quentes demais para serem tocadas por mais do que alguns segundos. Só os deuses sabiam havia quanto tempo Locke e Jean estavam sufocando ali dentro – provavelmente horas.

– Argh – fez Locke, a voz falha.

Ele e Jean estavam sentados na escuridão, apoiados um nas costas do outro, com os casacos dobrados embaixo. Locke bateu os calcanhares nas pedras do chão, não pela primeira vez.

– Maldição! Deixem-nos sair. Vocês já provaram seu argumento!

– Que argumento seria esse? – perguntou Jean, rouco.

– Não sei. – Locke tossiu. – Não importa. O que quer que seja, eles provaram, não acha?

2

A remoção dos capuzes foi um alívio durante uns dois segundos.

Antes, viera um período interminável tropeçando na escuridão sufocante, puxados e cutucados por captos que pareciam ter alguma pressa. Depois houve mesmo um trecho percorrido de barco; Locke sentiu o cheiro da névoa salgada subindo do porto da cidade enquanto o convés oscilava suavemente embaixo dele e remos estalavam de modo compassado.

Por fim, o barco se imobilizou e balançou quando alguém se levantou e se moveu. Os remos foram puxados para dentro e uma voz desconhecida pediu varas. Após alguns instantes, a embarcação bateu em alguma coisa e mãos fortes colocaram Locke de pé outra vez e o ajudaram a alcançar uma superfície firme. O capuz foi tirado bruscamente da sua cabeça e ele olhou ao redor e piscou sob a luz súbita.

– Ah, merda.

A *Castellana* era a propriedade fortificada dos duques de Tal Verrar séculos antes. Agora que a cidade havia dispensado a nobreza e seus títulos, o território tomado por mansões era lar de um novo tipo de pequena nobreza abastada: os conselheiros do *Priori*, os ricos independentes e os chefes de guildas cujas posições sociais exigiam as demonstrações mais ostensivas de opulência.

No coração da *Castellana*, guardado por um fosso vazio como um cânion circular feito de Vidrantigo, ficava o Mon Magisteria, o palácio do Arconte, um altíssimo feito humano brotando da grandiosidade excêntrica. Uma elegante erva daninha de pedra crescendo num jardim de vidro.

Locke e Jean tinham sido trazidos a um ponto diretamente abaixo dele. Locke achou que estavam no espaço vazio que separava o Mon Magisteria da ilha ao redor; uma caverna com milhões de facetas de Vidrantigo escuro subia em volta deles e a parte superior da ilha, ao ar livre, ficava a 15 ou 20 metros acima de suas cabeças. O canal por onde o barco viajara serpenteava à esquerda e o som da água batendo era abafado por um ribombar distante sem causa visível.

Havia um largo atracadouro de pedra na base da ilha particular do Mon Magisteria com vários barcos amarrados, inclusive uma barca cerimonial fechada, com toldos de seda e entalhes dourados. Suaves lâmpadas alquímicas azuis em postes de ferro enchiam o espaço com luz e, atrás, uma dúzia de soldados estava em posição de sentido. Se Locke ainda não soubesse a identidade de seu captor, aqueles soldados revelariam tudo.

Usavam gibões e calções azul-escuros com braçadeiras de couro preto, coletes e botas adornados com desenhos em relevo feitos de latão reluzente. Os capuzes azuis estavam levantados e os rostos eram cobertos por máscaras ovais sem feições, feitas de bronze polido. Tramas de furos minúsculos permitiam que enxergassem e respirassem, mas, à distância, qualquer impressão de humanidade era apagada – os soldados eram esculturas sem

rosto trazidas à vida.

Os Olhos do Arconte.

– Cá estão vocês, então, mestre Kosta, mestre de Ferra. – A mulher que havia sequestrado Locke e Jean subiu no atracadouro entre eles e segurou-os pelos cotovelos, sorrindo como se estivessem saindo para uma noitada na cidade. – Este não é um lugar mais privado para uma conversa?

– O que fizemos para merecer o transporte até aqui? – perguntou Jean.

– Não sou a pessoa certa para responder a isso – disse a mulher, empurrando-os gentilmente. – Meu trabalho é buscar e entregar.

Ela soltou os Nobres Vigaristas diante da primeira fila de soldados do Arconte. As expressões inquietas dos dois se refletiam numa dúzia de reluzentes máscaras de bronze.

– E às vezes – continuou a mulher, retornando ao bote –, quando os convidados não voltam, meu serviço é esquecer que já os vi.

Os Olhos do Arconte se moveram sem um sinal aparente; Locke e Jean foram envolvidos e seguros por vários soldados.

– Vamos subir – falou outra mulher. – Vocês não devem lutar nem falar.

– Ou o quê? – indagou Locke.

O Olho que havia falado foi até Jean sem hesitar e lhe deu um soco na barriga. O grandalhão exalou com surpresa e fez uma careta enquanto o Olho se virava para Locke.

– Se algum de vocês causar encrenca, sou instruída a castigar o *outro*. Fui clara?

Locke trincou os dentes e assentiu.

Uma ampla escadaria em ziguezague subia a partir do ancoradouro; o vidro sob os pés era áspero como tijolo. Um lance depois do outro, os soldados do Arconte levaram Locke e Jean para cima, passando por paredes brilhantes, até que a úmida brisa noturna da cidade atingiu-os de novo no rosto.

Emergiram junto ao abismo de vidro. Havia uma guarita ao lado deles, perto da abertura de 10 metros de largura, ao lado de uma ponte levadiça atualmente erguida em ângulo reto e engastada numa pesada estrutura de ferro. Locke presumiu que fosse o meio usual de entrar nos domínios do Arconte.

O Mon Magisteria era uma fortaleza ducal no verdadeiro estilo do Trono Terim, tinha facilmente quinze andares de altura e uma largura três ou

quatro vezes maior. Camada após camada de muralhas com ameias se erguiam, formadas de pedras chatas e pretas que absorviam as fontes de luz lançadas para cima por dezenas de lanternas que ardiam no terreno do castelo. Aquedutos sobre colunas envolviam as muralhas e torres em todos os níveis e jorros de água decorativa cascadeavam de esculturas de dragões e monstros marinhos colocadas nos cantos da fortaleza.

Os Olhos do Arconte levaram Locke e Jean para a frente do palácio, descendo por um caminho largo salpicado de cascalho branco. Havia luxuriantes jardins verdes dos dois lados, atrás de bordas de pedras decorativas que faziam os gramados parecerem ilhas. Mais Olhos permaneciam presos ao longo do caminho, segurando alabardas de aço enegrecido com luzes alquímicas engastadas nos cabos de madeira.

Onde a maioria dos castelos teria um portão frontal, o Mon Magisteria tinha uma cachoeira mais larga que a do caminho que percorriam; essa era a fonte do som que Locke ouvira ecoando no atracadouro lá embaixo. Múltiplas torrentes de água despencavam de enormes buracos escuros em linha que subiam direto pela parede do castelo; juntavam-se e caíam num fosso borbulhante na base da estrutura, mais largo ainda do que o cânion que separava o terreno do castelo do resto da *Castellana*.

Uma ponte ligeiramente arqueada sumia dentro da violenta cachoeira branca, mais ou menos na metade da distância acima do fosso. Uma névoa quente se elevava ao redor do grupo enquanto eles se aproximavam da extremidade da passagem, que, agora Locke podia ver, tinha uma espécie de sulco entalhado, seguindo do centro por toda a extensão visível. Ao lado da ponte, havia uma corrente de ferro pendurada no topo de um estreito pilar de pedra. Um dos Olhos lhe deu três puxões rápidos.

Um instante depois, soou um ruído metálico e chacoalhado vindo da ponte. Uma forma escura surgiu do outro lado da cachoeira, cresceu e irrompeu na direção deles com névoa e água explodindo do teto. Era uma caixa longa, de madeira e tiras de ferro, com 5 metros de altura e da mesma largura da ponte. Veio deslizando e ribombando pelo trilho escavado na ponte até parar com um guincho de metal contra metal, logo à frente deles. Uma porta dupla se abriu, empurrada de dentro por dois empregados usando casacos azul-escuros com acabamento trançado de prata.

Locke e Jean foram levados para o espaçoso meio de transporte, que tinha janelas na extremidade virada para o castelo. Através delas, Locke não

conseguia ver nada além da água caindo.

Os Nobres Vigaristas e todos os Olhos entraram na caixa e os empregados fecharam a porta. Um deles puxou uma corrente na parede da direita e, com um ribombar e uma sacudida, a caixa foi puxada de volta para o lugar de onde viera. A cachoeira batia forte no teto; o som era como estar numa carruagem sob uma tempestade violenta. Locke supôs que a queda-d'água teria entre 5 e 6 metros de largura. Uma pessoa desprotegida jamais conseguiria passar por baixo sem ser lançada no fosso; aliás, esse talvez fosse o objetivo.

Além disso, era uma tremenda ostentação.

Logo chegaram ao outro lado da cachoeira. Locke pôde ver que eles estavam sendo levados para um enorme salão hemisférico com uma parede curva do lado oposto e um teto com cerca de 10 metros de altura. Lustres alquímicos lançavam luzes prateadas, brancas e douradas e o lugar brilhava feito um cofre de tesouro através da distorção das janelas cobertas de água. Quando a caixa parou rangendo, os empregados manipularam trancas escondidas para abrir as janelas da frente como uma gigantesca porta dupla.

Locke e Jean foram empurrados para fora, porém mais gentilmente do que antes. As pedras aos seus pés estavam escorregadias de água e eles seguiram o exemplo dos guardas, pisando com cuidado. A cachoeira rugiu às suas costas por mais um momento e, então, duas portas enormes se fecharam atrás do veículo e o ruído ensurdecido virou um eco abafado.

Algum tipo de motor movido a água podia ser visto num nicho de parede à esquerda de Locke. Vários homens e mulheres estavam diante de reluzentes cilindros de latão, acionando alavancas ligadas a equipamentos mecânicos cujas funções estavam muito além da capacidade de Locke adivinhar. Pesadas correntes de ferro desapareciam em buracos escuros no piso logo ao lado da trilha por onde a enorme caixa de madeira corria. Jean também inclinou a cabeça para olhar melhor, mas, assim que ultrapassaram as perigosas pedras escorregadias, os soldados voltaram a empurrar os dois ladrões a passos rápidos.

Passaram depressa pelo saguão de entrada, suficientemente amplo para abrigar vários bailes ao mesmo tempo. O recinto não tinha janelas abertas para o exterior e, sim, panoramas bastante artificiais feitos com vitrais iluminados. Cada uma mostrava uma paisagem estilizada do que *seria* visto através de um buraco verdadeiro aberto na pedra: mansões e prédios

brancos, céus escuros, as camadas de ilhas do outro lado do porto, dezenas de velas no ancoradouro principal.

Locke e Jean foram escoltados por um corredor secundário, subiram um lance de escada e seguiram por outro corredor, passando por guardas de casaco azul parados rigidamente em posição de sentido. Seria imaginação de Locke ou algo além do respeito comum se insinuava no rosto deles? Não havia mais tempo para pensar, porque de súbito eles foram imobilizados diante de uma porta de metal em um corredor com outras de madeira.

Um Olho destrancou a porta e empurrou-a. O cômodo do outro lado era pequeno e escuro. Soldados desataram rapidamente as amarras nos pulsos de Jean e Locke, que foram empurrados para dentro.

– Ei, que droga é... – começou Locke, mas a porta se fechou com um estrondo atrás deles e o breu se tornou absoluto.

– Por Perelandro – praguejou Jean. Ele e Locke passaram alguns segundos trombando um no outro antes de conseguirem recuperar algum equilíbrio e dignidade. – Como diabos atraímos a atenção desses malditos escrotos?

– Não sei, Jerome. – Locke deu uma leve ênfase ao pseudônimo. – Mas talvez as paredes tenham ouvidos. Ei! Seus escrotos desgraçados! Não se acanhem! Nós nos comportamos muito bem quando somos encarcerados com civilidade.

Locke cambaleou na direção do que achava ser a parede mais próxima, para bater os punhos nela. Descobriu que era de tijolos ásperos.

– Maldição – murmurou, e chupou um dedo ralado.

– Estranho – disse Jean.

– O quê?

– Não tenho certeza.

– *O quê?*

– É só impressão minha ou está ficando mais quente aqui dentro?

3

O tempo passou com a velocidade de uma noite insone.

Locke estava vendo cores piscando e ondulando no escuro. Parte dele sabia que não eram reais, mas estava ficando menos assertiva a cada minuto.

O calor era como um peso sobre cada centímetro de sua pele. Sua túnica estava totalmente aberta e ele havia tirado os lenços de pescoço para enrolá-los nas mãos, de modo a se firmar enquanto apoiava as costas em Jean.

Quando a porta se abriu com um estalo, ele demorou vários segundos para perceber que aquilo não era fruto da sua imaginação. A fresta de luz branca cresceu até virar um quadrado e Locke se encolheu, tapando os olhos com as mãos. O ar vindo do corredor o atingiu como uma brisa fresca de outono.

– Cavalheiros, houve um equívoco terrível – disse alguém do outro lado.

– Angh gah ah – foi a única resposta que Locke conseguiu dar enquanto tentava lembrar como seus joelhos funcionavam. Sua boca estava mais seca do que se tivesse sido enchida com farinha.

Mãos fortes e frescas se estenderam para ajudá-lo a se levantar; a cela oscilou ao redor no momento que ele foi levado até o abençoado corredor, acompanhado por Jean. Foram cercados de novo por gibões azuis e máscaras de bronze, mas Locke estreitou os olhos contra a luz e sentiu mais vergonha do que medo. *Sabia* que estava confuso, quase como se estivesse bêbado, e se sentia impotente para fazer qualquer coisa além de apreender aquela vaga percepção. Foi carregado por corredores e escadas que subiam (Escadas! Pelos deuses, quantas escadas era possível haver num maldito palácio?), com as pernas apenas algumas vezes suportando parte do peso. Sentia-se como uma marionete numa comédia cruel com um palco de tamanho espantosamente grande.

– Água – conseguiu pronunciar, ofegante.

– Em breve – garantiu um dos soldados que o carregavam. – Daqui a pouco.

Por fim, ele e Jean foram conduzidos através de uma porta dupla, alta e preta, para um escritório iluminado de modo suave com paredes que pareciam feitas de milhares e milhares de minúsculas células de vidro, cheias de pequenas sombras tremeluzentes. Locke piscou e amaldiçoou o estado em que se encontrava; tinha ouvido marinheiros falarem da “embriaguez seca”, da estupidez, da fraqueza e da irritabilidade que tomava conta de um homem sedento ao extremo, mas nunca imaginara que iria experimentar isso em primeira mão. Aquilo tornava tudo muito estranho: sem dúvida estava incrementando os detalhes de uma sala perfeitamente comum.

O escritório tinha uma mesa pequena e três cadeiras simples de madeira.

Locke se dirigiu até uma delas, mas foi firmemente contido e mantido de pé pelos soldados que seguravam seus braços.

– O senhor deve esperar – alertou um deles.

Pouco depois, outra porta se abriu para o escritório e entrou, agitado, um homem usando um manto azul-marinho comprido e com acabamento em pele.

– Que os deuses defendam o Arconte de Tal Verrar – saudaram os quatro soldados ao mesmo tempo.

Maxilan Stragos, percebeu Locke, atordoado, *o maldito supremo líder militar de Tal Verrar*.

– Por piedade, deixem que esses homens se sentem – disse o Arconte. – Já causamos um tremendo mal a eles, Oficial das Espadas. Agora vamos lhes oferecer todas as cortesias possíveis. Afinal de contas... não somos camorris.

– Claro, Arconte.

Locke e Jean foram rapidamente ajudados a sentar-se. Quando os soldados se certificaram de que eles não tombariam de imediato, recuaram e ficaram em posição de sentido atrás dos dois. O Arconte gesticulou, irritado.

– Dispensado, Oficial das Espadas.

– Mas... Vossa Excelência...

– Fora das minhas vistas. Você já causou um sério embaraço, apesar das minhas instruções claríssimas sobre esses homens. Eles nem mesmo estão em condições de representar uma ameaça a mim.

– Mas... sim, Arconte.

O homem fez uma reverência rígida, que os outros soldados imitaram. Os quatro saíram rapidamente do escritório, fechando a porta com o elaborado clique-claque de um mecanismo de engrenagens.

– Cavalheiros – começou o Arconte –, os senhores devem aceitar minhas mais profundas desculpas. Minhas instruções foram mal interpretadas. Os senhores deveriam receber todas as cortesias. Em vez disso, foram levados à câmara do suadouro, reservada aos piores tipos de criminosos. Eu confiaria que meus Olhos conseguiriam rivalizar com inimigos dez vezes mais numerosos em qualquer luta, mas nesta simples questão eles me desonraram. Devo assumir a responsabilidade. Os senhores devem perdoar esse equívoco e me permitir a honra de mostrar uma hospitalidade melhor.

Locke reuniu as forças para responder adequadamente, mas sussurrou uma oração silenciosa de agradecimento ao Guardiã Torto quando Jean

falou primeiro:

– A honra é nossa, Protetor. – Sua voz estava rouca, mas a consciência parecia retornar mais depressa que a de Locke. – A câmara foi um preço pequeno a pagar pelo prazer de uma... audiência inesperada. Não há o que perdoar.

– O senhor é um homem de generosidade incomum – comentou Stragos.
– Por favor, vamos dispensar as superfluidades: podem me chamar de “Arconte”.

Houve uma batida fraca à porta pela qual o Arconte havia surgido.

– Entre – disse ele.

Um homem baixo e careca, com elaborada libré azul e prateada, entrou. Carregava uma salva de prata em que havia três taças de cristal e uma garrafa grande de algum líquido âmbar-claro. Locke e Jean fixaram o olhar nela com a intensidade de caçadores a ponto de disparar os últimos dardos contra alguma fera que estivesse vindo em sua direção.

Quando o serviçal pousou a bandeja, o Arconte sinalizou para o homem se afastar e ele próprio pegou a garrafa.

– Vá – ordenou. – Sou perfeitamente capaz de servir sozinho esses pobres cavalheiros.

O homem fez uma reverência e desapareceu pela porta. Stragos tirou a rolha já afrouxada da garrafa e encheu duas taças até a borda com o conteúdo. O gorgolejar úmido provocou uma dor de expectativa na parte interna das bochechas de Locke.

– Nesta cidade, é costumeiro que o anfitrião beba primeiro quando está servindo... – explicou Stragos. – Para estabelecer uma base de confiança no que ele está servindo.

Ele derramou dois dedos do líquido na terceira taça, levou-a aos lábios e engoliu o conteúdo de uma vez só.

– Ahh – fez ele enquanto entregava as taças cheias a Locke e Jean sem mais hesitação. – Pronto. Bebam. Não precisam ser delicados. Sou um soldado velho de guerra.

Os Nobres Vigaristas não foram nem um pouco delicados; engoliram a bebida com um abandono agradecido. Locke não se importaria se aquilo fosse sumo de minhoca espremida, mas na verdade era algum tipo de cidra de pera, com uma acidez levíssima. Uma bebida para criança, quase incapaz de inebriar um pardal, e uma escolha astuta, dada a condição deles. O

líquido agradavelmente fresco jorrou pela garganta torturada de Locke e ele estremeceu de prazer.

Ele e Jean estenderam as taças vazias sem pensar, mas Stragos já estava esperando com a garrafa na mão e voltou a enchê-las, com um sorriso benevolente. Locke engoliu metade da nova dose, depois se obrigou a fazer a segunda metade durar. Seu estômago já parecia irradiar energia para o organismo e ele suspirou de alívio.

– Muito agradecido, Arconte. Posso... ahn... perguntar como Jerome e eu o ofendemos?

– Ofenderam? De modo algum.

Ainda sorrindo, Stragos pousou a garrafa e sentou-se atrás da mesinha. Estendeu a mão para a parede e puxou uma corda de seda; um fecho de luz de um âmbar claro foi emitido do teto, focando o centro da mesa.

– O que os senhores fizeram, jovens amigos, foi atrair meu interesse.

Stragos estava emoldurado pelo fecho de luz e Locke o examinou pela primeira vez. Era um homem sem dúvida próximo dos 60 – se é que já não havia passado dessa idade – e tinha feições estranhamente quadradas. A pele era rosada e gasta pelo tempo; o cabelo, um teto cinza e chapado. Pela experiência de Locke, a maioria dos homens poderosos eram ascetas ou glutões; Stragos não parecia uma coisa nem outra – era um homem equilibrado. E seus olhos eram astutos como os de um usurário diante de um cliente necessitado. Locke bebericou sua cidra e rezou por inteligência.

A luz dourada era captada e refletida pelas células de vidro que formavam as paredes da sala. Quando Locke deixou seu olhar vaguear por um momento, ficou espantado ao ver o conteúdo delas se movendo. As pequenas sombras eram borboletas, mariposas, besouros – centenas deles, talvez milhares. Cada um em sua pequenina prisão de vidro... As paredes do escritório do Arconte eram a maior coleção de insetos de que Locke já ouvira falar, quanto mais vira com os próprios olhos. Ao seu lado, Jean ofegou, evidentemente notando o mesmo. O Arconte deu um risinho de indulgência.

– Minha coleção. Não é impressionante?

Ele estendeu a mão de novo para a parede e puxou outra corda de seda; uma luz branca e suave cresceu por trás das paredes de vidro até que todos os detalhes de cada espécime se tornaram claramente visíveis. Havia borboletas com asas escarlates, asas azuis, asas verdes... algumas com

padrões multicoloridos, mais intrincados do que tatuagens. Havia mariposas cinzentas, pretas e cor de ouro, com antenas enroladas. Besouros com carapaças reluzentes que brilhavam como metais preciosos e vespas com asas translúcidas batendo ligeiras sobre os corpos sinistros e esguios.

– É incrível – comentou Locke. – Como é possível?

– Na verdade, não é. São todos artificiais, o melhor que a arte pode oferecer. Um mecanismo de relojoaria, vários andares abaixo, aciona um conjunto de foles, lançando jatos de ar por tubos atrás das paredes deste escritório. Cada célula tem uma abertura minúscula atrás. A agitação das asas é bastante aleatória e realista... na penumbra a pessoa pode nunca perceber a verdade.

– Mesmo assim não é menos incrível – opinou Jean.

– Bom, esta é a cidade dos artífices. Criaturas vivas exigem um cuidado muito tedioso. Os senhores podem pensar no meu Mon Magisteria como um repositório de coisas artificiais. Aqui, bebam e deixem que eu sirva o resto da garrafa.

Stragos deu a cada um mais alguns dedos de bebida antes que a garrafa se esvaziasse. Em seguida, se acomodou atrás da mesa e tirou algo da salva de prata: uma espécie de pasta fina revestida por uma capa marrom com lacres de cera partidos em três lados.

– Coisas artificiais. Assim como os senhores, mestre Kosta e mestre de Ferra. Ou será que devo chamá-los mestre Lamora e mestre Tannen?

Se Locke tivesse força para esmagar o pesado cristal verrari com as mãos, o Arconte teria perdido uma taça.

– Peço perdão – disse Locke, adotando um sorriso solícito, um pouco confuso –, mas não conheço ninguém com esses nomes. Jerome?

– Deve haver algum engano – respondeu Jean, com o mesmíssimo tom de perplexidade educada de Locke.

– Não há engano, senhores. – O Arconte abriu a pasta e examinou brevemente o conteúdo, cerca de doze páginas de pergaminho cobertas por belas letras pretas. – Recebi uma carta curiosa há vários dias, por meio de canais seguros do meu aparato de inteligência. Uma carta contendo a mais singular coletânea de histórias. De um conhecido pessoal, uma fonte pertencente à hierarquia dos Magos-Servidores de Kartane.

Nem mesmo as mãos de Jean podiam espatifar uma taça de cristal verrari, pensou Locke, caso contrário naquele momento a sala do Arconte

seria decorada por cacos e sangue.

Locke se forçou a arquear uma sobrancelha, ainda se recusando a ceder.

– Os Magos-Servidores? Pelos deuses, isso parece nefasto. Mas, ah, o que os Magos-Servidores teriam a ver comigo e com Jerome?

Stragos coçou o queixo, examinando os documentos da pasta.

– Aparentemente, os senhores são dois ladrões vindos de algum tipo de enclave secreto que tinha como base a Casa de Perelandro, no Bairro dos Templos, em Camorr: achei um tanto ousado. Os senhores atuavam sem a permissão do Capa Vencarlo Barsavi, que não está mais entre os vivos. Roubaram dezenas de milhares de coroas de vários Dons de Camorr. São responsáveis pela morte de um tal Luciano Anatolius, capitão bucaneiro que contratou um Mago-Servidor para ajudar em seus planos. E, talvez o mais importante, vocês frustraram esses planos, mutilaram o Mago-Servidor e o derrotaram. Extraordinário. Mandaram-no de volta para Kartane meio morto e bastante louco. Sem dedos, sem língua.

– Na verdade, Leocanto e eu somos de Talisham, e nós...

– Os dois são de Camorr. Jean Estevan Tannen, que é seu nome de verdade, e Locke Lamora, que *não é* o seu. Isso é enfatizado por algum motivo. Vocês estão na minha cidade como parte de uma trama contra aquele patife do Requin... Supostamente estavam se preparando para invadir o cofre dele. Boa sorte. Precisamos continuar com este joguinho? Parece que os Magos-Servidores querem acabar com vocês.

– Aqueles escrotos – murmurou Locke.

– Vejo que vocês de fato os conhecem pessoalmente – prosseguiu Stragos. – No passado, contratei alguns deles. São um pessoal sensível. Então vocês admitem que este relatório é verdadeiro? Vamos lá, Requin não é meu amigo. É ligado ao *Priori* e poderia muito bem fazer parte da droga do conselho.

Os Nobres Vigaristas se entreolharam e Jean deu de ombros.

– Muito bem – respondeu Locke. – Parece que o senhor tem uma tremenda vantagem sobre nós, Arconte.

– Para ser exato, tenho três: este relatório documentando detalhadamente suas atividades; vocês aqui no centro do meu império; e, para meu conforto, tenho-os presos na coleira.

– E o que isso significa? – perguntou Locke.

– Talvez meus Olhos *não* tenham me embaraçado, senhores. Talvez tenha

sido *intencional* vocês dois permanecerem algumas horas na câmara do suadouro, para sentirem uma sede que precisasse ser aplacada.

Ele fez um gesto para as taças de Locke e Jean, que agora tinham apenas algumas gotas.

- O senhor colocou alguma coisa na cidra – disse Jean.
- É claro. Um excelente venozinho.

4

Por um momento, a sala ficou completamente silenciosa, a não ser pelo adejar suave de asas de insetos artificiais. Então, Locke e Jean se levantaram das cadeiras ao mesmo tempo, mas Stragos nem sequer se mexeu.

- Sentem-se. A não ser que prefiram *não* ouvir o que se passa.
- O senhor bebeu da mesma garrafa – retrucou Locke, ainda de pé.
- Claro que bebi. O veneno não estava na cidra, mas nas taças, passado no fundo. Incolor e insípido. Uma substância alquímica criada para mim, bastante cara. Vocês deveriam se sentir lisonjeados. Aumentei seu valor pessoal.

- Eu sei uma ou duas coisas sobre venenos. O que é?
- Qual seria o sentido de contar mais alguma coisa? Vocês podem tentar criar um antídoto. Do contrário, sua única fonte possível seria eu.

Ele sorriu e qualquer fingimento de gentileza contrita foi arrancado de suas feições como uma casca abandonada por um inseto. Agora havia um Stragos muito diferente com eles, de voz ríspida.

- Sentem-se. Agora vocês estão à minha disposição, obviamente. Vocês não são o que eu desejaria, pelos deuses, mas talvez seja o que eu tenha de melhor para usar.

Locke e Jean se acomodaram nas cadeiras, inquietos. Locke jogou sua taça no tapete, onde ela quicou e rolou até parar junto à mesa de Stragos.

- Você também deve saber que já fui envenenado antes com propósitos coercitivos – disse Locke.

- Já? Que conveniente. Então certamente vai concordar que é melhor do que ser envenenado com propósitos homicidas.

- O que o senhor quer que façamos?
- Algo útil. Algo grandioso. De acordo com este relatório, você é o

Espinho de Camorr. Meus agentes me trouxeram histórias a seu respeito... os boatos mais ridículos, que agora vejo serem verdadeiros. Achei que você era um mito.

– O Espinho de Camorr é um mito. E nunca foi só eu. Nós sempre trabalhamos em grupo, em equipe.

– Claro. Não precisa enfatizar a importância de mestre Tannen. Está tudo aqui neste dossiê. Vou manter os dois vivos enquanto me preparo para a tarefa que tenho em mente para vocês. Ainda não estou pronto para falar dela, portanto digamos que os estou reservando nesse meio-tempo. Cuidem dos seus negócios. Quando eu chamar, vocês virão.

– Nós viremos? – cuspiu Locke.

– Ah, vocês podem sair da cidade, mas se fizerem isso, vão ter uma morte lenta e sofrida antes que se passe outra estação. E isso desapontaria todos nós.

– O senhor pode estar blefando – retrucou Jean.

– É, é, mas vocês são homens racionais: um blefe os seguraria tanto quanto um veneno de verdade, não é? Mas convenhamos, Tannen, eu tenho recursos para *não* blefar.

– E o que nos impede de fugir depois de recebermos o antídoto?

– O veneno é latente, Lamora. Fica no corpo por muitos, muitos meses, se é que não anos. Eu lhes darei o antídoto a intervalos, desde que vocês me satisfaçam.

– E que garantia temos de que o senhor vai continuar nos dando o antídoto quando tivermos realizado a tarefa que o senhor deseja?

– Vocês não têm nenhuma.

– E não temos alternativas melhores.

– Claro que não.

Locke fechou os olhos e os massageou gentilmente com os nós dos dedos indicadores.

– Esse suposto veneno vai interferir de algum modo em nossa vida cotidiana? Vai complicar nossa percepção, agilidade ou saúde?

– Nem um pouco. Vocês só sentiriam algo muito depois da hora de receber o antídoto. Até lá seus negócios não terão obstáculos.

– Mas o senhor *já* colocou obstáculos – replicou Jean. – Estamos num ponto muito delicado das negociações com Requin.

– Ele nos deu ordens rígidas – completou Locke – de não fazer nada de

suspeito enquanto ele fareja nossas atividades recentes. Desaparecer das ruas aos cuidados do pessoal do Arconte *provavelmente* pareceria suspeito.

– Isso já foi levado em consideração – afirmou o Arconte. – A maioria das pessoas que tiraram vocês das ruas faz parte de uma das gangues de Requin. Ele só não sabe que elas trabalham para mim. Vão lhes informar que viram vocês por aí, mesmo que outros não tenham visto.

– Você acredita que Requin é cego à verdadeira lealdade deles?

– Que os deuses abençoem sua divertida insolência, Lamora, mas não vou justificar todas as minhas ordens. Vocês vão aceitá-las como meus outros soldados e, se precisarem confiar, confiem no julgamento que me mantém como Arconte há quinze anos.

– É a nossa vida que vai estar na mão de Requin se você estiver errado, Stragos.

– A vida de vocês está na *minha* mão, independentemente de qualquer coisa.

– Requin não é idiota!

– Então por que estão tentando roubá-lo?

– Gostamos de nos lisonjear... – começou Jean.

– Vou lhes dizer por quê – interrompeu Stragos, fechando a pasta e cruzando as mãos. – Vocês não são apenas gananciosos. Vocês dois sentem uma luxúria doentia pela empolgação. Contemplar chances remotas deve deixá-los embriagados. Caso contrário, por que escolheriam a vida que têm, quando obviamente poderiam ter sucesso como ladrões de um tipo mais comum, nos limites permitidos por Barsavi?

– Se você acha que essa pilhazinha de papéis lhe dá conhecimento suficiente para nos julgar...

– Vocês dois gostam de correr riscos. São excepcionais, profissionais em correr riscos. Eu tenho exatamente o risco certo para vocês. Talvez até gostem dele.

– Eu poderia acreditar *antes* de saber da cidra.

– Sei que o que fiz os deixa com o pé atrás, me querendo mal. Avaliem minha posição. Eu fiz isso com vocês porque respeito suas habilidades. *Não posso* me dar ao luxo de tê-los ao meu serviço sem controle. Vocês dois são uma alavanca e um ponto de apoio procurando uma cidade para virar de cabeça para baixo.

– Por que diabos você não poderia simplesmente nos contratar?

– Como o dinheiro seria suficiente para instigar dois homens que podem consegui-lo com tanta facilidade quanto vocês?

– Então o fato de que está fodendo a gente como uma concubina jeremita é, na verdade, um doce elogio? – perguntou Jean. – Seu...

– Calma, Tannen – falou Stragos.

– Por que ele deveria se acalmar? – Locke ajeitou a túnica amarrotada e suada e começou a amarrar os lenços no pescoço com uma agitação irritada.

– Você nos envenena, nos impõe uma tarefa misteriosa e não oferece pagamento. Complica nossa vida e espera nos convocar à vontade quando decidir revelar essa tarefa. Pelos deuses. E quanto a despesas, nós é que deveremos arcar com elas?

– Vocês terão qualquer verba e materiais de que necessitem para atuar a meu serviço. E antes que fiquem animados, lembrem que vão prestar contas de cada centira.

– Ah, esplêndido. E que outras mordomias seu trabalho garante? Almoço grátis no alojamento dos Olhos? Leitos de convalescença depois que Requin cortar nossos bagos e costurá-los nas órbitas dos olhos?

– Não estou acostumado a que falem comigo desse...

– *Acostume-se* – retrucou Locke rispidamente, levantando-se da cadeira e começando a espanar o casaco. – Tenho uma contraproposta, que insisto em que leve bastante a sério.

– Verdade?

– Esqueça isso, Stragos. – Locke repuxou o casaco, sacudiu os ombros para ajeitá-lo e segurou-o pelas lapelas. – Esqueça essa trama ridícula. Dê-nos antídoto suficiente, se é que existe, para nos tranquilizar por enquanto. Ou diga o que é e mandaremos nosso próprio alquimista cuidar disso, com nossas próprias verbas. Mande-nos de volta ao Requin, por quem você não professa amor, e nos deixe continuar a roubá-lo. Não nos incomode mais e retribuiremos o favor.

– O que eu poderia ganhar com isso?

– Meu argumento é que isso lhe permitiria manter tudo o que você tem atualmente.

– Meu caro Lamora... – Stragos riu com um som suave e seco como um eco dentro de um caixão – Sua fanfarronice pode bastar para convencer um Dom vagabundo e covarde de Camorr a entregar sua bolsa de moedas. Talvez até pudesse bastar para completar a tarefa que tenho em mente. Mas

agora vocês são meus e os Magos-Servidores foram bastante claros sobre como vocês podem ser vencidos.

– Ah, é? Como?

– Se me ameaçar mais uma vez, mandarei que Jean seja levado de volta à câmara do suadouro pelo resto da noite. Você pode esperar, acorrentado do lado de fora em total conforto, imaginando como deve ser a situação para ele. E o contrário, Jean, caso *você* decida bancar o rebelde.

Locke trincou o maxilar e olhou para os pés. Jean suspirou e lhe deu um tapinha no braço. Locke assentiu ligeiramente.

– Ótimo. – Stragos deu um sorriso frio. – Assim como respeito suas habilidades, respeito a lealdade de cada um, o suficiente para usá-la, para o bem e para o mal. Portanto vocês *virão* ao meu chamado e vão aceitar a tarefa que tenho para vocês... Quando eu me *recusar* a recebê-los é que vocês começarão a ter motivo de preocupação.

– Que seja – disse Locke. – Mas quero que você lembre.

– Lembre o quê?

– Que eu fiz uma oferta para deixar isso para lá e simplesmente ir embora.

– Pelos deuses, mas você se acha mesmo o máximo, não é, mestre Lamora?

– Só o suficiente. Não mais do que os Magos-Servidores, eu diria.

– Está sugerindo que Kartane teme você, mestre Lamora? Faça-me o favor. Se fosse assim, eles já o teriam matado. Não, eles não o temem, mas querem que você seja *castigado*. Entregá-lo a mim para servir aos meus propósitos parece realizar isso, aos olhos deles. Ouso dizer que você tem bons motivos para querer mal a eles.

– De fato.

– Pense por um momento na possibilidade de que eu não goste deles, assim como vocês. E que apesar de usá-los por necessidade, e de aceitar livremente o que eles mandam para mim... o serviço de vocês pode acabar atuando contra eles. Isso não o intriga?

– Nada que você diga pode ser aceito – reagiu Locke, fuzilando-o com os olhos.

– Ahhh. É aí que você está errado, Lamora. Com o tempo você verá como tenho pouca necessidade de mentir. Bom, esta audiência terminou. Reflitam sobre sua situação e não façam nada temerário. Vocês devem agora

sair do Mon Magisteria e voltar quando forem chamados.

– Espere, o que...

O Arconte se levantou, enfiou a pasta sob o braço e saiu da sala pela mesma porta que havia usado para entrar. Ela se fechou imediatamente atrás dele, com estalos de mecanismos de aço.

– Diabos – praguejou Jean.

– Desculpe – murmurou Locke. – Eu fiquei *tão* ansioso para vir para a porra de Tal Verrar.

– A culpa não é sua. Nós dois estávamos ansiosos para pular na cama com a puta; foi azar ela ter gonorreia.

A porta principal da sala se abriu, revelando uma dúzia de Olhos à espera no corredor.

Locke encarou os soldados por um tempo, depois sorriu e pigarreou.

– Ah, ótimo. Seu patrão deixou instruções rígidas, colocando vocês à nossa disposição. Queremos um barco, oito remadores, uma refeição quente, 500 solaris, seis mulheres que saibam fazer uma boa massagem e...

Uma coisa que Locke diria sobre os Olhos é que, quando agarraram os dois para “escotá-los” para fora do Mon Magisteria, foram firmes sem ser necessariamente cruéis. Seus porretes permaneceram nos cintos e houve um número mínimo de golpes físicos para amaciar a petulância dos prisioneiros. No todo, era um pessoal muito eficiente.

5

Foram levados de volta ao cais inferior do Savrola num escaler comprido com área coberta. Era quase de manhã e uma luz alaranjada e aquosa se espalhava pela região continental de Tal Verrar, espiando por cima das ilhas, que, em contraste, pareciam obscuras. Cercados pelos remadores do Arconte e observados por quatro Olhos com balestras, Locke e Jean seguiam em silêncio.

A saída foi rápida: o barco chegou à beira de um cais deserto e Locke e Jean saltaram. Um dos soldados do Arconte jogou um saco de couro nas pedras aos pés deles, o escaler já estava recuando e todo aquele episódio maldito havia terminado. Locke sentiu um atordoamento estranho e esfregou os olhos, que pareciam secos nas órbitas.

– Pelo amor dos deuses! – exclamou Jean. – Devemos parecer que fomos atacados.

– E fomos. – Locke se abaixou, pegou o saco e examinou o conteúdo: as duas machadinhas de Jean e as adagas e punhais dos dois. Grunhiu. – Magos. Malditos Magos-Servidores!

– Deve ser isso que eles tinham em mente.

– Espero que seja *só isso* que eles tinham em mente.

– Eles não sabem de tudo, Locke. Devem ter pontos fracos.

– Será? E você sabe quais são? Será que algum deles pode ser alérgico a comidas exóticas ou tem um relacionamento ruim com a mãe? Isso será muito útil para nós quando eles estiverem fora do alcance das adagas. Guardião Torto, por que esses cus de cachorro feito o Stragos nunca desejam nos contratar em troca de dinheiro? Eu ficaria *feliz* em trabalhar pelo pagamento.

– Não ficaria, não.

– Bah.

– Pare de choramingar e pense por um momento. Você ouviu o relatório do Stragos. Os Magos-Servidores sabem dos preparativos que fizemos para atacar o cofre do Requin, mas não sabem de *toda* a história. A parte importante.

– Certo... mas que necessidade eles teriam de contar tudo ao Stragos?

– Nenhuma, claro, mas além disso... eles sabiam de nossa base em Camorr, mas ele não mencionou nossa história. Stragos falou sobre Barsavi, mas não sobre Correntes. Talvez porque Correntes tenha morrido antes que o Falcoeiro chegasse a Camorr e começasse a nos observar. Não creio que os Magos-Servidores possam ler nossos pensamentos, Locke. Acho que são espiões magníficos, mas não infalíveis. Ainda temos alguns segredos.

– Hummm. Desculpe se acho que isso não serve muito de consolo, Jean. Você sabe o que parece filosófica quando falamos nas fraquezas mais insignificantes dos inimigos? A *impotência*.

– Você parece resignado a isso sem ao menos...

– Não estou resignado, Jean. Estou com raiva. Precisamos parar de ser impotentes o quanto antes.

– Certo. E por onde começamos?

– Bom, vou voltar à estalagem. Vou entornar um galão de água fria goela abaixo. Vou me deitar na cama, colocar um travesseiro em cima da cabeça e

ficar lá até o pôr do sol.

– Aprovado.

– Ótimo. Aí nós dois estaremos bem descansados na hora de levantar e encontrar um alquimista negro. Quero uma segunda opinião sobre venenos latentes. Quero saber tudo que há para saber sobre esse assunto e se há algum antídoto que possamos começar a experimentar.

– Concordo.

– Depois disso, podemos acrescentar um pequeno item à nossa agenda de férias em Tal Verrar.

– Quebrar os dentes do Arconte?

– Pelos deuses, sim – respondeu Locke, batendo com o punho na mão aberta. – Independentemente se vamos terminar primeiro o serviço com o Requin. Quer haja ou não um veneno! Vou pegar esse maldito palácio e enfiar no cu dele até ele estar com as torres de pedra no lugar das amígdalas!

– Algum plano?

– Nenhuma ideia. Não tenho absolutamente nenhuma. Vou refletir, com certeza. Mas quanto a não ser temerário, bom, não prometo nada.

Jean grunhiu. Os dois começaram a andar pelo cais, na direção da escada de pedra que levaria, após muito esforço, até o nível superior da ilha. Locke esfregou a barriga e sentiu a pele formigar... sentia-se *violado*, sabendo que algo mortal poderia estar penetrando, sem ser percebido, nas fendas mais escuras de seu corpo, esperando para fazer algo maligno.

À direita, o sol era um medalhão de bronze ardente assomando no horizonte, como a máscara de um dos soldados do Arconte, olhando-os com firmeza.

REMINISCÊNCIA

A dama da viga de vidro

1

Não era fácil falar com Azura Gallardine. Ela era famosa – Segunda Mestra da Grande Guilda de Artífices, Calculistas e Artesãos Minuciários – e seu endereço era de conhecimento comum: o cruzamento da Rua dos Vidreiros com a Avenida dos Raspadores de Engrenagens, Cantezzo Oeste, Quarta Camada, Crescente dos Artífices. Mas qualquer um que se aproximasse daquela casa teria de se afastar 12 metros da principal rua de pedestres.

Esses 12 metros eram uma coisa *infernai* de percorrer.

Seis meses haviam se passado desde que Locke e Jean tinham chegado a Tal Verrar; as personalidades de Leocanto Kosta e Jerome de Ferra haviam evoluído desde os esboços básicos até segundas peles confortáveis. O verão estava no fim quando eles desceram a estrada em direção à cidade pela primeira vez, mas agora os ventos fortes e secos do inverno tinham dado lugar às brisas turbulentas do início da primavera. Era o mês de Saris, no Septuagésimo Oitavo Ano de Nara, a Portadora das Pestes, Senhora das Doenças Onipresentes.

Jean estava numa cadeira acolchoada na popa de um luxuoso barco de aluguel baixo e esguio tripulado por seis remadores. A embarcação deslizava pelas águas revoltas do principal ancoradouro de Tal Verrar como um inseto apressado, serpenteando entre veículos maiores segundo as orientações de uma adolescente empoleirada na proa.

Era um dia agitado pelo vento, com a luz leitosa do sol se irradiando de trás de altos véus de nuvens, mas sem emitir calor. O ancoradouro estava apinhado de batelões de carga, barcas, botes e os grandes navios de uma dúzia de nações. Um esquadrão de galeões de Emberlane e Parlay avançava com os estandartes azul-marinho e dourados do Reino dos Sete Tutanos

balançando nas popas. A algumas centenas de metros, Jean podia ver um brigue com a bandeira branca de Lashane e, atrás dele, uma galera com o estandarte dos Tutanos sobre a flâmula menor do Cantão de Balinel, que ficava a apenas centenas de quilômetros ao norte de Tal Verrar, seguindo pelo litoral.

O barco de Jean estava rodeando a ponta sul do Crescente dos Mercadores, uma das três ilhas em forma de foice que cercavam a *Castellana* como as pétalas de uma flor. Seu destino era o Crescente dos Artífices, lar dos que haviam feito a arte da mecânica de relojoaria passar de um passatempo excêntrico a uma indústria vibrante. As engrenagens verraris eram mais delicadas, mais sutis, mais duráveis – mais *qualquer coisa* que se quisesse – do que as construídas por mais de meia dúzia de mestres em qualquer outra parte do mundo conhecido.

Estranhamente, quanto mais Jean se familiarizava com Tal Verrar, mais esquisito o lugar lhe parecia. Cada cidade construída nas ruínas dos Ancestres adquiria seu caráter especial, em muitos casos moldada pela natureza desses destroços. Os camorris viviam em ilhas separadas por nada mais do que canais, ou no máximo pelo rio Angevino, o que parecia muito apertado comparado com a vastidão que Tal Verrar tinha a oferecer. As cerca de cem mil almas que ocupavam as ilhas faziam uso total desse espaço, dividindo-se em tribos com uma precisão incomum.

A oeste, os pobres se agarravam a alguns locais do Quarteirão Descartável, onde podiam pelo menos viver livres de aluguel. A leste, eles se apinhavam no Bairro Ístrio e forneciam mão de obra para os jardins em camadas do Crescente das Mãos Negras. Ali cuidavam de plantações cujos frutos não podiam comprar, em terrenos enriquecidos alquimicamente que jamais poderiam possuir.

Tal Verrar tinha apenas um cemitério, o velho Monturo das Almas, que ocupava a maior parte da ilha a leste da cidade, no lado oposto ao Crescente das Mãos Negras. O local tinha seis camadas cravejadas de lápides memoriais, esculturas e mausoléus que pareciam mansões em miniatura. Os mortos eram tão rigidamente separados na morte quanto haviam sido em vida: cada nível acima representava uma classe superior de cadáveres. Era um espelho mórbido dos Degraus de Ouro do outro lado da baía.

O Monturo era quase tão grande quanto toda a cidade de Vel Virazzo e abrigava sua própria estranha sociedade: sacerdotes e sacerdotisas de Aza

Guilla, gangues de carpideiros de aluguel (todos proclamavam em altos brados suas especialidades cerimoniais ou floreios teatrais a qualquer um que pudesse ouvir), escultores de mausoléus e, os mais estranhos de todos: os Vigilantes do Monturo. Eles eram criminosos condenados por roubos de sepulturas. Em vez de executados, eram confinados a máscaras de aço e ruidosas armaduras de escamas e obrigados a patrulhar o Monturo das Almas como parte de uma polícia sombria. Cada um deles só seria liberto quando outro ladrão de sepultura fosse capturado para ocupar seu lugar. Alguns precisavam esperar durante anos.

Tal Verrar não tinha enforcamentos, decapitações e nenhum dos tipos de luta entre criminosos e animais selvagens que eram populares em quase todos os outros lugares. Ali naquela cidade os condenados por crimes capitais simplesmente desapareciam, com boa parte do lixo da cidade, no Abismo do Monturo. Era um poço quadrado e aberto, com 12 metros de lado, localizado ao norte do cemitério. Suas paredes de Vidrantigo mergulhavam na escuridão absoluta, não dando qualquer indício de até onde iam de verdade. Dizia a lenda que o poço era sem fundo, e os criminosos empurrados pelas pranchas de execução em geral iam gritando e implorando. O pior boato sobre o lugar, claro, era que os lançados no Abismo *não* morriam. De algum modo continuavam caindo. Para sempre.

– Tudo a bombordo! – gritou a garota na proa do barco.

Os remadores à esquerda de Jean tiraram os remos da água e os da direita puxaram com força, deslizando a embarcação para fora do caminho de uma galera de carga apinhada com bois e vacas bastante assustados. Um homem na amurada da galera sacudiu o punho para o barco que passava, talvez 3 metros abaixo do nível das suas botas.

– Tira a merda dos seus olhos, sua puta anã!

– Volte a dar prazer ao seu gado, seu vira-lata de pau mole!

– Sua puta! Sua puta insolente! Pare o barco e eu mostro quem tem pau mole! Com o seu perdão, gentil senhor.

Sentado em sua cadeira parecida com um trono, vestindo um casaco comprido de veludo com arrebiques dourados suficientes para brilhar até mesmo à luz fraca de um dia nublado, Jean parecia um homem poderoso. Era importante que o sujeito da galera garantisse que suas saudações verbais não fossem mal recebidas; ainda que elas fossem aceitas no porto de Tal Verrar, a classe endinheirada era sempre tratada como se estivesse levitando

acima da água, sem depender das embarcações e dos trabalhadores que as conduziam. Jean acenou despreocupadamente.

– Não preciso chegar mais perto para ver que ele é mole, pau de toucinho! – A garota fez um gesto grosseiro com as mãos. – Daqui dá para ver como a porra das suas vacas estão desapontadas!

O barco já estava fora do alcance de uma resposta audível; a galera ficou para trás e a borda sudoeste do Crescente dos Artífices se ergueu diante deles.

– Por esse momento, 1 volani extra para todo mundo aqui – anunciou Jean.

Enquanto a garota animada e sua equipe entusiasmada o levavam rapidamente para o cais do Crescente dos Artífices, o olhar de Jean foi atraído por um tumulto na água algumas centenas de metros à esquerda. Um batelão de carga com algum tipo de estandarte de uma corporação verrari que Jean não reconheceu foi cercado por pelo menos uma dúzia de embarcações menores. Homens e mulheres nos barcos tentavam abordar o batelão enquanto a pequena tripulação assediada procurava afastá-los com remos e uma bomba de água. Uma embarcação cheia de policiais parecia estar se aproximando, mas ainda a vários minutos de distância.

– Ora, que diabo é aquilo?! – gritou Jean para a garota.

– O quê? Onde? Ah, aquilo. É a Rebelião da Pena agindo como sempre.

– Rebelião da Pena?

– A Guilda dos Escribas. Aquele barco de carga está com uma bandeira da Guilda dos Impressores. Deve estar carregando uma prensa vinda do Crescente dos Artífices. Já viu uma delas?

– Ouvi falar pela primeira vez só há alguns meses, na verdade.

– Os escribas não gostam delas. Acham que vão acabar com o trabalho deles. Por isso têm feito emboscadas quando os Impressores tentam atravessar a baía. Deve haver umas seis ou sete dessas prensas novas no fundo da água. Além de alguns corpos. É uma tremenda encrenca.

– Estou inclinado a concordar.

– Bom, espero que eles não inventem nada que possa substituir uma boa tripulação de remadores honestos. Aqui está o seu cais, senhor, um pouquinho antes da hora programada, se estou correta. Quer que esperemos?

– Sem dúvida – respondeu Jean. – É difícil encontrar trabalhadores

divertidos. Espero demorar apenas uma hora.

– Ao seu dispor, então, mestre de Ferra.

2

O crescente não era exclusivo da Grande Guilda dos Artífices, mas era onde a maioria deles optava por se estabelecer, onde seus salões e clubes ocupavam quase todas as esquinas e onde seu hábito de deixar à vista instrumentos incompreensíveis e ocasionalmente perigosos era tolerado.

Jean subiu os degraus íngremes da Avenida do Basilisco de Latão, passou por mercadores de velas, amoladores e veniparsifais: místicos que afirmavam ser capazes de ler todo o destino de uma pessoa com base no padrão de vasos sanguíneos visíveis nas mãos e nos antebraços. No topo da avenida, desviou-se de uma jovem magra com chapéu de quatro bicos e véu, passeando com uma *valcona* presa numa guia de couro reforçado. Essas criaturas eram aves de ataque que não voavam, maiores do que cães de caça. Com as asas vestigiais dobradas junto aos corpos robustos, saltitavam sobre garras do tamanho de punhos capazes de rasgar nacos de carne humana. Elas se ligavam afetuosamente a uma pessoa enquanto eram filhotes e se regozijavam por matar qualquer outra pessoa em todo o mundo, a qualquer momento.

– Grande ave assassina – murmurou Jean. – Bela ameaça à vida e aos membros. Que garotinha, garotinho ou coisinha linda você é.

A criatura arrulhou um pequeno alerta para ele e foi saltando atrás da dona.

Bufando e suando, Jean subiu outro lance de escada em zigue-zague e, irritado, gravou em sua mente um lembrete de que algumas horas de treinamento fariam bem à sua crescente pança. Jerome de Ferra era um homem que só via os exercícios como um meio de ir e voltar da cama para as mesas de jogo. Seguiu 15 metros, 20 metros, 25 metros... saindo da beira-d'água, subindo o segundo e o terceiro níveis da ilha, subindo até o quarto e mais alto, onde a influência excêntrica dos artífices era mais forte.

As lojas e casas da quarta camada do crescente recebiam água a partir de uma rede de aquedutos extremamente elaborada. Alguns eram os de pedras e colunas da era do Trono Terim, ao passo que outros eram apenas tubos de

couro sustentados por estruturas de madeira. Rodas-d'água, moinhos de vento, engrenagens, contrapesos e pêndulos oscilavam em toda parte para onde Jean olhava. Rearranjar o suprimento de água era um jogo que os artífices faziam entre si; a única regra era que o suprimento de ninguém poderia ser cortado no ponto de entrega final. A cada poucos dias, uma nova ramificação ou um novo aparato de bombeamento aparecia, roubando água de um canal mais antigo. Dias depois, outro artífice desviava a água por mais uma passagem nova e a batalha continuava. As tempestades tropicais cobriam as ruas do crescente com engrenagens, mecanismos e tubos, e os artífices sempre reconstruíam seus canais com o dobro da estranheza anterior.

A Rua dos Vidreiros percorria toda a extensão da camada superior. Jean virou à esquerda e foi andando rapidamente pelas pedras do calçamento. Os cheiros estranhos da produção do vidro saíam das oficinas; através de portas abertas, ele via artesãos girando fôrmas reluzentes cor de laranja nas pontas de varas compridas. Um pequeno grupo de aprendizes de alquimistas passou por ele, apinhando a rua. Usavam os característicos gorros vermelhos de sua profissão e exibiam queimaduras alquímicas ao longo das mãos e do rosto, que eram seu distintivo de orgulho.

Passou pela Avenida dos Raspadores de Engrenagens, onde um bom número de trabalhadores estava sentado diante de suas oficinas, limpando e polindo peças de metal. Alguns estavam sob o exame direto de artífices impacientes, que resmungavam orientações pouco úteis e batiam os pés, nervosos. Esse cruzamento era a extremidade sudoeste da quarta camada; não havia para onde seguir, a não ser descendo – ou pelos 12 metros até o lar de Azura Gallardine.

No beco sem saída da Rua dos Vidreiros, havia um arco de fachadas de lojas, com uma abertura que parecia um dente arrancado de um sorriso. Projetando-se além dessa abertura, existia uma viga de Vidrantigo, fincada na pedra da quarta camada pelos Ancestres sabe-se lá por quê. Tinha cerca de 45 centímetros de largura e era plana em cima. Projetava-se no ar, 15 metros acima dos telhados de uma rua sinuosa na terceira camada.

A casa de Azura Gallardine ficava empoleirada na extremidade oposta dessa viga como um ninho de pássaro, com três andares de altura, na ponta de um galho. A Segunda Mestra da Grande Guilda dos Artífices descobrira um meio ideal de garantir a privacidade – só os que tinham negócios muito

sérios, ou uma necessidade muito sincera de suas habilidades, seria suficientemente louco para andar ao longo da viga que levava à sua porta.

Jean engoliu em seco, esfregou as mãos e fez uma breve prece ao Guardião Torto antes de pisar no Vidrantigo.

– Não pode ser tão difícil assim – falou baixinho. – Já passei por coisa pior. É só uma caminhada curta. Não é preciso olhar para baixo. Ficarei tão firme quanto um galeão carregado.

Com os braços estendidos dos lados do corpo para se equilibrar, começou a andar cuidadosamente pela viga. Era curioso como a brisa parecia aumentar à medida que ele atravessava e como o céu parecia de repente mais vasto acima... Fixou os olhos na porta e, sem perceber, só voltou a respirar no instante que a alcançou. Respirou fundo, ofegante, e enxugou a testa, onde havia brotado uma quantidade embaraçosa de suor.

A casa de Azura Gallardine era solidamente construída com blocos de pedra branca. Tinha um teto alto e pontudo coroado por um cata-vento que guinchava e uma grande bolsa para coleta de chuva numa estrutura de madeira. A porta era decorada com relevos de engrenagens e outros mecanismos e, ao lado, havia uma placa de latão engastada na pedra. Jean apertou a placa e ouviu um gongo ecoar dentro da residência. Fumaça escapava dos fogões das casas abaixo e passou por Jean enquanto ele esperava.

Já ia apertar a placa de novo quando a porta se entreabriu com um rangido. Uma mulher baixa e mal-encarada apareceu. Devia ter mais de 60 anos, pensou Jean – a pele avermelhada era enrugada como as pregas de uma velha roupa de couro. Era robusta, com malares altos, bochechas caídas e uma papada que lembrava vagamente a de um sapo. O cabelo branco era trançado com anéis alternados de latão e ferro preto, e boa parte da pele visível das mãos, dos antebraços e do pescoço estava coberta por tatuagens elaboradas e um pouco desbotadas.

Jean pôs o pé direito à frente do esquerdo e fez uma reverência num ângulo de 45 graus, com a mão esquerda estendida para fora e a direita enfiada sob a barriga. Já ia começar a soltar floreios verbais quando a Mestra Gallardine o agarrou pelo colarinho e puxou-o para dentro de casa.

– Ai! Senhora, por favor! Permita que eu me apresente!

– Você é gordo demais e está bem-vestido demais para ser um aprendiz buscando patronato. Portanto, deve estar aqui para pedir um favor e,

quando gente do seu tipo diz olá, a coisa costuma demorar um pouco. Fique quieto.

A casa cheirava a óleo, suor, pó de pedra e metal aquecido. O interior era um recinto único alto e aberto, coberto pelo mais estranho aglomerado de objetos que Jean já vira. Havia janelas em arco, do tamanho de um homem, nas paredes da esquerda e da direita, mas todos os outros centímetros das paredes estavam tomados por uma espécie de andaime que sustentava uma centena de prateleiras apinhadas de ferramentas, materiais e entulho. No topo do andaime, acima de um improvisado piso de tábuas, Jean podia ver um estrado para dormir e uma escrivaninha sob um par de lâmpadas alquímicas penduradas. Escadas e cordas de couro pendiam em vários lugares; livros, rolos de pergaminho e garrafas arrolhadas, com líquido pela metade, cobriam a maior parte do piso.

– Se eu vim numa hora ruim...

– Em geral a hora é ruim, Jovem Senhor Intrrometido. Um cliente com um pedido interessante é praticamente a única coisa que muda isso. Então, do que se trata?

– Mestra Gallardine, todos a quem perguntei juraram que a artesã mais sutil, mais completa, mais imitada de toda Tal Verrar é ninguém menos do que...

– Pare de me banhar em elogios, garoto – interrompeu a velha, balançando as mãos. – Olhe ao redor. Engrenagens e alavancas, pesos e correntes. Você não precisa lambê-las com palavras bonitas para fazer com que elas funcionem, nem *me* lamber.

– Como quiser. – Jean se empertigou e enfiou a mão no casaco. – Mas eu não suportaria viver se não fizesse uma pequena cortesia.

Ele retirou um pequeno pacote de brocado de prata. O embrulho era fechado por um lacre de cera vermelha, estampado num disco ondulado de raspa de ouro.

Todos os informantes de Jean haviam mencionado o único ponto fraco de Gallardine: um gosto por presentes tão grande quanto sua aversão pela lisonja e por interrupções. Ela franziu as sobrancelhas, mas conseguiu dar um pequeno sorriso ao pegar o embrulho com as mãos tatuadas.

– Ora, ora, certamente todos devemos suportar viver...

Ela quebrou o disco-lacre e abriu o brocado com a ansiedade de uma menininha. Tratava-se de uma garrafa retangular com tampa de latão, cheia

de um líquido branco leitoso. Ela ofegou ao ler o rótulo.

– Ameixa-Branca Austershalin – sussurrou. – Pelos Doze. Com *quem* você andou falando?

As misturas de conhaque eram uma peculiaridade de Tal Verrar: conhaques finos de outros lugares (nesse caso, o inigualável Austershalin de Emberlane) mesclados a um licor verrari, feito de raras frutas alquímicas – e não havia nenhuma mais rara do que a celestial ameixa-branca –, engarrafados e envelhecidos para produzir bebidas especiais capazes de fazer a língua explodir em entorpecimento com a riqueza do sabor. A garrafa teria talvez dois cálices de Ameixa-Branca Austershalin e valia 45 solaris.

– Algumas almas conhecedoras – respondeu Jean –, que disseram que a senhora poderia apreciar um trago modesto.

– Isso não é nem um pouco modesto, mestre...

– De Ferra. Jerome de Ferra, ao seu dispor.

– Pelo contrário, mestre de Ferra. O que deseja que eu faça para o senhor?

– Bom, se a senhora prefere mesmo ir ao cerne do assunto, ainda não tenho uma necessidade específica. O que tenho são... perguntas.

– Sobre o quê?

– Cofres.

A Mestra Gallardine aninhou sua mistura de conhaque como se fosse um bebê recém-nascido.

– Cofres, mestre de Ferra? Cofres para depósito, com mecanismos simples, ou cofres *seguros*, com defesas mecânicas?

– Meu gosto, senhora, tende mais para o segundo tipo.

– O que o senhor deseja guardar?

– Nada. É mais uma questão de algo que desejo *desguardar*.

– O senhor precisa acessar um cofre? Precisa que alguém o abra para o senhor?

– Sim, senhora. É só...

– Só o quê?

Jean umedeceu os lábios e sorriu.

– Eu ouvi, bom, boatos dignos de crédito, que a senhora pode ser receptiva ao tipo de trabalho que eu desejo sugerir.

Ela o encarou com um olhar de quem sabe das coisas.

– Está sugerindo que o senhor não é necessariamente *dono* do cofre que

quer acessar?

– Humm. Não necessariamente.

Ela andou pela casa, passando por cima de livros, garrafas e instrumentos mecânicos.

– A lei da Grande Guilda proíbe qualquer um de interferir diretamente no trabalho de outra pessoa, a não ser por convite, ou por necessidade do Estado. – Houve uma pausa. – No entanto... é verdade que conselhos são dados, projetos são examinados... no interesse de fazer progredir o conhecimento, é claro. É uma espécie de teste destrutivo. É desse modo que nós criticamos uns aos outros, por assim dizer.

– Tudo que eu pediria são conselhos. Nem preciso de um serralheiro, apenas de informações para *armar* um serralheiro.

– Poucas pessoas poderiam armar um profissional desses melhor do que eu. Antes de discutirmos a questão da compensação, diga: o senhor conhece o projetista do cofre em que está de olho?

– Conheço.

– E ele é?

– Azura Gallardine.

A mestra da guilda deu um passo para longe de Jean, como se uma língua bifurcada tivesse saltado de repente do meio dos lábios dele.

– Ajudá-lo a violar meu próprio trabalho? Está louco?

– Eu esperava que a identidade do dono do cofre não pudesse provocar qualquer simpatia.

– Quem, e onde?

– Requin. Na Agulha do Pecado.

– Pelos Doze, você é louco! – Gallardine olhou ao redor como se verificasse a presença de espiões. – Isso *certamente* provoca simpatia! Simpatia por mim mesma!

– Meus bolsos são fundos, senhora. Sem dúvida deve haver uma quantia que aplaque suas dúvidas.

– Não existe quantia neste mundo grande o suficiente para me convencer a lhe dar o que o senhor pede. Seu sotaque, mestre de Ferra... acho que consigo situar. O senhor é de Talisham, certo?

– Sou.

– E Requin... o senhor o estudou, não é?

– Meticulosamente, claro.

– Não faz sentido. Se estivesse estudado meticulosamente, não estaria aqui. Deixe-me dizer uma coisinha sobre o Requin, seu pobre talishani simplório. O senhor conhece a mulher dele, Selendri? A da mão de bronze?

– Ouvi dizer que ele não mantém nenhuma outra pessoa por perto.

– E é só isso que você sabe?

– Ah, mais ou menos.

– Até vários anos atrás, era costume de Requin dar um grande baile de máscaras na Agulha do Pecado no Dia das Transformações. Uma festa louca, com fantasias de mil solaris, e a dele era sempre a mais grandiosa. Bom, num ano ele e aquela sua jovem linda decidiram trocar de fantasias e máscaras. Por nenhum motivo aparente.

Ela respirou fundo.

– Um assassino havia salpicado o interior da fantasia de Requin com uma coisa demoníaca. O tipo de alquimia mais negra, uma espécie de água régia para carne humana. Era só um pó... precisava de suor e calor para ser trazido à vida. E assim aquela mulher usou a roupa durante quase meia hora, até que começou a suar e se divertir. E foi então que começou a *gritar*.

Ela fez uma pausa e prosseguiu:

– Eu não estava lá. Mas havia artífices conhecidos meus no meio da multidão e eles dizem que ela gritou e gritou até que sua voz falhou. Até que não saía mais nada da garganta, a não ser um sibilo, e ela continuava tentando gritar. Só um lado da fantasia foi empoadado... um gesto perverso. A pele dela borbulhou e escorreu feito alcatrão quente. A carne *soltou vapor*, mestre de Ferra. Ninguém teve coragem de tocar nela, a não ser Requin. Ele cortou a roupa dela, exigiu água, trabalhou febrilmente. Limpou a pele queimada com seu casaco, com pedaços de pano, com as mãos nuas. Ele também se queimou tanto que usa luvas até hoje para esconder as cicatrizes.

– Espantoso.

– Ele salvou a vida dela, o que restava para ser salvo. Sem dúvida você já viu o rosto de Selendri. Um olho se evaporou, como uma uva numa fogueira. Os dedos dos pés precisaram ser amputados. Os das mãos eram gravetos queimados; a palma e o dorso, uma devastação de bolhas. A mão teve de ser cortada também. Precisaram tirar *um seio*, mestre de Ferra. Garanto, o senhor não pode avaliar o que isso significa. Significaria até para mim, agora, e já faz muitos anos desde que fui considerada atraente pela última vez.

Gallardine continuou:

– Quando ela estava acamada, Requin deu um aviso a todas as suas gangues, a todos os seus ladrões, a todos os seus contatos, a todos os seus amigos entre os ricos e poderosos. Ofereceu mil solaris, sem perguntas, a qualquer um que lhe revelasse a identidade do envenenador. Mas muitos temiam esse assassino e Requin não era nem de longe tão respeitado quanto hoje. Não recebeu resposta. Na noite seguinte, o valor passou para 5 mil solaris, mas não houve retorno. Na terceira noite, aumentou a oferta para 10 mil solaris, sem resultado. Na quarta noite, o prêmio já era de 20 mil... e ainda assim nenhuma pessoa se apresentou.

Ela fez mais uma pausa.

– E assim os assassinatos começaram na noite seguinte. Aleatoriamente. Entre os ladrões, entre os alquimistas, entre os empregados do *Priori*. Qualquer um que pudesse ter acesso a informações úteis. Um por noite, trabalho silencioso, absolutamente profissional. Cada vítima tinha a pele arrancada do lado esquerdo com uma faca. Como lembrete. Depois disso, as gangues dele, os jogadores e os sócios imploraram que ele parasse. “Encontrem o assassino e eu paro”, retrucou ele. E todos imploraram, fizeram investigações e voltaram sem nada. Por isso, ele começou a matar duas pessoas por noite. Começou a matar esposas, maridos, filhos, amigos. Uma das suas gangues se rebelou e todos foram encontrados mortos na manhã seguinte. Todos. Cada tentativa de atingi-lo fracassava. Ele aumentou o controle sobre as gangues e expurgou os de coração fraco. Matou, matou e matou, até que toda a cidade estava num frenesi revirando cada pedra, chutando cada porta para ele. Até que nada poderia ser pior do que continuar desapontando-o. Por fim, foi trazido um homem que satisfizes suas perguntas.

Gallardine soltou um suspiro longo e seco.

– Requin colocou esse homem acorrentado, deitado sobre o lado esquerdo, dentro de uma estrutura de madeira, que foi preenchida com cimento alquímico. A substância endureceu e a estrutura foi colocada de pé, de modo que, veja bem, o homem estava lacrado pela metade numa parede de concreto, desde os pés até o topo da cabeça. Foi deixado dentro do cofre de Requin para morrer. Requin entrava pessoalmente e forçava o homem a beber água todo dia. Os membros presos no cimento apodreceram, infeccionaram, deixaram-no doente. Ele morreu devagar, faminto e tomado

pela gangrena, lacrado na tortura física mais perfeitamente hedionda de que já ouvi falar em todos os meus longos anos.

Ela pegou Jean pelo braço com delicadeza e levou-o para a janela do lado esquerdo.

– Portanto, você vai me desculpar se Requin é um cliente cuja absoluta confiança eu pretendo manter até que a Gentilíssima Senhora arranque minha alma deste velho saco de ossos.

– Mas ele não precisa saber, certo?

– Ah, com certeza, mestre de Ferra, eu jamais me arriscaria. Jamais.

– Porém, sem dúvida, uma pequena consideração...

– Já ouviu dizer o que acontece com os que são apanhados trapaceando na torre dele, mestre de Ferra? Requin coleciona as mãos deles, joga os corpos num pátio de pedras e cobra das famílias ou dos sócios para que os restos sejam limpos. E sabe do último homem que começou uma briga dentro da Agulha do Pecado, sujando-a de sangue? Requin mandou amarrá-lo a uma mesa. As patelas foram tiradas por um sanguessuga de cachorro e formigas vermelhas foram despejadas nos ferimentos. Em seguida, as patelas foram amarradas de volta com barbante. O homem *implorou* que cortassem seu pescoço. O pedido não foi concedido.

A mestra prosseguiu:

– Requin tem um poder independentemente de qualquer coisa ou pessoa. O Arconte não pode tocar nele, por medo de irritar o *Priori*, que por sua vez o considera muito útil para se virar contra ele. Desde que Selendri quase morreu, ele se tornou um ás da crueldade, do tipo que esta cidade nunca viu. Não há recompensa no mundo que valha a pena aceitar em troca de provocar esse homem.

– Eu levo tudo isso muito a sério, senhora. Então será que não podemos minimizar cuidadosamente seu envolvimento? Apenas um esquema básico dos mecanismos do cofre, uma visão bastante geral? O tipo de coisa que jamais pudesse ser ligada especificamente à senhora?

– O senhor não escutou direito. – Ela balançou a cabeça e fez um gesto em direção à janela esquerda de sua casa. – Deixe-me perguntar outra coisa, mestre de Ferra: o senhor consegue ver a paisagem de Tal Verrar por esta janela?

Jean deu um passo adiante para olhar através do vidro. A visão dava para o sul, por cima da ponta ocidental do Crescente dos Artífices, acima do

ancoradouro e da água prateada e reluzente até a Marina da Espada. Ali, a marinha do Arconte estava ancorada, protegida por altas muralhas e catapultas.

– É... uma visão muito bonita – comentou ele.

– Não é? Bom, o senhor deve considerar que esta é minha última declaração sobre o assunto. O senhor sabe alguma coisa sobre contrapesos?

– Não posso dizer que...

Nesse momento, a mestra da guilda puxou uma das cordas de couro que pendiam de seu teto.

A vista de Tal Verrar pareceu subitamente se mover para o teto; os sentidos de Jean conferenciaram sobre o que isso significava e se desorientaram por uma fração de segundo, até que seu estômago pesou com uma confirmação nauseante de que não era a *paisagem* que estava se movendo.

Ele mergulhou pelo piso aberto a seus pés e bateu numa dura plataforma quadrada suspensa logo abaixo da casa de Gallardine por correntes de ferro nos cantos. Seu primeiro pensamento foi de que devia ser uma espécie de elevador – e então aquilo começou a mergulhar rumo à rua, cerca de 12 metros abaixo.

As correntes chacoalhavam e a brisa súbita varreu-o; ele caiu de bruços e se agarrou à plataforma alarmado, os nós dos dedos brancos. Telhados, carroças e pedras do calçamento corriam em sua direção e ele se preparou para a forte dor do impacto, mas ela não veio. A plataforma estava diminuindo a velocidade com uma suavidade impossível... a morte certa regrediu para um possível ferimento e depois para o mero embaraço. A descida terminou 30 centímetros acima da rua, as correntes à direita de Jean se afrouxaram e a base se inclinou com uma sacudida, largando-o embolado no chão.

Jean sentou-se e respirou agradecido; a rua girava um pouco ao redor. Ele olhou para cima e viu que a plataforma subia rapidamente de volta para a posição anterior. Uma fração de segundo antes de se encaixar embaixo do piso de Gallardine, algo pequeno e brilhante caiu do alçapão acima dela. Jean conseguiu se afastar e cobrir o rosto logo antes que os cacos de vidro e o líquido da garrafa de conhaque estilhaçada o atingissem.

Enxugou o equivalente a uns bons solaris de Ameixa-Branca Austerhalin do cabelo enquanto se levantava cambaleando, de olhos arregalados e

xingando.

– Ótima tarde para o senhor. Mas, espere, não diga, deixe-me adivinhar: proposta recusada pela mestra da guilda?

Tonto, Jean deparou com um sorridente vendedor de cerveja a menos de 2 metros à direita, encostado na parede de um prédio de dois andares fechado e sem qualquer identificação. O homem era um espantalho bronzeado com um chapéu de couro de aba larga que pendia devido aos anos de uso até quase tocar nos ombros ossudos. Ele tamborilou num grande barril com rodas, ao qual várias canecas de madeira estavam presas por longas correntes.

– Ah, algo assim – respondeu Jean.

Uma machadinha escorregou de seu casaco e bateu com estrépito nas pedras. Ruborizado, ele se abaixou, pegou-a de volta e a fez desaparecer de novo.

– Pode-se dizer que isto é tirar vantagem, e certamente eu seria o primeiro a concordar, mas o senhor me parece um homem que precisa beber alguma coisa. Isto é, uma bebida que não se despedace nas pedras e quase arrebente seu crânio.

– Preciso? O que o senhor tem?

– *Burgle*, senhor. Presumindo que já tenha ouvido falar nisso, é uma especialidade verrari e, se o senhor já provou em Talisham, não provou de verdade. Não tenho nada contra talishanis, é claro: alguns parentes meus moram em Talisham, sabe.

Burgle era uma cerveja densa, escura, geralmente temperada com algumas gotas de óleo de amêndoas. Tinha um efeito comparável ao de muitos vinhos. Jean assentiu.

– Uma caneca cheia, por favor.

O vendedor tirou a rolha do barril e encheu uma das canecas acorrentadas com um líquido que parecia quase preto. Entregou-a a Jean com uma das mãos e tampou o barril com a outra.

– Ela faz isso algumas vezes por semana, sabe.

Jean engoliu a cerveja quente e deixou o sabor de levedo e noz escorrer pelo fundo da garganta.

– Algumas vezes por semana?

– Ela fica meio impaciente com alguns visitantes. Não espera para terminar a conversa com todas as amenidades usuais. Mas o senhor já sabe

disso.

– Mmm-hummm. Isto aqui não é ruim mesmo.

– Obrigado, senhor. Um centira a caneca cheia... Obrigado, muito obrigado. Eu faço um bom negócio com as pessoas que caem do piso da Mestra Gallardine. Em geral, tento vigiar este local para o caso de chover um ou dois clientes. Lamento muito que o senhor não tenha encontrado satisfação na conversa com ela.

– Satisfação? Bom, ela pode ter se livrado de mim antes do que eu esperava, mas acho que tive sucesso. – Jean entornou o resto da cerveja, enxugou a boca com a manga do casaco e devolveu a caneca. – Na verdade, só estou plantando uma semente para o futuro.

CAPÍTULO QUATRO

Alianças cegas

1

– Por favor, mestre Kosta, seja razoável. Por que eu estaria escondendo alguma coisa do senhor? Se eu tivesse um tratamento para sugerir, isso significaria um bocado de ouro a mais no meu bolso, não é?

Therese Pálida, a Consultora de Venenos, mantinha uma sala bastante confortável para conversas sobre negócios confidenciais com os clientes. Locke e Jean estavam sentados com as pernas cruzadas em almofadas macias e grandes, segurando pequenas xícaras de porcelana com um grosso café jereshti, mas sem tomá-lo. Ela era uma vadrã séria, de olhos gélidos, com cerca de 30 anos, e o cabelo tinha uma cor que lembrava tecido novo de vela, batendo na gola de seu casaco de veludo preto enquanto ela andava de um lado para o outro na frente dos dois visitantes. Sua guarda-costas – uma verrari bem-vestida e portando um florete com guarda em forma de meia-esfera e um porrete de madeira laqueada pendurado no cinto – estava encostada, silenciosa e atenta, na parede ao lado da única porta da sala, que estava trancada.

– Claro – respondeu Locke. – Perdão, senhora, se pareço nervoso. Espero que a senhora possa entender nossa situação... *possivelmente* envenenados, sem ter como saber, para começo de conversa, quanto mais para conseguir um antídoto.

– Sim, mestre Kosta. O senhor está mesmo numa situação que provoca ansiedade.

– Esta é a segunda vez que sou envenenado por propósitos coercitivos. Tive bastante sorte de escapar da primeira vez.

– Uma pena que esse seja um meio eficaz de manter alguém acorrentado, não é?

– A senhora não precisa parecer tão satisfeita.

– Ora, mestre Kosta, não deve me considerar desprovida de simpatia. – Therese levantou a mão esquerda, mostrando uma série de anéis de cicatrizes alquímicas, e Locke ficou surpreso ao ver que faltava o quarto dedo daquela mão. – Um acidente descuidado, quando eu era aprendiz, trabalhando com uma coisa que não permitia erros. Eu tinha dez segundos para escolher: meu dedo ou minha vida. Felizmente, havia uma faca pesada bem perto. Sei o que significa provar os frutos da minha arte, senhores. Sei como é sentir-se enjoado, ansioso e desesperado, querendo saber o que acontece em seguida.

– Claro – concordou Jean. – Desculpe o meu sócio. É só que... bem, o nível artístico de nosso aparente envenenamento nos deixou na expectativa de alguma solução milagrosa.

– Como regra básica, é sempre mais fácil envenenar do que curar. – Therese esfregou distraidamente o cotoco do dedo que faltava, um gesto que parecia um tique antigo e familiar. – Os antídotos são coisas delicadas; em muitos casos também são venenos. Não existe panaceia, nada que cure tudo, nenhuma bebida que elimine todos os venenos conhecidos na minha profissão. E como a substância que o senhor descreve parece de fato ser personalizada, seria mais fácil cortar o pescoço dos senhores do que tentar tratamentos com antídotos aleatórios. Eles poderiam prolongar seu sofrimento ou mesmo aumentar o efeito da substância que já está aí dentro.

Jean apoiou o queixo numa das mãos e olhou a sala ao redor. Therese tinha decorado uma das paredes com um altar ao gordo e maroto Gandolo, Senhor das Moedas e do Comércio, pai celestial das transações comerciais. Na parede oposta, havia outro, dedicado à velada Aza Guilla, Senhora do Longo Silêncio, Deusa da Morte.

– Mas a senhora disse que existem substâncias conhecidas que se demoram no organismo, como a que supostamente ingerimos. Será que elas não estreitariam o campo dos tratamentos que poderiam ser realizados?

– Existem, sim. A essência de Rosa do Crepúsculo perdura no corpo durante vários meses e aniquila os nervos se a pessoa não tomar um antídoto regular. O secante branco faz com que nenhuma comida ou bebida nutra o organismo; a vítima pode se empanturrar o quanto quiser e ainda

assim definir até a morte. O pó de *anuella* faz a vítima sangrar através dos poros semanas depois de ser inalada... Mas os senhores não veem o problema? Três venenos que demoram a agir, três meios muito diferentes de causar dano. Um antídoto para, digamos, um veneno do sangue pode muito bem matá-los se o seu veneno atuar por outro meio.

– Maldição – praguejou Locke. – Certo, então. Estou me sentindo idiota por falar isso, mas... Jerome, você disse que havia mais uma possibilidade...

– Bezoares – completou Jean. – Li um bocado sobre eles na infância.

– Infelizmente, os bezoares são um mito. – Therese cruzou as mãos diante de si e suspirou. – É só uma história fantasiosa, como os Dez Vira-Casacas Honestos, a Espada que Come Corações, o Clarim de Terim Pel e todos aqueles absurdos maravilhosos. Eu li os mesmos livros, mestre de Ferra. Sinto muito. Para extrair pedras mágicas do estômago de dragões, teríamos de ter dragões vivos em algum lugar, não é?

– Parece que o suprimento deles anda escasso.

– Se o que vocês estão procurando é milagroso e caro, há mais um caminho que eu poderia sugerir.

– Qualquer coisa... – disse Locke.

– Os Magos-Servidores de Kartane. Meus relatórios são dignos de crédito e informam que eles *têm* meios de impedir envenenamentos que nós, os alquimistas, não conseguimos impedir. Para quem pode pagar o que eles cobram, claro.

– ... menos isso – murmurou Locke.

– Bom – falou Therese com certo ar resignado –, ainda que nem minha bolsa nem minha consciência se beneficiem ao mandá-los de volta para a rua sem solução, infelizmente posso fazer pouca coisa, já que nossas informações são tão escassas. O senhor tem certeza absoluta de que o envenenamento ocorreu recentemente?

– Ontem à noite, senhora, foi a primeira oportunidade que nosso... atormentador teve.

– Então aceitem o pouco consolo que posso dar. Permaneçam úteis a esse indivíduo e talvez tenham semanas ou meses de segurança pela frente. Nesse tempo, algum golpe de sorte pode lhes trazer mais alguma informação sobre a tal substância. Observem e ouçam atentamente em busca de qualquer pista. Voltem com dados mais sólidos para mim e eu instruirei meu pessoal a deixá-los entrar a qualquer hora, noite ou dia, para ver o que posso fazer.

- É muita gentileza sua, senhora – agradeceu Locke.
- Pobres cavalheiros! Ofereço-lhes minhas melhores orações pela boa sorte. Sei que viverão durante um tempo com um peso nos ombros... e caso não encontrem uma solução, sempre posso lhes oferecer meus *outros* serviços. Dar o troco, como dizem, é jogo limpo.
- A senhora é do nosso tipo de negociante – afirmou Jean, levantando-se. Em seguida, pousou a pequena xícara de café e, ao lado, pôs 1 solari. – Agradecemos pelo seu tempo e sua hospitalidade.
- Sem problema, mestre de Ferra. Então estão prontos para ir?
- Locke se levantou e ajeitou o casaco comprido. Ele e Jean assentiram ao mesmo tempo.
- Muito bem. Valista vai acompanhá-los por onde os senhores entraram. De novo peço desculpas pelas vendas, mas... algumas precauções são tanto para o seu benefício quanto para o meu.
- O local exato da sala de Therese Pálida era segredo, enfiado em algum ponto em meio às centenas de empresas respeitáveis, cafeterias, tavernas e casas nos labirintos de madeira das Galerias de Esmeralda, onde tanto a luz do sol quanto o luar se filtravam num tranquilizante verde-piscina através das cúpulas de Vidrantigo transversais. Os guardas de Therese levavam os clientes até ela, vendados, por uma longa série de passagens. A jovem armada afastou-se da porta com um par de vendas na mão.
- Entendemos completamente – garantiu Locke. – E nunca tememos. Estamos ficando acostumados a ser conduzidos no escuro.

2

Locke e Jean se entediaram no Savrola durante duas noites, de olho em cada telhado e cada beco, mas nenhum Mago-Servidor nem agentes do Arconte apareceram e se anunciaram. Eles *estavam* sendo seguidos e observados por várias equipes, isso era claro. Locke achava que era gente de Requin, com instruções de se fazer notar algumas vezes para alertá-los.

Na terceira noite, decidiram tomar coragem e retornar à Agulha do Pecado. Vestindo roupas que valiam muitas centenas de solaris, subiram pelo tapete de veludo vermelho e colocaram volanis nas mãos dos guardas à porta enquanto uma multidão considerável de fulanos bem-vestidos ficavam

ali perto, esperando um vislumbre de misericórdia social.

O olhar treinado de Locke captou os criminosos no meio deles: homens e mulheres com dentes piores, rostos mais magros e olhos mais desconfiados do que o resto da turba, vestindo roupas de noite que não pareciam cortadas sob medida ou usando acessórios ou cores errados. Eram as Pessoas Certas de Requin, saindo para uma noitada na Agulha do Pecado como recompensa por algum trabalho bem-feito. Teriam permissão de entrar, mas com certeza não passariam do primeiro andar. Sua presença era apenas mais um componente da mística da torre: uma chance para os grandes e bons se misturarem aos sujos e perigosos.

– Mestres Kosta e De Ferra – disse um dos porteiros. – Bem-vindos de volta.

Quando a grande porta dupla se abriu na direção de Locke e Jean, uma onda de ruídos, calor e cheiros passou por eles e saiu à noite – a exalação familiar da decadência.

O térreo estava apinhado, mas o primeiro andar era um mar de carne e roupas finas de parede a parede. A multidão começava na escada e Locke e Jean precisaram usar os cotovelos e ameaças para subir em meio à confusão.

– O que está acontecendo, em nome de Perelandro? – perguntou Locke a um homem comprimido contra ele. O sujeito se virou, rindo com empolgação.

– É um espetáculo de jaula!

No centro do primeiro andar, havia uma jaula de latão cúbica de 4 metros de lado que podia ser baixada do teto e presa em aberturas no piso. Naquela noite, a jaula estava também coberta com uma tela muito fina – não, corrigiu-se Locke, duas camadas de tela, uma dentro da jaula e outra fora. Uma minoria sortuda dentre os clientes da Agulha do Pecado se achava em mesas elevadas junto às paredes externas; o restante, pelo menos cem pessoas, precisava ficar de pé.

Locke e Jean foram andando pela turba em sentido anti-horário, tentando chegar perto o bastante para descobrir qual era o espetáculo. O murmúrio empolgado de conversas os cercava, mais frenético do que Locke jamais ouvira dentro daquelas paredes. Mas, enquanto ele e Jean se aproximavam da jaula, percebeu de repente que nem todo o barulho vinha da multidão.

Algo do tamanho de um pardal batia asas contra a tela e zumbia raivoso,

um som baixo e entrecortado que fez um calafrio de puro pavor subir pela espinha de Locke.

– Isso é a porra de uma vespa-estilete – sussurrou a Jean, que assentiu com vigor.

Locke jamais tivera a infelicidade de encontrar pessoalmente um daqueles insetos. Eles eram o flagelo de várias ilhas tropicais grandes a milhares de quilômetros a leste, muito além de Jerem e Jeresh e das terras detalhadas na maioria dos mapas terins. Anos antes, Jean encontrara um relato pavoroso daquelas criaturas num dos seus livros de filosofia natural e o lera em voz alta para os outros Nobres Vigaristas, arruinando o sono deles durante várias noites.

Eram chamadas de vespas-estilete por causa de descrições feitas pelos raros sobreviventes de suas picadas. Eram pesadas como pássaros, de cor vermelha brilhante, e os ferrões eram maiores do que o dedo médio de um homem adulto. A posse de uma vespa-estilete rainha em qualquer cidade-estado terim era punível com a morte, para que aquelas coisas não se estabelecessem. Diziam que suas colmeias eram do tamanho de casas.

Um rapaz se abaixava e se movia para os lados dentro da jaula, vestido com nada mais do que uma túnica de seda, calções de algodão e botas curtas. Grossas luvas de couro eram suas armas e sua única armadura, presas a braçadeiras afiveladas em volta dos antebraços; ele mantinha as mãos diante do rosto, como um boxeador. Com luvas assim, um homem poderia pensar em dar um tapa ou esmagar uma vespa-estilete, mas teria de ser muito rápido e confiante.

Numa mesa do outro lado da jaula, estava um pesado armário de madeira com dezenas de células cobertas de tela, algumas já abertas. As outras, a julgar pelo ruído, estavam apinhadas de vespas-estilete tremendamente agitadas, só esperando para ser soltas.

– Mestre Kosta! Mestre de Ferra!

O grito atravessou a multidão ruidosa, mas ainda assim era difícil identificar a origem. Locke precisou olhar ao redor várias vezes antes de encontrar a fonte: Maracosa Durena, acenando para ele e Jean de seu lugar numa das mesas encostadas a uma parede distante.

Seu cabelo preto estava preso numa espécie de rabo-leque em volta de um reluzente ornamento prateado e ela fumava um cachimbo curvo de prata quase do comprimento do braço. Argolas de ferro branco e jade

chacoalhavam em seu pulso esquerdo enquanto ela chamava Locke e Jean. Os dois arquearam as sobrancelhas um para o outro, mas abriram caminho pela multidão até ela e logo estavam parados junto à sua mesa.

– Onde vocês andaram nas últimas noites? Izmillia continua indisposta, mas eu estive cruzando as águas com outros jogos em mente.

– Pedimos desculpas, madame Durenna – falou Jean. – Os negócios nos mantiveram em outro lugar. Ocasionalmente, prestamos consultoria avulsa para clientes muito... exigentes.

– Houve uma breve viagem por água – acrescentou Locke.

– Negociações relativas a investimentos futuros em cidra de pera – emendou Jean.

– Viemos altamente recomendados por antigos sócios – completou Locke.

– Investimentos futuros em cidra de pera? Que negócio romântico e perigoso vocês devem realizar! E são tão bem-sucedidos quanto no Carrossel da Sorte?

– Devemos ser – respondeu Jean. – Caso contrário, não teríamos as verbas para jogar nele.

– Bom, então, que tal uma demonstração? O duelo da jaula. Que participante vocês acham que têm uma perspectiva mais feliz de futuro?

Na jaula, a vespa-estilete livre disparou na direção do rapaz, que lhe deu um tapa no ar e a esmagou sob uma das botas com um estalo audível de algo liberando líquido. A maioria da multidão aplaudiu.

– Parece que é tarde demais para nossa opinião, não importando qual ela fosse – disse Locke. – Ou há mais alguma coisa na apresentação?

– O show apenas começou, mestre Kosta. Aquela colmeia tem 120 células. Há um mecanismo abrindo as portas, em geral de modo aleatório. Ele pode ser atacado por uma de cada vez ou por seis, por exemplo. Impressionante, não é? Ele só pode sair da jaula quando tiver 120 vespas mortas aos pés ou... – Ela pontuou a frase com uma inalação profunda de fumaça do cachimbo e um arqueio das sobrancelhas. – Acho que até agora ele matou oito.

– Ah – fez Locke. – Bom... se eu fosse escolher, tenderia ao rapaz. Pode me chamar de otimista.

– E é mesmo. – Ela liberou dois grandes jatos de fumaça do nariz como débeis cachoeiras cinzentas e sorriu. – Eu ficaria com as vespas. Vamos

apostar? Seriam 200 solaris meus, 100 de cada um de vocês.

– Eu gosto de uma pequena aposta tanto quanto qualquer um, mas vamos perguntar ao meu parceiro: Jerome?

– Se for do seu agrado, senhora, nossas bolsas de moedas estão ao seu dispor.

– Que fonte de graciosas inverdades são vocês dois!

Ela chamou um dos funcionários de Requin e os três ofereceram seu crédito em troca de marcadores. Receberam quatro palitos curtos gravados com dez círculos cada. O funcionário registrou os nomes deles numa tabuleta e se afastou; o ritmo das apostas no salão estava aumentando.

Na jaula, mais dois insetos mortalmente irritados saíram de suas células e voaram na direção do jovem.

– Eu mencionei – perguntou Durena, colocando seus marcadores na mesinha – que a morte de vespas próximas parece excitar as outras a um frenesi maior? As oponentes daquele rapaz vão se tornar cada vez mais furiosas à medida que a luta continuar.

As duas que tinham se libertado pareciam bastante furiosas; o rapaz executava uma dança frenética para mantê-las longe das costas e dos flancos.

– Fascinante – comentou Jean, esticando o pescoço para assistir ao duelo ao mesmo tempo que fazia uma série de gestos.

Havia alguns usos criativos de sinais bastante limitados na mensagem de Jean, mas Locke acabou decifrando o significado: *Precisamos mesmo ficar assistindo a isso com ela?*

Ele já ia responder quando um peso familiar e firme caiu em seu ombro esquerdo.

– Mestre Kosta – chamou Selendri antes mesmo que Locke terminasse de se virar. – Um membro do *Priori* deseja falar com o senhor no quinto andar. Um assunto de pouca importância. Algo relativo a... truques com cartas. Ele disse que o senhor entenderia.

– Senhora, eu... é... ficaria feliz em ir. Pode avisar a ele que estou indo?

– Farei melhor – respondeu ela com um meio sorriso que não moveu o lado devastado do rosto. – Eu mesma posso acompanhá-lo, para acelerar a sua passagem.

Locke sorriu como se fosse exatamente isso que ele desejasse e se voltou para madame Durena com as mãos espalmadas.

– O senhor se move *mesmo* em círculos interessantes, mestre Kosta. É

melhor se apressar; Jerome pode cuidar da sua aposta e compartilhar uma bebida comigo.

– Um prazer muito imprevisto – disse Jean, já chamando um funcionário para pedir a bebida.

Selendri não perdeu mais nenhum instante; virou-se e entrou no meio da turba, rumando para a escada do lado oposto do salão circular. Movia-se às pressas, com a mão de bronze aninhada na de carne à frente do corpo, como uma oferenda, e o aglomerado se dividia quase milagrosamente. Locke se apressou atrás dela, passando logo antes de a multidão se fechar de novo atrás dele como uma colônia de criaturas perturbadas por um breve momento. Taças tilintavam, fumaça redemoinhava e vespas zumbiam.

Subiram a escada até o segundo andar; de novo as massas bem-vestidas se dissolviam diante da governanta de Requin. No lado sul daquele patamar, ficava uma área de serviço cheia de funcionários se agitando ao redor de prateleiras de garrafas de bebidas. Nos fundos dela, havia uma estreita porta de madeira com um nicho ao lado, onde Selendri enfiou a mão artificial. A porta se entreabriu para um espaço escuro pouco maior do que um caixão. Ela entrou primeiro, apoiou as costas na parede e o chamou para dentro.

– O armário ascensor – informou ela. – Muito mais fácil do que passar pela escada e a multidão.

Era um espaço apertado; Jean não poderia dividir o compartimento com ela. Locke ficou espremido contra o lado esquerdo de Selendri e podia sentir o peso de sua mão de bronze em suas costas. Ela estendeu a outra mão, passando-a por ele, e fechou o recinto. Ficaram trancados numa escuridão quente e Locke teve uma consciência intensa dos cheiros: seu suor fresco e o almíscar dela, e algo no cabelo de Selendri, como a fumaça de uma tora de pinheiro queimando. Amadeirada, pungente, nem um pouco desagradável.

– Bom, é aqui que eu sofreria um acidente, não é? Se eu fosse sofrer um acidente.

– Não seria acidente, mestre Kosta. Mas, não, o senhor não vai sofrê-lo na subida.

Ela se moveu e ele ouviu o estalo de algum mecanismo na parede à direita dela. Um instante depois, o compartimento estremeceu e um leve rangido cresceu ao redor dos dois.

– A senhora não gosta de mim – disse Locke num rompante. Houve um breve silêncio.

– Já conheci muitos traidores, mas talvez nenhum tão falastrão.
– Só os que iniciam a traição são de fato traidores – replicou Locke, dando à sua voz um tom de mágoa. – O que eu desejo é compensar um malfeito.

- O senhor está tentando amenizar a verdade – sussurrou ela.
- Ofendi a senhora de algum modo.
- Pode chamar isso como quiser.

Locke se concentrou furiosamente no tom de suas próximas palavras. No escuro, virado de costas para ela, sua voz estaria isolada de todas as sugestões do rosto e dos maneirismos. Jamais teria outra oportunidade tão propícia de teatralizar. Como um alquimista, misturou ardis muito ensaiados na mistura emocional desejada: arrependimento, confusão, desejo.

– Se eu a ofendi, senhora, desdiria o que disse ou desfaria o que fiz. – Uma hesitação brevíssima, o bastante para transmitir sinceridade, a ferramenta mais confiável em seu kit verbal. – Eu faria isso no momento em que a senhora me dissesse como, se ao menos me desse a chance.

Ela se remexeu ligeiramente contra ele; a mão de bronze o pressionou com mais força por um momento fugaz. Locke fechou os olhos e forçou os ouvidos, a pele e os instintos a captar qualquer pista minúscula que pudesse perceber no escuro. Será que Selendri desprezava a piedade ou ansiava por ela? Locke podia sentir as batidas trêmulas de seu próprio coração, ouvir a leve pulsação nas têmporas.

- Não há nada a desdizer ou desfazer – retrucou ela, baixinho.
- Eu quase desejo que houvesse. Para deixá-la à vontade.
- O senhor não pode. – Ela suspirou. – Não poderia.
- E a senhora nem deixaria que eu tentasse?
- O senhor fala do mesmo modo como realiza seus truques com cartas, mestre Kosta. É exímio demais. Temo que seja ainda melhor em esconder coisas com palavras do que com as mãos. Para o seu conhecimento, é sua possível utilidade contra seu empregador, e somente isso, que preserva meu consentimento em deixá-lo viver.
- Não quero ser seu inimigo, Selendri. Nem quero representar encrenca.
- As palavras são baratas. Baratas e sem significado.
- Eu não posso... – Pausa judiciosa outra vez. Locke foi cuidadoso como um mestre escultor colocando pés de galinha ao redor dos olhos de uma

estátua de pedra. – Olhe, talvez eu seja falastrão. Não sei ser de outro modo, Selendri. – O uso repetido do nome dela, uma compulsão, quase um feitiço. Mais íntimo e efetivo do que os pronomes de tratamento. – Eu sou quem sou.

– E imagina que eu desconfie do senhor por causa disso?

– Eu imagino se há algo de que a senhora *não* desconfie.

– Desconfie de todo mundo e o senhor jamais será traído. As pessoas se oporão, mas nunca conseguirão traí-lo.

– Hummm. – Locke mordeu a língua e pensou rapidamente. – Mas você não desconfia *dele*, não é, Selendri?

– Isso não é da sua conta, mestre Kosta.

Houve um chacoalhar alto vindo do teto do armário ascensor, que tremeu forte pela última vez e depois ficou silencioso.

– Desculpe-me de novo – disse Locke. – Não é o quinto andar, claro. É o oitavo?

– O oitavo.

Num segundo ela abriria a porta. Eles tinham um último instante a sós na escuridão íntima. Locke avaliou as opções, sopesou o último dardo verbal. Algo arriscado, mas potencialmente inquietante.

– Eu sentia muito menos consideração por ele, você sabe. Antes de descobrir que ele era sábio a ponto de realmente amá-la. – Outra pausa, e ele acrescentou o mais baixo possível: – Acho que você deve ser a mulher mais corajosa que já conheci.

Locke contou as próprias batidas do coração no escuro até que ela respondeu:

– Que bela suposição – sussurrou ela, e havia ácido por trás de suas palavras.

Houve um estalo e uma linha de luz amarela rompeu o breu, ardendo nos olhos dele. Selendri lhe deu um empurrão firme com a mão artificial, impelindo-o contra a porta que se abriu no coração iluminado do escritório de Requin.

Bom, que ela remoesse suas palavras por um tempo. Que lhe desse os sinais dizendo como ir adiante. Ele não tinha um objetivo específico; bastaria mantê-la incerta, menos inclinada a cravar uma faca nas suas costas. E se alguma parte pequena dele sentia um azedume por remexer nas emoções de Selendri (pelos deuses, essa parte raramente havia se

manifestado antes!), Locke lembrou que poderia fazer o que quisesse e sentir o que quisesse enquanto era Leocanto Kosta. Mestre Kosta não era real.

Saiu do armário ascensor, sem saber se estava mais convencido por si mesmo do que Selendri.

3

– Mestre Kosta! Meu misterioso novo sócio. Que homem ocupado o senhor tem sido!

O escritório de Requin estava tão atulhado quanto na última visita. Locke sentiu-se satisfeito ao ver seus baralhos empilhados aleatoriamente em vários pontos em cima e perto da mesa de Requin. O armário ascensor se abriu num nicho de parede entre duas pinturas que Locke não havia notado na vez anterior.

Requin estava de pé, olhando pela tela que cobria a porta de sacada, usando um pesado casaco marrom e comprido com lapelas pretas. Coçou o queixo com uma das mãos enluvadas e olhou de lado para Locke.

– Na verdade, Jerome e eu tivemos alguns dias bem calmos. Como acredito que prometi que faríamos.

– Não estou falando só destes últimos dias. Andei fazendo sondagens sobre os dois anos em que vocês estão em Tal Verrar.

– Como eu esperava. Foi esclarecedor?

– Tremendamente educativo. Sejamos diretos: o seu parceiro tentou dar um arrocho em Azura Gallardine para obter informações sobre meu cofre. Há pouco mais de um ano. Você sabe quem é ela?

Selendri andava na sala à esquerda de Locke, devagar, vigiando-o por cima do ombro direito.

– Claro. Membro do alto nível de bosta da Guilda dos Artífices. Eu disse ao Jerome onde encontrá-la.

– E como você soube que ela teve participação no projeto do meu cofre?

– É espantoso o quanto se pode descobrir pagando bebidas em bares de artífices e fingindo que cada história que a gente ouve é incrivelmente fascinante.

– Sei.

– Mas a vaca velha não contou nada a ele.

– Ela não contaria. Também não me contou sobre a indagação que ele fez. Mas eu espalhei a pergunta há algumas noites e, por acaso, um vendedor de cerveja que está na minha lista de olhos confiáveis viu uma vez alguém parecido com o seu colega despencar do céu.

– É. Jerome disse que a mestra da guilda tem um método especial de interromper as conversas.

– Bom, Selendri teve uma conversa sem interrupções com ela ontem à noite. Ela foi instigada a lembrar tudo que podia sobre a visita de Jerome.

– Instigada?

– Financeiramente, mestre Kosta.

– Ah.

– E também fiquei sabendo que o senhor inquiriu algumas das minhas gangues na Marina de Prata. Mais ou menos no período em que Jerome visitou a Mestra Gallardine.

– É. Eu falei com um velho chamado Drava, e uma mulher chamada... como era mesmo...

– Armania Cantazzi.

– Isso, ela mesma. Obrigado. Mulher lindíssima; tentei ir além dos negócios e ser mais amigável, porém ela não pareceu apreciar meus encantos.

– Armania não apreciaria: ela prefere a companhia de outras mulheres.

– Ah, isso é um alívio. Achei que eu estava perdendo o jeito.

– Você se mostrou curioso com relação a transporte por navio, do tipo que as autoridades da alfândega jamais ouvem falar. Discutiu alguns termos com meu pessoal e nunca mais apareceu. Por quê?

– Após refletir, Jerome e eu concordamos que seria mais sensato obter navios de fora de Tal Verrar. Então poderíamos simplesmente contratar algumas barcas pequenas para transportar o que roubássemos do senhor e evitar as negociações mais complicadas para conseguir um batelão de carga.

– Se eu estivesse planejando me roubar, acho que concordaria. Agora, a questão dos alquimistas. Tenho informações confiáveis me informando do seu encontro com vários no ano passado. Respeitáveis e não respeitáveis.

– Claro. Eu realizei algumas experiências com óleos de fogo e ácidos em mecanismos de segunda mão. Achei que poderia economizar o tempo tedioso de arrombar fechaduras.

– Essas experiências deram fruto?

– Eu compartilharia essas informações com um empregador – respondeu Locke, sorrindo.

– Hummmm. Deixe para lá, por enquanto. Mas de fato parece que vocês estavam tramando alguma coisa. Muitas atividades disparatadas que se combinam para sustentar sua história. Só há mais uma coisa.

– E qual é?

– Estou curioso: como estava o velho Maxilan quando você o viu há três noites?

De repente, Locke percebeu que Selendri não estava mais andando de um lado para o outro, mas havia se posicionado alguns passos atrás dele. *Guardião Torto, me dê um belo papo furado e a sabedoria para saber quando interrompê-lo*, pensou.

– Ah, bem, ele é um sacana.

– Isso não é segredo. Qualquer criança na rua poderia me dizer isso. Mas você admite que esteve no Mon Magisteria?

– Sim. Tive uma audiência particular com Stragos. Por acaso, o Arconte tem a impressão de que os agentes dele que fazem parte das suas gangues não foram detectados.

– Esse é meu objetivo. Mas você realmente circula, Leocanto. O que o Arconte de Tal Verrar iria querer com você e Jerome? Ainda por cima no meio da noite? Na mesma noite em que nós tivemos uma conversa tão *interessante*?

Locke suspirou para ganhar alguns segundos e pensar.

– Posso lhe dizer – respondeu, após o máximo de hesitação que seria prudente –, mas duvido que o senhor vá gostar.

– Claro que não vou gostar. Mas ouçamos assim mesmo.

Locke suspirou de novo. Era mergulhar de cabeça numa mentira ou pela janela.

– É o Stragos que tem feito os nossos pagamentos. Os intermediários com quem estivemos lidando são agentes do Arconte. *Ele* é o homem tão ansioso para ver seu cofre parecendo uma despensa depois de um banquete. E achou que era a hora de estalar o chicote nas nossas costas.

Leves rugas apareceram no rosto de Requin enquanto ele trincava os dentes, e ele levou as mãos às costas.

– Você ouviu isso da própria boca do Arconte?

– Ouvi.

– Que consideração espantosa ele deve sentir por você, para lhe fazer um relato pessoal dos negócios. E qual é a sua prova?

– Bom, pedi uma declaração assinada sobre as intenções dele de sacanear o senhor e ele ficou feliz em me entregar, mas, desastrado que sou... perdi no caminho para cá esta noite! – Locke se virou para a esquerda e fechou a cara. Podia ver que Selendri o vigiava atentamente, com a mão de verdade sob a jaqueta. – Pelo amor da porra, se não acredita, posso pular pela janela agora e poupar um bocado de tempo para todos nós.

– Não... não precisa pintar as pedras do calçamento com seu cérebro por enquanto – replicou Requin, erguendo uma das mãos. – Mas é incomum que alguém na posição de Stragos lide diretamente com agentes que devem estar... ah... num nível um tanto baixo de sua hierarquia e de sua consideração. Sem querer ofender.

– Tudo bem. Imagino que Stragos esteja impaciente por algum motivo. Suspeito que ele queira resultados mais rápidos. E... tenho quase certeza de que Jerome e eu não estamos mais destinados a sobreviver a qualquer sucesso. É a única suposição razoável.

– E isso economizaria um bocado de dinheiro para ele, acho. Gente do tipo de Stragos é mais parcimoniosa com o ouro do que com vidas. – Requin estalou os nós dos dedos. – A desgraça é que tudo isso faz um tremendo sentido. Eu tenho uma regra: se você tem uma charada e as respostas são elegantes e simples, significa que alguém está tentando foder com você.

– A única pergunta que eu ainda tenho – interveio Selendri – é por que Stragos lidaria com vocês *pessoalmente*, sabendo muito bem que vocês poderiam acusá-lo se fossem levados à... persuasão.

– Há uma coisa que eu não tinha pensado em mencionar – falou Locke, parecendo sem graça. – É uma questão de grande embaraço para mim e Jerome. Stragos nos deu cidra para beber durante a audiência. Não ousando ser grosseiros, bebemos um bocado. Ele diz que colocou dentro um veneno, algo sutil e latente. Algo que exigiria que nós dois tomássemos um antídoto dado por ele a intervalos regulares, para não morrermos de modo desagradável. Portanto, agora ele nos tem presos pela coleira e, se quisermos o antídoto, devemos ser seus bichos de estimação.

– É um velho truque – comentou Requin. – Velho e confiável.

– Eu disse que ficamos devidamente embaraçados. E assim o senhor vê: ele já tem um meio de abrir mão de nós quando tivermos servido aos seus

propósitos. Tenho certeza de que, por enquanto, ele confia muito em nossa lealdade.

– E ainda assim você quer se virar contra ele?

– Seja sincero, Requin: se você fosse Stragos, nos daria o antídoto e deixaria que fôssemos embora alegremente? Para ele já estamos mortos. Logo, agora eu tenho o fardo de duas vinganças para executar antes de morrer. Mesmo que eu sucumba à maldita cidra de Stragos, quero meu último momento com Jerome. E quero que o Arconte sofra. *O senhor* é o melhor meio que tenho para realizar os dois objetivos.

– É uma suposição razoável – ronronou Requin, ficando um pouco mais caloroso.

– Fico feliz porque o senhor pensa assim, pois aparentemente sei menos sobre a política desta cidade do que imaginava. Que diabo está acontecendo, Requin?

– O Arconte e o *Priori* estão rilhando os dentes uns para os outros de novo. Bom, metade do *Priori* guarda grande parte de suas fortunas pessoais no meu cofre, tornando impossível para os espiões do Arconte saberem a verdadeira extensão de seus recursos. Esvaziar meu cofre não só iria privá-los de fundos como também mancharia minha reputação com eles. Neste momento, Stragos *já* poderia me tirar dos negócios sem uma grande provocação, por medo de iniciar uma guerra civil. Mas patrocinar um aparente terceiro grupo para atacar meu cofre... ah, sim, isso serviria muitíssimo bem. Eu estaria ocupado caçando você e Jerome, o *Priori* estaria ocupado tentando me agarrar e me esquartejar, e então Stragos poderia simplesmente...

Requin ilustrou o que o Arconte poderia fazer colocando um punho fechado dentro da palma da outra mão e esfregando com força, como se espremesse algo.

– Eu tinha a impressão de que o Arconte era subordinado aos conselhos do *Priori*.

– Tecnicamente, é. O *Priori* tem um lindo pergaminho que diz isso. Stragos tem um exército e uma marinha que lhe garantem uma opinião contrária.

– Fantástico. E o que fazemos agora?

– Boa pergunta. Não tem mais sugestões, nem tramas, nem truques com cartas, mestre Kosta?

Locke decidiu que era uma boa hora de tornar Leocanto Kosta um pouquinho mais humano.

– Olhe, quando meu empregador era apenas um anônimo que mandava um saco de moedas todo mês, eu sabia exatamente o que estava fazendo. Mas agora outra coisa acontece, facas aparecem, e o senhor pode ver de todos os ângulos possíveis. Diga-me o que fazer e eu farei.

– Hummm. Stragos. Ele perguntou sobre a conversa que nós dois tivemos?

– Nem mencionou. Não creio que ele soubesse a respeito dela. Acho que Jerome e eu já seríamos mesmo levados naquela noite, independentemente de qualquer coisa.

– Tem certeza?

– O máximo de certeza possível.

– Diga uma coisa, Leocanto. Se Stragos tivesse se revelado antes de você ter a chance de fazer seus truques de cartas para mim... se soubesse que era ele que você estava traindo, mesmo assim teria feito isso?

– Bom... – Locke fingiu pensar na questão. – Se eu gostasse dele, se confiasse nele, talvez só enfiasse uma faca nas costas de Jerome e trabalhasse para o Arconte. Mas... Para Stragos nós somos ratos, não é? Somos as porras de uns insetos. Stragos é um filho da puta presunçoso. Acha que conhece nós dois. Eu... não gosto dele, nem um pouco, mesmo sem levar em conta o veneno.

– Ele deve ter falado com você longamente para inspirar tamanha aversão – comentou Requin com um sorriso. – Que seja. Se você quiser entrar na minha organização, haverá um preço. O preço é Stragos.

– Ah, pelo amor dos deuses. Que diabo *isso* significa?

– Quando Stragos estiver morto ou sob minha custódia, você pode ter o que pede. Toda a ajuda que eu possa oferecer com relação ao veneno dele. E Jerome de Ferra chorando sob sua faca. É aceitável?

– Como eu faria isso?

– Não espero que você faça tudo sozinho. Mas Maxilan já governou por tempo suficiente. Ajude-me a forçar sua aposentadoria por qualquer meio ao seu alcance ou qualquer meio que eu ordene. Então acho que eu teria um novo chefe de segurança dos salões.

– É a melhor coisa que ouço em muito tempo. E o, ahn... o dinheiro que está na minha conta, inacessível por sua ordem?

– Permanecerá inacessível, perdido por suas próprias ações. Não sou um homem caridoso, Leocanto. Lembre-se disso se quiser me servir.

– Claro. Claro. Mas agora, por favor, responda a uma pergunta. Por que não está preocupado com a possibilidade de eu servir como agente duplo para o senhor e para Stragos? De que eu possa correr para ele e contar tudo isso?

– Por que você presume que *eu* não estou escondendo alguma coisa de você? – Requin deu um largo sorriso, divertindo-se.

– Todas essas possibilidades fazem minha cabeça doer. Prefiro trapacear com cartas a criar intrigas. Se o senhor não for merecedor de confiança, logicamente é melhor eu ir para casa e me enforcar esta noite.

– É. Mas vou lhe dar uma resposta melhor. O que você poderia contar a Stragos? Que eu não gosto dele, que guardo o dinheiro dos inimigos dele e quero que ele morra? Para que ele tivesse confirmação da minha hostilidade? Bobagem. Ele *sabe* que eu sou hostil. Sabe que o submundo de Tal Verrar é um impedimento para ele afirmar seu poder. Meus *felantozzis* preferem ser governados pelas guildas a serem comandados pelo governo dos uniformes e das lanças: há menos dinheiro na ditadura das armas.

Felantozzi era um termo da época do Trono Terim que significava “soldados de infantaria”. Algumas vezes Locke o ouvira sendo usado em referência a criminosos, mas nunca os ouvira usando-o entre si.

– Tudo o que resta – continuou Requin – é seu outro juiz concordar que vale a pena investir em você.

– Outro juiz?

Requin fez um gesto em direção a Selendri.

– Você ouviu tudo, minha cara. Vamos jogar Leocanto pela janela ou mandá-lo de volta para onde você o buscou?

Locke a encarou, cruzou os braços e sorriu, esforçando-se para parecer um cachorrinho inofensivo. Ela fez uma carranca inescrutável por alguns instantes, depois suspirou.

– Há coisas demais de que desconfiar. Mas se houver uma chance de colocar um vira-casaca relativamente perto do Arconte... acho que vai nos custar pouco. Podemos aceitar.

– Pronto, mestre Kosta. – Requin se aproximou e pôs a mão no ombro de Locke. – Que tal este sonoro endosso ao seu caráter?

– Aceitarei o que puder receber.

Locke tentou não deixar que boa parte de seu genuíno alívio transparecesse.

– Por enquanto, sua tarefa será manter o Arconte feliz, para que ele lhe dê o antídoto.

– Farei isso se os deuses quiserem. – Locke coçou o queixo, pensativo. – Farei com que ele saiba que nós dois nos conhecemos; ele deve ter outros olhos em sua Agulha, que vão descobrir isso cedo ou tarde. É melhor que seja explicado cedo.

– Claro. Será que ele vai levá-lo de volta ao Mon Magisteria em breve?

– Não sei quando, mas sim. É muito mais do que provável.

– Ótimo. Isso significa que ele pode falar de novo sobre seus planos. Agora vamos levá-lo de volta ao mestre de Ferra e seus negócios noturnos. Está passando a perna em alguém esta noite?

– Acabamos de chegar. Estávamos assistindo ao espetáculo da jaula.

– Ah, as vespas. A chegada desses monstros foi uma surpresa inesperada.

– É uma propriedade perigosa.

– É. Um capitão jeremita possuía uma colmeia-semente e uma rainha que ele tentava vender. Meu pessoal subornou a alfândega, fez com que ele fosse executado, queimou a rainha e o resto sumiu sob minha posse depois de ser apreendido. Eu sabia que arranjaría alguma utilidade para elas.

– E o rapaz que as está enfrentando?

– Algum oitavo filho de um nobre falido, com areia no lugar dos miolos e dívidas com a Agulha. Ele garantiu que cobriria as dívidas ou morreria tentando, e eu aceitei sua palavra.

– Bom, eu apostei 100 solaris nele, por isso espero que ele viva para cobrir as tais dívidas. – Locke se virou para Selendri. – O armário ascensor outra vez?

– Só até o quinto andar. De lá o senhor pode voltar andando. – Ela deu um pequeno sorriso afetado. – Sozinho.

4

Quando Locke finalmente conseguiu abrir caminho até o primeiro andar, o jovem na jaula mancava, sangrando, meio instável. Meia dúzia de vespas-estilete voavam na jaula, mergulhando em volta dele. Locke suspirou ao

atravessar a multidão.

– Mestre Kosta! Voltou a nós bem a tempo de a aposta ser resolvida, acho.

Madame Durena sorriu segurando uma bebida, algum licor laranja leitoso numa esguia taça de vidro com quase 30 centímetros de altura. Jean bebericava algo castanho-claro num copo menor; Locke recebeu um idêntico e assentiu, agradecido. Rum com mel: forte o bastante para evitar o desprezo de Durena, mas não o bastante para começar a prejudicar o bom senso de alguém.

– Já? Desculpem pela ausência. Um negociozinho idiota.

– Idiota? Com um conselheiro do *Priori* envolvido?

– Eu cometi o erro de lhe mostrar um truque de cartas semana passada. Agora ele está fazendo arranjos para que eu realize o mesmo truque para... ahn... um amigo dele.

– Deve ser um truque impressionante, então. Mais impressionante do que o que você faz em geral numa mesa de carteador?

– Duvido, senhora. – Locke tomou um longo gole de sua bebida. – Para começo de conversa, não preciso me preocupar com uma oposição tão magnífica quando estou realizando um truque de cartas.

– Alguém já tentou cortar sua língua abominavelmente eloquente, mestre Kosta?

– Isso se tornou um tradicional passatempo em várias cidades.

Na jaula, o zumbido insano das vespas ficou mais alto no momento que outras saltaram das células... duas, três, quatro... Locke estremeceu e ficou olhando, impotente, enquanto as formas escuras e turvas circulavam. O rapaz tentou permanecer firme, depois entrou em pânico e começou a balançar os braços loucamente. Uma vespa encontrou sua luva e foi jogada no chão, mas outra pousou nas costas, junto à cintura, e impeliu o corpo para baixo. O rapaz uivou, bateu nela e arqueou as costas. A multidão ficou num silêncio mortal, numa mistura de horror e antecipação.

Foi rápido, mas Locke jamais chamaria de misericordioso. As vespas envolveram o rapaz, saltando e picando, cravando as pernas com garras em sua camisa empapada de sangue. Uma no peito, outra no braço, o abdômen pulsando loucamente para cima e para baixo... Uma adejou perto do seu cabelo e outra cravou o ferrão em sua nuca. Os gritos histéricos do rapaz se tornaram ruídos engasgados e úmidos. Uma espuma escorreu de sua boca, o

sangue escorria pelo rosto e pelo peito. Por fim, ele caiu, em convulsão. Os insetos zumbiam e pousavam no corpo, horrivelmente parecidos com formigas cor de sangue, ainda picando.

O estômago de Locke tentava expulsar o pequeno desjejum comido na Villa Candessa e ele mordeu com força um dos seus dedos dobrados, usando a dor para garantir algum autocontrole. Ao virar para madame Durena, sua expressão já se tornara plácida.

– Bom, esta é uma compensação tolerável pelos ferimentos que ainda tenho do nosso último encontro – disse ela, balançando os quatro marcadores para ele e Jean. – Mas quando teremos o prazer de uma revanche completa?

– Quanto antes, melhor – afirmou Locke. – Mas nos desculpe por esta noite: temos algumas... dificuldades políticas a discutir. E antes de irmos embora, vou despejar minha bebida no corpo do homem que nos custou 200 solaris.

Madame Durena acenou despreocupadamente e estava enchendo de novo seu cachimbo de prata com fumo de uma bolsa de couro antes que Locke e Jean tivessem dado dois passos.

O enjoo de Locke voltou a aumentar conforme ele se aproximava da vítima. A multidão se espalhava ao redor dele, trocando marcadores e travando conversas entusiasmadas. Mas a área de alguns passos ao redor da jaula já estava vazia. O barulho e o movimento no salão ao redor mantinha as vespas agitadas. Um par delas saltou no ar e pairou ameaçadoramente, batendo com força contra a camada interna de tela, acompanhando suas passadas. Seus olhos pretos pareciam se fixar nos dele. Ele se encolheu, mesmo contra a vontade.

Ajoelhou-se o mais perto possível do corpo do rapaz e, em segundos, metade das vespas estava zumbindo e se chocando contra a tela a apenas meio metro de seu rosto. Locke jogou o resto de seu rum em cima do cadáver coberto de insetos. Atrás dele, houve uma erupção de gargalhadas.

– Esse é o espírito, amigo – disse uma voz engrolada. – O filho da puta desajeitado me custou 500 solaris. Dê uma mijada nele, já que está aí.

– Guardiã Torto – falou Locke baixinho e rapidamente. – Um copo derramado em homenagem a um estranho sem amigos. Senhor dos galantes e dos idiotas, alivie a passagem deste homem até a Senhora do Longo Silêncio. Foi um modo infernal de morrer. Faça isso por mim e tentarei não

pedir nada durante um tempo. Desta vez estou falando sério mesmo.

Locke beijou o dorso da mão esquerda e se levantou. Tendo feito a oração, subitamente não suportava mais ficar perto da jaula.

– Para onde agora? – sussurrou Jean.

– Para o mais longe possível desses insetos desgraçados.

5

O céu estava límpido sobre o mar e coberto por nuvens a leste; um alto teto perolado pairava por lá, como fumaça congelada sob as luas. Uma brisa forte soprava enquanto eles caminhavam pelo cais que cercava a parte interna da Grande Galeria, dispersando papéis e outros pedaços de lixo. Um sino de navio ecoou pela água prateada.

À esquerda, uma escura parede de Vidrantigo subia, como um penhasco altíssimo, atravessada aqui e ali por escadas precárias com fracas lanternas para guiar o caminho dos que subiam e desciam. No topo, ficava o Mercado Noturno e a borda do vasto teto que cobria as camadas da ilha até as ondas do outro lado.

– Ah, fantástico – comentou Jean quando Locke terminou de narrar o que acontecera no escritório de Requin. – Então agora Requin pensa que Stragos está decidido a acabar com ele. Nunca ajudei a precipitar uma guerra civil antes. Deve ser divertido.

– Eu não tinha muita opção. Você pode pensar em algum outro motivo convincente para Stragos sentir um interesse pessoal por nós? Sem uma boa explicação, eu iria voar por aquela janela, isso estava claro.

– Se ao menos tivesse caído de cabeça, não teria nada a temer a não ser a conta pelas pedras do calçamento danificadas. Você acha que Stragos precisa saber que Requin não é tão cego aos agentes dele quanto ele acha?

– Ah, foda-se o filho da puta. Pelo que sabemos, Stragos está mesmo querendo acabar com Requin. Certamente os dois não são amigos e esta cidade maldita está borbulhando. Quanto aos créditos do livro-caixa, acho que Selendri pode ser ganhada com papo furado, pelo menos um pouquinho. E parece que Requin acha mesmo que eu sou *dele*.

– É, isso é bom. Você acha que é hora de dar as cadeiras a ele?

– É, as cadeiras... as cadeiras. É. Vamos fazer isso antes que Stragos

decida nos pressionar mais um pouco.

– Farei com que elas sejam tiradas do depósito e trazidas numa carroça quando você quiser.

– Ótimo. Então vou entregá-las no fim desta semana. Você se incomoda em evitar a Agulha do Pecado por uma ou duas noites?

– Claro que não. Algum motivo específico?

– Só quero desapontar Durena e Corvaleur. Até estarmos um pouco mais seguros com a situação, eu preferiria não desperdiçar mais uma noite perdendo dinheiro e ficando bêbado. O truque da *bella paranella* pode levantar suspeitas se o usarmos de novo.

– Se é assim, não posso recusar. Que tal se eu xeretasse alguns outros lugares para ver se consigo descobrir um boato sobre o Arconte e o *Priori*? Acho que poderíamos nos armar com um pouco mais da história desta cidade.

– Maravilhoso. Que diabo é isso?

Os dois não estavam sozinhos no cais: além de estranhos apressados fazendo negócios, barqueiros dormiam sob capas ao lado das embarcações atracadas e um bom número de bêbados e mendigos enrolavam-se em qualquer abrigo que pudessem encontrar. Havia uma pilha de caixotes a poucos passos à esquerda dos dois e, à sombra deles, estava sentada uma figura magra coberta com camadas de trapos rasgados, perto de um minúsculo globo alquímico vermelho-claro. A pessoa segurava um pequeno saco de aniagem e gesticulava para eles com a mão pálida.

– Senhores, senhores! – A voz alta e grasnada parecia feminina. – Por piedade, finos cavalheiros. Por piedade, por Perelandro. Uma moeda, qualquer moeda, uma fina de cobre serve. Tenham piedade, por Perelandro.

A mão de Locke foi até a bolsa dentro do casaco comprido. Jean havia tirado a dele e agora a carregava junto ao braço direito; parecia contente em deixar que Locke cuidasse do ato de caridade da noite.

– Por Perelandro a senhora pode ter mais do que apenas 1 centira.

Temporariamente distraído pelo brilho de sua própria galanteria afetada, Locke começou a estender 3 volanis antes que se desse conta de algumas questões. A mendiga ficaria feliz em ter uma moeda fina de cobre e tinha voz alta... Por que não a ouviram falar com nenhum dos estranhos que haviam passado logo antes deles?

E por que ela estava estendendo o saco de aniagem, e não a mão aberta?

Jean foi mais rápido do que ele e, sem se preocupar com delicadeza na hora de colocar o amigo em segurança, deu um empurrão em Locke com o braço esquerdo. Uma seta de besta abriu um buraco no saco de aniagem e sibilou pelo ar entre os dois; Locke sentiu-a repuxar o casaco enquanto caía de lado. Ele tropeçou num caixote pequeno e se esparramou desajeitadamente de costas.

Sentou-se bem a tempo de ver Jean chutar a mendiga no rosto. A cabeça da mulher foi virada bruscamente para trás, mas ela apoiou as mãos no chão e deu uma tesoura nas pernas de Jean, derrubando-o. Enquanto ele batia no chão e seu casaco dobrado era jogado longe, a mendiga plantou bananeira e se lançou para a frente num arco. Estava de pé num segundo, jogando os trapos longe.

Ah, merda. É uma boxeadora de pés – uma maldita chassonneur, pensou Locke, levantando-se desajeitadamente. *Jean odeia isso*. Locke sacudiu as mangas do casaco e um punhal caiu em cada mão. Movendo-se com cautela, foi andando em direção à agressora, que chutava as costelas de Jean enquanto o grandalhão tentava rolar para longe. Locke estava a três passos da *chassonneur* quando a batida de uma bota no chão o alertou sobre outra presença perto dele. Levantou o punhal na mão direita como se fosse atacar a mulher, então se abaixou e girou, estocando às cegas para trás com a lâmina da mão esquerda.

Ficou feliz por ter se abaixado: algo passou junto à sua cabeça, perto o bastante para puxar-lhe dolorosamente o cabelo. O novo atacante era outro “mendigo”, um homem quase da sua estatura, e tinha acabado de errar o golpe com uma comprida corrente de ferro que teria aberto o crânio de Locke como um ovo. A força do ataque do sujeito fez com que ele se impulsionasse contra a ponta do punhal de Locke, que mergulhou até o cabo logo abaixo da sua axila direita. O homem ofegou e Locke aproveitou a vantagem sem dó, enterrando a outra lâmina na sua clavícula esquerda.

Locke remexeu os dois punhais com a maior violência possível e o homem gemeu. A corrente escorregou de seus dedos e bateu no chão com estardalhaço. Um segundo depois, Locke arrancou as armas como se estivesse tirando espetos de uma peça de carne e deixou o pobre coitado despencar no chão. Levantou as lâminas sangrentas, virou-se e, com um súbito ímpeto autoconfiante desaconselhável, atacou a agressora de Jean.

Ela deu um chute de lado, mal lançando-lhe um olhar. O pé acertou seu

esterno; foi como bater numa parede de tijolos. Locke cambaleou para trás e ela aproveitou a oportunidade para se afastar de Jean, que parecia fora de combate, e avançar contra Locke.

Locke viu que ela era jovem, provavelmente mais do que ele, usando roupas largas e escuras e um colete fino e bem-feito de couro com nervuras. Era terim, de pele relativamente escura e cabelo preto com uma trança apertada que envolvia a cabeça como uma coroa. Sua postura dizia que já havia matado antes.

Sem problema, pensou Locke, movendo-se para trás, *eu também já matei*. Porém, nesse instante tropeçou no corpo do homem que ele havia acabado de apunhalar.

Ela se aproveitou de imediato do passo em falso. No momento em que ele recuperava o equilíbrio, ela golpeou com a perna direita num arco. Seu pé atingiu o antebraço esquerdo de Locke como uma marreta e ele praguejou ao ver seu punhal voar dos dedos subitamente sem força. Furioso, estocou com a lâmina da mão direita.

Movendo-se com mais agilidade do que Jean jamais havia se movido, ela agarrou o pulso direito de Locke com a mão esquerda, puxou-o para a frente e bateu com a base da mão direita em seu queixo. O outro punhal voou para o escuro como alguém que mergulhasse de um prédio alto e, de repente, o céu negro acima dele foi substituído por pedras cinzentas. Ele bateu nelas com força suficiente para que os dentes chacoalhassem como dados num copo.

Ela chutou-o uma vez para rolá-lo de costas, depois colocou um pé em seu peito para prendê-lo ao chão. Tinha apanhado um dos seus punhais e se dobrou para golpear Locke, que olhava atordoado. Suas mãos estavam entorpecidas, lentas, e ele sentiu uma coceira insuportável no pescoço desprotegido.

De repente, a mulher se arqueou e soltou o punhal, que bateu com força no chão ao lado do rosto de Locke, que se encolheu. Ela tombou de joelhos ao seu lado, respirando em haustos rápidos, e tentou se retorcer para longe. Locke viu uma das Irmãs Malvadas de Jean enterrada numa mancha escura que se espalhava na base das costas dela, à direita da espinha dorsal.

Jean abaixou-se e arrancou a machadinha. A mulher ofegou, caiu para a frente e foi puxada de volta violentamente por Jean, que ficou parado atrás dela e encostou a lâmina da arma em seu pescoço.

– Lo... Leo! Leocanto! Você está bem?

– Com tanta dor assim, sei que não posso estar morto – respondeu Locke, ofegando.

– Que bom. – Jean aplicou mais força na machadinha, que segurava próximo à lâmina, como um barbeiro com uma navalha. – Comece a falar. Eu posso ajudá-la a morrer sem mais dor ou posso até ajudá-la a viver. Você não é uma simples bandida. Quem a mandou aqui?

– Minhas costas – gemeu a mulher, soluçando, a voz trêmula e sem tom ameaçador. – Por favor, por favor, está doendo.

– É para doer mesmo. Quem mandou você aqui? Quem contratou você?

– Ouro – falou Locke, tossindo. – Ferro branco. Podemos pagar a você. O dobro. Só nos dê um nome.

– Ah, pelos deuses, está doendo...

Jean segurou-a pelos cabelos com a mão livre e puxou; ela gritou e se empertigou. Locke piscou ao ver o que parecia ser uma forma escura, emplumada, explodir do peito dela, só registrando a pancada úmida do quarelo de balestra uma fração de segundo depois. Jean saltou para trás, perplexo, e largou a mulher no chão. Após um instante, olhou para além de Locke e fez um gesto ameaçador com a machadinha.

– Você!

– Ao seu dispor, mestre de Ferra.

Locke virou a cabeça para trás a ponto de captar um vislumbre invertido da mulher que os tirara da rua e entregara ao Arconte algumas noites antes. O cabelo escuro ondulava atrás dela, na brisa. Ela usava uma jaqueta preta e justa por cima de colete e saia cinzentos e segurava uma balestra descarregada na mão esquerda. Andava na direção deles com tranquilidade, da mesma direção de onde eles tinham vindo. Locke gemeu e rolou até vê-la de pé.

Ao seu lado, a mendiga *chassonneur* soltou uma última tosse úmida e morreu.

– *Maldição!* – exclamou Jean. – Eu já ia obter algumas respostas dela!

– Não ia, não – retrucou a agente do Arconte. – Dê uma olhada na mão direita dela.

Locke começara a se levantar, trêmulo, e fitou a falsa mendiga ao mesmo tempo que Jean: uma faca fina, com lâmina curva, brilhava à luz fraca das luas e das poucas lâmpadas no cais.

– Estou aqui para vigiar vocês dois – informou a mulher, postando-se ao lado de Locke com um sorriso contente.

– Belo trabalho, porra – replicou Jean, esfregando as costelas com a mão esquerda.

– Vocês pareciam estar se saindo bastante bem antes do momento final. – Ela olhou para a faquinha e assentiu. – Olhem, ela tem um sulco extra ao longo do gume. Geralmente isso significa alguma coisa maligna na lâmina. Ela estava ganhando tempo para espetar você com ela.

– Sei o que significa um sulco ao longo da lâmina – murmurou Jean, petulante. – Você sabe para quem, diabos, esses dois trabalham?

– Tenho algumas teorias.

– E poderia compartilhá-las? – perguntou Locke.

– Se eu recebesse ordens a respeito – respondeu ela com doçura.

– Que os deuses amaldiçoem todos os verraris e deem mais feridas nas partes privadas deles do que cabelos na cabeça – disse Locke baixinho.

– Eu nasci em Vel Virazzo – avisou a mulher.

– Você tem nome? – indagou Jean.

– Um monte. Todos lindos e nenhum verdadeiro. Vocês dois podem me chamar de Merrane.

– Merrane. Ai. – Locke se encolheu e massageou o antebraço esquerdo com a mão direita. Jean pôs a mão em seu ombro.

– Alguma coisa quebrada, Leo?

– Não muito. Talvez minha dignidade e minhas preciosas presunções de benevolência divina. – Locke suspirou. – Vimos pessoas nos seguindo nas últimas noites, Merrane. Devemos ter visto você.

– Duvido. Os cavalheiros deveriam recolher suas coisas e começar a andar. Na mesma direção em que iam antes. Logo vão aparecer policiais, que não recebem ordens do meu patrão.

Locke recuperou os punhais e limpou-os na calça do homem que ele matara antes de devolvê-los às mangas do casaco. Agora que a raiva da luta havia esfriado, sentiu ânsia de vômito diante da visão do cadáver e se afastou o mais rápido que pôde.

Jean pegou seu casaco e enfiou a machadinha dentro. Logo os três andavam lado a lado, Merrane no meio, de braços dados com eles.

– Meu patrão desejava que eu vigiasse vocês esta noite e que, quando fosse conveniente, os levasse até um barco.

– Maravilhoso – comentou Locke. – Outra conversa particular.

– Não sei. Mas, se fosse conjecturar, acho que ele arranhou um trabalho para vocês dois.

Jean lançou um olhar rápido para os dois corpos caídos na escuridão atrás deles e tossiu no punho fechado.

– Esplêndido – resmungou. – Até agora esse lugar tem estado muito monótono e descomplicado.

REMINISCÊNCIA

A Guerra do Entretenimento

1

A seis dias pela estrada litorânea ao norte de Tal Verrar, Salon Corbeau fica numa fenda de um verde incomum nas rochas negras junto ao mar. Mais do que uma propriedade privada, não exatamente uma povoação funcional, a semicidade se agarra à sua vida peculiar à sombra abrasadora do Monte Azar.

Na época do Trono Terim, o Monte Azar explodiu para a vida, soterrando três cidades e dez mil almas em questão de minutos. Atualmente, ele parece contente em apenas roncar e permanecer meditativo, lançando plumas de carvão retorcido para o mar, e bandos de corvos giram sem preocupação sob a fumaça do vulcão velho e cansado. Ali começa a planície quente e poeirenta chamada de *Adra Morcala*, habitada por poucos e amada por ninguém. Ela segue como um mar rachado e seco até o limite sul de Balinel, o cantão mais a oeste e desolado do Reino dos Sete Tutanos.

Locke adentrou Salon Corbeau no nono dia de Aurim, no Septuagésimo Oitavo Ano de Nara. Era um ameno inverno ocidental e mais de um ano frutífero se passara desde que ele e Jean haviam posto os pés em Tal Verrar. Na caixa-forte blindada atrás da carruagem de aluguel estavam mil solaris, roubados no bilhar de um certo lorde Landreval de Epara, que tinha uma sensibilidade incomum a limões.

O pequeno porto que servia à semicidade estava apinhado de embarcações pequenas – iates, barcas de lazer e galeras costeiras com velas de seda quadradas. Mais longe, no mar aberto, um galeão e uma chalupa estavam ancorados, cada uma com a flâmula de Lashane sob brasões e insígnias de famílias que Locke não reconheceu. A brisa era fraca e o sol estava pálido, mais prateado do que dourado detrás das exalações nevoentas da montanha.

– Bem-vindo a Salon Corbeau – disse um laçao de libré preta e verde-oliva, com chapéu alto de feltro preto. – Qual é o seu título e como o senhor deve ser anunciado?

Uma mulher de libré pôs um bloco de madeira sob a porta aberta da carruagem e Locke começou a sair, cruzando as mãos às costas e se espreguiçando com alívio antes de saltar. Usava um bigode preto e caído, sob ópticos de aro preto e cabelo puxado para trás; o casaco negro e pesado era justo no peito e nos ombros, mas se abria da cintura até os joelhos, balançando-se atrás dele como uma capa. Ele havia descartado a calça justa com sapatos, mais refinados, em troca de pantalonas cinzas enfiadas em botas de campo que iam até os joelhos, em preto opaco por baixo de uma leve película de poeira da estrada.

– Sou Mordavi Fehrwight, mercador de Emberlane – apresentou-se. – Duvido que precise de anúncio, já que não tenho qualquer título importante.

– Muito bem, mestre Fehrwight – falou o laçao suavemente. – Lady Saljesca aprecia sua visita a Salon Corbeau e deseja seriamente sorte em seus negócios.

“*Aprecia sua visita*”, pensou Locke, *em vez de “teria o maior prazer em recebê-lo em audiência”*. A condessa Vira Saljesca de Lashane era a governante absoluta de Salon Corbeau; a semicidade era construída em uma das suas propriedades. Equidistante de Balinel, Tal Verrar e Lashane, fora do alcance de qualquer uma delas, era mais ou menos um estado balneário para os ricos da Costa de Bronze.

Além da chegada constante de carruagens ao longo das estradas costeiras e de embarcações de lazer vindas por mar, Salon Corbeau atraía outra forma de tráfego digno de nota, a respeito do qual Locke havia meditado com melancolia durante a viagem.

Grupos esparsos de camponeses, pobres urbanos e desgraçados rurais caminhavam cansados pelas estradas poeirentas até o domínio de Lady Saljesca. Vinham em fluxos intermitentes mas incessantes, fluindo para a estranha cidade particular sob a montanha sombria.

Locke imaginou que já sabia o motivo da vinda deles, mas seus próximos dias em Salon Corbeau provariam que sua compreensão era lamentavelmente incompleta.

2

A princípio, Locke havia esperado que uma viagem por mar até Lashane ou mesmo Issara poderia ser necessária para garantir as últimas peças de sua trama na Agulha do Pecado, mas conversas com diversos verraris ricos o convenceram de que Salon Corbeau teria exatamente o que era preciso.

Imagine um vale junto ao mar, esculpido em pedra escura como a noite, talvez com 300 metros de comprimento e 100 de largura. Seu pequeno porto fica no lado oeste, com uma praia de areia fina e preta em forma de crescente. Na extremidade leste, um riacho subterrâneo jorra por uma fissura, descendo por um íngreme arranjo de pedras. As terras acima desse fluxo de água são ocupadas pela residência da condessa Saljesca, uma mansão de pedra acima de duas muralhas com ameias: uma pequena fortaleza.

As paredes do vale de Salon Corbeau devem ter 20 metros de altura e, por quase todo o comprimento, possuem terraços com jardins. Samambaias densas, trepadeiras sinuosas, orquídeas em flor, fruteiras e oliveiras prosperam ali, uma cortina de marrom e verde formando um vívido contraste contra o negro, com pequenos dutos de água serpenteando para impedir que o paraíso artificial de Saljesca fique com sede.

No centro do vale fica um estádio circular e os jardins dos dois lados dessa estrutura de pedra compartilham seus muros com várias construções sólidas, feitas de pedra polida e madeira laqueada. Uma cidade em miniatura repousa em palafitas, plataformas e terraços, charmosamente cercada por passarelas e escadas em todos os níveis.

Locke caminhava por essas passarelas na tarde de sua chegada, rumo a seu objetivo final, com uma falta de pressa majestosa – esperava ficar muitos dias ali, talvez até semanas. Salon Corbeau, como as casas de tavolagem de Tal Verrar, atraíam os ricos ociosos em grande número. O Nobre Vigarista caminhava entre mercadores verraris e nobres lashanis, em meio a herdeiros dos Tutanos ocidentais, damas de companhia de Nesse (uma companhia de peso, pois carregavam mais brocado de ouro do que Locke achava possível) e as famílias desembarcadas a quem elas serviam. Aqui e ali, ele tinha certeza até mesmo de ver alguns camorris, altivos e de pele azeitonada, se bem que, felizmente, nenhum importante o suficiente para reconhecê-lo.

Tantos guarda-costas e tantas costas a serem guardadas! Pessoas que podiam pagar alquimistas e galenos adequados para suas doenças. Nenhuma ferida purulenta nem tumores faciais, nenhum dente torto saindo de gengivas sangrentas, nenhum rosto esquelético. Os frequentadores da Agulha do Pecado podiam ser mais VIPs, mas aquelas pessoas eram ainda mais refinadas, ainda mais mimadas. Músicos contratados seguiam algumas delas, portanto até mesmo as caminhadas de 30 ou 40 metros não ameaçavam gerar um segundo de tédio. Homens e mulheres podres de ricos desperdiçavam muito dinheiro. Até um homem como Mordavi Fehrwight poderia gastar menos para comer durante um mês do que alguns daqueles indivíduos esbanjaria a cada dia só para ser notado durante o desjejum.

Ele viera a Salon Corbeau por causa dessas pessoas; pela primeira vez não para roubá-las e, sim, para aproveitar sua existência privilegiada. No lugar onde os ricos se aninhavam como pássaros de plumagem brilhante, os fornecedores dos luxos e serviços com os quais eles contavam vinham atrás. Salon Corbeau tinha uma comunidade permanente de alfaiates, costureiros, produtores de instrumentos, vidreiros, alquimistas, fornecedores de alimentos, artistas e carpinteiros. Um pequeno agrupamento, sem dúvida, mas da maior reputação, adequada ao patronato aristocrático e que cobrava de acordo com ele.

Quase no meio da galeria sul de Salon Corbeau, Locke encontrou a loja que viera visitar: um prédio de pedra, bastante comprido e com dois andares, sem janelas na face voltada para a passarela. A placa de madeira sobre a porta única dizia:

B. BAUMONDAIN E FILHAS

EQUIPAMENTOS DOMÉSTICOS E MÓVEIS FINOS

ATENDIMENTO COM HORA MARCADA

Na porta da loja, havia uma decoração em volutas, o brasão da família Saljesca (como o que Locke vislumbrara em estandartes que tremulavam aqui e ali e nos cinturões diagonais dos guardas de Salon Corbeau), dando a entender a aprovação pessoal de lady Vira ao trabalho que era feito ali. O que não significava nada para Locke, uma vez que ele conhecia muito pouco

o gosto de Saljesca para tê-lo como parâmetro... mas a reputação de Baumondain se estendia até Tal Verrar.

Ele mandaria uma mensageira de manhã cedo, como era adequado, e pediria um encontro para discutir a encomenda de algumas cadeiras peculiares.

3

Às duas horas da tarde seguinte, caía uma chuva quente e suave, uma coisa fraca e fina que pairava no ar, mais parecendo gaze úmida do que água. Vagas colunas de névoa redemoinhavam no meio das plantas e acima do vale e, pela primeira vez, as passarelas estavam livres da maior parte do trânsito de alto nível. Nuvens cinzentas formavam um colar na montanha alta e preta a noroeste. Locke parou diante da porta da oficina Baumondain com água pingando pela nuca e bateu três vezes com força.

A porta abriu para dentro imediatamente; um homem magro, de cerca de 50 anos, espiou Locke através de ópticos redondos. Usava uma túnica de algodão simples repuxada acima dos cotovelos, revelando nos antebraços magros tatuagens de guilda em verde e preto desbotados, e um comprido avental de couro com pelo menos seis bolsos visíveis na frente. A maioria deles tinha ferramentas; num estava um gatinho cinza, com apenas a cabeça visível.

– Mestre Fehrwight? Mordavi Fehrwight?

– Estou muito feliz porque o senhor pôde arranjar uma hora para mim.

Locke falava com um leve sotaque vadrã, só o bastante para sugerir uma origem no norte distante. Ele decidira ser preguiçoso e deixar que esse Fehrwight fosse o mais fluente possível em terim. Locke estendeu a mão direita para cumprimentar o artesão. Na esquerda, carregava uma pasta de couro preto com um fecho de ouro na aba.

– Mestre Baumondain, presumo?

– O próprio. Entre logo, senhor, saia da chuva. Aceita um café? Permita-me trocar uma xícara pelo seu casaco.

– Com prazer.

O saguão da loja era uma sala alta, revestida de painéis de madeira e iluminada com pequenas lanternas douradas em candelabros nas paredes.

Um balcão com porta de vaivém atravessava os fundos do cômodo e, atrás, Locke podia ver prateleiras com grandes pilhas de amostras de madeira, tecido, cera e óleos em frascos de vidro. O lugar cheirava a madeira lixada, um odor forte e agradável. Diante do balcão, havia uma pequena área de estar, onde duas poltronas construídas de modo soberbo, com almofadas de veludo preto, tinham sido colocadas sobre um tapete.

Locke pousou a pasta junto aos pés, virou-se para permitir que Baumondain o ajudasse a tirar o casaco preto e úmido, pegou a pasta de novo e se acomodou na poltrona mais perto da porta. O carpinteiro pendurou o casaco de Locke num gancho de latão preso à parede.

– Só um momento, por favor.

Baumondain foi para trás do balcão e empurrou para o lado uma cortina de lona que devia tapar a passagem para a oficina.

– Lauris! O café!

Do outro lado, veio uma resposta abafada que ele evidentemente achou satisfatória. Baumondain contornou às pressas o balcão até ocupar seu lugar na poltrona diante de Locke, franzindo o rosto enrugado num sorriso de boas-vindas. Alguns instantes depois, entrou uma menina sardenta, de 15 ou 16 anos, cabelo castanho, magra como o pai, mas com musculatura mais firme nos ombros e nos braços. Segurava uma bandeja de madeira com xícaras e bules de prata que, ao passar pela porta do balcão, Locke viu ter pernas, como uma mesa muito pequena.

Ela posicionou na horizontal o móvel entre Locke e o pai e assentiu respeitosa para o visitante.

– Minha filha mais velha, Lauris – apresentou mestre Baumondain. – Lauris, este é o mestre Fehrwight, da Casa de bel Sareton, de Emberlane.

– Encantado – disse Locke. Lauris ficou suficientemente perto para que ele visse que o cabelo dela estava cheio de pequenas aparas de madeira encaracoladas.

– A seu dispor, mestre Fehrwight. – Lauris assentiu de novo, preparada para se retirar, então viu o gatinho cinza pondo a cabeça para fora do bolso do avental do pai. – Papai, o senhor se esqueceu do Animadinho. O senhor não vai querer que ele participe do café.

– Esqueci? Ora, estou vendo que sim.

Baumondain tirou o gatinho do avental. Locke ficou atônito ao ver como o bicho pendia frouxo nas mãos do homem, as patas e a cauda penduradas e

a cabecinha frouxa. Que gato com respeito próprio dormiria ao ser apanhado e carregado pelo ar? Então Locke viu a resposta no momento que Lauris pegou Animadinho nas mãos e se virou para sair: os olhos do gato estavam arregalados e eram totalmente brancos.

– Essa criatura foi neutralizada – afirmou Locke em voz baixa depois que Lauris retornou à oficina.

– Infelizmente, sim – disse o carpinteiro.

– Nunca vi uma coisa dessas. A que propósito isso serve num gato?

– Nenhum, mestre Fehrwight, nenhum. – O sorriso de Baumondain havia sumido, substituído por uma expressão cautelosa e desconfortável. – E sem dúvida não fui eu que fiz isso. Minha filha mais nova, Parnella, encontrou-o abandonado atrás da Villa Verdante.

Baumondain se referia à enorme estalagem de luxo onde se hospedava a classe intermediária dos visitantes de Salon Corbeau, os ricos que não eram convidados particulares de lady Saljesca. O próprio Locke estava num quarto lá.

– Tremendamente estranho.

– Nós o chamamos de Animadinho, como uma espécie de piada, mas ele faz pouca coisa. Precisa ser instigado a comer e cutucado para... fazer as necessidades, veja bem. Parnella achou que seria mais gentil esmagar o crânio dele, mas Lauris não quis saber disso e não pude recusar. O senhor deve achar que sou fraco e as mimo.

– Nem um pouco – garantiu Locke, balançando a cabeça. – O mundo é cruel o bastante sem nossa participação. Eu aprovo. Eu quis dizer que foi tremendamente estranho alguém fazer isso com um animal desses.

– Mestre Fehrwight... – O carpinteiro umedeceu os lábios, nervoso. – O senhor parece humano e deve entender... Nossa posição aqui nos traz um negócio constante e lucrativo. Minhas filhas terão uma herança quando eu deixar esta loja para elas. Existem... existem coisas em Salon Corbeau, coisas que acontecem, em que nós, artesãos... não nos intrometemos. Não *devemos* nos intrometer. Se é que o senhor me entende.

– Entendo – falou Locke, ansioso por manter o homem de bom humor. No entanto, registrou em sua mente que deveria xeretar para descobrir o que incomodava o carpinteiro. – Entendo mesmo. Portanto não falemos mais sobre isso, vamos aos negócios.

– Gentileza da sua parte. – Baumondain demonstrou alívio. – Como o

senhor prefere o café? Tenho mel e creme.

– Mel, por favor.

Baumondain serviu o café fumegante do bule de prata numa grossa xícara de vidro e derramou colheradas de mel até que Locke assentiu. Locke bebericou enquanto Baumondain bombardeava a outra xícara com creme suficiente para deixá-lo de um castanho cor de couro. Era café de qualidade, intenso e muito quente.

– Meus parabéns – murmurou Locke com a língua ligeiramente escaldada.

– É de Issara. A casa de lady Saljesca tem uma sede implacável por isso. O resto de nós implora um pouco aos fornecedores quando eles aparecem. Bom, a sua mensageira disse que o senhor desejava discutir uma encomenda que, nas palavras dela, era muito *particular*.

– É, é particular mesmo – confirmou Locke. – Um projeto e uma finalidade que o senhor pode achar excêntricos. Garanto que estou falando sério.

Locke pousou seu café, pôs a pasta no colo e tirou uma pequena chave do bolso do colete para abrir o fecho. Enfiou a mão dentro e pegou alguns pergaminhos dobrados.

– O senhor deve estar familiarizado com o estilo dos últimos anos do Trono Terim, não é? – continuou Locke. – Os últimos mesmo, logo antes da morte de Talatri em batalha contra os Magos-Servidores?

Ele entregou um dos pergaminhos e Baumondain tirou os ópticos para examiná-los.

– Ah, sim – respondeu o carpinteiro lentamente. – O Barroco Talatri, também chamado de Último Florescer. É, já fiz peças assim... Lauris também. O senhor tem interesse por esse estilo?

– Preciso de um conjunto de cadeiras. Quatro, com encosto de couro, feitas em crescente-cisalha com incrustações em ouro verdadeiro.

– Crescente-cisalha é uma madeira um tanto delicada, serve apenas para uso ocasional. Para uso mais regular, tenho certeza de que o senhor desejaria madeira-bruxa.

– Meu patrão tem gostos muito específicos, por mais que sejam peculiares. Ele insistiu várias vezes em crescente-cisalha para garantir que seus desejos estivessem claros.

– Bom, se o senhor desejasse que elas fossem entalhadas em marzipã,

acho que eu teria de fazer... claro, com a compreensão de que eu avisei contra o uso intenso.

– Naturalmente. Garanto, mestre Baumondain, que o senhor não será responsabilizado por nada que aconteça com as cadeiras depois de elas saírem de sua loja.

– Ah, eu jamais deixaria de responder por nosso trabalho, mas não posso fazer uma madeira macia endurecer, mestre Fehrwight. Bom, então, eu tenho alguns livros com excelentes ilustrações desse estilo. O seu artista fez um bom trabalho, para começar, mas eu gostaria de lhe dar mais variedades para escolher...

– Perfeitamente – interrompeu Locke, e bebericou seu café, satisfeito, enquanto o carpinteiro se levantava e retornava à porta da oficina.

– Lauris! Meus três volumes de Velonetta... É, esses.

Voltou um instante depois carregando três livros pesados, encadernados em couro, que cheiravam a idade e algum pungente conservante alquímico.

– Velonetta. – Ele pousou os livros no colo. – O senhor é familiarizado com ela? Não? Foi a principal estudiosa do Último Florescer. Só existem seis conjuntos de volumes de sua obra em todo o mundo, pelo que sei. A maioria destas páginas é sobre escultura, pintura, música, alquimia... mas há belas passagens sobre mobília, pedras preciosas que valem a pena ser mineradas. Por favor...

Passaram meia hora examinando os desenhos que Locke havia fornecido e as páginas que Baumondain desejava lhe mostrar. Juntos chegaram a um meio-termo agradável para o projeto das cadeiras que “mestre Fehrwight” receberia. Baumondain pegou uma pena e rabiscou anotações em garatujas ilegíveis. Locke jamais pensara antes em quantos detalhes poderiam ter em uma cadeira: quando haviam terminado a discussão sobre pernas, travamentos, preenchimento do estofado, couros, ornamentação e encaixes, seu cérebro estava em polvorosa.

– Excelente, mestre Baumondain, excelente. Exatamente isso, em crescente-cisalha, laqueadas de preto, com folhas de ouro nas decorações em baixo-relevo e nos rebites. Devem parecer que foram tiradas ontem mesmo da corte do imperador Talatri, novas e não queimadas.

– Ah, então surge uma questão delicada. Sem querer causar a menor ofensa, devo deixar claro que elas jamais vão passar por originais. Serão reconstruções exatas do estilo, réplicas perfeitas, de uma qualidade capaz de

se igualar a *qualquer* mobília do mundo, mas um especialista conseguiria distingui-las. Eles são poucos e estão dispersos, mas alguém assim jamais confundiria uma réplica brilhante nem mesmo com um original modesto. Os originais têm séculos de uso e essas cadeiras serão obviamente novas.

– Sei o que o senhor quer dizer, mestre Baumondain. Não tema: estou encomendando estas cadeiras com objetivos excêntricos, e não para enganar alguém. Essas cadeiras jamais serão consideradas originais, dou minha palavra. E o homem que vai recebê-las é um especialista, na verdade.

– Muito bem, então, muito bem. Mais alguma coisa?

– Sim – respondeu Locke, entregando duas folhas de pergaminho cobertas de desenhos. – Agora que acertamos um projeto para as cadeiras, isto... ou algo muito parecido com isto, sujeito aos seus ajustes mais especializados... *deve* ser incluído nos planos.

À medida que Baumondain absorvia as implicações dos desenhos, suas sobrancelhas se erguiam tanto que pareciam ter sido puxadas até os limites da testa e que seriam atiradas ao chão como setas de balestra quando alcançassem o zênite.

– Isso é uma curiosidade prodigiosa – comentou, por fim. – Uma coisa muito estranha para incorporar... Não tenho certeza...

– É essencial. Isso, ou algo muito parecido com isso, de acordo com o seu discernimento. É absolutamente necessário. Meu patrão não encomendará as cadeiras se essas características não forem incluídas. O custo não é problema.

– É possível – disse o carpinteiro depois de pensar alguns segundos. – É possível, com alguns ajustes nos projetos. Acredito que entendo sua intenção, mas posso melhorar o plano... preciso melhorar, se as cadeiras tiverem de funcionar como cadeiras. Posso perguntar por que isto é necessário?

– Meu patrão é um velho afável, mas, como o senhor deve ter percebido, é bastante excêntrico e tem um medo mórbido de fogo. Ele tem pânico de ficar preso em seu escritório ou em sua torre-biblioteca cercado por chamas. Sem dúvida o senhor agora percebe como esses mecanismos poderiam ajudar a aliviar a mente dele, não é?

– Creio que sim – murmurou Baumondain, a relutância perplexa se transformando em interesse por um desafio profissional.

Depois disso, foi apenas uma questão de regatear, ainda que

educadamente, sobre detalhes cada vez mais delicados, até que enfim Locke pôde arrancar uma sugestão de preço por parte de Baumondain.

– Em que moeda o senhor gostaria de fazer o acerto, mestre Fehrwight?

– Eu presumi que solaris seriam convenientes.

– Digamos... 6 solaris por cadeira?

Baumondain falava com despreocupação fingida; aquela era uma sugestão inicial presunçosa, mesmo para um artesanato de luxo. Locke deveria barganhar, mas apenas sorriu e assentiu.

– Se o que o senhor pede são 6 por cadeira, o senhor terá 6.

– Ah – fez Baumondain, quase surpreso demais para ficar satisfeito. – Ah. Ótimo, então! Ficarei feliz em aceitar sua promissória.

– Ainda que isso fosse bom em circunstâncias comuns, vamos fazer algo mais conveniente para nós dois. – Locke enfiou a mão na pasta e pegou uma bolsa de moedas, de onde contou 24 solaris de ouro e colocou sobre a mesinha de centro enquanto Baumondain olhava com empolgação crescente. – Aí estão, adiantados. Prefiro carregar dinheiro vivo ao vir a Salon Corbeau. Esta cidadezinha precisa de um emprestador de dinheiro.

– Bom, obrigado, mestre Fehrwight, obrigado! Eu não esperava... Bom, deixe-me preparar um pedido e alguns papéis para o senhor levar e estaremos combinados.

– Agora, deixe-me perguntar: o senhor tem todos os materiais necessários para a encomenda do meu patrão?

– Ah, sim! Sei disso sem precisar pensar.

– Armazenados aqui, na sua oficina?

– Sim, mestre Fehrwight.

– E quanto tempo devo imaginar que a construção demore?

– Hummm... dados os meus outros serviços e as suas exigências... seis semanas, talvez sete. O senhor mesmo virá pegá-las ou precisaremos acertar o transporte?

– Nisso também eu esperava algo um pouco mais conveniente.

– Ah, bom... como o senhor foi tão educado, tenho certeza de que eu poderia mexer na minha programação. Cinco semanas, talvez?

– Mestre Baumondain, se o senhor e suas filhas trabalhassem no pedido do meu patrão mais ou menos exclusivamente, começando esta tarde, o mais rápido possível... quanto tempo o senhor acha que demoraria?

– Ah, mestre Fehrwight, mestre Fehrwight, o senhor deve entender, eu

tenho outros pedidos na fila, para clientes de alguma importância. Pessoas *significativas*, se é que me entende.

Locke pôs mais quatro moedas de ouro em cima da mesinha.

– Mestre Fehrwight, seja razoável! São apenas cadeiras! Farei todos os esforços para terminar seu pedido o quanto antes, mas não posso simplesmente deixar de lado meus clientes atuais ou as peças deles...

Locke colocou mais quatro moedas perto da pilha anterior.

– Mestre Fehrwight, por favor, nós nos esforçaríamos ao máximo por muito menos se já não tivéssemos clientes em número satisfatório! Como eu poderia explicar isso a eles?

Locke pôs mais oito moedas entre as duas pilhas de quatro, criando uma pequena torre.

– Quanto é isso agora, Baumondain: 40 solaris, quando o senhor estava tão satisfeito em receber apenas 24?

– Senhor, por favor, minha única consideração é que os clientes que fizeram o pedido antes do seu patrão devem, com toda a cortesia, ter precedência...

Locke suspirou e colocou mais 10 solaris na mesinha, derrubando a pequena torre e esvaziando a bolsa.

– O senhor pode estar com escassez de materiais. Algum tipo de madeira, óleo ou couro especial. O senhor precisou mandar buscar. Digamos, seis dias até Tal Verrar e seis dias de volta. Certamente isso já aconteceu antes. Certamente o senhor pode explicar.

– Ah, mas a chateação; eles ficariam tão incomodados...

Locke pegou uma segunda bolsa de moedas na pasta e segurou-a como uma adaga à frente do corpo.

– Devolva parte do dinheiro deles. Aqui, pegue mais do meu.

Ele sacudiu a bolsa para fazer cair mais moedas ao acaso. O *clinc-clinc-clinc* de metal contra metal ecoou no salão.

– Mestre Fehrwight, quem é o senhor?

– Um homem que fala tremendamente sério sobre cadeiras. – Locke largou a bolsa com moedas até a metade em cima da pilha de ouro ao lado do bule. – Cem solaris, redondos. Deixe de lado seus outros compromissos e serviços, invente desculpas e reembolse. Quanto tempo demoraria?

– Talvez uma semana – respondeu Baumondain, num sussurro derrotado.

– Então o senhor concorda? Até que minhas quatro cadeiras estejam terminadas, esta é a Oficina de Móveis Fehrwight? Tenho mais ouro no cofre da Villa Verdante. O senhor precisará me matar para impedir-me de forçá-lo a aceitar, caso diga *não*. Estamos de acordo?

– Sim, que os deuses nos ajudem!

– Então mexa-se. O senhor tem entalhes a fazer e eu vou começar a passar o tempo na minha estalagem. Mande mensageiros se precisar que eu inspecione alguma coisa. Vou ficar até que o senhor termine.

4

– Como podem ver, minhas mãos estão vazias e é impensável que algo possa ser escondido nas mangas desta túnica tão bem-cortada.

Locke estava diante do espelho de corpo inteiro de sua suíte na Villa Verdante, olhando com atenção para o próprio reflexo, usando apenas os calções e uma leve túnica de seda fina, cujas mangas estavam arregaçadas.

– Claro que seria impossível que eu fizesse surgir um baralho de cartas no ar... mas o que é isso?

Ele moveu a mão direita na direção do espelho com um floreio e um baralho caiu dela desajeitadamente, espalhando-se numa confusão e flutuando até pousar no piso.

– Ah, que inferno da porra – murmurou Locke.

Tinha uma semana de tempo livre e sua prestidigitação melhorava com lentidão tortuosa. Logo voltou a atenção para a instituição curiosa que ficava no âmago de Salon Courbeau, o motivo para tantos ricos ociosos fazerem a peregrinação até lá e para tantos desesperados e arruinados comerem a poeira das carruagens deles indo na mesma direção.

Chamavam aquilo de Guerra do Entretenimento.

O estádio de lady Saljesca era uma miniatura do lendário *Stadia Ultra* de Terim Pel, até mesmo com ídolos de mármore dos deuses enfeitando o exterior, em altos nichos de pedra. Corvos se empoleiravam em suas cabeças e em seus ombros divinos, grasnando meio desanimados para a multidão ao redor dos portões. Enquanto abria caminho em meio ao tumulto, Locke notou todo tipo de funcionários conhecidos da humanidade. Havia galenos cacarejando junto aos idosos, liteireiros transportando enfermos – ou os

descaradamente preguiçosos –, músicos e malabaristas, guardas, tradutores e dezenas de homens e mulheres balançando leques ou segurando altos guardasóis de seda, que pareciam frágeis cogumelos de tamanho humano enquanto perseguiram os clientes sob o sol da manhã cada vez mais forte.

Dizia-se que o piso da Arena Imperial era grande demais até mesmo para que o arqueiro mais forte disparasse uma flecha de uma extremidade à outra, porém o piso da recriação de Saljesca tinha apenas 50 metros de diâmetro. Não havia arquibancadas comuns: as paredes de pedra lisa subiam 6 metros acima do piso de mesmo material e eram encimadas por galerias luxuosas cujas telas de pano para proteger do sol balançavam suavemente à brisa.

Três vezes por dia, os guardas uniformizados de lady Saljesca abriam os portões públicos para a melhor classe de visitantes. Havia uma única galeria para espectadores ficarem de pé – que até permitia uma visão decente –, cuja entrada era grátis, mas a vasta maioria de espectadores no estádio não aceitaria nada menos do que os assentos de luxo e os camarotes que precisavam ser reservados a um custo considerável. Por menos elegante que fosse, Locke escolheu, para sua primeira visita à Guerra do Entretenimento, não se sentar: Mordavi Fehrwight não tinha reputação a proteger.

No piso da arena, havia um padrão reluzente de quadrados de mármore pretos e brancos, cada um com um metro de lado. Os quadrados eram desenhados de vinte em vinte, como um gigantesco tabuleiro de Pegue o Duque. Em vez de pequenas peças de madeira ou marfim esculpidos, o campo de jogo de Saljesca tinha peças vivas. Os pobres e destituídos ocupavam o campo, quarenta de cada lado, usando tabardos brancos ou pretos para se distinguirem. Esse estranho serviço era o motivo para se arriscarem à caminhada longa e difícil até Salon Corbeau.

Locke já havia descoberto que existiam dois grandes alojamentos atrás do estádio de lady Saljesca, muito bem-guardados, onde os pobres eram abrigados depois de chegar a Salon Corbeau. Ali eram forçados a se limpar e recebiam duas refeições simples por dia, durante todo o tempo de permanência, que podia ser indefinido. Cada “aspirante”, como eram conhecidos, recebia um número. Três vezes por dia, eram feitos sorteios para escolher dois times de quarenta pessoas para a próxima Guerra do Entretenimento. A única regra era que as peças vivas deviam ser capazes de ficar de pé, mover-se e obedecer a ordens; crianças de 8 ou 9 anos estavam

entre os mais novos a serem aceitos. Os que se recusavam a participar quando seu número era sorteado, mesmo que apenas uma vez, eram expulsos imediatamente da semicidade de Saljesca e proibidos de retornar. Lançar alguém na estrada naquela terra seca, sem suprimentos ou preparativos, era quase o mesmo que condená-lo à morte.

Os aspirantes eram obrigados a marchar até a arena sob a vigilância de duas dúzias de guardas de Saljesca armados com escudos curvos e porretes de madeira laqueada. Eram homens e mulheres robustos que se moviam com a tranquilidade que vem da experiência; nem mesmo um levante geral dos pobres teria chance contra eles. Os guardas enfileiravam os aspirantes em suas posições iniciais no tabuleiro, quarenta “peças” brancas e quarenta “peças” pretas, com dezesseis fileiras de quadrados separando cada exército de duas fileiras.

Em extremidades opostas do estádio, havia dois camarotes especiais, um com cortinas pretas e outro com brancas, reservados com muita antecedência através de uma lista de espera, assim como clientes de uma casa de tavadagem reivindicavam mesas de bilhar ou salas particulares em horas determinadas. Quem fizesse a reserva ganhava o direito de comandar a respectiva cor durante uma Guerra.

A Senhora Branca da Guerra naquela manhã era uma jovem viscondessa lashani cujo séquito parecia tão nervoso com aquilo quanto ela estava entusiasmada e rabiscavam anotações e consultavam tabelas. O Senhor Negro da Guerra era um iridani de meia-idade com a aparência bem nutrida e o olhar calculista de um mercador próspero. Tinha um filho e uma filha pequenos com ele na galeria.

Ainda que as peças vivas pudessem usar – se autorizadas pelos dois comandantes – tabardos especiais que lhes davam privilégios incomuns ou permissão de movimentos, as regras daquela Guerra do Entretenimento específica pareciam ser as mesmas do Pegue o Duque, sem variações. Os controladores começaram a gritar ordens e o jogo se desenvolveu lentamente, peças brancas e pretas se movendo com nervosismo, diminuindo aos poucos a distância entre as forças opostas. Locke se pegou perplexo com a reação da plateia.

Havia sessenta ou setenta espectadores nos camarotes e o dobro disso em criados, guarda-costas, ajudantes e mensageiros à disposição, para não mencionar os empregados de lady Saljesca correndo para cá e para lá,

atendendo aos pedidos de alimentos. O zumbido de antecipação ansiosa parecia incongruente, dada a natureza lenta da disputa.

– O que é tão fascinante assim? – murmurou Locke consigo mesmo, em vadrã.

A Senhora Branca da Guerra pôs deliberadamente em risco uma das suas peças, um homem de meia-idade. Outros membros de seu exército estavam atrás dele, numa armadilha óbvia, mas o Senhor Negro da Guerra decidiu que era uma troca vantajosa. Sob as ordens gritadas do Auxiliar Negro, uma jovem adolescente vestida de preto saiu de um quadrado, andou em diagonal e tocou o homem de meia-idade no ombro. Ele baixou a cabeça e os aplausos de apreciação da turba foram abafados um instante depois por um guincho ensandecido que se ergueu na extrema direita da área de visão de Locke.

Seis homens saíram correndo de um portal lateral, vestidos com elaboradas roupas de couro com debruns em preto e laranja; usavam grotescas máscaras laranja-chama e jубas negras desganhadas. Os Demônios levantavam os braços, gritando e uivando coisas sem sentido, e a multidão aplaudiu enquanto eles atravessavam a arena indo na direção do homem de branco. Agarraram-no pelos braços e pelos cabelos e o carregaram, aos soluços, para a lateral do tabuleiro, sendo exibido à multidão como um animal pronto para o sacrifício. Um dos Demônios, um homem com voz trovejante, apontou para o Senhor Negro da Guerra e gritou:

– Escolha a pena!

– Eu quero escolher – disse o menino na galeria do mercador.

– Nós concordamos que sua irmã seria a primeira – retrucou o pai. – Teodora, escolha a pena.

A menina olhou concentrada para o piso da arena, depois sussurrou ao pai. Ele pigarreou e berrou:

– Ela quer que os guardas batam nele com os porretes! Nas pernas!

Os Demônios seguraram o homem que se retorcia e gritava, com os membros abertos, enquanto dois guardas, obedientemente, davam-lhe uma surra. A queda dos porretes ecoava pela arena; eles deixaram as coxas, as canelas e os tornozelos do homem cobertos de hematomas, até que o chefe dos Demônios gesticulou para afastá-los. A plateia aplaudiu delicadamente, sem entusiasmo, e os Demônios arrastaram para fora do estádio o homem

que tremia e sangrava.

Voltaram em pouco tempo; um dos Brancos retirou um Preto no movimento seguinte.

– Escolha a pena! – ecoou o grito de novo na arena.

– Vendo o direito por 5 solaris! – berrou a viscondessa. – O primeiro a oferecer leva.

– Eu pago! – exclamou um homem na área dos espectadores de pé, vestindo camadas de veludo e brocado de ouro.

O chefe dos Demônios apontou para ele, que chamou um empregado vestindo um casaco comprido logo atrás de si. O serviçal jogou uma bolsa para um dos guardas de Saljesca, que a levou até o lado do campo ocupado pela Senhora Branca da Guerra e jogou-a em sua galeria. Os Demônios arrastaram a jovem de preto para ser examinada pelo velho. Depois de um momento de contemplação exagerada, ele gritou:

– Livrem-se da roupa dela!

O tabardo preto e o vestido de algodão sujo da jovem foram rasgados pelos Demônios; em segundos, ela estava nua. Parecia decidida a não fazer uma cena como a do homem que se fora antes e olhou com expressão dura para o velho, sem se importar se era um pequeno nobre ou um príncipe mercador.

– Só isso? – gritou o chefe dos Demônios.

– Ah, não – respondeu o velho. – Livrem-se do cabelo dela também!

A multidão irrompeu em aplausos e vivas e, pela primeira vez, a mulher revelou um medo verdadeiro. Tinha uma farta cabeleira preta e brilhante que vinha até a base das costas, algo para dar orgulho até mesmo a quem não possuía um tostão – talvez fosse tudo que ela tivesse para se orgulhar no mundo. O chefe dos Demônios fez um teatro, levantando uma adaga reluzente e torta acima da cabeça e uivando de alegria. A mulher tentou lutar em vão contra os cinco homens que a seguravam. Rapidamente, dolorosamente, o chefe cortou suas madeixas compridas. Elas cobriram o chão e restaram apenas pelos curtos e irregulares no couro cabeludo da jovem. Ela foi arrastada para fora da arena, entorpecida demais para continuar lutando, com fios de sangue escorrendo pelo rosto e pelo pescoço.

O espetáculo seguiu assim, assistido por Locke com inquietação crescente, enquanto o sol implacável se arrastava pelo céu e as sombras encurtavam. As peças se moviam nos quadrados quentes e brilhantes, sem

água e sem alívio, até serem tiradas do tabuleiro e sujeitas a uma pena escolhida pelo Senhor da Guerra oposto. Logo ficou aparente para Locke que a pena poderia ser praticamente qualquer coisa, menos a morte. Os Demônios obedeciam às ordens com um entusiasmo frenético, realizando cada nova injúria ou humilhação para a plateia entretida.

Pelo amor dos deuses, entendeu Locke, praticamente nenhum deles está aqui pelo jogo: só vieram ver as penalidades.

As fileiras de guardas armados dissuadiam qualquer tentativa de recusa ou rebelião. As peças que não queriam ir logo para os lugares indicados ou que ousavam sair de seus quadrados sem receber a ordem eram espancadas até obedecer. E a crueldade das penas não diminuía à medida que o jogo prosseguia.

– Fruta podre! – gritou o menininho no camarote do Senhor Negro da Guerra.

Uma mulher idosa, com tabardo branco, foi jogada contra a parede do estádio e recebeu uma saraivada de maçãs, peras e tomates atirados por quatro Demônios. Ela desabou e eles continuaram a jogar as frutas até que a mulher não passava de um amontoado trêmulo, tentando se proteger com os braços frágeis, e grandes bocados de polpa e suco azedos pingavam da parede atrás dela.

A retaliação da jogadora branca foi rápida. Ela pegou um rapaz atarracado de preto, e, pela primeira vez, escolheu ela mesma a pena:

– Devemos manter limpo o estádio da nossa anfitriã. Leve-o à parede manchada de frutas e deixem que ele a limpe com a língua!

A multidão irrompeu em aplausos frenéticos; o homem foi empurrado até a parede pelo chefe dos Demônios.

– Comece a lambar, seu imprestável!

Os primeiros esforços dele foram sem muito empenho. Outro Demônio pegou um chicote que terminava em sete cordas com nós e golpeou os ombros do sujeito, jogando-o contra a parede com força suficiente para sangrar-lhe o nariz.

– Faça por merecer o pagamento, seu verme! – gritou o Demônio, chicoteando-o de novo. – Nunca tinha ouvido uma dama mandar você se abaixar e usar a língua?

O homem passou a língua desesperadamente pela parede, engasgando a intervalos de alguns segundos, o que provocava outro estalo do chicote.

Quando finalmente foi levantado do piso, o sujeito era um destroço sangrento e com ânsias de vômito.

E assim continuou, durante toda a manhã.

– Pelos deuses, por que eles suportam isso? Por que aceitam isso?

Locke estava de pé na galeria grátis, sozinho, olhando os ricos e poderosos, seus guardas e criados, e a quantidade cada vez menor de peças vivas no jogo abaixo. Ficou taciturno, suando em suas pesadas vestes pretas.

Ali estavam as pessoas mais ricas e livres do mundo terem, que tinham posição e dinheiro mas não deveres políticos que os restringissem, reunidos para fazer o que a lei e o costume proibiam fora do feudo particular de Saljesca: humilhar e brutalizar os inferiores como quisessem, para sua diversão. A arena e a Guerra do Entretenimento em si eram obviamente apenas pretextos. Meios para a realização de um fim.

Não havia ordem naquilo, nem justiça. Gladiadores e prisioneiros lutando diante de uma multidão arriscavam a vida pela glória ou pagavam o preço por ser apanhados. Homens e mulheres eram enforcados num patíbulo porque o Guardião Torto só podia ajudar até certo ponto os idiotas, os lentos e os azarados. Mas aquilo ali era puro capricho.

Locke sentiu a raiva crescendo como um cancro nas entranhas.

Eles não tinham ideia de quem ele era nem do que era capaz de fazer. Não tinham ideia do que o *Espinho de Camorr* podia fazer com eles, solto em Salon Corbeau, com o auxílio de Jean! Tendo meses para planejar e observar, os Nobres Vigaristas poderiam *despedaçar* aquele local, encontrar modos de fraudar a Guerra do Entretenimento – roubar os participantes, roubar lady Saljesca, embarçar e humilhar os desgraçados, manchar a reputação da semicidade de tal modo que ninguém jamais iria querer visitá-la.

Mas...

– Guardião Torto... – sussurrou Locke. – Por que agora? Por que me mostrar isso *agora*?

Jean o esperava em Tal Verrar e eles já estavam enfiados até o pescoço num golpe que demorara um ano para ser montado. Jean não sabia o que acontecia em Salon Corbeau. Ele esperava que Locke voltasse rapidamente com quatro cadeiras, para que os dois pudessem dar continuidade ao plano que haviam combinado, um plano que já era desesperadamente delicado.

5

Camorr, anos antes. As névoas úmidas e penetrantes envolviam Locke e Padre Correntes em cortinas de cinza-escuro enquanto o velho levava o garoto de volta para casa, depois do primeiro encontro com o Capa Vencarlo Barsavi. Bêbado e encharcado de suor, Locke se agarrava às costas de seu bode neutralizado com o máximo de força possível.

– ... você não pertence a Barsavi – disse Correntes. – Ele vale pelo que é: um bom aliado para se ter e um homem a quem você deve aparentar obedecer o tempo todo. Mas você com certeza não lhe pertence. No final das contas, nem a mim.

– Quer dizer que eu não tenho...

– Que obedecer à Paz Secreta? Que ser um *pezon* bonzinho? Só de mentirinha, Locke. Só para impedir os lobos de entrarem pela porta. A menos que os seus olhos e orelhas estivessem costurados com couro cru nos últimos dois dias, a esta altura você já deve ter percebido que a minha intenção é fazer de você, Calo, Galdo e Sabeta nada menos do que um tiro de balestra bem no coração da preciosa Paz Secreta de Vencarlo – confidenciou Correntes com um sorriso cruel.

– Ahn... – Locke tentou compreender aquilo por um tempo. – Por quê?

– Hum... é... complicado. Tem a ver com o que eu sou e o que espero que você seja um dia. Um sacerdote juramentado do Guardiã Torto.

– O Capa está fazendo alguma coisa errada?

– Bom, bom, garoto, essa é uma boa pergunta. Ele está fazendo o que é certo segundo as Pessoas Certas? Pelos deuses, sim: a Paz Secreta doma a guarda da cidade, acalma todo mundo, faz com que um número menor de nós seja enforcado. Mesmo assim, todo sacerdócio tem o que chamamos de obrigações: leis estabelecidas pelos próprios deuses para os que os servem. Na maioria dos templos, essas são coisas complexas, confusas, irritantes. No sacerdócio do Benfeitor, é tudo fácil. Só temos duas leis. A primeira é: *que os ladrões prosperem*. Simples. Temos ordem de ajudar uns aos outros, esconder uns aos outros, estabelecer a paz sempre que possível e garantir que nossa espécie prospere, por bem ou por mal. Barsavi cumpre essa obrigação, jamais duvide disso. Mas a segunda obrigação – continuou Correntes, baixando a voz e olhando a névoa ao redor para se certificar de que não

estavam sendo entreouvados – é a seguinte: *que os ricos se lembrem*.

– Lembrem-se de quê?

– De que não são invencíveis. Que fechaduras podem ser arrombadas e tesouros podem ser roubados. Nara, a Senhora das Doenças Onipresentes, que Sua mão seja contida, manda doenças para os homens de modo que eles jamais esqueçam que não são deuses. Nós agimos mais ou menos assim em relação aos ricos e poderosos. Somos a pedra no sapato deles, o espinho na carne deles, um pouquinho de reciprocidade neste lado do julgamento divino. Esta é a nossa segunda obrigação, tão importante quanto a primeira.

– E... a Paz Secreta protege os nobres, por isso o senhor não gosta dela?

– Não é que eu não goste. – Correntes pensou nas próximas palavras antes de soltá-las. – Barsavi não é sacerdote do Treze Sem Nome. Não jurou cumprir as obrigações como eu; ele tem que ser prático. Apesar de eu aceitar, não posso simplesmente deixar por isso mesmo. Meu dever divino é garantir que os sangues-azuis, com seus belos títulos, recebam um pouquinho do que a vida entrega ao resto de nós todo dia: um belo chute na bunda de vez em quando.

– E Barsavi... não precisa saber disso?

– Pelas bostas sangrentas, não. Se Barsavi cuidar de *que os ladrões prosperem* e eu cuidar de *que os ricos se lembrem*, esta vai ser uma cidade muito santa aos olhos do Guardião Torto.

6

– Por que eles suportam? Sei que são pagos, mas as penalidades! Pelos deuses... ahn... pelos Tutanos Sagrados, por que eles vêm aqui e suportam isso? Ficar imundos, ser humilhados, espancados, apedrejados... com que objetivo?

Locke andava de um lado para outro, agitado, na oficina Baumondain, fechando e abrindo os punhos. Era a tarde de seu quarto dia em Salon Corbeau.

– Como o senhor disse, eles são pagos, mestre Fehrwight. – Lauris pousou uma das mãos suavemente nas costas da cadeira semiacabada que Locke viera ver. Com a outra, acariciava o pobre e imóvel Animadinho, enfiado num bolso de seu avental. – Se a pessoa for escolhida para um jogo,

recebe 1 centira. Se receber uma penalidade, ganha 1 volani. Também há um sorteio: uma pessoa por Guerra, uma em cada oitenta, ganha 1 solari.

– Elas devem estar desesperadas.

– Fazendas vão à falência. Negócios vão à falência. Terras alugadas são tomadas de volta. Pestes arrancam todo o dinheiro e a saúde das cidades. Quando as pessoas não têm mais aonde ir, vêm para cá. Há um teto sob o qual dormir, refeições, esperança de ouro ou prata. A pessoa só precisa ir até lá vezes suficientes e... diverti-los.

– É perverso. É infame.

– O senhor tem coração mole, apesar do que está gastando em apenas quatro cadeiras, mestre Fehrwight. – Lauris olhou para baixo e torceu a mãos. – Desculpe. Falei sem pensar.

– Fale como quiser. Não sou rico, Lauris. Sou apenas serviçal do meu patrão. Mas até mesmo ele... nós somos pessoas frugais, droga. Frugais e justas. Podem nos chamar de excêntricos, mas não de cruéis.

– Já vi nobres dos Tutanos na Guerra do Entretenimento muitas vezes, mestre Fehrwight.

– Nós não somos nobres. Somos mercadores... mercadores de Emberlane. Não posso falar pelos nossos nobres e, frequentemente, não desejo fazer isso. Olhe, eu conheço muitas cidades. Sei como as pessoas vivem. Já vi lutas de gladiadores, execuções, sofrimento, pobreza e desespero. Mas nunca vi *nada* assim. O rosto daqueles espectadores. O modo como assistiam e aplaudiam. Como chacais, como corvos, como uma coisa... uma coisa muito *errada*.

– Aqui só existem as leis de Saljesca. Aqui eles podem se comportar como quiserem. Na Guerra do Entretenimento, podem fazer *exatamente* o que querem fazer com as pessoas pobres e simples. Coisas proibidas em outros lugares. O senhor só está vendo o que eles são quando param de fingir que ligam para alguma coisa. De onde o senhor acha que o Animadinho veio? Minha irmã viu uma nobre mandando neutralizarem gatinhos para que seus filhos pudessem torturá-los com facas. Porque estavam *entediados na hora do chá*. Portanto, bem-vindo a Salon Corbeau, mestre Fehrwight. Lamento que não seja o paraíso que aparenta ser a distância. Nosso trabalho com as cadeiras está à altura da sua aprovação?

– Está – respondeu Locke lentamente. – É, acho que sim.

– Se eu tivesse a presunção de lhe dar conselhos, sugeriria que evitasse a Guerra do Entretenimento pelo resto da sua estadia. Faça o que nós

fazemos: ignore-a. Apague-a de sua mente e finja que ela não está ali.

– Como quiser, madame Baumondain. – Locke suspirou. – Acho que farei isso mesmo.

7

Mas Locke não conseguia se distanciar. De manhã, tarde e noite, pegava-se na galeria pública, de pé, sem comer nem beber. Via uma multidão após a outra, Guerra após Guerra, humilhação após humilhação. Os Demônios cometiam erros hediondos em várias ocasiões, surras e estrangulamentos saíam do controle. Os aspirantes que fossem acidentalmente machucados sem esperança de recuperação tinham os crânios esmagados ali mesmo, sob os aplausos educados da plateia. Sem misericórdia.

– Guardião Torto – murmurou Locke sozinho na primeira vez que isso aconteceu –, eles nem têm um sacerdote... nenhum...

Percebeu, debilmente, o que estava fazendo consigo mesmo. Sentiu a agitação por dentro, como se sua consciência fosse um lago profundo e imóvel com uma fera lutando para chegar à superfície. Cada humilhação brutal, cada penalidade dolorosa decretada com empolgação por alguma criança nobre e mimada enquanto os pais gargalhavam dava força a essa fera, que se debatia contra a sensatez de Locke, contra seu sangue-frio, sua disposição para *ater-se ao plano*.

Ele estava tentando reunir raiva suficiente para ceder.

O Espinho de Camorr fora uma máscara que ele havia usado, sem muito empenho, como um jogo. Agora era quase uma entidade separada, uma coisa faminta, um fantasma cada vez mais insistente.

Deixe-me sair, sussurrava a fera. *Deixe-me sair. Os ricos precisam se lembrar. Pelos deuses, eu posso garantir que eles jamais esqueçam.*

– Espero que perdoe minha intromissão se eu observar que o senhor não parece estar se divertindo!

Locke foi arrancado dos pensamentos pela chegada de outro homem na galeria. O estranho era bronzeado e estava em forma, teria uns cinco ou seis anos a mais do que Locke, com cachos marrons caindo até o colarinho e um cavanhaque aparado com precisão. Seu casaco comprido de veludo tinha acabamento em brocado de prata e ele segurava às costas, com as duas mãos,

uma bengala com castão de ouro.

– Mas desculpe-me... Fernand Genrusa, nobre da Terceira, de Lashane.

Nobre da Terceira Ordem – um barão –, uma patente lashani comprada, assim como Locke e Jean haviam brincado com a possibilidade de adquirir uma. Locke se curvou ligeiramente e inclinou a cabeça.

– Mordavi Fehrwight, milorde. De Emberlane.

– Mercador, então? O senhor deve estar se saindo bem, mestre Fehrwight, para passar seu tempo aqui. E o que está por trás desse rosto fechado?

– O que o faz pensar que estou insatisfeito?

– O senhor está aqui sozinho, sem beber nada, e assiste a cada nova Guerra com uma expressão... como se alguém estivesse enfiando carvões quentes em seus calções. Já o observei várias vezes da minha galeria. O senhor está perdendo dinheiro? Eu poderia compartilhar algumas ideias que cultivei sobre o melhor modo de apostar na Guerra do Entretenimento.

– Não fiz apostas, milorde. É só que... não consigo parar de olhar.

– Curioso. No entanto, isso não lhe agrada.

– Não.

Locke se virou um pouco para o barão Genrusa e engoliu em seco, nervoso. A etiqueta exigia que alguém de classe inferior, como Mordavi Fehrwight, e ainda mais vadrã, fosse deferente para com um barão e não entabulasse uma conversa desagradável, mas o outro homem parecia convidá-lo a uma explicação. Locke se perguntou até que ponto poderia ir.

– O senhor já presenciou um acidente de carruagem, milorde, ou o atropelamento de um homem por uma parelha de cavalos? Já viu o sangue e os destroços e se viu totalmente incapaz de afastar os olhos do espetáculo?

– Não posso dizer que sim.

– Peço permissão para discordar. O senhor tem uma galeria particular para assistir a isso três vezes por dia se quiser. Milorde.

– Ahhhh. Então o senhor acha a Guerra do Entretenimento... o quê... indecorosa?

– Cruel, milorde Genrusa. De uma crueldade tremendamente incomum.

– Cruel? Comparada com o quê? Com a guerra? Os tempos de peste? O senhor já esteve em Camorr, por acaso? Este é um parâmetro que poderia fazê-lo pensar de modo mais sensato, mestre Fehrwight.

– Mesmo em Camorr, não acredito que alguém tenha permissão de

espancar velhas em plena luz do dia por simples capricho. Ou rasgar as roupas delas, apedrejá-las, estuprá-las, cortar os cabelos com violência, jogar produtos alquímicos cáusticos... é como... como crianças arrancando as asas de um inseto. Para poderem olhar e gargalhar.

– Quem os obrigou a vir aqui, Fehrwight? Quem encostou uma espada nas costas deles e os fez marchar até Salon Corbeau por essas estradas quentes e vazias? A peregrinação deles demora dias, a partir de qualquer lugar digno de nota.

– Que opção eles têm, milorde? Só estão aqui porque se sentem desesperados. Porque não podem se sustentar no lugar onde estavam. Fazendas vão à falência, negócios vão à falência... é desespero, só isso. Eles não podem simplesmente decidir que não vão comer.

– Fazendas vão à falência, negócios vão à falência, navios afundam, impérios caem. – Genrusa tirara a bengala das costas e pontuava a fala gesticulando com o castão de ouro para Locke. – É a vida, sob os deuses, pela vontade dos deuses. Talvez se eles houvessem rezado mais, economizado mais ou sido menos insensatos com o que tinham, não precisassem vir se arrastando até aqui em busca da caridade de Saljesca. Parece justo que ela exija que a maioria faça por onde merecer.

– *Caridade?*

– Eles têm um teto, comida e a chance de ganhar dinheiro. Os que conquistam os prêmios em ouro parecem não ver problema em pegar sua moeda e ir embora.

– Um em cada oitenta ganha 1 solari, milorde. Sem dúvida é mais dinheiro do que já viram de uma só vez na vida. E para os outros 79 esse ouro é apenas uma promessa que os mantém aqui dia após dia, semana após semana, penalidade após penalidade. E os que morrem porque os Demônios se descontrolaram? De que serve o ouro ou a promessa de ouro para eles? Em qualquer outro lugar seria puro e simples assassinato.

– É Aza Guilla que os leva, e não o senhor, eu ou qualquer mortal, Fehrwight. – As sobrancelhas de Genrusa estavam franzidas e suas bochechas se avermelhavam. – E, sim, em qualquer outro lugar poderia ser simples assassinato. Mas estamos em Salon Corbeau e eles estão aqui por livre e espontânea vontade. Assim como o senhor e eu. Eles poderiam optar por não vir.

– E passar fome e morrer em outro lugar.

– Faça-me o favor. Eu conheço o mundo, mestre Fehrwight. Posso recomendá-lo ao senhor, para ter uma perspectiva. Certamente alguns deles devem estar sem sorte. Mas aposto que o senhor vai descobrir que a maioria só está faminta por ouro, esperando um ganho fácil. Olhe os que estão na arena agora... há um bom número de jovens saudáveis, não é?

– Quem mais poderia terminar a viagem até aqui a pé sem ter uma sorte extraordinária, milorde Genrusa?

– Vejo que não há como sobrepor o bom senso ao sentimento, mestre Fehrwight. Eu imaginava que vocês, beija-moedas de Emberlane, eram mais duros.

– Duros, talvez, mas não vulgares.

– Ora, contenha-se, mestre Fehrwight. Eu queria trocar uma palavra porque estava genuinamente curioso com seu humor; acho que agora entendo de onde ele vem. Um pequeno conselho... Salon Corbeau pode não ser o lugar mais saudável para nutrir esse tipo de ressentimento.

– Meus negócios aqui serão... encerrados em breve.

– Melhor assim, então. Mas talvez o seu negócio na Guerra do Entretenimento possa ser encerrado mais cedo ainda. Não sou o único que se interessou pelo senhor. Os guardas de lady Saljesca são... sensíveis com relação ao descontentamento. Tanto *acima* da arena quanto nela.

Eu poderia deixá-lo sem um tostão e soluçando, sussurrou a voz na cabeça de Locke. *Poderia fazê-lo empenhar seus baldes de mijo para impedir que os credores cortem seu pescoço.*

– Desculpe, milorde. Levarei muito a sério o que o senhor diz – murmurou Locke. – Duvido... que incomodarei alguém aqui outra vez.

8

Na manhã do nono dia de Locke em Salon Corbeau, os Baumondains haviam terminado suas cadeiras.

– Estão magníficas – elogiou Locke, passando os dedos de leve sobre a madeira laqueada e o estofamento em couro. – Muito elegantes, tanto quanto eu poderia esperar. E as... características adicionais?

– Construídas segundo suas especificações, mestre Fehrwight. *Exatamente* segundo suas especificações.

Lauris estava parada junto ao pai na oficina e Parnella, de 10 anos, lutava para preparar chá numa pedra alquímica em uma mesa de canto, coberta com ferramentas desconhecidas e jarros meio vazios de óleos de marcenaria. Locke fez uma anotação mental para cheirar com muito cuidado antes de beber qualquer chá que lhe fosse oferecido.

– Vocês se superaram, todos vocês.

– Nós estivemos... ah... inspirados financeiramente, mestre Fehrwight – disse Baumondain.

– Gosto de construir coisas esquisitas – acrescentou Parnella.

– Humm. É, acho que essas cadeiras poderiam ser descritas dessa forma.

– Locke olhou para as quatro peças iguais e suspirou numa mistura de alívio e aborrecimento. – Bem, se o senhor puder prepará-las para o transporte, vou contratar duas carruagens e partir esta tarde.

– Está com tanta pressa assim?

– Espero que o senhor me desculpe se digo que cada momento desnecessário que passo neste lugar é um fardo. Salon Corbeau e eu não combinamos. – Locke tirou uma bolsa de couro do bolso do casaco e jogou-a para Baumondain. – Vinte solaris adicionais. Pelo seu silêncio e para que estas cadeiras nunca tenham existido. Está claro?

– Eu... bom, tenho certeza de que podemos realizar seu pedido... Devo dizer que sua generosidade é...

– Um assunto que não precisa ser mais discutido. Agora ceda ao meu desejo. Partirei logo.

Então é isso, disse a voz na cabeça de Locke. Atenho-me ao plano. Deixo tudo para trás, não faço nada e retorno a Tal Verrar com o rabo entre as pernas.

Enquanto ele e Jean enriqueciam às custas de Requin e trapaceavam para subir pelos andares luxuosos da Agulha do Pecado, no piso de pedra da arena de lady Sanjesca as penalidades continuariam e os rostos dos espectadores seriam os mesmos, dia após dia. Crianças arrancando as asas de insetos para rir de como eles se agitavam e sangravam... e de vez em quando pisando neles.

– Que os ladrões prosperem – murmurou Locke.

Apertou os lenços de pescoço e se preparou para contratar as carruagens, sentindo um mal-estar.

CAPÍTULO CINCO

Num rio mecânico

1

A caixa de transporte irrompeu da cachoeira do Mon Magisteria outra vez e se encaixou com um solavanco no interior do palácio. A água sibilou nos tubos de ferro, os portões altos atrás da caixa se fecharam com estrondo e os funcionários abriram a porta dupla para Locke, Jean e Merrane.

Uma dúzia de Olhos do Arconte os esperava no saguão de entrada. Eles se posicionaram em silêncio dos dois lados de Locke e Jean, e Merrane começou a guiá-los, aparentemente não para a mesma sala de antes.

Locke olhava ao redor de tempos em tempos enquanto passavam por corredores mal iluminados e subiam escadas sinuosas. O Mon Magisteria era de fato mais uma fortaleza do que um palácio; as passagens eram desprovidas de decoração e o ar cheirava principalmente a umidade, suor, couro e óleo de armas. Água trovejava por canais invisíveis atrás das paredes. Às vezes, o grupo passava por criados que ficavam parados no canto com as cabeças abaixadas até que os Olhos se afastassem.

Merrane conduziu-os até uma porta reforçada com ferro num corredor comum, a vários andares da entrada. Um débil luar prateado podia ser visto ondulando através de uma janela em arco na outra extremidade do corredor. Locke forçou a vista e percebeu que a água de um dos aquedutos ao redor do palácio escorria pelo vidro.

Merrane bateu três vezes na porta, que se entreabriu com um estalo, deixando passar um feixe de luz amarela e suave. Ela dispensou os Olhos com um aceno. Enquanto eles se distanciavam, abriu mais a porta e fez um gesto para que Locke e Jean entrassem.

– Finalmente – disse Stragos, levantando os olhos. – Eu esperava vê-los antes. Vocês deviam estar fora dos seus antros usuais quando Merrane os encontrou.

Stragos estava sentado em uma das duas únicas cadeiras na sala pequena e desnuda e folheou os papéis que estivera examinando. Um empregado careca estava sentado na outra cadeira, com várias pastas na mão.

– Eles passaram por dificuldades nas docas internas da Grande Galeria – informou Merrane, fechando a porta atrás de Locke e Jean. – Uma dupla de assassinos bastante motivados.

– É mesmo? – Stragos pareceu sentir um incômodo genuíno. – Com que negócio isso poderia se relacionar?

– Eu gostaria de saber – respondeu Locke. – Mas nossa futura interrogada recebeu uma seta de balestra no peito.

– A mulher ia cravar uma faca envenenada num desses dois, Protetor. Achei que o senhor preferiria ter ambos intactos por enquanto.

– Hummm. Uma dupla de assassinos. Vocês estiveram na Agulha do Pecado esta noite?

– Estivemos – falou Jean.

– Bom, então não foi Requin. Ele pegaria vocês lá mesmo. Portanto, é outra coisa. Algo que você deveria ter me contado antes, Kosta?

– Ah, com seu perdão, Arconte. Achei que, com seus amiguinhos, os Magos-Servidores, e todos os espiões que o senhor deve ter colocado nas nossas costas, já estaria mais bem-informado.

– Isso é sério, Kosta. Eu vou usar vocês; não me agrada envolver a vingança de outra pessoa. Vocês não imaginam quem pode tê-los mandado?

– Sinceramente, não fazemos a mínima ideia.

– Vocês deixaram os corpos desses assassinos no cais?

– Sem dúvida os policiais já os recolheram – respondeu Merrane.

– Eles vão jogar os corpos no Abismo do Monturo, mas primeiro vão deixá-los na casa da morte por um ou dois dias. Quero que alguém vá até lá dar uma olhada. Anotem as características físicas, inclusive tatuagens ou outras marcas que possam ser significativas.

– Claro – falou Merrane.

– Diga ao oficial da guarda para cuidar disso agora. Você saberá onde me encontrar depois.

– Como quiser... Arconte. – Merrane parecia a ponto de acrescentar algo,

mas apenas se virou, abriu a porta e saiu rapidamente.

– Você me chamou de Kosta – disse Locke quando a porta havia se fechado outra vez. – Ela não sabe nossos nomes de verdade, não é? Curioso. Não confia no seu pessoal, Stragos? Seria bem fácil subjugar-los, como fez conosco.

– Aposto – completou Jean, dirigindo-se ao empregado de Stragos – que você nunca aceita a oferta de uma bebida amigável de seu patrão quando está fora de serviço, hein, carequinha?

O homem fez um muxoxo mas permaneceu em silêncio.

– Vá em frente – incentivou Stragos em voz tranquila –, provoque meu alquimista pessoal, responsável por “subjugar” vocês e por preparar o seu antídoto.

O careca deu um sorrisinho. Locke e Jean pigarrearam e remexeram os pés ao mesmo tempo, um hábito que haviam sincronizado na infância.

– Você parece um sujeito razoável – comentou Locke. – Eu, pelo menos, sempre achei uma cabeça sem pelos uma coisa nobre, sensata em qualquer clima...

– Cale a boca, Lamora. Temos as pessoas de que precisamos, então?

Stragos entregou os papéis ao funcionário.

– Sim, Arconte: 44 no total. Garantirei que sejam transportadas amanhã à tarde.

– Ótimo. Deixe os frascos e pode ir.

O homem assentiu e juntou os papéis. Entregou dois pequenos frascos de vidro ao Arconte, depois saiu sem uma palavra, fechando a porta com deferência.

– Bom, vocês dois – prosseguiu Stragos. – Parece que vocês atraem atenção, não é? Têm certeza de que não fazem ideia de quem mais pode estar tentando matá-los? Alguma rixa antiga de Camorr que não foi resolvida?

– Existem rixas antigas *demais* para serem resolvidas – respondeu Locke.

– Devem existir mesmo, não é? Bom, meu pessoal continuará a protegê-los da melhor forma possível. Mas vocês dois terão que ser mais... discretos.

– Esse comportamento não é exatamente algo novo para nós – replicou Locke.

– Restrinjam seus movimentos aos Degraus de Ouro e ao Savrola até segunda ordem. Colocarei agentes extras nas docas internas; usem-nas

quando precisarem viajar.

– Maldição, *não podemos* operar assim! Durante alguns dias, talvez, mas não pelo resto da nossa estadia em Tal Verrar.

– Nisso você está mais certo do que imagina, Locke. No entanto, se mais alguém estiver atrás de vocês, não posso deixar que interfira em minhas necessidades. Reduzam seus movimentos ou farei com que eles sejam reduzidos.

– Você disse que não atrapalharia o golpe a Requin!

– Não, eu disse que o *veneno* não atrapalharia o golpe.

– Você parece confiar demais no nosso bom comportamento, apesar de estar totalmente sozinho conosco numa sala pequena – ameaçou Jean, dando um passo à frente. – O seu alquimista não vai voltar, certo? Nem Merrane.

– Eu deveria estar preocupado? Vocês não têm nada a ganhar me machucando.

– A não ser uma imensa satisfação – retrucou Locke. – Você *presume* que temos a cabeça no lugar. *Presume* que damos a mínima para o seu precioso veneno e que não arrancaríamos um membro seu após o outro e assumiríamos as consequências.

– Isso é de fato necessário? – Stragos permaneceu sentado, uma perna cruzada sobre a outra, com a expressão levemente entediada. – Ocorreu-me que vocês dois pudessem ser teimosos o bastante para nutrir um pouquinho de revolta no coração. Então ouçam com atenção: se saírem desta sala sem mim, os Olhos no corredor lá fora vão matá-los assim que os virem. E se me fizerem mal de qualquer modo, repito a promessa anterior. Eu darei o troco em um de vocês, só que dez vezes pior, enquanto o outro será obrigado a assistir tudo.

– Você é um monte de bosta de um doente de pele-solta com cara de bode.

– Pode ser. Mas se vocês estão sob meu poder, por favor, digam, o que isso os torna?

– Completamente constrangidos – murmurou Locke.

– É muito provável. Será que vocês dois podem deixar de lado essa necessidade infantil de vingar sua autoimagem e aceitar a missão que tenho para vocês? Querem ouvir o plano e manter suas línguas civilizadas?

– Sim. – Locke fechou os olhos e suspirou. – Acho que de fato não temos

escolha. Jean?

– Eu gostaria de não ser obrigado a aceitar.

– Gostando ou não, o importante é que aceite. – Stragos se levantou, abriu a porta do corredor e sinalizou para Locke e Jean o acompanharem. – Meus Olhos vão levá-los ao meu jardim. Quero mostrar algo a vocês... enquanto temos uma conversa mais privada sobre sua missão.

– O que exatamente o senhor pretende conosco? – perguntou Jean.

– Em suma, tenho uma frota naval ancorada na Marina da Espada que pouco tem o que fazer. Como ainda dependo do *Priori* para ajudar a pagá-la e provê-la, não posso mandá-la toda sem uma desculpa decente. – Stragos sorriu. – Por isso mandarei *vocês dois* ao mar, para achar essa desculpa para mim.

– Ao *mar*?! – exclamou Locke. – Você perdeu a porr...

– Levem-nos ao meu jardim – ordenou Stragos, girando nos calcanhares.

2

Era mais uma floresta do que um jardim, estendendo-se pelo que deviam ser centenas de metros ao norte do Mon Magisteria. Sebes entrelaçadas com trepadeiras que reluziam suavemente em prata marcavam os caminhos entre o negrume oscilante das árvores. Devido a alguma alquimia, as trepadeiras refletiam luar artificial suficiente para que os dois ladrões e os guardas caminhassem com facilidade pelas trilhas cobertas de cascalho. As luas já haviam surgido, mas estavam ocultas pelo palácio de quinze andares e não podiam ser vistas por Locke e Jean.

O ar perfumado estava úmido e pesado; a chuva espreitava no arco de nuvens que envolvia o céu a leste. Vindo da escuridão das árvores, ouvia-se o zumbido de asas e, aqui e ali, pálidas luzes douradas e escarlate pairavam em volta dos troncos como algum feitiço feérico.

– Besouros-lanterna – disse Jean, hipnotizado mesmo contra a vontade.

– Pense em quanta terra devem ter carregado até aqui a fim de cobrir o Vidrantigo o suficiente para que essas árvores crescessem... – sussurrou Locke.

– É bom ser Duque. Ou Arconte.

No centro do jardim, havia uma estrutura baixa, parecendo uma casa de

barcos, iluminada por lampiões alquímicos no azul heráldico de Tal Verrar. Locke ouviu o som fraco de água batendo em pedra e notou que havia um canal escuro, talvez com 6 metros de largura, logo depois da pequena construção. Ele serpenteava na escuridão do jardim-floresta como um rio em miniatura. De fato, percebeu Locke, a estrutura *era* uma casa de barcos.

Quatro guardas apareceram no escuro, meio guiados e meio arrastados por dois enormes cães pretos com arneses que serviam como armadura. Essas criaturas, cujos dorsos chegavam à cintura dos homens e que tinham uma largura quase igual, mostraram os dentes e farejaram com desdém os dois ladrões, depois fungaram e puxaram seus condutores pelo jardim do Arconte.

– Muito bem – disse Stragos, surgindo alguns passos atrás da equipe dos cachorros. – Tudo está preparado. Vocês dois, venham comigo. Oficial das Espadas, vocês estão dispensados.

Os Olhos se viraram como se fossem um só e marcharam na direção do palácio. Stragos chamou Locke e Jean com um gesto, depois levou-os até a beira do canal, onde um barco flutuava, amarrado a um pequeno poste atrás da casa de barcos. A embarcação parecia construída para quatro pessoas, com um banco acolchoado em couro na frente e outro na popa. Stragos sinalizou outra vez, agora para os Nobres Vigaristas entrarem e ocuparem o banco da frente.

Locke teve de admitir que era bastante agradável acomodar-se nas almofadas e descansar o braço na amurada. Stragos balançou o barco ligeiramente ao descer atrás deles, desamarrou a corda e sentou-se em seu banco. Pegou um remo e mergulhou-o por cima da amurada esquerda.

– Tannen, faça a gentileza de acender nossa lanterna de proa.

Jean olhou por cima do ombro e viu uma lanterna alquímica do tamanho de um punho num suporte de vidro facetado, pendurada para fora da embarcação. Mexeu num regulador de latão no topo dela até que os vapores dentro se misturarem e ganharem vida como um diamante azul-celeste refletindo-se na água embaixo.

– Foi aqui que os duques do Trono Terim edificaram seu palácio – informou Stragos. – Um canal cortado no vidro, com 8 metros de profundidade, como um rio particular. Esses jardins foram construídos ao redor. Nós, Arcontes, herdamos o palácio, assim como o Mon Magisteria. Meu predecessor se contentava com águas paradas, mas eu fiz modificações.

Enquanto ele falava, o som de água batendo nas laterais do canal ficou mais alto e mais irregular. Locke percebeu que o barulho fluido e gorgolejante que se intensificava lentamente ao redor era o de uma correnteza. O reflexo da lanterna tremeluzia conforme a água ondulava feito seda escura.

– Feitiçaria? – perguntou Locke.

– Artíficos, Lamora. – O barco começou a deslizar suavemente, afastando-se da borda do canal, e Stragos usou o remo para alinhá-lo no centro do rio. – Há uma brisa forte soprando do leste esta noite, além de moinhos de vento do lado oposto do meu jardim. Eles podem ser usados para impelir rodas-d'água sob a superfície do canal. Se o ar está parado, quarenta ou cinquenta homens podem girar os mecanismos manualmente. Eu posso chamar a correnteza quando achar necessário.

– Qualquer homem pode peidar num cômodo fechado e dizer que comanda o vento – comentou Locke. – Mas devo admitir que todo esse jardim tem... mais elegância do que eu imaginava que você tivesse.

– Que agradável ter sua aprovação sobre meu senso estético.

Stragos guiou-os em silêncio por alguns minutos, passou por uma curva ampla, por barrancos de trepadeiras prateadas e pelo farfalhar de folhas nos galhos baixos. O aroma do rio artificial se elevava ao redor deles à medida que a corrente ficava mais forte – não era desagradável, porém mais rançoso e menos *puro*, de algum modo, do que o cheiro dos lagos e rios naturais de que Locke se recordava.

– Presumo que este rio seja um circuito fechado – falou Jean.

– Ele serpenteia, mas é fechado, sim.

– Então, ah... desculpe, mas aonde, exatamente, você está nos levando?

– Tudo a seu tempo.

– Por falar no lugar aonde está nos levando – disse Locke –, poderia voltar ao assunto anterior? Um dos seus guardas deve ter batido na minha cabeça; pensei ter ouvido você afirmar que queria que fôssemos para o mar.

– E quero. E vocês irão.

– Com que objetivo?!

– Vocês estão familiarizados com a história da Armada Livre das Ilhas dos Ventos Fantasmas?

– Vagamente – respondeu Locke.

– O levante de piratas no Mar de Bronze – lembrou Jean. – Há seis ou

sete anos. Foi sufocado.

– *Eu* o sufoquei – frisou o Arconte. – Há sete anos, aqueles idiotas lá nos Ventos Fantasmas puseram na cabeça que iam tomar o poder. Diziam ter o direito de cobrar impostos dos navios no Mar de Bronze, e com impostos queriam dizer abordar e saquear tudo que tivesse um casco. Eles possuíam uma dúzia de embarcações boas e uma dúzia de tripulações mais ou menos boas.

– Bonaire – recordou Jean. – Era a capitã que todos eles seguiam, não era? Laurella Bonaire?

– Era – confirmou Stragos. – Bonaire e seu *Basilisco*. Ela era um dos meus oficiais e o *Basilisco* era um dos meus navios antes que ela virasse a casaca.

– E logo contra você, um patrão tão agradável e modesto – ironizou Locke.

– Aquele esquadrão de bandoleiros atacou Nicora e Vel Virazzo, assim como praticamente todos os pequenos povoados no litoral próximo. Tomou navios à vista deste palácio e enfunou as velas até o horizonte enquanto minha galeras iam ao seu encontro. Foi o maior insulto que esta cidade enfrentou desde a guerra contra Camorr, na época do meu predecessor.

– Não me lembro de isso ter durado muito tempo – comentou Jean.

– Meio ano, talvez. Essa declaração sobre os impostos foi a queda deles. Piratas podem fugir e se esconder, mas se fazem declarações desse tipo, em geral acabam numa batalha para sustentá-las. Eles não são páreo para marinheiros de verdade quando se trata de linha contra linha em mar aberto. Nós os atacamos perto de Nicora, afundamos metade da frota e mandamos o resto mijando nos calções de volta aos Ventos Fantasmas. Bonaire terminou numa gaiola pendurada acima do Abismo do Monturo. Depois de fazê-la ver toda a sua tripulação cair lá dentro, eu mesmo cortei a corda que a segurava.

Locke e Jean ficaram em silêncio. Houve alguns estalos fracos e aquosos enquanto Stragos ajustava o rumo do barco. Outra curva no rio artificial vinha se aproximando.

– Bom, essa pequena demonstração tornou a pirataria uma profissão bastante impopular no Mar de Bronze. Desde então, as circunstâncias têm sido bastante boas para os mercadores honestos. Claro que ainda há piratas na região dos Ventos Fantasmas, mas eles não se aproximam a menos de 500

quilômetros de Tal Verrar nem chegam perto de Nicora ou do litoral. Minha marinha não teve que lidar com nada mais sério do que incidentes de alfândega e navios de peste em três ou quatro anos. É uma época calma... uma época próspera.

– O seu trabalho não é propiciar exatamente isso? – questionou Jean.

– Você parece um homem bastante letrado, Tannen. Com certeza suas leituras devem ter lhe ensinado que, quando homens e mulheres de armas sangram para garantir um tempo de paz, as pessoas que mais se beneficiam dessa paz também são as que têm mais chance de esquecer esse derramamento de sangue.

– O *Priori* – completou Locke. – Essa vitória o deixou nervoso, não foi? O povo gosta de vitórias. São elas que tornam populares os generais... e os ditadores.

– Você é astuto, Lamora. Assim como era do interesse dos conselhos mercantis me enviar para livrá-los da pirataria, era de seu interesse, logo em seguida, enfraquecer minha marinha até acabar com ela. Dividendos da paz... pagar apenas por metade dos navios, colocá-los na reserva, tirar algumas centenas de marinheiros treinados da folha de pagamento e deixar que os mercadores os pegassem... Os impostos de Tal Verrar pagaram pelo treinamento e o *Priori* e seus sócios ficaram felizes em roubá-los. E foi assim, e é assim, com o Mar de Bronze em paz, os Tutanos de birra entre si, Lashane sem uma marinha e Kartane longe de pensar em ter uma. Este canto do mundo está tranquilo.

– Se você e o *Priori* se sentem tão infelizes uns com os outros, por que eles não o deixam completamente sem verbas? – Locke se recostou em seu canto do barco e deixou a mão esquerda pender por cima da amurada, riscando a água quente.

– Tenho certeza de que eles fariam isso se pudessem, mas a constituição da cidade me garante um orçamento mínimo com base na receita geral. Porém, todos os esmiuçadores e fiscais da cidade são *deles* e criam mentiras tremendamente elaboradas para reduzir até mesmo isso. Meus próprios guarda-livros estão com as mãos cheias perseguindo-os. Mas são as verbas discricionárias que eles não liberam. Em tempo de necessidade, eles podem inflar minhas forças com ouro e suprimentos de uma hora para a outra. Em tempo de paz, se ressentem até do último centira que me dão. Esquecem por que o Arconato foi instituído.

– Ocorre-me – interveio Locke – que o seu predecessor deveria... *dissolver* o cargo quando Camorr concordou em parar de chutar o rabo de vocês.

– Uma força a postos é a única força profissional, Lamora. Deve haver uma continuidade de experiência e treinamento nas fileiras; um exército ou uma marinha digno de nota não pode simplesmente ser conjurado do nada. Tal Verrar pode não se dar ao luxo de ter três ou quatro anos para montar uma defesa no momento da próxima crise. E os membros do *Priori*, os que tagarelam mais alto sobre “opor-se à ditadura” e “garantias civis”, seriam os primeiros a debandar feito ratos carregando suas fortunas e a pegar um navio para qualquer canto do mundo que lhes desse refúgio. Eles jamais ficariam ou morreriam com a cidade. Assim, a inimizade entre nós é mais do que pessoal, da minha parte.

– Apesar de eu ter conhecido muitos grandes mercadores para discordar de sua ideia geral sobre o caráter deles, tive uma percepção súbita e aguçada de para onde essa conversa está se encaminhando – comentou Locke.

– Eu também – concordou Jean, pigarreando. – Parece que, com o seu poder diminuindo, esta seria uma hora bastante *conveniente* para o surgimento de novos problemas em algum ponto do Mar de Bronze, não é?

– Muito bem – disse Stragos. – Há sete anos, os piratas dos Ventos Fantasmas se rebelaram e eu dei ao povo de Tal Verrar motivo para ficar feliz com a marinha que eu comando. *Seria* conveniente se eles pudessem ser convencidos a nos incomodar de novo... e ser esmagados de novo.

– Mandar-nos ao mar para encontrar uma desculpa para você – observou Locke. – Mandar *a gente* para o *mar*. O seu cérebro inchou dentro do crânio? Como, pela porra do inferno, você espera que nós dois incitemos a droga de uma armada de piratas num lugar onde nunca estivemos e a convençamos a vir alegremente *morrer* nas mãos da marinha que a virou de bruços na mesa e comeu seu rabo na última vez?

– Vocês convenceram os nobres de Camorr a jogar fora uma fortuna com suas tramas – argumentou Stragos sem a mínima raiva. – Eles adoravam o dinheiro que tinham, mas vocês o arrancaram deles como se fosse fruta madura numa árvore. Vocês foram mais espertos do que um Mago-Servidor. Enganaram Capa Barsavi na cara dele. Escaparam da armadilha que pegou Capa Barsavi e toda a sua corte.

– Só alguns de nós – sussurrou Locke. – Só alguns de nós escapamos, seu

escroto.

– Preciso de mais do que agentes. Preciso de provocadores. Vocês dois caíram nas minhas mãos numa hora ideal. Sua tarefa, sua missão, será provocar o inferno no Mar de Bronze. Quero navios saqueados desde aqui até Nicora. Quero o *Priori* batendo à minha porta, implorando para eu aceitar mais ouro, mais navios, mais responsabilidade. Quero que o comércio ao sul de Tal Verrar enfune as velas e corra em busca de um porto seguro. Quero os seguradores cagando nas calças. Sei que posso não conseguir tudo isso, mas, pelos deuses, vou aceitar tudo que vocês puderem me dar. Façam com que as pessoas tenham pavor dos piratas como não têm há anos.

– Você está *pirando* – comentou Jean.

– Nós podemos roubar dos nobres – observou Locke. – Podemos invadir casas. Podemos descer por chaminés, abrir trancas, roubar diligências, arrombar cofres e fazer uma bela variedade de truques com cartas. Eu poderia cortar seus bagos, se você tivesse algum, e substituir por bolas de gude, e você demoraria uma semana para notar. Mas odeio dizer que uma classe de criminosos com que jamais nos associamos, *jamais*, são as porras dos piratas!

– Não temos a mínima ideia de como iríamos nos aproximar deles – acrescentou Jean.

– Nesse sentido, como em tantas outras coisas, estou bem à frente de vocês – replicou Stragos. – Vocês não devem ter problemas para conhecer os piratas dos Ventos Fantasmas porque vocês mesmos vão *se tornar* piratas respeitáveis. Capitão e imediato de uma chalupa, na verdade.

3

– Você é mais do que louco – falou Locke depois de um bom tempo imerso em pensamentos furiosos. – A loucura de pedra é um estado de bem-aventurança racional à qual você não pode aspirar. Homens que vivem nas sarjetas bebendo o próprio mijo recusariam sua companhia. *Você* é um lunático destrambelhado.

– Esse não é o tipo de coisa que eu esperaria ouvir de um homem que deseja seu antídoto.

– Bom, que escolha magnífica você nos deu... a morte pelo veneno lento ou a morte pela desventura insana!

– Ora, isso também não é o tipo de coisa que eu esperaria ouvir de um homem que comprovou conseguir escapar de situações extremamente complicadas.

– Estou ficando meio entediado com os elogios a nossas aventuras anteriores que servem de desculpa para nos obrigar a embarcar em outras mais arriscadas ainda. Olha, se você quiser que façamos um serviço, ofereça um serviço na nossa área de experiência. Ela não é ampla o bastante para você? Só estamos dizendo que não sabemos coisa alguma sobre vento, clima, navios, piratas, Mar de Bronze, Ilhas dos Ventos Fantasmas, velas, cordas e... clima, navios...

– Nossa única experiência com navios – interveio Jean – consiste em entrar, ficar enjoados e sair.

– Eu pensei nisso – contrapôs Stragos. – O capitão de uma tripulação de criminosos deve ter, acima de todas as outras coisas, carisma. Capacidade de liderança. Poder de decisão. Os patifes devem ser comandados. Acredito que você pode fazer isso, Lamora... fingindo, se necessário. Isso o torna a melhor escolha possível em alguns aspectos. Você pode *fingir* confiança enquanto um homem sincero poderia tender ao pânico. E seu amigo Jean pode fazer valer sua liderança; um bom lutador corpo a corpo é alguém a ser respeitado num navio.

– Certo, fantástico – disse Locke. – Eu sou carismático, Jean é durão. Isso deixa de fora todas as outras coisas que eu citei...

– Quanto às artes náuticas, vou lhes fornecer um experiente mestre de navegação. Um homem que pode treiná-los nas coisas essenciais e tomar as decisões adequadas para você, quando estiver no mar, o tempo todo fingindo que as ordens vêm de você. Não está vendo? Só peço que você represente um papel... Ele vai fornecer o conhecimento para tornar esse papel convincente.

– Doce Venaporta! – exclamou Locke. – Você pretende *mesmo* que a gente saia por aí e deseja *de verdade* que tenhamos sucesso?

– Sem dúvida.

– E o veneno? – perguntou Jean. – Você vai colocar antídoto suficiente nas nossas mãos para permitir que singremos pelo Mar de Bronze?

– De jeito nenhum. Vocês precisarão vir a Tal Verrar a cada dois meses.

Meu alquimista disse que o tempo máximo que vocês devem ter é de 62 a 65 dias.

– Ei, espere aí um minuto – disse Locke. – Não basta que sejamos marinheiros sem a menor noção, mascarados de piratas durões, confiando em outro homem para fazer com que pareçamos competentes. Ou que tenhamos de nos arriscar em sei lá que mares, adiando nossos planos para Requin. Agora você espera que voltemos à saia da mamãe a cada dois meses?

– São duas ou três semanas até os Ventos Fantasma. Vocês terão tempo suficiente para fazer seus negócios a cada viagem, independentemente da duração desse projeto. O quanto vocês terão de mexer na sua programação, claro, é da sua conta. Com certeza vocês entendem que precisa ser assim.

– Não. – Locke riu. – Francamente, não entendo!

– Vou querer relatórios de progresso. Posso ter novas ordens e informações para vocês. Vocês podem ter novos pedidos ou sugestões. Faz muito sentido permanecer em contato regular.

– E se por acaso nós encontrarmos um daqueles trechos de... maldição, Jean, como é que se chama? Sem vento nenhum...

– Calmarias – respondeu Jean.

– Exato. Até mesmo *nós* sabemos que não dá para supor uma velocidade constante quando se trata de vento e velas; a gente utiliza o que os deuses mandam. Podemos ficar presos num oceano liso a 80 quilômetros de Tal Verrar, no dia 63, morrendo sem qualquer motivo.

– É remotamente possível, mas improvável. Tenho toda a consciência de que há um grande elemento de risco na tarefa que estou propondo; a possibilidade de um ganho gigantesco me impele a me aventurar. Agora... por enquanto não vamos mais falar nisso. Eis o que vim mostrar a vocês.

Adiante, havia uma ondulação dourada na água negra e leves linhas da mesma cor que pareciam oscilar no ar acima dela. À medida que chegaram mais perto, Locke viu que uma forma ampla e escura cobria totalmente o rio artificial, de uma margem à outra. Era algum tipo de construção... e as linhas douradas pareciam ser fendas em cortinas que pendiam até a água. O barco chegou a essa barreira e passou por ela com pouca dificuldade; Locke empurrou um tecido pesado e úmido para longe do rosto e a embarcação irrompeu em plena luz do dia.

Estavam dentro de um jardim fechado, o teto a pelo menos 12 metros de altura, preenchido com salgueiros, oliveiras e árvores cítricas, de madeira-

bruxa e espinhâmbar. Troncos pretos, marrons e cinzentos se erguiam em fileiras compactas, os galhos emaranhados de cipós estendendo-se para cima em vastas constelações de folhas brilhantes que se entrelaçavam sobre o rio como um segundo teto.

Quanto ao teto de verdade, era cintilante, azul-celeste e brilhante como ao meio-dia, com fiapos de nuvens brancas passando entre os galhos. O sol ardia inclemente à direita de Locke e lançava raios de luz... mas lá fora sem dúvida ainda era o meio da noite.

– Isso é alquimia, feitiçaria ou as duas coisas – disse Jean.

– Um pouco de alquimia – explicou Stragos em voz suave e entusiasmada. – O teto é de vidro, as nuvens são fumaça, o sol é um vaso ardente de óleos alquímicos e espelhos.

– Luminoso a ponto de manter esta floresta viva sob um teto? Incrível – admirou-se Locke.

– Poderia mesmo ser luminoso o suficiente, Lamora, mas se você olhar com atenção, verá que nada sob este teto, além de nós mesmos, está *vivo*.

Enquanto Locke e Jean contemplavam o entorno, incrédulos, Stragos levou o barco de encontro a uma das margens do rio, onde o curso d'água se estreitava até meros 3 metros de largura, para dar espaço às árvores, cipós e arbustos dos dois lados. Stragos estendeu a mão para segurar um tronco e parar a embarcação e apontou para o ar.

– Um jardim mecânico para o meu rio mecânico. Não existe sequer uma planta de verdade aqui. É madeira, argila, arame e seda, tinta, tintura e alquimia. Tudo foi projetado segundo minha orientação; os artífices e seus assistentes levaram seis anos para construir. Meu pequeno vale de mecanismos.

Locke percebeu que o Arconte dizia a verdade. Afora o movimento das nuvens de fumaça branca lá no alto, o lugar permanecia numa imobilidade que não era natural, mas quase fantasmagórica. E o ar no jardim fechado era inerte, cheirando a água rançosa e lona. Deveria estar repleto dos odores luxuriantes de terra, flores e podridão.

– Ainda pareço um homem que peida numa sala fechada, Lamora? Aqui eu *comando* o vento.

Stragos levantou o braço acima da cabeça e um ruído farfalhante encheu o jardim artificial. Uma corrente de ar roçou o couro cabeludo de Locke e aumentou cada vez mais até haver uma brisa firme contra seu rosto. As

folhas e galhos ao redor oscilaram suavemente.

– E a chuva! – gritou Stragos.

Sua voz ecoou por cima da água e se perdeu nas profundezas da floresta. Um instante depois, uma névoa leve e quente começou a baixar, pinicando, fazendo redemoinhos em curvas fantasmagóricas através da mata e envolvendo o barco. Começaram a cair gotas com um *plic-plac* suave, ondulando a superfície do rio mecânico. Locke e Jean se encolheram sob suas capas e Stragos gargalhou.

– Posso fazer mais. Talvez até possa invocar uma tempestade!

Um sopro de ar mais forte começou a jogar a chuva e a névoa contra eles; o pequeno rio se agitou com uma contracorrente vinda de algum lugar adiante. Pequenas ondas com espuma branca estouravam sob o barco como se a água fervesse e Stragos se agarrou com as duas mãos a um tronco enquanto o barco balançava de modo nauseante. As gotas de chuva ficaram mais pesadas e mais fortes; Locke precisou proteger os olhos para enxergar. Uma névoa densa, escura se inquietava acima, embotando o sol artificial. A floresta ganhara vida, sacudindo-se no ar nevoento como se guerreasse contra deuses invisíveis.

– Mas só até certo ponto – completou Stragos, e sem qualquer sinal aparente dado por ele a chuva foi parando.

Gradualmente, a agitação da floresta se reduziu a um farfalhar suave e, depois, à imobilidade; as correntes do rio foram diminuindo e, em minutos, o jardim mecânico tinha restaurado uma paz relativa. Dedos de névoa se esvaindo redemoinhavam ao redor das árvores, o sol espiava de trás das “nuvens” ralas e o ambiente ecoou com o som de água pingando de mil galhos e troncos.

Locke se sacudiu e afastou o cabelo molhado dos olhos.

– É... bastante singular, Arconte. Tenho de admitir. Nunca imaginei uma coisa assim.

– Um jardim engarrafado com o clima engarrafado – observou Jean.

– Por quê? – Locke fez a pergunta pelos dois.

– Funciona como um lembrete. – Stragos soltou o tronco e deixou o barco deslizar com suavidade para o meio do riacho outra vez. – Do que as mãos e as mentes dos seres humanos podem realizar. Do que *esta* cidade, única em todo o mundo, é capaz de produzir. Eu lhes disse que meu Mon Magisteria é um repositório de coisas artificiais. Pensem nelas como os

frutos da ordem... ordem que devo garantir e salvaguardar.

– Como, diabos, interferir no comércio oceânico de Tal Verrar significa garantir e salvaguardar a ordem?

– Sacrifício de curto prazo para um ganho de longo prazo. Há algo latente nesta cidade que vai florescer, Lamora. Algo que vai *brotar*. Você pode imaginar que maravilhas o Trono Terim poderia ter produzido se tivesse havido séculos de paz, se ele não tivesse sido estilhaçado em cidades-estados que guerreiam e discutem? Enfim algo está se preparando para emergir de todo o nosso infortúnio, e isso acontecerá *aqui*. Os alquimistas e artífices de Tal Verrar são inigualáveis e os eruditos do Colégio Terim estão a apenas alguns dias de distância... *deve ser aqui!*

– Maxilan, meu querido. – Locke levantou uma sobrancelha e sorriu. – Eu sabia que você era empolgado, mas não tinha ideia de que era capaz de *pegar fogo*. Venha, me possua! Jean não vai se incomodar; ele vai desviar os olhos como um cavaleiro.

– Pode zombar de mim o quanto quiser, Lamora, mas escute minhas palavras. Escute e *compreenda*, seu desgraçado. O que você acabou de testemunhar exigiu o esforço de sessenta homens e mulheres. Vigias esperando meus sinais. Alquimistas para cuidar dos cilindros de fumaça e equipes ocultas para mover os foles e os leques que produzem o vento. Havia várias dezenas meramente puxando fios metálicos: os galhos das minhas árvores artificiais são como marionetes, podem ser sacudidos de modo mais convincente. Um pequeno exército de trabalhadores treinados, esforçando-se para produzir um espetáculo de cinco minutos para três homens num barco. E nem mesmo isso seria possível sem a arte e o artifício dos séculos anteriores.

Stragos fez uma pausa e continuou:

– O que mais poderíamos conseguir, tendo tempo? E se trinta pessoas pudessem produzir o mesmo resultado? Ou dez? Ou uma? E se instrumentos melhores puderem gerar ventos mais fortes, mais chuva, uma corrente mais intensa? E se nossos mecanismos de controle ficassem tão sutis e tão poderosos que deixassem de ser um espetáculo? E se pudéssemos prepará-los para mudar qualquer coisa, controlar qualquer coisa, até mesmo nós próprios? Nossos corpos? Nossas *almas*? Nós nos escondemos nas ruínas do mundo dos Ancestres e à sombra dos Magos de Kartane. Mas homens e mulheres comuns poderiam possuir um poder igual. Após

séculos, com a graça dos deuses, eles poderiam *eclipsar* o poder dos kartanis.

– E todas essas ideias grandiosas de algum modo exigem que nós dois finjamos ser piratas? – perguntou Jean.

– Tal Verrar nunca será forte enquanto seu destino estiver controlado pelos que espremeriam o ouro dela como leite de uma vaca e depois fugiriam para o horizonte ao primeiro sinal de perigo. Eu *preciso* de mais poder, com a vontade do povo por trás de mim. Sua missão, caso seja bem-sucedida, abriria uma porta que impede o caminho para coisas mais grandiosas. – Stragos deu um risinho e espalmou as mãos. – Vocês são ladrões. Eu estou lhes oferecendo a chance de ajudar a roubar a própria história.

– O que é um pequeno consolo comparado com o dinheiro numa casa de contabilidade e um teto sobre a cabeça – rebateu Locke.

– Você odeia os Magos de Kartane – argumentou Stragos sem nenhuma entonação especial.

– Acho que sim – concordou Locke.

– O último imperador do Trono Terim tentou lutar contra eles com magia: feitiçaria contra feitiçaria. Fracassou e morreu. Kartane jamais poderá ser conquistada pela arte que ela comanda; eles garantiram que nenhuma autoridade em nosso mundo tenha feiticeiros suficientemente numerosos ou poderosos para igualá-los. Eles devem ser enfrentados com isto. – Ele pousou o remo e indicou o entorno. – Máquinas. Artifícios. Alquimia e engenharia. Os frutos da mente.

– Tudo isso, toda essa trama ridícula... – disse Locke – ... uma Tal Verrar mais poderosa, conquistando este canto do mundo... tudo isso é para atingir Kartane? Não acho a ideia desagradável, mas por quê? O que eles fizeram a você para levá-lo a imaginar isso?

– Algum de vocês conhece a antiga arte do ilusionismo? Já leram sobre ela nos livros de história?

– Um pouco – respondeu Locke. – Não muito.

– Há um bom tempo, a apresentação de ilusões... mágica imaginária, não feitiçaria de verdade, apenas truques inteligentes... era muito disseminada, popular e lucrativa. Os plebeus pagavam para vê-la nas ruas; nobres do Trono Terim pagavam para vê-la nas cortes. Mas essa cultura está morta. A arte não existe mais, a não ser como joguinhos de prestidigitadores. Os Magos-Servidores assolaram nossas cidades como lobos, prontos para

esmagar a menor sugestão de competição. Nenhuma pessoa sensata jamais apareceria em público se declarando capaz de fazer mágica. O medo matou toda a tradição há centenas de anos.

Stragos prosseguiu:

– Os Magos-Servidores distorcem nosso mundo apenas com sua presença. Eles nos governam, e isso não tem nada a ver com política. O fato de podermos contratá-los para nos servir não tem importância. Aquela pequena guilda *paira* sobre tudo o que planejamos, sobre tudo o que sonhamos. O medo dos Magos envenena nosso povo até o cerne de suas ambições. Impede-o de imaginar um destino maior... impede a esperança de refazer o império que já tivemos. Sei que vocês consideram imperdoável o que lhes fiz. Mas, acreditem ou não, admiro-os por enfrentar os Magos-Servidores. Eles os entregaram a mim como um castigo, mas peço que me ajudem a atingi-los.

– Grande abstração – retrucou Jean. – Você faz parecer que sermos obrigados a servi-lo é uma espécie de privilégio incrível para nós.

– Não preciso de desculpa para odiar os Magos-Servidores – acrescentou Locke. – Nem para odiá-los nem para lutar contra eles. Eu já os insultei. Eu e Jean. Mas você deve ser louco se acha que eles vão deixá-lo construir algo explicitamente poderoso a ponto de derrubá-los.

– Não espero viver para ver isso. Só espero plantar a semente. Olhe o mundo ao redor, Lamora. Examine as pistas que eles nos deram. A alquimia é reverenciada em toda parte, não é? Ela ilumina nossos aposentos, cura nossos ferimentos, conserva nossa comida... melhora nossa cidra. – Ele deu um sorriso satisfeito para Locke e Jean. – A alquimia é uma forma inferior de magia, mas os Magos-Servidores jamais tentaram impedi-la ou controlá-la.

– Porque não ligam a mínima – afirmou Locke.

– Errado – reagiu Stragos. – Porque ela é necessária demais para muitas coisas. Seria como tentar nos negar o direito à água ou ao fogo. Isso nos pressionaria *demais*. Não importando o custo, não importando a carnificina, isso nos obrigaria a lutar contra eles em nome da nossa própria existência. E eles sabem disso. Seu poder tem limites. Um dia vamos ultrapassar esses limites, se ao menos tivermos uma chance.

– É um belo conto de fadas – replicou Locke. – Se você escrevesse um livro sobre isso, eu pagaria por dez exemplares autografados. Mas aqui e

agora você está interferindo na nossa vida. Está nos arrancando de uma coisa em que trabalhamos por longo tempo e tão arduamente.

– Estou preparado para expandir meus termos anteriores e oferecer uma recompensa financeira em troca da realização da tarefa.

– Quanto? – perguntaram Jean e Locke simultaneamente.

– Sem promessas. Sua recompensa será proporcional ao seu feito. Vou torná-los tão felizes quanto me tornarem. Está claro?

Locke encarou Stragos por alguns segundos, coçando o pescoço. Stragos estava usando um truque de confiança: um apelo a ideais mais elevados seguido por um apelo à cobiça. E essa era uma *clássica* situação do tipo “foda o agente”: Stragos não tinha qualquer inclinação a cumprir a promessa e não tinha nada a perder fazendo-a. Além disso, não havia nenhum motivo para ele deixar Locke e Jean viverem assim que a tarefa fosse concluída. Locke fez contato visual com Jean e coçou o queixo várias vezes, um simples sinal de mão: *Mentira*.

Jean suspirou e bateu com os dedos algumas vezes na amurada do barco. Parecia compartilhar com Locke o pensamento de que sinais elaborados deveriam ser evitados, já que Stragos estava tão perto. Sua resposta foi também simples: *Concordo*.

– Isso é uma boa notícia – comentou Locke, forjando um tom de otimismo contido. O conhecimento de que ele e Jean estavam pensando do mesmo modo sempre lhe dava uma energia renovada para atuar. – Uma pilha de solaris quando tudo terminar ajudaria muito a mitigar nossa aversão pelas circunstâncias em que fomos empregados.

– Ótimo. Minha única preocupação é que a missão deve se beneficiar de mais entusiasmo da sua parte.

– Essa missão, para ser franco, vai precisar de toda ajuda possível.

– Não se preocupe com isso, Lamora. E cuidado aí atrás, estamos chegando ao lado oposto do meu pequeno vale.

O barco deslizava para outra barreira de lona. Segundo a avaliação casual de Locke, todo o jardim artificial devia ter cerca de 80 metros de comprimento.

– Digam adeus ao sol – observou o Arconte.

Passaram pela lona, voltando à noite negra e prateada com seus fugazes besouros-lanterna e o perfume genuíno de floresta. Um cão de guarda latiu perto, rosnou e ficou quieto após uma ordem sussurrada. Locke esfregou os

olhos para que eles se ajustassem de novo à escuridão.

– Vocês começarão a treinar esta semana – avisou Stragos.

– Como assim, treinar? Há um monte de perguntas a que você não respondeu – reagiu Locke. – Onde está o nosso navio? Onde está nossa tripulação? Como vamos ser conhecidos como piratas? Há mil detalhes a examinar...

– Tudo a seu tempo. – A voz de Stragos tinha um ar de satisfação inconfundível, agora que Locke mostrava que iria levar o plano adiante. – Disseram-me que vocês costumam fazer as refeições no Claustro de Ouro. Passem alguns dias levantando-se com o sol. No Dia do Trono, tomem o jejum no Claustro. Esperem que Merrane os encontre. Ela vai levá-los ao destino com a discricção usual e vocês começarão suas lições. Elas ocuparão a maior parte dos dias, portanto não façam nenhum plano.

– Droga – praguejou Jean. – Por que não nos deixa terminar nosso negócio com Requin? Só vai demorar algumas semanas. Então poderemos fazer o que você quiser, sem distração.

– Já pensei nisso – garantiu Stragos. – Mas não. Adiem o golpe. Quero que vocês tenham algo para fazer depois de terminarem minha missão. E não posso esperar algumas semanas. Preciso de vocês no mar dentro de um mês. No máximo em seis semanas.

– Um *mês* para passar de homens de terra ignorantes a umas porras de piratas profissionais? – questionou Jean. – Que os deuses nos acudam.

– Será um mês movimentado – afirmou Stragos.

Locke gemeu.

– Vocês estão à altura da tarefa? Ou será que devo lhes negar o antídoto, lhes dar uma cela e ficar observando os resultados?

– Só garanta que a porra do antídoto esteja pronta a cada vez que voltarmos – respondeu Locke. – E pense *seriamente* em quanto dinheiro nos deixaria felizes quando esse negócio terminar. Acho que, nesse aspecto, você deve ser do tipo que subestima. Portanto eu pensaria *grande*.

– Recompensas proporcionais aos resultados, Lamora. Isso e a vida de vocês. Quando a bandeira vermelha for vista de novo nas águas da minha cidade e o *Priori* estiver implorando que eu o salve, vocês podem voltar seus pensamentos para a questão da recompensa. Entendido?

Mentira, sinalizou Locke a Jean, certo de que isso era desnecessário e igualmente certo de que Jean apreciaria um pouco de petulância.

– Seja feita a sua vontade, então. Se os deuses forem gentis, cutucaremos qualquer ninho de vespas que ainda reste lá nas Ilhas dos Ventos Fantasma. Afinal de contas, não temos escolha, certo?

– Essa era a minha intenção – falou Stragos.

– Sabe, Locke – observou Jean num tom muito casual. – Eu gosto de imaginar que existem ladrões por aí que só são apanhados em aventuras comuns, descomplicadas. Um dia desses, nós deveríamos pensar em encontrar alguns e perguntar qual é o segredo deles.

– Provavelmente é simples: ficando longe de escrotos como esse – disse Locke, indicando o Arconte.

4

Um esquadrão de Olhos estava esperando ao lado da casa de barcos quando o pequeno bote completou o circuito do rio artificial.

– Aqui – falou Stragos depois que um dos seus soldados pegou o remo.

Tirou dois frascos de vidro dos bolsos e estendeu um para cada ladrão camorri.

– Seu primeiro adiamento da execução. O veneno teve tempo de penetrar. Não quero ter que me preocupar com vocês nas próximas semanas.

Locke e Jean tomaram o líquido, engasgando.

– Tem gosto de giz – reclamou Locke, enxugando a boca.

– Se ao menos fosse tão barato assim... – disse o Arconte. – Agora devolvam os frascos. As tampas também.

Locke suspirou.

– Seria demais esperar que você fosse negligente com esse detalhe.

Stragos amarrou o barco de novo ao poste enquanto os dois ladrões eram levados de volta ao Mon Magisteria.

Ele se levantou, espreguiçou-se e sentiu os velhos rangidos familiares, as pontadas nos quadris, nos joelhos e nos pulsos. Maldito reumatismo... Ele ainda estava correndo à frente de sua idade, ainda adiante da maioria dos homens que se aproximavam dos 60 anos, mas sabia, no fundo do coração, que jamais poderia correr suficientemente rápido. Cedo ou tarde, a Senhora do Longo Silêncio dançaria com Maxilan Stragos, quer seu trabalho no

mundo estivesse terminado ou não.

Merrane esperava nas sombras do lado não iluminado da casa de barcos, imóvel e quieta como uma aranha-caranguejeira até surgir ao lado dele. O longo treino permitia que ele não se encolhesse.

– Obrigado por salvar esses dois, Merrane. Você tem sido muito útil nestas últimas semanas.

– Como fui instruída a ser. Mas tem certeza de que eles servem para seu plano?

– Eles estão com toda a desvantagem possível nesta cidade, minha cara. – Stragos estreitou os olhos, fitando as silhuetas turvas de Locke, Jean e sua escolta, que desapareciam no jardim. – Os Magos-Servidores os entregaram a nós, que prevemos cada passo deles. Não creio que esses dois estejam acostumados a ser controlados. Sozinhos, sei que vão atuar como é necessário.

– Seus relatórios lhe dão tanta confiança assim?

– Não são apenas os relatórios. Requin ainda não os matou, não é?

– É verdade.

– Eles vão servir. Conheço o coração deles. À medida que os dias passam, o ressentimento vai diminuir e a novidade vai dominá-los. Logo vão estar se divertindo. Honestamente, acho que eles podem ser bem-sucedidos. Se sobreviverem. O certo é que não tenho outros agentes adequados para a tarefa.

– Então posso informar aos meus senhores que o plano está encaminhado?

– É, acho que nos cabe fazer isso. – Stragos olhou o vulto esguio ao seu lado e suspirou. – Que eles saibam que tudo começa mais ou menos daqui a um mês. Espero, por eles, que estejam preparados para as consequências.

– *Ninguém* está preparado para as consequências. Isso vai significar mais sangue do que já foi visto em duzentos anos. Tudo o que podemos fazer é esperar que *outros* fiquem com a maior parte da encrenca. Com licença, Arconte, eu gostaria de redigir minhas mensagens para eles.

– Claro – concordou Stragos. – Mande minhas lembranças, com seu relatório, e minhas orações para que possamos continuar prosperando... juntos.

ÚLTIMAREMINISCÊNCIA

Com a própria corda

1

– Ah, este é um lugar *maravilhoso* para se lançar para a morte – disse Locke.

Seis meses haviam se passado desde seu retorno de Salon Corbeau e as quatro cadeiras exóticas estavam trancadas em segurança num depósito particular na Villa Candessa. A versão de Tal Verrar para um inverno tardio mantinha a região sob temperaturas tão baixas que as pessoas precisavam trabalhar de verdade para suar.

A cerca de uma hora de cavalgada intensa ao norte de Tal Verrar, logo depois do povoado de Vo Sarmara e dos campos ao redor, uma floresta de madeira-bruxa e espinhâmbar crescia junto a um vale amplo e rochoso. As encostas eram da cor acinzentada da pele de cadáveres, o que dava ao lugar a aparência de um ferimento gigantesco na terra. O fino capim verde-oliva abandonava a luta pela vida a uns 3 metros da borda do penhasco sobre o vale, onde Locke e Jean contemplavam a queda íngreme de 30 metros até o chão de cascalho lá embaixo.

– Creio que deveríamos ter dado prosseguimento aos treinos – comentou Jean, começando a se soltar da corda enrolada e pendurada do ombro direito até o quadril esquerdo. – Mas, afinal de contas, não me lembro de ter tido muitas oportunidades de usar isso nos últimos anos.

– Na maioria dos lugares em Camorr, nós podíamos simplesmente escalar com as mãos. Acho que você nem estava conosco naquela noite em que usamos cordas para subir na torre de Dona de Marre, aquela propriedade velha e horrível dela... Calo, Galdo e eu fomos bicados quase até a morte por pombos. Deve ter sido há cinco, seis anos.

– Ah, mas eu *estava* com vocês! No chão, vigiando. Vi a parte dos pombos. É difícil ficar de sentinela quando a gente está se mijando de tanto

rir.

– Lá de cima não era engraçado. Aqueles sacaninhas bicudos eram malignos.

– A Morte por Mil Bicadas – disse Jean. – Vocês virariam lendas se morressem de modo tão horrível. Eu teria escrito um livro sobre os pombos comedores de gente e entrado para o Colégio Terim. Me tornaria uma pessoa respeitável. Pulga e eu ergueríamos uma estátua memorial para os Sanzas, com uma bela placa.

– E eu?

– Uma nota de rodapé na placa. Se o espaço permitisse.

– Passe um pouco de corda ou eu lhe mostro a beira do penhasco, *se o espaço permitir*.

Jean jogou um rolo para Locke, que o pegou no ar e voltou para a borda da floresta, a uns 10 metros do penhasco. A corda era muito bem-trançada em semisseda, muito mais leve do que o cânhamo e *muito* mais cara. Locke escolheu um velho pé de madeira-bruxa quase tão largo quanto os ombros de Jean. Soltou um bom pedaço da sua corda, passou-a em volta do tronco e olhou durante alguns segundos para a ponta um pouco esfiapada, tentando reavivar as lições sobre nós.

Movimentando os dedos de modo hesitante, ele olhou por um instante ao redor, para a paisagem melancólica. Um vento forte soprava do noroeste e o céu era uma vasta extensão de névoa. A carruagem alugada estava no lado oposto da floresta, a uns 300 metros. Ele e Jean tinham dado ao cocheiro uma jarra de cerâmica com cerveja e um esplêndido cesto de lanche da Villa Candessa, prometendo que demorariam poucas horas.

– Jean – murmurou Locke quando o amigo chegou ao seu lado –, esse é um nó de ancoragem mesmo, certo?

– É o que parece. – Jean avaliou o nó elaborado e assentiu. Pegou a ponta da corda e deu mais meio nó, para garantir. – Pronto. Está bom.

Ele e Locke trabalharam juntos por alguns minutos, repetindo o nó de ancoragem com mais três pedaços de corda até a velha árvore de madeira-bruxa estar coberta de semisseda justa. Os outros rolos de corda foram postos de lado. Tiraram os casacos compridos e os coletes, revelando pesados cintos de couro com argolas de ferro.

Os cintos não eram como os arneses de escalada costumeiros, preferidos pelos ladrões mais responsáveis de Camorr; eram, na verdade, de origem

náutica, usados pelos felizes marinheiros cujos patrões se importavam a ponto de gastar um pouco de dinheiro para preservar sua saúde. Os apetrechos haviam custado barato e poupado Locke e Jean da necessidade de arranjar um contato no submundo verrari que pudesse fazer um par sob encomenda... e se lembrar da transação. Seria melhor Requin não saber de algumas coisas até que enfim chegasse o momento de aplicar o golpe contra ele.

– Certo, então. Aqui está o seu descensor.

Jean entregou a Locke um pedaço de ferro igual ao seu, razoavelmente pesado, em forma de oito, com um lado maior do que o outro e uma barra grossa bem no meio. Tinham sido encomendados a um ferreiro no Crescente Ístriu algumas semanas antes.

– Vamos arrumar você primeiro. Corda principal, depois a reserva.

Locke prendeu seu descensor num dos anéis do arnês e passou por ele uma das cordas de semisseda ligadas à árvore. A outra ponta dessa linha foi deixada livre e jogada na direção do penhasco. Uma segunda corda foi amarrada firme num anel do arnês sobre o quadril oposto de Locke. Muitos ladrões camorris “dançavam nus” ao trabalhar, sem a segurança a mais de um cabo reserva para o caso de a corda primária se partir, mas para a sessão de treino de hoje os Nobres Vigaristas concordavam firmemente que iriam fazer do jeito seguro e tedioso.

Foram necessários alguns minutos para preparar Jean do mesmo modo; logo cada um estava preso à árvore por duas cordas, como um par de marionetes humanas. Os dois ladrões usavam apenas túnicas, calções, botas de montaria e luvas de couro. Jean colocou seus ópticos de leitura.

– Bom, parece um ótimo dia para rapel. Quer fazer as honras antes de darmos adeus à terra sólida?

– Guardião Torto – rezou Locke –, os homens são idiotas. Proteja-nos de nós mesmos. Se não puder, faça com que seja rápido e indolor.

– Muito bem-falado. – Jean respirou fundo. – A parte maluca no três?

– No três.

Cada um deles pegou sua corda principal e lançou a ponta livre por cima do penhasco; as duas se desenrolaram com um sibilo fraco.

– Um – disse Locke.

– Dois – continuou Jean.

– Três – falaram juntos.

Correram para o penhasco e se jogaram, gritando de júbilo.

Por um breve momento, o estômago de Locke e o céu cinza nevoento pareciam estar dando cambalhotas ao mesmo tempo. Então sua corda se retesou e a face do penhasco veio até ele um pouco ansiosa demais para o seu gosto. Como um pêndulo humano, ele balançou, levantou as pernas e bateu na parede de pedra uns 2 metros abaixo da borda, mantendo os joelhos dobrados para absorver o choque. Disso, pelo menos, ele se lembrava muito bem. Jean bateu com um *tump* mais forte, 60 centímetros abaixo.

– Deveria haver um modo mais fácil de testar se a corda foi bem trançada, Jean – comentou Locke, com o coração batendo nos ouvidos suficientemente alto para disputar com o sussurro do vento.

– Uau!

Jean moveu um pouco os pés, segurando sua corda com ambas as mãos. Com os descensores, ficava fácil diminuir a velocidade ou parar por meio de fricção. Em relação ao que tinham aprendido na infância, aquelas ferramentas eram uma clara evolução. Ainda que sem dúvida pudessem deslizar por uma corda usando seus próprios corpos, como já haviam feito em outra ocasião, era comum esfolar certa parte proeminente da anatomia masculina com essa abordagem se o sujeito fosse descuidado ou azarado.

Durante alguns instantes, permaneceram imóveis, os pés encostados no penhasco, desfrutando do novo ponto de observação enquanto as nuvens vaporosas passavam acima. As cordas balançando no ar abaixo só chegavam à metade da distância até o chão, mas eles não pretendiam chegar lá hoje de qualquer modo. Haveria tempo suficiente para testar descidas maiores nos treinos futuros.

– Sabe, essa era a única parte do plano, devo admitir, da qual eu não estava muito seguro – revelou Locke. – É muito mais fácil contemplar alguém descendo do que pular de um penhasco tendo apenas dois pedaços de corda entre você e Aza Guilla.

– Cordas e penhascos não são problema – replicou Jean. – Precisamos é estar atentos aos pombos carnívoros.

– Ah, dobre-se e morda a própria bunda.

– Sério. Estou aterrorizado. Vou ficar de olho, para que a última coisa que a gente sinta na vida não sejam aquelas *bicadas velozes terríveis*...

– Jean, sua corda reserva deve estar pesando demais. Aqui, deixe eu

cortá-la para você.

Durante alguns minutos, ficaram se chutando e empurrando bem-humorados, Locke girando e tentando usar a agilidade para superar a força e a massa maiores de Jean. Mas parecia que o grande amigo estava levando vantagem, por isso, numa crise de autopreservação, ele sugeriu que treinassem a descida.

– Claro – concordou Jean. – Vamos descer uns 2 metros tranquilamente e parar quando eu disser, está bem?

Cada um deles segurou sua corda principal e soltou um pouco da tensão no descensor. Eles deslizaram devagar cerca de dois metros e Jean gritou:

– Pare!

– Nada mau – comentou Locke. – A destreza parece voltar depressa, não é?

– Acho que sim. Na verdade, eu passei a não gostar muito disso desde que voltei das minhas pequenas férias na Casa da Revelação. Isso era uma coisa mais sua e dos Sanzas. E, ah, de Sabeta, claro.

– É – confirmou Locke, pensativo. – É, ela era tão louca... tão louca e tão linda! Eu adorava olhá-la escalar. Ela não gostava de cordas. Ela... tirava as botas e soltava o cabelo e às vezes nem usava luvas. Só o calção e a blusa... e eu só ficava...

– Sentado ali, hipnotizado. Totalmente pateta. Ei, meus olhos funcionavam naquela época também, Locke.

– É. Acho que devia ser óbvio. Pelos deuses. – Locke encarou Jean e deu um riso nervoso. – Pelo amor dos deuses, eu estou mesmo falando dela. Não acredito. – Sua expressão ficou astuta. – Estamos bem um com o outro, Jean? Quero dizer, confortáveis na presença um do outro de novo?

– Diabos, estamos pendurados juntos 25 metros acima de uma morte terrível, não é? Não faço isso com pessoas de quem não gosto.

– Bom saber.

– É, eu diria que nós estamos...

– Cavalheiros! Olá aí embaixo!

A voz tinha um sotaque verrari, com um tom áspero e rústico. Locke e Jean olharam para cima, surpresos, e viram um homem parado na beira do penhasco com as mãos nos quadris, sua silhueta destacada contra o céu agitado. Usava uma capa puída com o capuz levantado.

– Ah... olá aí em cima – disse Locke.

– Belo dia para um pouco de esporte, hein?

– É exatamente o que nós pensamos! – gritou Jean.

– Um belo dia mesmo, com o seu perdão, senhores. E um belo conjunto de casacos e coletes os senhores deixaram aqui em cima. Eu gostei muito deles, mas não têm bolsas.

– Claro que não, não somos idi... Ei, espera aí. Faça a gentileza de não mexer nas nossas coisas – exigiu Jean.

Como se tivessem combinado, ele e Locke estenderam ao mesmo tempo as mãos para se firmar contra o penhasco, encontrando pontos de apoio o mais rápido possível.

– Por que não? São coisas tão elegantes, senhores, que não consigo deixar de me sentir atraído por elas.

– Se o senhor esperar aí – falou Locke, preparando-se para começar a escalar –, um de nós pode subir daqui a alguns minutos e tenho certeza de que poderemos discutir isso civilizadamente.

– Também me sinto meio atraído pela ideia de manter os dois aí embaixo, se isso não faz diferença para os senhores. – O homem se moveu um pouco e uma machadinha apareceu em sua mão direita. – E um belo par de machadinhas os senhores deixaram aqui com os casacos. Belíssimo. Nunca vi nada igual.

– O senhor é muito gentil! – gritou Locke.

– Ah, puta que pariu – murmurou Jean.

– Mas eu poderia observar – continuou Locke – que o nosso homem na carruagem deve vir logo verificar como estamos e vai trazer a balestra dele.

– Ah, o senhor quer dizer o cara inconsciente que eu... ahn... acertei na cabeça com uma pedra? Lamento informar que ele estava bêbado.

– Não acredito. Nós não demos tanta cerveja assim para ele!

– Peço perdão, mas ele não era tão *homem* assim, senhores. Era um cara magricelo. Ele está dormindo. De qualquer forma, não tinha uma balestra. Eu me certifiquei disso.

– Bom, espero que você não nos culpe por tentar – falou Locke.

– Não culpo, nem um pouquinho. Boa tentativa. Dava para alguém acreditar. Mas estou meio interessado, se não se importam, no paradeiro de suas bolsas.

– Em segurança aqui embaixo conosco – informou Locke. – Nós podemos ser convencidos a entregá-las, mas você teria de nos ajudar a subir

se quiser ficar com elas.

– Bom, nesse aspecto o senhor e eu temos uma opinião um pouco diferente. Como sei que os senhores estão com elas, acho mais fácil cortar as cordas e depois pegá-las com tranquilidade.

– A não ser que você seja um escalador muito melhor do que parece – interveio Jean –, é um baita percurso só para pegar nossas bolsinhas!

– E elas são pequenas – completou Locke. – Nossas bolsas de escalada. Feitas especialmente para não pesar. Não têm quase nada!

– Talvez a gente tenha ideias diferentes sobre o que é *quase nada*. E eu não teria que escalar. Há caminhos mais fáceis até o fundo do vale se o senhor souber aonde ir.

– Ah... não seja bobo – replicou Jean. – Essas cordas são de semisseda. Você vai demorar um tempo para cortá-las. Mais do que nós vamos demorar para subir, sem dúvida.

– Provavelmente – falou o homem de capa. – Mas eu ainda vou estar aqui se os senhores subirem, não é? Posso apenas empurrar os dois pela borda e transformar seus crânios em tigelas de sopa.

– Mas se ficarmos aqui, vamos morrer de qualquer modo, por isso podemos muito bem subir e morrer lutando – retrucou Locke.

– Bom, como quiserem, senhor. Essa conversa toda está ficando meio repetitiva, se não se importam que eu diga, por isso vou começar a cortar a corda. Eu ficaria parado e quieto se fosse os senhores.

– É, bem, você é um patife miserável! – gritou Locke. – Qualquer criança de 3 anos poderia assassinar homens impotentes pendurados num penhasco. Houve um tempo em que um bandoleiro tinha bagos para lutar conosco cara a cara e merecer o que ganhava.

– Eu pareço um comerciante honesto, senhor? Tenho tatuagens de guildas nos braços? – Ele se ajoelhou e começou a golpear algo com firmeza, usando a machadinha de Jean. – Esborrachá-los naquelas pedras lá embaixo parece um bom modo de merecer meu ganho. Ainda mais se vão ficar falando com tão pouca gentileza.

– Você é um canalha! – gritou Locke. – Um capacho, um lixo, condenado não somente pela avareza mas pela covardia! Os deuses cospem nos que não têm honra, sabia? Vai ser um inferno frio e escuro para você!

– Estou engasgado de tanta honra, senhor. Tenho bastante dela. Guardo bem aqui, entre minha barriga vazia e meu cu branco e franzido, que o

senhor pode lamber, aliás.

– Ótimo, ótimo – disse Locke. – Eu só queria ver se você poderia ser instigado a cometer um deslize. Aplaudo seu autocontrole! Mas com certeza há mais vantagem em nos puxar para cima e cobrar resgate por nós!

– Somos pessoas importantes – completou Jean.

– Com amigos ricos e importantes. Por que não nos manter em cativeiro e mandar uma carta pedindo resgate?

– Bom, para começo de conversa, eu não sei ler nem escrever – replicou o homem.

– Nós ficaríamos felizes em escrever o pedido para você!

– Não vejo como isso daria certo. Os senhores poderiam escrever qualquer coisa que quisessem, não é? Pedir policiais e soldados em vez de ouro, se é que me entendem. Eu disse que não sei ler, e não que tenho mijo de verme no lugar dos miolos.

– Ei! Espere aí! Pare de cortar! – Jean subiu mais 30 centímetros e firmou a corda no descensor para sustentá-lo. – Pare de cortar! Tenho uma pergunta séria!

– O que é?

– De onde, diabos, você veio?

– De aqui e ali, inicialmente passando pelo útero da minha mãe – respondeu o homem, que continuou cortando.

– Não, quero dizer, você sempre fica vigiando este penhasco esperando escaladores? Parece bastante improvável que eles sejam comuns a ponto de valer a pena ficar esperando.

– Ah, não são. Nunca vi nenhum antes dos senhores. Fiquei tão curioso que tive de vir dar uma olhada, e não é que fui agraciado? – *Chop, chop, chop.* – Não, na maior parte das vezes eu me escondo no mato, às vezes nos morros. Vigio as estradas.

– Sozinho?

– Eu estaria cortando as cordas dos senhores mais depressa se não estivesse sozinho, não é?

– Então você vigia as estradas. Para roubar o quê, carruagens?

– Em geral, sim.

– Você tem um arco ou uma balestra?

– Infelizmente, não. Talvez eu possa comprar uma arma se conseguir ganhar o bastante com as coisas dos senhores.

– Você se esconde no mato sozinho e tenta emboscar carruagens sem uma arma de verdade?

– Bom... – começou o homem, um tanto hesitante – ...já faz um tempo que eu não pego uma. Mas hoje é meu dia de sorte, não é?

– Eu diria que sim. Pelo Guardião Torto, você deve ser o pior salteador de estradas da face da terra – comentou Jean.

– O que o senhor disse?

– Ele disse – explicou Locke – que em sua opinião altamente abalizada você é o...

– Não, a outra parte.

– Ele mencionou o Guardião Torto. Isso significa alguma coisa para você? Somos membros da mesma fraternidade, amigo! O Benfeitor, o Vigia-Ladrões, o Treze Sem Nome, patrono seu, meu e de quem pega o caminho sinuoso pela vida. Na verdade, somos servidores consagrados do Guardião Torto! Não precisa ter animosidade e não precisa cortar nossas cordas.

– Ah, preciso, sim – rebateu o sujeito com veemência. – Agora vou *mesmo* cortar.

– O quê?! Por quê?

– Vocês são as porras de uns hereges malditos! Não existe Treze! Não há nada além dos Doze, essa é a verdade! É, eu já estive umas duas vezes em Verrar, encontrei rapazes e moças das gangues que tentaram me falar sobre esse Treze. Não aceito isso. Não é como eu fui criado. Então vocês vão para baixo, rapazes!

O homem começou a golpear as cordas de semisseda com violência crescente.

– Merda. – Jean se balançou para perto de Locke e falou com urgência em voz baixa: – Quer tentar prendê-lo nas cordas reserva?

Locke assentiu e, assim como o amigo, segurou uma ponta. Olharam para cima e, ao sinal sussurrado de Jean, puxaram-nas para baixo.

Não foi uma armadilha eficiente: as cordas estavam frouxas e enroladas acima da borda do penhasco. O homem olhou para baixo, deu um pulo e ficou longe enquanto 2 ou 3 metros de cada corda deslizavam pela borda do penhasco.

– Rá! Os senhores terão de chegar aqui em cima antes disso, se não se importam que eu diga!

Assobiando desafinado, ele sumiu de vista e continuou a cortar. Um

instante depois, deu um grito de triunfo e a corda reserva de Locke foi lançada. Locke afastou o rosto no momento em que ela passou por ele; logo ela estava pendurada no ar, a partir de seu cinto, com a ponta esfarrapada ainda muitos metros acima do chão.

– Merda – praguejou Locke. – Certo, Jean, vamos fazer o seguinte. Agora ele deve cortar a minha corda principal. Vamos nos dar os braços. Eu escorrego pela sua corda principal, amarro o que resta da minha na parte de baixo, e isso deve nos levar provavelmente a uns 6 metros do chão. Se eu puxar meu cabo reserva e amarrá-lo na ponta dos outros dois, podemos descer até o fundo.

– Depende da velocidade com que esse escroto vai cortar. Você acha que pode dar os nós com rapidez suficiente?

– Acho que não tenho opção. Minhas mãos parecem capazes da tarefa, pelo menos. Mesmo que eu só consiga prender uma corda, 6 metros é uma queda muito melhor do que 24.

Nesse momento, houve uma leve trovoada acima. Locke e Jean olharam para o alto bem no instante de sentir as primeiras gotas de chuva no rosto.

– É possível que isso fosse realmente divertido pra caralho se fosse qualquer outra pessoa, menos nós, nessas cordas – comentou Locke.

– Neste momento, acho que eu preferiria me arriscar com os seus pombos se pudesse. Droga, lamento ter deixado as Irmãs Malvadas lá em cima, Locke.

– Por que, em nome de Venaporta, você iria trazê-las? Não há motivo para se desculpar.

– Se bem que talvez haja outra coisa que eu poderia tentar. Você está com os punhais nas mangas?

– Estou com um, mas na bota. – Agora a chuva caía com bastante força, encharcando as túnicas e molhando as cordas. A roupa leve e a brisa forte faziam parecer que estava mais frio. – E você?

– Estou com a minha aqui. – Locke viu um clarão de metal brilhante na mão direita de Jean. – A sua é balanceada para atirar, Locke?

– Merda, não. Desculpe.

– Não se preocupe. Então segure a sua, de reserva. E faça uma oração silenciosa. – Jean parou para tirar os ópticos e prendê-los na gola da túnica, depois ergueu a voz. – Ei! Amante de ovelhas! Uma palavrinha, por favor!

– Achei que a gente tinha acabado com a conversa – respondeu o

homem, fora de vista.

– Sem dúvida! Aposto que usar tantas palavras num tempo tão curto faz o seu cérebro parecer um limão espremido, não é? Você não teria inteligência para achar a porra do chão se eu o jogasse por uma maldita janela! Está ouvindo? Você teria de tirar os sapatos e o calção para contar até 21! Teria de olhar para cima para ver o lado de baixo de um cocô de barata!

– Ajuda alguma coisa gritar comigo assim? Os senhores deveriam estar rezando para o seu inútil Treze ou algo do tipo, mas o que eu entendo disso? Não sou um dos seus figurões *felantozzis* verraris ou sei lá o quê, sou?

– Quer saber por que você não deveria nos matar? Quer saber por que não deveria deixar que a gente batesse no fundo desse vale? – Jean berrava a plenos pulmões, firmando mais os pés contra o penhasco e levando o braço direito para trás. Trovões ecoavam acima. – Está vendo isso, idiota? Está vendo o que eu tenho nas mãos? Uma coisa que você só vai ver uma vez na vida! Uma coisa que você nunca vai esquecer.

Após alguns segundos, a cabeça e o tronco do sujeito apareceram na beira do penhasco. Jean soltou um grito enquanto atirava o punhal com toda a força. Ele exultou ao ver a arma acertar o rosto do atormentador... mas então gemeu, frustrado, pois ela ricocheteou: tinha batido com o cabo.

– Porra de chuva!

Pelo menos o bandoleiro estava sentindo muita dor. Ele gemeu e apertou o rosto, cambaleando para a frente. Uma bela pancada no olho? Jean esperava fervorosamente que sim – talvez ainda tivesse alguns segundos para tentar de novo.

– Locke, seu punhal, depressa!

Locke estava estendendo a mão para a bota direita quando o homem abriu os braços, instável, se desequilibrou e tombou gritando penhasco abaixo. Segurou o cabo principal de Locke com uma das mãos e bateu no descensor de ferro preso ao cinto. O choque afastou as pernas de Locke do penhasco e arrancou o ar de seus pulmões e, por um segundo, ele e o bandoleiro estavam em queda livre, sacudindo-se e gritando num emaranhado de braços e pernas, sem pressão adequada da corda no descensor.

Esforçando-se ao máximo, Locke enrolou a mão esquerda no lado livre do cabo e puxou com força, aplicando tensão suficiente para os dois estacarem. Balançaram juntos contra a face do penhasco, o bandido

recebendo a maior parte do impacto, e ficaram pendurados numa luta confusa de membros enquanto Locke se esforçava para respirar e entender o mundo. O homem chutava e gritava.

– *Para com isso*, seu imbecil da porra!

Pareciam ter caído mais ou menos 5 metros; Jean desceu rapidamente até o lado deles e estendeu uma das mãos para agarrar o sujeito pelo cabelo. Locke pôde ver que o homem era acinzentado feito um cão mal alimentado, com cerca de 40 anos, cabelo comprido e oleoso e uma barba grisalha tão rala quanto o capim da borda do penhasco. O olho esquerdo estava se fechando, inchado.

– Pare de chutar, idiota! Fique parado!

– Ah, pelos deuses, por favor, não me largue! Por favor, não me mate, senhor!

– Por que não, *porra*?

Locke gemeu, firmou os calcanhares no penhasco e conseguiu alcançar a bota direita. Colocou o punhal no pescoço do bandido e os chutes de pânico dele viraram um tremor aterrorizado.

– Está vendo isto? – sussurrou Locke. O homem assentiu. – É um punhal. Isto existe na porra do lugar de onde você veio? – O homem voltou a assentir. – Então você sabe que eu posso rasgá-lo agora e deixar você cair, certo?

– Por favor, por favor, não...

– Cale a boca e ouça. Esse cabo único em que você e eu estamos pendurados agora... Único, solitário, sozinho! Será que era esse cabo que você estava cortando lá em cima?

O homem aquiesceu vigorosamente, com o olho bom arregalado.

– Não é esplêndido? Bom, se o choque da sua queda não o arreventou, talvez estejamos seguros por mais um tempinho. – Uma luz branca relampejou em algum lugar acima deles e o trovão soou, mais alto do que antes. – Se bem que eu já estive *muito mais confortável*. Portanto, não chute. Não se sacuda. Não lute. E não faça nenhuma porra idiota. Entendeu?

– Ah, não, senhor, ah, por favor...

– Cala a boca logo.

– Loc... é, Leocanto – chamou Jean. – Acho que esse cara merece umas aulas de voo.

– Estou achando a mesma coisa. Mas *que os ladrões prosperem*, não é,

Jerome? Me ajude a puxar esse sacana lá para cima de algum modo.

– Ah, obrigado, obriga...

– Sabe por que estou fazendo isso, seu palhaço silvestre imbecil?

– Não, mas eu...

– Cala a boca. Qual é o seu nome?

– Trav!

– Trav do quê?

– Nunca tive sobrenome, senhor. Só Trav de Vo Sarmara.

– E você é ladrão? Salteador de estrada?

– É, é, sou...

– Nada mais? Faz algum trabalho honesto?

– É... não, não, já faz um bom tempo...

– Ótimo. Então somos mais ou menos irmãos. Olha, meu amigo fedorento, a coisa que você precisa entender é que *existe* um Treze. Ele *tem* um sacerdócio e eu sou um dos sacerdotes dele, entendeu?

– Se o senhor diz...

– Cala a boca. Não quero que você concorde comigo, mas que use a noz que está no lugar do seu cérebro antes que o esquilo venha procurá-la de novo. Estou com uma lâmina no seu pescoço, nós estamos a 25 metros do chão, está caindo uma bela chuva e você acabou de tentar me assassinar. Eu teria todo o direito de lhe dar um sorriso vermelho de orelha a orelha e fazer você voar. Você concordaria com isso?

– Ah, provavelmente, senhor, pelos deuses, sinto muito...

– Quietos agora, meu querido imbecil. Então você admite que eu tenho um motivo bem forte para não me satisfazer com sua morte?

– Eu, ahn... acho que sim!

– Eu sou sacerdote do Guardiã Torto, como disse. Juramentado ao serviço e às ordens do deus da nossa classe. Parece um desperdício cuspir na cara do deus que cuida de você e dos seus, não é? Até porque não tenho muita certeza de que venho agindo da forma correta recentemente.

– Ahn...

– Eu *deveria* matar você. Em vez disso, vou tentar salvar sua vida. Só quero que você pense nisso. Ainda pareço um herege para você?

– Ah... ah, pelo amor dos deuses, não consigo pensar direito...

– Bom, não há nada incomum nisso, aposto. Lembre-se do que eu falei. Não se sacuda, não chute, não grite. E se você tentar lutar, mesmo que só um

pouquinho de nada, nosso acordo acabou. Passe os braços em volta do meu peito e cale a boca. Nós estamos muito, muito longe da segurança.

2

Por insistência de Locke, Jean subiu primeiro, escalando a face escorregadia do penhasco mais ou menos na metade de sua velocidade usual. Em cima, desamarrou rapidamente seu cabo reserva do cinto e passou-o a Locke e seu passageiro trêmulo. Em seguida, tirou seu arnês e baixou a corda principal pela borda do precipício até que ela também estivesse ao lado dos dois. Eles não pareciam confortáveis, mas com três cabos bons ao alcance, pelo menos estavam um pouquinho mais seguros.

Jean pegou seu casaco do chão e o vestiu, sentindo-se grato por se cobrir, mesmo que a vestimenta estivesse tão encharcada quanto ele próprio. Pensou depressa. Trav dava a impressão de ser um sujeito bastante desprovido de carne e Locke era leve... sem dúvida não pesavam juntos mais de 140 quilos. Jean tinha certeza de que poderia levantar esse peso até o peito, talvez até acima da cabeça. Mas na chuva, com tanta coisa em jogo?

Seus pensamentos se voltaram para a carruagem, a quase 400 metros dali através da floresta. Um cavalo seria um grande auxílio, mas o tempo demandado e o problema de desatrelar, acalmar e guiar o animal cujo dono fora deixado inconsciente...

– Foda-se – praguejou, e voltou para a beira do penhasco. – Leocanto!

– Ainda estou aqui, como você deve ter adivinhado.

– Vocês dois podem prender uma das minhas cordas no seu cinto?

Houve uma breve conversa em voz baixa entre Locke e Trav.

– Vamos dar um jeito! – gritou Locke. – O que você tem em mente?

– Faça o idiota se agarrar firme a você. Apoie bem os braços e as pernas no penhasco assim que tiverem se amarrado a um dos meus cabos. Vou começar a puxar com toda a força, mas tenho certeza de que sua ajuda não vai fazer mal.

– Certo. Você o ouviu, Trav. Vamos dar um nó. Veja bem onde põe as mãos.

Quando Locke ergueu os olhos e fez o sinal particular de mão que significava *vá em frente*, Jean assentiu. A corda presa era o antigo cabo

reserva de Jean; ele segurou-o logo antes do rolo que estava no chão molhado e franziu a testa. O chão lamacento deixaria as coisas mais interessantes do que já estavam, mas não havia outra saída. Deu uma laçada na corda, colocou-a ao redor de si e deixou-a deslizar, apertando-se em volta da cintura. Inclinou-se para trás, para longe do penhasco, com uma das mãos na corda à frente e a outra atrás, e pigarreou.

– Estão cansados de ficar pendurados ou devo deixá-los mais alguns minutos aí embaixo?

– Jerome, se eu tiver de segurar o Trav aqui no colo mais um segundo do que for absolutamente necessário, vou...

– Então subam!

Jean firmou os calcanhares no chão, inclinou-se ainda mais para trás e começou a puxar a corda. Maldição, ele era um homem poderoso, com uma força incomum, mas por que sempre surgiam momentos para lembrá-lo de que poderia ser mais forte ainda? Estivera amolecendo; não havia outra palavra para isso. Deveria arranjar alguns caixotes, enchê-los de pedras e levantá-los algumas vezes, como fazia na juventude... Cacete, será que a corda iria se mexer?

Finalmente, após um longo e desconfortável intervalo, Jean conseguiu dar um passo lento atrás. E depois outro... e outro. Hesitando, com uma ardência que coçava, subindo de forma constante pelos músculos das coxas, fez seu melhor papel de cavalo de arado, abrindo sulcos fundos na lama cinza e arenosa. Por fim, um par de mãos apareceu na borda do penhasco e, numa torrente de gritos e palavrões, Trav puxou-se para cima e rolou de costas, ofegando. Imediatamente, a tensão sobre Jean diminuiu; ele manteve o nível anterior de esforço e, em pouco tempo, Locke surgiu. Ele se levantou com dificuldade, foi até Trav e chutou a barriga do aspirante a bandoleiro.

– Seu jumento da porra! De todos os idiotas desgraçados... Seria muito difícil dizer “Vou baixar uma corda, amarrem as bolsas nela e mandem para cima, caso contrário não deixo vocês subirem de volta”? Você não avisa às malditas vítimas que vai matá-las! Primeiro você banca o razoável e, quando está com o dinheiro, sai correndo!

– Ah... ai! Pelos deuses, por favor. Ai! O senhor falou que... não ia me matar!

– E é verdade. Não vou matar, seu pateta com cérebro de repolho, só vou chutar você até que eu pare de achar bom!

- Ai! Aaagh! Por favor! Aaaaiii!
- Devo dizer que ainda está bem fascinante.
- Aiiiah! Au!
- *Ainda* estou me divertindo.
- Uuuuf! Agh!

Por fim, Locke parou de golpear o infeliz verrari, desafivelou o cinto do arnês e o largou na lama. Jean, ofegante, aproximou-se e lhe entregou seu casaco ensopado.

- Obrigado, Jerome. - Ter o casaco de volta, mesmo encharcado, pareceu resgatar um pouco da dignidade ferida de Locke. - Quanto a você, Trav... Trav de Vo Sarmara, foi o que você disse?

- Foi! Ah, por favor, não me chute de novo...

- Olhe aqui, Trav. Você vai fazer o seguinte. Primeiro: não conte a ninguém sobre isso. Segundo: não chegue perto de Tal Verrar. Entendeu?

- Eu não estava mesmo planejando fazer isso, senhor.

- Ótimo. Aqui. - Locke enfiou a mão na bota esquerda e tirou uma bolsa bem delgada. Jogou-a no chão ao lado de Trav, onde ela bateu com um tilintar. - Deve haver 10 volanis aí dentro. Um bom bocado de prata. E você pode... Espere um minuto, você tem certeza absoluta de que nosso cocheiro ainda está vivo?

- Ah, pelos deuses, está! É a mais pura verdade, mestre Leocanto, ele estava respirando e gemendo depois que eu o acertei, estava, sim.

- Tanto melhor para você, então. Pode ficar com a prata que está nessa bolsa. Quando Jerome e eu tivermos ido embora, você pode voltar e pegar o que tivermos deixado. Meu colete e parte dessa corda, com certeza. E ouça com muita atenção. Eu salvei sua vida hoje, mas poderia tê-lo matado num piscar de olhos. Parece certo?

- É, sim, o senhor fez isso, e eu sou muito...

- Cala a boca. Um dia, Trav de Vo Sarmara, talvez eu esteja por aí e precise de alguma coisa. Informação. Um guia. Um guarda-costas. Que o Treze me ajude se for a você que eu tiver de pedir, mas se alguém chegar perto de você e sussurrar o nome de Leocanto Kosta, você se vire para fazer o que a pessoa mandou, ouviu?

- Ouvi!

- Jura diante dos deuses?

- Pelos meus lábios, pelo coração, diante dos deuses, ou que eu caia

morto e seja mal pesado na balança da Senhora do Longo Silêncio.

– Está bom. Lembre-se disso. Agora suma na direção que escolher, desde que não seja de volta para a nossa carruagem.

Jean e Locke olharam-no se afastar atabalhoadamente por um ou dois minutos até que tivesse sumido de vista por trás das cortinas cinzentas do aguaceiro.

– Bom, acho que é treino suficiente por um dia, não é? – indagou Jean.

– Sem dúvida. O serviço na Agulha do Pecado vai ser a porcaria de um baile comparado com isso. O que acha de pegarmos os dois rolos de corda que sobraram e ir para a carruagem? Vamos deixar o Trav passar o resto da tarde aqui, desatando nós.

– Um belo plano. – Jean inspecionou as Irmãs Malvadas, recuperadas da beira do penhasco, e deu um tapinha possessivo nas lâminas antes de enfiá-las no bolso do casaco. – Pronto, queridas. Aquele jumento deve ter cegado vocês um pouco, mas logo vou amolar as duas outra vez.

– É difícil acreditar... Quase fomos assassinados por um caipira imbecil comedor de lama. Sabe, acredito que é a primeira vez, desde Vel Virazzo, que alguém tenta matar um de nós.

– Parece que é mesmo. Dezoito meses? – Jean passou um rolo de corda molhada em volta do ombro e entregou o outro a Locke. Juntos, viraram-se e começaram a voltar pela floresta. – É bom saber que certas coisas nunca mudam, não é?

CAPÍTULO SEIS

Uma questão de equilíbrio

1

– Quem quer que tenha colocado aqueles assassinos lá obviamente sabia que nós usávamos aquele caminho para voltar ao Savrola – disse Locke.

– O que não quer dizer muita coisa, pois nós usamos as docas com frequência. Qualquer um poderia ter nos visto e ficado lá esperando. – Jean tomou um gole de café e passou uma das mãos preguiçosamente na velha capa de couro do livrinho que havia trazido para o desjejum. – Talvez durante várias noites. Não seria necessário nenhum conhecimento ou recurso especial.

O Claustro de Ouro estava ainda mais silencioso do que o usual às sete da manhã daquele Dia do Trono. A maioria dos farristas e comerciantes que formavam a clientela devia ter ficado acordada até tarde nos Degraus de Ouro e demoraria várias horas para se levantar. Segundo um consentimento não verbalizado, naquela manhã o desjejum de Locke e Jean era projetado para um mordiscar nervoso: filés frios de carne de tubarão em conserva com limão, pão preto e manteiga, algum tipo de peixe amarronzado cozido em suco de laranja, e café – o maior bule de cerâmica que a garçonete pôde trazer para a mesa. Os dois ladrões ainda estavam com dificuldade para se ajustar à súbita reviravolta em suas noites e dias.

– A não ser que os Magos-Servidores tenham dado a dica a *outro* grupo sobre nossa presença aqui em Tal Verrar – continuou Locke. – Eles podiam até estar ajudando-os.

– Se os Magos-Servidores estivessem ajudando aqueles dois no cais, você acha mesmo que teríamos sobrevivido? Qual é. Nós dois sabíamos que eles

provavelmente viriam atrás de nós por causa do que fizemos com o Falcoeiro e, se nos quisessem mortos, já seríamos agora carne defumada. Stragos está certo com relação a uma coisa: sem dúvida eles querem brincar conosco. Por isso, ainda acho mais provável que uma terceira pessoa tenha se ofendido com algo que fizemos como mestres Kosta e De Ferra. Isso torna Durenna, Corvaleur e Landreval os suspeitos óbvios.

– Landreval já foi embora há meses.

– Isso não o descarta por completo. As belas damas, então.

– Eu só... Para mim, elas viriam pessoalmente atrás de nós. Durenna tem boa reputação no manejo da espada e ouvi dizer que Corvaleur já esteve em alguns duelos. Talvez elas contratassem alguma ajuda, mas são do tipo que põe a mão na massa.

– Nós incomodamos alguém importante no jogo de Alianças Cegas? Ou em algum outro jogo enquanto subíamos de nível? Pisamos nos calos de alguém? Peidamos alto?

– Não acredito que deixamos de perceber alguém descontente a ponto de contratar assassinos. Ninguém gosta de perder no jogo de cartas, mas algum perdedor bastante incomodado lhe vem à memória?

Jean fez uma careta e tomou um gole de café.

– Até sabermos mais, essa especulação é inútil. Todo mundo na cidade é suspeito. Diabos, todo mundo no planeta.

– Então, na verdade só sabemos que, independentemente de quem seja, queria que fôssemos mortos. Não desejava dar um susto nem bater um papo. Apenas matar. Talvez, se pudermos pensar nisso, consigamos encontrar alguns...

Locke parou de falar no instante que viu a garçonete se aproximando do reservado... depois olhou com mais atenção e percebeu que não era a garçonete deles. A mulher com avental de couro e gorro vermelho era Merrane.

– Ah – fez Jean. – Hora de pagar a conta.

Merrane assentiu e entregou a Locke uma tabuleta de madeira com dois pedacinhos de papel presos. Um era de fato a conta; o outro tinha uma única linha escrita em letras floreadas: *Lembram-se do primeiro lugar aonde os levei? Não percam tempo.*

– Bom – Locke entregou o bilhete a Jean –, adorariamos ficar, mas a qualidade do serviço caiu demais. Não espere gorjeta. – Ele colocou moedas

de cobre sobre a tabuleta de madeira e se levantou. – O mesmo velho lugar de sempre, Jerome.

Merrane recolheu a tabuleta e o dinheiro, fez uma reverência e sumiu na direção da cozinha.

– Espero que ela não se ofenda com a gorjeta – disse Jean quando estavam na rua.

Locke olhou ao redor, em todas as direções, e notou que Jean fazia o mesmo. Os punhais na manga de Locke eram um peso reconfortante dentro de cada manga do casaco e ele não tinha dúvida de que Jean estava preparado para pegar as Irmãs Malvadas com um movimento brusco dos pulsos.

– Deuses – murmurou Locke. – Deveríamos dormir o dia todo. Será que já estivemos *menos* no controle da nossa vida do que agora? Não podemos fugir do Arconte e do veneno dele, o que significa que não podemos simplesmente abandonar o golpe na Agulha do Pecado. Os deuses sabem que nem podemos ver os Magos-Servidores espreitando e, de repente, temos assassinos saindo pelo cu. Sabe de uma coisa? Eu apostaria que, contando as pessoas que estão nos seguindo e as que estão nos caçando, nós viramos o principal meio de emprego desta cidade. Toda a economia de Tal Verrar está baseada agora em *foder com a gente*.

Foi uma caminhada curta, ainda que nervosa, até a encruzilhada logo ao norte do Claustro de Ouro. Carroças de carga chacoalhavam pela rua e comerciantes caminhavam placidamente rumo ao trabalho. Para eles, pensou Locke, o Savrola era o bairro mais calmo e mais bem-guardado da cidade, um lugar onde nada mais do que um ocasional estrangeiro bêbado perturbava a calma.

Na encruzilhada, Locke e Jean viraram à esquerda e se aproximaram da porta da primeira loja inativa à direita. Enquanto Jean ficava de olho na rua atrás deles, Locke foi até a porta e bateu com força três vezes. Ela se abriu de imediato e um rapaz atarracado, com casaco de couro marrom, os fez entrar.

– Fiquem longe da janela – ordenou ele assim que havia fechado e trancado a porta atrás dos dois.

A janela estava coberta por cortinas de pano de vela esticadas, mas Locke concordou que não havia necessidade de dar chance ao azar. A única luz no cômodo vinha do sol nascente, filtrada em rosa suave através da cortina, permitindo que Locke visse dois pares de homens esperando nos fundos da

loja. Cada dupla consistia de um homem robusto, de ombros largos, e um menor, e os quatro estranhos usavam capas cinza idênticas e chapéus cinza de abas largas.

– Vistam-se – mandou o homem com casaco de couro, apontando para uma pilha de roupas numa mesa menor.

Num instante, Locke e Jean estavam colocando capas e chapéus iguais aos dos outros.

– Nova moda de verão em Tal Verrar? – perguntou Locke.

– Um truquezinho para qualquer um que tente seguir vocês – respondeu o homem. Em seguida, estalou os dedos e uma dupla de estranhos de cinza moveu-se para ficar atrás da porta. – Eu vou primeiro. Vocês fiquem atrás desses dois, sigam-nos, depois entrem na terceira carruagem. Entenderam?

– Que carru... – começou a dizer Locke, mas interrompeu-se ao ouvir o som de cascos e rodas na rua do lado de fora. Sombras passaram diante da janela e o homem de casaco marrom destrancou a porta.

– Terceira carruagem. Andem rápido – ordenou sem se virar, abriu a porta e saiu para a rua.

Junto ao meio-fio, três carruagens idênticas estavam enfileiradas. Todas eram de madeira preta laqueada sem brasões ou estandartes que as identificassem, tinham cortinas pesadas sobre as janelas e eram puxadas por dois cavalos pretos. Até os cocheiros pareciam vagamente semelhantes e usavam os mesmos uniformes avermelhados por baixo de sobretudos de couro.

O primeiro par de estranhos de cinza saiu pela porta e foi às pressas para a primeira carruagem da fila. Locke e Jean deixaram o prédio um segundo depois, andando rápido até a última. Locke captou um vislumbre da última dupla de cinza praticamente correndo para o veículo do meio. Jean abriu o trinco da porta da carruagem de trás, manteve-a aberta para Locke e se jogou dentro em seguida.

– Bem-vindos a bordo, senhores.

Merrane estava à vontade no canto direito da frente do compartimento, tendo abandonado a roupa de garçonne. Agora se vestia como se fosse cavalgar numa sela aberta, com botas de montaria, calções pretos, uma camisa de seda vermelha e colete de couro. Locke e Jean se acomodaram lado a lado no banco diante dela. Quando Jean bateu a porta, ficaram na penumbra e a carruagem começou a se mover.

– Aonde, diabos, nós vamos? – questionou Locke, começando a tirar a capa cinza.

– Fique como está, mestre Kosta. O senhor vai precisar dela lá fora. Primeiro, vamos circular um pouco pelo Savrola. Depois, vamos nos separar, uma carruagem para os Degraus de Ouro, uma para o limite norte da Grande Galeria, e nós vamos para o cais pegar um barco.

– Um barco para onde?

– Não seja impaciente. Recoste-se e aproveite o passeio.

Algo difícil de fazer, para dizer o mínimo, no compartimento quente e abafado. Locke sentiu o suor escorrendo pela testa e, carrancudo, tirou o chapéu e segurou-o no colo. Ele e Jean bombardearam Merrane com perguntas, mas ela respondia apenas “hummmm”, que nada significava, até que eles desistiram. Passaram-se minutos de tédio. Locke sentiu a carruagem virando em várias esquinas, então descendo uma série de ladeiras que deviam ser as rampas das partes mais altas do Savrola que davam nas docas ao nível do mar.

– Estamos quase chegando – avisou Merrane após mais alguns minutos de silêncio desconfortável e sacolejante. – Ponham os chapéus de novo. Quando a carruagem parar, vão direto para o barco. Sentem-se na parte de trás e, pelo amor dos deuses, caso virem algo perigoso, abaixem-se.

Fiel à palavra dela, a carruagem parou apenas alguns segundos depois. Locke colocou de volta o chapéu, tateou em busca do mecanismo da porta e a abriu, estreitando os olhos para a luz forte da manhã.

– Para fora – mandou Merrane. – Não percam tempo.

Estavam nas docas interiores na ponta nordeste do Savrola, com uma parede íngreme de Vidrantigo preto atrás deles e dezenas de navios ancorados na água luzidia e agitada à frente. Havia um barco amarrado ao píer mais próximo, um escaler esguio, de cerca de 12 metros, com uma galeria alta e fechada na popa. Duas filas de remadores, cinco de cada lado, o ocupavam.

Locke desceu da carruagem e passou por dois homens alertas usando capas tão pesadas quanto a dele, muito inadequadas para o clima. Estavam parados praticamente em posição de sentido, sem relaxar, e Locke captou um vislumbre de um punho de espada mal escondido sob uma capa.

Quase correu pela prancha frágil do barco, saltou para dentro e se jogou no banco na parte de trás da galeria de passageiros. Felizmente, ela só era

fechada em três lados; uma visão razoável frontal, naquela próxima viagem, seria muitíssimo melhor do que outro passeio dentro de uma caixa escura. Jean vinha logo atrás, mas Merrane virou à direita, passou pelo grupo de remadores e sentou-se na posição do timoneiro, junto à proa.

Os soldados no cais logo tiraram a prancha, desamarraram o barco e deram-lhe um bom empurrão para longe com as pernas.

– Remem – ordenou Merrane, e os homens partiram para a ação.

Em pouco tempo, o barco estalava com o ritmo constante dos remos e cortava as ondas pequenas do porto de Tal Verrar.

Locke aproveitou a oportunidade para examinar os homens e mulheres aos remos: eram todos esguios e musculosos, com o cabelo cortado bem curto, a maioria com cicatrizes bastante visíveis. Nenhum parecia ter menos de 35 anos. Então eram soldados veteranos. Talvez até mesmo Olhos, sem as máscaras e capas.

– Devo dizer que o pessoal do Stragos tem um bom nível de produção – comentou Jean, e acrescentou, levantando a voz: – Ei! Merrane! Já podemos tirar essa roupa ridícula?

Ela se virou apenas o suficiente para assentir, depois voltou a atenção para as águas do porto. Locke e Jean tiraram ansiosos os chapéus e as capas e os amontoaram no piso, junto aos pés.

Locke achou que o passeio demorou cerca de vinte minutos. Teria preferido estar livre para estudar o porto em todas as direções, mas o que podia ver pela frente aberta da galeria revelava o suficiente. Primeiro, foram para o sudoeste, seguindo a curva do cais interior, passando pela Grande Galeria e os Degraus de Ouro. Depois viraram para o sul, deixando o mar aberto à direita, e aceleraram na direção de uma enorme ilha em forma de crescente, mais ou menos do tamanho da que abrigava a Agulha do Pecado.

O crescente sudoeste de Tal Verrar não era escalonado: mais parecia uma colina naturalmente irregular, cravejada com torres e fortificações de pedra. O enorme cais de pedra e as compridas docas de madeira na ponta noroeste abrigavam a Marina de Prata, onde embarcações comerciais podiam atracar para reparos e reformas. Depois dela, além das formas bamboleantes de velhos galeões esperando novos mastros ou velas, ficava uma série de muros altos e cinza que formavam baías fechadas. No topo dele, havia torres redondas, em que podiam ser vistas os vultos de catapultas e soldados em patrulha. A proa do barco apontou para o mais próximo desses enormes

recintos de pedra.

– Não é possível – disse Jean. – Acho que estão nos levando para a Marina da Espada.

2

À medida que o barco se aproximava, gritos soaram nas ameias das vastas muralhas da baía artificial e o som de correntes pesadas ecoou nas pedras e na água. As duas enormes portas da entrada giraram lentamente para dentro, provocando uma pequena onda diante deles. Locke tentou avaliar o tamanho de tudo que estava vendo; a abertura devia ter de 20 a 25 metros de largura e a madeira do portão era grossa como o tronco de um homem mediano.

Merrane gritou instruções para os remadores e eles conduziram o barco com cuidado, deslizando suavemente até um pequeno cais de madeira, onde um homem esperava para recebê-los. A embarcação fora posicionada formando um ângulo com o cais, logo o casco no trecho entre os remadores e a galeria mal raspava a terra firme.

– É a sua parada, senhores – avisou Merrane. – Não há tempo para atracar, infelizmente. Sejam ágeis ou se molhem.

– A senhora é a gentileza em pessoa, madame – disse Locke. – Abandonei qualquer pesar que restasse por não ter lhe dado uma gorjeta.

Ele saiu da galeria e foi até a amurada à direita. O estranho esperava com um braço estendido para ajudá-lo. Locke saltou para o cais com facilidade, ajudado pelo homem, e os dois, por sua vez, puxaram Jean.

Os remadores afastaram o barco imediatamente; Locke o observou se afastar. Correntes chacoalharam de novo e a água borbulhou à medida que os portões se fechavam. Locke olhou para cima e viu que grupos de homens giravam enormes cabrestantes de cada lado do porão da baía.

– Bem-vindos – falou o homem que os auxiliara no desembarque. – Bem-vindos à aventura mais idiota de que já ouvi falar, quanto mais de que fui obrigado a fazer parte. Não consigo imaginar de quem era a mulher que vocês comeram para serem postos numa missão tão suicida, senhores.

O homem poderia ter qualquer idade entre 50 e 60 anos; seu peito era parecido com um toco de árvore e a barriga pendia por cima do cinto como

se ele estivesse tentando esconder um saco de grãos embaixo da túnica. Mas seus braços e o pescoço eram quase esqueléticos de tão magros, tomados por veias saltadas e as cicatrizes de uma vida dura. Tinha rosto redondo, barba branca e lanosa e cabelos brancos e oleosos que caíam como uma cachoeira. Os olhos escuros eram aninhados em bolsões de rugas sob um franzido permanente na testa.

– Poderia ser uma diversão agradável se soubéssemos aonde iríamos parar, afinal – falou Jean. – Quem é você?

– Meu nome é Caldris. Mestre de navio sem navio. Vocês dois devem ser os mestres De Ferra e Kosta.

– Devemos ser – respondeu Locke.

– Deixe-me mostrar o lugar. Não tem muita coisa para ver agora, aliás, não costuma ter muita coisa mesmo.

Ele foi até uma escada precária na parte traseira do cais, que dava numa praça de pedra a no máximo 1,5 metro acima da água. Toda a baía artificial, percebeu Locke, era um quadrado com cerca de 90 metros de lado. Muros a cercavam em três lados e, na parte de trás, erguia-se a íngreme colina de vidro da ilha, de onde se projetavam plataformas. Havia várias estruturas construídas ali, provavelmente depósitos, armarias e coisas do tipo.

A reluzente vastidão de água ladeando a praça, agora isolada outra vez do porto pelos portões de madeira, tinha tamanho suficiente para abrigar vários navios de guerra, portanto Locke ficou surpreso ao ver apenas uma embarcação atracada. Um esquife de um mastro, com apenas 4 metros de comprimento, balançava suavemente.

– Tremenda baía para um barco pequeno – comentou.

– Bom, os ignorantes precisam de espaço para arriscar a vida sem incomodar ninguém por um tempo – explicou Caldris. – Isso aqui é nosso poço particular para mijar. Não se preocupem com os soldados nos muros; eles vão nos ignorar. A não ser que nós nos afogemos. Então, talvez eles riam.

– Exatamente o que você acha que estamos fazendo aqui, Caldris? – perguntou Locke.

– Tenho cerca de um mês para transformar dois homens de terra ignorantes, de pernas tortas e dedos desajeitados, em algo que se pareça com oficiais-marinheiros. Com todos os deuses como testemunhas, senhores, suspeito que tudo isso vai terminar em gritos e afogamento.

– Eu poderia me ofender se não soubesse que cada coisa de que você nos chamou é verdadeira – comentou Locke. – Nós *dissemos* ao Stragos que não sabíamos porcaria nenhuma sobre navegação.

– Mas ainda assim o Protetor parece bastante decidido a mandá-los para o mar. Isso não faz sentido.

– Há quanto tempo você está na marinha dele? – perguntou Jean.

– Fiquei no mar durante 45 anos, talvez. Na marinha verrari antes mesmo de existirem Arcontes; estive na Guerra dos Mil Dias, nas antigas batalhas contra Jerem, na guerra contra a Armada dos Ventos Fantasmas... Vi um monte de merda, senhores. Achei que tinha fechado o ciclo... Fui mestre de navegação das embarcações do Arconte por vinte anos. O pagamento era bom. Até estava prestes a comprar uma casa, ou pelo menos achei que estava. Antes desta merda. Sem querer ofender.

– Não tem problema – garantiu Locke. – Essa é uma espécie de tarefa-castigo?

– Ah, é castigo, sim, Kosta. É castigo, sem dúvida. Só não houve crime que o justificasse. O Arconte me pôs como voluntário. Que eu me foda, mas foi isso que toda a minha lealdade rendeu. Isso e uma provinha do vinho do Arconte, para eu não desistir ou abandonar vocês. Vinho envenenado. Do tipo de veneno que espera para agir. Se eu levar vocês para o mar, sobreviver a todo este absurdo, recebo o antídoto. Talvez minha casa, se tiver sorte.

– O Arconte deu vinho envenenado para você? – indagou Locke.

– Eu não sabia que estava envenenado, obviamente. O que eu deveria fazer? – Caldris cuspiu. – Não beber, porra?

– Claro que não – respondeu Locke. – Estamos no mesmo barco, amigo. Só que conosco foi cidra. Estávamos com uma sede infernal.

– Ah, verdade? – Caldris ficou boquiaberto. – Rá! Estou fodido! E eu aqui pensando que era o maior idiota de todo o Mar de Bronze. E eu aqui pensando que era o velho mais imbecil, inútil, cego... ah...

Ele notou o olhar irado que Locke e Jean lhe lançavam e tossiu alto.

– O que quer dizer, senhores, que o sofrimento adora companhia e posso ver que todos vamos ficar bem entusiasmados com essa missão do tipo “faça ou morra”.

– Certo. Então, ah, diga – pediu Jean. – Exatamente como vamos seguir adiante?

– Bom, primeiro acho que conversamos, depois acho que navegamos. Eu

tenho algumas coisas a dizer antes de desafiar os deuses, por isso abram os ouvidos. Em primeiro lugar, é preciso dizer que demora cerca de cinco anos para transformar um homem de terra num marinheiro razoavelmente digno. De dez a quinze para fazer dele um oficial-marinheiro razoavelmente digno. Então entendam, porra: vocês não terão nem metade da decência de oficiais-marinheiros verdadeiros. Vou torná-los impostores. Vou fazer com que vocês não fiquem embaraçados ao falar sobre cordas e lonas perto de marinheiros autênticos, apenas isso. Talvez, vejam bem, *talvez* seja isso que eu consiga fazer em um mês. Assim, os dois poderão fingir que dão ordens quando, na verdade, irão recebê-las de mim. E recebê-las *muito bem*.

– É justo – disse Locke. – Sinceramente, quanto mais você estiver no controle, mais à vontade nós vamos ficar.

– Só não quero que vocês decidam que são heróis que aprenderam o negócio inteiro e comecem a mexer nas velas, no equilíbrio e no rumo sem minha autorização. Façam isso e todos vamos morrer, tão depressa quanto uma foda de 1 cobre num bordel de uma puta só. Espero que isso esteja claro.

– Não devemos nos meter a fazer o que não sabemos – resumiu Jean. – Mas onde, diabos, está esse navio em que nunca, jamais, ousaremos fazer algo assim?

– Por aí – respondeu Caldris. – Recebendo o acabamento em outra baía, só para ajudá-lo a ficar inteiro. Por enquanto essa é a única embarcação que vocês têm condições de ocupar. – Ele apontou para o esquife. – É nele que vou ensinar a vocês.

– O que essa coisinha tem a ver com um navio de verdade? – indagou Locke.

– Foi nessa coisinha que *eu* aprendi, Kosta. É nessa coisinha que qualquer oficial-marinheiro começa. É como a gente absorve o básico: casco, vento e água. Se você souber dessas coisas num barco, pode pensar nelas num navio. Portanto, tirem os casacos, os coletes e essa merda chique. Deixem para trás tudo que não queiram que se molhe. Botas também. Vocês vão fazer tudo descalços.

Assim que Locke e Jean haviam se despido até ficar só com as túnicas e os calções, Caldris levou-os a um grande cesto coberto que estava nas pedras perto do esquife atracado. Tirou a tampa, enfiou a mão e pegou uma gata viva.

- Olá, sua pequena monstruosidade necessária.
- Mrrrrrauuuuuu – fez a pequena monstruosidade necessária.
- Kosta. – Caldris colocou o animal se retorcendo nos braços de Locke. –

Cuide dela por alguns minutos.

- Ah... por que você mantém uma gata nesse cesto?

A gatinha, insatisfeita com os braços de Locke, decidiu enrolar as patas no pescoço dele e testá-lo com as garras.

- Quando a gente vai para o mar, existem duas necessidades, para dar sorte. Primeiro, vocês estão cortejando um destino medonho se levarem um barco ao mar sem pelo menos uma oficial, uma mulher. É a lei do Senhor das Águas Revoltas. Seu mandamento. Ele tem uma fixação pelas filhas da terra; esmaga qualquer navio que singre sem levar pelo menos uma a bordo. Além disso, é simplesmente bom senso. Elas são boas oficiais. Como marinheiras são decentes, mas são oficiais melhores do que vocês e eu. Foi assim que os deuses as fizeram.

Ele fez uma pausa.

- Segundo, é um tremendo azar partir sem ter gatos a bordo. Não só porque eles matam os ratos, mas porque são as criaturas mais orgulhosas que existem, no seco ou no molhado. Iono admira os escrotinhos. Pegue um navio com mulheres e gatos a bordo e você terá a maior sorte possível. Bom, o nosso barquinho é tão pequeno que acho que vamos ficar bem sem uma mulher. As embarcações de pesca e do porto partem assim o tempo todo, sem preocupação. Mas, com vocês dois a bordo, de jeito nenhum vou deixar de levar um gato. Um pequeno serve para um barco pequeno.

- Então... temos de cuidar dessa gatinha enquanto estamos lá fora arriscando a vida?

- Prefiro jogar vocês no mar a perdê-la, Kosta. – Caldris deu um risinho.

- Se acha que estou mentindo, pode me testar. Mas ela vai ficar no cesto coberto.

Ele enfiou a mão no cesto de novo e pegou um pequeno pedaço de pão e uma faca de prata. Locke viu que o pão tinha muitas marcas pequenas, mais ou menos do tamanho da boca da criatura que tentava escapar dos seus braços. Caldris não pareceu se incomodar.

- Mestre de Ferra, estenda a mão direita e não choramingue.

Jean obedeceu. Sem hesitar, o capitão cortou sua palma. O grandalhão não reclamou e Caldris grunhiu como se estivesse agradavelmente satisfeito.

Em seguida, virou a mão de Jean para baixo e manchou o pão com o sangue que escorria do corte.

– Agora o senhor, mestre Kosta. Mantenha essa gatinha imóvel. Seria um tremendo azar cortá-la por acidente. Além disso, ela está armada.

Caldris fez o mesmo com Locke e apertou o pão contra a mão dele, como se quisesse estancar o sangue. Quando decidiu que Locke havia sangrado o suficiente, sorriu e foi para a borda da praça de pedra.

– Sei que vocês dois já pegaram navios – disse. – Mas ser passageiro não significa nada. Passageiros não *se envolvem*. Agora os senhores vão estar envolvidos, por isso preciso primeiro acertar as coisas para nós.

Ele pigarreou, ajoelhou-se à beira-d'água e levantou os braços. Numa das mãos, segurava o pão; na outra, a faca de prata.

– Iono! Iono, Portador das Tormentas! Senhor das Águas Revoltas! Seu serviçal Caldris bal Comar chama. Por muito tempo o senhor se dispôs a demonstrar misericórdia com seu serviçal, e seu serviçal se ajoelha para mostrar devoção. Certamente o senhor sabe que a porra de uma confusão enorme espera por ele além do horizonte.

Caldris jogou a faca ensanguentada na baía.

– Este é o sangue de homens de terra. Todo sangue é água. Todo sangue é seu. Esta é uma faca de prata, metal do céu, céu que toca a água. Seu serviçal lhe dá sangue e prata para mostrar devoção.

Segurou o pão com as duas mãos, partiu-o ao meio e jogou as duas metades na água.

– Este pão é de homens de terra, porque os homens de terra precisam viver. Dê ao seu serviçal ventos fortes e águas abertas. Mostre-lhe misericórdia durante a viagem. Mostre a força de sua vontade em meio às ondas e mande-o de volta para casa em segurança. Salve, Iono! Senhor das Águas Revoltas!

Caldris se levantou gemendo e limpou algumas manchas de sangue da túnica.

– Certo. Se isso não puder ajudar, nunca tivemos nenhuma chance, porra.

– Perdão, mas parece que você poderia ter nos mencionado também – disse Jean.

– Não se incomode com isso, De Ferra. Se eu prosperar, vocês também prosperam. Se eu me danar, vocês estão fodidos. Rezar pela minha saúde

favorece vocês. Agora ponha a gata no cesto, Kosta, e vamos fazer alguma coisa.

Minutos depois, Locke e Jean estavam sentados lado a lado na popa do esquife, que continuava amarrado com firmeza a várias argolas de ferro engastadas na pedra da praça. O cesto estava no convés minúsculo aos pés de Locke, ocasionalmente emitindo sacudidas e ruídos de raspar.

– Certo – falou Caldris. – Começando pelo básico, um barco é apenas um navio pequeno e um navio é apenas um barco maior. O casco vai na água, o mastro aponta para o céu.

– Claro – disseram Locke e Jean vigorosamente.

– O nariz do seu barco se chama proa, o rabo se chama popa. E no mar não existe direita e esquerda. Direita é *estibordo*, esquerda é *bombordo*. Se disserem esquerda ou direita, é provável que vocês sejam chicoteados. E lembrem-se: quando estiverem direcionando outra pessoa, vocês devem tomar como referencial o navio, e não vocês.

– Olhe, por menos que nós saibamos, Caldris, ousou dizer que disso nós sabemos – observou Locke.

– Bom, longe de mim corrigir o jovem mestre, mas como esta aventura tende a ser uma porra completamente louca, e como nossas vidas parecem não valer nada, vou começar presumindo que vocês não sabem a diferença entre água e mijo de fuinha. Tudo bem para os cavalheiros?

Locke abriu a boca para responder algo mal-educado, mas Caldris continuou:

– Agora soltem os remos. Enfiem-nos nas forquetas. Kosta, você é o remo de estibordo. Ferra, você é o de bombordo. – Caldris desatou o esquife das argolas de ferro, jogou as cordas no fundo do barco e pulou nele, caindo logo antes do mastro. Acomodou-se e sorriu quando o barco oscilou. – Por enquanto, o leme está travado. Vocês dois vão fazer todo o trabalho de guiar, que os deuses nos ajudem o tempo todo.

– De Ferra, empurre o barco para longe do cais. Isso mesmo. Fácil. Não é possível usar velas logo ao sair do cais; primeiro, é preciso percorrer um trecho. Além disso, não há brisa atrás desses muros... Vejam como estou fazendo a gente balançar. Não gostam disso, não é? Você está ficando verde, Kosta.

– Nem um pouco – murmurou Locke.

– Isso é importante. O que estou tentando explicar agora se chama

equilíbrio. O peso precisa ser distribuído de modo sensato num barco ou num navio. Se eu me mover para estibordo, nós nos inclinamos abruptamente na direção de mestre Kosta. Se eu me mover para bombordo, nos inclinamos na direção de mestre de Ferra. Não dá para ser assim. Por isso é tão importante acondicionar a carga em um navio da forma adequada. É preciso equilibrar popa e proa, bombordo e estibordo. Não se pode ter a proa no ar nem a popa mais alta do que o mastro. Parece idiota, mas então vocês afundam e morrem. Basicamente é isso que quero dizer com “equilíbrio”. Agora é hora de aprender a remar.

– Nós já sabemos...

– Não importa o que vocês *acham* que sabem, Kosta. Até segunda ordem, vamos supor que vocês são idiotas demais para contar até um.

Mais tarde, Locke juraria que haviam passado duas ou três horas remando em círculos naquela baía artificial enquanto Caldris gritava “Tudo a bombordo! A ré! Tudo a estibordo!” e uma dúzia de outras ordens, aparentemente de modo aleatório. O mestre de navegação mudava o peso do corpo a todo momento, à esquerda e à direita, para a frente e para o centro, a fim de obrigá-los a lutar pela estabilidade. Para tornar as coisas mais interessantes ainda, existia uma diferença óbvia entre a força das remadas de Jean e as de Locke, e eles precisavam se concentrar para não virar sempre a estibordo. Estavam nisso havia tanto tempo que Locke levou um susto quando Caldris enfim pediu que parassem.

– Parem de remar, seus moleques de merda. – Caldris se espreguiçou e bocejou. O sol ia se aproximando do zênite. Os braços de Locke estavam exaustos, a túnica encharcada de suor, e ele desejou fervorosamente ter tomado menos café e ingerido mais comida de verdade no desjejum. – Melhor agora do que vocês estavam há duas horas, devo admitir. Isso e pouco mais. Vocês precisam conhecer estibordo e bombordo, proa e popa, barcos e remos como sabem o tamanho do seu pau. Não existe emergência calma ou conveniente no meio do oceano.

Caldris pegou um lanche num saco de couro que estava na proa do esquife e eles ficaram flutuando relaxadamente no meio do quadrado isolado enquanto comiam. Os homens compartilharam pão preto e queijo duro e a gatinha foi solta para engolir um bocado de manteiga num pote de pedra. O odre que Caldris passou estava cheio de “aguarrosa”, água quente de chuva misturada com apenas a quantidade suficiente de vinho tinto barato para

esconder um pouco o gosto de ranço e de couro. Caldris tomou só alguns goles, mas os dois ladrões acabaram rapidamente com tudo.

– Então nosso navio está nos esperando em algum lugar por aí – disse Locke quando a sede foi aplacada por um tempo. – Mas onde vamos conseguir uma tripulação?

– Boa pergunta, Kosta. Eu gostaria de saber a resposta. O Arconte garantiu que isso estava sendo resolvido, e só.

– Eu suspeitei que você falaria algo assim.

– Não há sentido em ficar preocupado com o que está além do nosso poder no momento. – O mestre de navegação levantou a gatinha, que ainda lambia o focinho e as patas gordurosos, e colocou-a de volta no cesto com ternura surpreendente. – Bem, vocês remaram um pouco. Agora, vou mandar os homens lá de cima abrirem o portão, pegar o leme e vamos sair e ver se pegamos brisa suficiente para içar um pouco de vela. Vocês dois têm dinheiro nas coisas que deixaram em terra?

– Um pouco – respondeu Locke. – Uns 20 volanis. Por quê?

– Aposto seus 20 volanis que vocês dois vão nos emborcar pelo menos uma vez antes do pôr do sol.

– Achei que você estava aqui para nos ensinar a fazer a coisa do jeito certo.

– E estou. E vou ensinar! Só que conheço bem demais os marinheiros de primeira viagem. Apostem e o dinheiro pode ser considerado meu. Diabos, eu pago 1 solari inteiro contra suas vinte moedas de prata se eu estiver errado.

– Aposto – disse Locke. – Jerome?

– Nós temos a gatinha e uma bênção de sangue do nosso lado – respondeu Jean. – Pode nos subestimar o quanto quiser, mestre de navegação.

3

A princípio, tinha sido revigorante trabalhar por um tempo com a túnica e os calções completamente encharcados. Depois de desemborcarem o esquife e resgatarem a gatinha, claro.

Mas agora o sol baixava no oeste, dando um halo dourado às

fortificações e torres acima da Marina da Espada, e a brisa suave do porto havia começado a dar calafrios em Locke, apesar do calor que perdurava no ar estival.

Ele e Jean remavam em direção ao portão aberto da baía privada. Caldris ficara feliz por ganhar seus 20 volanis, mas não o suficiente a ponto de confiar que eles cuidassem das velas outra vez.

– Parar remos – mandou Caldris quando eles enfim deslizaram para a borda da praça de pedra.

Caldris amarrava as cordas de novo ao mesmo tempo que Locke guardava seu remo e soltava um grande suspiro de alívio. Todos os músculos de suas costas atritavam dolorosamente um contra o outro, como se alguém tivesse jogado areia entre eles. A cabeça latejava por causa da claridade do sol na água e o velho ferimento no ombro direito exigia atenção prioritária, em detrimento das outras dores.

Locke e Jean saíram às pressas do barco e se esticaram. Caldris, obviamente se divertindo, destampou o cesto e tirou a gatinha desgrenhada.

– Pronto, pronto – acalmou-a, deixando que ela se aninhasse nos seus braços cruzados. – Os jovens senhores não tinham má intenção quando encharcaram você. Eles também se deram mal.

– Mrrrrriiiiiiu – fez ela.

– Imagino que isso signifique “vão se foder” – falou Caldris –, mas pelo menos mantivemos nossas vidas. Então, o que acham, senhores? Foi um dia educativo?

– Espero que tenhamos demonstrado alguma aptidão, pelo menos. – Locke gemeu, tentando aliviar um nó nas costas.

– Passos de bebê, Kosta. Quanto a ser marinheiros, vocês ainda nem aprenderam a sugar leite de uma teta. Mas agora sabem a diferença entre estibordo e bombordo e eu estou mais rico.

– Está mesmo.

Locke suspirou, pegando no chão o casaco, o colete, os lenços de pescoço e os sapatos. Jogou uma pequena bolsa de couro para o mestre de navegação, que a balançou na frente da gatinha, falando-lhe suavemente, como se com uma criança.

Por acaso, Locke olhou para o portão no instante em que jogou o casaco por cima da túnica úmida e viu o escaler de Merrane deslizar para dentro da baía artificial. Ela estava sentada na proa de novo, como se houvessem se

separado alguns minutos antes, e não dez horas.

– Sua carona de volta para a civilização, senhores. – Caldris ergueu a bolsa de moedas de Locke em saudação. – Verei vocês bem animados amanhã cedo. A coisa só vai piorar, portanto preparem-se. Aproveitem as belas camas enquanto ainda estão disponíveis.

Merrane se mostrou totalmente avessa a responder perguntas durante o trajeto até o cais abaixo do Savrola, o que serviu bem ao humor de Locke. Ele e Jean solidarizaram-se das dores um do outro, acomodados na galeria de popa da melhor forma possível.

– Eu poderia dormir uns três dias, acho – comentou Locke.

– Vamos pedir um grande jantar e alguns banhos para desfazer os nós. Depois disso, vou disputar corrida com você até a inconsciência.

– Não posso. – Locke suspirou. – Não posso. Preciso ver o Requin esta noite. A esta altura, ele provavelmente sabe que Stragos nos levou de novo há algumas noites. Preciso lhe contar antes que ele fique chateado. E preciso lhe dar as cadeiras. *E* preciso de algum modo falar sobre tudo isso e convencê-lo a não nos estrangular com nossos próprios intestinos se partirmos durante alguns meses.

– Que os deuses nos acudam! – exclamou Jean. – Estive tentando não pensar nisso. Você mal conseguiu convencê-lo de que fomos contratados para abrir o cofre dele na Agulha do Pecado... Como tornar plausível essa viagem pelo mar?

– Não faço ideia. – Locke massageou a região dolorida do antigo ferimento no ombro. – Esperemos que as cadeiras o deixem misericordioso. Caso contrário, você vai receber a conta pela limpeza dos meus miolos das pedras da praça.

Quando chegaram ao cais do Savrola, onde uma carruagem esperava com vários guardas, Merrane deixou a proa e foi até onde Locke e Jean estavam sentados.

– Às sete da manhã, amanhã, haverá uma carruagem junto à Villa Candessa. Vamos variar os movimentos de vocês durante algumas manhãs, em nome da segurança. Fiquem na estalagem esta noite.

– Isso está fora de questão – rebateu Locke. – Tenho negócios esta noite nos Degraus de Ouro.

– Cancele.

– Vá para o inferno. Como você pretende me impedir?

– Você poderia ficar surpreso. – Merrane esfregou as têmporas como se sentisse a chegada de uma dor de cabeça, depois suspirou. – Tem certeza de que não pode cancelar?

– Se eu cancelar meus negócios esta noite, você sabe quem, na Agulha do Pecado, provavelmente vai *nos* cancelar.

– Se está preocupado com Requin, eu poderia arranjar alojamentos na Marina da Espada. Ele jamais poderia alcançar vocês lá; estariam seguros até o fim do treinamento.

– Jerome e eu afundamos dois anos nesta maldita cidade por causa dos planos para Requin. Pretendemos ir com eles até o fim. Esta noite é fundamental.

– A responsabilidade é sua, então. Posso mandar uma carruagem com alguns dos meus homens. Isso pode esperar duas horas?

– Se for necessário, tudo bem. – Locke sorriu. – Na verdade, mande duas. Uma para mim, outra para a carga.

– Não abuse da sua...

– Com licença, mas o dinheiro vai sair do *seu* bolso? Se você quer me proteger, me cercar com seus agentes, ótimo, aceito. Apenas mande duas carruagens. Vou me comportar muitíssimo bem.

– Então que seja. Duas horas. Antes, não.

4

O horizonte oeste havia engolido o sol, e as duas luas visíveis no céu sem nuvens tinham uma coloração vermelha suave, como moedas de prata mergulhadas em vinho. O cocheiro bateu três vezes no teto da carruagem anunciando a chegada à Agulha do Pecado e Locke puxou a cortina da janela para tapar a brecha por onde estivera espiando.

Havia demorado um tempo para as duas carruagens saírem do Savrola, atravessarem a Grande Galeria e passarem pelo tráfego movimentado dos Degraus de Ouro. Locke se alternara entre bocejos e xingamentos à viagem sacudida. Sua companhia, uma espadachim magra com um florete bastante usado repousando sobre as pernas, o havia ignorado por completo, sentada à sua frente.

Ela saiu antes dele, enfiando a arma sob uma capa comprida e azul que ia

até os tornozelos. Após ter examinado a noite quente em busca de encrenca, sinalizou para Locke segui-la.

Segundo as instruções de Locke, o cocheiro entrara na passagem calçada de pedras que levava a um pátio atrás da Agulha do Pecado. Ali, duas construções abrigavam as cozinhas principais e os depósitos de comida da torre. À luz de lanternas vermelhas e douradas balouçando em fios invisíveis, funcionários da Agulha iam e vinham em grupos, carregando refeições elaboradas e voltando com travessas vazias. O cheiro de carne intensamente condimentada enchia o ar.

A guarda-costas de Locke continuava a olhar ao redor, assim como os dois soldados na carruagem, ambos usando uniformes comuns de cocheiro. O segundo veículo, que carregava o conjunto de cadeiras de Locke, parou atrás do primeiro. Sua parelha de cavalos cinza bateu as patas e bufou, como se o cheiro da cozinha não fosse de seu agrado. Um corpulento funcionário da Agulha de cabelos ralos veio correndo até Locke e fez uma reverência.

– Mestre Kosta, peço desculpas, mas aqui é o pátio de serviço. Não podemos recebê-lo aqui do modo costumeiro; a porta da frente é muito mais adequada a...

– Estou no lugar certo. – Locke pôs a mão no ombro do funcionário e enfiou 5 volanis no bolso do seu colete, deixando as moedas tilintarem umas contra as outras ao escorregarem da mão. – Encontre Selendri o mais rápido que puder.

– Encontrar... ah... bom...

– Selendri. Ela se destaca na multidão. Ache-a agora.

– Ah... sim, senhor. Claro!

Locke passou os cinco minutos seguintes andando de um lado para outro na frente da carruagem enquanto a espadachim tentava parecer casual e ao mesmo tempo mantê-lo a poucos passos de distância. Certamente ninguém seria idiota a ponto de tentar alguma coisa, em especial ali, no coração dos domínios de Requin. Ainda assim, ele ficou aliviado ao ver Selendri sair pela porta de serviço, usando um vestido de noite flamejante que fazia o bronze de sua mão artificial parecer derretido nos pontos com reflexos laranja.

– Kosta, a que devo esta distração?

– Preciso ver Requin.

– Ah, mas Requin precisa ver *você*?

– Muito. Por favor. Preciso vê-lo pessoalmente. E vou precisar de alguns

dos seus funcionários mais fortes. Trouxe presentes que necessitam de cuidados especiais.

– Presentes?

Locke levou-a até a segunda carruagem e abriu a porta. Ela lançou um olhar rápido à guarda-costas de Locke, depois acariciou a mão de bronze, avaliando o conteúdo do compartimento.

– Tem certeza de que um suborno tão óbvio é a solução para os seus problemas, Kosta?

– Não é isso, Selendri. É uma longa história. Ele estaria me fazendo um favor ao aceitá-las. Ele tem uma torre para decorar. Tudo que eu tenho é uma suíte alugada e um cômodo de depósito.

– Interessante. – Ela fechou a porta da segunda carruagem, virou-se e começou a andar de volta para a torre. – Mal posso esperar para ouvir. Você, venha comigo. Seus ajudantes ficam aqui, claro.

A espadachim pareceu a ponto de protestar, por isso Locke balançou a cabeça firmemente e apontou, sério, para a primeira carruagem. O olhar furioso que ela lhe retribuiu deixou-o feliz por ela ter ordens de protegê-lo.

Assim que entraram na Agulha do Pecado, Selendri sussurrou instruções ao funcionário corpulento e guiou Locke através da multidão de sempre até a área de serviço no segundo andar. Logo estavam trancados na escuridão do armário ascensor, subindo devagar até o oitavo andar. Locke ficou surpreso ao senti-la se virar para ele.

– Encontrou uma guarda-costas interessante, mestre Kosta. Não sabia que o senhor merecia um Olho do Arconte.

– É, nem eu. Eu suspeitei, mas não sabia. O que lhe dá tanta certeza?

– A tatuagem nas costas da mão esquerda. Um olho sem pálpebras no centro de uma rosa. Ela provavelmente não está acostumada a andar à paisana; deveria ter usado luvas.

– Você deve ter olhos afiados. Olho. Desculpe. Você sabe o que eu quero dizer. Eu vi, mas não pensei muito a respeito.

– A maioria das pessoas não é familiarizada com essa chancela. – Selendri lhe deu as costas de novo. – Eu tinha uma igual na mão esquerda.

– Eu... bom. Isso é... eu não fazia ideia.

– As coisas que o senhor não sabe, mestre Kosta... As coisas que o senhor simplesmente *não* sabe...

Maldição, pensou Locke. Ela estava tentando irritá-lo, aplicando seu

próprio *strat péti* para dar o troco nas investidas simpáticas dele. Será que todo mundo naquela porcaria de cidade tinha um joguinho?

– Selendri – falou ele, tentando parecer sério e um tanto magoado –, nunca desejei nada mais do que ser seu amigo.

– Assim como você é amigo de Jerome de Ferra?

– Se você soubesse o que ele fez comigo, entenderia. Mas, como parece que você deseja alardear que tem segredos, acho que também vou guardar alguns dos meus.

– À vontade. Mas o senhor deve se lembrar de que minha opinião a seu respeito será, em última instância, muito mais *importante* do que sua opinião sobre mim.

O armário ascensor parou rangendo e se abriu para o escritório de Requin. O Senhor da Agulha do Pecado ergueu os olhos de sua escrivaninha; os ópticos de Requin estavam enfiados na gola de sua túnica preta e ele examinava uma grande pilha de pergaminhos.

– Kosta, já era tempo. Preciso de algumas explicações.

– E com certeza vai tê-las.

Merda, pensou Locke, *espero que ele não tenha descoberto sobre os assassinos no cais. Já tenho coisas demais para explicar.*

– Posso me sentar?

– Pegue uma cadeira.

Locke escolheu uma das que estavam junto à parede e colocou-a diante da mesa de Requin. Disfarçadamente, enxugou o suor das mãos no calção ao se sentar. Selendri se curvou junto de Requin e sussurrou durante um bom tempo em seu ouvido. Ele assentiu e encarou Locke.

– Você andou pegando sol.

– Hoje – confirmou Locke. – Jerome e eu fomos velejar no porto.

– Exercício agradável?

– Não particularmente.

– Que pena. Mas parece que você esteve no porto há algumas noites. Foi visto voltando do Mon Magisteria. Por que esperou tanto para trazer as novidades dessa visita à minha consideração?

– Ah.

Locke sentiu-se aliviado. Talvez Requin não soubesse que havia qualquer elo relevante entre Jean, ele e os dois assassinos mortos. O que Locke precisava nesse momento era de um lembrete de que Requin não era

onisciente, e ele sorriu.

– Supus que, se o senhor quisesse saber antes, uma das suas gangues nos arrastaria até aqui para uma conversa.

– Você deveria fazer uma pequena lista, Kosta, intitulada *Pessoas seguras para antagonizar*. Meu nome não vai aparecer nela.

– Desculpe. Não foi de propósito. Nos últimos dias, Jerome e eu precisamos deixar de dormir ao nascer do sol e passar a acordar com ele. E o motivo para isso *tem* a ver com os planos de Stragos.

Nesse momento, uma funcionária da Agulha apareceu no topo da escada, vinda do sétimo andar. Fez uma reverência profunda e pigarreou.

– Peço perdão, senhor e senhora. A senhora ordenou que as cadeiras do mestre Kosta fossem trazidas do pátio.

– Traga-as – mandou Requin. – Selendri falou sobre elas. O que é isso, afinal?

– Sei que vai parecer mais idiota do que é – disse Locke –, mas o senhor estaria me fazendo um favor, honestamente, se concordasse em tirá-las das minhas mãos.

– Tirá-las das suas... Ah, nossa!

Um robusto funcionário da Agulha surgiu carregando uma das cadeiras de Locke, com cuidado óbvio. Requin se levantou da mesa e ficou olhando.

– Barroco Talatri – falou ele. – Sem dúvida, é Barroco Talatri... Você aí, ponha isso no centro da sala. Isso, ótimo. Está dispensado.

Outros três empregados depositaram as demais cadeiras no meio da sala de Requin, fazendo reverências antes de sair. Requin não prestou atenção neles; saiu de trás da mesa e logo estava examinando atentamente uma das cadeiras, passando um dedo enluvado na superfície laqueada.

– Reprodução... – disse lentamente. – Sem sombra de dúvida... mas muito linda. – Ele voltou a atenção a Locke. – Não sabia que você era familiarizado com os estilos que eu coleciono.

– Não sou – assegurou Locke. – Nunca tinha ouvido falar do Barroco Não-Sei-das-Quantas. Há alguns meses, joguei cartas com um lashani bêbado. O crédito dele estava... reduzido, por isso concordei em aceitar mercadorias. Recebi quatro cadeiras caras. Desde então, elas estavam num depósito porque, sinceramente, que diabo vou fazer com elas? Eu vi as coisas que o senhor mantém aqui no seu escritório e pensei que talvez pudesse querê-las. Fico feliz porque elas lhe agradam. Como eu disse, o senhor é que

está me fazendo um favor ao aceitá-las.

– Espantoso. Sempre pensei em ter um conjunto de móveis nesse estilo. Adoro o Último Florescer. É um tremendo bem para se abrir mão.

– Comigo elas seriam desperdiçadas, Requin. Para mim, uma cadeira chique é uma cadeira chique. Só tenha cuidado com elas. Por algum motivo, elas são de crescente-cisalha. Bastante seguras para sentar, mas não abuse delas.

– Isso é... tremendamente inesperado, mestre Kosta. Eu aceito. Obrigado.

– Com óbvia relutância, Requin retornou à cadeira atrás de sua escrivaninha. – Isso não o afasta da necessidade de cumprir com sua parte no nosso acordo. Ou de continuar sua explicação. – O sorriso no rosto dele diminuiu e os olhos não mais demonstravam satisfação.

– Claro que não. Mas, quanto a isso... olhe, Stragos está com um vidro de óleo de fogo dentro do rabo. Vai mandar Jerome e eu para longe durante um tempo, a negócios.

– Para longe? – A cortesia contida de um momento atrás sumiu; as duas palavras foram ditas num sussurro perigoso, sem emoção.

Aí vai. Guardião Torto, jogue um osso para o seu cachorro.

– Para o mar – explicou Locke. – Para os Ventos Fantasmas. Porto Pródigo. Numa tarefa.

– Estranho. Não me lembro de ter transportado meu cofre para Porto Pródigo.

– Mas tem a ver com isso. – *Como?* – Nós vamos... atrás de uma coisa. – *Merda. Não está bom, nem de longe.* – Na verdade, de alguém. Já ouviu... é, já...

– Já o quê?

– Já ouviu falar de... um homem chamado... Calo... Callas?

– Não. Por quê?

– Ele é, ah... bom, a coisa é que... eu me sinto um idiota. Achei que o senhor tivesse ouvido falar dele. Não sei nem se ele existe. Pode não passar de uma história. Tem *certeza* de que nunca ouviu o nome?

– Certeza. Selendri?

– Esse nome não significa nada para mim – respondeu ela.

– Quem ele é, então? – Requin cruzou as mãos enluvadas com força.

– Ele é... – *O que poderia nos afastar deste lugar se estamos aqui para arrombar o cofre? Ah... Guardião Torto, é claro!* – ... um arrombador. Os

espiões de Stragos têm um dossiê sobre ele. Parece que é o melhor, ou era, no tempo dele. Um às da gazuá, uma espécie de prodígio da mecânica. Stragos espera que Jerome e eu possamos tirá-lo da aposentadoria para ele se aplicar ao problema do seu cofre.

– O que um homem assim estaria fazendo em Porto Pródigo?

– Escondendo-se, imagino. – Locke sentiu um sorriso se formar e teve que conter um antigo júbilo familiar: assim que uma Grande Mentira era solta no mundo, parecia crescer por conta própria e precisava de poucos cuidados ou preocupações para se adequar à situação. – Stragos diz que os artífices tentaram matá-lo várias vezes. Se ele realmente existe, é o maldito antiartífice.

– Estranho eu nunca ter ouvido falar dele nem terem me pedido para encontrá-lo e eliminá-lo.

– Se você fosse um artífice, iria querer revelar as habilidades desse sujeito para alguém em posição de fazer o melhor uso possível delas?

– Hummm.

– Diabos. – Locke coçou o queixo e fingiu se distrair pensando. – Talvez alguém *tenha* lhe pedido para encontrá-lo e eliminá-lo. Só que não com esse nome e não com essa descrição, sabe?

– Mas por que, dentre todos os agentes do Arconte, você e Jerome...

– Quem mais pode-se garantir que voltará depois ou morrerá tentando?

– O suposto veneno. Ah.

– Nós temos dois meses, talvez menos. – Locke suspirou. – Stragos alertou para não nos atrasarmos. Se não retornarmos até lá, vamos descobrir até que ponto o alquimista pessoal dele é hábil.

– Servir ao Arconte parece ser uma vida complicada, Leocanto.

– Nem me fale, porra. Eu gostava muito mais quando ele era apenas nosso contratante desconhecido. – Locke rotacionou os ombros e sentiu alguns músculos doloridos das costas protestarem. – Nós partimos em menos de um mês. Era disso que se tratava o treino de vela diurno. Vamos nos misturar à tripulação de um barco mercante independente depois de treinar um pouco, para não parecermos demais homens de terra. Para nós, nada de jogos tarde da noite até voltarmos.

– Vocês esperam ter sucesso?

– Não, mas de um modo ou de outro eu vou voltar, sem dúvida. Talvez Jerome até possa ter um “acidente” na viagem. De qualquer forma, vamos

guardar nossas roupas na Villa Candessa. E vamos deixar cada centira que temos nos seus livros-caixas exatamente onde estão. O meu dinheiro e o de Jerome. Como garantia de meu retorno, por assim dizer.

– E se você retornar – interveio Selendri –, deve trazer um homem que possa ajudar genuinamente no projeto do Arconte.

– Se ele estiver lá, primeiro vou trazê-lo direto para cá. Espero que vocês queiram ter uma discussão franca com ele sobre os benefícios à saúde de aceitar uma contraproposta.

– Sem dúvida – concordou Requin.

– Esse tal de Callas – Locke deixou a empolgação crescer em sua voz – pode ser nossa chave para ferrar com o Stragos. Ele pode ser um vira-casaca *melhor* até do que eu.

– Ora, mestre Kosta, duvido que alguém possa ser um vira-casaca mais entusiasmado do que o senhor – comentou Selendri.

– Você sabe muito bem por que estou entusiasmado. Mas é isso. Até agora Stragos não nos contou nada além disso. Eu só queria me livrar dessas cadeiras malditas e dizer que vamos ficar longe durante um tempo. Garanto que vou retornar. Se depender de mim, vou retornar.

– Que garantias! – exclamou Requin. – Que garantias reconfortantes!

– Se eu quisesse fugir, já teria feito isso – rebateu Locke. – Por que vir e lhe contar tudo isso antes?

– É óbvio – respondeu Requin, com um sorriso gentil. – Se isso for um ardil, poderia lhe garantir dois meses de dianteira, tempo em que eu não estaria pensando em procurá-lo.

– Ah. Excelente argumento. Só que, até lá, minha expectativa é morrer terrivelmente, com dianteira ou não.

– É o que você diz.

– Olhe, eu estou enganando o Arconte de Tal Verrar a seu favor. Estou enganando o maldito Jerome de Ferra. Preciso de aliados se quero sair dessa merda; não *me importa* se o senhor não confia em mim, eu *preciso* confiar no senhor. Estou mostrando minhas cartas. Sem blefe. Agora, de novo, diga como devo prosseguir.

Requin folheou casualmente a pilha de pergaminho sobre a mesa, depois encarou Locke.

– Espero saber imediatamente dos planos do Arconte para você. Sem atrasos. Faça com que eu me pergunte onde você está e mandarei pegá-lo.

Definitivamente.

– Entendido. – Locke fingiu engolir em seco e torceu as mãos. – Tenho certeza de que vamos vê-lo de novo antes de partirmos. Estarei aqui na noite seguinte a qualquer reunião, sem demora.

– Ótimo. – Requin apontou na direção do armário ascensor. – Vá. Encontre esse tal de Calo Callas, se é que ele existe, e traga-o para mim. Mas *não* quero que o querido Jerome escorregue por cima de uma amurada enquanto vocês estão no mar. Entendido? Até que Stragos esteja na minha mão, eu tenho o direito de negar esse privilégio a você.

– Eu...

– Nenhum “acidente” com o mestre de Ferra. Satisfaça esse ressentimento quando eu permitir. Essa é a barganha.

– Certo.

– Stragos tem o antídoto prometido. – Requin pegou uma pena e voltou a atenção aos pergaminhos. – Quero garantias de que você retornará entusiasmado à minha bela cidade. Se você quer matar seu bezerro, primeiro cuide dele por alguns meses. Cuide *muito* bem dele.

– É c... claro.

– Selendri vai levá-lo para fora.

5

– Sinceramente, poderia ter sido muito pior – comentou Jean, remando ao lado de Locke na manhã seguinte.

Estavam no porto principal, atravessando as ondas suaves perto do Crescente dos Mercadores. O sol ainda não havia atingido o ápice, mas o dia já estava mais quente do que na véspera. Os dois ladrões estavam encharcados de suor.

– A morte súbita e sofrida certamente seria muito pior – disse Locke, e conteve um gemido: naquele dia, o exercício estava incomodando não apenas as costas e o ombro, mas também os antigos ferimentos que cobriam uma parte substancial do braço esquerdo. – Mas acho que foram os últimos resquícios da paciência de Requin. Se acontecer mais alguma coisa estranha ou alguma complicação... bom, espero que os planos de Stragos não se tornem ainda mais esquisitos.

– Vocês não podem mover o barco mexendo a boca! – gritou Caldris.

– A não ser que você queira nos acorrentar a estes remos e bater um tambor, nós vamos conversar o quanto quisermos – retrucou Locke. – E, a não ser que você queira que nós caiamos mortos, deveria pensar num almoço cedo.

– Nossa! Será que o jovem e esplêndido cavalheiro não acha agradável a vida de labuta? – Caldris estava sentado na proa com as pernas esticadas na direção do mastro. Em sua barriga, a gatinha enrolara-se numa bola escura de contentamento sonolento. – A imediata aqui quer que eu lembre a vocês que, no lugar aonde vamos, o mar não serve aos seus desejos. Vocês podem ficar acordados vinte horas seguidas. Podem ficar acordados *quarenta* horas. Podem ficar no convés. Podem trabalhar com uma bomba para tirar água. Quando chegar a hora de fazer o que é necessário, vocês vão fazer, porra, e vão fazer até cair. Portanto, vamos remar todo dia, até que suas expectativas não se excedam. E hoje vamos almoçar tarde, e não cedo. Tudo a bombordo!

6

– Excelente trabalho, mestre Kosta. Fascinante e tremendamente não ortodoxo. Segundo seus cálculos, estamos em algum lugar perto das latitudes do Reino dos Sete Tutanos. Um pouquinho mais próximos de Vintila, não acha?

Locke tirou do ombro a balestilha, uma haste de 1,20 metro com um desajeitado arranjo de palhetas e calibres numa das extremidades.

– Não consegue ver a sombra do sol na sua palheta do horizonte?

– Consigo, mas...

– Admito que o instrumento não é tão preciso quanto o disparo de uma flecha, mas até um mamador de terra deveria ser capaz de fazer melhor do que isso. Repita, como eu mostrei. Horizonte e sombra do sol. E agradeça porque não está usando um quadrante verrari; as cruzetas antigas faziam você olhar direto para o sol, e não contra ele.

– Perdão – interveio Jean –, mas eu sempre ouvi chamarem de quadrante camorri...

– Besteira – replicou Caldris. – O nome é quadrante verrari. Os verraris o inventaram há vinte anos.

– Essa afirmação deve tirar um pouco do incômodo de ter levado uma surra das boas na Guerra dos Mil Dias, hein? – indagou Locke.

– Você gosta dos camorris, Kosta? – Caldris pôs uma das mãos na balestilha. Locke percebeu, com um susto, que a raiva dele era genuína. – Achei que você era talishani. Você tem motivos para defender Camorr, porra?

– Não, eu só estava...

– Só estava o quê?

– Desculpe. – Locke percebeu o erro. – Não me dei conta de que, para você, isso não é só história.

– Todos os mil dias e mais um pouco. Eu estive lá do começo ao fim, porra.

– Peço desculpas. Imagino que você tenha perdido amigos.

– E está imaginando certo. – Caldris bufou. – Perdi um navio sob o meu comando. Por sorte não virei comida de polvo. Tempos ruins. – Ele afastou a mão da balestilha de Locke e se recompôs. – Sei que você não falou por mal, Kosta. Eu... peço desculpas, também. Nós, que sangramos naquela luta, não achávamos exatamente que estávamos perdendo quando o *Priori* cedeu. Em parte porque depositávamos muita esperança no primeiro Arconte.

– Leocanto e eu não temos motivo para amar Camorr – assegurou Jean.

– Ótimo. – Caldris deu um tapa nas costas de Locke e pareceu relaxar. – Ótimo. Continue assim, está bem? Agora, estamos perdidos no mar, mestre Kosta! Descubra nossa latitude!

Era o quarto dia de treinamento com o mestre de navegação verrari; depois da costumeira manhã de tortura com os remos, Caldris os levara para o lado da Marina de Prata voltado para o mar. Talvez a 500 metros da ilha de vidro, ainda dentro do mar calmo proporcionado pelos recifes que envolviam a cidade, havia uma plataforma de pedra com o topo liso, sobre 12 ou 15 metros de água verde-azulada e translúcida. Caldris tinha chamado aquilo de Castelo dos Marinheiros de Primeira Viagem: servia de treinamento para futuros marinheiros verraris, tanto de guerra quanto mercantes.

O esquife deles estava atracado na lateral da plataforma, que devia ter 10 metros de comprimento. Espalhados nas pedras aos pés deles, havia uma variedade de instrumentos de navegação: balestilhas, quadrantes, ampulhetas, mapas e bússolas, uma Caixa Determinante e um conjunto de

tábuas com furos e pinos que, segundo Caldris, eram usados para acompanhar as mudanças de curso. A gatinha dormia num astrolábio, sobre os símbolos desenhados na superfície de latão.

– O amigo Jerome se saiu razoavelmente bem nisso – elogiou Caldris. – Mas ele não vai ser o capitão e, sim, você.

– Achei que *você* é que cuidaria de todas as tarefas importantes, sob pena de uma morte medonha, como já mencionou vezes sem conta.

– E vou. Você é louco se achar que isso mudou. Mas preciso que você entenda ao menos o suficiente para não enfiar o dedo no rabo quando eu disser para fazer isso ou aquilo. Só saiba de que lado segurar e seja capaz de ler uma latitude que não nos coloque fora do caminho, a uma distância de metade da porra do mundo.

– Sombra do sol e horizonte – murmurou Locke.

– Isso. Mais tarde, esta noite, vamos usar o quadrante antigo para a única coisa que ele ainda serve: fazer as leituras com base nas estrelas.

– Mas mal passou do meio-dia!

– Certo. Hoje temos um longo trabalho. Há livros, mapas e contas a fazer, e mais trabalho com vela e remo, depois mais livros e mapas. Vocês vão tarde para a cama. É melhor se acostumarem a estas coisas aqui, no Castelo dos Marinheiros de Primeira Viagem. – Caldris cuspiu nas pedras. – Agora meça a porra da latitude!

7

– O que quer dizer “virar em roda”? – perguntou Jean.

Era o fim da tarde do nono dia com Caldris e Jean estava enfiado numa enorme banheira de bronze. Apesar do calor dos aposentos fechados na Villa Candessa, ele tinha exigido água quente, e fiapos de vapor subiam sinuosos mesmo depois de 45 minutos. Numa mesinha ao lado da banheira, repousavam uma garrafa aberta de conhaque de Austershalin (o 554, o mais barato disponível) e as Irmãs Malvadas.

Locke fechara os postigos e as cortinas das janelas, trancara a porta e enfiara uma cadeira embaixo da maçaneta. Isso poderia fornecer alguns segundos de alerta adicional caso alguém tentasse entrar à força. Locke estava deitado na cama, deixando duas taças de conhaque afrouxarem os nós

dos músculos. As facas se encontravam na mesinha de cabeceira, a menos de um metro de suas mãos.

– Ah, deuses. Eu sei o que é. É... uma coisa... ruim?

– Receber ondas fortes de través – respondeu Jean. – Pegá-las de lado, em vez de cortá-las com a proa.

– E isso é ruim.

– Bastante ruim. – Jean estava folheando um exemplar muito manuseado do *Léxico prático do bom marinheiro, com numerosos exemplos esclarecedores da história honesta*, de Indrovo Lencallis. – Ora, você é o capitão do navio. Eu sou apenas seu leão de chácara.

– Eu sei. Mande outra.

O exemplar de Locke estava embaixo das facas e do copo de conhaque.

– Hummm. – Jean folheou o livro. – Caldris disse para colocar o barco de través. De que diabo ele está falando?

– Com o vento vindo perpendicular à quilha – murmurou Locke. – Batendo direto na lateral.

– E agora ele quer que a gente ponha na alheta.

– Certo. – Locke parou para bebericar o conhaque. – O vento não viria nem pelo nosso rabo nem direto de lado. Viria de um dos quartos traseiros, a 45 graus da quilha, aproximadamente.

– Muito bom. – Jean folheou o livro de novo. – Bússola. Qual é o nono ponto?

– Tudo a leste. Deuses, isso é igual a jantar com o Correntes.

– Correto. Um ponto ao sul.

– Ah... leste por sul.

– Certo. Mais um ponto ao sul.

– Lés-sueste?

– E mais um ponto.

– Ah, deuses. – Locke engoliu o resto do conhaque de uma vez. – Sudeste-foda-se. Chega por hoje.

– Mas...

– Eu sou o capitão do maldito navio – replicou Locke, ficando de braços. – Minhas ordens são para beber seu conhaque e ir para a cama.

Ele colocou um travesseiro sobre a cabeça e dormiu em instantes. Mesmo nos sonhos, estava dando nós, içando velas e encontrando latitudes.

8

– Eu não sabia que tinha entrado para a sua marinha – disse Locke na manhã seguinte. – Achei que a ideia era fugir dela.

– É um meio para chegar a um fim, mestre Kosta.

O Arconte estivera esperando-os na baía particular, dentro da Marina da Espada. Um dos seus barcos pessoais (Locke se lembrava dele, das cavernas de vidro sob o Mon Magisteria) estava amarrado atrás do esquife. Merrane e meia dúzia de Olhos o auxiliavam. Agora Merrane ajudava Locke a experimentar um uniforme de oficial da marinha verrari.

A túnica e o calção eram do mesmo azul-escuro dos gibões dos Olhos. Mas o casaco era de um vermelho amarronzado, com couro preto e rígido costurado ao longo dos antebraços, imitando braçadeiras. O lenço de pescoço era azul-escuro e reluzentes divisas de latão com a forma de rosas sobre espadas cruzadas estavam pregados logo abaixo dos ombros.

– Não tenho muitos oficiais de cabelos claros, mas o uniforme lhe serve bem. Mandarei fazer mais dois até o fim da semana. – O Arconte estendeu a mão e ajustou alguns detalhes: apertou o lenço de pescoço, mudou a posição da bainha vazia presa ao cinto. – Você vai usá-lo algumas horas por dia. Acostume-se com ele. Um dos meus Olhos vai lhe dar instruções sobre postura, cortesias e saudações.

– Ainda não entendo por que...

– Eu sei. – Stragos se virou para Caldris, que, na presença do patrão, havia perdido a costumeira malícia vulgar. – Como eles estão se saindo no treinamento, mestre de navegação?

– O Protetor já conhece muito bem minha opinião geral sobre esta missão – respondeu Caldris lentamente.

– Não foi isso que eu perguntei.

– Eles estão... menos inúteis do que antes, Protetor. Um pouquinho menos inúteis.

– Então vai dar certo. Você ainda tem quase três semanas para moldá-los. Devo dizer que eles já parecem mais afeitos ao trabalho duro sob o sol.

– Onde está nosso navio, Stragos? – perguntou Locke.

– Esperando.

– E onde está nossa tripulação?

- À disposição.
- E por que, diabos, estou usando este uniforme?
- Porque me agrada torná-lo capitão da minha marinha. Foi isso que eu quis indicar com as duas rosas sobre as espadas. Você vai ser capitão apenas por uma noite. Aprenda a parecer confortável com o uniforme. Depois aprenda a ser paciente esperando as ordens.

Locke fez uma carranca, colocou a mão direita na bainha e cruzou o braço esquerdo sobre o peito, com o punho fechado. Fez uma reverência dobrando a cintura no ângulo exato que vira os Olhos se inclinarem em várias ocasiões.

- Que os deuses defendam o Arconte de Tal Verrar.
- Muito bem – falou Stragos. – Mas você é oficial, não um soldado ou marinheiro comum. Você faz a reverência num ângulo menor.

Ele se virou e andou em direção ao seu barco. Os Olhos formaram fileiras e marcharam atrás e Merrane começou a tirar rapidamente o uniforme de Locke.

- Devolvo os cavalheiros aos cuidados de Caldris – disse o Arconte, subindo no barco. – Usem bem os seus dias.
- E exatamente quando, em nome dos deuses, vamos saber como tudo isso se encaixa?
- Tudo a seu tempo, Kosta.

9

Duas manhãs depois, quando o portão se escancarou para deixar que o barco de Merrane entrasse na baía particular da Marina da Espada, Locke e Jean se surpreenderam ao ver que, junto ao esquife, havia surgido durante a noite um navio de verdade.

Caía uma chuva fraca e quente, não uma verdadeira rajada do Mar de Bronze e, sim, uma irritação vinda do continente. Caldris esperava na praça de pedra usando um casaco impermeável leve, com fios de água escorrendo do cabelo e da barba desprotegidos. Ele sorriu no momento em que Locke e Jean desceram do barco vestidos com roupas leves e sem botas.

- Olhem para vocês dois! – gritou Caldris. – Aqui está ele em pessoa. O navio em que com certeza vamos morrer! – Deu um tapa nas costas de

Locke e gargalhou. – Foi chamado de *Mensageiro Vermelho*.

– É mesmo? – A embarcação estava calma e silenciosa, as velas enroladas, as lanternas apagadas. Havia algo incomensuravelmente melancólico num navio nesse estado, pensou Locke. – É um dos navios do Arconte, não é?

– Não. Parece que os deuses favoreceram o Protetor com uma chance de ser bastante econômico nesta missão. Sabe o que são vespas-estilete?

– Bem demais.

– Algum idiota tentou entrar no porto com uma colmeia no porão, não faz muito tempo. Só os deuses sabem o que ele estava planejando com isso. Acabou executado e o navio foi confiscado pelo Arconato. O ninho de monstros foi queimado.

– Ah – fez Locke, com um risinho. – Tenho certeza de que foi. Pelos meticolosos e incorruptíveis agentes da alfândega de Tal Verrar.

– O Arconte mandou que ele fosse recauchutado – continuou Caldris. – Precisava de velas novas, algum escoramento, novos cabos, um pouco de calafetagem. O interior foi fumigado com enxofre e ele foi batizado com um novo nome. Ainda assim, saiu bem barato, já que o Protetor não precisou oferecer um dele.

– Qual é a idade do navio?

– Vinte anos, pelo que parece. Anos duros, provavelmente, porém vai aguentar mais alguns. Presumindo que possamos trazê-lo de volta. Agora mostre que você aprendeu: o que você acha que ele é?

Locke examinou a embarcação, que tinha dois mastros, um convés de popa um pouco erguido e um único bote armazenado de cabeça para baixo na área central.

– É um *caulotte*?

– Não. É mais exatamente um *vestrel*, que você também chamaria de brigue, e muito pequeno. Sei por que você disse que era um *caulotte*. Mas deixe-me dizer por que você errou nas particularidades...

Caldris se pôs a dar um sem-número de explicações técnicas, apontando para coisas como braçadeiras principais a sotavento e vergas secas, que Locke só entendeu pela metade, como um visitante numa cidade estrangeira ouvindo orientações ansiosas dadas por um nativo de fala rápida.

– ... tem 88 pés de popa a proa, sem contar o gurupés, claro – concluiu Caldris.

– Eu ainda não tinha percebido realmente – disse Locke. – Pelos deuses, eu devo comandar mesmo esse navio.

– Rá! Não. Você vai *fingir* que comanda esse navio. Não seja picado pela mosca azul. Tudo que você precisa é dizer à tripulação quais são as *minhas* ordens. Agora vamos a bordo, depressa.

Caldris levou-os por uma rampa até o convés do *Mensageiro Vermelho*. Enquanto Locke olhava ao redor, absorvendo cada detalhe visível, uma inquietação cresceu em seu estômago. Acamado, ele havia desconsiderado todas as minúcias da vida a bordo de um navio em sua única viagem, mas agora cada nó e cada anilha, cada moitão e cada talha, cada ovém, cabo, pino e mecanismo poderia ser a chave para salvar sua vida... ou estragar totalmente sua farsa.

– Maldição – murmurou para Jean. – Talvez há dez anos eu pudesse ser idiota a ponto de achar que isso seria fácil.

– E não vai se tornar mais fácil – disse Jean, apertando o ombro bom de Locke. – Mas ainda temos tempo de aprender.

Andaram por toda a extensão do navio sob a garoa quente; Caldris apontava coisas e exigia respostas para perguntas difíceis. Terminaram o passeio no centro do *Mensageiro Vermelho* e Caldris se encostou no bote do navio para descansar.

– Bem, vocês aprendem rápido, para homens de terra. Isso eu devo admitir. Mesmo assim já caguei montes de bosta com mais conhecimento marítimo do que vocês dois juntos.

– Venha para terra e deixe que a gente tente lhe ensinar *nossa* profissão numa hora dessas, cara de bode.

– Rá! Mestre de Ferra, o senhor vai se encaixar muito bem nesse disfarce. Talvez nunca saiba diferenciar um cagalhão de uma vela de estai, mas tem os modos de um imediato fantástico. Agora subam pelas cordas. Vamos visitar a gávea esta manhã, enquanto esse belo tempo continua.

– A gávea? – Locke olhou o mastro principal, que subia até o cinza lá no alto, e estreitou os olhos porque a chuva caía diretamente em seu rosto. – Está chovendo, cacete!

– Sabia que também chove no mar? Ninguém avisou?

Caldris foi até os ovéns principais de estibordo, que desciam até o lado oposto da amurada e estavam presos por bigotas no casco exterior. Grunhindo, o mestre de navegação subiu no corrimão e chamou Locke e

Jean.

– Os pobres coitados da sua tripulação vão subir aqui, independentemente do tempo. Não vou levar vocês para o mar como virgens de cordas, portanto arrastem esse rabo para cá!

Eles acompanharam Caldris, pisando com cuidado nos enfrechates que atravessavam os ovéns e forneciam apoios para os pés. Locke precisou admitir que quase duas semanas de exercícios constantes haviam lhe dado mais fôlego para uma tarefa dessas e começavam a amenizar a dor nos ferimentos antigos. Mesmo assim, a sensação estranha e frouxa da escada de corda não era nem um pouco familiar e ele ficou feliz quando um lais de verga escuro surgiu na garoa logo acima. Alguns instantes depois, se alçou com dificuldade até se juntar a Jean e Caldris numa plataforma circular que era abençoadamente firme.

– Estamos a dois terços da subida, talvez – informou Caldris. – Esta verga segura a vela mestra. Mais acima, ficam as velas de gávea e os joanetes. Mas, por enquanto, isto está bom. Deuses, se vocês acharam que foi ruim hoje, podem se imaginar subindo aqui com o navio corcoveando de um lado para o outro como um touro fazendo bebês? Rá!

– Não pode ser tão ruim quanto a porra de um idiota despencando em cima da gente – replicou Jean.

– Eu terei de vir aqui em cima com frequência? – perguntou Locke.

– Você tem olhos de águia?

– Acho que não.

– Então para o diabo. Ninguém vai esperar que você faça isso. O lugar do capitão é no convés. Se quiser ver as coisas à distância, use uma luneta. Você vai ter vigias abraçando o mastro lá em cima para olhar por você.

Contemplaram a vista por mais alguns minutos, depois o trovão ribombou não muito longe e a chuva aumentou.

– Vamos descer, acho. – Caldris se levantou e se preparou para escorregar pela borda. – Não se pode tentar os deuses.

Locke e Jean chegaram de novo ao convés sem problemas, mas Caldris pulou dos ovéns respirando com dificuldade.

– Maldição, estou velho demais para ir lá em cima. Graças aos deuses o lugar do mestre também é no convés. – O trovão pontuou suas frases. – Venham, então. Vamos usar a cabine principal. Nada de velejar hoje, só livros e mapas. Sei como vocês amam isso.

10

No fim da terceira semana com Caldris, Locke e Jean haviam começado a nutrir contidas esperanças de que o encontro com os dois assassinos no cais não se repetiria. Merrane continuava a escoltá-los todas as manhãs, mas à noite eles tinham alguma liberdade, desde que saíssem armados e não se aventurassem mais longe do que a beira-mar interna do bairro do *Arsenale*. Ali, as tavernas eram cheias de soldados e marinheiros do Arconte: seria um lugar difícil para alguém fazer uma emboscada sem ser notado.

Às dez da noite do Dia do Duque – que os verraris chamavam de Dia do Conselho, é claro –, Jean encontrou Locke olhando para uma garrafa de vinho fortificado numa mesa dos fundos na estalagem Marco dos Mil Dias. O lugar era espaçoso e bem iluminado e estava barulhento com a agitação dos bons negócios. Era um bar naval: todas as melhores mesas, sob reproduções de antigas flâmulas de batalha verraris, estavam ocupadas por oficiais cujo status social era evidente, quer usassem seus uniformes ou não. Os marinheiros comuns bebiam e jogavam na penumbra ao redor e os poucos não marinheiros se congregavam nas mesas pequenas ao redor de Locke.

– Achei que iria encontrá-lo aqui – disse Jean, sentando-se diante dele. – O que você acha que está fazendo?

– Trabalhando. Não é óbvio? – Locke segurou a garrafa de vinho pelo gargalo e fez um gesto para Jean. – Este é o meu martelo. – Bateu com os nós dos dedos no tampo da mesa. – E esta é a minha bigorna. Estou moldando meu cérebro até deixá-lo com uma forma mais agradável.

– Qual é a ocasião especial?

– Eu só queria, durante metade de uma noite, não ser o capitão da porra de uma expedição naval fantasma. – Locke falava num sussurro controlado e, para Jean, ficou claro que ele ainda não estava bêbado e, sim, possuído de um desejo sério de ficar. – Minha cabeça está cheia de pequenos navios, todos rodando e rodando alegres, inventando nomes novos para as coisas que estão nos conveses! – Ele parou para tomar um gole, depois ofereceu a garrafa a Jean, que a recusou. – Imagino que você estava estudando diligentemente o seu *Léxico*.

– Em parte. – Jean virou a cadeira um pouquinho na direção da parede,

para olhar sem obstruções a maior parte da taverna. – Também redigi algumas mentirinhas educadas para Durena e Corvaleur. Elas andaram mandando bilhetes para a Villa Candessa, perguntando quando vamos voltar às mesas de jogo para que possam ter outra chance de nos estripar.

– Odeio demais desapontar as damas, mas esta noite estou de licença de tudo. Nada de Agulha, do Arconte, de Durena, do *Léxico*, de tabelas náuticas. Só aritmética simples. Bebida mais bebedor é igual a bêbado. Junte-se a mim. Só durante uma ou duas horas. Você sabe que iria gostar.

– Sei. Mas Caldris está ficando mais exigente a cada dia; acho que vamos precisar de cabeças desanuviadas amanhã mais do que precisamos de cabeças turvas esta noite.

– As lições de Caldris não estão clareando nossa cabeça. Pelo contrário. Estamos recebendo cinco anos de ensinamentos em um mês. Está tudo uma confusão só. Sabe, antes de vir para cá esta noite, eu comprei meio melão apimentado. A mulher da barraca perguntou qual melão eu queria que ela cortasse, o da esquerda ou da direita, eu respondi: “O de bombordo!” Minha própria língua se virou contra mim, numa traição náutica.

– É uma espécie de linguagem dos loucos, não é? – Jean tirou os ópticos do bolso do casaco e pôs na ponta do nariz para examinar a gravura pouco nítida na garrafa de vinho de Locke: era uma safra anscalani insignificante. – Com convoluções intrincadas demais. Digamos que você tenha uma corda caída no convés. No Dia da Penitência, é só uma corda caída no convés. Depois da terceira hora do Dia do Ocioso, é uma forca-balbucio de meia braçada. À meia-noite do Dia do Trono, vira uma corda de novo, a não ser que esteja chovendo.

– A não ser que esteja chovendo, é, e nesse caso você tira a roupa e dança nu em volta do mastro de mezena. Pelo amor dos deuses, é. Juro, Je... Jerome, a próxima pessoa que me disser algo do tipo “Levante a verga do patarrás e enterre o mastaréu na bujarrona” vai ser degolado. Mesmo se for o Caldris. Chega de termos náuticos esta noite.

– Você parece estar com todos os panos enfunados.

– Ah, esta é a sua sentença de morte assinada, seu quatro-olhos. – Locke espiou as profundezas da garrafa, como um falcão observando um camundongo num campo lá embaixo. – Ainda não tem uma quantidade suficiente dessa coisa dentro de mim. Pegue um copo e me acompanhe. Quero virar uma vergonha pública o mais cedo possível.

Houve uma agitação junto à porta, seguida por uma interrupção geral da conversa e um burburinho que Jean reconheceu, pela longa experiência, como sendo muito, muito perigoso. Levantou os olhos, cauteloso, e viu que meia dúzia de homens havia acabado de pôr os pés na taverna. Dois deles usavam uniformes parciais de guardas, sob capas, sem as proteções e armas usuais. Seus companheiros estavam à paisana, mas os corpos e a postura diziam a Jean que eram todos exemplos daquela criatura conhecida comumente como guardas citadinos.

Um deles, fosse por destemor ou por possuir a sensibilidade de uma pedra, foi até o balcão e pediu para ser atendido. Seus companheiros, mais sensatos e, portanto, mais nervosos, começaram a sussurrar entre si. Cada olhar na taverna estava fixo neles.

Houve um som raspado quando uma mulher de aparência dura, numa das mesas dos oficiais, empurrou a cadeira para trás e se levantou devagar. Em segundos, todos os seus companheiros se ergueram. O movimento se espalhou pelo bar numa onda, primeiro os outros oficiais, depois os marinheiros comuns, assim que viram que a vantagem seria de oito a um a seu favor. Logo, quatro dúzias de homens e mulheres estavam de pé, em silêncio, apenas olhando os seis homens junto à porta. O pequeno grupo em volta de Locke e Jean ficou plantado nos assentos; no mínimo, caso permanecessem onde estavam, ficariam longe da linha principal de encrenca.

– Os senhores vieram de longe, não foi? – perguntou o dono da taverna enquanto seus dois auxiliares enfiavam a mão disfarçadamente atrás do balcão para pegar o que sem dúvida eram armas.

– Como assim? – Se o policial ao balcão não estava fingindo perplexidade, pensou Jean, ele era mais burro que uma porta. – Viemos dos Degraus de Ouro. Acabamos de sair do serviço. Temos sede e um bom bocado de moedas para acabar com ela.

– Talvez outra taverna fosse mais do agrado dos senhores esta noite.

– O quê?

Enfim, o homem pareceu perceber que era o foco da atenção de uma turba. Como sempre, pensou Jean, havia dois tipos de gente na guarda de uma cidade: os que tinham olhos para encrenca na nuca e os que usavam o crânio para guardar serragem.

– Eu disse... – começou o dono, obviamente perdendo a paciência.

– Espere – pediu o policial, levantando as mãos na direção dos clientes da taverna. – Agora entendi. Já tomei umas esta noite. Vocês precisam me desculpar, não estou querendo ofender. Afinal de contas, não somos todos verraris aqui dentro? Só queremos uma bebida.

– Há um monte de lugares para beber – replicou o dono. – Um monte de lugares mais adequados.

– Não queremos arranjar problema para ninguém.

– Não seria problema para *nós* – retrucou um homem corpulento usando túnica e calção navais. Seus companheiros de mesa compartilharam um risinho maligno. – Encontre a porra da porta.

– Cachorros do Conselho – murmurou outro oficial. – Farejadores de ouro desonrosos.

– Esperem aí – disse o policial, soltando-se de um amigo que tentava puxá-lo para a porta. – Esperem aí, eu disse que a gente não queria problema. Droga, eu falei sério! Acalmem-se. Vamos embora. Tomem uma rodada por minha conta, todo mundo. Todo mundo! – Ele sacudiu a bolsa com as mãos trêmulas. Cobre e prata retiniram no balcão de madeira. – Uma rodada de boa cerveja escura verrari para quem quiser, e fique com o troco.

O dono da taverna olhou do policial infeliz para o homem troncado que havia falado antes. Jean supôs que o sujeito fosse um dos oficiais de maior patente no lugar e o gerente esperava seu julgamento.

– Você fica bem rastejando – disse o homem com um sorriso torto. – Não vamos beber com você, mas ficaremos felizes em gastar seu dinheiro assim que você sair de vez por essa porta.

– Claro. Paz, amigos, não queríamos ofender.

O sujeito parecia a ponto de falar mais, porém dois de seus colegas o agarraram pelos braços e o arrastaram de volta pela porta. Houve uma gargalhada geral e aplausos quando o último policial sumiu na noite.

– E é assim que a marinha acrescenta dinheiro ao orçamento! – gritou o oficial. Seus companheiros de mesa gargalharam e ele ergueu o copo para o resto da taverna. – Ao Arconte! Confusão aos seus inimigos em casa e no estrangeiro!

– Ao Arconte! – berraram em coro os outros oficiais e marinheiros.

Logo todos estavam acomodados e outra vez de bom humor e o dono da taverna contava o dinheiro do guarda enquanto seus ajudantes enfileiravam

copos de madeira ao lado de um barril de cerveja escura. Jean franziu a testa, calculando de cabeça. Para quase cinquenta pessoas, até mesmo uma cerveja escura comum custaria ao policial pelo menos um quarto de seu salário mensal. Ele conhecera muitos homens que prefeririam se arriscar a uma perseguição e uma surra antes de abrir mão de tanto dinheiro ganhado com suor.

– Pobre idiota bêbado. – Ele suspirou, olhando para Locke. – Ainda quer se tornar um embaraço público? Parece que houve um aqui.

– Acho que depois dessa garrafa eu só vou retornar ao meu porto seguro.

– Retornar ao porto é uma expressão náu...

– Eu sei. Eu me mato depois.

Os dois garçons mais novos circularam com bandejas grandes, entregando copos de madeira com cerveja escura, primeiro para os oficiais, que na maior parte se mostraram indiferentes, e então para os marinheiros comuns, que receberam a bebida com entusiasmo. Como se lembrassem de última hora, um deles acabou chegando ao canto onde Locke, Jean e os outros civis estavam sentados.

– Um gole da escura, senhores? – Ele pousou dois copos diante de Locke e Jean e, com a destreza digna de um malabarista, jogou sal de um pequeno recipiente de vidro. – Cortesia do homem com mais ouro do que miolos. – Jean pôs uma moeda de cobre na bandeja, para ser sociável, e o homem assentiu em agradecimento antes de ir para a mesa seguinte. – Um gole da escura, senhora?

– Sem dúvida, precisamos vir aqui com mais frequência – falou Locke, apesar de nem ele nem Jean tocar a cerveja grátis.

Parecia que Locke estava contente em tomar seu vinho e Jean, consumido por pensamentos sobre os desafios de Caldris no dia seguinte, não sentia vontade de beber. Eles passaram alguns minutos conversando em voz baixa, até que por fim Locke olhou para seu copo de cerveja e suspirou.

– Cerveja escura salgada não é a coisa certa para tomar depois de um vinho forte – pensou em voz alta.

A mulher sentada atrás dele se virou e lhe deu um tapinha no ombro.

– Ouvi direito, senhor? – Ela parecia alguns anos mais nova do que Locke e Jean, vagamente bonita, com tatuagens de um vermelho vivo no antebraço e um bronzeado intenso que lhe dava a aparência de uma trabalhadora do cais. – A escura salgada não é do seu gosto? Não quero ser

intrometida, mas acabei de ficar seca aqui...

– Ah. Ah! – Locke se voltou, sorrindo, e entregou seu copo de cerveja para ela, por cima do ombro. – Claro, sirva-se. Com os meus cumprimentos.

– A minha também – completou Jean, passando a dele. – Ela merece ser apreciada.

– E será. Muito obrigada, senhores.

Os Nobres Vigaristas voltaram à sua conversa sussurrada.

– Uma semana – disse Locke. – Talvez duas, e então Stragos quer que a gente vá. Chega de loucuras teóricas. Vamos viver a coisa lá fora, no oceano maldito.

– Mais motivo ainda para eu estar satisfeito por você não se enrolar demais nessa garrafa hoje.

– Um pouco de autopiedade funciona bem ultimamente. E traz lembranças de um tempo que eu preferiria esquecer.

– Não precisa ficar se desculpando por... aquilo. Não a você mesmo e com certeza não a mim.

– Sério? – Locke passou um dos dedos para cima e para baixo pela garrafa meio vazia. – Parece que vejo uma história diferente nos seus olhos sempre que me engraço com um ou dois copos. Fora de uma mesa do Carrossel da Sorte, claro.

– Ei, espera aí...

– Não foi uma afronta – acrescentou Locke rapidamente. – É apenas a verdade, só isso. E não posso dizer que você estava errado em sentir aquilo. Você... O que foi?

Jean havia erguido os olhos, distraído por um chiado que soava atrás de Locke. A mulher que pedira a cerveja estava meio levantada da cadeira, apertando a garganta, lutando para respirar. Jean ficou de pé no mesmo instante, contornou Locke e segurou-a pelos ombros.

– Calma, senhora, calma. Tinha sal demais na cerveja?

Ele girou-a e lhe deu vários tapas fortes nas costas, com a base da mão direita. Para seu alarme, a mulher continuou engasgando. Na verdade, agora estava inspirando absolutamente nada a cada tentativa inútil de respirar. Virou-se e o agarrou em desespero; seus olhos estavam arregalados de terror e a vermelhidão do rosto não tinha nada a ver com o bronzeado.

Jean olhou os três copos de cerveja vazios na mesa diante dela e uma percepção súbita se acomodou em sua barriga como um peso frio. Ele

agarrou Locke com a mão esquerda e praticamente o arrancou da cadeira.

– De costas para a parede – sussurrou. – Proteja-se! – Em seguida, gritou para o resto da taverna: – Socorro! Esta mulher precisa de socorro!

Houve um tumulto geral; oficiais e marinheiros se levantaram, esforçando-se para ver o que acontecia. Abrindo caminho com os cotovelos pela massa de fregueses e cadeiras subitamente vazias, veio uma mulher de casaco preto, o cabelo cor de nuvem de tempestade puxado num rabo comprido e apertado, com anéis de prata.

– Saiam da frente! Sou sanguessuga de navio!

Ela tirou a mulher dos braços de Jean e lhe deu três socos fortes nas costas, usando a parte de baixo do punho fechado.

– Já tentei isso! – exclamou Jean.

A mulher engasgada se sacudia contra ele e a sanguessuga, empurrando-os como se fossem a causa de seus problemas. Suas bochechas estavam cor de vinho escuro. A sanguessuga conseguiu envolver o pescoço da mulher e apertar sua traqueia.

– Santos deuses, a garganta inchou e está dura feito pedra. Segure-a em cima da mesa com toda a força!

Jean empurrou a mulher sobre a mesa, espalhando os copos de cerveja vazios. Uma multidão se formava ao redor; Locke olhava aquilo inquieto, com as costas contra a parede, como Jean havia insistido. Olhando freneticamente ao redor, Jean pôde ver o dono da taverna e um dos seus ajudantes... mas o outro tinha sumido. Onde, diabos, estava o que servira aqueles copos de cerveja?

– Uma faca! – gritou a sanguessuga para a multidão. – Uma faca afiada! Agora!

Locke tirou um punhal da manga esquerda e o entregou. A sanguessuga olhou-o e assentiu; um gume estava visivelmente cego, mas o outro, como Jean sabia, parecia um bisturi. A sanguessuga segurou-o como se fosse um esgrimista e usou a outra mão para forçar a cabeça da mulher para trás.

– Aperte-a para baixo com toda a força – pediu a Jean.

Mesmo com toda a vantagem da posição e do peso, Jean precisou se esforçar para manter os braços da jovem imóveis. A sanguessuga se apoiou firmemente numa perna dela e um marinheiro de raciocínio rápido veio por trás, para segurar a outra.

– Se ela se sacudir, vai morrer – avisou ela.

Enquanto Jean olhava num fascínio horrorizado, a sanguessuga apertou o punhal contra o pescoço da mulher. Os músculos se destacavam como os de uma estátua de pedra e a traqueia parecia proeminente feito um tronco de árvore. Com uma suavidade que inspirou espanto em Jean, dada a situação, a sanguessuga fez um corte delicado atravessando a traqueia, logo acima do ponto onde ela desaparecia sob as clavículas da mulher. O sangue vermelho-vivo borbulhou da abertura, depois correu farto pelas laterais do pescoço. Os olhos dela se reviravam e sua luta havia se tornado assustadoramente fraca.

– Pergaminho! – berrou a sanguessuga. – Me arranjem um pergaminho!

Diante da consternação do gerente, vários marinheiros puseram o bar de pernas para o ar, procurando qualquer coisa que lembrasse um pergaminho. Outra oficial abriu caminho pela multidão, pegando uma carta dentro do casaco. A sanguessuga examinou-a, enrolou-a num tubo apertado e fino e o enfiou no corte. Jean mal percebeu que estava de queixo caído.

A sanguessuga havia começado a bater no peito da mulher, murmurando uma série de palavrões capazes de escaldar os ouvidos. Mas a mulher estava frouxa; seu rosto tinha um tom medonho de ameixa e o único movimento visível era o do sangue escorrendo em volta do tubo de pergaminho. A sanguessuga interrompeu o procedimento depois de instantes e recostou-se na borda da mesa de Locke e Jean, ofegando. Limpou as mãos ensanguentadas na frente do casaco.

– Inútil – disse à multidão absolutamente silenciosa. – Os humores quentes dela foram totalmente sufocados. Não posso fazer mais nada.

– Ora, você a matou! – gritou o dono da taverna. – Cortou a porra da garganta dela bem na nossa frente!

– O maxilar e a garganta estavam retesados feito ferro – retrucou a sanguessuga, a raiva se intensificando. – Fiz a única coisa possível para ajudá-la!

– Mas você a cortou...

O corpulento oficial de alta patente que Jean vira antes foi até o balcão, seguido por um grupo de colegas. Mesmo do outro lado da sala, Jean pôde identificar uma rosa sobre espadas em cada casaco ou túnica.

– Jevaun, você está questionando a competência da Erudita Almaldi?

– Não, mas o senhor viu...

– Está questionando as *intenções* dela?

– Ah, senhor, por favor...

– Está chamando uma galena que serve ao Arconte – continuou o oficial em voz implacável –, nossa irmã oficial, de assassina? Diante de testemunhas?

A cor sumiu do rosto do gerente tão depressa que Jean teve vontade de olhar atrás do balcão, para ver se ela havia se empoçado ali.

– Não, senhor – respondeu o homem às pressas. – Não quis dizer isso. Peço desculpas.

– Não a mim.

O gerente se virou para Almaldi e pigarreou.

– Peço seu perdão total, Erudita. – Olhou para os pés. – Eu... não vi muito sangue na vida. Falei por ignorância absoluta. Desculpe-me.

– Claro – falou a sanguessuga com frieza enquanto tirava o casaco, talvez só então percebendo como ele estava ensanguentado. – Que diabo essa mulher andou bebendo?

– Só a cerveja escura – respondeu Jean. – A escura verrari salgada.

Que era para nós, pensou. Seu estômago se revirou.

Suas palavras provocaram uma nova erupção de raiva na multidão, a maior parte da qual, claro, estivera bebendo recentemente a mesmíssima cerveja. Jevaun levantou os braços e acenou pedindo silêncio.

– Era cerveja boa, limpa, direto do barril! Foi provada antes de ser tirada e servida! Eu a serviria aos meus netos! – Ele pegou um copo de madeira vazio, estendeu-o para a multidão e tirou uma dose de cerveja do barril. – Isso eu *declaro* diante de testemunhas! Esta é uma casa honesta! Se há alguma trama acontecendo, não foi obra minha!

Ele engoliu a cerveja em vários goles e estendeu o copo para as pessoas. O murmúrio continuou, mas o avanço furioso contra o balcão foi contido.

– É possível que ela tenha tido uma reação – comentou Almaldi. – Algum tipo de alergia. Nesse caso, seria a primeira vez que eu vejo algo assim. – Ela acrescentou, levantando a voz: – Alguém mais se sente mal? Pescoço dolorido? Dificuldade para respirar?

Marinheiros e oficiais se entreolharam, balançando a cabeça. Jean fez uma oração silenciosa de agradecimento porque ninguém parecia ter visto a mulher pegar os copos de cerveja fatal com ele e Locke.

– Onde, diabos, está seu outro garçom? – gritou Jean a Jevaun. – Eu contei dois antes que a cerveja fosse servida. Agora você só tem um!

O dono da taverna girou a cabeça de um lado para o outro, examinando a multidão. Em seguida, se virou, com um olhar horrorizado, para o ajudante que permanecia ali.

– Freyald só está morrendo de medo por causa da agitação, certo? Encontre-o. Encontre-o!

As palavras de Jean tinham provocado o efeito que ele desejava: marinheiros e oficiais se espalharam raivosos, procurando o garçom desaparecido. Jean podia ouvir os trinados abafados dos apitos dos guardas em algum lugar lá fora. Logo os policiais estariam ali em peso. Cutucou Locke e sinalizou para a porta dos fundos da taverna, através da qual vários outros fregueses, obviamente esperando mais complicações, já haviam escapulado.

– Senhores – disse a Erudita Almaldi enquanto Locke e Jean passavam.

Ela limpou o punhal de Locke na manga do casaco já arruinado e o devolveu. Ele assentiu ao pegá-lo.

– Erudita, a senhora foi soberba.

– E, no entanto, inútil. – Ela passou descuidadamente pelos cabelos os dedos sujos de sangue. – Farei com que alguém seja morto por causa disso.

Nós, se ficarmos aqui mais tempo, pensou Jean. Tinha uma suspeita maligna de que a guarda da cidade não ofereceria segurança caso ele e Locke fossem levados por ela.

Outras discussões irrompiam na sala quando Jean conseguiu usar o corpo para abrir caminho para ele e Locke até a porta dos fundos, que dava num beco escuro. Nuvens haviam se assentado no céu preto, bloqueando as luas, e num reflexo Jean deixou uma machadinha escorregar para a mão direita antes de dar três passos na noite. Seus ouvidos treinados lhe diziam que os apitos dos guardas estavam a cerca de um quarteirão a oeste, e movendo-se depressa.

– Freyald – disse Locke, caminhando na escuridão. – Aquele garçom desgraçado. Nós éramos o alvo da cerveja, como se um quarelo de balestra estivesse apontado para nós.

– Essa foi a minha conclusão também – concordou Jean.

Ele guiou Locke, atravessando uma rua estreita, passando por um muro de pedras baixo e entrando num pátio silencioso que parecia cercar armazéns. Jean se agachou atrás de um caixote parcialmente despedaçado e seus olhos, se ajustando ao escuro, viram Locke se achatar contra um barril

ali perto.

– As coisas estão piorando – comentou Locke. – A situação é pior do que pensávamos. Quais as chances de meia dúzia de guardas da cidade não saberem quais bares são seguros para irem quando estão de folga? Quais as chances de eles virem à porra do *bairro* errado?

– Ou pagar tantas bebidas para um bar cheio do pessoal do Arconte? Eles eram apenas um disfarce. Provavelmente nem sabiam o que estavam encobrindo.

– Isso ainda significa que quem está atrás de nós pode mexer os pauzinhos na guarda cidadina.

– Isso significa o *Priori* – completou Jean.

– Eles ou alguém próximo deles. Mas por quê?

Houve um som súbito de couro batendo em pedra atrás deles; Locke e Jean ficaram em silêncio. Jean se virou a tempo de ver um vulto grande pular o muro atrás deles e o ruído de solas nas pedras foi um aviso de que se tratava de um homem de certo peso.

Num movimento suave, Jean tirou o casaco, girou-o num arco para o alto e o jogou sobre a pessoa, que começou a lutar com a roupa. Jean saltou, acertou o cocuruto do oponente com a parte rombuda da machadinha e o socou no plexo solar, fazendo-o se dobrar. Depois disso, foi brincadeira de criança atirá-lo de cara no chão com um empurrão nas costas.

Locke sacudiu uma lâmpada alquímica minúscula, pouco mais do que um frasco do tamanho do polegar, acendendo-a. Bloqueou a luz fraca com o corpo para que ela focasse apenas o homem caído. Jean pegou o casaco de volta, revelando um sujeito alto, musculoso, com cabeça raspada. Ele se vestia de modo comum, como um cocheiro ou serviçal, e pôs uma das mãos no rosto, gemendo. Jean encostou a lâmina da machadinha embaixo do queixo dele.

– M... Mestre de Ferra, não, por favor – sussurrou o homem. – Doces deuses, eu sou do grupo de Merrane. Fui mandado para... procurar os senhores.

Locke segurou a mão esquerda do sujeito e tirou a luva de couro. Jean viu uma tatuagem nas costas da mão do estranho, um olho aberto no centro de uma rosa. Locke suspirou e murmurou:

– Ele é um Olho.

– Ele é um maldito imbecil – reclamou Jean, olhando ao redor antes de

pousar a machadinha em silêncio e rolar o sujeito de costas. – Calma, amigo. Eu bati de leve na sua cabeça, mas no estômago, não. Fique aí deitado e respire alguns minutos.

– Já fui acertado antes. – O estranho bufou e Jean pôde ver que lágrimas de dor brilhavam no rosto dele. – Pelos deuses, me admira os senhores precisarem de proteção.

– Sem dúvida precisamos – replicou Locke. – Você estava no Mil Dias, certo?

– Estava. E eu vi os senhores darem os copos de cerveja àquela pobre mulher. Ah, porra, parece que meu estômago vai explodir.

– Isso vai passar – garantiu Jean. – Você viu para onde foi o garçom que sumiu?

– Eu o vi entrar na cozinha e não prestei atenção se ele voltou. Na hora, não tinha por que reparar.

– Merda. – Locke fez uma carranca. – Imagino que Merrane tenha soldados por perto, para casos de necessidade.

– Quatro num velho armazém, apenas um quarteirão ao sul. – O Olho ofegou várias vezes antes de continuar. – Eu devo levar os senhores para lá se houver uma encrenca.

– E houve – disse Locke. – Quando você puder se mover, leve-nos até eles. Precisamos chegar inteiros à Marina da Espada. Depois, preciso que você leve uma mensagem para ela. Você pode encontrá-la esta noite?

– Em menos de uma hora – respondeu o homem, esfregando a barriga e olhando para o céu sem estrelas.

– Diga a ela que queremos aceitar sua oferta anterior, de... quarto e refeições.

Jean coçou a barba, pensativo, e assentiu.

– Vou mandar um bilhete para o Requin avisando que vamos partir em um ou dois dias – informou Locke. – Não estaremos por aqui por muito mais tempo do que isso, na verdade. Não confio mais que possamos andar pelas ruas. Podemos pedir uma escolta para pegar nossas coisas na Villa Candessa amanhã, dar saída na nossa suíte, colocar a maior parte das roupas num depósito. Depois vamos nos esconder na Marina da Espada.

– Nós temos ordens de proteger os senhores – disse o Olho.

– Eu sei – falou Locke. – É mais ou menos a única coisa de que temos certeza agora: o seu patrão pretende nos usar, não nos matar. Portanto,

vamos contar com a hospitalidade dele. – Locke devolveu a luva do soldado.
– Por enquanto.

11

Duas carruagens com Olhos vestidos à paisana acompanharam Locke e Jean até a Villa Candessa na manhã seguinte.

– Lamento tremendamente vê-los partir – afirmou o administrador principal quando Locke rabiscou a assinatura de Leocanto Kosta nos últimos pedaços de pergaminho. – Os senhores foram hóspedes soberbos; esperamos que nos considerem de novo na próxima vez em que visitarem Tal Verrar.

Locke não tinha dúvida de que a estalagem estava satisfeita com os negócios: pagando cinco moedas de prata por dia durante um ano e meio, além do preço dos serviços adicionais, ele e Jean haviam deixado uma pilha de solaris suficiente para comprar uma casa decente e contratar funcionários capazes.

– Assuntos prementes exigem nossa presença em outro lugar – murmurou Locke, com frieza, mas logo censurou-se: não era culpa do administrador eles estarem sendo expulsos do conforto por Stragos, pelos Magos-Servidores e por uns malditos assassinos misteriosos. – Aqui – acrescentou, pescando 3 solaris no casaco e colocando-os na mesa. – Faça com que isto seja dividido e distribuído a todos os funcionários. – Ele virou a palma da mão para cima e, como um prestidigitador, conjurou outra moeda de ouro. – E esta é para você, para expressar nossa gratidão por sua hospitalidade.

– Voltem *quando quiserem* – afirmou o administrador, fazendo uma profunda reverência.

– Voltaremos – assegurou Locke. – Antes de irmos, eu gostaria de deixar tudo arranjado para que nossas roupas sejam guardadas por tempo indefinido. O senhor pode ter certeza de que retornaremos para pegá-las.

Enquanto o administrador rabiscava feliz as ordens necessárias num pergaminho, Locke pegou um quadrado do documento azul timbrado da Villa Candessa e escreveu: *Parto de imediato pelos meios discutidos anteriormente. Espere minha volta. Permaneço profundamente agradecido*

pela confiança depositada em mim.

Locke observou o administrador lacrar o bilhete com a cera preta da casa.

– Que seja entregue sem demora ao Senhor da Agulha do Pecado. Se não puder ser pessoalmente, então que seja entregue apenas à governanta, Selendri. Eles vão querer receber isso agora mesmo.

Locke suprimiu um sorriso diante do leve arregalar de olhos do administrador. A sugestão de que Requin tinha um interesse pessoal oculto no conteúdo do bilhete faria com que ele fosse levado rapidamente e em segurança. Mesmo assim, Locke ainda planejava mandar outra cópia mais tarde, através de um agente de Stragos. Não havia sentido em se arriscar.

– Lá se vão as belas camas – falou Jean, carregando até as carruagens os dois baús com as posses que restavam. Além de algumas centenas de solaris e túnicas e calções para usar no mar, tinham mantido apenas as ferramentas para roubos: gazuas, armas, tinturas alquímicas, itens de disfarce. – Lá se vai o dinheiro de Jerome de Ferra.

– Lá se vão Durena e Corvaleur – completou Locke com um sorriso tenso. – Lá se vai a necessidade de ficarmos olhando por cima dos ombros onde quer que estejamos. Porque, na verdade, estamos entrando numa jaula. Mas só por alguns dias.

– Não – observou Jean, pensativo, enquanto passava por uma porta de carruagem segura por um guarda-costas. – Não, a jaula vai muito mais longe. Ela vai aonde quer que a gente vá.

12

O treino com Caldris, que foi retomado naquela tarde, se tornou ainda mais árduo. O mestre de navegação os fez andar de uma extremidade à outra do navio, exercitando-os na operação de tudo, desde os cabrestantes até a cozinha. Com a ajuda de um par de Olhos, eles desamarraram o bote do navio e içaram-no por cima da amurada. Levantaram as grades das escotilhas de carga e treinaram mover barris para cima e para baixo com vários arranjos de talhas e moitões. Em todo lugar, Caldris os fazia dar nós e dizer o nome de instrumentos obscuros.

Locke e Jean receberam a cabine de popa do *Mensageiro Vermelho* para

morar. No mar, o compartimento de Jean seria separado do de Locke por uma fina parede de lona esticada – a “cabine” minúscula de Caldris ficaria do outro lado do corredor –, mas por hora o espaço foi transformado em acomodações razoavelmente confortáveis para solteiros. A necessidade de ficarem naquele lugar fechado pareceu deixar claro aos dois a seriedade de sua situação e eles redobram os esforços, aprendendo coisas novas e confusas com uma velocidade que não fora necessária desde que haviam estado sob a tutela do Padre Correntes. Toda noite Locke se pegava caindo no sono com seu exemplar do *Léxico* como travesseiro.

De manhã, velejavam com seu esquife a oeste da cidade, dentro dos recifes de vidro mas com uma confiança cada vez maior, que só eclipsava um pouco sua capacidade real. Nas tardes, Caldris citava itens e locais no convés do navio e queria que eles corresse a cada coisa nomeada.

– Bitácula! – gritou o mestre de navegação.

Locke e Jean correram juntos para a pequena caixa de madeira ao lado do timão do navio, que abrigava uma bússola e vários outros instrumentos de navegação. Nem bem haviam tocado nela, Caldris continuou:

– Amurada de popa. – Essa era bem fácil. – Cabo de bosta!

Os Nobres Vigaristas passaram correndo pela gata perplexa, que lambia as patas deitada no ensolarado tombadilho. Os dois faziam careta ao correr, porque era nos cabos de bosta que eles se firmavam enquanto se arrastavam até o gurupés para se aliviar no mar. Os métodos mais cômodos de cagar eram destinados aos passageiros ricos nas embarcações maiores.

– Mastro de mezena! – berrou Caldris, e Locke e Jean pararam, ofegando.

– Esta porcaria de navio não tem – replicou Locke. – Só o mastro de proa e o principal.

– Ah, que esperto! Você decifrou meu ardil sutil, mestre Kosta. Pegue a droga do seu uniforme e vamos deixar que banque o pavão durante algumas horas.

Os três trabalhavam juntos durante os dias para definir um sistema de sinais com gestos e palavras; Locke e Jean faziam adaptações sensatas com base em sua linguagem particular já existente.

– A privacidade num navio no mar é mais ou menos tão real quanto uma porra de mijo de fada – resmungou Caldris uma tarde. – Talvez eu não possa lhes dar instruções claras com só os deuses sabem quem olhando e ouvindo. Vamos trabalhar com muitas cutucadas e sussurros. Se vocês

souberem que alguma coisa complicada está se aproximando, o melhor a dizer é só...

– Vejamos se você conhece o seu trabalho, Caldris! – Locke havia descoberto que o uniforme da marinha verrari ajudava bastante quando se tratava de fazer uma voz autoritária.

– Certo. Isso ou algo assim. E se um dos marinheiros der uma de sabichão e quiser sua opinião sobre algo que você não sabe...

– Ora, marinheiro imaginário, certamente não preciso soletrar isso como se você fosse uma criança, não é?

– Certo, bom. Outra resposta.

– Maldição, eu conheço os cabos deste navio como a palma da minha mão! – Locke olhou para Caldris de cima para baixo, o que só era possível porque as botas de couro acrescentavam 4 centímetros à sua altura. – E sei do que ele é capaz. Confie no meu julgamento ou sintá-se livre para começar a nadar.

– Isso. Ótimo serviço, mestre Kosta! – O mestre de navegação estreitou os olhos para Locke e coçou a barba. – Para onde vai mestre Kosta quando você faz isso? O que *exatamente* você faz para viver, Leocanto?

– Eu só faço isso, acho. Sou um fingidor profissional. Eu... atuo.

– No palco?

– Já foi época. Jerome e eu. Agora acho que transformamos este navio em nosso palco.

– Isso é verdade.

Escapando de um breve ataque da gatinha contra seus pés descalços, Caldris foi até o timão, que na verdade era um par de timões unidos por um mecanismo embaixo do convés para permitir que mais de um marinheiro fizesse força em mau tempo.

– Aos lugares!

Locke e Jean correram para o tombadilho para ficar perto dele, ostensivamente distanciados e concentrados em suas próprias tarefas ao mesmo tempo que permaneciam perto o suficiente para captar algum sussurro ou um gesto de instigação.

– Imagine-nos indo a barlavento com a brisa vindo de través a bombordo da proa – falou Caldris. Era necessário imaginar, porque na pequena baía cercada não soprava a menor brisa. – Chegou a hora de atacarmos. Vá ditando os passos. Preciso saber se você decorou tudo.

Locke visualizou o procedimento na cabeça. Nenhum navio de vela quadrada podia navegar direto contra o vento. Ir numa direção desejada contra a brisa exigia singrar num ângulo de mais ou menos 45 graus e mudar de direção a intervalos para apresentar lados diferentes da proa ao vento. Na verdade, era uma série de zigue-zagues, arrastando-se arduamente no rumo desejado. Cada mudança, de bombordo para estibordo ou vice-versa, era uma operação delicada, com grandes chances de ocorrer um desastre.

– Mestre Caldris, vamos virar de bordo! – gritou Locke. – O timão é seu.

– Muito bem, senhor.

– Mestre de Ferra!

Jean deu três toques no apito que usava pendurado no pescoço, como Locke.

– Todos os tripulantes! Todos os tripulantes a postos para virar de bordo!

– Mestre Caldris, a precisão é importante. Firme o timão.

Locke esperou alguns segundos para provocar um efeito dramático, depois berrou:

– Timão a sotavento!

Caldris fez a mímica de virar o timão na direção do lado do navio a sotavento, neste caso estibordo, o que inclinaria o leme na direção oposta. Locke conjurou uma imagem mental nítida da súbita pressão da água contra o leme, forçando o navio a virar para bombordo. Eles entrariam no olho da ventania, sentindo toda a sua força; um erro nesse ponto poderia “trancá-los em ferros”, interrompendo todo o progresso, roubando a força do leme e das velas. Ficariam impotentes durante minutos ou coisa pior: um erro assim em tempo ruim poderia emborcá-los, e os navios não eram acrobatas.

– Marinheiros imaginários! Amuras e panos! – Jean balançou os braços e gritou as instruções para os tripulantes invisíveis. – Atenção agora, seus cães preguiçosos!

– Mestre de Ferra – chamou Locke –, aquele marinheiro imaginário não está cumprindo com o dever!

– Vou matar você mais tarde, porra, seu estuprador de porco com cérebro de repolho! Segure sua corda e espere minha ordem!

– Mestre Caldris! – Locke girou para o mestre de navegação, que bebia tranquilamente aguarrosa de um odre. – Vire tudo!

– Positivo, senhor. – Ele arrotou e pousou o odre no convés. – Por sua

ordem, virar tudo.

– Içar a mestra! – gritou Locke.

– Soltar bolinas! Soltar estais! – Jean soprou o apito outra vez. – Virar vergas para a bordada a estibordo!

Na mente de Locke, agora a proa do navio estava se inclinando para além do olho da ventania; o bombordo da proa iria se tornar seu sotavento e o vento sopraria vindo de estibordo. As vergas seriam logo firmadas de novo para que as velas aproveitassem o novo aspecto do vento e Caldris reverteria freneticamente o giro do timão. O *Mensageiro Vermelho* precisaria estabilizar o novo rumo. Se fosse pressionado demais a bombordo, eles poderiam ir na direção oposta à pretendida, com as velas fixadas de modo inadequado. Teriam sorte se ficassem apenas embaraçados com o fiasco.

– Virar tudo! – gritou de novo.

– Sim, senhor! – exclamou Caldris. – Ouvi direito o capitão na primeira vez.

– Prender cabos! Prender estais! – Jean soprou o apito. – Ao largo, seus vermes da porra!

– Agora estamos na bordada de estibordo, capitão – informou Caldris. – Surpreendentemente, não perdemos o navio nos estais e viveremos por mais uma hora.

– É, mas nem um pouco graças a este maldito marinheiro imaginário! – Locke fingiu agarrar um homem e forçá-lo contra o convés. – Qual é a droga do problema, seu vermezinho de porão vagabundo?

– O imediato De Ferra bate em mim com muita crueldade! – berrou Jean com voz esganiçada. – Ele é um sujeito monstruoso e mau, que me faz ter vontade de virar sacerdote e nunca mais pôr um pé a bordo!

– Claro que bate! É para isso que eu pago a ele. – Locke fingiu erguer uma faca. – Pelos seus crimes, juro que você vai morrer neste convés, a não ser que possa responder a duas malditas perguntas! Primeiro: onde, diabos, está minha tripulação *não imaginária*? E segundo, por que, em nome de todos os deuses, eu deveria me exercitar usando a porcaria desse uniforme?

Sobressaltado, ele parou de atuar devido ao som de aplausos. Deu meia-volta e viu Merrane parada ao lado do portão na amurada do navio; ela havia subido a rampa em silêncio absoluto.

– Ah, maravilhoso! – Ela sorriu para os três homens no convés, curvou-se e pegou a gatinha, que se movera imediatamente para atacar suas

elegantes botas de couro. – Muito convincente. Mas seu pobre marinheiro invisível não tem as respostas que você busca.

– Você veio aqui para dizer o nome de alguém que tem?

– O Arconte ordena que amanhã você controle as velas de um dos barcos particulares dele. Quer ver uma demonstração de sua habilidade antes que você receba as ordens finais para o mar. Ele e eu seremos passageiros. Se você puder manter nossa cabeça acima d'água, ele vai mostrar onde está a tripulação. E dizer por que mandamos você treinar com esse uniforme.

CAPÍTULO SETE

Zarçando

1

Um guarda andava de um lado para outro no cais na base da ilha solitária. Sua lanterna emitia uma luz amarela e suave que ondulava na água preta quando Locke lhe jogou uma corda de dentro da pequena lancha. Em vez de amarrá-la, o guarda baixou a lanterna em direção a Locke, Jean e Caldris.

– Esta doca é estritamente de... Ah, pelos deuses. Peço desculpas, senhor.

Locke sorriu, sentindo a autoridade do uniforme de capitão verrari envolvendo-o como um cobertor quente. Segurou uma estaca e alçou-se para o cais. O guarda o saudou desajeitadamente com a lanterna atravessada diante do peito.

– Que os deuses defendam o Arconte de Tal Verrar – entoou Locke. – Vá em frente. É seu serviço interpelar os barcos estranhos à noite, soldado.

Enquanto o soldado amarrava a lancha a uma estaca, Locke estendeu a mão para baixo e ajudou Jean a subir. Movendo-se com graça, já acostumado à fantasia, Locke passou por trás do guarda, desenrolou um capuz de traficante de dentro do paletó, enfiou-o na cabeça do soldado e puxou a corda com força.

– Os deuses sabem que você jamais verá alguém mais estranho do que nós.

Jean segurou o soldado pelos ombros, pois as drogas dentro do capuz já faziam seu serviço. Ele não tinha a constituição do último homem que Locke havia tentado nocautear com um capuz daqueles e relaxou depois de apenas alguns segundos de luta sufocada. Quando Locke e Jean o amarraram firmemente à estaca da outra extremidade do cais e enfiaram um

trapo em sua boca, ele estava dormindo em paz.

Caldris saiu do barco, pegou a lanterna do guarda e começou a andar com ela.

Locke olhou para a torre de pedra que era seu destino: sete andares, as ameias iluminadas em laranja por faróis de navegação alquímicos que alertavam os navios. Normalmente, haveria guardas na parte de cima também, vigiando as águas e o cais, mas Stragos havia providenciado para que isso não acontecesse.

– Venha, então – sussurrou Locke a Jean. – Vamos entrar e fazer um pouco de recrutamento.

2

– Chama-se Rocha de Barlavento – informou Stragos.

Ele apontou a torre de pedra que se projetava da pequena ilha, talvez à distância de uma flechada da linha de espumas brancas e sibilantes que marcavam a barreira externa de recifes de Tal Verrar. Estavam flutuando ancorados a 20 pés, a cerca de 1,5 quilômetro da Marina de Prata. O sol quente da manhã começava a subir acima da cidade atrás deles, criando degraus de luz suave a partir das camadas de névoa enfumaçada.

Fiel à palavra de Merrane, Stragos havia chegado ao alvorecer numa lancha de 30 pés feita de madeira preta polida, com assentos confortáveis de couro na popa e arabescos de folha de ouro em cada superfície. Locke e Jean receberam o comando das velas com supervisão mínima de Caldris enquanto Merrane ficava sentada na proa. Locke se perguntara se ela ficava confortável em algum outro lugar.

Tinham velejado para o norte, depois rodearam a Marina de Prata e viraram para o oeste, perseguindo a última sombra azul do céu noturno no horizonte distante.

Seguiram por alguns minutos até que Merrane assobiou, chamando a atenção de todos, e apontou à esquerda, por cima da proa de estibordo. Uma estrutura alta e escura podia ser vista erguendo-se acima das águas ao longe. Luzes laranja brilhavam no topo.

Baixaram âncora para observar a torre solitária. Stragos não elogiou o modo como Locke e Jean controlavam a embarcação, mas também não

criticou.

– Rocha de Barlavento – repetiu Jean. – Ouvi falar nela. É uma espécie de fortaleza.

– É uma prisão, mestre de Ferra.

– Vamos visitá-la esta manhã?

– Não. Vocês vão voltar e desembarcar em breve. Por enquanto, só queria que vocês a vissem... e queria lhes contar uma pequena história. Tenho em meu serviço um capitão particularmente indigno de confiança que até agora fez um trabalho esplêndido escondendo suas falhas.

– As palavras não podem expressar o quanto lamento saber disso – falou Locke.

– Ele vai me trair – continuou Stragos. – Seus planos, durante meses, têm como objetivo uma traição grandiosa. Ele vai me roubar algo de grande valor e virá-lo contra mim, para que todos vejam.

– Você deveria tê-lo vigiado com mais atenção – murmurou Locke.

– E vigiei. E estou vigiando agora mesmo. O capitão de quem falo é você.

3

A Rocha de Barlavento tinha apenas uma porta dupla, reforçada com ferro, de mais de 3 metros de altura, trancada e guardada pelo lado de dentro. Um pequeno painel se abriu deslizando ao lado deles quando Locke e Jean apareceram e uma cabeça iluminada por uma lanterna surgiu. A voz da guarda era desprovida de arrogância.

– Quem é?

– Um oficial do Arconte e do Conselho – respondeu Locke com formalidade ritual. – Este homem é meu contramestre. Aqui estão minhas ordens e meus papéis.

Ele entregou à mulher um conjunto de documentos enrolados num tubo. Ela fechou o painel e Locke e Jean esperaram em silêncio durante vários minutos, ouvindo a passagem murmurante das espumas sobre os recifes próximos. Duas luas começavam a nascer, dourando o horizonte sul com prata, e as estrelas salpicavam o céu sem nuvens como açúcar de confeitiro lançado numa tela preta.

Por fim, houve um estalo metálico e a porta pesada girou para fora nas

dobradiças rangentes. A guarda saiu, saudando-os, mas não devolveu os papéis de Locke.

– Peço desculpas pela demora, capitão Ravelle. Bem-vindo à Rocha de Barlavento.

Locke e Jean a acompanharam pelo corredor de entrada da torre, que era dividido em dois por uma grade de ferro preta. Do lado oposto, um homem barbeado e bonito atrás de uma escrivaninha de madeira tinha o controle do mecanismo que fechava a porta.

Assim como a mulher, o homem usava o azul do Arconte sob uma armadura de couro preto cheia de rebites: braçadeiras, colete e proteção de pescoço. Atrás das barras, recebeu os documentos de Locke das mãos da guarda.

– Capitão Orrin Ravelle – informou ela. – E seu contramestre. Vieram por ordem do Arconte.

O homem examinou longamente os papéis antes de assentir e devolvê-los.

– Claro. Boa noite, capitão Ravelle. Este homem é o seu contramestre, Jerome Valora?

– Sim, tenente.

– Os senhores vieram ver os prisioneiros da segunda câmara? Alguém em particular?

– Só um exame geral, tenente.

– Como quiser. – O homem pegou uma chave pendurada no pescoço, abriu o único portão que havia na grade e foi na direção deles, sorrindo. – Ficamos felizes em dar qualquer ajuda que o Protetor peça, senhor.

– Duvido muito – replicou Locke, deixando um punhal escorregar para a mão esquerda.

Estendeu a mão e deu um corte atrás da orelha direita da guarda, atravessando a pele desprotegida entre a guarda do pescoço e o cabelo bem preso. Ela gritou, girou e, num instante, já estava com o sabre de aço enegrecido desembainhado.

Jean derrubou o homem antes mesmo que a lâmina da mulher surgisse; o sujeito soltou um ruído surpreso e engasgado quando Jean jogou-o contra as barras e lhe deu um golpe forte no pescoço com a lateral da mão direita. A armadura de couro evitou a morte, mas não diminuiu o choque do impacto. Ofegando, o guarda teve facilmente os braços imobilizados.

Locke saltou para trás, afastando-se das investidas da espada. O primeiro ataque foi rápido e quase preciso. O segundo foi um pouco mais lento e Locke não teve problema em se esquivar. Ela se preparou para um terceiro, pisou em falso e tropeçou nos próprios pés. Sua boca se abriu, demonstrando confusão.

– Seu... escroto... – murmurou ela. – Ve... vene... no.

Locke se encolheu quando ela caiu de rosto no chão; ele pretendia ampará-la, mas a substância na lâmina agira mais rápido do que ele havia esperado.

– Seu desgraçado. – O tenente tossiu, debatendo-se inutilmente. – Você a matou!

– Claro que não matei, seu imbecil. Sinceramente, vocês... é só pegar uma faca por aqui e todo mundo logo acha que a gente matou alguém. – Locke se levantou diante do guarda e mostrou o punhal. – O negócio que está no gume se chama Geladestrea. Você tem uma boa noite de sono, acorda por volta do meio-dia. E aí se sente péssimo. Peço desculpas. Então, quer no pescoço ou na palma da mão?

– Seu... seu traidor desgraçado!

– No pescoço.

Locke fez um corte raso logo atrás da orelha esquerda do sujeito e mal contou até oito antes que ele estivesse pendendo nos braços de Jean, mais frouxo do que seda molhada. Jean pousou o tenente com gentileza e tirou um pequeno molho de chaves do cinto dele.

– Certo – disse Locke. – Vamos visitar a segunda câmara.

4

– Ravelle não existia até um mês atrás – explicou Stragos. – Até que eu tivesse você, para construir a mentira. Uma dúzia dos meus homens e mulheres de maior confiança vão jurar que ele era real, que compartilharam tarefas e refeições com ele, que falavam sobre trabalho e amenidades na companhia dele. Meus esmiuçadores forjaram ordens, listas de serviço, pagamentos e outros documentos e os espalharam nos meus arquivos. Homens usando o nome de Ravelle alugaram quartos, compraram mercadorias, encomendaram uniformes sob medida que foram entregues na

Marina da Espada. Quando eu estiver enfrentando as consequências de sua traição, ele vai parecer real tanto em fatos quanto em memória.

– Consequências? – perguntou Locke.

– Ravelle vai me trair, assim como a capitã Bonaire me traiu ao tirar o meu *Basilisco* do porto há sete anos e içar uma bandeira vermelha. Isso vai acontecer de novo... Duas vezes com o mesmo Arconte. Serei ridicularizado em alguns lugares durante um tempo. Uma perda temporária em troca de um ganho de longo prazo. – Ele se encolheu. – Não pensou na reação pública ao que estou tramando, mestre Kosta? Eu pensei.

– Pelos deuses, Maxilan – disse Locke, brincando distraidamente com um nó num dos cabos que prendiam a vela mestra da embarcação. – Preso no mar, fingindo dominar uma profissão para a qual não sou competente, lutando pela vida com a porra do seu veneno nas veias, irei mantê-lo nas minhas orações por causa das suas dificuldades.

– Ravelle também é um asno – retrucou o Arconte. – Tratei de escrever isso especificamente na história dele. Agora, algo que você deve saber sobre Tal Verrar: os guardas do *Priori* guardam a Cadeia da Cidadela Alta na *Castellana*. A maior parte dos prisioneiros da cidade vai para lá. Ainda que a Rocha de Barlavento seja muito menor, ela é minha. Viguada e provisionada apenas por meu pessoal.

O Arconte sorriu.

– É onde a traição de Ravelle alcançará o ponto sem volta. É lá, mestre Kosta, que você obterá sua tripulação.

5

Como Stragos avisara, havia um guarda adicional a ser desarmado no primeiro nível de celas atrás do corredor de entrada, ao pé de uma ampla escada espiral feita de ferro preto. A parte da torre acima da terra era destinada a guardas e luzes alquímicas; o verdadeiro propósito da Rocha de Barlavento encontrava-se nas três câmaras antigas de pedra que ficavam muito abaixo do nível do mar, nas raízes da ilha.

O homem os viu chegando e logo se alarmou, pois, sem dúvida, o fato de Locke e Jean descerem sozinhos era uma violação dos procedimentos. Jean o aliviou da espada quando ele o atacou escada acima, depois o chutou no

rosto e o reteve no chão. O mês de exercícios de Jean sob os caprichos de Caldris pareciam ter deixado sua força mais taurina do que nunca e Locke quase sentiu pena do pobre coitado que se debatia. Locke lhe deu um pouco de Geladestrezza e assobiou alegremente.

E o turno da noite contava apenas com isso, uma força mínima sem cozinheiros ou outros auxiliares: um guarda no cais, dois no corredor de entrada, um no primeiro nível de celas. Os dois que estavam no telhado, por ordem direta de Stragos, teriam tomado chá com droga e caído no sono. Seriam encontrados pelos substitutos de manhã com uma desculpa plausível para a incapacidade e outra linda camada de confusão seria lançada sobre a situação.

Não eram mantidos barcos na Rocha de Barlavento, por isso, mesmo que os prisioneiros pudessem escapar das celas com barras de ferro engastadas nas paredes úmidas das antigas câmaras e passar livres pelo corredor de entrada e pela única porta reforçada, enfrentariam o problema de nadar por pelo menos 1,5 quilômetro de mar aberto, observados com interesse por muitas coisas nas profundezas, ansiosas por uma refeição.

Locke e Jean ignoraram a porta de ferro que dava nas celas do primeiro nível, continuando a descida pela escada em espiral. O ar era úmido, fedendo a sal e corpos imundos. Depois da porta de ferro do segundo nível, viram-se numa câmara dividida em quatro celas enormes, longas e de teto baixo, duas de cada lado, tendo no centro um corredor de 4,5 metros.

Apenas uma das celas era ocupada; dezenas de homens dormiam à luz verde-clara de globos alquímicos postos no alto das paredes. O ar ali dentro era muito fétido, denso com os odores de roupas de cama sujas, urina e comida rançosa. Leves fiapos de névoa se enroscavam em volta dos prisioneiros. Alguns olhares cautelosos acompanharam Locke e Jean em sua chegada à cela.

Locke assentiu para Jean e o grandalhão começou a bater os punhos contra as barras da porta. O clamor era agudo, ecoando insuportavelmente nas paredes da câmara que pingavam água. Prisioneiros incomodados se levantaram dos estrados sujos, xingando e gritando.

– Estão confortáveis aí dentro? – gritou Locke para ser ouvido acima da balbúrdia. Jean parou de bater.

– Estaríamos muito mais confortáveis com um belo capitão verrari aqui pra gente foder – reagiu um prisioneiro perto da porta.

– Não estou com paciência – disse Locke, apontando para a porta por onde Jean e ele haviam chegado. – Se eu sair por aquela porta, não vou retornar.

– Dê o fora, então, e deixe a gente dormir – retrucou um sujeito que parecia um espantalho num canto distante da cela.

– E se eu não retornar, nenhum de vocês, pobres coitados, jamais vai descobrir por que as câmaras um e três têm prisioneiros em todas as celas... enquanto *esta câmara* só tem vocês.

Isso atraiu a atenção deles. Locke sorriu.

– Assim está melhor. Meu nome é Orrin Ravelle. Até alguns minutos atrás, eu era capitão da marinha de Tal Verrar. E o motivo de vocês estarem aqui é porque *eu os escolhi*. Cada um de vocês. *Eu* os escolhi e depois forcei as ordens que os colocaram numa câmara de celas vazia.

6

– Eu escolhi 44 prisioneiros, originalmente – explicou Stragos.

Eles olharam para a Rocha de Barlavento à luz do sol da manhã. Um barco com soldados em uniformes azuis se aproximava dela, ao longe, em tese para substituir o turno atual de guarda.

– Fiz com que só ficassem eles na segunda câmara. Todas as ordens assinadas com “Ravelle” são plausíveis, mas num exame mais detalhado os sinais de falsificação ficarão evidentes. Posso usar isso mais tarde como uma desculpa adequada para prender vários burocratas cujas lealdades não são... suficientemente adequadas para meu gosto.

– Bem eficiente – comentou Locke.

– É. Todos os prisioneiros são marinheiros de primeira, tirados de navios confiscados por vários motivos. Uns estão presos há alguns anos. Muitos são na verdade ex-tripulantes do seu *Mensageiro Vermelho*, que tiveram sorte de não ser executados com os oficiais. Alguns podem até ter experiência em pirataria.

– Por que manter os prisioneiros na Rocha? – perguntou Jean. – Quero dizer, em geral.

– Provisão para os remos – respondeu Caldris. – É uma coisa boa de se ter à mão. Se acontecer uma guerra, eles serão totalmente perdoados se

concordarem em trabalhar como remadores de galeras o tempo todo. A Rocha costuma ter o suficiente para duas galeras na maior parte do tempo.

– Caldris tem razão – falou Stragos. – Bom, como eu disse, alguns desses homens estão lá há vários anos, mas nenhum jamais teve de suportar condições parecidas com as do último mês. Eu fiz com que fossem privados de tudo, desde roupas de cama limpas até refeições regulares. Os guardas foram cruéis, incomodando o sono deles com ruídos altos e baldes de água fria. Assim, não há um homem entre eles que não odeie a Rocha de Barlavento e Tal Verrar. Que não *me* odeie. Pessoalmente.

Locke assentiu devagar.

– E é por isso que você espera que eles recebam Ravelle como salvador.

7

– Você foi o responsável por nos enfiar neste inferno, sua porra de lambedor de cu verrari?

Um dos prisioneiros agarrou as barras; as dificuldades passadas na cela ainda não haviam arruinado um corpo apavorantemente parecido com o das estátuas heroicas da antiguidade. Locke supôs que ele tivesse chegado havia pouco tempo: seus músculos pareciam esculpidos em madeira-bruxa, a pele e o cabelo eram pretos o bastante para rechaçar a luz verde-clara, como se a desdenhassem.

– Eu sou o responsável por transferir vocês para esta câmara – respondeu Locke. – Não fui eu que os prendi. Não arranjei o tratamento que estão recebendo.

– *Tratamento* é uma palavra muito chique.

– Qual é o seu nome?

– Jabril.

– Você está no comando?

– De quê? – Parte da raiva do sujeito pareceu se esvaír, transformando-se em resignação cansada. – Ninguém está no comando de porra nenhuma atrás de barras de ferro, *capitão* Ravelle. A gente mija onde dorme. Não temos listas de chamada nem turnos de serviço.

– Todos vocês são marinheiros.

– A gente *era* marinheiro – respondeu Jabril.

– Eu sei o que vocês são. Caso contrário, não estariam aqui. Pensem nisso: os ladrões são soltos. Vão para a Cidadela Oeste, fazem serviços forçados, viram escravos até se arruinarem ou serem perdoados. Mas até eles veem o céu. Até as celas deles têm janelas. Os devedores ficam livres quando suas dívidas são pagas. Os prisioneiros de guerra vão para casa quando a guerra acaba. Mas vocês, pobres coitados... ficam presos aqui sem necessidade. Vocês são gado. Se houver uma guerra, vocês serão acorrentados a remos e, se não houver guerra... bem...

– Sempre há guerra – replicou Jabril.

– Faz sete anos desde a última. – Locke foi até as barras diante de Jabril e olhou-o nos olhos. – Talvez demore mais sete anos. Talvez não chegue nunca. Você quer mesmo envelhecer nessa cela, Jabril?

– Qual é a alternativa... capitão?

– Alguns de vocês vieram de um navio que foi confiscado recentemente. Seu capitão tentou contrabandear um ninho de vespas-estilete.

– O *Risco Afortunado* – confirmou Jabril. – Prometeram um monte de ouro pra gente por aquele serviço.

– Aquelas porras mataram oito homens durante a viagem – completou outro prisioneiro. – A gente pensou que ia ficar com a parte deles.

– Por acaso eles tiveram sorte – continuou Jabril. – Não precisaram receber a parte deles deste lugar amaldiçoado pelos deuses.

– O *Risco Afortunado* está ancorado na Marina da Espada – explicou Locke. – Foi rebatizado como *Mensageiro Vermelho*. Reformado, com suprimentos, calafetado e fumigado. Foi embelezado. O Arconte pretende tomá-lo para serviço pessoal.

– Bom para o maldito Arconte.

– Eu vou comandá-lo. Ele está à minha disposição. Eu tenho as chaves, por assim dizer.

– Que porra você quer?

– Agora é meia-noite e meia – respondeu Locke, baixando a voz até um sussurro teatral que ecoou dramaticamente no fundo da cela. – A rendição da manhã só vai chegar daqui a seis horas. E cada guarda na Rocha de Barlavento está... no momento... inconsciente.

Os olhos se arregalaram na cela. Homens se levantaram dos estrados e se comprimiram perto das barras, formando um grupo desorganizado mas atento.

– Vou partir de Tal Verrar esta noite. É a última vez que uso este uniforme. Vou abandonar o Arconte e tudo o que ele representa. Pretendo tomar o *Mensageiro Vermelho* e, para isso, preciso de uma tripulação.

A massa de prisioneiros explodiu num tumulto de empurra-empurra e falas atabalhoadas. Locke recuou diante das mãos estendidas através das barras.

– Eu sou gajeiro! – gritou um dos presos. – Excelente gajeiro! Me leve!

– Passei nove anos no mar! – berrou outro. – Faça qualquer coisa!

Jean se aproximou e bateu de novo na porta da cela.

– SILÊNCIO!

Locke levantou o molho de chaves que Jean havia tomado do tenente no corredor de entrada.

– Vou navegar para o sul pelo Mar de Bronze. Vou para Porto Pródigo. Este não é um assunto para ser votado ou negociado. Se forem comigo, vocês vão navegar sob a bandeira vermelha. Se quiserem sair ao chegarmos às Ilhas dos Ventos Fantasmas, tudo bem. Até lá, estão de serviço para dinheiro e saques. Não há espaço para preguiçosos. A divisão vai ser igual.

Isso lhes daria algo para ponderar, pensou Locke. Um capitão flibusteiro costumava pegar de duas a quatro partes em cada dez de qualquer saque no mar. A simples ideia de cotas iguais para todos aplacaria muitos desejos de motim.

– *A divisão vai ser igual* – repetiu, sobrepondo-se a outra explosão de falas. – Mas decidam aqui e agora. Jurem a mim como seu capitão e eu os liberto imediatamente. Tenho meios de tirá-los desta rocha e levá-los ao *Mensageiro Vermelho*. Teremos horas de escuridão para sair do porto e nos distanciarmos bem. Se não quiserem vir, tudo bem. Mas nesse caso não haverá cortesias. Vocês ficarão aqui. Talvez a guarda de manhã fique impressionada com a honestidade de vocês... mas duvido. Quem vai desistir?

Nenhum prisioneiro se manifestou.

– Quem ficará livre e entrará para a minha tripulação?

Locke se encolheu com a explosão de gritos animados, depois se permitiu um sorriso largo, genuíno.

– Todos os deuses são suas testemunhas! Dos seus lábios e seus corações.

– O juramento está feito – garantiu Jabril, e os que estavam ao redor assentiram.

– Então cumpram-no ou rezem para morrer, condenados e considerados

devedores na balança da Dama do Longo Silêncio.

– Vamos cumprir! – assegurou um coro de gritos.

Locke entregou o molho de chaves a Jean. Os prisioneiros ficaram olhando em êxtase ou incredulidade enquanto ele encontrava a chave certa, enfiava-a na fechadura e a girava com força para a direita.

8

– Há um problema – afirmou Stragos.

– Só um? – Locke revirou os olhos.

– Só restam quarenta dos quarenta e quatro que eu escolhi.

– Como isso vai atender às necessidades do navio?

– Temos comida e água para cem dias com sessenta tripulantes – interveio Caldris. – E o navio pode ser bem manobrado com metade desse número. Assim que tivermos distribuído todos, vamos estar bem em termos de marinheiros nos cabos.

– Vão, sim – confirmou Stragos. – As quatro que faltam são mulheres. Eu as havia colocado numa cela separada. Uma delas teve febre de cadeia e logo todas contraíram. Não tive opção a não ser levá-las para a terra; estão fracas demais para levantar os braços, quanto mais para participar desta expedição.

– Teremos de ir para o mar sem nenhuma mulher a bordo – disse Caldris. – Merrane não vem conosco, então?

– Infelizmente, meu talentos serão exigidos em outro lugar – respondeu ela com voz doce.

– Isso é loucura! – exclamou Caldris. – Nós vamos provocar o Pai das Tormentas!

– Vocês podem encontrar mulheres para a tripulação em Porto Pródigo, talvez até boas oficiais. – Stragos espalmou as mãos. – Certamente vocês vão ficar bem durante uma única viagem até lá.

– Eu gostaria de dizer o mesmo – falou Caldris, com olhar assombrado. – Mestre Kosta, esse é um modo ruim de começar. Precisamos ter gatos. Um cesto de gatos para o *Mensagem Vermelho*. Precisamos de toda a sorte que pudermos roubar. Todos os deuses são testemunhas, o senhor *não pode deixar* de ter gatos a bordo daquele navio antes de zarparmos.

– E não deixarei mesmo – garantiu Locke.

– Então está resolvido – continuou Stragos. – Veja bem, Kosta. Com relação à... profundidade de sua farsa. Para o caso de você ter alguma dúvida. Nenhum dos homens que você vai recrutar na Rocha de Barlavento serviu na minha marinha, por isso eles têm pouca ideia do que esperar de um dos meus oficiais. E em pouco tempo você será Ravelle, o pirata, e não Ravelle, o capitão, por isso pode fazer a representação do modo que achar mais adequado e não se preocupar muito com detalhes pequenos.

– Isso é bom – disse Locke. – Já tenho detalhes suficientes atulhando a cabeça.

– Tenho uma última condição – prosseguiu Stragos. – Os homens e mulheres que servem na Rocha de Barlavento, até os que não fazem parte desta trama, estão entre os meus melhores e mais leais servidores. Vou fornecer meios para vocês os deixarem fora de combate sem dano permanente. *De jeito nenhum* eles devem ser feridos de outro modo, nem por vocês nem por sua tripulação, e que os deuses os ajudem se vocês matarem algum.

– Sentimentos curiosos para um homem que diz não ser estranho aos riscos.

– Eu os mandaria para a batalha a qualquer momento, Kosta, e eu os perderia de boa vontade. Mas ninguém que use meus uniformes honestamente vai morrer como parte desta coisa; pelo menos isso minha honra me impele a conceder. Vocês devem ser profissionais. Considerem isso um teste de seu profissionalismo.

– Não somos malditos assassinos – rebateu Locke. – Matamos só se é necessário, isso quando matamos.

– Tanto melhor. Isso é tudo o que tenho a dizer, então. Hoje, sintam-se livres para fazerem o que quiserem. Amanhã, logo antes da meia-noite, vocês vão desembarcar na Rocha de Barlavento e dar início ao negócio.

– Precisamos do nosso antídoto – lembrou Locke, e Jean e Caldris assentiram.

– Claro. Vocês três receberão os últimos frascos logo antes de partirem. Depois... devo esperar seu primeiro retorno dentro de dois meses. E um relatório do progresso.

Os Nobres Vigaristas conseguiram organizar precariamente sua nova tripulação no corredor de entrada. Jean precisou demonstrar sua força física a vários homens que tentaram liberar as frustrações contra os guardas adormecidos.

– Eu disse que, se tocassem neles, vocês iriam ver – rosnou Locke pela terceira vez. – Deixem eles pra lá! Se deixarmos alguém morto para trás, vamos perder qualquer simpatia. Deixem eles viverem e Verrari vai rir disso por meses seguidos. Agora, saiam em silêncio para o cais. Vão com calma, estiquem as pernas, deem uma boa olhada no mar e no céu. Tenho um barco para pegar antes de irmos. Pelo bem de todos nós, mantenham a boca fechada.

Eles obedeceram em parte a essa ordem, dividindo-se em pequenos grupos que sussurravam ao saírem da torre. Locke notou que alguns homens ficaram para trás, perto da porta, com as mãos apoiadas nas pedras, como se tivessem medo de sair para o ar livre. Era compreensível, após meses ou anos na câmara.

– Isso é lindo – comentou Jabril, andando ao lado de Locke até o cais onde Caldris continuava indo de um lado para outro com sua lanterna. – Lindo pra caralho. Quase tão lindo quanto não ter de sentir o cheiro de todos nós ao mesmo tempo.

– Vocês vão estar apinhados em pouco tempo – recordou Locke.

– É. É a mesma coisa, mas diferente.

– Jabril – Locke levantou a voz –, com o tempo, à medida que passarmos a conhecer nossos pontos fortes, podemos fazer eleições de verdade para alguns dos oficiais de que vamos precisar. Por enquanto, nomeio você ajudante interino.

– Ajudante de quê?

– De qualquer coisa. – Locke sorriu e deu-lhe um tapa nas costas. – Não estou mais na marinha, lembra? Você vai prestar contas ao Jerome. Mantenha os homens em ordem. Tire as armas daquele soldado amarrado no cais, para o caso de precisarmos sacar algum aço esta noite. Não espero uma luta, mas devemos estar preparados.

– Boa noite, capitão Ravelle – cumprimentou Caldris. – Vejo que conseguiu pegá-los, como planejou.

– É. Jabril, este é Caldris, meu mestre de navegação. Caldris, Jabril será ajudante interino, sob as ordens de Jerome. Ouçam! – Locke levantou a voz

sem gritar, para que não ecoasse sobre as águas até ouvidos ocultos. – Vim com um bote para seis. Tenho aqui perto um barco para quarenta. Preciso de dois homens para me ajudar a remar. Vamos demorar menos de meia hora e depois partiremos.

Dois prisioneiros mais jovens se adiantaram, parecendo ansiosos por qualquer coisa que os aliviasse do tédio que haviam passado.

– Certo – disse Locke, descendo até o bote atrás de Caldris e dos dois marinheiros. – Jerome, Jabril, mantenham a ordem e o silêncio. Tentem separar os que podem trabalhar imediatamente dos que vão precisar de alguns dias para recuperar as forças.

Ancorada a 800 metros da Rocha de Barlavento, estava uma lancha comprida, invisível ao luar, até que a lanterna de Caldris a encontrou a uns 50 metros de distância. Locke e Caldris trabalharam às pressas para ajustar a pequena vela do barco; devagar mas com firmeza, voltaram em direção à Rocha com os dois ex-prisioneiros remando na pequena embarcação ao lado deles. Locke olhou ao redor, nervoso, vendo uma ou duas velas reluzindo pálidas nos horizontes distantes, porém nada mais perto.

– Ouçam bem – falou quando a lancha estava atracada abaixo do cais e cercada por sua futura tripulação.

Estava agradavelmente surpreso com a rapidez com que eles haviam se encaixado nas tarefas imediatas. Claro, fazia sentido: eram tripulantes de navios confiscados, e não bandidos presos por crimes individuais. Isso não os tornava santos, mas era bom ter algo imprevisto funcionando a favor, para variar.

– Os que estão em condições, peguem os remos. Não fiquem sem graça por não terem capacidade por enquanto; sei que alguns de vocês ficaram lá embaixo por muito tempo. Sentem-se no meio da lancha e vão com calma. Vocês podem se recuperar na viagem de ida. Temos comida suficiente.

Isso os alegrou. Assim que estivessem no mar, Locke sabia, a condição das rações poderia se aproximar da gororoba da prisão que eles estavam deixando para trás, mas durante alguns dias teriam um suprimento de carne fresca e legumes.

Os ex-prisioneiros embarcaram ordeiramente na lancha; logo as amuradas estavam ocupadas pelos que diziam ter condições e os remos iam sendo enfiados nos toletes. Jabril assumiu a proa, acenando para Locke e Caldris quando tudo estava pronto.

– Certo – disse Locke. – O *Mensageiro* está ancorado ao sul da Marina da Espada, no lado voltado para o mar, e só falta a tripulação. Um guarda está de vigia durante a noite e eu vou cuidar dele. Basta nos seguirem e subirem a bordo assim que eu fizer isso; as redes estão baixadas pelo costado e as defesas estão guardadas.

Locke ocupou a proa do barquinho e assumiu uma postura que esperava ser adequadamente régia. Jean e Caldris pegaram os remos e os últimos dois prisioneiros sentaram-se na popa, um deles segurando a lanterna de Caldris.

– Digam adeus à Rocha de Barlavento, rapazes – falou Locke. – E digam um foda-se ao Arconte de Tal Verrar. Vamos para o oceano.

10

Uma sombra dentro de sombras observava a partida dos dois barcos.

Merrane saiu de sua posição ao lado da torre e deu um aceno enquanto as formas longas e cinzentas diminuíaam ao sul. Soltou o lenço de pescoço de seda preta que cobria a parte de baixo do rosto e empurrou para trás o capuz da jaqueta preta; se deitara nas sombras durante quase duas horas, esperando pacientemente que mestres Kosta e De Ferra terminassem seus negócios. Seu próprio barco estava escondido atrás de um afloramento rochoso no lado leste da ilha, pouco mais do que uma casca de couro tratado sobre uma estrutura de madeira. Mesmo ao luar, era quase invisível na água.

Entrou em silêncio no corredor da prisão, encontrando os dois guardas onde já se esperava, esparramados descuidadamente nos braços do sono do Geladestreza. Fiéis aos desejos do Arconte, Kosta e De Ferra haviam impedido que eles fossem maltratados.

– Desculpe por isto – sussurrou ela, ajoelhando-se junto ao tenente e passando um dedo enluvado pelas bochechas dele. – Você é bonito.

Suspirou, tirou uma faca da bainha dentro da jaqueta e cortou a garganta do sujeito com um golpe rápido. Movendo-se rapidamente para evitar a poça crescente de sangue, limpou a lâmina no calção do guarda e contemplou a mulher caída, atravessada no corredor.

Os dois no topo da torre poderiam viver; não seria plausível alguém ter subido a escada e ido atrás deles. Mas ela poderia matar o que estava no cais,

os dois dali e o que devia estar lá embaixo.

Isso bastaria, pensou. Não que desejasse que Kosta e De Ferra fracassassem. Mas se eles voltassem com sucesso da missão, o que impediria Stragos de lhes dar outra tarefa? O veneno os transformava em ferramentas indefinidamente. E, se eles *pudessem* retornar vitoriosos, bom... era melhor que homens assim estivessem mortos se não pudessem ser usados a favor dos interesses aos quais ela servia.

Decidida, partiu para terminar o serviço. O pensamento de que, pela primeira vez, seria totalmente indolor, foi um consolo no trabalho.

11

– Capitão Ravelle!

O soldado era um dos escolhidos a dedo pelo Arconte para participar da farsa. Ele fingiu surpresa quando Locke apareceu no convés do *Mensageiro Vermelho* seguido por Jean, Caldris e os dois ex-prisioneiros. A lancha apinhada de homens batia a estibordo do navio.

– Eu não o esperava de volta esta noite, senhor... Senhor, o que está acontecendo?

– Tomei uma decisão – respondeu Locke, aproximando-se do soldado. – Este navio é bom demais para o Arconte. Por isso, vou tirá-lo dos cuidados dele e levá-lo para o mar.

– Ei, espere aí... espere, senhor, isso não é engraçado.

– Depende de em que pé estão as coisas – disse Locke, e deu um soco fingido na barriga do soldado. – Depende de se você está em pé.

Seguindo o combinado, o homem fez uma imitação bastante digna de crédito de ter recebido um soco devastador e caiu de costas no convés, retorcendo-se. Locke riu. Que isso impressionasse sua nova tripulação.

Os marinheiros tinham começado a subir pelas redes de abordagem a estibordo. Locke tirou a espada, o pequeno escudo e as facas do soldado, depois se juntou a Jean e Caldris apertado da amurada, para ajudar os homens a subir.

– O que vai ser feito com a lancha, capitão? – perguntou Jabril, passando sobre a amurada.

– É grande demais para carregarmos nesta coisinha – disse Locke, e

apontou um polegar, por cima do ombro, na direção do guarda “dominado”.

– Vamos deixá-lo à deriva na lancha. Jerome!

– Sim, senhor.

– Veja se todo mundo subiu e junte todos no convés. Mestre Caldris! O senhor é quem mais conhece a embarcação por enquanto. Traga luz pra gente.

Caldris pegou lanternas alquímicas num armário perto do timão e, com a ajuda de Locke, pendurou-as no convés até haver luz dourada e suave mais do que suficiente para trabalhar. Jean pegou seu pequeno apito e deu três toques curtos. Em instantes, estava com a tripulação toda na parte central do navio, diante do mastro principal. Locke se postou diante deles, despiu seu casaco de oficial verrari e jogou-o no mar. Eles aplaudiram.

– Agora precisamos nos apressar sem sermos descuidados. Os que não se acham em condições de trabalhar, ergam as mãos! Não precisam ter vergonha, rapazes.

Locke contou nove mãos. A maioria dos homens que as levantou eram visivelmente idosos ou estavam magros demais para ter boa saúde, e Locke assentiu.

– Não nos ressentimos de sua honestidade. Vocês vão assumir sua parte do trabalho quando estiverem em forma de novo. Por agora, achem um lugar no convés principal aí embaixo ou sob o castelo de proa. Há esteiras e lonas no porão. Podem dormir ou assistir à festa como quiserem. Alguém aí sabe cozinhar alguma coisa?

Um dos homens atrás de Jabril ergueu a mão.

– Ótimo. Depois que a âncora for levantada, desça e dê uma olhada nas provisões. Temos um fogão de tijolos no castelo de proa, além de uma pedra alquímica e um caldeirão. Queremos fazer uma refeição infernal após passarmos pelos recifes de vidro, portanto mostre alguma iniciativa. E abra um barril de cerveja.

Os homens começaram a comemorar e Jean soprou seu apito para silenciá-los.

– Andem, agora! – Locke apontou a escuridão da ilha de Vidrantigo que se erguia atrás deles. – A Marina da Espada está do outro lado desta ilha e ainda não estamos livres. Jerome! Às barras do cabrestante, e prepare-se para levantar âncora. Jabril! Pegue corda com Caldris e me ajude com este sujeito.

Juntos, Locke e Jabril puseram o soldado “incapacitado” de pé. Locke deu um nó frouxo mas muito convincente em volta das mãos dele com um pedaço de corda fornecido por Caldris; assim que tivessem ido embora, o homem poderia se livrar em alguns minutos.

– Não me mate, capitão, por favor – murmurou o soldado.

– Eu nunca iria matá-lo. Preciso que você leve uma mensagem minha ao Arconte. Diga que ele pode lambar o cu de Orrin Ravelle, que renunciei ao meu posto e que a única bandeira que tremulará no belo navio dele será vermelha.

Locke e Jabril passaram o sujeito por cima da amurada e jogaram-no na lancha, 3 metros abaixo. Ele gritou de dor – sem dúvida genuína – e rolou, mas fora isso, pareceu estar bem.

– Use essas palavras exatas! – gritou Locke, e Jabril gargalhou. – Agora! Mestre Caldris, vamos para o mar!

– Muito bem, capitão Ravelle.

Caldris levou os quatro homens que estavam mais perto para baixo. Sob sua orientação, eles manteriam o cabo da âncora movendo-se suavemente em direção às suas aduchas na coberta inferior.

– Jerome – chamou Locke –, homens ao cabrestante para içar a âncora!

Locke e Jabril reuniram o resto dos tripulantes que estavam em condições junto ao cabrestante, onde as últimas pesadas barras de madeira estavam sendo enfiadas nas aberturas. Jean soprou seu apito e os homens se aglomeraram, ombro a ombro, segurando as barras.

– Levantar âncora! Firmem e empurrem! Firmem e empurrem! Empurrem com força, ela vai chegar logo! – entoou Jean a plenos pulmões, dando-lhes um ritmo para bater os pés e empurrar.

Os homens faziam força no cabrestante, muitos deles mais fracos do que gostariam ou admitiriam, mas o mecanismo começou a girar e o cheiro de corda molhada encheu o ar.

– For-ça! For-ça! Se largarem a âncora, estamos fodidos!

Logo eles conseguiram tirar a âncora da água e Jean mandou um grupo a estibordo da proa, para firmá-la. A maioria dos homens se afastou do cabrestante gemendo e se alongando, e Locke sorriu. Até seus antigos ferimentos pareciam curados depois do exercício.

– Agora! – gritou ele. – Quem navegou neste navio quando ele era o *Risco Afortunado*?

Catorze homens, inclusive Jabril, separaram-se dos outros.

– E quais eram bons gajeiros?

Isso lhe rendeu sete mãos levantadas; estava bom, por enquanto.

– Alguém não é familiarizado com este navio, mas ainda assim fica confortável lá em cima?

Mais quatro se apresentaram e Locke assentiu.

– Bons rapazes. Sabem onde vão estar, então. – Ele pegou um dos que não eram gajeiros pelo ombro e guiou-o em direção à proa. – Vigia de proa. Avise se alguma coisa aparecer na nossa frente. – Apontou o mastro principal para outro homem. – Pegue uma luneta com Caldris; você vai ser o vigia do calcês. Não me olhe assim, você não vai mexer com o cordame. Só fique sentado e acordado.

– Mestre Caldris! – berrou, notando que o mestre de navegação estava de volta ao convés – Sudeste por leste pela passagem nos recifes chamada de Vidrembaixo!

– Sim, senhor. Vidrembaixo. Conheço. – Caldris, é claro, havia planejado antes o rumo através dos recifes de vidro e instruído Locke cuidadosamente com relação às ordens que daria, até estarem fora das vistas de Tal Verrar. – Sudeste por leste.

Jean sinalizou para os onze homens que tinham se apresentado para o serviço nas alturas dos lais de verga, onde as velas enroladas esperavam, pendendo ao luar como finos casulos de insetos enormes.

– Subam para soltar as velas de gávea e joanetes! Esperem a ordem, vejam bem!

– Mestre Caldris! – gritou Locke, incapaz de disfarçar a alegria. – Agora veremos se o senhor conhece o seu serviço!

O *Mensageiro Vermelho* moveu-se para o sul sob o empuxo das velas de gávea e dos joanetes, fazendo bom uso da brisa forte que soprava do continente para o oeste. A proa cortava com facilidade as águas escuras e calmas, e o convés adernava apenas um pouquinho a estibordo. Era um bom começo, pensou Locke – um bom começo de uma aventura louca. Quando havia acomodado a maior parte da tripulação em posições temporárias, tirou alguns minutos junto à amurada de popa, observando os reflexos de duas luas na ondulação suave do rastro de espuma.

– O senhor está se divertindo bastante, capitão Ravelle.

Jean se aproximou da amurada ao lado dele. Os dois ladrões se apertaram

as mãos e riram um para o outro.

– Acho que estou – sussurrou Locke. – Acho que esta é a coisa mais lunática que já fizemos, por isso temos *o direito* de nos divertir.

– Por enquanto, a tripulação parece estar engolindo a lorota.

– Bom, eles acabaram de sair da cadeia. Estão cansados, famintos, agitados. Veremos como estarão afiados quando tiverem alguns dias de comida e exercícios. Pelos deuses, pelo menos não chamei nada pelo nome errado.

– É difícil acreditar que estamos fazendo isso.

– Eu sei. Ainda nem parece real. Capitão Ravelle. Imediato Valora. Diabos, para você foi mais fácil. Ainda não me acostumei às pessoas me chamando de “Orrin”. Você pôde ficar com o “Jerome”.

– Não vi muito sentido em dificultar as coisas para mim. Já tenho você para fazer isso.

– Cuidado agora. Posso ordenar que você seja chicoteado junto à amurada.

– Rá! Um capitão da marinha poderia, talvez. Um imediato pirata não precisa aceitar isso. – Jean suspirou. – Acha que vamos ver terra de novo?

– Sem dúvida eu pretendo. Temos de provocar piratas, arrumar um retorno feliz, humilhar Stragos, encontrar antídotos e roubar Requin. Depois de dois meses no mar, talvez eu comece a ter uma levíssima ideia de *como* fazer isso.

Durante um tempo, observaram Tal Verrar ficando para trás, a aura dos Degraus de Ouro e o brilho de tocha da Agulha do Pecado sumindo atrás da massa mais escura do crescente sudoeste da cidade. Depois, passaram pelo canal de navegação nos recifes de vidro, indo para o Mar de Bronze, para o perigo e a pirataria. Para incitar a guerra e trazê-la para a conveniência do Arconte.

12

– Vela à vista! Vela a dois pontos a bombordo!

O grito veio de cima, na terceira manhã da viagem para o sul. Locke estava sentado em sua cabine, olhando seu reflexo turvo no espelhinho rachado que havia trazido no baú. Antes da partida, usara um pouco de

alquimia de seu kit de disfarces para restaurar a cor natural do cabelo e agora uma fina penugem do mesmo tom aparecia nas bochechas. Ainda não tinha certeza se ia raspá-la, mas com o grito vindo de cima, sua preocupação com a barba sumiu. Num instante, estava fora da cabine, subindo os degraus irregulares da escada escura até sair à luz clara da manhã no tombadilho.

Uma fina camada de nuvens brancas e altas velava o céu azul, como fiapos de tabaco. O vento soprava a bombordo da popa desde que haviam chegado ao mar aberto e o *Mensageiro Vermelho* estava um pouco adernado a estibordo. O oscilar constante e a inclinação do convés eram absolutamente estranhos a Locke, que em sua última – e única – viagem marítima anterior ficara confinado a uma cabine devido à enfermidade. Ele se gabava pelo fato de que a agilidade treinada de ladrão lhe servia um bocado, porém evitava andar muito pelo navio, só para garantir. Pelo menos daquela vez parecia imune ao enjoo, algo pelo qual agradecia fervorosamente ao Guardião Torto. Muitos a bordo não tinham sido tão sortudos.

– O que se passa, mestre Caldris?

– Meus cumprimentos pela bela manhã, capitão. O vigia do calcês diz que temos vela branca a dois pontos a bombordo.

Caldris estava no timão e soltava leves baforadas de um feixe de tabaco barato que fedia a enxofre. Locke franziu o nariz.

Suspirando por dentro e com o maior cuidado possível, Locke pegou sua luneta e foi andando com pressa, passando pelo castelo de proa e chegando à amurada a estibordo da proa. E lá estava: com o casco oculto, um minúsculo ponto branco, praticamente invisível acima do azul-escuro do horizonte distante. Quando voltou ao tombadilho, deparou com Jabril e vários outros marinheiros, esperando seu veredicto.

– Vamos dar uma olhada, capitão? – Jabril soava apenas na expectativa, mas os homens atrás dele pareciam bem ansiosos.

– Querem um gostinho antecipado daquela divisão igualitária, é?

Locke fingiu se concentrar, virando-se para Caldris por tempo suficiente para captar o sinal particular do mestre, que indicou um enfático “não”, como Locke esperava; ele concordava plenamente.

– Não podemos, rapazes. E vocês sabem disso. Ainda nem começamos a arrumar nosso navio; não faz sentido lutar contra outro. Um quarto dos nossos homens ainda está sem condições de trabalhar, quanto mais de lutar.

Temos comida fresca, um navio limpo e todo o tempo do mundo. Melhores chances virão. Mantenha o curso, mestre Caldris.

– Manter o curso, certo.

Jabril aceitou bem; Locke estava descobrindo que o sujeito tinha uma sólida sensatez e um bom conhecimento de quase todos os aspectos da vida num navio, o que o tornava superior a Locke nesse sentido. Era um bom companheiro, outra sorte pela qual agradecer. Já os homens que estavam atrás de Jabril... Locke sabia instintivamente que eles precisavam de alguma ocupação para ajudar a amenizar o desapontamento.

– Streva – disse ao mais novo –, solte a barquilha. Mal, cuide da ampulheta. Reportem-se ao mestre Caldris. Jabril, você sabe usar um arco recurvo?

– Sim, capitão. Curto, recurvo, longo. Tenho mira decente com qualquer um.

– Tenho dez deles num armário no porão de popa. Deve ser fácil achar. E umas duzentas flechas. Monte uns alvos com lona e palha. Ponha na proa, assim ninguém vai levar uma surpresa desagradável na bunda. Comece a treinar os rapazes em grupos, todo dia, quando o tempo permitir. Vai chegar a hora de visitar outro navio, quero ter bons arqueiros nos topos.

– Ótima ideia, capitão.

Isso, pelo menos, pareceu restaurar a empolgação dos marinheiros que continuavam no tombadilho. O interesse deles deu outra ideia a Locke.

– Mestre Valora!

Jean estava com Mirlon, o cozinheiro, examinando algo no pequeno fogão de tijolos no castelo de proa. Ele acenou respondendo ao grito de Locke.

– Ao pôr do sol, quero ter certeza de que cada homem a bordo sabe onde ficam todos os armários de armas. Garanta isso pessoalmente.

Jean assentiu e voltou ao que estava fazendo. Para Locke, a ideia de que o capitão Ravelle queria que cada homem estivesse acostumado com as armas do navio – afora os arcos, havia machadinhas, sabres, porretes e algumas alabardas – seria muito melhor para o moral do que a ideia de que ele preferiria mantê-las trancadas ou escondidas.

– Muito bem – comentou Caldris baixinho.

O marinheiro Mal observou os últimos grãos na ampulheta presa ao mastro principal escorrerem, virou-se para a popa e gritou:

– Segure a linha!
– Sete nós e meio! – berrou Strega um instante depois.
– Sete e meio – repetiu Caldris. – Muito bem. Estamos fazendo mais ou menos isso desde que saímos de Tal Verrar. Uma boa corrida.

Locke lançou um olhar para os pinos enfiados nos buracos da tábua de navegação de Caldris e para a bússola na bitácula, que mostrava que estavam indo a um fio de cabelo a sul por oeste.

– É um belo ritmo, se continuar assim – murmurou Caldris. – Isso nos coloca nos Ventos Fantasmas daqui a duas semanas, talvez. Não sei quanto ao capitão, mas ganhar uns dias na programação me deixa *muito* confortável.

– E vai continuar assim? – Locke falava o mais baixo que podia, sem sussurrar no ouvido do mestre de navegação.

– Boa pergunta. O fim do verão é um tempo estranho no Mar de Bronze; temos tempestades por aí, em algum lugar. Posso sentir nos ossos. Elas estão longe, mas esperando.

– Ah, esplêndido.

– Vamos conseguir, capitão. – Caldris removeu brevemente o charuto da boca, cuspiu uma coisa marrom no convés e o recolocou entre os dentes. – O fato é que estamos indo muito bem, graças ao Senhor das Águas Revoltas.

13

– Mata ele, Jabril! Acerta bem na porra do coração!

Jabril estava na meia-nau, voltado para um casaco do baú de Locke pregado numa tábua larga encostada no mastro principal, a uns 10 metros de distância. Seus pés tocavam uma linha riscada grosseiramente a giz nas tábuas do convés. Na mão direita, segurava uma faca de atirar e, na esquerda, uma garrafa de vinho cheia, segundo as regras do jogo.

O marinheiro que o estivera encorajando arrotou alto e começou a bater com os pés no convés. O círculo de homens ao redor de Jabril entrou no ritmo e começou a bater as mãos e entoar, a princípio lentamente, depois cada vez mais rápido:

– Não derrame uma gota! Não derrame uma gota! Não derrame uma gota! Não derrame uma gota! Não derrame uma gota!

Jabril se curvou, girou para a direita, fez um movimento para trás com o braço e lançou a faca. Ela acertou bem o centro do casaco, uma balbúrdia de gritos soou e se transformou rapidamente em uivos. Jabril havia derramado um pouco do vinho da garrafa.

– Maldição! – gritou ele.

– *Desperdiçador de vinho!* – gritou um dos homens ao redor, com o fervor de um sacerdote execrando a pior blasfêmia. – Pague a penalidade e devolva-a a seu lugar de direito!

– Ei, pelo menos eu acertei o casaco – replicou Jabril com um sorriso. – Você quase matou alguém no tombadilho.

– Pague o preço! Pague o preço! Pague o preço! – entoaram todos os outros.

Jabril levou a garrafa aos lábios, virou-a completamente e começou a tomar a bebida de um só gole. O cântico aumentou de volume e ritmo à medida que a quantidade de vinho na garrafa diminuía. O pescoço e os músculos do maxilar de Jabril faziam um esforço enorme e ele levantou a mão livre bem alto enquanto sugava o resto da bebida escura.

Todos aplaudiram. Jabril afastou a garrafa dos lábios, baixou a cabeça e cuspiu um bocado de vinho no homem mais próximo.

– Ah, não! Eu *derramei* uma gota! Ah rá rá rá rá!

– É a minha vez – anunciou o marinheiro encharcado. – Vou perder de propósito e derramar uma gota de volta, meu camarada.

Locke e Caldris observavam da amurada de estibordo do tombadilho. Caldris estava tirando uma rara folga do timão; Jean ocupava seu lugar. Navegavam num crepúsculo calmo, quente e úmido, agradável o suficiente para Caldris se separar do precioso timão do navio e ficar a meia dúzia de passos de distância.

– Foi uma boa ideia – elogiou Locke.

– Os pobres coitados ficaram presos muito tempo, merecem uma boa farra. – Caldris fumava um cachimbo de cerâmica azul-claro, a coisa mais elegante e delicada que Locke já vira nas mãos dele, e seu rosto estava iluminado pelo brilho fraco das brasas.

Por sugestão de Caldris, Locke tinha ordenado que uma grande quantidade de vinho e cerveja (o *Mensageiro Vermelho* levava uma grande provisão das duas bebidas, para uma tripulação com o dobro do tamanho da atual) fosse trazida ao convés e oferecera uma escolha a cada homem a

bordo. Uma ração dupla de porco recém-assado – cortesia do porco pequeno mas bem gordo que tinham trazido – para os que ficassem sóbrios e trabalhando, e uma festa de bebedeira para os que quisessem relaxar. Caldris, Jean e Locke estavam sóbrios, claro, assim como outros quatro marinheiros.

– São coisas assim que fazem um navio parecer um lar – continuou Caldris. – Ajuda a gente a esquecer como a vida aqui pode ser um monte da velha merda tediosa.

– Não é tão ruim – comentou Locke, pensativo.

– Ah, sim, diz o capitão da porra do navio numa noite mandada pelos deuses. – Ele trouxe a fumaça e soprou-a por cima da amurada. – Bom, se tivermos mais algumas noites assim, vai ser fantástico. Os momentos de calma valem mais do que chicotes e algemas para se ter disciplina, ouça o que eu digo.

Locke contemplou as ondas no escuro e se espantou ao ver uma forma pálida e branco-esverdeada, reluzindo como uma lanterna alquímica, saltar e cair espirrando água alguns segundos depois, deixando uma imagem residual iridescente ao piscar.

– Pelos deuses, que diabo é *aquilo*?

Agora havia um aglomerado daquelas coisas, a uns 100 metros do navio. Voavam em silêncio uma depois da outra, aparecendo e desaparecendo acima das ondas, lançando sua luz fantasmagórica sobre a água negra, que a refletia como um espelho.

– O senhor é realmente novo nestas águas – disse Caldris. – São espectros-voadores. Ao sul de Tal Verrar, eles são vistos em toda parte. Às vezes em grandes cardumes ou em arcos saltando da água. Por cima dos navios. Já houve ocasiões em que seguiram navios. Mas só depois de escurecer, veja bem.

– São algum tipo de peixe?

– Ninguém sabe direito. Os espectros-voadores não podem ser apanhados. Não podem ser *tocados*, pelo que ouvi dizer. Eles atravessam as redes como se fossem fantasmas. Talvez sejam.

– Sinistro.

– Após alguns anos, a gente se acostuma. – Caldris trouxe e o brilho laranja ficou momentaneamente mais forte. – O Mar de Bronze é um lugar bastante estranho, Kosta. Dizem que é assombrado pelos Ancestres. A

maioria diz que ele é simplesmente assombrado. Já vi coisas. Fogo de Santa Corella, ardendo azul e vermelho nos lais de verga, quase matando de medo o vigia do topo. Naveguei por mares parecendo vidro e vi... uma cidade, uma vez. Lá embaixo, sem brincadeira. Muralhas e torres, pedra branca. Claro como o dia, embaixo do casco. Em águas que nossos mapas dizem ter mil braças de profundidade. Era real feito o meu nariz, depois sumiu.

– He, he – fez Locke, sorrindo. – Você é muito bom nisso. Não precisa brincar comigo, Caldris.

– Não estou brincando nem um pouco, Kosta. – Caldris franziu a testa e seu rosto assumiu um tom sinistro à luz do cachimbo. – Estou dizendo o que você deve esperar. Espectros-voadores são só o começo. Diabos, os espectros-voadores são quase amigáveis. Existem coisas aí em que até eu tenho dificuldade de acreditar. E existem lugares aonde nenhum comandante de navio sensato jamais irá. Lugares que são... errados de algum modo. Lugares que *esperam* a gente.

– Ah. – Locke lembrou seus primeiros anos desesperados nos lugares antigos e podres de Camorr e mil prédios erguendo-se, construções partidas que pareciam esperar no escuro para engolir criancinhas. – Bom, nesse sentido, entendo o que você quer dizer.

– As Ilhas dos Ventos Fantasmas. Bom, elas são o pior de tudo. Na verdade, só há oito ou nove ilhas em que os seres humanos podem ter posto os pés e voltado para contar. Mas só os deuses sabem quantas outras existem escondidas por lá, sob as névoas, ou sei lá que porra está sobre elas. – Ele fez uma pausa. – Já ouviu falar nos três povoados dos Ventos Fantasmas?

– Acho que não.

– Bem... – Caldris deu outra longa baforada no cachimbo. – Originalmente, eram três. Colonos vindos de Tal Verrar desembarcaram lá há cerca de cem anos. Fundaram Porto Pródigo, Montierre e Esperança-de-Prata. Porto Pródigo continua lá, claro. É a única que resta. Montierre estava indo bem até a guerra contra a Armada Livre. Pródigo ficava numa boa posição defensiva; Montierre, não. Depois de acabarmos com a frota deles, fizemos uma visita. Queimamos os barcos de pesca, envenenamos os poços, afundamos as docas. Queimamos tudo que estava de pé e, então, queimamos as cinzas. Poderíamos ter apagado o nome “Montierre” do mapa. O lugar não vale a pena ser reocupado.

– E Esperança-de-Prata?

– Esperança-de-Prata... – repetiu Caldris, baixando a voz até um sussurro. – Há cinquenta anos, era maior do que Porto Pródigo. Ficava numa ilha diferente, mais a oeste. Prosperando. A prata não era só uma esperança. Trezentas famílias viviam lá, mais ou menos. O que quer que tenha acontecido, foi em uma noite apenas. As famílias simplesmente... sumiram.

– Sumiram?

– Sumiram. Desapareceram. Não foi encontrado nenhum corpo. Nenhum osso para os pássaros bicarem. Alguma coisa desceu daqueles morros, daquela névoa acima da selva, e só os deuses sabem o que era, mas pegou todos eles.

– Infernos misericordiosos.

– Se ao menos fossem! – exclamou Caldris. – Um ou dois navios deram as caras depois que a coisa aconteceu. Encontraram um navio vindo de Esperança-de-Prata, à deriva em mar aberto, como se tivesse zarpado com pressa, e lá estavam os únicos corpos que restaram da coisa toda. Alguns marinheiros. Mastro acima, no topo. – Caldris suspirou. – Eles se amarraram ali para escapar do que tinham visto... e todos foram encontrados mortos por suas próprias armas. Ali mesmo onde estavam, eles se suicidaram para não enfrentar o que vinha pegá-los.

Caldris fez um gesto em direção ao círculo de marinheiros relaxados e barulhentos, bebendo e atirando facas à luz de globos alquímicos.

– Portanto, preste atenção, mestre Kosta. Se o senhor navega por um mar onde merdas assim acontecem, pode entender o valor de tornar seu navio um lar feliz.

14

– Preciso dar uma palavrinha, capitão Ravelle.

Um dia havia se passado. O ar ainda estava quente e o sol golpeava com força palpável quando não se escondia atrás das nuvens, mas as ondas estavam mais altas e o vento, mais forte. O *Mensageiro Vermelho* não tinha massa para cortar fundo as ondas turbulentas sem estremecer, por isso o convés sob os pés de Locke se tornou menos amistoso.

Locke se segurava com força na amurada de bombordo no fim da tarde,

tentando parecer casual. Recuperado do contato íntimo com uma garrafa de vinho, Jabril se aproximou com um par de marinheiros mais velhos. Locke reconheceu os outros dois como homens que tinham se declarado sem condições no início da viagem; dias de descanso e grandes porções de comida lhes haviam feito bem. Por causa da tripulação reduzida, Locke autorizara recentemente ração extra em cada refeição, agradando a todos.

– Do que você precisa, Jabril?

– Dos gatos, capitão.

O estômago de Locke despencou. Com esforço heroico, conseguiu parecer apenas confuso.

– Nós estávamos embaixo, no convés principal – completou um dos marinheiros mais velhos. – Na maior parte do tempo, dormindo. E ainda não vimos nenhum gato neste navio. Em geral, os danadinhos ficam andando de um lado para outro, brincando, querendo se enrolar na gente.

– Eu andei perguntando – acrescentou Jabril. – Ninguém viu nenhum. Nem no convés principal, nem aqui em cima, nem na cobertura inferior. Nem nos porões. Eles ficam na sua cabine?

– Não – respondeu Locke, visualizando com clareza perfeita os oito gatos, inclusive a gatinha de Caldris, deitados contentes num depósito de armas vazio acima da baía particular na Marina da Espada. Oito gatos brigando e miando junto a tigelas de leite e pratos de frango frio.

Oito gatos que sem dúvida *ainda* estavam naquele depósito, bem onde ele os esquecera, na noite do fatídico ataque à Rocha de Barlavento. Cinco dias e 1.100 quilômetros atrás.

– São filhotes – continuou ele rapidamente. – Uma ninhada de gatos para esta viagem, Jabril. Achei que seria bom um navio com nome novo ter gatos novos. E posso dizer que são um bocado tímidos: eu mesmo não vi nenhum desde que os deixei na cobertura inferior. Acho que só estão se acostumando com a gente. Vamos vê-los logo.

– Sim, senhor. – Locke ficou surpreso com o alívio visível no rosto dos três marinheiros. – É bom saber. Já é bem ruim não termos mulheres a bordo até chegarmos aos Ventos Fantasmas; não ter nenhum gato seria medonho.

– Não daria para tolerar uma transgressão dessas – sussurrou um dos marinheiros.

– Vamos colocar um pouco de carne toda noite – informou Jabril. –

Vamos ficar procurando nos conveses. Aviso ao senhor assim que encontrarmos um.

– Sem dúvida – disse Locke.

O balanço do mar não tinha nada a ver com sua ânsia de vomitar pela amurada assim que eles se afastaram.

15

Na noite do quinto dia a partida saírem de Tal Verrar, Caldris sentou-se para uma conversa particular na cabine de Locke com a porta trancada.

– Estamos indo bem – comentou o mestre de navegação, mas Locke podia ver círculos escuros como hematomas embaixo dos olhos dele.

O velho mal havia dormido quatro horas por dia desde que tinham alcançado o mar, incapaz de confiar o timão aos cuidados de Locke ou Jean sem serem supervisionados. Por fim, conseguira um ajudante de piloto razoavelmente responsável, um homem chamado Careca Mazucca, mas até mesmo ele carecia de conhecimentos e só podia ser treinado um pouquinho a cada dia, com a atenção de Caldris tão dividida.

Continuavam sendo abençoados pelo comportamento da tripulação. Os homens ainda estavam cheios de ânimo para qualquer tipo de trabalho. Descobriram entre eles um carpinteiro que dava para o gasto e um fabricante de velas decente, e houve uma votação para intendente que escolheu um amigo de Jabril, encarregado de contar e dividir o saque quando chegasse a hora. Os enfermos estavam recuperando a saúde depressa e vários já haviam se juntado aos turnos de serviço. Os homens não se reuniam mais para olhar nervosos para a esteira do navio, procurando qualquer sugestão de perseguição. Pareciam achar que tinham escapado da vingança de Stragos... e, claro, jamais poderiam ser informados de que não haveria vingança alguma.

– O mérito é seu – comentou Locke, dando um tapinha no ombro de Caldris.

Censurou-se por não ter pensado antes no esforço que seria a viagem para o velho. Mazucca teria de ser treinado mais rapidamente e ele e Jean precisariam compensar qualquer falha possível, ao seu modo inepto.

– Mesmo com um mar liso como espelho e uma ótima brisa, de jeito

nenhum teríamos chegado tão longe sem você.

– Mas o tempo ruim está chegando – avisou Caldris. – Tempo que vai nos testar. É o fim do verão, como eu disse, e sopra uma merda capaz de sacudir a gente por metade do mundo. Podemos passar dias corcoveando com os mastros vazios, vomitando até que não haja um local limpo no navio. – O mestre de navegação suspirou e lançou um olhar curioso para Locke. – Ouvi as coisas mais incríveis nos últimos dois dias.

– É? – Locke tentou parecer casual.

– Ninguém viu nenhum gato em nenhum dos conveses. Nenhum apareceu, nem para comer nem tomar nada, cerveja, leite, ovos ou carne. – Uma súbita suspeita nublou sua testa. – Existem gatos lá embaixo... certo?

– Ah – fez Locke.

Sua simpatia por Caldris um momento antes permanecia como um peso no coração; pela primeira vez, pegou-se completamente sem vontade de mentir. Massageou os olhos com os dedos enquanto falava:

– Ah. Não, os gatos estão todos em segurança no galpão na Marina da Espada, onde eu os deixei. Sinto muito.

– Seu palhaço escroto – xingou Caldris em voz chapada e morta. – Anda. Não minta para mim sobre isso.

– Não estou mentindo. – Locke espalmou as mãos, dando de ombros. – Eu sei que você disse que era importante. Eu só... tinha uma centena de coisas para fazer naquela noite. Eu queria pegá-los, é sério.

– *Importante?* Eu disse que era *importante*? Eu disse que era fundamental, porra! – Caldris manteve a voz num sussurro, mas era como o som de água fervendo sobre carvões quentes. Locke se encolheu. – O senhor colocou nossas *almas* em perigo, mestre Kosta, nossas próprias almas. Lembro ao senhor que não temos mulheres, gatos nem um *capitão* de verdade e o tempo ruim está a caminho.

– Sinto muito, sinceramente.

– Fui idiota em mandar um lambedor de terra pegar os gatos. Deveria ter mandado gatos para pegar um lambedor de terra! Eles não teriam me desapontado.

– Bom, certamente, quando chegarmos a Porto Pródigo...

– *Quando* é uma suposição audaciosa, Leocanto, porque muito antes disso a tripulação vai perceber que nossos gatos não são tímidos e, sim, *imaginários*. Se eles acharem que os gatos morreram, vão presumir que

estamos amaldiçoados e vão abandonar o navio no momento em que tocarmos a terra. Mas se a ausência de corpinhos fedorentos levá-los a deduzir que a porra do capitão na verdade não trouxe *nenhum*, vão enforcá-lo numa verga.

– Ai.

– Acha que estou brincando? Eles vão se *amotinar*. Se virmos outra vela naquele horizonte, em qualquer direção, devemos persegui-la. Devemos provocar uma luta. Sabe por quê? *Para ver se conseguimos pegar alguns malditos gatos*. Antes que seja tarde demais.

Caldris suspirou e, de repente, pareceu dez anos mais velho.

– Se uma tempestade de final de verão vier até nós, estará se movendo para noroeste mais rápido do que podemos velejar para leste, logo teremos de passar por ela. Não adianta se esforçar para escapar, pois só iria nos deixar mais cansados. Eu vou fazer o máximo que puder, mas é melhor o senhor rezar esta noite na sua cabine por uma coisa.

– Para quê?

– Para que caiam gatos da porcaria do céu.

16

É claro que nenhuma chuva conveniente de felinos guinchando viria naquela noite. Quando Locke apareceu no tombadilho na manhã seguinte, havia uma feia névoa cinza-fantasma no horizonte sul, como a sombra de um deus raivoso. O brilhante medalhão do sol nascendo no céu que, afora isso, estava claro, só fazia aquilo parecer mais sinistro. O convés adernava ainda mais para estibordo e andar para qualquer lugar no lado de bombordo era quase como subir uma pequena colina. As ondas batiam no casco e eram pulverizadas em borrifos, enchendo o ar com o cheiro e o gosto de sal.

Jean estava treinando um pequeno grupo de marinheiros com espadas e alabardas na área central do navio e Locke assentiu, como se captasse cada nuance do treino e aprovasse. Percorreu o convés do *Mensageiro Vermelho* cumprimentando marinheiros pelo nome e tentou ignorar Caldris fuzilando-o com o olhar às suas costas.

– Ótima manhã para o senhor, capitão – murmurou o mestre de navegação quando Locke se aproximou do timão.

Caldris tinha uma aparência medonha ao sol forte: o cabelo e a barba estavam mais brancos, os olhos enfiados numa sombra mais funda, cada ruga do rosto redesenhada pela mão de um deus qualquer.

– Dormiu esta noite, mestre Caldris?

– Me vi estranhamente incapaz disso, capitão.

– O senhor deveria descansar.

– É, e em termos gerais o navio deveria ficar acima da água ou pelo menos foi o que ouvi sendo sugerido.

Locke suspirou, virou-se para a proa e estudou o céu que escurecia ao sul.

– Imagino que seja uma tempestade de fim de verão. Já passei por um bocado delas no meu tempo – falou alto e em tom casual.

– Logo o senhor estará dentro de mais uma, capitão.

Locke passou a tarde contando os suprimentos no porão principal, com Mal como escriba, marcando pequenas linhas numa tabuleta de cera. Eles se abaixavam e serpenteavam através de uma floresta de carne-seca em sacos de pano impermeabilizado, pendurados nas traves do porão e balançando com o movimento cada vez maior do navio. O porão já estava mais fedorento devido à ocupação constante por parte dos homens; os que haviam se mostrado inclinados a dormir no espaço mais livre sob o castelo de proa tinham-no abandonado por causa da promessa de tempo ruim. Locke teve certeza de que sentira cheiro de mijó; alguém era preguiçoso demais ou estava apavorado demais para sair e usar os cabos de bosta. A tendência era piorar.

Às quatro da tarde, todo o céu era uma catarata de cinza-névoa. Caldris, esparramado contra o mastro durante uma breve folga enquanto Mazucca e outro marinheiro seguravam o timão, ordenou que as velas fossem caçadas e as lanternas, distribuídas. Jean e Jabril comandaram grupos no porão, para garantir que a carga e o equipamento estivessem bem presos. Um armário de armas se abrindo bruscamente ou um barril rolando num navio que se balançava mandaria marinheiros desafortunados ao encontro dos deuses.

Após o jantar, por insistência sussurrada de Caldris, Locke ordenou que os marinheiros que cuidavam do estoque de tabaco do navio fumassem o último cigarro até segunda ordem. Chamas desprotegidas não seriam mais toleradas em lugar nenhum; as lanternas alquímicas forneceria toda a luz e eles usariam a pedra alquímica ou, mais provavelmente, comeriam refeições frias. Locke prometeu uma metade extra de ração de vinho a cada noite se

fosse necessário.

Uma escuridão prematura havia tomado o céu no momento em que Locke e Jean puderam sentar-se para uma bebida em silêncio na cabine de popa. Locke fechou os postigos das janelas e o compartimento pareceu menor do que nunca. Locke observou os confortos dúbios desse símbolo da autoridade de Ravelle: uma rede acolchoada junto à antepara de bombordo, um par de banquetas, sua espada e as facas penduradas na parede com presilhas contra a tempestade. A “mesa” era uma tábua de madeira em cima do baú de Locke. Por mais triste que fosse, era algo principesco comparado aos armários usados por Jean e Caldris ou com a carga e os panos de vela emprestados do convés principal pela tripulação.

– Lamento muito pelos gatos – disse Locke.

– Eu poderia ter me lembrado disso também.

Porém, era óbvio que ele havia confiado em Locke, achando que não teria de se preocupar com a questão. Jean se esforçava ao máximo para ser educado, mas a culpa se retorcia no estômago de Locke mais ainda por causa disso.

– Não precisa compartilhar essa culpa – replicou Locke, tomando sua cerveja quente. – Sou o capitão da porcaria do navio.

– Não seja pomposo. – Jean coçou a barriga, que fora reduzida pela atividade recente a uma curva muito menos dramática do que já possuía. – Vamos pensar em alguma coisa. Diabos, se passarmos alguns dias abrindo caminho através de uma tempestade, os homens não terão tempo de se preocupar com nada, a não ser com quando e como mijar nos calções.

– Hummm. Tempestade. Bela oportunidade para um de nós pisar em falso e dar uma de idiota na frente dos homens. É mais provável que seja eu, e não você.

– Pare de ficar se preocupando. – Jean sorriu. – Caldris sabe o que está fazendo. Ele vai nos ajudar a passar por isso.

Houve um impacto súbito e pesado na porta da cabine. Os dois saltaram dos bancos ao mesmo tempo e Locke correu até as armas. Jean gritou:

– O que é?

– Kosta – chamou uma voz fraca, seguida por um chacoalhar débil, como se alguém estivesse tentando virar a maçaneta e não conseguisse.

Jean abriu a porta no instante em que Locke terminava de afivelar o cinto da espada. Caldris estava na base da escada do tombadilho, segurando o

umbral para se apoiar, oscilando. O brilho âmbar do lampião da cabine revelava os detalhes medonhos: os olhos de Caldris estavam injetados e se revirando para cima, a boca aberta e a pele pálida brilhando de suor.

– Me ajude, Kosta – sussurrou ele, chiando com um som que era doloroso só de ouvir.

Jean agarrou-o e segurou-o de pé.

– Cacete – murmurou. – Ele não está só cansado, Leo... capitão. Ele precisa de um maldito galeno!

– Me ajude... Kosta – grunhiu o mestre de navegação, e apertou a parte de cima do braço esquerdo com a mão direita, depois a região esquerda do peito. Fechou os olhos com força e se encolheu.

– Te ajudar? – Locke pôs a mão embaixo do queixo de Caldris; a pulsação do sujeito estava louca, errática. – Em quê?

Caldris fez uma careta de concentração, sugando o ar asperamente a cada palavra.

– *Me*. Ajude. Kosta!

– Vamos deitá-lo na mesa – disse Jean, e fez isso com o auxílio de Locke.

– Doces deuses – disse Locke. – É o veneno? Não estou me sentindo diferente.

– Nem eu – afirmou Jean. – Acho... acho que ele está tendo um ataque cardíaco. Já vi isso antes. Merda. Se pudermos acalmá-lo, talvez fazer com que ele beba alguma coisa...

Mas Caldris gemeu de novo, apertou debilmente o lado esquerdo do peito e estremeceu. Suas mãos ficaram frouxas. Uma exalação longa, estrangulada, escapou de sua garganta e, num horror crescente, Locke tateou num frenesi a base do pescoço dele, com as duas mãos.

– A pulsação sumiu – sussurrou ele.

Um batuque suave no teto da cabine, a princípio fraco, mas acelerando rapidamente, avisou-lhes que as primeiras gotas de chuva começavam a cair. Os olhos de Caldris, fixos no teto, estavam vidrados.

– Ah, *merda* – praguejou Jean.

LIVRO II

CARTAS NA MANGA

*Os jogadores jogam exatamente como os amantes
amam e os bêbados bebem: às cegas e por necessidade,
sob o domínio de uma força irresistível.*

JACQUES ANATOLE THIBAUT

CAPÍTULO OITO

O fim do verão

1

Água escura diante da proa, água nas laterais, água no ar, caindo com o peso de bolotas de chumbo contra a capa impermeável de Locke. A chuva parecia vir primeiro de um lado, depois do outro, nunca satisfeita em cair direto para baixo, enquanto o *Mensageiro Vermelho* balançava para trás e para a frente nas mãos cinza da tempestade.

– Mestre Valora! – Locke se agarrou com força os cabos de segurança amarrados em volta do mastro principal, assim como por todo o convés, e berrou pela escotilha: – Quanta água no espaço da bomba?

A resposta de Jean veio após alguns instantes:

– Sessenta centímetros!

– Muito bem, mestre Valora.

Locke captou um vislumbre de Mazucca encarando-o e conteve um sentimento de inquietação. Sabia que a morte súbita de Caldris no dia anterior fora recebida pelos tripulantes como um presságio do pior tipo: eles murmuravam abertamente sobre mulheres e gatos e o foco de toda a atenção pouco gentil era um tal de Orrin Ravelle, cujo status como capitão e salvador vinha se esgarçando cada vez mais. Locke se virou para o timoneiro e o encontrou de novo olhando à frente, com os olhos estreitados, sob a chuva que picicava, aparentemente absorvido na tarefa.

Dois marinheiros com capas estavam no segundo timão atrás de Mazucca, pois, diante de ondas tão fortes, o controle do leme poderia escapar das mãos de um único homem com facilidade. Seus rostos eram sombras escuras dentro dos capuzes; também não tinham nada amigável

para dizer a Locke.

O vento uivava através dos cabos e das vergas no alto, onde a maior parte das velas tinha sido enrolada. Continuavam seguindo vagamente para sudoeste sob o impulso de nada mais do que as velas de gávea bem rizadas. Estavam tão adernados para estibordo que Mazucca e seus ajudantes não se encontravam apenas parados junto dos timões: o mar violento exigia sua atenção constante e fatigante para manter o navio estável e as ondas continuavam crescendo.

Um jorro de água verde-acinzentada passou por cima dos pés descalços de Locke e ele ofegou; tinha abandonado as botas em troca da firmeza maior dos pés desprotegidos. Observou a água rolar pelo convés, uma convidada indesejada porém constante, antes de escorrer pelos embornais e vazar pelas bordas da lona de tempestade colocada sob as grades das escotilhas. Na verdade, a água estava quente, mas ali, no coração sem sol da tempestade, com o vento cortante, sua imaginação fazia com que ela parecesse fria.

– Capitão Ravelle!

Jabril vinha se aproximando pela amurada de bombordo, com uma lanterna de tempestade numa das mãos.

– Há algumas horas poderia ter sido aconselhável baixar a porra dos mastaréis dos joanetes!

Desde que Locke havia se levantado naquela manhã, Jabril tinha feito pelo menos meia dúzia de censuras e lembretes sem ser instigado. Locke olhou para cima, para as pontas dos mastros principal e de popa, quase perdidas na névoa que redemoinhava lá no alto.

– Já pensei um pouco nisso, Jabril, mas não pareceu necessário.

Segundo o que Locke lera, mesmo sem velas ondulando nas vergas, os mastaréis dos joanetes poderiam causar um desequilíbrio indesejado sob ventos mortais ou mesmo se perder no mar enquanto o navio corcoveava e adernava. Ele estivera ocupado demais para pensar em tirá-los.

– Vai parecer necessário pra cacete se eles caírem e arrastarem mais cordames.

– Talvez eu mande baixá-los daqui a pouco, Jabril, se achar adequado.

– Se achar adequado? – Jabril olhou-o, boquiaberto. – Perdeu a droga do tino, Ravelle? A hora de baixar os sacanas já passou há muito tempo. Agora os marinheiros que temos são tremendamente necessários em outros lugares e o tempo está piorando! Talvez só seja bom tentar fazer isso se o navio

estiver correndo perigo... mas, maldição, isso pode acontecer logo! Nunca esteve tão longe no Mar de Bronze, capitão?

– Claro que estive. – Locke suava dentro da capa impermeável. Se soubesse da verdadeira extensão do conhecimento naval de Jabril, poderia tê-lo encarregado desses detalhes, mas agora era tarde demais e parte de sua incompetência ficava desnuda. – Desculpe, Jabril. Caldris era um bom amigo. A perda dele me deixou meio abalado!

– Sem dúvida! Assim como a perda da porra do navio pode deixar todos nós mais do que um pouquinho *abalados*, senhor. – Jabril se virou e começou a andar ao longo da amurada de bombordo, mas após alguns segundos girou de volta para Locke. – Você e eu sabemos que não existe nenhum maldito gato a bordo, Ravelle!

Locke baixou a cabeça e se agarrou ao mastro principal. Era demais esperar que Mazucca e os marinheiros que estavam atrás dele não tivessem escutado isso. Mas, claro, sob seu olhar eles não disseram nada nem revelaram nada, olhando fixamente para a tempestade, como se tentassem imaginar que ele não estava ali.

2

Abaixo do convés era um pesadelo. Pelo menos no convés havia mastros e as ondas estourando para oferecer alguma perspectiva de localização. Ali embaixo, no abafamento de suor, urina e vômito, as próprias paredes trêmulas pareciam se inclinar e se sacudir em caprichos maliciosos. Jorros de água escorriam pelas escotilhas e grades, apesar das precauções tomadas pela tripulação. O convés principal ecoava com o uivo abafado do vento.

Da coberta inferior, vinha o som chacoalhado das bombas. Elas eram excelentes instrumentos verraris, capazes de puxar água e jogá-la por cima da amurada a alguma velocidade, mas exigiam turnos de oito homens num mar como aquele e o trabalho era exaustivo. Até mesmo uma tripulação em boa saúde poderia achar o serviço oneroso, quanto mais aquela, composta por homens que tinham saído da prisão muito abaixo da força máxima.

– A água está ganhando espaço, capitão – informou um marinheiro que Locke não pôde reconhecer na penumbra. Ele havia enfiado a cabeça pela escotilha da coberta inferior. – Noventa centímetros de água no casco. Aspel

disse que estouramos uma emenda em algum lugar e que precisa de homens para uma equipe de reparo.

Aspel era o que tinham de mais parecido com um carpinteiro de navio.

– Ele vai tê-los – garantiu Locke.

Porém, não sabia onde conseguir. Dez homens faziam trabalho importante no convés, oito nas bombas... e estavam quase na hora de ser substituídos. Seis ou sete ainda fracos demais para ter alguma utilidade além de servir como lastro. Um esquadrão na cobertura inferior com Jean, prendendo os barris de comida e água depois que três haviam se soltado e se partido. Oito dormindo no convés principal ali perto, pois tinham ficado acordados a noite inteira. Dois com ossos quebrados, tentando aplacar a dor com uma ração não autorizada de vinho. O esquema rudimentar de turnos de serviço se desfazia diante das exigências da tempestade e Locke lutava para conter uma aguda pontada de pânico.

– Chame o mestre Valora, na cobertura inferior – acrescentou, por fim. – Diga que ele e seus homens podem cuidar dos mantimentos de novo depois de darem uma mão ao Aspel.

– Sim, senhor.

– Capitão Ravelle!

Outro grito veio de baixo enquanto o primeiro marinheiro desaparecia, e Locke parou acima da escotilha para responder:

– O que é?

– Nosso tempo na porcaria das bombas, senhor! Não podemos manter este ritmo desgraçado para sempre. Precisamos ser rendidos. E precisamos de comida!

– Vocês terão as duas coisas em apenas dez minutos – assegurou Locke.

Se bem que, de onde, de novo, ele não sabia; todas as suas opções estavam doentes, feridas, exaustas ou trabalhando em outra coisa. Ele se virou para subir de novo ao convés. Poderia trocar a equipe do convés pelos homens das bombas. Isso não traria alegria a nenhum dos dois grupos, mas talvez servisse para manter o navio à frente do desastre completo por mais algumas horas preciosas.

– Como assim, você não virou a ampulheta?

– Capitão Ravelle, senhor, pedindo duplamente a porra do seu perdão, nós não tivemos tempo de virar a ampulheta nem de cuidar do livro desde... diabos, não sei. Já faz um tempo.

Mazucca e seu colega mais pareciam agarrados ao timão para salvar a vida do que para guiar o navio. Duas duplas estavam nos timões; o ar era um frenesi de vento uivando e chuva pinicando. As ondas, com cristas a 6 metros ou mais, passavam acima da proa repetidamente, lavando o convés em branco e borbulhando acima dos tornozelos de Locke. Tinham sido forçados a abandonar o rumo para o sul e agora estavam bem a oeste, à frente do vento, empurrados por um solitário traquete de tempestade. Navegavam sob ventos fortes contra ondas da altura de casas.

Locke vislumbrou um risco amarelo passando rápido, uma lanterna de tempestade soltando-se e sumindo pela amurada, que logo seria uma curiosidade para os peixes lá embaixo.

Ele foi com dificuldade até a bitácula e folheou as páginas molhadas do livro de bordo. A última anotação dizia:

*3ª h tarde 7 Festal 78 Morgante s/so 8 nós
por favor Iono poupe estas almas*

Locke não conseguia lembrar quando parecera pela última vez que era a terceira hora da tarde. A tempestade deixava o meio-dia tão escuro quanto a goela de um tubarão e o espocar dos raios dava uma iluminação estranha ao que poderia ser o fim da tarde. Tinham tanta certeza do tempo quanto da localização.

– Pelo menos sabemos que estamos em algum lugar do Mar de Bronze! – gritou acima do barulho. – Logo vamos sair dessa confusão e, então, vamos calcular a latitude.

Se ao menos fazer fosse tão fácil quanto falar! O medo e a exaustão haviam deixado os sentidos de Locke vacilantes. O mundo estava cinza e girava em todas as direções e ele tinha vomitado a última refeição fria por cima da amurada de popa... só os deuses sabiam quando. Horas antes,

provavelmente. Se um Mago-Servidor de Kartane tivesse aparecido no convés naquele momento e se oferecido para usar magia e levar o navio à segurança, Locke poderia beijar as botas dele.

Houve um som terrível e súbito acima: um estalo explosivo seguido pelo sibilar ondulante de um cabo partido cortando o ar. Segundos depois, veio um estalo mais alto e um *snap-snap-snap* como o som de um chicote batendo em carne.

– Cuidado lá em cima! – berrou Jabril em algum lugar à proa.

Locke e o navio se sacudiram ao mesmo tempo, golpeados pelo martelo de uma onda. Foi essa perda de equilíbrio que salvou sua vida. Uma sombra passou voando junto ao seu ombro esquerdo enquanto ele deslizava no convés molhado, cuspidando água. Houve um estalo de estourar os tímpanos, gritos e um negrume súbito quando algo escorregadio e mole o encobriu.

Lona de vela! Locke a empurrou, esforçando-se para libertar-se. Mãos fortes agarraram seus antebraços e puxaram-no de pé. Era Jean, que se firmava contra a amurada do tombadilho a estibordo. Com a queda, Locke havia escorregado alguns metros para a direita. Murmurando agradecimentos, ele se virou e viu o que temia.

O mastaréu do joanete principal havia se partido. Seus estais deviam ter se arreventado devido a algum truque do vento ou às sacudidas do navio. Ele mergulhara para a frente, desenrolando e arrastando a vela de sua verga, antes que uma confusão de cordame embolado o puxasse para trás como um pêndulo logo acima do convés. O mastaréu cobriu os timões, e os quatro homens que os estavam manobrando haviam sumido. Locke e Jean se moveram ao mesmo tempo, lutando para atravessar a lona molhada e as cordas partidas, enquanto fragmentos continuavam a chover ao redor. Locke já conseguia sentir o navio se movendo de um modo pouco saudável embaixo dele. Era necessário que alguém segurasse os timões e o leme precisava ser firmado instantaneamente.

– Todos os tripulantes! – gritou Locke com o máximo de convicção possível. – Todos os tripulantes no convés! Todos os tripulantes para salvar o navio!

Jean fez força contra a verga do mastaréu caído, firmando-se contra o mastro principal, e soltou um uivo devido ao esforço. Madeira e lona se mexeram, depois caíram com um estrondo no convés. Apesar de a parte onde se segurava estar reduzida a lascas, os timões propriamente ditos

estavam, no geral, intactos. Agora Locke podia ver Mazucca se levantando devagar atrás deles; outro homem estava caído no convés com a cabeça nitidamente esmagada.

– Segurem o timão! – gritou Locke, procurando mais ajuda ao redor. – Segurem a droga do timão! – Ele se pegou embolado com Jabril.

– Capitão! – berrou Jabril direto no seu rosto. – A gente pode virar o navio em roda!

Ah, ótimo, pensou Locke, *pelo menos eu sei o que isso significa.* Empurrou Jabril em direção aos timões e agarrou-se a um deles, ao lado de Jean.

– Timão a bombordo.

Locke tossiu, pelo menos confiando naquela ordem. Gemendo de esforço, ele e Jean lutaram para girar o timão na direção certa. O *Mensageiro Vermelho* estava deslizando para sotavento em ângulo, penetrando na reentrância entre as ondas; em instantes, o navio estaria de costado para elas e praticamente perdido. Uma onda escura e enorme ergueu-se acima da amurada de estibordo e encharcou todos, um simples gostinho do fracasso por vir.

Mas a resistência do timão diminuiu enquanto Jabril encontrava seu lugar atrás deles e fazia força. Em segundos, Mazucca se juntou a ele e, centímetro a centímetro, dolorosamente, Locke sentiu a popa se virar de novo para bombordo, até que a proa estava de novo cortando as ondas. Eles haviam ganhado tempo para contemplar o desastre que a queda do mastro causara ao cordame.

Marinheiros brotaram das escotilhas do convés, formas inumanas à luz dançante das lanternas de tempestade. Raios cortavam a escuridão acima deles. Ordens eram dadas por Locke, Jean e Jabril, sem que ninguém ligasse para quem era a autoridade maior. Os minutos viraram horas e as horas pareciam dias. Eles lutavam juntos numa eternidade de caos cinza, frios, exaustos e aterrorizados contra os ventos que uivavam e as ondas que martelavam abaixo.

4

– Noventa centímetros de água estabilizados, capitão.

Aspel deu o informe com uma bandagem improvisada em volta da

cabeça, nada menos do que uma manga arrancada da jaqueta de alguém.

– Muito bem – disse Locke, segurando-se ao mastro principal como Caldris fizera, dias antes.

Cada junta e cada músculo de seu corpo anunciava o desconforto; ele se sentia como um boneco de trapos cheio de vidro moído e, ainda por cima, estava encharcado. Mas não era nada diferente do que passavam os outros sobreviventes. Como Correntes falara uma vez, sentir o desejo desesperado de morrer era uma bela prova de que isso ainda não havia acontecido.

A tempestade do fim do verão era uma linha de escuridão que recuava no horizonte noroeste; ela os cuspira fora algumas horas atrás. Ali, as ondas tinham entre 1,5 metro e 2 metros e o céu continuava cinza, mas, em comparação com a tempestade, era um paraíso. Uma luz fúnebre era filtrada, indicando ser dia.

Locke examinou a confusão no convés: cabos de segurança e restos de cordame estavam embolados em toda parte. Pedacos de lona balançavam ao vento e marinheiros tropeçavam em moitões e talhas caídos, praguejando. Era uma tripulação de fantasmas, maltrapilhos e desajeitados de tanta fadiga. Jean trabalhava no castelo de proa para preparar a primeira refeição quente em tempos.

– Maldição – murmurou Locke.

A fuga da tempestade havia custado caro: três homens lançados ao mar, quatro seriamente feridos, dois mortos, incluindo Caldris. Mirlon, o cozinheiro, era o que estivera no timão quando o mastaréu do joanete principal caíra sobre ele como uma lança divina e despedaçara seu crânio.

– Não, capitão – falou Jabril atrás dele. – Não se pudermos agir da forma certa por eles.

– O quê? – Locke girou, confuso... e se lembrou de repente. – Ah, sim, claro.

– Os mortos, capitão – explicou Jabril, como se falasse com uma criança.

– Os mortos assombram o convés e não podem descansar até que os mandemos embora do modo certo.

– É – concordou Locke. – Vamos fazer isso.

Os corpos de Caldris e Mirlon tinham sido deitados perto da portinhola na amurada de bombordo, enrolados em lona. Pacotes claros amarrados com corda alcatroada, esperando o envio final. Locke e Jabril se ajoelharam ao lado deles.

– Diga as palavras, Ravelle – murmurou Jabril. – Isso você pode fazer por eles. Mandar as almas para o Pai das Tormentas e lhes dar o descanso.

Locke fitou os dois cadáveres enrolados e sentiu uma dor no coração. Quase dominado pela fadiga e pela vergonha, pôs a cabeça nas mãos e pensou rapidamente.

Por tradição, os capitães dos navios podiam ser proclamados sacerdotes laicos de Iono com um mínimo de estudo em qualquer templo adequado para o Senhor das Águas Revoltas. No mar eles podiam conduzir orações, realizar casamentos e até dar bênçãos de morte. Apesar de conhecer alguns rituais internos do Templo de Iono, Locke não era consagrado ao serviço dele. Era um sacerdote do Guardião Torto e ali, no mar, a milhares de quilômetros dentro dos domínios de Iono, a bordo de um navio que já estava condenado por não cumprir os mandamentos do deus... nem nos céus nem nos infernos Locke poderia presumir-se capaz de dar o descanso àqueles homens. Pelo bem de suas almas, teria de invocar o único poder com o qual tinha algum contato.

– Guardião Torto, Treze Sem Nome, seu serviçal o invoca. Ponha seus olhos na passagem deste homem, Caldris bal Comar, serviçal de Iono, jurado a roubar bens sob a bandeira vermelha, portanto compartilhando um canto do seu reino...

– O que você está *fazendo*? – sibilou Jabril, segurando Locke pelo braço. Locke o empurrou para trás.

– A única coisa que posso fazer. A única bênção honesta que posso dar a estes homens, entende? Não interfira de novo, porra. – Baixou a mão outra vez para tocar o corpo enrolado de Caldris. – Nós entregamos este homem, de corpo e espírito, ao reino de seu irmão Iono, poderoso senhor do mar. – Locke achou que um pouco de lisonja não seria ruim naquela situação. – Ajude-o. Carregue sua alma Àquela que pesa todos nós na balança. Rezamos por isso com o coração esperançoso.

Locke fez um gesto, pedindo a ajuda de Jabril. O sujeito musculoso permaneceu num silêncio mortal enquanto eles levantavam juntos o corpo de Caldris e o empurravam pela portinhola. Mesmo antes de ouvir a água espirrando, Locke estendeu a mão para a outra trouxa de lona.

– Guardião Torto, Vigia-Ladrões, seu serviçal o invoca. Ponha seus olhos na passagem deste homem, Mirlon, serviçal de Iono, jurado a roubar bens sob a bandeira vermelha, portanto compartilhando um canto do seu reino...

5

O motim aconteceu na manhã seguinte enquanto Locke dormia em sua rede, ainda com as roupas molhadas que tinha usado durante toda a tempestade.

Foi acordado por alguém batendo à sua porta e empurrando o trinco. Remelento e ofegando de confusão, quase caiu da rede e precisou usar seu baú para se levantar, instável.

– Arme-se – ordenou Jean, recuando da porta com as machadinhas na mão. – Temos um problema.

Isso o fez despertar completamente num instante. Afivelou depressa o cinto da espada, notando com satisfação que os postigos pesados sobre as janelas de popa ainda estavam fechados. A luz se esgueirava pelas bordas. Já era dia? Pelos deuses, a noite passara num piscar de olhos sem sonhos.

– Alguns deles não estão felizes comigo, não é?

– Nenhum deles está feliz com a gente.

– Na certa estão com mais raiva de mim do que de você. Acho que você ainda pode fingir que é um deles; é o meu sangue que eles querem e você pode dizer que foi enganado por mim. Leve-me até eles. Você ainda pode conduzir essa trama e conseguir o antídoto com Stragos.

– Está *maluco*?

Jean encarou Locke, irritado, mas não se afastou da porta.

– Você é um sujeito estranho, irmão. – Locke contemplou, inquieto, seu sabre de oficial da marinha verrari; em suas mãos, aquilo não seria menos um adereço do que agora, dentro da bainha. – Primeiro, quer se castigar por algo que não foi sua culpa, e agora não deixa que eu o libere por um erro que é totalmente meu.

– Quem, diabos, é você para me fazer sermões, Locke? *Primeiro*, insiste que eu fique apesar do perigo real que eu represento para você e agora implora que eu o traia para obter um ganho? Foda-se. Você é um copo transbordante de loucura.

– Isso descreve a nós dois, Jean. – Locke sorriu mesmo contra a vontade; havia algo revigorante em ser levado de volta ao perigo que ele próprio gerara após a maldade indiferente da tempestade. – Se bem que você é mais uma garrafa do que um copo. Eu sabia que você não iria engolir.

– Certíssimo, pelos deuses.

– Eu gostaria de ver a cara do Stragos quando a gente fizesse o que ia fazer com ele. E gostaria de saber o que era, quando chegasse o momento apropriado.

– Bom, se for para falar em desejo, eu gostaria de 1 milhão de solaris e um papagaio que falasse trono terim. Mas isso não vai acontecer, entendeu?

– Talvez o fato de isso estragar o precioso planozinho do Stragos seja uma sacanagem suficiente para ele.

– Bom, Locke. – Jean suspirou e acrescentou com a voz mais suave: – Talvez eles queiram conversar primeiro. E se eles quiserem conversar com *você*, devido a sua esperteza, ainda podemos ter uma chance.

– Sem dúvida *você* é o único homem a bordo que ainda expressa confiança em alguma coisa que eu faço.

Locke suspirou.

– RAVELLE! – O grito veio da escada do tombadilho.

– *Você* ainda não matou nenhum deles, não é, Jean?

– Ainda não.

– RAVELLE! SEI QUE *VOCÊ* ESTÁ AÍ E SEI QUE *VOCÊ* PODE ME OUVIR!

Locke foi até a porta da cabine e gritou:

– Que inteligência maravilhosa, Jabril! *Você* me descobriu infalivelmente dentro da cabine onde eu estava dormindo a sono solto e imóvel durante toda a noite. Quem lhe deu a dica?

– Nós estamos com toda a proa, Ravelle!

– Bom, maldição. Então *vocês* devem ter atacado os armários das armas. Eu esperava que a gente pudesse ter um daqueles agradáveis motins dançantes ou talvez um motim de canto e jogos de cartas, sabe?

– Ainda há 32 de nós capazes de se mexer, Ravelle! *Vocês* são apenas dois, sem comida, sem água... O navio é nosso. Quanto tempo *você* pensa em ficar aí?

– O lugar é bom! – gritou Locke. – Temos uma rede, uma mesa, uma bela vista pela janela de popa... uma porta grande entre nós e *vocês* ...

– Que podemos arrombar quando quisermos, e *você* sabe disso. – Um rangido na escada de tombadilho informou a Locke que Jabril havia parado do outro lado da porta. Ele emendou em voz mais baixa: – *Você* sabe falar, Ravelle, mas saber falar não adianta contra dez arcos e vinte espadas.

– Não sou o único homem aqui, Jabril.

– É, nenhum de nós gostaria de enfrentar mestre Valora; nem com uma vantagem de quatro contra um. Mas a vantagem é maior do que essa. Se quiser que a gente pegue pesado, vamos fazer o que for necessário.

Locke mordeu a parte interna da bochecha, pensando.

– Você fez um juramento a mim, Jabril. Um juramento a mim como seu capitão! Depois que eu devolvi a *vida* a vocês.

– Todos fizemos, e foi a sério, mas você não é o que disse que era. Você não é oficial-marinheiro. Caldris era, que os deuses o tenham, mas não sei que porra você é. Você enganou a gente, por isso o juramento não vale mais.

– Entendo. – Locke ponderou, estalou os dedos e continuou: – Então vocês teriam mantido o juramento se eu... ah... fosse o que eu disse que era?

– É, Ravelle. Teríamos mesmo, porra.

– Acredito em você. Acredito que você não viola juramentos, Jabril. Por isso, tenho uma proposta. Jerome e eu estamos dispostos a sair em paz da cabine. Vamos subir ao convés e vamos conversar. Ficaremos felizes em ouvir as reclamações de vocês, da primeira à última. E vamos de mãos vazias, desde que você faça o juramento. Salvo-conduto até o convés e uma conversa aberta. Para todo mundo.

– Não vai haver nada de “ouvir reclamações”, Ravelle. Vai ser apenas nós dizendo como vai ser.

– Tudo bem. Pode chamar isso como quiser. Me dê seu juramento de salvaguarda e nós saímos. Saímos agora.

Durante um tempo, Locke se esforçou para ouvir qualquer coisa na escada de tombadilho.

Por fim, Jabril falou:

– Venham com as mãos vazias e não façam nenhum movimento brusco, especialmente Valora. Façam isso e eu juro diante de todos os deuses que chegarão em segurança ao convés. Então vamos conversar.

– Bom – sussurrou Jean –, pelo menos isso conseguimos.

– É. Talvez apenas uma chance de morrer sob a luz do sol, não nas sombras. – Ele pensou se trocava de roupa antes de subir ao convés, mas desistiu, balançando a cabeça. – Para o inferno com isso. Jabril!

– Que foi?

– Estamos abrindo a porta.

6

O mundo acima do convés era de céu azul intenso e sol forte; um mundo que Locke quase havia esquecido nos dias anteriores. Maravilhou-se com ele, apesar de Jabril levá-los até o meio do navio sob os olhos de trinta homens com espadas desembainhadas e flechas nos arcos. Linhas brancas espumavam no horizonte, mas em volta do *Mensageiro Vermelho* as ondas rolavam suaves e a brisa era um bem-vindo beijo de calor na pele.

– Incrível – sussurrou ele. – Nós navegamos de volta para o verão.

– Faz sentido termos sido soprados para o sul mesmo durante a tempestade – disse Jean. – Devemos ter ultrapassado o Primeiro Divisor. Latitude zero.

O navio ainda era uma confusão só; Locke viu reparos improvisados e incompletos em toda parte. Mazucca estava parado calmamente junto ao timão, o único homem desarmado no convés. O navio era guiado usando apenas a vela de gávea principal. O cordame do mastro principal exigia um trabalho infernal de desembaraçar antes que pudesse carregar qualquer vela útil; o mastaréu caído não estava à vista.

Locke e Jean pararam diante do mastro principal, esperando. No castelo de proa, homens olhavam para os dois por trás dos arcos. Felizmente, nenhum havia retesado a corda. Pareciam nervosos e Locke não confiava no bom senso nem no tônus muscular deles. Jabril se encostou no bote do navio e apontou para Locke.

– Você mentiu pra gente, Ravelle.

A tripulação gritou e zombou, sacudindo as armas, proferindo insultos. Locke levantou a mão para falar, mas Jabril não permitiu.

– Você mesmo disse isso lá embaixo. Preciso que você admita, porra, portanto diga de novo, para todo mundo ouvir. *Você não é oficial-marinheiro.*

– É verdade – confirmou Locke. – Não sou oficial-marinheiro. Isso já deve ser óbvio para todo mundo.

– Que diabo você é, então? – Jabril e os homens pareciam genuinamente confusos. – Você tinha um uniforme verrari. Você entrou e saiu da Rocha de Barlavento. O Arconte tomou esse navio e você o tomou de volta. Que porcaria de jogo é este?

Locke percebeu que uma resposta insatisfatória teria duras consequências; se formara um mistério considerável para ser deixado de lado. Ele coçou o queixo e espalmou as mãos.

– Certo. Olhem, apenas *uma parte* do que eu disse era mentira. Eu, ah, fui de fato um oficial a serviço do Arconte, só não era oficial *da marinha*. Era um dos capitães do serviço de informações dele.

– Informações? – gritou Aspel, que segurava um arco em cima do castelo de proa. – Como assim, está falando de espiões e coisas do tipo?

– Exatamente – respondeu Locke. – Espiões. E coisas do tipo. Odeio o Arconte. Estava enjoado de servir a ele. Achei... achei que com uma tripulação e um navio teria um modo seguro de dar o fora e ao mesmo tempo puni-lo. Caldris veio para fazer o serviço de verdade enquanto eu aprendia.

– É – disse Jabril. – Mas não foi isso que aconteceu. E você não se contentou em apenas mentir para nós sobre quem você era. – Ele virou as costas para Locke e Jean, falando para a tripulação. – Ele nos trouxe ao mar sem uma mulher a bordo do navio!

Caretas, vaias, gestos grosseiros e um bom número de sinais de mão para afastar o mal.

– Esperem aí! – gritou Locke. – Eu pretendia trazer mulheres; tinha quatro na lista. Vocês não as viram na Rocha de Barlavento? Prisioneiras? Todas pegaram febre. Tiveram de ser levadas para terra, não veem?

– Se isso é verdade, talvez você tenha pensado um dia, mas o que fez quando todas ficaram doentes?

– O Arconte tirou a porcaria das prisioneiras, não eu. Eu precisei trabalhar com o que me restou. O que me restou foram *vocês*!

– Certo, então você trouxe a gente para cá, porra, sem *um único gato*!

– Caldris ordenou que eu arranjasse alguns. Desculpem, eu simplesmente... já falei que não sou marinheiro. Fiquei ocupado escapando de Tal Verrar e deixei os gatos para trás. Eu não sabia!

– É verdade, você não tinha nada que vir para cá se não sabia da porcaria das regras! Por sua causa, este navio está amaldiçoado! Nós temos sorte de estar vivos, os que *ainda* estamos. Cinco homens pagaram pelo pecado que era seu! Sua ignorância pelo que é devido a Iono, o Pai das Tormentas, pelos que navegam em suas águas.

– Que o Senhor das Águas Revoltas nos proteja! – exclamou outro

marinheiro.

– Nosso infortúnio é culpa sua – continuou Jabril. – Você admite suas mentiras e sua ignorância. Eu digo que este navio não está limpo enquanto não tirarmos você de dentro dele! Qual é a palavra de todos?

Houve um coro alto, imediato e unânime de concordância; os marinheiros sacudiram suas armas para Locke e Jean, gritando.

– É isso – disse Jabril. – Larguem suas armas.

– Espere – replicou Locke. – Você disse que íamos falar e eu não terminei!

– Eu trouxe vocês em segurança ao convés e nós conversamos. A conversa acabou, o juramento está pago. – Jabril cruzou os braços. – Larguem as armas!

– Agora...

– Arqueiros! – berrou Jabril. Os homens em cima do castelo de proa miraram.

– Qual é a opção? – gritou Locke com raiva. – Nos desarmamos para poder *o quê?*

– Fiquem com as armas e morram sangrando neste convés. Ou se desarmem e nadem até onde puderem. Que Iono seja o juiz de vocês.

– Morte rápida e dolorosa ou lenta e dolorosa. Certo. – Locke desamarrou o cinto da espada e deixou-a cair no convés. – Mestre Valora não teve nada a ver com minhas tramoias. Eu o arrastei para isso como fiz com vocês!

– Ei, espera um minuto, porra... – falou Jean ao colocar as Irmãs Malvadas respeitosamente aos seus pés.

– O que você diz, Valora? – Jabril olhou ao redor procurando objeções da tripulação e não encontrou nenhuma. – O mentiroso é Ravelle, que admite que o crime é dele; vamos nos livrar dele e a maldição será extinguida. Você é bem-vindo para ficar.

– Se ele nadar, eu nado – rosnou Jean.

– Ele vale tanto assim para você?

– Não preciso me explicar, porra.

– Não! – berrou Locke quando vários marinheiros avançaram com espadas erguidas. – Não! Primeiro tenho uma coisa a dizer.

– Você já disse o que queria. O Pai das Tormentas vai julgar o que mais houver.

– Quando encontrei vocês, vocês estavam numa masmorra. Sob a porra de uma *rocha*. Trancados sob ferro e pedra! Prontos para morrer ou remar para o prazer do Arconte. Estavam mortos e apodrecendo, seus miseráveis!

– Já ouvi isso antes – rebateu Jabril.

– Talvez eu não seja um oficial naval. Talvez eu mereça isto, talvez vocês estejam certos em castigar o homem que trouxe vocês a este infortúnio. Mas também sou o homem que libertou vocês. *Sou o homem que lhes deu qualquer vida possível*. Vocês cospem nesse presente diante dos deuses se fizerem isso comigo!

– Quer as flechas, então? – perguntou Aspel, e os homens em torno gargalharam.

– Não – interveio Jabril, erguendo as mãos. – Não. Há algum sentido nisso. Este não é um navio feliz aos olhos dos deuses, com toda certeza. Nossa sorte já estará bem escassa, mesmo depois de nos livrarmos dele. Ravelle precisa morrer pelos crimes que cometeu; pelas mentiras, pela ignorância e pelos homens que não verão terra outra vez. Mas ele nos libertou. – Jabril olhou ao redor e mordeu os lábios antes de continuar. – Nós *realmente* devemos isso a ele. Por mim, devemos dar o bote a eles.

– Nós precisamos do bote! – berrou Mazucca.

– Não faltam botes em Porto Pródigo – retrucou Streva. – Talvez a gente possa saquear um no caminho até lá.

– É, isso e gatos! – gritou outro marinheiro.

– Barco aberto – disse Jabril. – Sem comida, sem água, é no que eu voto. Eles vão como estão agora. Que Iono leve os dois como e quando quiser. Qual é a palavra de todos?

Houve outra explosão de aprovação entusiasmada. Até Mazucca cedeu e assentiu.

– Só uma natação mais longa, no fim das contas – falou Locke.

– Bom – sussurrou Jean –, você os convenceu pelo menos disso.

7

O bote do navio foi desamarrado, içado e baixado pelo lado de estibordo até as águas azul-escuras do Mar de Bronze.

– Eles ganham remos, Jabril? – Um marinheiro ficara com a tarefa de

tirar o barril de água e as rações do bote e havia pegado os remos também.

– Acho que não – respondeu Jabril. – Iono vai movê-los se quiser que sejam movidos. Vamos deixar os dois flutuando; essa foi a opinião geral.

Grupos de marinheiros armados se enfileiraram à frente e atrás para cutucar Locke e Jean em direção à portinhola de estibordo. Jabril foi logo atrás. Quando chegaram à beira, Locke viu que o bote estava amarrado com uma corda cheia de nós, pela qual os dois desceriam.

– Ravelle – chamou Jabril baixinho. – Você é mesmo do Treze? É mesmo um dos sacerdotes dele?

– Sou – garantiu Locke. – Era a única bênção honesta que eu poderia dar a eles.

– Acho que faz sentido: espiões, coisas do tipo...

Jabril enfiou algo frio na túnica de Locke, às costas, deslizando-a de qualquer jeito até a parte de cima do calção. Locke reconheceu o peso de um dos seus punhais junto ao cinto.

– Talvez o Pai das Tormentas leve os dois depressa – sussurrou Jabril – ou talvez deixe vocês flutuando a porra de um tempo enorme. Até que vocês decidam que simplesmente já estão *fartos*... sabe?

– Jabril... Obrigado. Eu, ah, gostaria de ter sido um capitão melhor.

– Eu gostaria que você tivesse sido qualquer tipo de capitão. Agora desça pela porra do costado e suma.

Em instantes, Locke e Jean olhavam do bote que oscilava suavemente enquanto o *Mensageiro Vermelho* seguia com dificuldade, para sudoeste por oeste, com as velas rasgadas, deixando-os no meio de lugar nenhum sob um sol do meio da tarde pelo qual Locke teria dado 10 mil solaris apenas um ou dois dias antes.

Passaram 100 metros, 200, 300... o antigo navio se afastava lentamente pelo mar ondulante, a princípio com o que deveria ser metade dos tripulantes observando da popa. Mas logo perderam interesse nos homens mortos que estavam em sua esteira e voltaram à tarefa de impedir que seu pequeno mundo de madeira sucumbisse aos ferimentos.

Locke se perguntou quem herdaria a cabine de popa, as machadinhas de Jean, suas ferramentas incomuns e os 500 solaris guardados no fundo de seu baú pessoal – suas últimas verbas somadas ao financiamento de Stragos.

Que os ladrões prosperem, pensou.

– Bem, esplêndido – disse, esticando as pernas do melhor modo possível.

Ele e Jean se encararam, sentados em bancos opostos da embarcação de seis lugares. – Mais uma vez engendramos uma fuga brilhante e roubamos algo de valor. Este bote deve valer 2 solaris.

– Só espero que quem ficar com as Irmãs Malvadas morra engasgado – falou Jean.

– O quê, com as machadinhas?

– Não, com qualquer coisa. O que for conveniente. Eu preferiria jogá-las pela janela da cabine a deixar que outra pessoa ficasse com elas. Pelos deuses.

– Jabril me passou um punhal enquanto eu saía.

Jean ponderou por um momento, depois deu de ombros.

– Quando um barco menor aparecer, pelo menos teremos uma arma para abordá-lo e tomá-lo.

– Você está... é... confortável aí na cabine de popa?

– Estou. – Jean se levantou do banco, andou de lado e se espremeu na popa com as costas na amurada de estibordo. – É meio apertada, mas os acabamentos são luxuosos.

– Isso é bom – disse Locke, apontando para o meio do bote. – Espero que não fique mais apertado quando eu instalar o jardim suspenso e a biblioteca bem ali.

– Já levei isso em conta. – Jean inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. – O jardim suspenso pode ficar em cima da minha casa de banhos.

– Que também pode servir como templo.

– Você acha necessário?

– Acho. Imagino que nós dois vamos rezar um bocado.

Flutuaram em silêncio por muitos minutos. Locke também fechou os olhos, respirou fundo o ar penetrante e ouviu o sussurro fraco das ondas. O sol era uma pressão quente e bem-vinda no topo da cabeça, e isso, acima de tudo, conspirou para acalotá-lo num estado semissonolento. Procurou em seu interior alguma sugestão de angústia e encontrou apenas um entorpecimento oco; parecia ter relaxado diante do colapso final de todos os planos. Sem ninguém mais para enganar, sem mais segredos para guardar, sem tarefas exigidas dele ou de Jean enquanto ficavam à deriva, esperando que os deuses revelassem seu próximo capricho.

A voz de Jean chamou-o de volta ao presente após um intervalo incomensurável e ele piscou ao abrir os olhos para a claridade forte do sol na

água.

– Locke, vela à vista, três pontos a estibordo!

– Rá, rá, Jean. Deve ser o *Mensageiro Vermelho* se afastando de nós para sempre. Sem dúvida você se lembra dele.

– Não – replicou Jean, com mais insistência. – Nova vela à vista, três pontos a estibordo!

Locke olhou por cima do ombro, apertando os olhos. O *Mensageiro Vermelho* continuava claramente visível, agora a uns 800 metros de distância. À esquerda dele, a princípio difícil de enxergar contra a brilhante fusão de mar e céu... um quadrado branco poeirento apenas roçando o horizonte.

– Não é possível – comentou Locke. – Parece que nossos rapazes terão a primeira chance de saquear.

– Se ao menos ele tivesse feito a cortesia de aparecer ontem!

– Aposto que eu teria estragado as coisas mesmo assim. Mas... não consigo imaginar aqueles pobres coitados prendendo a presa com arpéus, saltando por cima das amuradas, espadas na mão, gritando “Seus gatos! Entreguem todos os seus gatos malditos!”.

Jean gargalhou.

– Que maldita confusão a gente começou. Pelo menos vamos ter alguma diversão. Vai ser um negócio tremendamente esquisito, com o *Mensageiro* nesse estado. Talvez eles voltem e implorem que a gente dê uma mãozinha.

– Vão implorar a você, talvez.

Enquanto Locke olhava, o traquete do *Mensageiro* surgiu com um tremor, um quadrado de branco se desdobrando. Forçando a vista, podia vislumbrar figuras minúsculas correndo de um lado para o outro no convés e no cordame. Seu antigo navio pôs a proa um pouquinho a bombordo, trazendo o vento para o quarto de bombordo.

– Esse navio está oscilando tanto que parece um cavalo com o tornozelo partido, mancando – comentou Jean. – Olhe, eles não confiam no mastro principal para colocar nenhuma vela. Não os culpo. – Jean examinou a cena por mais alguns minutos. – O novo amigo está vindo em rumo nor-noroeste, acho. Se nossos rapazes se esgueirarem para oeste e parecerem bastante inofensivos, talvez... caso contrário, aquele navio tem espaço suficiente para correr a oeste ou a sul. Se ele estiver em condições razoáveis, o *Mensageiro* nunca vai alcançá-lo.

– Jean... – chamou Locke, muito devagar, um tanto hesitante para confiar em sua própria avaliação naval. – Não... não acho que ele esteja pensando em escapar. Olha, ele está indo direto para o *Mensageiro*.

– E bem rápido – concordou Jean, claramente fascinado. – Olhe só! Aposto meu fígado que o *Mensageiro* não está fazendo nem 4 nós. O outro está fazendo o dobro ou mais.

– Talvez eles não liguem para o *Mensageiro*. Talvez possam ver que ele está ferido e passem direto.

– Um “beijem o meu rabo e adeus”. Que pena.

O recém-chegado cresceu cada vez mais; as formas turvas se tornaram um casco esguio e escuro, velas enfunadas, as linhas finas dos mastros.

– Dois mastros – constatou Jean. – Um brigue, com *uma porrada* de velas.

Locke sentiu uma inesperada urgência; tentou conter a empolgação enquanto o *Mensageiro* se arrastava debilmente para o sudoeste e o recém-chegado se aproximava dele cada vez mais. Agora a embarcação estranha mostrava o lado de estibordo para eles. Como Jean dissera, o navio tinha dois mastros, além de um perfil baixo e rápido e um casco preto a ponto de reluzir.

Um ponto escuro apareceu no ar acima da popa. Moveu-se para o alto, expandiu-se e se abriu numa enorme bandeira de carmesim vívido como sangue recém-derramado.

– Ah, pelo amor dos deuses! – gritou Locke. – Só pode ser brincadeira, porra!

O recém-chegado acelerou, a água espumante se levantando na proa, diminuindo a cada segundo a distância com relação ao *Mensageiro Vermelho*. Formas brancas e baixas apareceram atrás, barcos apinhados com os pontos escuros que eram marinheiros. O novo navio girou para sotavento do *Mensageiro* como uma fera faminta impedindo a fuga da presa e seus botes cortaram a água reluzente para atacar a barlavento. O que quer que Jabil e sua tripulação fizessem para escapar da armadilha não bastou; um coro após o outro de gritos beligerantes ecoava debilmente sobre a água e pequenos pontos pretos logo estavam subindo em enxames pelos costados do *Mensageiro*.

– Não! – Locke só percebeu que havia saltado de pé quando Jean puxou-o de volta num instante. – Ah, desgraçados! Seus desgraçados podres,

miseráveis, covardes! Vocês não podem tomar a porra do meu navio...

– Que já tinha sido tomado – interrompeu Jean.

– Eu viajei mais de mil quilômetros para apertar a porcaria da mão de vocês! E vocês aparecem *duas horas* depois de eles nos colocarem para fora!

– Nem metade disso – observou Jean.

– Seus piratas preguiçosos, burros, broxas!

– Que os ladrões prosperem – disse Jean, mordendo os nós dos dedos e rindo a ponto de fazer um ruído parecido com o de um porco.

A batalha, se é que poderia ser chamada assim, não durou cinco minutos. Alguém no tombadilho girou o *Mensageiro* direto contra o vento, matando a pouca velocidade que ele desenvolvia. Todas as velas foram rizadas e logo ele ficou à deriva, com um dos botes dos piratas amarrado na lateral. Outra das pequenas embarcações voltou às pressas ao navio que o lançara. Prosseguindo bem mais devagar do que na caçada ao *Mensageiro*, o navio virou numa bordada de estibordo e começou a ir na direção de Locke e Jean – um monstro agourento brincando com a próxima refeição minúscula.

– Acho que essa pode ser uma daquelas situações do tipo “boa notícia e má notícia” – comentou Jean, estalando os nós dos dedos. – Talvez precisemos nos preparar para repelir a abordagem.

– Com o quê? Um punhal e insinuações maldosas sobre as mães deles? – Locke fechou as mãos com força; sua raiva havia se transformado em empolgação. – Jean, se subirmos a bordo daquele navio e conseguirmos entrar para a tripulação usando papo furado, estamos de volta no jogo, pelos deuses!

– Eles podem querer matar a gente e pegar o bote.

– Veremos. Veremos. Primeiro vamos trocar cortesias. Fazer um pouco de interação diplomática.

A embarcação pirata veio lentamente à medida que o sol baixava e a cor do céu e da água escurecia aos poucos. O casco era de madeira-bruxa e bem maior do que o *Mensageiro Vermelho*. Marinheiros se apinhavam nas vergas e junto às amuradas; Locke sentiu uma pontada de inveja ao ver uma tripulação tão grande e ativa. O navio cortou a água majestosamente, depois virou na direção do vento enquanto eram gritadas ordens no tombadilho. Velas foram rizadas com movimentos precisos e rápidos. Ele foi parando, bloqueou a visão que os dois tinham do *Mensageiro Vermelho* e apresentou o costado de bombordo a uma distância de cerca de 20 metros.

– Olá, ó barco! – gritou uma mulher junto à amurada.

Ela era relativamente baixa, pelo que Locke podia ver; de cabelos escuros, com armadura parcial, apoiada por pelo menos uma dúzia de marinheiros armados e bastante interessados. Locke sentiu a pele se arrepiar sob o exame deles e fingiu animação.

– Olá, ó brigue! Belo tempo, não?

– O que vocês dois têm a dizer a seu favor?

Locke considerou num instante as vantagens potenciais das abordagens: suplicante, cautelosa ou presunçosa? Decidiu que a presunçosa era a melhor chance que tinham de causar impressão memorável.

– Parados! – berrou, levantando-se e erguendo o punhal acima da cabeça. – Vocês devem perceber que nós temos o barlavento e vocês estão orçados, sem esperança de escapar! Seu navio é nosso e todos vocês são nossos prisioneiros! Estamos preparados para ser generosos, mas não nos testem.

Houve uma explosão de gargalhadas no convés do navio e Locke sentiu as esperanças crescerem. Gargalhadas eram uma coisa boa, pois raramente precediam uma chacina sangrenta, pelo menos na sua experiência.

– Você é o capitão Ravelle, não é?

– Ah, vejo que minha reputação me precede!

– A antiga tripulação de seu antigo navio mencionou seu nome.

– Merda – murmurou Locke.

– Vocês dois gostariam de ser resgatados?

– Sim, na verdade. Seria muita elegância da parte de vocês.

– Certo, então. Mande seu amigo se levantar. Vocês dois tirem toda a roupa.

– *O quê?*

Uma flecha sibilou no ar, passando bem acima da cabeça dos dois, e Locke se encolheu.

– Tirem a roupa! Se querem caridade, primeiro nos divirtam! Mande seu amigo grandão se levantar e fiquem pelados!

– Não acredito nisso – disse Jean, ficando de pé.

– Olhe, podemos só jogar a roupa no fundo do bote? – gritou Locke, começando a tirar a túnica. – Você não quer que a gente jogue tudo no mar, certo?

– Não. Vamos ficar com elas, além do bote, mesmo que não fiquemos

com vocês. Os calções, senhores! É assim que se faz!

Instantes depois, Locke e Jean estavam de pé, equilibrados precariamente no bote oscilante, nus frente à brisa da tarde sentida no traseiro.

– Cavalheiros, o que é isso? Eu esperava ver alguns sabres, mas em vez disso vocês mostram punhais!

A tripulação atrás dela explodiu em gargalhadas. Guardião Torto! Locke percebeu que outros tinham surgido ao longo da amurada de bombordo. Havia mais marinheiros parados ali, apontando e uivando para ele e Jean, do que em toda a antiga tripulação do *Mensageiro Vermelho*.

– Qual é o problema, rapazes? Pensar em ser resgatado não é algo atraente o bastante? O que é necessário para fazer alguma coisa subir aí embaixo?

Locke respondeu com um gesto das mãos que havia aprendido na infância e que garantia provocar brigas em qualquer cidade-estado no mundo terem. A multidão de piratas devolveu-o com muitas variações criativas.

– Certo, então! – berrou a mulher. – Fiquem numa perna só. Os dois! Numa perna só!

– *O quê?* – Locke pôs as mãos nos quadris. – Qual?

– Escolha uma das duas, como seu amigo está fazendo.

Locke levantou o pé esquerdo logo acima do banco do bote, estendendo os braços para se equilibrar, o que estava ficando cada vez mais difícil. Jean fez a mesma coisa ao lado e Locke teve certeza absoluta de que, à distância, eles pareciam um par de perfeitos idiotas.

– Mais alto – ordenou a mulher. – Que tristeza! Vocês podem fazer melhor do que isso.

Locke levantou o joelho mais uns 15 centímetros, olhando para ela com expressão de desafio. Podia sentir as vibrações da fadiga e do barco instável na perna direita; ele e Jean estavam a segundos de despencar e aumentar ainda mais o embaraço.

– Belo trabalho! – gritou a mulher. – Faça-os dançar!

Locke viu os borrões escuros das flechas atravessando sua visão antes de ouvir os estalos das cordas liberando-as. Mergulhou para a direita justo quando elas acertaram o meio do bote, percebendo meio segundo tarde demais que elas não haviam sido miradas contra carne e sangue. O mar o engoliu num instante. Ele caiu na água despreparado, de cabeça para baixo, e

ao voltar à superfície, ofegou e cuspiu com a sensação desagradável de água salgada entrando no nariz.

Locke ouviu Jean cuspir um monte de água, emergindo do outro lado do bote. Agora os piratas gargalhavam, curvados, caindo uns sobre os outros. A mulher baixa chutou uma corda cheia de nós por uma portinhola na amurada no navio.

– Nadem para cá, puxem o bote!

Agarrando-se à amurada e batendo os braços desajeitadamente, Locke e Jean conseguiram empurrar o bote até o navio. O fim da corda flutuava ali e Jean deu um firme empurrão em Locke na direção dela, como se tivesse medo de que os piratas pudessem puxá-la a qualquer segundo.

Locke se firmou contra a madeira preta e uniforme do casco, molhado, nu e furioso. Mãos ásperas o agarraram na amurada e puxaram-no a bordo. Ele se pegou olhando para um par de botas velhas e sentou-se.

– Espero que tenha sido divertido, porque eu vou...

Uma dessas botas o acertou no peito, empurrando-o de volta para o convés. Encolhendo-se, ele desistiu de se levantar e examinou a dona da bota. A mulher não era meramente baixa, era miúda, mesmo da perspectiva de alguém sob seu calcanhar. Usava uma túnica azul-celeste esgarçada sobre um colete de couro preto e frouxo com cortes que tinham mais a ver com violência do que com alta moda. O cabelo escuro, que se empilhava em cachos sobre cachos, era preso com firmeza à nuca e o cinto carregava um pequeno arsenal de facas e sabres. Havia músculos óbvios nos ombros e nos braços, uma impressão de força que fez Locke conter rapidamente a raiva.

– Vai o quê?

– Ficar deitado aqui no convés e desfrutar do belo sol da tarde.

A mulher riu; um segundo depois, Jean foi puxado por cima da amurada e jogado junto de Locke. Seu cabelo preto estava grudado na cabeça e a água escorria da barba crescida.

– Ora, um grandão e um pequeno. O grandão parece capaz de se virar um pouco. Deve ser mestre Valora.

– Se a madame diz, acho que devo ser.

– Madame? Madame é uma palavra de terra. Aqui, gente como você me chama de *tenente*.

– Então a senhora não é a capitã deste navio?

A mulher tirou a bota do peito de Locke e permitiu que ele se sentasse.

– Nem de longe.

– Ezri é minha imediata – disse alguém atrás de Locke.

Ele se virou, lenta e cuidadosamente, para olhar quem falava.

A mulher era mais alta do que a outra e tinha ombros mais largos. Era escura, com a pele só um pouquinho mais clara do que o casco do navio, e de uma beleza impressionante, mas não jovem. Havia rugas por seu rosto, indicando que teria cerca de 40 anos. Os olhos e a boca tinham uma expressão dura; obviamente, ela não compartilhava o senso de malícia de Ezri com relação aos dois prisioneiros despidos que pingavam água em seu convés.

Suas tranças cor da noite, entremeadas com fitas vermelhas e prateadas, pendiam numa juba sob um chapéu de quatro bicos e, apesar do calor, ela usava um casaco marrom manchado pelo tempo, forrado com brilhante seda dourada. Porém, o mais espantoso era seu colete de mosaico de Vidrantigo, que pendia desafivelado sob o casaco. Esse tipo de armadura raramente era visto fora de mãos da realeza: cada plaquinha de Vidrantigo precisava ser unida por uma trama de metal, já que os humanos não sabiam como unir o vidro com o vidro. O colete reluzia com a luz do sol refletida, mais intrincado do que um vitral – mil lascas do tamanho de unhas de glória reluzente delineadas em prata.

– Orrin Ravelle... Nunca ouvi falar de você.

– Nem deveria – replicou Locke. – Podemos ter o prazer de conhecê-la?

– Del – chamou ela, dando as costas para Locke e Jean e olhando para Ezri –, ponha aquele bote para dentro. Faça um exame nas roupas deles, pegue qualquer coisa interessante e faça com que se vistam de novo.

– Como quiser, capitã.

Ezri se virou e começou a dar instruções aos marinheiros ao redor. A capitã voltou a olhar para os dois ladrões encharcados.

– Meu nome é Zamira Drakasha. Meu navio é o *Orquídea Venenosa*. Assim que estiverem vestidos, alguém vai levá-los para baixo e jogá-los no porão.

CAPÍTULO NOVE

O Orquídea Venenosa

1

A prisão ficava no fundo do *Orquídea Venenosa*, no que era, ironicamente, a parte com pé-direito mais alto no navio, uns 3 metros do piso ao teto. Mas a pilha de barris e sacos impermeáveis atulhava o compartimento, não deixando nada além de um espaço escuro e apertado como um caixão acima de sua superfície irregular. Locke e Jean sentaram-se nessa desconfortável carga com a cabeça encostada no teto. O ambiente sem luz fedia a cordas encharcadas, lona mofada, comida rançosa e conservantes alquímicos sem eficácia.

Esse era tecnicamente o depósito de carga de proa; o porão era lacrado por uma antepara de mais ou menos 3 metros à esquerda deles. A menos de 6 metros na direção oposta, a curva preta da embarcação encontrava vento e água. As ondas fracas que eles podiam ouvir batiam nas laterais do navio a pouco mais de um metro acima da cabeça deles.

– Nada menos do que as pessoas mais amistosas e as melhores acomodações do Mar de Bronze – afirmou Locke.

– Pelo menos não me sinto muito prejudicado pela escuridão – observou Jean. – Perdi a porcaria dos ópticos quando levei aquele tombo na água.

– Até este momento, hoje, perdemos um navio, uma pequena fortuna, suas machadinhas e agora seus ópticos.

– Pelo menos nossas perdas estão ficando progressivamente menores. – Jean estalou os nós dos dedos e o som ecoou de modo estranho no escuro. – Há quanto tempo você acha que estamos aqui embaixo?

– Uma hora, talvez? – Locke suspirou, afastou-se da antepara de

estibordo e começou o laborioso processo de encontrar um nicho vagamente confortável onde se enfiar, em meio a tampos de barris e sacos com objetos duros e encalombados. – Mas eu ficaria surpreso se eles pretendessem manter a gente aqui de vez. Acho que só estão... marinando a gente. Para o que vem em seguida.

– Você está procurando ficar confortável?

– Estou combatendo o bom combate. – Locke empurrou um saco para fora do caminho e enfim se viu com espaço suficiente para descansar. – Assim é melhor.

Alguns segundos depois, veio o rangido de muitos pés logo acima, seguidos por um som raspado. A grade que dava no convés acima – que fora enrolada em tecido oleado para deixá-los na escuridão – estava sendo levantada. Uma luz fraca se intrometeu no breu e Locke estreitou os olhos.

– Não disse? – murmurou ele.

– Inspeção de carga – falou uma voz familiar. – Estamos procurando alguma coisa fora do lugar. Vocês dois, por exemplo.

Jean se arrastou para o pálido quadrado de luz e olhou para cima.

– Tenente Ezri?

– Delmastro – corrigiu ela. – Ezri Delmastro, portanto tenente Delmastro.

– Peço desculpas, tenente *Delmastro*.

– Esse é o espírito. O que acharam da sua cabine?

– O cheiro poderia ser pior – respondeu Locke –, mas acho que eu teria de passar alguns dias mijando em tudo para conseguir isso.

– Fiquem vivos até nossos suprimentos começarem a diminuir e vocês vão beber coisas que vão tornar esse fedor uma lembrança feliz. Bom, normalmente eu baixaria uma escada, mas é só um metro até aqui. Acho que vocês conseguem. Subam devagar. A capitã Drakasha está com uma ansiedade súbita de trocar uma palavra com vocês.

– Essa oferta inclui um jantar?

– Vocês têm sorte por ela incluir roupas, Ravelle. Subam. O menor primeiro.

Locke passou se arrastando por Jean e atravessou a escotilha até o ar moderadamente menos sufocante da coberta inferior. A tenente Delmastro esperava com oito tripulantes, todos armados e com armaduras. Locke foi agarrado por trás por uma mulher corpulenta ao se levantar no corredor.

Após um instante, Jean foi ajudado a subir e segurado por três marinheiros.

– Certo.

Delmastro segurou os pulsos de Jean e colocou um par de algemas de aço enegrecido nelas. Em seguida, foi a vez de Locke, que fez uma rápida avaliação profissional: estavam lubrificadas e sem ferrugem e apertadas demais para escapar delas, mesmo se tivesse tempo de fazer alguns ajustes dolorosos nos polegares.

– Enfim a capitã teve uma chance de conversar demoradamente com alguns dos seus antigos tripulantes – informou Delmastro. – Eu diria que ela está bastante curiosa.

– Ah, que maravilha – comentou Locke. – Outra bela chance de me explicar a alguém. Como eu adoro me explicar.

A escolta os guiou com cautela e logo estavam no convés, sob a última luz do crepúsculo. O sol ia passando por trás do horizonte oeste, um olho vermelho-sangue se fechando preguiçoso sob pálpebras de nuvens levemente vermelhas. Locke absorveu agradecido o ar fresco e de novo ficou impressionado com a população do *Orquídea Venenosa*. O navio era apinhado de tripulantes, homens e mulheres, movimentando-se embaixo ou trabalhando no convés à luz de um número cada vez maior de lanternas alquímicas.

Tinham chegado à meia-nau. Alguma coisa cacarejava e batia asas numa caixa escura logo à frente do mastro principal. Era um galinheiro – pelo menos uma ave estava bicando a tela da gaiola, agitada.

– Eu simpatizo com você – sussurrou Locke.

Os tripulantes do *Orquídea* levaram-no para a popa, alguns passos à frente de Jean. No tombadilho, logo acima da escada que descia às cabines de popa, um grupo de marinheiros conteve Jean outra vez, a um sinal de Delmastro.

– Este convite é só para Ravelle. Mestre Valora pode esperar aqui em cima até vermos no que isso vai dar.

– Ah – fez Locke. – Você vai ficar confortável aqui em cima, Jerome?

– “Paredes frias não fazem uma prisão” – recitou Jean com um sorriso – “nem algemas de ferro fazem um escravo”.

A tenente Delmastro olhou-o de um modo estranho e, depois de alguns segundos, completou:

– “Palavras ousadas voarão das línguas dos recém-acorrentados; como

fagulhas de pederneira, com o mesmo calor real e a mesma longevidade.”

– Você conhece a *Tragédia dos dez vira-casacas honestos* – disse Jean.

– Como você. *Muito* interessante. E... completamente irrelevante. – Ela deu um empurrão suave em Locke, na direção da escada de tombadilho. – Fique aqui, Valora. Levante um dedo de modo não amistoso e morrerá aí mesmo.

– Meus dedos vão se comportar muitíssimo bem.

Locke desceu atabalhoadamente a escada, entrando num espaço escuro quase igual ao do *Mensageiro Vermelho*, porém maior. Se sua rápida estimativa estivesse certa, o *Orquídea Venenosa* tinha uma vez e meia o tamanho de seu antigo navio. Havia pequenas cabines com portas de lona, duas de cada lado, e uma sólida porta de madeira-bruxa na cabine de popa, no momento trancada, onde Ezri bateu três vezes após empurrar Locke de lado com firmeza.

– É Ezri, com o senhor misterioso! – gritou ela.

Um instante depois, a porta foi destrancada por dentro e Delmastro sinalizou para Locke entrar à sua frente.

A cabine de Drakasha, em contraste com a de Ravelle, mostrava todas as evidências de uma habitação duradoura e confortável. Ricamente iluminado por lâmpadas-joias alquímicas multifacetadas em molduras de ouro, o espaço tinha camadas de tapeçarias e almofadas de seda. Vários baús sustentavam um tampo de mesa laqueado tomado por pratos vazios, mapas dobrados e instrumentos de navegação de qualidade. Locke sentiu uma pontada ao ver seu próprio baú, aberto no chão ao lado da cadeira da capitã.

Os postigos tinham sido tirados das janelas de popa. Drakasha estava sentada diante delas, sem o casaco e a armadura, segurando uma menina de 3 ou 4 anos sobre os joelhos. Através das janelas, Locke podia ver o *Mensageiro Vermelho*, sombreado pela escuridão crescente, arrastando-se com as luzes bamboleantes do que deviam ser equipes de reparos.

Locke olhou à esquerda para ver quem havia aberto a porta, então virou a cabeça para baixo e deparou com um garoto de cabelos encaracolados pouco mais velho do que a menina no colo de Zamira. As duas crianças tinham o cabelo preto-carvão dela e algo de suas feições, mas a pele era um pouco mais clara, como areia do deserto à sombra. Ezri desgrenhou afetuosamente o cabelo do garoto enquanto cutucava Locke para dentro da cabine, e o menino saiu do caminho, tímido.

Ignorando os recém-chegados, Zamira apontou pelas janelas de popa.

– Está vendo aquilo, Cosetta? Sabe o que é?

– Navio.

– Isso mesmo. – Zamira abriu um sorriso... na verdade, um sorrisinho pretensioso. – É o navio *novo* da mamãe. Do qual mamãe tirou uma linda pilhazinha de *ouro*.

– Ouro – repetiu a menina, batendo palmas.

– Isso mesmo. Mas olhe o navio, querida. Olhe o navio. Você pode dizer à mamãe o que são aquelas coisas altas? Aquelas coisas altas que se estendem para o céu?

– Elas... é... Ah! Não.

– Quer dizer que você não sabe ou que está fazendo um motim?

– *Motinho!*

– Não no navio da mamãe, Cosetta. Olhe de novo. Mamãe já disse o que aquilo é, não disse? Ele se estende para o céu e carrega as velas, e é o...

– *Masto* – respondeu a menina.

– *Mastro*. Mas chegou perto. E quantos eles são? Quantos *mastros* tem o naviozinho novo da mamãe? Conte para a mamãe.

– Dois.

– Como você é esperta! O navio novo da mamãe tem dois mastros, isso mesmo. – Zamira se inclinou para perto do rosto da filha, tocando o nariz no dela, e Cosetta riu. – Agora ache duas coisas que são iguais entre si.

– Ah...

– Aqui na cabine, Cosetta. *Dois* coisas que são iguais entre si.

A garota olhou em volta, enfiando a maior parte da mão esquerda na boca antes de se fixar no par de sabres que estavam encostados, dentro das bainhas, na parede logo abaixo da janela de popa.

– *Espada* – disse Cosetta.

– Isso mesmo! – Zamira deu-lhe um beijo na bochecha. – Mamãe tem *duas* espadas. Pelo menos aqui, querida. Agora você vai ser uma menina boazinha e ir para cima com Ezri? Mamãe precisa falar com esse moço só um pouquinho. Paolo também vai.

Ezri atravessou a cabine para pegar Cosetta no colo e a menina se agarrou a ela com prazer óbvio. Paolo acompanhou Ezri como uma sombra, mantendo a tenente entre ele e Locke, ousando espiar por trás das pernas dela de vez em quando.

- Tem certeza de que quer ficar sozinha, capitã?
- Vou estar bem, Del. Eu me preocuparia é com o Valora.
- Ele está algemado, com oito tripulantes perto.
- Isso basta, acho. E os homens do *Mensageiro Vermelho*?
- Todos embaixo do castelo de proa. Treganne está vigiando.
- Ótimo. Vou subir daqui a pouco. Leve Paolo e Cosetta para Gwillem e deixe que eles fiquem sentados no tombadilho. Longe da amurada, veja bem.
- Entendido.
- E diga a Gwillem que, se ele tentar dar cerveja sem água a eles de novo, eu arranco o coração dele e mijo no buraco.
- Vou dizer isso palavra por palavra, capitã.
- Podem sair agora. Se derem trabalho a Ezri e Gwillem, queridos, mamãe *não* vai ficar satisfeita.

A tenente Delmastro saiu da cabine levando as duas crianças e fechou a porta. Locke se perguntou qual deveria ser sua abordagem naquela reunião. Não sabia quase nada sobre Drakasha; não conhecia nenhum ponto fraco para explorar, nenhum preconceito para distorcer. Retirar as várias camadas de mentiras com as quais estivera trabalhando seria provavelmente um erro. Era melhor agir como Ravelle por enquanto.

A capitã Drakasha pegou seus sabres embainhados e encarou Locke pela primeira vez. Ele decidiu falar primeiro, de modo amigável:

- Seus filhos?
- Impressionante como *pouco* escapa à percepção penetrante do veterano oficial de inteligência! – Ela tirou um dos sabres da bainha com um suave sibilo metálico e fez um gesto para Locke com a arma. – Sente-se.

A única outra cadeira na cabine ficava perto da mesa. Locke obedeceu e cruzou as mãos algemadas no colo. Zamira se acomodou, virada para ele, e pôs o sabre desembainhado sobre os joelhos.

- No lugar de onde eu vim, temos um costume relativo a perguntas feitas por cima de uma lâmina nua. – Ela tinha um sotaque nítido, harmonioso, que Locke não conseguiu situar. – Você é familiarizado com ele?
- Não, mas acho que o significado é claro.
- Ótimo. Há alguma coisa errada com sua história.
- Quase *tudo* está errado na minha história, capitã Drakasha. Eu tinha um navio, uma tripulação e um monte de dinheiro. Agora me pego agarrado a um saco de batatas num porão que fede como o fundo de uma caneca de

cerveja suja.

– Não espere um relacionamento duradouro com as batatas. Eu só queria você fora do caminho enquanto falava com alguns tripulantes do *Mensageiro*.

– Ah. E como está minha tripulação?

– Nós dois sabemos que ela não é a sua tripulação, Ravelle.

– Como está a tripulação, então?

– Razoavelmente bem, ainda que não graças a você. Eles perderam a coragem de lutar assim que viram nossos números. A maioria parecia ansiosa para se render, por isso pegamos o *Mensageiro* sem nada mais do que alguns arranhões e alguns sentimentos feridos.

– Obrigado.

– Nós não fomos gentis por sua causa, Ravelle. De fato você tem uma tremenda sorte por estarmos perto. Eu gosto de andar na esteira das tempestades do fim do verão. Elas tendem a cuspir guloseimas suculentas sem condições de recusar nossa hospitalidade.

Drakasha enfiou a mão no baú de Locke, remexeu o conteúdo e pegou um pequeno maço de papéis.

– Agora quero saber quem são Leocanto Kosta e Jerome de Ferra.

– Identidades falsas que usávamos para nosso trabalho em Tal Verrar.

– A serviço do Arconte?

– Sim.

– Quase tudo aqui está assinado com “Kosta”. Pequenas cartas de crédito e de referência... a encomenda de algumas cadeiras... recibo de armazenamento de roupas. O único documento com o nome de Ravelle é esta comissão como oficial da marinha verrari. Eu devo chamá-lo de Orrin ou de Leocanto? Qual é o rosto falso?

– Pode me chamar de Ravelle. Estive na lista de oficias usando esse nome durante anos. É como recebo meu pagamento.

– Você é verrari de nascimento?

– Do continente. Um povoado chamado Vo Sarmara.

– O que fazia antes de servir ao Arconte?

– Eu era o que a senhora chamaria de um homem enlutado.

– Agora isso é profissão?

– Quero dizer um mestre de balanças, para um sindicato mercantil. Eu era o *homem enlutado* porque adorava pesar, entende?

- Muito engraçado. Um sindicato em Tal Verrar?
- É.
- Então você certamente trabalhou para o *Priori*.
- Isso foi parte do, ahn, do incentivo original para o pessoal do Stragos me atrair. Depois que minha utilidade como agente disfarçado no sindicato chegou a um beco sem saída, eu recebi novas tarefas.
- Humm. Eu conversei longamente com Jabril. O bastante para acreditar que seu posto na marinha é falso. Você tem *alguma* experiência militar?
- Nenhum treino militar formal, se é o que a senhora quer dizer.
- É curioso você poder requisitar um navio de guerra, mesmo sendo pequeno.
- Quando nos movemos suficientemente devagar para não incomodar ninguém, os capitães do serviço de informações têm enormes poderes de requisição. Ou pelo menos *tínhamos*. Acho que meus colegas sofrerão um pouco de supervisão indesejada por causa do que fiz.
- Trágico. Mesmo assim... é curioso, mais uma vez, que você tenha precisado perguntar meu nome quando estava aos meus pés. Imaginava que minha identidade seria óbvia para alguém a serviço de Stragos. Há quanto tempo você estava com ele?
- Cinco anos.
- Então entrou depois que a Armada Livre perdeu. Mesmo assim, como um verrari...
- Eu tinha uma vaga descrição sua. Pouco mais do que o seu nome e o do seu navio. Posso garantir que, se o Arconte tivesse pensado em mandar pintar seu retrato para nós, nenhum homem no serviço dele ignoraria sua aparência.
- Excelente tentativa. Mas sou imune a elogios.
- Que pena. Eu sou bom demais em elogios.
- Uma terceira coisa curiosa me ocorre: você pareceu genuinamente surpreso ao ver meus filhos a bordo.
- É, ah, que achei estranho você estar com eles. Aqui, no mar. Diante de todos esses riscos.
- Em que outro lugar eu poderia ficar de olho neles? – Zamira passou a mão no cabo do sabre. – Paolo tem 4 anos. Cosetta tem 3. Seu serviço de informações é mesmo tão desatualizado que você não sabia deles?
- Olhe, meu trabalho consistia em operações na cidade contra o *Priori* e

outros dissidentes. Eu não prestava muita atenção às questões navais que não tivessem a ver com meu salário.

– Há um prêmio de 5 mil solaris pela minha cabeça. E a de todos os capitães que sobreviveram à Guerra pelo Reconhecimento. Sei que ano passado circularam em Tal Verrar descrições acuradas de mim e da minha família; pus as mãos em alguns panfletos. Você quer que eu acredite que alguém na sua posição poderia ser tão ignorante?

– Odeio ferir seus sentimentos, capitã Drakasha, mas eu já disse: eu era um homem de terra...

– É.

– ... sou e era, e meus olhos estavam na cidade. Tive pouco tempo para estudar o básico da sobrevivência quando comecei a me preparar para roubar o *Mensageiro*.

– Mas por que isso? Por que roubar um navio e ir para o mar? Uma coisa *completamente* fora da sua experiência confessa? Se você tinha os olhos na terra e na cidade, por que não fez algo que tivesse a ver com elas?

Locke umedeceu os lábios, que haviam ficado desconfortavelmente secos. Tinha enfiado na cabeça um dossiê de informações sobre o passado de Orrin Ravelle, mas o personagem nunca fora projetado para um interrogatório daqueles.

– Pode parecer esquisito, mas foi o melhor que consegui fazer. Por acaso, meu falso cargo de oficial da marinha me dava mais condições de prejudicar o Arconte. Roubar um navio era um gesto mais grandioso do que roubar, digamos, uma carruagem.

– E o que Stragos fez para merecer esse *gesto grandioso*?

– Eu jurei nunca falar sobre isso.

– Que conveniente.

– Pelo contrário, eu gostaria de tranquilizá-la.

– Tranquilizar? Como alguma coisa que você me disse poderia me tranquilizar? Você mente, acrescenta floreios às mentiras antigas e se recusa a discutir as motivações para embarcar numa aventura insana. Se não me der respostas, irei presumir que você é um perigo para esta embarcação e que me arrisco a ofender Maxilan Stragos mantendo-o aqui. Não posso me dar ao luxo de arcar com as consequências. Acho que é hora de mandá-lo de volta para o lugar onde o encontrei.

– No porão?

– No mar.

– Ah. – Locke franziu a testa, depois mordeu o interior da bochecha direita para conter o riso. – Ah, capitã Drakasha, essa tentativa foi *muito* boa. Amadorística, mas criativa. Alguém sem meu histórico poderia ter caído.

– Maldição. – Drakasha deu um sorriso tenso. – Eu deveria ter fechado as cortinas das janelas de popa.

– É. Posso ver o seu pessoal no *Mensageiro* enquanto conversamos. Imagino que sua tripulação encarregada dele esteja desenrolando a porra do cordame para que ele possa andar mais rápido do que um bebê, certo? Se você ligasse a mínima para o fato de ofender o Arconte, afundaria aquele navio, e não o reformaria para vender.

– Verdade.

– O que significa...

– O que *significa* que ainda estou fazendo perguntas, Ravelle. Fale sobre o seu cúmplice, mestre Valora. É um amigo íntimo?

– Um colega de trabalho. Me ajudava em Tal Verrar com... trabalhos questionáveis.

– Só um colega de trabalho?

– Eu lhe pago bem e confio a ele meus negócios.

– Curiosamente instruído. – Zamira apontou para o teto da cabine; uma claraboia estreita tinha aberturas para deixar que o ar do tombadilho entrasse. – Ouvi quando ele e Ezri citaram Locarno há alguns minutos.

– *A tragédia dos dez vira-casacas honestos*. Jerome... gosta dela.

– Ele sabe ler. Segundo Jabril, ele não é marinheiro, mas consegue fazer somas complexas. Fala vadrã. Usa termos de mercador e tem conhecimentos sobre carga. Por isso, aposto que ele vem de uma próspera família mercantil.

Locke ficou em silêncio.

– Ele o acompanhava antes de você trabalhar para o Arconte, não é?

– Ele era empregado do *Priori*, sim. – Aparentemente, inserir Jean nas suposições de Drakasha não seria tão difícil quanto Locke havia temido. – Eu o trouxe quando entrei para a causa do Arconte.

– Mas não como amigo.

– Só como um bom agente.

– Meu espião adequadamente amoral... – Drakasha se levantou, foi até abaixo da claraboia e gritou: – Aí no convés!

– Sim, capitã? – respondeu Ezri.

– Del, traga o Valora aqui.

Alguns instantes depois, a porta da cabine se abriu e Jean entrou, seguido pela tenente Delmastro. Drakasha sacou subitamente seu segundo sabre. As bainhas vazias caíram com barulho no convés e ela apontou uma das lâminas para Locke.

– Se levantar da cadeira, você morre no mesmo instante.

– Que por...

– Quietos. Ezri. Quero que você *cuide* do Valora.

– Como quiser, capitã.

Antes que Jean pudesse fazer qualquer coisa, Ezri o chutou com força na parte de trás do joelho direito; o golpe foi tão veloz e hábil que Locke se encolheu. Em seguida, ela lhe deu um empurrão forte e Jean caiu de quatro.

– Você ainda pode ter utilidade para mim, Ravelle. Mas não posso deixar que você mantenha seu agente.

Drakasha deu um passo na direção de Jean, erguendo o sabre da mão direita.

Locke estava fora da cadeira antes que pudesse se conter, jogando-se contra ela, tentando embolar os braços dela na corrente da algema.

– NÃO! – gritou ele.

A cabine girou loucamente ao seu redor, e então ele estava no chão, com uma dor surda no maxilar. Sua mente, trabalhando um ou dois segundos atrás do ritmo dos acontecimentos, demorou a entender que Drakasha lhe acertara o queixo com o cabo de um dos sabres. Agora ele estava caído de costas, com a lâmina pairando logo acima do pescoço. A capitã parecia ter 3 metros de altura.

– Por favor – gaguejou Locke. – O Jerome, não. Não é necessário.

– Eu sei – disse Drakasha. – Ezri?

– Parece que eu lhe devo 10 solaris, capitã.

– Você deveria ter adivinhado – Drakasha sorriu. – Ouviu o que Jabril disse sobre esses dois.

– Eu ouvi, eu ouvi. – Ezri se ajoelhou acima de Jean com uma genuína expressão preocupada. – Só não achei que Ravelle teria coragem.

– Esse tipo de coisa raramente não é recíproca.

– Eu deveria saber disso também.

Locke levantou as mãos, empurrou a espada de Drakasha para o lado e

ela cedeu. Ele rolou para o lado, ajoelhou-se cambaleando e segurou Jean pelo braço, ignorando o maxilar que latejava. Sabia que não estava quebrado, pelo menos.

– Você está bem, Jerome?

– Ótimo. Arranhei as mãos um pouco.

– Desculpe – falou Ezri.

– Não precisa se preocupar. Foi um bom golpe. Não havia muita coisa que você poderia fazer para derrubar alguém do meu tamanho. – Ele se levantou com a ajuda de Locke e Ezri. – Um soco no rim, talvez.

Ezri mostrou a soqueira de ferro nos dedos da mão direita.

– Esse era o plano de contingência.

– Cacete, fico feliz por você não ter feito isso. Mas você poderia... eu poderia ter caído para trás se você não empurrasse com rapidez suficiente. Se enganchasse um pé no meu tornozelo...

– Pensei nisso. Ou um bom soco no ponto sensível na sua axila...

– E uma torção no braço. Isso seria...

– Mas eu *não* confio em fazer isso com alguém tão grande: a alavancagem poderia dar errado, a não ser...

Drakasha pigarreou alto e Jean e Ezri ficaram em silêncio, quase constrangidos.

– Você mentiu para mim sobre o Jerome, Ravelle. – Ela pegou de volta o cinturão e enfiou os sabres nas bainhas com dois estalos agudos. – Ele não é um agente contratado. É um amigo. Do tipo que se recusa a deixar que você seja jogado de um navio sozinho. Do tipo que *você* tentaria proteger, mesmo eu tendo dito que isso significaria a sua morte.

– Muito esperta – disse Locke, sentindo um leve calor subir às bochechas. – Então era disso que se tratava.

– Mais ou menos. Eu precisava saber que tipo de homem você era antes de decidir o que faria com você.

– E o que decidiu?

– Você é imprudente, vaidoso e inteligente demais. Sofre da ilusão de que suas transgressões são charmosas. E é tão disposto quanto Jerome a morrer idiotamente por causa de um amigo.

– É. Bom... talvez eu tenha passado a gostar desse monstrengo no correr dos anos. Isso significa que vamos voltar para o porão ou para o mar?

– Nem uma coisa nem outra. Vocês vão para o castelo de proa, onde vão

comer e dormir com os outros tripulantes do *Mensageiro Vermelho*. Vou descascar suas outras mentiras no devido tempo. Por enquanto, estou satisfeita porque, se você precisa cuidar do Jerome, vai ser sensato.

– Então nós somos o quê? Escravos?

– Ninguém neste navio é escravo – respondeu Drakasha com um tom perigoso. – Mas nós executamos um bom número de espertinhos.

– Achei que eu era um transgressor charmoso.

– Entenda o seguinte: o seu mundo inteiro consiste nos poucos centímetros de convés que eu lhe permito ocupar e você tem uma tremenda sorte em tê-los. Ezri e eu vamos explicar a situação a todos vocês no castelo de proa.

– E nossas coisas? Quero dizer, os papéis? Os documentos pessoais? Fique com o ouro, mas...

– “Fique com o ouro”? Você falou *sério*? Que homem doce, Ezri! – Drakasha usou a bota direita para fechar a tampa do baú de Locke. – Vamos considerar seus papéis como reféns de seu bom comportamento. Eu tenho uma escassez de pergaminhos em branco e dois filhos que descobriram há pouco tempo a alegria de usar a tinta.

– Entendi perfeitamente.

– Ezri, leve-os para o convés e tire as algemas. Vamos voltar a agir como se tivéssemos de ir a algum lugar importante.

2

No tombadilho, foram recebidos por uma mulher de meia-idade, baixa e larga, de aparência desgastada, com um halo de cabelos brancos e um rosto enrugado que obviamente contribuía com muitos anos de carrancas para o mundo. Seus olhos grandes e predatórios ficavam em movimento constante, como uma coruja incapaz de decidir se estava entediada ou faminta.

– Você poderia ter apanhado um pessoal menos destroçado se tivesse procurado em qualquer lugar – comentou ela, sem preâmbulo.

– E você deve ter notado que ultimamente o mercado de presas não anda muito farto. – Zamira aceitava os modos da mulher com a tranquilidade que devia implicar uma familiaridade bem antiga.

– Bom, se você quer usar cânhamo esgarçado para trançar uma corda,

não culpe o trançador quando ela se partir.

– Sei que não devo culpar você por nada, Erudita. Isso traria a semanas de chateação para todo mundo. Quantos?

– São 28 no castelo de proa. Oito precisaram ser deixados a bordo da presa. Todos com ossos quebrados. Não é seguro movê-los.

– Eles vão resistir até Porto Pródigo?

– Presumindo que o navio sobreviva. Presumindo que façam o que eu mandei, o que é exigir mui...

– É o melhor que podemos fazer por eles, tenho certeza. Quais as condições dos 28?

– Tenho certeza de que você me ouviu dizer “destroçados”, o que decorre de um destroçamento, que por sua vez fez deles destroços. Eu poderia utilizar inúmeros outros termos bastante técnicos, só que alguns seriam completamente imaginários...

– Treganne, assim como sua beleza, minha paciência foi embora há muito tempo.

– A maioria deles ainda está sofrendo devido ao longo encarceramento. Má alimentação, pouco exercício e doenças nervosas. Estiveram comendo melhor desde que saíram de Tal Verrar, mas estão exaustos e abalados. Um punhado está com o que eu chamaria de saúde decente. Um número igual não tem qualquer condição de trabalhar até que eu diga o contrário. Eu não cederia nesse aspecto... capitã.

– Não vou pedir que faça isso. Doenças?

– Ausentes, por incrível que pareça, se está falando de febres e contágios. Além disso, poucas de consequências sexuais. Eles ficaram meses trancados sem mulheres e a maioria é terim oriental. Com muito pouca inclinação para se deitar uns com os outros, sabe.

– Pior para eles. Se eu precisar de você de novo...

– Estarei na minha cabine, obviamente. E vigie seus filhos. Parece que eles estão pilotando o navio.

Locke observou a mulher se afastar pisando forte. Um dos seus pés tinha o som oco e pesado de madeira e ela andava com a ajuda de uma bengala estranha feita de cilindros brancos empilhados. Marfim? Não, era a coluna de alguma criatura infeliz, presa com brilhantes emendas de metal.

Drakasha e Delmastro se viraram para o timão do navio, que era duplo como o do *Mensageiro*, no momento manobrado por um rapaz de altura

incomum, anguloso e desengonçado. Dos dois lados dele, estavam Paolo e Cosetta, sem tocar no timão, mas imitando seus movimentos e dando risadinhas.

– Caladão – chamou Drakasha, aproximando-se e empurrando Cosetta para longe do timão. – Onde está Gwillem?

– Nos cabos de bosta.

– Eu *disse* que ele estava de serviço com as duas manjubinhas.

– Vou arrancar a porra dos olhos dele.

Caladão permaneceu sereno.

– O cara precisa mijar, capitã.

– Precisa mijar – murmurou Cosetta.

– Quieta. – Zamira rodeou Caladão e tirou Paolo de perto do timão. – Caladão, você sabe muito bem que eles não podem encostar no timão nem nas amuradas.

– Eles não estavam encostando no timão, capitã.

– *Nem* devem dançar do seu lado, se agarrar nas suas pernas nem ajudá-lo de modo nenhum a pilotar a embarcação. Está claro?

– Positivo.

– Paolo, leve sua irmã de volta para a cabine e me espere lá.

– Sim – falou o menino, a voz fraca como o som de dois pedaços de papel deslizando juntos.

Ele segurou a mão de Cosetta e começou a levá-la para a popa.

Drakasha se apressou de novo na direção da proa, passando por pequenos grupos de tripulantes que trabalhavam ou comiam, e todos a cumprimentaram com movimentos respeitosos de cabeça e acenos. Ezri empurrou Locke e Jean atrás dela.

Perto do galinheiro, Drakasha cruzou com um vadrã rotundo mas ágil, alguns anos mais velho do que ela. O sujeito usava um casaco preto elegante com fivelas de latão azinhavrado e seu cabelo louro grisalho estava puxado num rabo de cavalo enorme que ia até os fundilhos do calção. Drakasha o agarrou pela frente da túnica com a mão esquerda.

– Gwillem, que parte de “vigie as crianças alguns minutos” Ezri não deixou clara?

– Eu deixei os dois com o Caladão, capitã...

– Eles eram problema seu, não dele.

– Bom, se a senhora confia nele para pilotar o navio, por que não confia

nele para...

– Eu confio meus amores a ele, Gwillem. Só tenho um apreço especial por ver minhas ordens serem obedecidas.

– Capitã – disse Gwillem em voz baixa –, eu precisei soltar um barro no azul, está bem? Poderia ter levado os dois até os cabos de bosta, mas duvido que a senhora aprovaria a educação que eles iriam receber...

– Segure-se, pelo amor de Iono. Só demorei uns minutos. Agora vá e pegue suas coisas.

– Minhas coisas?

– Pegue o último barco para o *Mensageiro* e se junte à tripulação da presa.

– Tripulação da presa? Capitã, a senhora sabe que eu não sou muito bom...

– Quero aquele navio examinado e inventariado, do gurupés à amurada de popa. Faça uma contabilidade de tudo. Quando eu regatear com o Desmancha-Navios, quero saber exatamente até que ponto o sujeito está a fim de me enganar.

– Mas...

– Espero seu registro por escrito ao chegarmos a Porto Pródigo. Nós dois sabemos que quase não houve nenhum saque para carregar e contar hoje. Vá até lá e faça por onde merecer sua cota.

– Como quiser, capitã.

– Meu intendente – explicou Zamira quando Gwillem havia se afastado, xingando. – Não é ruim, na verdade. Só prefere deixar que o trabalho *escape* dele sempre que possível.

Na proa do navio ficava o convés do castelo de proa, a cerca de 1,40 metro acima do convés corrido, com escadas largas dos dois lados. No meio delas, uma abertura ampla e descoberta levava a uma área inferior estreita com 7 ou 8 metros de comprimento, pela estimativa de Locke.

O convés de cima e as escadas estavam apinhados com a maior parte dos integrantes do *Mensageiro Vermelho*, sob a guarda relaxada de meia dúzia dos tripulantes armados de Zamira. Jabil, sentado ao lado de Aspel na frente do grupo, pareceu bastante satisfeito ao ver Locke e Jean de novo. Os homens atrás dele começaram a murmurar.

– Calem a boca – ordenou Ezri, postando-se entre Zamira e os recém-chegados.

Locke, sem saber exatamente o que fazer, ficou meio afastado com Jean e esperou instruções. Drakasha pigarreou.

– Alguns não me conhecem ainda. Sou Zamira Drakasha, capitã do *Orquídea Venenosa*. Ouçam bem. Jabril me disse que vocês pegaram o navio em Tal Verrar pensando em ser piratas. Alguém está arrependido?

A maioria dos homens do *Mensageiro* balançou a cabeça ou negou em murmúrios baixos.

– Ótimo. Eu *sou* o que o seu amigo Ravelle fingia ser – disse Drakasha, passando um braço em volta dos ombros de Locke. Deu um sorriso teatral e vários dos homens menos arruinados do *Mensageiro* deram risinhos. – Não tenho senhores nem patrões. Iço a bandeira vermelha quando estou com fome e uma bandeira falsa quando não estou. Tenho um porto de parada, Porto Pródigo, nos Ventos Fantasmas. Nenhum outro lugar me aceita. Nenhum outro lugar é *seguro*. Se vocês viverem neste convés, vão compartilhar esse perigo. Sei que alguns de vocês não entendem. Pensem no mundo. Pensem em *todos os lugares do mundo* que não são este navio, a não ser um pontinho de sofrimento no cu mais negro de lugar nenhum. É a isso que vocês estão renunciando. A tudo. A todo mundo. Todo lugar.

Ela soltou Locke, notando com aprovação a expressão sombria dos tripulantes do *Mensageiro*, e apontou para Ezri.

– Minha imediata, Ezri Delmastro. Nós a chamamos de “tenente” e vocês também vão chamar. O que ela disser, eu apoio. Nunca imaginem o contrário.

– Vocês conheceram a galena do nosso navio. A Erudita Treganne me disse que vocês poderiam estar piores e que poderiam estar melhores. Haverá descanso para os que precisarem. Não posso usá-los se não estiverem em condições de trabalhar.

– Estamos sendo convidados para entrar para a sua tripulação, capitã Drakasha? – perguntou Jabril.

– Vocês estão recebendo uma oportunidade – replicou Ezri. – Só isso. Não são prisioneiros, tampouco homens livres. São o que chamamos de equipe do esfregão. Dormem aqui, no que chamamos de porão do castelo. É o pior lugar do navio, mais ou menos. Se houver um trabalho imundo, de merda, para ser feito, vocês vão fazer. Se tivermos poucos cobertores ou roupas, vocês ficam sem. São os últimos a comer e beber.

– Todos os membros da minha tripulação podem dar ordens a vocês –

completou Drakasha. Locke imaginou que elas haviam incrementado aquela apresentação com o tempo. – E vocês devem obedecer a cada um deles. Não temos penalidades formais: banquem os espertinhos ou fiquem de preguiça e alguém vai espancar vocês. Criem uma confusão notável e jogo vocês na água. Açam que estou brincando? Perguntem a quem já está aqui há um tempo.

– E quanto tempo temos de ficar na equipe do esfregão? – indagou um dos homens mais novos, na parte de trás do grupo.

– Até que provem seu valor – respondeu Drakasha. – Vamos levantar âncora em alguns minutos e navegar para Porto Pródigo. Quem quiser sair quando chegarmos, vá em frente. Vocês não serão vendidos; este não é um navio de tráfico de escravos. Mas não vão receber dinheiro, apenas bebida e comida. Vão embora de bolsos vazios e em Pródigo a escravidão pode ser mais gentil. Pelo menos alguém vai ligar se vocês viverem ou morrerem. Se cruzarmos com outra vela no caminho, vou pensar se quero pegá-la. E se içarmos a bandeira vermelha, vai ser a chance de vocês. Vocês vão primeiro; vão abordar a presa antes de qualquer um de nós. Se houver fogo, arcos, redes-navalha ou só os deuses sabem o quê, vocês vão sentir o gosto primeiro e vão sangrar primeiro. Se sobreviverem, ótimo. Vocês serão tripulantes. Se recusarem, vamos largá-los em Porto Pródigo. Eu só mantenho a equipe do esfregão enquanto for preciso. – Ela assentiu para Ezri.

– Por enquanto – prosseguiu Delmastro – vocês podem ter o castelo de proa e o convés corrido até o mastro principal. Não desçam sob o convés nem ponham a mão em uma ferramenta sem instruções. Se tocarem numa arma ou se tentarem tirar uma de algum tripulante, eu garanto que morrerão instantaneamente. Nós somos sensíveis com relação a isso. Se quiserem se aconchegar com algum tripulante ou se eles oferecerem aconchego a vocês, façam isso quando não estiverem em serviço e fiquem fora da porcaria do convés corrido. Aqui, o que é dado é dado. Se tentarem pegar alguma coisa à força, é melhor rezar para morrer na tentativa, porque somos sensíveis com relação a isso também.

Zamira assumiu outra vez e apontou para Locke e Jean.

– Ravelle e Valora vão se juntar a vocês de novo. – Alguns homens resmungaram e Zamira pousou as mãos nos punhos dos sabres. – Tenham modos, porra. Vocês os jogaram do navio e juraram deixar que Iono fosse o

juiz deles. Eu apareci cerca de uma hora depois; isso resolve tudo. Qualquer um que acha saber mais do que o Senhor das Águas Revoltas pode pular por cima da amurada e resolver a coisa com Ele pessoalmente.

– Eles são da equipe do esfregão, como o resto de vocês – completou Ezri.

Ainda assim os homens não pareciam muito entusiasmados e Zamira pigarreou.

– Este é um navio de cotas iguais.

Isso atraiu a atenção deles.

– O intendente do navio se chama Gwillem. Ele contabiliza o saque. Trinta por cento vai para o navio, para não acabarmos com lonas e cordame podres. O resto é dividido igualmente, uma cota para cada coração que bate.

– Vocês não vão tocar num centavo do que já tiramos do seu antigo navio. Não peço desculpas por isso. Mas, se tiverem uma oportunidade a caminho de Porto Pródigo e virarem tripulantes no momento em que vendermos o *Mensageiro* ao Desmancha-Navios, vão receber uma parte da transação, que vai servir muito bem a vocês. *Se* forem tripulantes.

Locke teve de admirá-la; era uma política sensata e ela havia abordado o assunto num momento calculado para afastar a dissensão e a preocupação. Agora o *Mensageiro Vermelho* não seria apenas uma lembrança infeliz sumindo no horizonte nas mãos de uma tripulação saqueadora: poderia ser uma pilha de prata.

Zamira se virou e foi em direção à popa, deixando Delmastro terminar a apresentação. Quando os murmúrios começaram a se intensificar, a pequenina tenente gritou:

– Calem a boca! Então é isso. Vai haver comida daqui a pouco e meia ração de cerveja para acalmar vocês um pouco. Amanhã vou começar a separar os que têm habilidades especiais e apresentar um pouco de trabalho. Há *uma* última coisa que a capitã não mencionou. – Ezri fez uma pausa para garantir que todo mundo ouvia com atenção. – Os pequenos Drakashas. A capitã tem um menino e uma menina. Na maior parte do tempo, eles ficam na cabine, mas às vezes podem andar pelo navio. Para vocês eles são *sagrados*. Esta é a coisa mais séria que já falei esta noite. Digam ao menos uma palavra pouco gentil a eles e eu prego seu pau no mastro de proa e deixo vocês ali para morrer de sede. A tripulação pensa neles como parte da família. Se vocês precisarem quebrar o pescoço para mantê-los em

segurança, é do seu interesse quebrar a porcaria do pescoço.

Delmastro pareceu receber o silêncio de todos como sinal de que estavam devidamente impressionados e assentiu. Um instante depois, a voz de Drakasha soou no tombadilho, ampliada por uma corneta alto-falante:

– Levantar âncora!

Delmastro pegou um apito pendurado no pescoço com uma tira de couro e soprou três vezes.

– Pessoal do centro – gritou ela numa voz impossivelmente alta –, prender barras do cabrestante! A postos para içar âncora! Equipe do esfregão, vá para o centro, os que estiverem em condições!

A maior parte da ex-tripulação do *Mensageiro* se levantou e começou a arrastar os pés para a parte central do *Orquídea*. Um grande grupo de trabalho já estava se reunindo ali, entre o mastro de proa e o galinheiro, colocando compridas barras de cabrestantes nos lugares, à luz de lanternas. Uma mulher espalhava areia no convés com um balde. Locke e Jean ficaram perto de Jabril, que deu um sorriso torto.

– Boa noite, Ravelle. Você parece meio... rebaixado.

– Estou bem feliz – falou Locke. – Mas, honestamente, Jabril, eu deixei o *Mensageiro* nas suas mãos durante o quê, uma hora? E veja o que aconteceu.

– É uma tremenda melhora – observou alguém atrás de Locke.

– Ah, concordo – admitiu Locke, decidindo que os dias seguintes poderiam ser infinitamente mais agradáveis para todo mundo se Ravelle engolisse algo parecido com o orgulho de sua breve carreira como capitão. – Concordo de coração.

Ezri abriu caminho entre o pessoal reunido e saltou sobre o eixo do cabrestante para sentar de pernas cruzadas; ele era suficientemente largo para que ela pudesse fazer isso. Soprou o apito mais duas vezes e gritou:

– Tudo pronto aí embaixo?

– Pronto! – respondeu um grito através de uma escotilha.

– Aos seus lugares – comandou Ezri.

Locke se espremeu ao lado de Jean e se encostou numa das longas barras de madeira; esse cabrestante era mais largo do que o do *Mensageiro* e cerca de vinte marinheiros a mais poderiam facilmente se apinhar para trabalhar nele. Cada lugar foi ocupado em segundos.

– Certo – disse Ezri. – Força! Devagar para começar! Força! Devagar para começar! Pés e ombros! Mais depressa, agora, façam essa vadia girar e

girar! Vocês sabem que querem!

Locke fez força contra sua barra, sentindo a areia ser esmagada e deslizar, cutucando desconfortavelmente os pontos sensíveis entre os dedos e a sola dos pés descalços. Porém ninguém reclamava, por isso ele mordeu o lábio e aguentou. Ezri estava mesmo girando e girando; estalo após estalo, o cabo da âncora começou a subir. Um grupo se formou na proa a bombordo para prendê-lo. Depois de se esforçar por vários minutos, Ezri fez o grupo do cabrestante parar com um sopro curto no apito.

– Parar! Prender âncora de bombordo!

– Iniciar bordada de bombordo! – soou a voz amplificada de Drakasha. – Velas de gávea principal e de proa!

Mais corridas, mais apitos, mais agitação. Ezri saltou de pé sobre o cabrestante e berrou uma rápida sucessão de ordens:

– Subindo para soltar velas de gávea de proa e popa! Girar vergas do mastro principal para a bordada de bombordo! Vergas de proa presas para trás! – Houve mais gritos, porém Locke parou de ouvir enquanto tentava entender o que acontecia. O *Orquídea Venenosa* estivera preso a uma única âncora em mar calmo, com uma brisa suave vindo de nordeste, e havia se desviado a ponto de o vento estar totalmente de frente. O pouco que ele entendia das ordens de Ezri dizia que o navio iria deslizar um pouco para trás, depois virar para o leste trazendo o vento pelo lado de bombordo da proa.

– Equipes de popa e proa, à amurada! Vigias de topo, acordados, agora! – Ezri saltou no convés. Formas escuras subiam pelos enfrechates usando mãos e pés; moitões e talhas estalavam na escuridão crescente e mais tripulantes ainda subiam pelas escotilhas para se juntar ao tumulto. – Equipe do esfregão! Equipe do esfregão, vá para o porão do castelo e fique fora da droga do caminho! Não vocês dois. – Ezri agarrou Locke e Jean, que se moviam com os homens do *Mensageiro*, e virou-os para a popa. – Armário de ferramentas, embaixo da escada de bombordo atrás do mastro principal. Peguem vassouras e varram toda essa areia de volta para o balde. Depois tirem as barras do cabrestante.

Eles obedeceram; era um trabalho tedioso à luz alquímica oscilante, frequentemente interrompidos por tripulantes ocupados ou descortesias. Locke trabalhava mal-humorado, até que Ezri surgiu entre ele e Jean e sussurrou:

– Não se incomodem. Isso vai melhorar muito o relacionamento de vocês com sua antiga tripulação.

Pior que ela estava certa, pensou Locke: um pouquinho de humilhação extra para Ravelle e Valora poderia ser o necessário para conter o ressentimento da antiga tripulação.

– Meus parabéns – sussurrou ele.

– Eu conheço meu serviço – replicou ela bruscamente. – Ponham tudo de volta onde acharam, depois vão para o porão do castelo e fiquem lá.

Então ela sumiu, misturando-se às equipes de trabalho e supervisionando uma dezena de operações delicadas. Locke recolocou as vassouras no armário de ferramentas e foi para a proa com Jean logo atrás. Lá no alto, velas se agitavam e estalavam, cordas rangiam à medida que a tensão era aumentada ou ajustada e homens e mulheres chamavam uns aos outros em voz baixa, suspensos a dezenas de metros.

O *Orquídea Venenosa* deslizou lentamente na bordada de bombordo. Deixou para trás o último e fraco halo do sol perdido, como se navegasse para fora de algum portal dourado e fantasmagórico, e abriu caminho sob as primeiras estrelas da noite, que iam ficando cada vez mais brilhantes no céu negro do leste.

Locke ficou agradavelmente surpreso ao descobrir que Jabril havia guardado um lugar para ele e Jean; não era um dos mais desejáveis, perto da entrada do porão do castelo, mas o suficiente para se espremer contra a antepara de bombordo, numa escuridão relativa. Outros, com posições mais favoráveis, pareceram não se ressentir ao abrir espaço por um momento enquanto eles passavam se arrastando e tropeçando. Um ou dois murmuraram cumprimentos e uns poucos, como Mazucca e Aspel, mantiveram um silêncio não amistoso.

– Parece que vocês de fato se juntaram aos escravos de galera – disse Jabril.

– Escravos de galera é o que a gente seria se Ravelle não tivesse tirado a gente da Rocha de Barlavento – interveio alguém que Locke não reconheceu. – Ele pode ser um escroto idiota, mas a gente deveria demonstrar companheirismo.

Obrigado por ter falado a nosso favor quando estávamos sendo chutados do navio, pensou Locke.

– É, concordo sobre a parte do escroto idiota – falou Mazucca.

– E vamos *todos* pensar na parte do companheirismo – lembrou Jean, a voz lenta e cuidadosa que reservava para pessoas ao se conter para não bater em alguém. – Orrin não está sozinho, não é?

– Aqui está escuro – disse Mazucca. – Um monte de gente espremida junto. Você acha que pode se mover suficientemente rápido, Valora? Acha que pode ficar acordado por tempo suficiente, por sinal? Vinte e oito contra dois...

– Se houvesse convés livre entre nós – reagiu Jean –, você mijaria nas calças no momento em que eu estalasse os nós dos dedos.

– Jerome – falou Locke. – Calma. Nós podemos...

Houve um som arrastado no escuro, em seguida uma pancada. Mazucca soltou um guincho estrangulado.

– Carequinha, seu idiota – sibilou uma voz desconhecida. – Se você levantar a mão contra eles, Drakasha vai *matar* você, não sabe disso?

– Você vai piorar a coisa para todos nós – concordou Jabril. – Não escutou Zamira Drakasha? Se ela ficar irritada, podemos perder a chance de ser tripulantes. Se fizer isso, Mazucca, vai descobrir o que são 28 contra *um*. É a porra de uma promessa.

Houve murmúrios de concordância no escuro e um som ofegante e brusco quando a pessoa que estivera segurando Mazucca soltou-o.

– Paz. – Ele ofegou. – Eu não... não vou estragar nada. Eu, não.

A noite estava quente e o calor de trinta homens num confinamento compacto ficou logo sufocante apesar da pequena grade de ventilação no meio do convés do castelo de proa. Após os olhos de Locke se acostumarem à escuridão, ele pôde divisar com mais clareza os homens ao redor. Estavam deitados ou sentados lado a lado, como gado. O navio reverberava em torno. Pés batiam acima, tripulantes se moviam, gargalhavam e gritavam no convés abaixo. Havia o sibilar e as batidas fracas das ondas diante da proa e o som constante de trabalho e de ordens gritadas na popa.

Serviram-lhes uma refeição rápida composta de carne de porco seca e morna e meio odre de lavagem com cheiro de gambá que lembrava um pouco cerveja. A comida e a bebida foram passadas desajeitadamente pelo grupo: joelhos e cotovelos batiam em barrigas e testas, até que todo mundo conseguiu sua parte. Depois veio a tarefa complicada de devolver odres e tigelas de estanho e os homens se arrastaram uns por cima dos outros para usar os cabos de bosta. Enfim, Locke se acomodou de vez em sua lasca de

espaço contra as costas de Jean e teve um pensamento súbito.

– Jabril, alguém descobriu que dia é hoje?

– Doze de Festal. Eu perguntei à tenente Delmastro quando fui trazido a bordo.

– Doze dias – murmurou Jean. – Aquela porcaria de tempestade durou um bocado.

– É.

Locke suspirou. Doze dias haviam se passado. Não fazia duas semanas que tinham partido, cada homem tratando os dois como heróis. Doze dias em que o antídoto fora perdendo a força. Pelos deuses, o Arconte... como, diabos, ele iria explicar o que acontecera com o navio? Usando alguma expressão técnica de navegação?

– Levantei a verga do patarrás e enterrei o mastaréu na bujarrona de estibordo – sussurrou consigo mesmo – quando deveria ter enterrado na bujarrona de bombordo.

– O quê? – indagaram Jean e Jabril ao mesmo tempo.

– Nada.

Em pouco tempo, os velhos instintos de um órfão do Pegafogo se instalaram. Locke usou o braço esquerdo dobrado como travesseiro e fechou os olhos. Em instantes, o barulho, o calor e a agitação dos homens ao redor e os milhares de ruídos do navio não passavam de um pano de fundo vago para seu sono leve porém firme.

CAPÍTULO DEZ

Todas as almas em perigo

1

No dia dezessete de Festal, Jean passara a abominar a visão e o cheiro do vinagre do navio tanto quanto passara a apreciar os vislumbres da tenente.

Sua tarefa matinal, na maior parte dos dias, era encher um balde com aquela coisa vermelha e fétida e outro com água do mar e começar a esfregar o convés e as anteparas por toda a extensão do convés principal. Na proa e na popa, havia longos compartimentos, que eram os alojamentos da tripulação, e um deles estaria sendo usado a qualquer momento, apinhado com quarenta ou cinquenta pessoas, os roncões se misturando como os rosnados de feras enjauladas. Esse local Jean evitaria com cuidado e iria esfregar os depósitos do navio – chamados de “sala das delicadezas” por causa das prateleiras com garrafas de vidro sob redes –, o porão do convés principal, a armaria e o alojamento vazio, mesmo sem marinheiros, continha uma confusão de barris, caixotes e redes que precisavam ser laboriosamente movidos.

Assim que o fedor do vinagre com água se misturava ao fedor usual de comida velha, bebida ruim e coisas sujas, em geral Jean passava pelos dois conveses mais baixos, a coberta inferior e o porão, balançando uma grande lâmpada alquímica amarela para ajudar a dissipar os miasmas que causavam doenças. Drakasha fazia questão de manter saudável a tripulação; a maioria dos marinheiros cortava as orelhas com cobre para evitar catarata e bebia cerveja com areia branca para reforçar a barriga contra rupturas. Os conveses inferiores eram iluminados pelo menos duas vezes por dia, para diversão dos gatos do navio. Infelizmente, isso implicava passar por cima,

arrastar-se, tropeçar e empurrar todo tipo de obstáculos, inclusive tripulantes ocupados. Jean se preocupava em ser educado e mostrar obediência, assentindo ao passar.

A tripulação estava em constante movimento; o navio estava sempre vivo. Quanto mais Jean via e aprendia no *Orquídea Venenosa*, mais se convencia de que o programa de manutenção que ele estabelecera como imediato do *Mensageiro Vermelho* havia sido tremendamente simplório. Sem dúvida Caldris acabaria percebendo, caso vivesse o suficiente para isso.

Segundo a capitã Drakasha, parecia não existir um estado de reparo adequado para um navio no mar. O que era verificado ou inspecionado num turno era verificado de novo no próximo, e no próximo, dia após dia. O que era firmado era firmado de novo, o que podia ser remendado era remendado. A bomba e os mecanismos do cabrestante eram lubrificados diariamente com gordura raspada das painéis; os mastros eram “engraxados” do topo à base com a mesma gosma marrom, para proteção contra o tempo. Marinheiros andavam em grupos constantes, atentos, inspecionando emendas nas tábuas ou enrolando lonas no cordame, em pontos onde os cabos raspavam uns contra os outros.

Os tripulantes eram divididos em dois grupos, Vermelho e Azul. Trabalhavam em turnos de seis horas, um cuidando do navio enquanto o outro descansava. O Turno Vermelho, por exemplo, tinha serviço do meio-dia até a sexta hora da tarde e da meia-noite até as seis da manhã. Os de folga podiam fazer o que quisessem, a não ser que um chamado a toda a tripulação os convocasse ao convés para alguma tarefa extenuante ou perigosa.

A equipe do esfregão não se encaixava nesse esquema; os ex-membros do *Mensageiro Vermelho* tinham de trabalhar do alvorecer ao anoitecer e recebiam as refeições depois de serem dispensados, e não por volta do meio-dia como o restante.

Apesar de todas as reclamações, Jean não achava que o pessoal do *Orquídea* se ressentisse dos novos companheiros. Na verdade, suspeitava que os ex-tripulantes do *Mensageiro* estavam assumindo a maioria das tarefas mais ingratas, deixando os outros com muito mais tempo para dormir, cuidar das coisas pessoais, jogar ou trepar sem qualquer vergonha em suas redes ou embaixo dos cobertores. A falta de privacidade a bordo ainda causava uma enorme perplexidade em Jean; ele não era pudico nem virgem,

mas sua ideia do *lugar certo* sempre envolvera paredes de pedra e uma porta bem trancada.

Uma fechadura significaria pouca coisa num navio assim, onde praticamente qualquer ruído era compartilhado. Havia dois homens do Turno Azul que podiam ser ouvidos da amurada de popa se estivessem fazendo a coisa no alojamento de proa e uma mulher do Turno Vermelho que gritava as coisas mais espantosas em vadrã, em geral justo quando Jean estava caindo no sono no convés acima. Ele e Locke haviam discutido sua gramática e concluído que, na verdade, ela não falava vadrã. Às vezes seus desempenhos eram seguidos de aplausos.

Fora isso, a tripulação parecia se orgulhar da disciplina. Jean não testemunhava brigas, havia poucas discussões sérias e raras bebedeiras inadequadas. A cerveja ou o vinho era tomado de modo respeitável em cada refeição e, devido a algum esquema complicado que Jean ainda não havia compreendido, cada tripulante tinha permissão, em média uma vez por semana, de participar do Turno Alegre, uma espécie de turno dentro do turno. Ele acontecia no convés principal e dava à pessoa um pouco de liberdade no poço, a parte central do navio, especialmente para vomitar. Os participantes podiam beber mais ou menos o que quisessem e ficavam livres até mesmo dos chamados a toda a tripulação até se recuperarem.

– Não é... exatamente o que eu esperava – comentou Jean certa manhã enquanto Ezri estava junto à amurada de bombordo, fingindo que não o observava retocar a tinta cinza no fundo do menor bote do navio.

Ela fazia isso às vezes. Será que ele estava imaginando coisas? Seria por ele ter citado Lucarno? Jean tinha evitado citar qualquer outra coisa para ela, mesmo quando houvera oportunidade. Era melhor ser misterioso do que se tornar um refrão barato de algo que atraía a atenção dela.

Pelos treze deuses, pensou com um sobressalto, será que estou me preparando para passar uma cantada nela? Será que ela...

– O quê? – perguntou Ezri.

Jean sorriu. De alguma forma, tinha suposto que ela não se incomodaria por ele falar sem ser instigado.

– O seu navio. Não é exatamente o que eu esperava. Pelo que eu li.

– Pelo que você *leu*? – Ela riu, cruzou os braços e olhou-o de modo quase maroto. – O que você leu?

– Deixe-me pensar. – Ele mergulhou o pincel na tinta alquímica cinza e

tentou parecer ocupado. – *Sete anos entre o temporal e o chicote.*

– Benedictus Montcalm. Eu li. Na maior parte, é bobagem. Acho que ele trocava bebidas por histórias com marinheiros de verdade até conseguir o que queria.

– E que tal *A história verídica e acurada da cruel bandeira vermelha?*

– Suzette vela Ducasi! Eu a conheço!

– Conhece?

– Sei sobre ela. A vaca velha e maluca foi parar em Porto Pródigo. Escreve em troca de cobres, bebe cada moeda que ganha. Hoje em dia mal fala um terim decente. Só assombra as sarjetas e xinga os antigos editores.

– Esses são os livros de que me lembro. Não tenho muito gosto por não ficção, infelizmente. Então, como você conseguiu ler tudo que leu?

– Ahhh – fez ela, sacudindo o cabelo para trás com um movimento rápido do pescoço. Não era magricela, pensou Jean, não havia ângulos em Ezri, apenas curvas e músculos saudáveis. Era preciso ter preparo físico para derrubá-lo como fizera, mesmo de surpresa. – Aqui, o passado é uma moeda, Jerome. Às vezes é a única que nós temos.

– Misteriosa.

– Sensata.

– Você já sabe um pouco sobre mim.

– Justíssimo, não é? O negócio é que eu sou uma oficial-marinheira e você é um desconhecido perigoso.

– Isso parece promissor.

– Foi o que pensei também. – Ela sorriu. – Pior ainda, eu sou oficial-marinheira e você é da equipe do esfregão. Você ainda nem é real. – Ela emoldurou com as mãos e estreitou os olhos. – Você não passa de uma espécie de *algo* nebuloso no horizonte.

– Bom – disse ele, sabendo que parecia um idiota enquanto se repetia. – Ah, bom.

– Mas você estava curioso.

– Estava?

– Com relação ao navio.

– Ah. É, estava. Eu só pensei... agora que vi um bocado dele...

– Onde estão as cantorias, as danças nas vergas, onde estão os barris de cerveja na proa e na popa, onde estão as bebedeiras e os vômitos do nascer ao pôr do sol?

– Mais ou menos. Não é bem uma marinha, sabe.

– Drakasha *já foi* da marinha. De Syrune. Ela não fala muito sobre isso, mas não tenta mais esconder o sotaque. Antigamente escondia.

Syrune, pensou Jean, um império insular mais a leste ainda do que Jerem e Jeresh; um povo orgulhoso de pele escura que levava seus navios a sério. Se Drakasha era um deles, tinha vindo de uma tradição de oficiais navais que, segundo alguns, era tão antiga quanto o Trono Terim.

– Syrune – repetiu ele. – Isso explica algumas coisas. Eu tinha pensado que o passado era uma moeda.

– Ela deixaria você saber essa parte de graça. Confie em mim, se o passado é uma moeda, Drakasha está sentada numa tremenda fortuna.

– Então ela, ahn, ajusta o navio aos seus antigos hábitos?

– É mais certo dizer que nós nos deixamos ser ajustados. – Ezri sinalizou para Jean continuar pintando e ele voltou ao trabalho. – Os capitães no Mar de Bronze são especiais. Têm status, na água e fora dela. Há um conselho deles em Porto Pródigo. Mas cada navio... os irmãos fazem seus próprios caminhos. Alguns capitães são eleitos. Outros só comandam quando é hora de pegar em armas. Já Drakasha... ela comanda porque sabemos que é a nossa melhor chance. De qualquer coisa. Em Syrune não se faz merda.

– Então vocês têm turnos de serviço navais, bebem como maridos explosivos e têm bons modos?

– Você não aprova?

– Pelo sangue dos deuses, claro que aprovo. Só é mais organizado do que eu imaginava, apenas isso.

– Você não chamaria nada do que fazemos de *naval* se tivesse servido num verdadeiro navio de guerra. A maior parte da nossa tripulação já serviu e, em comparação, isto aqui é um paraíso de preguiça. Nós mantemos os hábitos porque a maioria também já esteve em outros navios piratas. Já vimos os vazamentos que aumentam dia a dia. Vimos os mecanismos apodrecer. Vimos o cordame se esgarçar. De que adianta ficar ocioso o tempo todo se o navio se desfaz enquanto você dorme?

– Vocês são prudentes.

– É. Olha, o mar nos torna prudentes ou nos mata. Os oficiais de Drakasha juram que este navio só afunda em batalha ou pela vontade dos deuses. Não por falta de trabalho, lona ou corda. Esse é um juramento sagrado. – Ela se espreguiçou. – E não por falta de pintura também. Mais

uma demão de tinta aí e muita atenção.

Esses oficiais... Jean memorou os oficiais do *Orquídea* enquanto trabalhava, para afastar a mente de Ezri. Havia Drakasha, é claro. Ela não tinha um turno de serviço, mas aparecia se achava necessário. Ficava no convés durante pelo menos metade do dia e se materializava num passe de mágica quando acontecia alguma coisa interessante. Abaixo dela, Ezri... droga, nada de pensar em Ezri. Pelo menos naquele instante.

Caladão, o mestre de navegação, e sua pequena equipe de timoneiros de confiança. Drakasha permitia que tripulantes comuns pegassem o timão em tempo firme, mas para qualquer operação que exigisse habilidade, o responsável era Caladão e seu grupo. Quase no mesmo nível de Caladão estavam o intendente – no momento, destacado para o *Mensageiro Vermelho* – e a galena, Treganne, que provavelmente nunca admitiria ser do mesmo nível de alguém que não tivesse um templo com seu nome. Drakasha ocupava a grande cabine, naturalmente, e os quatro oficiais mais importantes tinham pequenos cômodos no corredor sob a escada de tombadilho, recintos com paredes de lona como a antiga cabine dele.

E havia um carpinteiro, um fabricante e reparador de velas, um cozinheiro e um contramestre. O único privilégio de ser um oficial inferior era ter o direito de mandar às vezes em outros tripulantes. Também havia dois... subtenentes, supôs Jean. Eles substituíam Ezri quando ela não estava por perto: Utgar comandava o Turno Azul e uma mulher chamada Nasreen liderava o Vermelho, mas Jean ainda não a conhecera, porque ela fora encarregada da tripulação que cuidava do *Mensageiro*.

Parecia que todo aquele trabalho braçal, esfregando o navio de ponta a ponta, estava dando a Jean – e ao resto da equipe do esfregão – a chance de aprender a hierarquia do navio, assim como sua organização. Ele achou que era intencional.

O tempo estivera bom desde a captura deles. Brisas leves e constantes do nordeste, nuvens que iam e vinham como uma dançarina de taverna, intermináveis ondas baixas que faziam o mar brilhar como uma safira com milhões de facetas. O sol os atacava de dia e o ambiente fechado os sufocava de noite, mas Jean já estava condicionado a esse trabalho. Estava moreno como Paolo e Cosetta. Locke também parecia se sair bem – bronzeado e barbudo, ganhando músculo, não mais apenas esguio. Seu tamanho e uma fanfarronice impensada sobre sua agilidade tinham-no levado ao serviço de

engraxar os mastros, o de proa e o principal, todas as manhãs.

A comida ainda chegava tarde, no fim de cada longo dia, e apesar de sem encanto, era mais do que farta. Agora tinham também uma ração inteira de bebida. Por mais que Jean odiasse admitir, mesmo para ele próprio, não se importava muito com essa reviravolta nos acontecimentos. Podia trabalhar e dormir confiando que as pessoas que comandavam o navio conheciam o serviço; ele e Locke não precisavam fazer tudo com base em improvisação e preces. Se não fosse a porcaria da contagem do tempo, o registro implacável da passagem de um dia depois do outro, do antídoto se esvaindo, seria um período bom. Um intervalo bom e atemporal, com a tenente Delmastro para ser decifrada.

Mas nem ele nem Locke conseguiam parar de contar os dias.

2

No décimo oitavo dia de Festal, Careca Mazucca estourou.

Não deu nenhum indício de que iria fazer isso; apesar de ficar carrancudo no porão do castelo todas as noites, era apenas um entre muitos homens cansados e irritados, e não ameaçara mais ninguém.

Era o crepúsculo, duas ou três horas depois do início do Turno Azul, e lanternas se acendiam por todo o navio. Jean estava sentado ao lado de Locke, perto do galinheiro, desfiando uma corda velha, formando uma pilha de fibras marrons e ásperas. Misturado com alcatrão, esse material viraria estopa e seria usado para tudo, desde calafetação de emendas até enchimento de travesseiros. Era um serviço miseravelmente tedioso, mas o sol tinha quase ido embora e o fim do trabalho do dia estava chegando.

Houve um estardalhaço em algum lugar perto do porão do castelo, seguido por xingamentos e gargalhadas. Careca Mazucca surgiu pisando firme, carregando um esfregão e um balde, com um tripulante que Jean não reconheceu vindo logo atrás. O tripulante disse outra coisa que Jean não captou, Mazucca girou e mandou o balde pesado contra ele, acertando-o bem no rosto. O tripulante caiu de bunda, atordoado.

– *Desgraçado!* – gritou Mazucca. – Acha que eu sou a porra de uma criança?

O tripulante tentou pegar uma arma no cinto – Jean viu que era um

porrete curto. Mas Mazucca estava com a cabeça quente e o tripulante ainda se recuperava do golpe. Num instante, Mazucca o chutou no peito e arrancou a arma. Levantou-a acima da cabeça, mas três ou quatro tripulantes o acertaram ao mesmo tempo, derrubando-o no convés e arrancando-a da sua mão.

Passos pesados logo soaram do tombadilho para o poço. A capitã Drakasha tinha chegado sem ser chamada.

Tendo esquecido o trabalho com as cordas, Jean sentiu o estômago se revirar ao vê-la passar em disparada. Ela estava com *aquilo*. Usava a coisa como uma capa. A mesma aura que ele já vira em Capa Barsavi, algo que dormia por dentro até ser puxado para fora pela raiva ou pela necessidade, súbito e terrível. A própria morte pisava ali nas tábuas do navio.

Os tripulantes haviam levantado Mazucca, segurando-o pelos braços. O homem que fora acertado com o balde tinha recuperado o porrete e esfregava a cabeça. Zamira estacou e apontou para ele.

– Explique-se, Tomas.

– Eu estava... eu estava... Desculpe, capitã. Só estava me divertindo um pouco.

– Ele ficou me perseguido a porra da tarde toda – interveio Mazucca, contido mas nem um pouco calmo. – Não fez trabalho nenhum. Só ficou me seguindo, chutando meu balde, pegando minhas ferramentas, atrapalhando meu serviço e me mandando consertar.

– É verdade, Tomas?

– Eu só... foi só de brincadeira, capitã. Estava provocando a equipe do esfregão. Não foi por mal. Vou parar.

Drakasha se moveu tão depressa que Tomas nem teve tempo de se encolher; em instantes, estava de costas no convés, com o nariz quebrado. Jean havia notado o elegante movimento do braço dela e o uso preciso da palma da mão. Já recebera esse tipo de golpe duas vezes e, por mais que fosse um imbecil, Tomas teve sua simpatia.

– Aaagh – fez Tomas, espirrando sangue.

– Os membros da equipe do esfregão são como ferramentas – falou Drakasha. – Eu espero que eles sejam mantidos em condições de uso. Você vai perder metade da sua cota do saque do *Mensageiro Vermelho* e sua cota da venda. – Ela fez um gesto para as mulheres que estavam atrás dele. – Vocês duas, levem-no para a popa e encontrem a Erudita Treganne.

Enquanto Tomas era arrastado para o tombadilho para uma visita-surpresa à galena, Drakasha se virou para Mazucca.

– Você ouviu minhas regras na noite em que chegou ao meu navio.

– Eu sei. Desculpe, capitã Drakasha, ele só...

– Você ouviu. Você *ouviu* o que eu disse e entendeu.

– Entendi, eu fiquei com raiva, eu...

– Tocar uma arma significa a morte. Eu deixei isso claro como um céu sem nuvens e, mesmo assim, você fez isso.

– Olha...

– Você não é útil para mim.

A mão direita de Drakasha se fechou ao redor do pescoço de Mazucca. Os tripulantes soltaram-no e ele envolveu o antebraço de Drakasha com as mãos, em vão. Ela começou a arrastá-lo para a amurada de estibordo.

– Aqui, se você perder a cabeça, se cometer a droga de um erro idiota, pode afundar o navio inteiro. Se não for capaz de manter a cabeça no lugar quando foi avisado do que estava em risco, você não passa de lastro.

Chutando e engasgando, Mazucca tentou lutar, mas Drakasha puxou-o inexoravelmente para a lateral do convés corrido. A cerca de 2 metros da amurada, ela trincou os dentes, puxou o braço direito para trás e lançou Mazucca adiante, usando todo o potencial do quadril e do ombro. Ele bateu com força, sacudindo os braços para se equilibrar, e tombou para trás. Um segundo depois, houve o som da água espirrando.

– Este navio já tem lastro suficiente.

Membros da tripulação e da equipe do esfregão correram para a amurada de estibordo. Após um olhar rápido para Locke, Jean foi se juntar a eles. Drakasha permaneceu onde estava, os braços ao lado do corpo, a raiva súbita evaporada. Nisso também ela lembrava Barsavi. Jean se perguntou se ela passaria o resto da noite carrancuda e pensativa ou mesmo bebendo.

O navio viera fazendo 4 ou 5 nós de forma constante e Mazucca não parecia muito bom nadador. Já estava 5 ou 6 metros ao lado do navio e 15 ou 20 metros atrás, com relação ao tombadilho. Seus braços e a cabeça balançavam contra a escuridão ondulante das ondas e ele berrava por socorro.

Crepúsculo. Jean estremeceu. Um horário de fome no mar aberto. A luz intensa do dia expulsava muitas coisas para o fundo, tornava a água quase segura por horas seguidas. Tudo isso mudava ao crepúsculo.

– Vamos pescá-lo, capitã? – Um tripulante havia parado junto dela, falando em voz tão baixa que só os que estavam próximos ouviram.

– Não. – Ela se virou e começou a andar lentamente para a popa. – Continuem navegando. Alguma coisa irá atrás dele daqui a pouco.

3

No dia dezenove, ao meio-dia e meia, Drakasha berrou para Locke ir à sua cabine. Ele correu para a popa o mais rápido que pôde, as visões de Tomas e Mazucca vívidas na mente.

– Ravelle, que diabos é isto?

Locke parou para absorver a cena. Ela havia montado a mesa no centro da cabine. Paolo e Cosetta estavam sentados um diante do outro, encarando Locke, e um baralho se espalhava num padrão indecifrável à frente deles. Uma taça de prata estava tombada no meio da mesa... uma taça grande demais para mãos pequenas. Locke sentiu um frio na barriga, mas ainda assim olhou mais de perto.

Como tinha suspeitado... um bocado de bebida castanho-clara havia se derramado da taça no tampo da mesa e caído sobre uma carta, que se dissolvera numa poça de material cinza e sem nenhum desenho.

– A senhora tirou as cartas do meu baú. As que estavam no pacote impermeável com camada dupla.

– É.

– E esteve tomando uma bebida bastante forte. Um dos seus filhos a derramou.

– Conhaque caramelo e eu mesma derramei. – Ela pegou uma adaga e cutucou o material cinza. Apesar de ter um brilho líquido, era duro e sólido e a ponta da arma escorregou como se aquilo fosse granito. – Que diabo é isso? É como... cimento alquímico.

– É cimento alquímico. A senhora não notou que as cartas tinham um cheiro esquisito?

– Por que raios eu cheiraria cartas de baralho? – Ela franziu a testa. – Crianças, não toquem mais nisso. Vão se sentar na cama até que mamãe lave as mãos de vocês.

– Não é perigoso – informou Locke.

– Não me importa. Paolo, Cosetta, ponham as mãos no colo e esperem a mamãe.

– Não são cartas de verdade, mas placas de resina alquímica. Finas como papel e flexíveis. Os desenhos das cartas são pintados em cima. A senhora não acreditaria em como são caras.

– Nem me importaria. Para que, diabos, elas servem?

– Não é óbvio? Mergulhe uma numa bebida forte e ela se dissolve em alguns segundos. De repente você tem um pouquinho de cimento alquímico. Misture quantas cartas forem necessárias. A coisa seca em cerca de um minuto, fica dura como aço.

– Dura como aço? – Ela olhou a matéria cinza em seu fino tampo de mesa laqueado. – Como isso sai?

– Ah... não sai. Não existe solvente. Pelo menos fora do laboratório de um alquimista.

– O quê? Maldição, Ravelle...

– Capitã, a senhora está sendo injusta: eu não pedi que a senhora pegasse essas cartas e brincasse com elas. Nem derramei bebida nelas.

– Está certo – admitiu Drakasha com um suspiro. Dava a impressão de estar cansada, pensou Locke. As leves rugas de preocupação em volta da boca pareciam ter sido marcadas bastante recentemente. – Pegue essas coisas e jogue no mar.

– Capitã, por favor. *Por favor.* – Locke estendeu as mãos para ela. – Elas não são apenas caras, são... tremendamente *difíceis* de duplicar. Demoraria meses. Deixe-me embrulhá-las no tecido impermeável e colocá-las no baú. Por favor, pense nelas como parte dos meus documentos.

– Para que você as usa?

– São apenas um de meus truquezinhos. Na verdade, são tudo que me resta deles. Juro, elas não significam nenhuma ameaça à senhora ou ao seu navio... É preciso derramar bebida nelas e, mesmo assim, são apenas um incômodo. Olha, se a senhora guardá-las para mim e me arranjar algumas facas com gumes de bisturi, vou dedicar todo o meu tempo a tirar essa merda da sua mesa. Arrancando pelos lados. Mesmo que leve a semana inteira. Por favor.

Ele demorou dez horas, raspando com cuidado infinito, como se estivesse fazendo uma cirurgia. Trabalhou sem descanso, primeiro sob o sol e depois sob o brilho de várias lanternas, até que aquela coisa

diabolicamente dura sumisse, deixando nada além de uma sombra sobre a laca, para mostrar onde estivera.

Quando enfim reivindicou seu minúsculo espaço para dormir, soube que suas mãos e os antebraços doeriam durante todo o dia seguinte.

Valera a pena cada minuto de esforço para preservar a existência daquele baralho.

4

No dia vinte, Drakasha abandonou o rumo para o leste e colocou-os a noroeste com o vento no vau de estibordo. O tempo se manteve: eles torravam de dia e suavam à noite e o navio velejava sob fluxos de espectrovoadores que pairavam sobre a água como arcos de luz verde e fantasmagórica.

No dia 21, enquanto a promessa do alvorecer acinzentava o mar a leste, eles tiveram a chance de provar seu valor.

Locke foi arrancado de um sono breve demais por uma cotovelada nas costelas. Acordou confuso; os homens da equipe do esfregão estavam se remexendo, cambaleando e murmurando ao redor.

– Vela à vista – explicou Jean.

– Ouvi gritarem do calcês há um minuto – completou alguém perto da porta. – A dois pontos do quarto de estibordo. Isso é bem a leste e um pouco a norte de nós, casco invisível.

– Isso é bom – observou Jabril, bocejando. – O vislumbre do alvorecer.

– Alvorecer? – Ainda parecia escuro, e Locke esfregou os olhos sonolentos. – Alvorecer, já? Como não preciso mais fingir que sei que diabo estou fazendo, o que é um vislumbre do alvorecer?

– O sol está vindo por cima do horizonte, está vendo? – Jabril parecia adorar a chance de ensinar a Locke. – No leste. Aqui ainda estamos na sombra, a oeste deles. É difícil ver a gente, mas dá para enxergá-los com aquela luz fraca atrás dos mastros, entendeu?

– Certo. Parece uma coisa boa.

– Vamos atrás dele – disse Aspel. – Vamos pegá-lo. Esse navio está atulhado de tripulantes e Drakasha é uma vaca sangrenta.

– É uma luta para nós – falou Streva. – Nós vamos primeiro.

– É, e vamos provar nosso valor – concordou Aspel. – E acabar com esta merda de equipe do esfregão.

– Não comece a amarrar fitas prateadas no seu pau tão cedo – retrucou Jabril. – Não sabemos qual é o rumo do navio, nem a que velocidade ele está ou qual é o melhor ponto de navegação dele. Pode ser um navio de guerra. Pode até fazer parte de um esquadrão.

– Vá se foder, Jabril – reagiu alguém sem malícia. – Não quer sair da equipe do esfregão?

– Ei, quando chegar a hora da abordagem, eu remo o bote nu e ataco os sacanas só com a porra da minha beleza. Esperem para ver se ele é uma presa, só estou dizendo isso.

Houve ruídos e agitação no convés; ordens foram gritadas. Os homens na entrada se esforçavam para ouvir e ver tudo.

– Delmastro está mandando gente subir no cordame – disse um deles. – Parece que vamos virar uns pontos a norte. Eles estão fazendo isso bem depressa.

– Nada é mais suspeito do que uma mudança súbita de velas se eles nos virem – explicou Jabril. – Ela quer que a gente esteja mais perto do rumo deles antes de sermos vistos, assim parecerá natural.

Passaram-se minutos. Locke piscou e se acomodou de volta em sua antepara costumeira. Se a ação não era iminente, sempre havia tempo para mais alguns minutos de sono. Pelos gemidos e remexidas ao redor, outros compartilhavam essa opinião.

Acordou alguns minutos depois – o céu visível através da escotilha de ventilação era de um cinza mais claro – com a voz da tenente Delmastro vindo da entrada do porão do castelo.

– ... onde vocês estão, por enquanto. Fiquem quietos e fora de vista. Faltam uns cinco minutos para a mudança do Vermelho para o Azul, mas estamos suspendendo os turnos comuns por causa da ação. Vamos mandar o Vermelho para baixo aos poucos e metade do Azul vai subir para substituí-lo. Queremos parecer um brigue mercante, não um saqueador com tripulação pesada.

Locke esticou o pescoço para olhar por cima das formas sombreadas ao redor. Logo atrás de Delmastro, na penumbra antes do alvorecer, podia ver tripulantes no poço, esforçando-se para levar vários barris grandes para a amurada de bombordo do navio.

– Barris de fumaça no convés – berrou uma mulher.

– Nada de chamas visíveis no convés! – gritou Ezri. – Nada de fumar! Só luzes alquímicas! Passem adiante.

Minutos se passaram e a luz do alvorecer se intensificou cada vez mais. Mesmo assim, as pálpebras de Locke começaram a pesar de novo. Ele suspirou, relaxou e...

– Aí no convés – soou um berro do topo do mastro de proa –, avisem à capitã que ele tem três mastros e está indo a noroeste por oeste! Velas de gávea!

– Certo, três mastros, noroeste por oeste, velas de gávea! – gritou Ezri. – Como ele está indo?

– Bordada a estibordo, um ponto à popa, talvez.

– Fique atento. O casco ainda está escondido?

– Está.

– No momento em que as saias subirem acima do horizonte, espie e diga o que há embaixo delas. – Ezri voltou ao porão do castelo e bateu com força na antepara ao lado da entrada. – Equipe do esfregão, de pé. Estiquem as pernas e usem os cabos de bosta, depois voltem aqui para baixo. Depressa. Vamos lutar ou fugir daqui a pouco. É melhor estar com as tripas em ordem.

Foi menos como mover-se com uma multidão do que ser espremido para fora de um tubo. Locke foi empurrado para o convés, em seguida se esticou todo. Jean fez o mesmo e se aproximou de Delmastro. Locke ergueu uma sobrancelha; a pequena tenente parecia tolerar a conversa de Jean no mesmo nível em que desdenhava a dele. O importante era que um dos dois recebesse informações dela, supôs.

– Você acha mesmo que vamos fugir? – perguntou Jean.

– Eu preferiria que não.

Delmastro forçou a vista por cima da amurada, mas mesmo da perspectiva de Locke, o novo navio ainda não podia ser visto do convés.

– Sabe, é de esperar que você não veja nada aí de baixo. Você deveria deixar que eu a colocasse nos ombros.

– *Uma piada sobre a altura.* Que coisa mais original. Nunca ouvi nada assim em toda a vida. Quero que você saiba que eu sou a mais alta de todas as minhas irmãs.

– Irmãs. Interessante. Um pouquinho do seu passado de graça?

– Merda – reagiu ela com uma careta. – Me deixe em paz, Valora. Vai ser

uma manhã movimentada.

Homens voltavam dos cabos de bosta. Agora que a pressão havia se aliviado, Locke subiu a escada e foi para a proa fazer suas necessidades. Àquela altura, tinha suficiente experiência desagradável para abrir caminho a cotoveladas até o lado de barlavento da pequena travessa de madeira que cruzava o gurupés a apenas um ou dois metros da ponta: coisas tremendamente desafortunadas podiam acontecer aos que estavam a sotavento em qualquer tipo de clima. Ali havia enfrechates pendendo abaixo como um lais de verga em miniatura e Locke firmou os pés contra eles enquanto abria o calção. Ondas batiam contra a proa e espirravam na parte de trás das pernas.

– Pelo amor dos deuses. Quando eu iria pensar que mijar poderia ser uma aventura dessas?

– Aí no convés! – soou o grito no mastro de proa um instante depois. – É uma *flute*. Bojuda e larga. Mantendo o curso e as velas.

– Que bandeiras?

– Não dá para ver, tenente.

Uma *flute*. Locke reconheceu o termo: um navio mercante de popa redonda com uma proa agradavelmente curva. Boa para carga, mas um brigue como o *Orquídea* podia dançar em volta dela à vontade. Nenhuma expedição pirata ou militar usaria uma embarcação assim. Assim que pudessem atraí-la, provavelmente haveria luta.

– Rá – murmurou ele. – E cá estou eu, apanhado com as calças abaixadas.

5

O sol se ergueu atrás do alvo, derramando sua luz e emoldurando a forma baixa e preta num semicírculo carmesim. Locke estava de joelhos junto à amurada de estibordo do castelo de proa, tentando não atrapalhar. Forçou a vista e pôs a mão sobre os olhos para diminuir a claridade. O céu a leste era uma aura de fogueira em rosa e vermelho; o mar parecia rubi líquido se espalhando a partir do sol nascente.

Uma fumaça preta e suja, com alguns metros de largura, subia a barlavento do poço do *Orquídea Venenosa*, uma intromissão agourenta no ar limpo do alvorecer. Delmastro estava cuidando pessoalmente dos barris

de fumaça. O navio navegava sob as velas de gávea com os panos dos mastros principal e de proa enrolados; convenientemente, esse era ao mesmo tempo um plano lógico para navegar com aquela brisa e a primeira precaução que tomariam se o navio estivesse mesmo pegando fogo.

– Venham, seus imbecis miseráveis – disse Jean, sentado ao lado dele. – Olhem para a esquerda, em nome de Perelandro.

– Talvez estejam nos vendo – retrucou Locke. – Talvez só não liguem a mínima.

– Eles não mudaram nenhuma vela, caso contrário teríamos ouvido os vigias avisando. Devem ser os sacanas menos curiosos, mais míopes e imbecis que já puseram panos num mastro.

– Aí no convés! – O vigia do mastro de proa parecia empolgado. – Avise à capitã que ele está virando para bombordo!

– A que distância? – Delmastro se afastou dos barris de fumaça. – Está vindo direto na nossa direção?

– Não, ele virou uns três pontos.

– Querem olhar mais de perto – explicou Jean. – Mas ainda não querem pular na cama com a gente.

Houve um grito no tombadilho e, um instante depois, Delmastro soprou seu apito três vezes.

– Equipe do esfregão! Equipe do esfregão, ao tombadilho!

Eles correram para a popa, passando por tripulantes que tiravam arcos bem oleados das capas de lona e os encordoavam. Como Delmastro havia prometido, cerca de metade do grupo usual se encontrava no convés; os envolvidos no preparo das armas estavam agachados ou escondidos atrás dos mastros e do galinheiro. Drakasha esperava-os na amurada do tombadilho e começou a falar no instante em que chegaram:

– Eles ainda têm tempo e espaço suficiente para escapar. É uma *flute* e duvido que possam fugir de nós para sempre em qualquer tempo, mas podem nos dar trabalho. Acho que demoraria seis ou sete horas, mas quem quer se entediar por tanto tempo? Vamos fingir que somos um brigue de aluguel que está pegando fogo e ver se conseguimos atraí-los para socializar. Eu lhes ofereci uma oportunidade de provarem seu valor, de modo que vocês são os dentes da armadilha. Vão lutar primeiro. Será bom para vocês se voltarem. Se não quiserem lutar, entrem embaixo do castelo de proa e permaneçam como a equipe do esfregão até ficarmos quites com vocês.

Quanto a mim, acordei com fome hoje. Pretendo ganhar aquela presa gordinha. Quem de vocês quer lutar por um lugar na minha tripulação?

Os Nobres Vigaristas levantaram os braços junto com todos os que estavam perto. Locke olhou rapidamente ao redor e viu que ninguém recusava a chance.

– Ótimo – disse Drakasha. – Temos três botes com espaço para uns trinta. Vocês vão usá-los. Sua tarefa é parecerem inocentes a princípio; fiquem perto do *Orquídea*. Ao sinal, vocês vão partir depressa e atacar pelo sul.

– Capitã – perguntou Jabril –, e se a gente não puder tomá-lo sozinhos?

– Se os números ou as circunstâncias estiverem contra vocês, agarrem-se a qualquer pedaço de convés que puderem. Eu vou levar o *Orquídea* de costado e prendê-lo com arpéus. Nada que aquele navio carregue vai aguentar cem pessoas abordando-o.

Um belo consolo para os que já estiverem mortos ou agonizando, pensou Locke. A realidade do que iam fazer só estava sendo percebida agora e ele sentiu uma agitação ansiosa no estômago.

– Capitã! – gritou um dos vigias do topo do mastro principal. – O navio içou uma bandeira de Talishane!

– Pode estar mentindo – murmurou Jabril. – Blefe decente. Se você for usar uma bandeira falsa, Talisham tem uma boa marinha. E ninguém está em guerra com eles agora.

– Mas não é *muito* esperto – disse Jean. – Se o objetivo é se proteger, por que não usariam a bandeira o tempo todo? Só alguém com motivo para se preocupar esconde a própria bandeira.

– É. E piratas também. – Jabril sorriu.

– Del! – chamou Drakasha. – Mande um dos seus barris de fumaça para a amurada de estibordo. Logo à frente da escada do tombadilho.

– Quer fumaça na amurada de barlavento, capitã?

– Uma bela fumaça atravessando o tombadilho. Se eles quiserem bater um papo com bandeiras de sinalização, precisamos de uma desculpa para ficar calados.

O magro mestre de navegação, segurando o timão pouco atrás de Drakasha, pigarreou alto. Ela sorriu e pareceu ter uma ideia. Virando-se para um marinheiro à sua esquerda, ordenou:

– Pegue três flâmulas de sinalização no baú das bandeiras e ize na popa.

Amarelo sobre amarelo sobre amarelo.

– *Todas as almas em perigo* – entendeu Jean. – É uma mensagem para vir olhar mais de perto, sem joguinhos.

– Achei que era só um pedido de socorro – observou Locke.

– Você deveria ter lido o livro com mais atenção. Três flâmulas amarelas significam que estamos com tanta dificuldade que legalmente vamos lhes conceder direitos sobre qualquer coisa que não estivermos carregando no próprio corpo. Eles salvam e ficam sendo os donos.

Delmastro e sua tripulação haviam movido um barril de fumaça para junto da amurada de estibordo e o acendido com um pedaço de fósforo de enrolar. Fiapos de fumaça cinza começaram a subir e se espalhar sobre o tombadilho, perseguindo a nuvem mais escura que subia do lado de sotavento. Na amurada de popa, um par de marinheiros estava içando três flâmulas amarelas.

– Vigias extras no topo e nos corrimões para ajudar o Caladão! – gritou Drakasha. – Arqueiros, subam um de cada vez. Mantenham a arma abaixada lá em cima; fiquem fora de vista se puderem e pareçam meigos até que eu dê o sinal.

– Capitã! – berraram de novo os vigias do mastro principal para baixo. – Ela virou para cortar nosso caminho e está acrescentando panos!

– É engraçado como eles ficam generosos quando veem esse sinal – comentou Drakasha. – Utgar!

Um vadrã relativamente jovem, com a cabeça raspada avermelhada de sol e uma barba preta e trançada, apareceu ao lado da tenente Delmastro.

– Esconda Paolo e Cosetta na coberta inferior – mandou a capitã. – Vamos provocar uma discussão daqui a pouco.

– Certo – respondeu ele, e subiu correndo a escada do tombadilho.

– Quanto a vocês – continuou Drakasha, voltando a atenção para a equipe do esfregão –, há machadinhas e sabres junto ao mastro principal. Escolham as armas e esperem para ajudar a baixar os botes.

– Capitã Drakasha!

– O que é, Ravelle?

Locke pigarreou e fez uma oração silenciosa ao Treze Sem Nome para saber o que iria fazer. A hora da atitude era agora; se não restaurasse um pouco do prestígio de Ravelle, acabaria como apenas mais um membro da tripulação, excluído devido ao fracasso anterior. Precisava ser respeitado se

quisesse realizar qualquer parte de sua missão. Isso significava um grandioso ato de idiotice.

– É minha culpa esses homens quase terem morrido a bordo do *Mensageiro*. Eles eram meus tripulantes e eu deveria ter cuidado melhor deles. Gostaria de ter a chance de fazer isso agora. Quero... o primeiro lugar no barco da frente.

– Você espera que eu deixe você comandar o ataque?

– Comandar, não, apenas subir primeiro pelo costado. O que quer que esteja lá para nos sangrar, que me sangre primeiro. Talvez eu possa poupar quem vier em seguida.

– O mesmo para mim – disse Jean, pondo a mão no ombro de Locke, num gesto um tanto protetor. – Eu vou aonde ele for.

Que os deuses o abençoem, Jean, pensou Locke.

– Se é sua ambição ficar no caminho de uma seta de besta, não vou recusar – replicou Drakasha, ainda que parecendo meio perplexa.

Ela fez um minúsculo gesto de assentimento para Locke enquanto o grupo começava a se dividir e ir para a proa, em busca das armas.

– Capitã! – Delmastro se aproximou, as mãos e os antebraços cobertos de fuligem dos barris de fumaça. Olhando para Locke e Jean, ela acrescentou: – Quem *vai* comandar os botes de abordagem, afinal?

– É cada um por si, Del. Vou mandar um tripulante do *Orquídea* por bote, para segurá-los; o que a equipe do esfregão fizer depois de subir pelos costados é problema dela.

– Eu quero os botes.

Drakasha encarou-a por vários segundos em silêncio. Estava envolta em fumaça cinza da cintura para baixo.

– Eu não fiz nada quando tomamos o *Mensageiro*, capitã – completou Delmastro rapidamente. – Na verdade, não me divirto com uma presa há semanas.

Drakasha olhou de relance para Jean e franziu a testa.

– Você está querendo uma indulgência.

– É. Mas uma indulgência útil.

Drakasha suspirou.

– Você fica no comando dos botes, Del. Veja bem, Ravelle terá o que pediu.

Tradução: se ele levar uma flecha destinada a alguém, certifique-se de que

seja a destinada a você, pensou Locke.

– A senhora não vai se arrepender, capitã. Equipe do esfregão! Armem-se e me encontrem no poço! – Delmastro subiu correndo a escada do tombadilho, passou por Utgar, que levava os filhos de Drakasha, cada um seguro firmemente por uma das mãos.

– Você é um sujeito ousado e idiota, Ravelle – disse Jabril. – Acho que quase gosto de você de novo.

– ... pelo menos ele sabe lutar, disso nós sabemos – Locke ouviu um dos outros homens dizer. – Você deveria ter visto quando ele cuidou do guarda na noite em que nós pegamos o *Mensageiro*. Pou! Um soquinho e o sujeito ficou dobrado. Hoje ele vai mostrar uma ou duas coisas à gente. Esperem só.

De repente, Locke ficou muito feliz porque já havia mijado tudo que tinha para mijar.

No centro do convés, uma tripulante mais velha estava de guarda junto de pequenos barris cheios com as prometidas machadinhas e os sabres. Jean pegou um par de machadinhas, sopesou-as e franziu a testa enquanto Locke hesitava diante dos barris.

– Você tem alguma ideia do que está fazendo? – perguntou ele.

– Absolutamente nenhuma – respondeu Locke.

– Pegue um sabre e tente parecer à vontade.

Locke obedeceu e olhou a arma como se estivesse imensamente satisfeito.

– Qualquer um que tenha um cinto, pegue uma segunda arma e enfie no cinto! – gritou Jean. – Nunca se sabe quando alguém vai precisar.

Meia dúzia de homens seguiu seu conselho e ele se aproximou de Locke.

– Fique perto de mim – sussurrou. – Só... me acompanhe e banque o emproado. Talvez eles não tenham arcos.

Delmastro voltou para o meio deles, usando o colete de couro preto e as braçadeiras, além do cinto de armas cheio de facas. Locke notou que as guardas curvas dos sabres dela eram cravejadas com o que pareciam lascas de Vidrantigo.

– Aqui, Valora. – Ela jogou um colarinho de couro para Jean e levantou o rabo de cavalo para deixar o pescoço totalmente exposto. – Ajude uma moça.

Jean o colocou em volta do pescoço dela e prendeu-o na nuca. Ela puxou-o uma vez, assentiu e levantou os braços.

– Ouçam! Até fazermos qualquer gesto inamistoso, vocês são passageiros

ricos e esnobes de terra, que foram mandados nos botes para salvar suas peles preciosas.

Dois tripulantes estavam passando pela equipe do esfregão, distribuindo chapéus finos, jaquetas de brocado e outros atavios. Delmastro pegou um guarda-sol de seda e enfiou-o nas mãos de Locke.

– Aí está, Ravelle. Isso deve desviar qualquer coisa ruim.

Locke sacudiu o guarda-sol fechado acima da cabeça com beligerância exagerada e recebeu alguns risos nervosos em troca.

– Como disse a capitã, vai haver um do *Orquídea* em cada bote, para garantir que eles voltem, mesmo que vocês não – explicou Delmastro. – Eu vou levar Ravelle e Valora no botezinho do *Mensageiro* que vocês doaram. E você e você. – Ela apontou para Streva e Jabril. – Independentemente de qualquer coisa, nós somos os primeiros a chegar ao costado e subir.

Oscarl, o contramestre, apareceu com um pequeno grupo de ajudantes carregando cordas e moitões para começar a preparar um equipamento de içar.

– Mais uma coisa – prosseguiu Delmastro. – Se eles pedirem clemência, deem. Se largarem as armas, respeitem isso. Se continuarem lutando, matem na hora. E se vocês começarem a sentir pena deles, apenas se lembrem do sinal que tivemos de içar para que eles ajudassem um navio que pegava fogo.

6

Vista da água, a ilusão do incêndio parecia perfeita aos olhos de Locke. Agora todos os barris de fumaça estavam acesos; o navio soltava uma fumaça preta e cinza que quase envolvia todo o tombadilho. A figura de Zamira aparecia esporadicamente, com a luneta captando por pouco tempo o sol antes de desaparecer de novo no escuro. Um grupo de tripulantes havia arrumado pequenas bombas e mangueiras de lona na meia-nau – junto à amurada, onde pudessem ser vistas – e lançavam jatos d’água, na verdade apenas lavando o convés.

Locke sentia-se vagamente ridículo com o guarda-sol na mão e uma jaqueta de brocado de prata jogada sobre os ombros como uma capa. Jean e Jabril compartilhavam o banco de remador da proa, Streva e Delmastro estavam atrás deles e um tripulante muito pequeno chamado Vitorre –

pouco mais do que um menino – se agachava na popa para assumir o bote quando eles abordassem a *flute*.

O navio tinha as curvas do casco curiosamente redondas e estava em ângulo virado para longe deles, em direção ao norte. Locke avaliou que ele cruzaria o caminho do *Orquídea Venenosa* em cerca de dez minutos.

– Vamos começar a remar para lá – anunciou Delmastro. – Eles já devem estar esperando isso.

O bote deles e os dois maiores haviam mantido posição a cerca de 100 metros a sudeste do *Orquídea*. Enquanto os quatro remadores no bote da frente começavam a levá-lo para o norte, Locke viu os outros seguirem a deixa, indo atrás.

Foram bamboleando pelas ondas de 30 centímetros, sob o calor crescente; eram sete e meia da manhã quando haviam saído do navio. Os remos rangiam ritmicamente nos toletes e agora estavam emparelhados com o *Orquídea*, o recém-chegado a mais ou menos 800 metros a noroeste. Se a *flute* percebesse a armadilha e tentasse fugir para o norte, o navio pirata soltaria panos para voar atrás. Mas, se tentasse escapar para o sul, os botes é que teriam de ficar no caminho.

– Ravelle – chamou Delmastro –, aos seus pés, a torquês. Está vendo?

Enfiado embaixo de seu banco estava um instrumento feio, articulado, com cabos de madeira, que acionavam uma mandíbula de metal.

– Acho que sim.

– Arcos não são o nosso maior problema. A maior encrenca que eles podem causar é se puserem redes-navalhas para impedir a abordagem. Vamos nos retalhar tentando subir no convés. Você *precisará* usar essa torquês para abrir uma passagem para nós.

– Ou morrer tentando – completou ele. – Acho que entendi.

– Mas a boa notícia é que é um pé no saco armar redes-navalhas. E eles não vão fazer isso se estiverem esperando mandar botes e receber passageiros. Se pudermos chegar suficientemente perto antes de revelar nossa intenção, eles não terão tempo de usá-las.

– Qual é o sinal para revelar a intenção?

– Você não vai deixar de ver. Confie em mim.

Zamira Drakasha estava junto à amurada de estibordo do tombadilho, tirando uma folga da fumaça. Estudava a aproximação da *flute* pela luneta; havia uma ornamentação elaborada no rombudo pique de vante e uma pintura em dourado e preto, um tanto espalhafatosa, ao longo dos costados altos. Isso era bom: se o navio recebia manutenção de qualidade, provavelmente levava uma carga respeitável e um bocado de dinheiro.

Havia dois oficiais de pé perto da proa, examinando o *Orquídea* com suas próprias lunetas. Ela acenou de um modo que esperava ser encorajador, mas não obteve resposta.

– Bom, ótimo – murmurou. – Vocês farão suas cortesias daqui a pouco.

As formas pequenas e escuras de tripulantes corriam de um lado para o outro na *flute*, agora a apenas 400 metros de distância. Suas velas estremeciam, o casco se alongando na visão de Zamira – será que estavam fugindo? Não, apenas cortando o ímpeto, virando um ou dois pontos a estibordo, querendo chegar perto, mas não perto *demais*. Ela podia ver uma equipe de bomba e mangueira trabalhando na meia-nau, lançando um jato d'água para molhar as velas mais baixas da outra embarcação. Muito sensato, quando se chegava perto de um incêndio no mar.

– Equipe de sinal – chamou ela –, a postos.

– Sim, capitã – respondeu um coro de vozes na parte do tombadilho tomada pela fumaça.

Seus botes cortavam as ondas entre os dois navios. Lá estava Ravelle na frente, com o guarda-sol, parecendo um esguio cogumelo prateado com um gorro branco e mole. E ali estava Valora, e ali estava Ezri... Maldição. O pedido de Ezri não lhe dera muita escolha além de ceder ou parecer idiota na frente da equipe do esfregão. Teria de trocar uma palavra com aquela mulherzinha... se os deuses abençoassem Zamira o suficiente para lhe mandar sua tenente de volta com vida.

Examinou os oficiais da *flute*, que haviam passado da proa para a amurada a bombordo. Sujeitos largos, parecia, um tanto vestidos demais para o calor. Seus olhos não eram mais os mesmos de 25 anos antes... Será que eles estavam se cutucando mutuamente, olhando mais atentos através das lunetas?

– Capitã? – chamou um membro da equipe de sinal.

– Esperem. Esperem...

A cada segundo, diminuía a distância entre o *Orquídea* e sua vítima. Eles

havam reduzido a velocidade e virado, mas o sotavento iria trazê-los mais perto ainda... mais perto ainda. Um dos oficiais da *flute* apontou, depois segurou o outro pelo ombro e apontou de novo. As lunetas subiram ao mesmo tempo.

– Rá! – gritou Zamira.

Agora não haveria chance de escaparem. Ela sentiu um novo fervor dando força a cada passo e movimento que fazia; sentia metade de seus anos caírem dos ombros. *Pelos deuses*, o momento em que eles percebiam como estavam fodidos era sempre maravilhoso. Fechou a luneta, pegou a corneta alto-falante no convés e berrou para toda a extensão do navio:

– Arqueiros preparados no topo! Todos os tripulantes no convés e ocupando a amurada de estibordo! Tampem os barris de fumaça!

O *Orquídea Venenosa* estremeceu; setenta marinheiros subiam as escadas saindo das escotilhas, armados e com armaduras, berrando. Arqueiros saíram de trás dos mastros, ajoelharam-se em suas plataformas de disparo e puseram as flechas nos arcos brilhantes.

Zamira não precisava da luneta para ver os oficiais e tripulantes correndo freneticamente no convés da *flute*.

– Vamos lhes dar uma coisa que os faça mijar nos calções! – gritou ela, não se incomodando em usar a corneta. – ICEM A BANDEIRA VERMELHA!

As três flâmulas amarelas acima do tombadilho balançaram, depois desceram para a névoa cinza. Do meio do que sobrou da fumaça preta e agitada subiu uma grande bandeira vermelha, vívida como o sol da manhã pairando sobre uma tormenta.

8

– Com vontade! – gritou a tenente Delmastro. – Com vontade!

Enquanto a bandeira vermelho-sangue erguia-se ao máximo acima da popa do *Orquídea* e os primeiros membros da horda de tripulantes que gritavam feito maníacos começavam a apinhar a amurada de estibordo, os três botes aceleraram nas ondas.

Locke jogou o guarda-sol e a jaqueta no mar, só depois lembrando que valiam um bocado de dinheiro. Respirava empolgado, olhando por cima do

ombro para o costado da *flute* que se aproximava rapidamente, uma superfície íngreme de madeira que se erguia como um castelo flutuante. Santos deuses, estava indo para a batalha. Que porra estava *acontecendo* com ele?

Mordeu a parte interna da bochecha em busca de concentração e se agarrou à amurada com força. *Maldição*, esse não era um gesto magnânimo. Ele não podia se dar a esse luxo. Respirou fundo para se controlar.

Locke Lamora era pequeno, mas o Espinho de Camorr era maior do que tudo aquilo. O Espinho não podia ser tocado por lâmina, magia ou desprezo. Pensou no Falcoeiro sangrando aos seus pés. Pensou no Rei Cinza, morto sob sua faca. Pensou nas fortunas que haviam passado por seus dedos e sorriu.

Com firmeza e cautela, desembainhou o sabre e começou a balançá-lo no ar. Agora os três botes estavam quase lado a lado, cortando triângulos brancos de espuma no mar, a um minuto do alvo. Locke pretendia atacá-lo trajando a maior mentira da sua vida. Poderia morrer em alguns instantes, mas até lá, pelos deuses, ele era o Espinho de Camorr. Era o Capitão Orrin Ravelle, *porra*.

– Orquídeas! Orquídeas! – Ele se pôs de pé na proa do bote, impelindo o sabre como se pretendesse abalroar a *flute* sozinho e abrir um buraco no costado. – Remem pela presa! Remem por vocês! Sigam-me, Orquídeas! *Mais ricos e mais espertos do que todos os outros!*

O *Orquídea Venenosa* saiu do meio da fumaça, deixando um rastro cinzento a partir do tombadilho, como se escapasse de alguma mão fantasmagórica e divina. Os tripulantes apinhados na amurada gritaram de novo e depois ficaram em silêncio. As velas do navio começaram a tremular. Drakasha estava bordejando com pressa para fazer a embarcação girar bruscamente a estibordo. Se tivesse êxito, iria se aconchegar a bombordo ao lado da *flute*, a uma distância de luta de faca.

O silêncio súbito dos tripulantes do *Orquídea* permitiram que Locke ouvisse pela primeira vez os ruídos que vinham da *flute*: ordens, pânico, discussões, consternação. E então, acima de todo o resto, uma voz minúscula e desesperada gritando através de uma corneta alto-falante:

– *Salvem-nos! Pelo amor dos deuses, por favor... por favor, venham cá e nos salvem!*

– Merda. Isso é meio diferente do que costumamos ouvir – disse

Delmastro.

Locke não teve tempo de pensar; estavam chegando ao casco da *flute*, batendo com força na parede de pranchas molhadas no lado de sotavento. O navio estava um pouco adernado, criando a ilusão de que iria tombar e esmagá-los. Milagrosamente, havia ovéns e uma rede de abordagem ao alcance. Locke saltou para ela, com o braço da espada erguido.

– Orquídeas! – berrou, escalando o cânhamo áspero e molhado, numa exultação de medo: – Orquídeas! Sigam-me!

Sua mão esquerda encontrou o convés no topo da rede de abordagem. Trincando os dentes, impeliu ferozmente o sabre para cima, de maneira desajeitada, para o caso de haver alguém esperando na borda do convés. Então puxou-se, rolou por baixo da amurada – errando a portinhola de entrada por alguns metros – e se levantou cambaleante e gritando feito louco.

O convés era um caos total, mas não havia ameaça à vista. Não havia redes-navalhas, nem arqueiros, nem paredes de alabardas ou espadas esperando para receber os invasores. Tripulantes corriam de um lado para outro em pânico. Uma mangueira de incêndio estava abandonada no convés aos pés de Locke como uma cobra marrom, gorgolejando água do mar.

Um tripulante escorregou nessa poça e se chocou nele, se debatendo. Locke levantou o sabre e o homem se encolheu, erguendo as mãos para mostrar que estavam vazias.

– Nós tentamos nos render – garantiu o tripulante, ofegando. – Nós tentamos! Eles não deixaram! Pelos deuses, nos ajudem!

– Quem? *Quem* não deixou vocês se renderem?

O homem apontou para o tombadilho elevado do navio e Locke girou para ver o que havia ali.

– Ah, *inferno* – sussurrou.

Devia haver pelo menos vinte homens idênticos ali. Bronzeados, atarracados, musculosos. As barbas eram bem aparadas, o cabelo que descia até os ombros tinha fios de contas que chacoalhavam. As cabeças estavam enroladas em tecidos de um verde vivo e Locke sabia, por experiência passada, que o que pareciam mangas escuras cobrindo os braços eram, na verdade, versículos sagrados, tatuados tão densamente em tinta preta e verde que qualquer traço da pele por baixo se perdera.

Redentores Jeremitas. Maníacos religiosos que acreditavam ser a única

salvação possível para os pecados de sua ilha maligna. Eles se ofertavam em sacrifício aos deuses jeremitas, percorrendo o mundo em grupos de exilados, levando vidas recatadas como monges até que alguém, qualquer um, os ameaçasse.

Seu voto sagrado era matar ou serem mortos quando surgia um conflito; morrer honradamente por Jerem ou exterminar implacavelmente qualquer um que levantasse a mão contra eles. Todos olhavam com bastante atenção para Locke.

– Os pagãos ofertam uma purificação rubra! – Um Redentor à frente do grupo apontou para Locke e levantou seu porrete cravejado de espetos de latão. – Lavemos as almas no sangue dos pagãos! MATEM PELA SAGRADA JEREM!

Com as armas erguidas, desceram correndo a escada do tombadilho e partiram para eles, fitando Locke, berrando de maneira insana. Um tripulante tentou sair do seu caminho e foi jogado para baixo, o crânio se espatifando como um melão sob o porrete do líder, sendo pisoteado pelos outros.

Locke não pôde se conter. O espetáculo daquela morte que se avizinhava ia tão além de tudo que já experimentara que ele soltou uma gargalhada perplexa. Estava apavorado até o tutano e isso lhe deu uma liberdade súbita, absoluta. Ergueu seu sabre inútil e se lançou num contra-ataque, sentindo-se leve como poeira na brisa, berrando enquanto corria:

– Venham! Encarem Ravelle! Os deuses mandaram sua perdição, *FILHOS DA PUTA!*

Ele deveria ter morrido alguns segundos depois. Como sempre, Jean tinha outros planos.

O líder jeremita disparou para Locke, o dobro de seu peso em fanatismo assassino, sangue e luz do sol brilhando nas pontas do porrete. Então, uma machadinha se enterrou em seu rosto, o cabo se projetando do buraco despedaçado de um olho. O impacto do corpo jogou Locke no convés e tirou o ar dos seus pulmões. O sangue quente espirrou em seu rosto e no pescoço e ele lutou furiosamente para sair de baixo do Redentor que estrebuchava. O convés ao redor foi tomado de súbito por vultos chutando, pisoteando, gritando e caindo.

O mundo se dissolveu em imagens e sensações desconexas. Locke mal tinha tempo de catalogá-las à medida que passavam em alta velocidade...

Machados e lanças destinadas a ele se cravando no corpo do líder jeremita. Uma estocada em desespero com seu sabre e o choque do impacto quando ela afundou na parte desprotegida da coxa de um Redentor. Jean colocando-o de pé. Jabril e Streva puxando outros tripulantes do *Orquídea* para o convés. Delmastro lutando ao lado de Jean, transformando o rosto de um Redentor numa pasta vermelha com a guarda cravejada de vidro de um dos seus sabres. Sombras, movimentos, gritos desconexos.

Era impossível permanecer perto de Jean; a pressão de Redentores era muito intensa e o número de golpes que chegavam era grande demais. Locke foi derrubado de novo por um corpo em queda e rolou para a esquerda, golpeando às cegas, freneticamente. O convés e o céu giravam, até que de repente ele sentiu o chão sumir abaixo.

A grade da principal escotilha de carga não estava no lugar.

Encolheu-se em desespero, arrastando-se para o lado direito para não cair. Um vislumbre do porão do convés principal havia revelado um trio de Redentores. Levantou-se e foi atacado imediatamente por outro jeremita; aparando um golpe depois do outro, saltou de lado e tentou se afastar da borda da escotilha. Não adiantou: um segundo antagonista apareceu, a lança encharcada de sangue preparada para ser usada.

Locke sabia que jamais poderia lutar nem se desviar dos dois tendo uma grade aberta atrás de si. Pensou depressa. Quando o ataque acontecera, a tripulação da *flute* estava tirando do porão um barril pesado, com diâmetro entre 1,2 metro e 1,5 metro, que agora pairava numa rede acima da escotilha.

Locke golpeou loucamente os dois oponentes, querendo apenas forçá-los a recuar. Então, girou e saltou com toda a vontade. Bateu no barril pendurado com uma pancada que chacoalhou seu cérebro e se agarrou à rede, as pernas batendo como se estivesse nadando. O barril balançou como um pêndulo enquanto Locke ia até o topo dele.

Dali, conseguiu ter brevemente uma visão razoável da ação. Mais tripulantes do *Orquídea* afluíam para a luta no canto de bombordo do navio e Delmastro e Jean estavam pressionando o grupo principal de Redentores para cima da escada do tombadilho. O lado do convés onde Locke se achava era um redemoinho de oponentes embolados: roupas verdes e cabeças carecas acima de todo tipo de armas.

De repente, o jeremita com a lança tentou acertá-lo e a ponta de aço

enegrecido bateu na madeira a centímetros de sua perna. Locke sacudiu o sabre, percebendo que sua posição não era tão segura quanto ele esperava. Gritos soaram de baixo: os Redentores no porão o tinham visto e pretendiam atacá-lo.

Cabia a Locke fazer alguma coisa louca primeiro.

Pulou, agarrando-se a uma das cordas que suspendia o barril numa talha e se desviou de outro golpe de lança. Não adiantava tentar cortar todas as linhas que vinham da talha: isso poderia demorar minutos. Tentou se lembrar dos padrões de cordas e moitões que Caldris havia lhe ensinado. Seu olhar percorreu a única corda retesada que ia da talha até um moitão num canto da escotilha. Ela atravessava o convés, desaparecendo embaixo do amontoado de combatentes, provavelmente até o cabrestante, e se fosse cortada...

Trincando os dentes, deu um golpe forte na corda, usando a parte da lâmina mais próxima ao punho, sentindo o sabre desfiar o cânhamo. Uma machadinha passou zunindo perto do seu ombro, a uma distância equivalente à grossura de um dedo mindinho. Atingiu a corda de novo, e de novo, com o máximo de força. No quarto golpe, ela se rompeu com um estalo e o peso do barril partiu-a ao meio. Montado nele, Locke caiu no porão, com os olhos fechados. Alguém gritou, poupando-lhe o encargo de fazer isso.

O barril se espatifou com um estrondo enorme. O ímpeto de Locke o fez bater com o queixo na madeira e ele foi jogado de lado, caindo como um amontoado indigno. Um líquido quente e fedorento jorrou sobre ele: cerveja do barril.

Levantou-se de novo, gemendo. Um Redentor não se movera rápido o bastante e estava esparramado embaixo do barril, claramente morto. Os outros dois tinham sido derrubados pelo impacto e tateavam grogues à procura das armas.

Locke cambaleou até eles e cortou seus pescoços antes de saberem que ele ao menos estava de pé outra vez. Não era luta, mas apenas trabalho de ladrão, e ele o fez mecanicamente. Depois, piscou e olhou ao redor, procurando algo com que limpar a lâmina; um hábito antigo e natural que quase o levou à morte.

Um vulto robusto pulou na poça de cerveja ao lado dele, espirrando-a. Era um dos jeremitas que o haviam atacado com a lança e saltara cerca de 2

metros para dentro do porão. Mas a bebida que jorrava era traiçoeira: o Redentor escorregou e caiu de costas. Friamente resignado, Locke cravou o sabre no peito do homem e arrancou a lança de suas mãos agonizantes.

– Morto pela bebida – sussurrou.

A luta continuava lá em cima. Por enquanto, ele estava sozinho no porão, com sua vitoriazinha fajuta.

Quatro mortos e ele havia enganado todos, usando a sorte, a surpresa e pura velhacaria para fazer o que seria impossível numa luta comum. O fato de saber que eles jamais receberiam ou aceitariam misericórdia *deveria* ter tornado aquilo mais fácil, mas o louco abandono de alguns minutos antes tinha se esvaído totalmente. Orrin Ravelle era uma fraude, afinal de contas; ele era de novo o velho e simples Locke Lamora.

Vomitou ao lado de uma pilha de lonas e redes, usando a lança para se sustentar de pé, até que a ânsia passou.

– Deuses do céu!

Locke limpou a boca enquanto Jabril e dois tripulantes do *Orquídea* deslizavam pela escotilha, segurando-se à borda do convés, em vez de saltar. Não pareciam tê-lo visto vomitando.

– Foram quatro – continuou Jabril. Sua túnica fora parcialmente rasgada acima de um corte raso no peito. – Porra, Ravelle. Achei que o *Valora* é que matava de medo.

Locke respirou fundo para se controlar.

– Jerome... Ele está bem?

– Estava há um minuto. Eu o vi com a tenente Delmastro lutando no tombadilho.

Locke assentiu, depois fez um gesto para a popa com a lança.

– Cabine de popa. Sigam-me. Vamos acabar com isto.

Levou-os correndo por toda a extensão do convés principal da *flute*, empurrando tripulantes desarmados e encolhidos para fora do caminho. A porta blindada da cabine estava trancada e, atrás dela, Locke podia ouvir o som de atividade frenética. Bateu com força.

– Sabemos que você está aí! – gritou, e se virou para Jabril com um sorriso cansado. – Isso parece tremendamente familiar, não é?

– Vocês não vão passar por essa porta! – soou uma voz abafada lá dentro.

– Vamos arrombar investindo com os ombros – falou Jabril.

– Primeiro deixe-me tentar ser terrivelmente esperto – reagiu Locke, e

acrescentou, erguendo a voz: – Primeiro ponto: esta porta pode ser blindada, mas suas janelas de popa são de vidro. Segundo ponto: abra a porra da porta antes de eu contar até dez ou vou mandar matar cada tripulante no tombadilho. Você poderá ouvir aí de dentro.

Houve uma pausa e Locke abriu a boca para começar a contar. De repente, com os estalos de um mecanismo pesado, a porta se abriu rangendo e surgiu um homem baixo, de meia-idade, com casaco preto comprido.

– Por favor, não. Eu me rendo. Eu teria feito isso antes, mas os Redentores não deixaram. Eu me tranquei depois que eles me perseguiram até aqui embaixo. Matem-me se quiserem, mas poupem minha tripulação.

– Não seja idiota – rebateu Locke. – Não vamos matar ninguém que não nos ataque. Mas acho bom saber que você não é um escroto completo. É o comandante do navio, presumo?

– Antoro Nera, ao seu dispor.

Locke o agarrou pelas lapelas e começou a arrastá-lo para a escada do tombadilho.

– Vamos para o convés, mestre Nera. Acho que cuidamos dos seus Redentores. Que diabo eles estavam fazendo a bordo, aliás? Eram passageiros?

– Seguranças – murmurou Nera.

Locke estacou subitamente.

– Você é a porra de um imbecil tão grande que não sabia que esses sujeitos ficariam loucos na primeira vez em que alguém sugerisse uma luta?

– Eu não os queria! Os proprietários insistiram. Os Redentores trabalham em troca de nada, só comida e passagem. Os donos pensaram... que talvez eles espantassem qualquer um que buscasse encrenca.

– Bela teoria. Mas só funciona se você anunciar a presença deles. Nós não sabíamos que eles estavam a bordo até que atacaram na porra de uma falange.

Locke subiu a escada arrastando Nera, seguido por Jabril e pelos outros. Emergiram à luz forte da manhã no tombadilho. Um dos homens estava baixando a bandeira da *flute*, enfiado em cadáveres até os joelhos.

Eram pelo menos uma dúzia, na maioria Redentores, com os panos de cabeça verdes tremulando e as expressões estranhamente satisfeitas. Mas aqui e ali havia tripulantes desafortunados e, no topo da escada, um rosto familiar: Aspel, com o peito sangrento destroçado.

Locke olhou ao redor num frenesi e suspirou ao ver Jean aparentemente incólume, agachado perto da amurada de estibordo. A tenente Delmastro estava aos pés dele, o cabelo solto, sangue escorrendo pelo braço direito. Enquanto Locke olhava, Jean rasgou um pedaço de pano da barra de sua túnica e começou a fazer uma atadura num dos ferimentos dela.

Locke sentiu uma pontada que era metade alívio e metade melancolia; em geral, era *ele* que Jean recolhia em pedaços sangrentos depois de uma luta. Afastar-se de Jean tinha sido uma necessidade surgida numa fração de segundo, no calor da luta. Percebeu que se sentia estranhamente inquieto porque Jean não o havia seguido, implacável junto aos seus calcanhares, para cuidar dele como sempre.

Não seja um idiota, pensou. Jean teve seus próprios problemas.

– Jerome – chamou ele.

A cabeça de Jean se virou bruscamente e seus lábios quase formaram um “L” antes de ele reassumir o controle:

– Orrin! Você está horrível! Pelo amor dos deuses, você está bem?

Horrível? Locke olhou para baixo e descobriu que quase cada centímetro de suas roupas estava coberto de sangue. Passou a mão pelo rosto; o que achava ser suor ou cerveja sujou sua mão de vermelho.

– Esse sangue não é meu. Acho.

– Eu já ia procurar você. Ezri... a tenente Delmastro...

– Vou ficar bem – gemeu ela. – Um sacana tentou me acertar com um mastro de mezena. Me deixou sem ar.

Locke viu um dos enormes porretes com pontas de latão caído no convés perto dela e, um pouco além, um Redentor morto com um dos característicos sabres de Delmastro cravado no pescoço.

– Tenente Delmastro, eu trouxe o comandante do navio – informou Locke. – Permita-me apresentar Antoro Nera.

Delmastro afastou as mãos de Jean e passou se arrastando por ele, para enxergar melhor. Filetes de sangue escorriam de cortes no lábio e na testa.

– Mestre Nera. É um prazer. Eu represento o lado que ainda está de pé. Por mais que pareça o contrário. – Ela sorriu e limpou o sangue acima dos olhos. – Serei responsável pela apropriação indébita assim que tivermos assumido o controle do seu navio, portanto não me irrite. Por falar nisso, que navio é este?

– *Martim-Pescador* – respondeu Nera.

– Carga e destino?
– Tal Verrar, com especiarias, vinho, terebintina e madeiras finas.
– Isso e uma porrada de Redentores Jeremitas. Não, cale a boca. Você pode explicar mais tarde. Pelos deuses, Ravelle, você andou mesmo ocupado.

– É a pura verdade, porra – interveio Jabril, dando-lhe um tapa nas costas. – Ele matou quatro deles sozinho no porão. Jogou um barril para cima de um deles e deve ter lutado com os outros três em seguida. – Jabril estalou os dedos. – *Assim.*

Locke suspirou e sentiu as bochechas ardendo. Ergueu a mão e passou um pouco de sangue no rosto para disfarçar.

– Bom, não vou dizer que não fiquei surpresa, mas estou satisfeita – comentou Delmastro. – Você não tem condições de cuidar nem mesmo de um barco de pesca, Ravelle, mas pode comandar equipes de abordagem sempre que quiser. Acho que redimimos mais ou menos metade de Jerem.

– Você é muito gentil – falou Locke.

– Você pode dar um jeito neste navio para mim? Levar os tripulantes dele que estão no convés para o castelo de proa?

– Posso. Ela vai ficar bem, Jerome?

– Ela levou uma pancada e sofreu uns cortes, mas...

– Já passei por coisa pior – retrucou Ezri. – Já passei por coisa pior e sem dúvida dei o troco. Você pode ir com Ravelle se quiser.

– Eu...

– Não me faça bater em você. Vou ficar bem.

Jean se levantou e foi até Locke, que empurrou Nera gentilmente na direção de Jabril.

– Jabril, pode escoltar nosso novo amigo para o castelo de proa enquanto Jerome e eu buscamos o resto da tripulação?

– Sim, vai ser um prazer.

Locke levou Jean para baixo da escada do tombadilho, entrando no emaranhado de corpos na meia-nau. Mais Redentores, mais tripulantes... e cinco ou seis homens que ele havia tirado da Rocha de Barlavento três semanas antes. Tinha a consciência desconfortável de que todos os sobreviventes pareciam estar olhando-o. Captou pedaços de conversa: “ele estava gargalhando”; “Vi quando passei pela amurada. Atacou todos sozinho”; “Ele gritou: ‘Os deuses mandaram sua perdição, filhos da puta!’ Eu

ouvi”.

– Nunca vi nada assim – admitiu Streva, cujo braço esquerdo parecia quebrado. – Não parava de rir. Sem medo nenhum, porra.

– Eles estão certos, sabe? – sussurrou Jean. – Já vi você fazer umas merdas corajosas e malucas, mas isso foi... isso foi...

– Foi só maluquice e nenhuma coragem. Eu estava fora de mim, porra, entendeu? Estava me cagando tanto de medo que não sabia o que fazer.

– Mas lá embaixo no porão...

– Eu joguei um barril em cima de um. Outros dois tiveram o pescoço cortado enquanto ainda estavam tontos. O último teve a gentileza de escorregar na cerveja e facilitar minha vida. Como sempre, Jean. Não sou nenhuma porcaria de guerreiro.

– Mas agora eles acham que é. Você se deu bem.

Encontraram Mal apoiado no mastro principal, imóvel. As mãos envolviam a espada enterrada na barriga, como se tentasse mantê-la em segurança. Locke suspirou.

– Neste momento, tenho o que você poderia chamar de sentimentos dúbios.

Jean se ajoelhou e fechou as pálpebras de Mal.

– Sei o que você quer dizer. – Ele fez uma pausa, parecendo pesar as palavras antes de ir em frente. – Temos um problema sério.

– Verdade? *Nós* temos problemas? Como assim?

– Essa é a nossa gente. Eles são *ladrões*. Sem dúvida você também percebe isso. Não podemos entregá-los ao Stragos.

– Então vamos morrer.

– Nós dois sabemos que Stragos pretende nos matar de qualquer jeito...

– Quanto mais tempo nós o enrolarmos, quanto mais perto chegarmos de realizar parte da missão, mais perto estaremos de um antídoto verdadeiro. Quanto mais tempo ganharmos, maior a chance de ele cometer um deslize... e nós podermos fazer alguma coisa.

– Nós podemos fazer alguma coisa ficando do lado dos nossos. Olhe ao redor, pelo amor dos deuses. *Tudo* o que esse pessoal faz na vida é roubar. Eles são como nós. Os mandamentos pelos quais vivemos...

– Não venha me fazer a porra de um sermão sobre o que é certo!

– Por que não? Parece que você precisa...

– Eu cumpro o meu dever com os homens que trouxemos de Tal Verrar,

Jean, mas eles e *todas* essas pessoas... eles são estranhos. Pretendo fazer Stragos chorar e, se eu puder poupá-los para alcançar isso, pelos deuses, vou poupá-los. Mas, se precisar afundar este navio e uma dúzia de outros para derrubá-lo, vou fazer isso, sem dúvida.

– Pelos deuses. – Jean suspirou. – Preste atenção no que você está dizendo. Eu achava que *eu* era um camorri. Você é a pura essência de Camorr. Há um instante, você estava triste por causa dessas pessoas. Agora seria capaz de afogar todas elas em nome da sua vingança!

– *Nossa* vingança. *Nossa* vida.

– Tem que haver outro modo.

– O que você propõe, então? Ficar aqui? Passar algumas semanas alegres nos Ventos Fantasmas e depois educadamente *morrer*?

– Se for necessário.

O *Orquídea Venenosa*, sob velas reduzidas, chegou perto da popa do *Martim-Pescador*, colocando-se entre a *flute* e o vento. Os homens e mulheres enfileirados na amurada do *Orquídea* soltaram três gritos roucos de comemoração, cada um mais alto do que o anterior.

– Ouviu isso? Eles não estão congratulando a equipe do esfregão – falou Jean. – Estão congratulando os companheiros. É isso que somos agora: parte de tudo isso.

– Eles são estra...

– Eles não são *estranhos*.

– Bom... – Locke olhou para a popa, para a tenente Delmastro, que havia se levantado e assumido o timão do *Martim-Pescador*. – Talvez alguns deles sejam menos estranhos para você do que para mim.

– Ei, espere um mo...

– Faça o que tiver de fazer para passar o tempo aqui – interrompeu Locke, com uma carranca –, mas não se esqueça de onde você veio. Stragos é o nosso negócio. *Derrotá-lo* é o nosso negócio.

– Passar o tempo? Passar a porcaria do *tempo*? – Jean inspirou com raiva, fechou os punhos com força e, por um segundo, pareceu a ponto de agarrar Locke e sacudi-lo. – Pelo amor dos deuses, estou vendo o que está se retorcendo embaixo da sua pele. Olha, *você* pode se resignar pelo fato de que a *única* mulher em que você pensa sumiu há anos. Mas você ficou tão travado nisso, durante tanto tempo, que parece achar que o resto do mundo tem hábitos iguais aos seus.

Locke sentiu como se tivesse levado uma facada.

– Jean, nem tente...

– Por que não? Por que *não*? Nós carregamos seu precioso sofrimento como a porra de uma relíquia sagrada. *Não* fale sobre Sabeta Belacoros. *Não* fale sobre as peças. *Não* fale sobre Jasmer, Espara ou uma das tramas que colocamos em prática. Eu vivi com ela durante nove anos, assim como você, e fingi que ela não existe, porra, para *evitar perturbar você*. Bom, eu não sou você. Não estou contente por viver como um monge que fez um juramento. *Eu tenho uma vida fora da sua maldita sombra*.

Locke deu um passo atrás.

– Jean, eu não... eu não quis...

– E pare de me chamar de *Jean*, pelo amor da porra.

– Claro – disse Locke friamente. – Claro. Se a gente continuar assim, vai acabar estragando o disfarce de uma vez por todas. Eu posso ir lá para baixo sozinho. Volte para Delmastro. Ela está se agarrando àquele timão para conseguir ficar de pé.

– Mas...

– *Vá*.

– Ótimo. – Jean se virou para ir, depois parou uma última vez. – Mas entenda: *eu não posso fazer isso*. Sou capaz de acompanhar você a qualquer destino, e você sabe disso, mas não posso foder essas pessoas, nem pelo nosso bem. E mesmo que você ache que é pelo nosso bem... também não posso deixar que *você* faça isso.

– Que diabo isso quer dizer?

– Quer dizer que você tem muito em que pensar.

Jean saiu pisando firme.

Pequenos grupos de marinheiros tinham começado a vir do *Orquídea*. Utgar correu até Locke com o rosto vermelho de empolgação, conduzindo alguns tripulantes que carregavam cabos e defensas para ajudar a manter os navios lado a lado.

– Pelos doces Tutanos, Ravelle, acabamos de saber sobre os Redtores! – exclamou Utgar. – A tenente contou o que você fez. Incrível, porra! Um trabalho muito bem-feito!

Locke olhou para o corpo de Mal e observou Jean se aproximando de Delmastro com as mãos estendidas para ajudá-la. Sem se importar com quem via, jogou o sabre nas tábuas do convés, onde ele se cravou,

balançando-se de um lado para o outro.

– Ah, é verdade. Parece que eu venci de novo. *Hurra* para os vencedores.

CAPÍTULO ONZE

Todo o resto, a verdade

1

– Tragam os prisioneiros – ordenou Drakasha.

Era noite no convés do *Orquídea Venenosa*, ancorado sob um céu coalhado de estrelas. As luas ainda não tinham começado a nascer. A capitã estava junto à amurada do tombadilho, silhuetada por lâmpadas alquímicas, usando um oleado como se fosse uma capa. Uma ridícula peruca de lã cobria sua cabeça, vagamente lembrando o adereço cerimonial de um magistrado verrari. O convés, de proa a popa, estava apinhado de tripulantes e, num pequeno espaço livre a meia-nau, se achavam os prisioneiros.

Dezenove homens do *Mensageiro Vermelho* tinham sobrevivido à luta da manhã. Naquele momento, eles estavam com as mãos e os pés atados num grupo desorganizado no convés central. Locke se moveu até ficar atrás de Jean e Jabril.

– Oficial de justiça, você nos trouxe um grupo *lamentável* – criticou Drakasha.

– Lamentável mesmo, meritíssima. – Delmastro apareceu ao lado da capitã, segurando um pergaminho enrolado e também usando uma peruca ridícula.

– O bando mais desgraçado de vira-latas imorais e broxas que eu já vi. Mesmo assim, acho que devemos julgá-los.

– Devemos, sim, senhora.

– De que eles são acusados?

– De uma lista de crimes tão grande, com tanto sangue que até parece geleia. – Delmastro abriu o pergaminho e acrescentou, erguendo a voz: –

Recusa voluntária da gentil hospitalidade do Arconte de Tal Verrar. Fuga deliberada das excelentes acomodações fornecidas pelo mesmo Arconte na Rocha de Barlavento. Roubo de uma embarcação da marinha com a intenção declarada de usá-la para pirataria.

– Desgraça.

– Exato, meritíssima. Agora, a parte seguinte é bastante confusa: alguns são acusados de motim, outros, de incompetência.

– Alguns isso, outros aquilo? Oficial, não podemos *admitir* desorganização. Simplesmente acuse todo mundo de tudo.

– Entendido. Agora os amotinados são incompetentes e os incompetentes são amotinados.

– Excelente e magistral. Sem dúvida serei citada em livros.

– Em livros importantes, senhora.

– Pelo que mais esses desgraçados precisam responder?

– Ataque e roubo sob a bandeira vermelha, meritíssima. Pirataria armada no Mar de Bronze no vigésimo primeiro instante do mês de Festal, neste mesmo ano.

– Vil, grotesco e desprezível! – gritou Drakasha. – Que fique registrado que eu me sinto a ponto de desmaiar. Diga, existe alguém que fale em defesa dos prisioneiros?

– Ninguém, senhora, já que os prisioneiros não têm um tostão.

– Ah. Então sob que leis eles reivindicam direitos ou proteção?

– Nenhuma, senhora. Nenhum poder em terra irá reivindicá-los ou ajudá-los.

– Patético, mas não inesperado. Sem orientação firme dos seus superiores, talvez seja *natural* que esses roedores tenham fugido da virtude como de uma doença contagiosa. Talvez surja alguma chance de clemência.

– É improvável, senhora.

– Ainda resta uma pequena questão, que pode atestar o verdadeiro caráter deles. Oficial, pode descrever a natureza dos associados e consortes deles?

– Vividamente, meritíssima. Eles se associam voluntariamente com os oficiais e a tripulação do *Orquídea Venenosa*.

– Deuses do céu – gritou Drakasha. – Você disse *Orquídea Venenosa*?

– Sim, senhora.

– Eles são culpados! Culpados de todas as acusações! Culpados em todas

as particularidades, culpados até a extremidade absoluta e definitiva de toda a possível culpabilidade humana!

Drakasha arrancou a peruca, jogou-a no convés e ficou pulando em cima dela.

– Excelente veredicto, senhora.

– É a determinação deste tribunal, solene em sua autoridade e inabalável em sua decisão, que, por crimes cometidos no mar, o mar os tenha. Joguem-nos na água! E que os deuses não sejam apressados demais em conceder misericórdia às suas almas.

Gritando, os tripulantes avançaram de todas as direções e cercaram os prisioneiros. Locke foi empurrado e puxado com o grupo até a portinhola de bombordo, onde havia uma rede de carga no convés, com uma vela por baixo, ambas amarradas nas bordas. Os ex-tripulantes do *Mensageiro* foram empurrados para a rede e seguros ali enquanto dezenas de marinheiros sob o comando de Delmastro iam até o cabrestante.

– Preparem-se para executar a sentença – disse Drakasha.

– Içar! – gritou Delmastro.

Uma complexa armação de moitões e talhas tinha sido posta entre as vergas mais baixas do mastro de proa e do principal; os marinheiros giravam o cabrestante e as bordas da rede foram puxadas para cima. Em alguns segundos, os ex-tripulantes estavam acima do convés, espremidos como animais numa armadilha. Locke se agarrou à rede áspera para não escorregar até o centro da massa de membros e corpos. Houve uma agitação inútil de empurrões e palavrões à medida que a rede balançava para além da amurada e oscilava suavemente na escuridão, 5 metros acima da água.

– Oficial de justiça, execute os prisioneiros – ordenou Drakasha.

– Joguem eles!

Eles não fariam isso, pensou Locke, e bem nesse instante eles fizeram.

A rede cheia de prisioneiros entrou em queda livre, provocando gritos involuntários em homens que haviam travado uma batalha assassina no *Martim-Pescador* em relativo silêncio. A tensão nas bordas da rede se afrouxou, de modo que pelo menos eles tiveram mais espaço para rolar e quicar quando ela bateu na superfície da água.

Eles se agitaram numa massa confusa, gritando por um ou dois segundos, e então a água quente e escura começou a jorrar para dentro, em volta deles. Por um breve momento, Locke sentiu um pânico genuíno, pois

as cordas que prendiam suas mãos e os pés estavam bem amarradas, mas depois de alguns instantes as bordas da vela começaram a subir de novo, até estarem logo acima da superfície do oceano. A água ainda presa com os prisioneiros ia quase até a cintura de Locke e agora a lona formava uma espécie de poço abrigado.

– Todo mundo está bem? – indagou Jean.

Locke viu que ele tinha reivindicado a borda da rede diretamente do lado oposto a ele. Havia meia dúzia de homens empurrando e chapinhando entre os dois. Locke fez cara feia ao perceber que Jean estava bem contente naquela situação.

– Engraçado pra caralho – murmurou Strega, apoiando-se com um dos braços. O outro fora amarrado ao peito numa tipoia grosseira.

Vários ex-tripulantes do *Mensageiro* estavam com ossos quebrados e quase todos tinham cortes e hematomas, mas ninguém fora liberado do ritual.

– Meritíssima!

Locke olhou para cima ao ouvir a voz de Delmastro. A tenente os espiava da portinhola de bombordo com uma lanterna na mão; a rede deles estava a pouco mais de um metro do casco escuro do *Orquídea*.

– Meritíssima, eles não estão se afogando!

– O quê?! – Drakasha apareceu ao lado de Delmastro com sua falsa peruca de novo na cabeça, agora mais torta do que nunca. – Seus *desgraçadinhos* mal-educados! Como ousam desperdiçar o tempo deste tribunal com essa recusa ridícula em ser executados? Oficial, ajude-os a se afogar!

– Sim, senhora, ajuda imediata para afogamento. Bombas do convés a postos! Bombas do convés agora!

Dois marinheiros surgiram junto à amurada segurando a ponta de uma mangueira de lona. Locke se virou para o outro lado no instante em que o jorro de água salgada e quente começava a atingi-los. *Não é tão ruim*, pensou, apenas alguns segundos antes que algo mais substancial do que água batesse na sua nuca com uma pancada ardida.

O bombardeio com essa nova indignidade – estopa engordurada, percebeu Locke rapidamente – era generalizado e enérgico. Os tripulantes haviam se enfileirado na amurada e jogavam aquilo na rede de prisioneiros, uma verdadeira chuva de trapos e fragmentos de corda que tinham o fedor

familiar e rançoso da coisa com que ele passara várias manhãs lambuzando os mastros. Esse ataque prosseguiu durante vários minutos, até que Locke não tinha ideia de onde terminava a gordura e onde começavam suas roupas, e a água no pequeno espaço confinado estava com uma camada escorregadia de imundície.

– Inacreditável! – gritou Delmastro. – Meritíssima, eles ainda estão lá!

– Não se afogaram?

Zamira apareceu de novo junto à amurada e removeu solenemente a peruca.

– Maldição. O mar se recusa a reivindicá-los. Temos que trazê-los de volta a bordo.

Depois de alguns instantes, os cabos acima deles se retesaram e a pequena prisão de rede e lona começou a se erguer. E já não era sem tempo, pelo que parecia: Locke estremeceu ao sentir algo grande e poderoso roçar contra a barreira sob seus pés. Em segundos, estavam misericordiosamente acima das pontas encrespadas das ondas e subiram rangendo.

Porém, o castigo não havia terminado: a rede foi içada acima da amurada, mas não foram descidos até o convés e ficaram pendurados de novo em meio à escuridão.

– Solte a talha giratória! – mandou Delmastro.

Locke viu uma mulher pequena subindo no emaranhado de cordas acima. Ela puxou um pino na grande roldana de madeira em que a rede estava suspensa. Locke reconheceu a peça circular de metal da talha; muito bem lubrificada, ela permitiria que até mesmo cargas irregulares e pesadas fossem giradas com facilidade. Cargas como *eles*.

Tripulantes se enfileiraram perto da amurada, agarraram a rede e a ergueram; em instantes, os prisioneiros giravam numa velocidade nauseante e o mundo ao redor passava voando em vislumbres – água escura... lâmpadas no convés... água escura... lâmpadas no convés...

– Ah, pelos deuses – disse alguém, logo antes de vomitar ruidosamente.

Houve uma fuga desesperada para longe do pobre coitado e Locke se agarrou com ferocidade ao seu lugar na borda da rede, tentando ignorar a massa de homens chutando e estremecendo.

– Limpem eles! – gritou Delmastro. – Bombas de convés!

O duro jato de água salgada atingiu-os outra vez e eles giraram furiosamente. Locke passava pelo jorro a intervalos de alguns segundos e

sua tontura aumentava à medida que os minutos passavam. Apesar de estar ficando na moda, ele concentrou toda sua dignidade em não vomitar.

Tão intensa era sua tontura e tão rápida foi a libertação que ele nem percebeu que tinham sido trazidos de volta ao convés até que a rede em que estava agarrado se afrouxou por completo. Locke tombou para a frente, outra vez sobre rede, lona e tábuas duras. O mundo agora girava em seis ou sete direções ao mesmo tempo, todas profundamente desagradáveis. Locke fechou os olhos, mas isso não ajudou nem um pouco.

Homens se arrastavam por cima dele, gemendo e xingando. Dois tripulantes puxaram Locke de pé; seu estômago quase se rendeu e ele tossiu com força para lutar contra a náusea. Drakasha se aproximava, tendo descartado a falsa peruca e a capa, e estava inclinada num ângulo curioso.

– O mar não quis vocês. A água se recusa a engolir vocês. Ainda não é hora de se afogarem, louvem Iono. Louvem Ulcris!

Ulcris era o nome jereshti para o deus do mar e não era ouvido frequentemente em terras ou águas terins. *Deve haver mais ilhéus do leste a bordo do que eu imaginava*, pensou Locke.

– Senhor das Águas Revoltas, nos proteja – entoou a tripulação.

– Então agora vocês estão entre nós – continuou Drakasha. – A terra não os quis e o mar não quer reivindicá-los. Vocês fugiram, como nós, para a madeira e a lona. O convés é o seu firmamento, essas velas são o céu. Esse é todo o mundo que vocês têm. Este é todo o mundo de que vocês *precisam*.

Ela avançou com uma adaga em mãos.

– Vocês vão lambar minhas botas para reivindicar um lugar nele?

– NÃO! – rugiram em uníssono os ex-tripulantes do *Mensageiro*; tinham sido instruídos sobre essa parte do ritual.

– Vão se ajoelhar e beijar meu anel precioso pedindo misericórdia?

– NÃO!

– Vão dobrar os joelhos diante de títulos mesquinhos em pedaços de papel?

– NÃO!

Ela foi até Locke e lhe entregou a adaga.

– Então livre-se, irmão.

Ainda instável e grato pela ajuda dos tripulantes ao redor, Locke usou a faca para cortar a corda das suas mãos, depois se abaixou para cortar a que prendia os tornozelos. Virou-se e viu que todos os ex-tripulantes do

Mensageiro estavam mais ou menos de pé, a maioria segura por um ou dois do *Orquídea*. Perto, podia distinguir vários rostos familiares: Streva, Jabril, um sujeito chamado Alvaro... e logo atrás deles, Jean, olhando-o inquieto.

Locke hesitou, apontou para Jabril e estendeu a faca.

– Liberte-se, irmão.

Jabril deu um sorriso, pegou a faca e cortou suas amarras num instante. Jean fuzilou Locke, que fechou os olhos, não querendo fazer mais contato visual, e ouviu a adaga passar pelo grupo. “Liberte-se, irmão”, murmuravam repetidamente. E então o ritual terminou.

– Desatados por suas próprias mãos, vocês são irmãos fora da lei no Mar de Bronze – anunciou Drakasha – e tripulantes do *Orquídea Venenosa*.

2

Até um ladrão experiente achará a oportunidade de aprender novos truques se viver o bastante. Na manhã e na tarde do dia da iniciação, Locke havia aprendido a saquear um navio capturado da maneira adequada.

Concluiu sua última ronda nos conveses inferiores, razoavelmente seguro de que não havia mais tripulantes do *Martim-Pescador* dispersos, e subiu a escada até o tombadilho. Os corpos dos Redtores tinham sido postos de lado, empilhados junto à amurada de popa; os cadáveres dos marinheiros do *Orquídea* haviam sido carregados para o poço do navio. Locke viu vários tripulantes de Zamira cobrindo-os respeitosamente com lona de vela.

Fez um exame rápido da situação. Trinta ou quarenta tripulantes do *Orquídea* tinham vindo a bordo e assumiam o controle em todo lugar. Estavam nos enfrechates, com Jean e Delmastro ao timão, cuidando das âncoras e vigiando os cerca de trinta sobreviventes do *Martim* em cima do castelo de proa. Sob a supervisão de Utgar, os feridos de ambos os navios haviam sido carregados para o convés central, perto da portinhola de estibordo, onde, naquele momento, Drakasha e Treganne chegavam. Locke foi às pressas até elas.

– É o meu braço, Erudita. Dói terrivelmente. – Streva usava o braço bom para apoiar o ferido, retraindo-se de dor, e o estendeu para Treganne examinar. – Acho que quebrou.

– Claro que quebrou, seu cagalhão cretino – rebateu ela, passando por ele

e indo se ajoelhar junto a um marinheiro do *Martim* com a túnica completamente encharcada de sangue. – Continue balançando-o assim e ele vai se soltar de vez. Sente-se.

– Mas...

– Eu começo o trabalho com quem tem menos chance de sobreviver – murmurou Treganne.

Apoiou-se na bengala enquanto se abaixava. Depois, torceu-a e o cabo se separou do resto, revelando uma lâmina do tamanho de uma adaga que ela usou para cortar a túnica do marinheiro.

– Você poderá ser tratado logo se eu der dois chutes na sua cabeça. Ainda quer atenção?

– Ahn... não.

– Você vai aguentar. Dê o fora.

– Aí está você, Ravelle. – Drakasha passou por Treganne e os feridos e agarrou Locke pelo ombro. – Você se saiu bem.

– Me saí bem?

– Quando se trata de comandar um navio, você é tão inútil quanto um rabo sem buraco, mas ouvi dizer as coisas mais incríveis sobre como você lutou.

– Suas fontes exageram.

– Bom, o navio é nosso e você nos entregou o comandante. Agora que arrancamos nossa flor, precisamos sugar o néctar antes que o mau tempo ou outro navio apareça.

– A senhora vai tomar o *Martim-Pescador* como presa?

– Não. Não gosto de ficar com mais de uma tripulação tomada de cada vez. Vamos arrancar todas as coisas valiosas e a carga útil.

– Então vamos queimá-lo ou algo assim?

– Claro que não. Vamos deixar suprimentos suficientes para a tripulação chegar a um porto e vamos observá-los partir para o horizonte – respondeu Drakasha. – Você parece confuso.

– Não tenho objeções, capitã, é só que... não é tão sacana quanto eu esperava.

– Você não acha que nós respeitamos os que se rendem porque somos gentis, acha, Ravelle? – Drakasha riu. – Não tenho muito tempo para explicações, mas é assim. Se não fossem aqueles malditos Redentores, essas pessoas... – ela gesticulou na direção dos tripulantes feridos do *Martim* que

esperavam ser atendidos – ... não teriam provocado nem recebido nenhum arranhão. Quatro navios em cada cinco que tomamos, eu diria, se não puderem colocar redes-navalhas e preparar arcos, simplesmente se entregam. Sabem que vamos deixar que saiam com vida assim que terminarmos. E os marinheiros comuns não possuem 1 centira da carga, então por que iriam engolir uma espada ou uma seta de balestra por causa disso?

– Acho que faz sentido.

– Para mais pessoas do que nós. Veja essa confusão. Redentores como segurança? Se aqueles maníacos não estivessem disponíveis de graça, esse navio não teria nenhum guarda de verdade. Garanto. Não faz sentido para os donos. Essas viagens longas, quatro ou cinco meses desde o oriente distante até Tal Verrar, com especiarias, metais raros, madeira... um proprietário pode perder dois navios em cada três e o que chega paga pelos dois que não têm sucesso. Com lucro de sobra. E se eles conseguirem o navio de volta, mesmo sem a carga, tanto melhor. É por isso que não afundamos e queimamos feito loucos. Enquanto mostrarmos algum autocontrole e não chegarmos perto demais da civilização, os detentores das bolsinhas de ouro pensam em nós como um risco natural, como o clima.

– Então a... parte de sugar o néctar... por onde começamos?

– A coisa mais valiosa à mão é a bolsa do navio. O capitão a guarda para despesas. Subornos e coisas assim. Encontrá-la é sempre um pé no saco. Alguns a jogam no mar, outros escondem em algum lugar desagradável e improvável. Na certa vamos ter que dar uns tapas nesse tal de Nera durante algumas horas antes que ele cuspa a verdade.

– Maldição. – Treganne deixou seu paciente tombar no convés e começou a limpar as mãos sangrentas na calça. – Este não tem jeito, capitã. Dá para ver direto os pulmões atrás do ferimento.

– Ele com certeza está morto? – perguntou Locke.

– Bom, pelos céus, não sei, sou apenas a porra da galena. Mas ouvi dizer num bar que, quando os pulmões ficam abertos à luz do dia, aceita-se que a pessoa está morta – respondeu Treganne.

– Ah... é. Ouvi a mesma coisa. Olha, mais alguém aqui vai morrer se não receber atenção imediata?

– Não é provável.

– Capitã Drakasha, mestre Nera tem um coração mole – disse Locke. –

Será que posso tomar a liberdade de sugerir um plano...?

Alguns instantes depois, Locke voltou ao convés central segurando pelo braço Antoro Nera, cujas mãos tinham sido amarradas às costas. Locke lhe deu um bom empurrão na direção de Zamira, que estava de pé com um sabre desembainhado. Atrás dela, Treganne trabalhava febrilmente sobre o corpo do marinheiro recém-falecido. A túnica cortada e sangrenta fora tirada e o cadáver vestia outra limpa. Só uma pequena mancha vermelha marcava o ferimento mortal e Treganne deu a impressão de que a forma imóvel ainda poderia ser salva por ela.

Drakasha agarrou Nera e encostou sua arma no peito dele.

– É um prazer conhecê-lo. – Ela deslizou o gume curvo na direção do pescoço desprotegido de Nera, que gemeu. – O seu navio está muito mal-equilibrado. Tem muito peso de ouro. Precisamos retirar a bolsa do comandante o mais rápido possível.

– Eu, ahn... não sei exatamente onde ela está – replicou Nera.

– Certo. E eu posso ensinar peixes a peidar fogo. Você tem mais uma chance, e então vou começar a jogar seus feridos no mar.

– Mas... por favor, me disseram...

– *Eu* não disse nada.

– Eu... eu não...

– Erudita, você pode fazer alguma coisa pelo homem em quem você está trabalhando?

– Ele não vai dançar nem tão cedo, mas, sim, ele vai sobreviver.

Drakasha mudou a posição de Nera e segurou-o pela gola da túnica com a mão livre. Deu dois passos à direita e, mal olhando, cravou o sabre no pescoço do marinheiro morto. Treganne se retraiu e deu um pequeno empurrão nas pernas do cadáver, assim pareceria que ele havia chutado. Nera ofegou.

– O galenismo é um negócio muito incerto – alegou Drakasha.

– Na minha cabine – reagiu Nera. – Um compartimento escondido junto à bússola acima da minha cama. Por favor... não mate mais nenhum...

– Na verdade eu não matei – explicou Drakasha. Em seguida, arrancou o sabre, limpou-o no calção de Nera e lhe deu um beijo rápido na bochecha. – O seu marinheiro tinha morrido havia alguns minutos. Minha sanguessuga disse que pode salvar o resto dos seus feridos sem problema.

Ela girou Nera, cortou a corda que lhe atava as mãos e o empurrou para

Locke, rindo.

– Devolva-o ao pessoal dele, Ravelle, e faça a gentileza de aliviar o fardo do tal compartimento secreto.

– Como quiser, capitã.

Depois disso, começaram a revirar o *Martim-Pescador* mais ansiosos do que recém-casados tirando as roupas no primeiro momento de privacidade. Locke sentiu a fadiga se desvanecer à medida que se absorvia no que era essencialmente um vasto roubo, maior do que qualquer outro de sua vida. Foi passando de um serviço ao outro em meio a tripulantes do *Orquídea* que gargalhavam e faziam palhaçadas mas trabalhavam com pressa e precisão.

Em primeiro lugar, levaram tudo que fosse transportável e razoavelmente valioso: garrafas de vinho, o guarda-roupa formal de Nera, sacos de café e chá da cozinha e várias balestras da minúscula armaria do *Martim*. A própria Drakasha avaliou o conjunto de instrumentos de navegação e ampuhetas do navio, deixando o comandante com o mínimo necessário para conduzir sua embarcação de volta ao porto.

Em seguida, Utgar e o contramestre revistaram a *flute* da proa à popa, usando a equipe do esfregão restante para carregar os suprimentos e equipamentos náuticos: calafeto alquímico, lona de vela em bom estado, ferramentas de carpintaria, barris de piche e rolos e mais rolos de cordas novas.

– Que merda boa – comentou Utgar, sobrecarregando Locke com uns 20 quilos de corda e uma caixa de limas de metal. – Isso é caro demais em Porto Pródigo. É sempre melhor conseguir com o que chamamos de desconto de costado.

A última parte, porém não menos importante, era a carga do *Martim*. Todas as grades das escotilhas do convés principal foram levantadas e uma teia quase incompreensível de cordas e moitões foi armada entre os dois navios. Ao meio-dia, caixotes, barris e trouxas de tecido impermeável estavam sendo levados para o *Orquídea*. Era tudo o que Nera havia prometido e mais ainda: terebintina, madeira-bruxa oleada, sedas, caixotes de fino vinho amarelo acolchoados com peles de ovelha e barris e mais barris de especiarias brutas. O cheiro de cravo, noz-moscada e gengibre encheu o ar; após uma ou duas horas trabalhando no içamento, Locke estava marrom com uma gosma que era metade suor e metade canela em pó.

Às cinco da tarde, Drakasha mandou parar a transferência de riqueza. O

Orquídea estava mais afundado na água reluzente e a *flute*, mais leve, balançava solta, esvaziada como uma casca de inseto a ponto de cair das mandíbulas de uma aranha. A tripulação de Drakasha havia limpado tudo, claro. Deixaram os barris de água, carne-seca, cerveja e vinho baratos. Até deixaram alguns caixotes e pacotes com coisas valiosas armazenadas de modo muito inconveniente ou muito no fundo para o gosto de Drakasha. Mesmo assim, o saque foi meticuloso. Qualquer mercador terrestre ficaria satisfeito em ter um navio descarregado no cais com uma presteza tão grande.

Uma breve cerimônia foi realizada junto à amurada de popa do *Martim*; Zamira abençoou os mortos das duas embarcações, tomando posse de sua condição de sacerdotisa de Iono. Então, os corpos foram lançados ao mar, costurados em lona antiga com as armas dos Redentores para fazer peso. Os fanáticos jermistas foram jogados sem uma palavra.

– Não é desrespeitoso – disse Utgar quando Locke sussurrou sobre isso. – Eles acreditam que são consagrados, abençoados e tal pelos seus próprios deuses no instante em que morrem. Não há nada de errado em jogar os pagãos no mar. É bom saber disso, para o caso de você ter de matar mais um punhado deles, não é verdade?

Por fim, o longo trabalho do dia foi realmente concluído; Nera e sua tripulação foram liberados para cuidar da própria sorte outra vez. Enquanto os arqueiros de Drakasha mantinham vigilância nas vergas, a rede de cabos e defensas entre os dois navios foi retirada. O *Orquídea Venenosa* içou seus botes e soltou as velas. Em minutos, estava fazendo 7 ou 8 nós rumo ao sudoeste, deixando o *Martim-Pescador* à deriva e numa desordem só.

Locke tinha visto Jean poucas vezes durante o dia e os dois pareceram se esforçar para manter a distância. Assim como Locke havia se lançado ao trabalho manual, Jean permanecera com Delmastro no tombadilho. Não chegaram suficientemente perto para se falar de novo até que o sol caiu atrás do horizonte e a equipe do esfregão foi arrebanhada e amarrada para a iniciação.

3

Todos os novos iniciados e metade da antiga tripulação do navio estavam no

Turno Alegre, alimentados por prateleiras e mais prateleiras dos finos vinhos orientais tirados do *Martim-Pescador*. Locke reconheceu alguns rótulos e safras. Coisas que não seriam vendidas em Camorr por menos de 20 coroas por garrafa estavam sendo drenadas como cerveja, derramadas nos cabelos de homens e mulheres que comemoravam e escorrendo no convés. Os antigos tripulantes do *Orquídea*, homens e mulheres, misturavam-se animados à antiga equipe do esfregão. Jogos de dados, lutas e círculos de cantoria tinham brotado espontaneamente. Havia flertes e propostas tácitas por toda parte. Jabril desaparecera abaixo do convés com uma tripulante pelo menos uma hora atrás.

Locke observava tudo aquilo nas sombras de estibordo, logo abaixo do tombadilho. A escada daquele lado não ficava colada à amurada; havia espaço suficiente para uma pessoa magra se enfiar ali com certo conforto. “Ravelle” fora cumprimentado calorosamente quando circulara pelo convés, mas agora que encontrara um exílio aconchegante, ninguém parecia sentir sua falta. Em suas mãos, estava um grande odre de couro cheio de vinho azul que valia o peso em prata, ainda intocado.

Do outro lado da grande massa de marinheiros rindo e bebendo, Locke avistou Jean perto da amurada oposta e viu quando uma mulher muito mais baixa se aproximou dele por trás e estendeu a mão. Locke virou as costas.

A água passava deslizando, um gel preto encimado por cachos de espuma fluorescente. O *Orquídea* mantinha uma boa velocidade através da noite. Carregado, cedia menos do que antes à agitação do oceano e dividia as ondas pequenas como se fossem ar.

– Quando eu era uma tenente aprendiz, na minha primeira viagem com espada de oficial, menti para minha capitã sobre o roubo de uma garrafa de vinho.

Espantado, Locke olhou ao redor e viu que Drakasha estava parada diretamente acima dele, junto à amurada de frente do tombadilho.

– Não apenas eu – continuou ela. – Todos os oito do alojamento de aprendizes. Nós o pegamos “emprestado” do depósito particular da capitã e deveríamos ter sido espertos o suficiente para jogar a garrafa no mar ao terminarmos.

– Na... marinha de Syrune?

– Nas Forças Marítimas de Sua Resplandecente Majestade da Eterna Syrune. – O sorriso de Drakasha era um crescente de branco contra o

escuro, débil como a espuma nas ondas. – A capitã poderia ter mandado que fôssemos chicoteados, rebaixados de posto ou mesmo acorrentados para um julgamento formal em terra. Em vez disso, fez com que baixássemos a verga do sobrejoanete do mastro principal. Nós tínhamos uma de reserva, claro. Ela nos obrigou a raspar o verniz da que havíamos tirado... era uma verga de carvalho, sabe, com 3 metros de comprimento e grossa feito uma perna. A capitã pegou nossas espadas e disse que elas só seriam devolvidas se e quando comêssemos o sobrejoanete. De ponta a ponta, até a última lasca.

– Quando *comessem*?

– Trinta e oito centímetros de carvalho robusto para cada um – confirmou Drakasha. – Como faríamos isso, era da nossa conta. Demorou um mês. Tentamos de tudo. Raspando, lixando, fervendo, transformando em polpa. Tínhamos mil truques para tornar aquilo palatável e forçávamos goela abaixo algumas colheradas ou lascas por dia. A maioria ficou doente, mas comemos a verga.

– Pelo amor dos deuses.

– Quando aquilo acabou, a capitã explicou: ela queria que entendêssemos que as mentiras entre colegas de tripulação despedaçam o navio, parte por parte, comendo-o até não sobrar nada.

– Ah. – Locke suspirou e tomou um gole de seu vinho excepcional e quente. – Acho que isso significa que eu estou destinado a um pouco mais de dissecação, não é?

– Venha se juntar a mim na amurada de popa.

Locke se levantou, sabendo que aquilo não era um pedido.

4

– Eu não sabia que pôr em prática a justiça podia ser tão cansativo – comentou Ezri, aparecendo junto ao cotovelo de Jean enquanto ele olhava por cima da amurada de bombordo do *Orquídea*.

Uma das luas começava a subir no sul, meia moeda de prata espiando acima do horizonte noturno, como se preguiçosamente decidindo se valia a pena ir adiante.

– Você teve um longo dia, tenente.

Jean sorriu.

– Jerome – disse ela, pondo a mão no antebraço dele –, se você me chamar de “tenente” de novo esta noite eu o mato.

– Como quiser, ten... tan... qualquer outra coisa que não “tenente” e que comece com “ten”, sério... Além disso, você já tentou me executar uma vez esta noite. Veja no que deu.

– Na melhor coisa possível – disse ela, agora se encostando na amurada ao lado dele.

Não trajava a armadura, só uma túnica fina e um calção que ia até os tornozelos, sem meias ou sapatos. O cabelo estava solto, ondas de cachos escuros se agitando na brisa. Jean percebeu que ela apoiava a maior parte do peso sobre a amurada, se esforçando muito para não demonstrar.

– Ah, hoje você chegou um pouco perto demais de algumas lâminas – falou ele.

– Já estive mais perto. Mas você, bom... você... você é um lutador muito bom, sabia?

– Já me disseram is...

– Pelos deuses, *claro* que você é um bom lutador. Eu queria dizer alguma coisa muito mais inteligente, sério.

– Então considere como dito. – Jean coçou a barba e sentiu um calor bem-vindo de nervosismo se agitando no estômago. – Nós dois podemos fingir. Todas as... é... bobagens inteligentes casuais que eu venho treinando com os barris no porão há dias também sumiram da minha mente.

– Treinando, é?

– É, bem... aquele tal de Jabil é um cara sofisticado, não é? Eu precisava de um pouco de conversa para atrair a atenção dele.

– O quê?!

– Você não sabia que eu só gosto de homens? De homens *altos*?

– Aahh, eu chutei você no convés uma vez, Valora, e agora vou...

– Rá! No seu estado?

– Meu *estado* é a única coisa que está salvando sua vida neste momento.

– Você não ousaria abusar de mim na frente de metade da tripulação...

– Claro que ousaria.

– Bom, é. É verdade.

– Olha toda essa confusão adorável, barulhenta. Acho que ninguém notaria se eu pusesse fogo em você. Diabos, lá no porão do convés principal há casais fazendo de tudo, mais apinhados do que lanças nos armários de

armas. Se você quiser paz e silêncio de verdade esta noite, o lugar mais perto que vai encontrar é a 200 ou 300 metros da proa.

– Não, obrigado. Não sei dizer “pare de me comer” em tubaronês.

– Bom, então você está preso aqui com a gente. E nós estávamos esperando há um bom tempo que você saísse da equipe do esfregão. – Ela sorriu para ele. – Esta noite todo mundo conhece todo mundo.

Jean a encarou, os olhos arregalados, sem saber o que dizer ou fazer. Ela franziu a testa.

– Jerome, eu... estou fazendo alguma coisa errada?

– Errada?

– Você fica meio se afastando. Não só com o corpo, mas com o pescoço. Fica...

– Ah, inferno. – Jean riu, pôs a mão no ombro dela e um sorriso idiota incontrolável abriu-se no momento em que Ezri levantou a sua para segurá-la ali. – Ezri, eu perdi os ópticos quando você... fez a gente nadar no dia em que embarcamos. Sou o que chamam de quase cego. Acho que não percebi, mas eu estava me mexendo para manter você em foco.

– Ah, pelos deuses – sussurrou ela. – Desculpe.

– Não precisa se desculpar. Manter você em foco vale o trabalho.

– Eu não quis...

– Eu sei. – Jean sentiu a pressão ansiosa no estômago migrando para encher o peito e respirou fundo. – Olha, nós quase fomos mortos hoje. Fodam-se esses joguinhos. Quer tomar uma bebida comigo?

5

– Olhe – disse Drakasha.

Locke parou junto à amurada de popa, olhando o rastro fosforescente do navio entre o brilho de duas lanternas de popa, que brilhavam como orquídeas de vidro do tamanho de sua cabeça, pétalas transparentes inclinadas delicadamente na direção da água.

– Pelos deuses! – exclamou Locke, estremecendo.

Entre o rastro e as lanternas, havia apenas luz suficiente para ele enxergar aquilo: uma sombra longa e preta deslizando atrás do *Orquídea Venenosa*. Eram 12 ou 15 metros de algo sinuoso e sinistro, usando a esteira do navio

para se esconder. A capitã apoiava uma das botas na amurada e tinha uma expressão de prazer casual no rosto.

– Que diabo é isso?

– Existem cinco ou seis possibilidades. Pode ser um verme-baleia ou um polvo gigante.

– Ele está *seguindo* a gente?

– Está.

– É... ahn, perigoso?

– Bom, se você largar sua bebida na água, não pule atrás.

– Você não acha bom atirar umas flechas nele?

– Eu poderia atirar, se ao menos tivesse certeza de que isso é o mais rápido que ele consegue nadar.

– Bem pensado.

– Atire flechas em todas as coisas estranhas que você vir por aí, Ravelle, e você apenas vai ficar sem flechas. – Ela suspirou e olhou ao redor, para garantir que estavam mais ou menos sozinhos. O tripulante mais próximo se achava ao timão, 8 ou 9 metros à frente. – Você foi muito útil hoje.

– Bom, não havia alternativa.

– Achei que eu estava permitindo um suicídio quando concordei em deixar que você fosse na frente.

– E foi quase isso, capitã. Aquela luta chegou a... bom, a centímetros do desastre o tempo todo. Nem me lembro de metade dela. Os deuses me abençoaram permitindo que eu evitasse me sujar nas calças. Sem dúvida a senhora sabe como é.

– Sei. Também sei que às vezes essas coisas não são por acaso. Você e mestre Valora... provocaram um bocado de comentários pelo que fizeram nessa batalha. Suas habilidades são incomuns para um ex-especialista em pesos e balanças.

– Pesar e medir é uma ocupação *tediosa*. A gente precisa de um passatempo.

– O pessoal do Arconte não contratou vocês por acidente, certo?

– Como assim?

– Eu disse que iria descascar essa fruta estranha que você chama de história, Ravelle, e andei fazendo isso. Minha impressão inicial a seu respeito não era favorável. Mas você... se saiu bem. E acho que posso entender como manteve sua antiga tripulação obediente apesar da sua ignorância. Parece

que você tem um talento especial para a desonestidade improvisada.

– Pesar e medir é uma ocupação muito, *muito* tediosa...

– Então você é um especialista em uma ocupação sedentária que *por acaso* tem talento para espionar? E se disfarçar? E comandar? Para não mencionar sua habilidade com armas e a do seu amigo íntimo que tem uma cultura incomum, o Jerome?

– Nossas mães tinham muito orgulho de nós.

– Você não foi contratado pelo Arconte, que o tirou do *Priori* – continuou Drakasha. – Vocês eram agentes duplos. *Provocadores* plantados, postos *intencionalmente* a serviço do Arconte. Não roubaram o navio por causa de algum insulto do qual não querem falar; vocês o roubaram porque suas ordens eram de minar a credibilidade do Arconte. De fazer alguma coisa grandiosa.

– Ahn...

– Por favor, Ravelle. Não há outra explicação razoável.

Pelos deuses, que tentação, pensou Locke. *Uma vítima me convidando para embarcar na sua concepção equivocada, sem qualquer impedimento.* Fitou o rastro fosforescente do navio, a *coisa* misteriosa que nadava em meio a ele. O que fazer? Aproveitar a brecha, cimentar as identidades de Ravelle e Valora na mente de Drakasha, trabalhar a partir daí? Ou... ele corou ao lembrar as censuras de Jean. Jean não o criticara apenas em bases teológicas ou por causa de Delmastro. Era uma questão de abordagens. Qual seria mais eficaz?

Deveria passar a perna na capitã ou se tornar aliado dela?

O tempo estava se esvaindo. Aquela conversa era o ponto crucial: seguiria seus instintos e a manipularia ou seguiria o conselho de Jean e... tentaria confiar nela. Pensou furiosamente. Os seus instintos... eram sempre infalíveis? Deixando de lado os argumentos de Jean e levando em conta apenas os instintos dele... no fim das contas, Jean já fizera alguma coisa na vida além de tentar protegê-lo?

– Me diga uma coisa – falou bem devagar – enquanto eu avalio uma resposta.

– Talvez.

– Algo que tem metade do tamanho deste navio provavelmente está nos olhando durante esta conversa.

– É.

– Como você *suporta* isso?

– Eu vejo coisas assim com frequência suficiente para já estar acostumada...

– Não só isso. Tudo. Em toda a minha vida, estive no mar por apenas seis ou sete semanas. Há quanto tempo *você* está aqui?

Ela o encarou sem dizer nada.

– Não vou lhe contar algumas coisas a meu respeito só porque você é capitã deste navio, mesmo que você me jogue de volta no porão ou no mar – prosseguiu Locke. – Algumas coisas... primeiro quero saber *com quem* estou falando. Quero conversar com Zamira, e não com a capitã Drakasha.

Ela continuou em silêncio.

– Será que é pedir demais?

– Tenho 39 anos – disse ela por fim, bem baixinho. – Naveguei pela primeira vez quando tinha 11.

– Quase trinta anos, então. Bom, como eu disse, estou aqui há algumas *semanas* . E nesse tempo, tempestades, motim, enjoo, batalhas, espectrovoadores... coisas famintas espreitando por toda parte, esperando que alguém ponha um dedo na água. Não é que eu não tenha me divertido muitas vezes; eu me diverti. Aprendi coisas. Mas... trinta anos? E com filhos? Você não acha tudo isso... arriscado?

– Você tem filhos, Orrin?

– Não.

– No instante em que eu perceber que você está querendo me dar sermão por causa deles, essa conversa vai ser encerrada com você sendo jogado na água para conhecer o que quer que está lá embaixo.

– Não foi *mesmo* minha intenção fazer isso. É só...

– As pessoas em terra adquiriram o segredo de viver para sempre? Aboliram os acidentes? Deixaram de ter *intempéries* na minha ausência?

– Claro que não.

– Meus filhos realmente correm mais perigo do que algum pobre coitado convocado para lutar nas guerras de um duque? Ou alguma família miserável morrendo de peste devido ao fechamento do bairro pela quarentena? Ou morta depois de queimarem as casas até os alicerces? Guerras, doenças, impostos. Baixando a cabeça e beijando botas. Há uma quantidade suficiente de *coisas* famintas rondando a terra, Orrin. A diferença é que as do mar não usam coroas.

– Ah...

– A *sua* vida era um paraíso antes de navegar no Mar de Bronze?

– Não.

– Claro que não. Escute bem. Eu achei que tinha crescido numa hierarquia em que a competência e a lealdade bastavam para manter a situação – sussurrou ela. – Fiz um juramento e imaginei que ele era recíproco. Fui *idiota*. E precisei matar uma quantidade medonha de homens e mulheres para escapar das consequências dessa idiotice. Você acha que eu poria minha confiança, e o futuro de Paolo e Cosetta, na mesma besteira que quase me matou antes? A que sistema de leis eu deveria me submeter, Orrin? Em que rei, duque ou imperatriz eu deveria confiar como se confiasse em uma mãe? Qual deles pode julgar melhor minha vida do que eu? Você pode me indicar, escrever uma carta de recomendação?

– Zamira, *por favor*, não me confunda com um defensor dessas ideias; parece que toda a minha vida foi passada desdenhando voluntariamente de tudo o que você está falando. Eu lhe pareço o tipo de sujeito ligado à lei e à ordem?

– Admito que não.

– Só estou curioso. Aprecio o que você disse. E o que acha da Armada Livre? Sua suposta Guerra pelo Reconhecimento? Por que professar um ódio tão grande por... leis, impostos e todas essas imposições se era essencialmente isso que você estava lutando para estabelecer aqui?

– Ah. – Zamira suspirou, tirou o chapéu de quatro bicos e passou os dedos pelos cabelos agitados pela brisa. – Nossa infame Causa Perdida. Nossa contribuição pessoal à gloriosa história de Tal Verrar.

– Por que vocês deram início a ela?

– Má avaliação. Todos esperávamos... bom, a capitã Bonaire foi convincente. Nós tínhamos uma líder, um plano. Abrir minas em novas ilhas, nos embrenhar em florestas para tirar madeira e resina. Pilhar como quiséssemos até que os outros poderes no Mar de Bronze viessem torcendo as mãos para a mesa de negociação e depois acabar com eles através do comércio autorizado. Imaginamos um reino sem tarifas. Montierre e Porto Pródigo inflando com mercadores e suas fortunas importadas.

– Ambicioso.

– Idiota. Eu havia escapado recentemente de uma aliança desagradável e pulei direto para outra. Nós acreditamos em Bonaire quando ela disse que

Stragos não tinha coragem de vir e lutar de verdade.

– Ah. Diabos.

– Eles nos encontraram no mar. Foi a maior ação que eu já vi e a que foi perdida mais rapidamente. Stragos colocou centenas de soldados verraris em seus navios para apoiar os marinheiros; não tivemos a menor chance numa luta de perto. Assim que tomaram o *Basilisco*, eles pararam de fazer prisioneiros. Abordavam um navio, o afundavam e partiam para o próximo. Os arqueiros deles acertavam todos os que estivessem na água, pelo menos até a chegada dos polvos gigantes.

– Eu precisei de todos os truques que tinha só para arrancar o *Orquídea* dali. Alguns de nós retornamos a Pródigo, perseguidos, e mesmo antes de chegarmos, os verraris destruíram Montierre. Quinhentos mortos numa manhã. Depois disso, eles navegaram de volta para casa e imagino que tenha havido muitas danças, fodas e discursos.

– Acho que é possível tomar uma cidade como Tal Verrar... e é possível ameaçar as bolsas *ou* o orgulho dela e sair ileso. Mas não ameaçar as duas coisas ao mesmo tempo.

– Você está certo. Talvez Stragos estivesse impotente quando Bonaire saiu da cidade. Porém, nós unimos os interesses de Tal Verrar atrás dele. Nós o invocamos como algum demônio de historinha. – Ela cruzou os braços por cima do chapéu sobre o peito e se inclinou à frente, encostando os cotovelos na amurada. – Assim permanecemos fora da lei. Sem prosperidade para os Ventos Fantasmas. Sem destino glorioso para Porto Pródigo. Agora este navio é o nosso mundo e só o levo para o porto quando a barriga está cheia demais para navegar. Estou sendo clara, Orrin? Não me arrependo de como vivi estes anos. Eu vou para onde quero. Não dou títulos. Não vigio fronteiras. Que rei de terra tem a liberdade de um capitão de navio? O Mar de Bronze provê. Quando preciso me apressar, ele me dá ventos. Quando preciso de ouro, ele me dá galeões.

Que os ladrões prosperem, pensou Locke. Que os ricos se lembrem.

Tomou a decisão e se apoiou na amurada para não tremer.

– Só os idiotas amaldiçoados pelos deuses morrem por causa de linhas riscadas em mapas – disse Zamira. – Mas ninguém pode riscar linhas em volta do meu navio. Se tentarem, só preciso escapar e enfunar mais velas.

– É. Mas... Zamira, e se eu fosse obrigado a lhe dizer que isso não é mais válido?

6

– Você andou mesmo ensaiando com barris, Jerome?

Tinham pegado uma garrafa de conhaque Romã-Preta num caixote aberto no meio dos farristas e a levaram para o seu lugar junto à amurada.

– Barris. Sim. – Jean tomou um gole da bebida, escura como noite destilada e com uma ardência parecida com a da urtiga por baixo da doçura. Devolveu a garrafa a ela. – Eles nunca riem, nunca ridicularizam a gente e não oferecem distrações.

– Distrações?

– Os barris não têm seios.

– Ah. E o que você andou *dizendo* a esses barris?

– Esta garrafa de conhaque ainda está cheia demais para que eu comece a passar vergonha desse jeito.

– Então finja que eu sou um barril.

– Os barris não têm sei...

– Foi o que ouvi dizer. Tome coragem, Valora.

– Você quer que eu finja que você é um barril para que eu possa dizer o que andei dizendo aos barris quando estava fingindo que eles eram você.

– Exatamente.

– Bom... – Ele tomou outro longo gole da garrafa de conhaque. – Você tem... você tem aros que nunca vi em nenhum barril de nenhum navio, aros tão brilhantes e bem ajustados...

– *Jerome...*

– E suas aduelas! – Ele decidiu que era hora de tomar outro gole. – Suas aduelas... *tão* bem-niveladas, *tão* apertadas! Você é o melhor barril que já vi, seu barrilzinho maravilhoso. Para não falar da sua rolha...

– Humpf. Então você não vai dizer suas bobagenzinhas doces?

– Não. Estou absolutamente entrincheirado na minha covardia.

– “Homem! Em que rato ele se transforma ao conversar” – recitou Ezri. – “Zomba dos deuses, ousa na batalha e se encolhe diante da censura de uma donzela! O simples riso de uma jovem comum é sentido como uma adaga e, como uma adaga, aloja-se em seu peito. Transforma o sangue em leite aguado e a coragem numa fraca lembrança.”

– Uhhhh, Lucarno, é? – Jean repuxou a barba, pensativo. – “Mulher, teu

coração é um labirinto sem mapa. Pudessem eu engarrafar confusão e bebê-la durante mil anos, não ficaria tão desconcertado quanto contigo entre o despertar e o desjejum. Ficaste tão sinuosa que as serpentes aplaudiriam sua passagem, caso os deuses lhes dessem mãos.”

– Gosto dessa. *O Império de Sete Dias*, certo?

– Certo. Ezri, desculpe eu perguntar, mas como diabos você...

– Não é mais estranho do que *you* saber essas coisas. – Ela pegou a garrafa, tomou um longo gole e ergueu a mão livre. – Sei. Vou lhe dar uma dica: “Segurei o mundo nas mãos, por capricho, de meridiano a meridiano. Recebi confissões de imperadores, a sabedoria dos magos, as lamentações dos generais.”

– Você tinha uma biblioteca? Você *tem* uma biblioteca?

– Tive. Eu era a caçula de seis filhas. Mamãe e papai podiam pagar acompanhantes vivos para as cinco mais velhas. Eu precisei me virar com os mortos, nos livros de mamãe. – Com o gole seguinte, ela esvaziou a garrafa e, sorrindo, jogou-a no mar. – E qual é a sua desculpa?

– Minha formação foi... ahn, eclética. Você já... Você se lembra de um brinquedo com peças de madeira de várias formas, que a gente encaixava em buracos correspondentes num tabuleiro de madeira.

– Lembro. Eu ganhei o das minhas irmãs, quando elas se cansaram dele.

– Eu fui treinado para ser uma peça quadrada que se encaixa num buraco redondo.

– Sério? Existe uma guilda para isso?

– Estamos trabalhando há anos para obter autorização.

– Você também tem uma biblioteca?

– De certa forma. Às vezes nós... pegávamos emprestado dos outros sem que eles soubessem ou cooperassem. É uma longa história. Mas há outro motivo. Vou lhe dar um verso para você também adivinhar. “Depois do escurecer” – recitou ele com exagero – “um asno com plateia de um só é chamado de marido e um asno com plateia de duzentos é chamado de sucesso”.

– Você esteve... no palco. Você foi ator! Profissionalmente?

– Temporariamente. Muito temporariamente. Eu fui... bem... nós... – Ele olhou na direção da popa e se arrependeu de imediato.

– Ravelle – compreendeu Ezri, depois encarou Jean com curiosidade. – Você e ele eram... vocês dois estão tendo algum tipo de desentendimento,

não é?

– Podemos não falar sobre ele? – Sentindo-se ousado e nervoso ao mesmo tempo, Jean pôs a mão no braço dela. – Só esta noite, será que ele pode não existir?

– Podemos não falar sobre ele – respondeu ela, apoiando-se no peito dele, e não na amurada. – Esta noite *ninguém* mais existe.

Jean a encarou, de súbito muito consciente das batidas do próprio coração. O luar refletido nos olhos dela, a sensação do seu calor, o cheiro único de conhaque, suor e água salgada... de repente, ele só foi capaz de dizer “Aaahn...”.

– Jerome Valora – disse Ezri –, seu magnífico idiota, você quer que eu desenhe?

– É...

– Me leve para a minha cabine. – Ela agarrou a túnica dele. – Eu tenho o privilégio de paredes e pretendo usá-lo. Longamente.

– Ezri – sussurrou Jean –, nunca, em cem anos, nem em mil anos, eu diria não, mas hoje você foi retalhada e mal consegue ficar de pé...

– Eu sei. Esse é o único motivo pelo qual confio que não vou *quebrar* você.

– Ah, por causa disso eu vou...

– Certamente espero que sim. – Ezri abriu os braços. – Primeiro me leve até lá.

Jean pegou-a com facilidade; ela se acomodou em seu colo e enlaçou o pescoço dele. Enquanto Jean se afastava da amurada e ia para a escada do tombadilho, viu-se diante de um arco de trinta ou quarenta farristas do Turno Alegre. Eles ergueram os braços e começaram a aplaudir loucamente.

– Ponham seus nomes numa lista para que eu possa matar todos de manhã! – Ezri sorriu e fitou Jean. – Ou talvez eu tenha que esperar até a tarde.

7

– Só escute – pediu Locke. – Por favor, escute com a mente mais aberta possível.

– Vou me esforçar.

– Sua... ahn, dedução sobre Jerome e eu é louvável. Faz sentido, se não for levado em conta o que eu escondi até agora. A começar por mim mesmo. Não sou um lutador treinado. Sou um maldito lutador *horrrível*. Tentei ser diferente, mas os deuses sabem: sempre acontece uma comédia ou uma tragédia antes que eu possa piscar.

– Isso...

– Zamira. Preste atenção. Eu não matei quatro homens com qualquer coisa que parecesse habilidade. Larguei um barril de cerveja num homem idiota demais para olhar para cima. Cortei o pescoço de outros dois que foram derrubados pelo barril. Matei o quarto depois que ele escorregou na cerveja. Quando o pessoal encontrou os corpos, deixei que tirassem suas próprias conclusões.

– Mas você atacou aqueles Redentores sozinho...

– É. Pessoas que estão para morrer perdem a cabeça frequentemente. Eu deveria ter morrido dez segundos após o início daquela luta, Zamira. Foi Jerome que me salvou. Jerome e *somente* Jerome.

Nesse momento, um alarido soou acima do ruído de festa no convés central. Locke e Zamira se viraram a tempo de ver Jean aparecer no topo da escada do tombadilho com Delmastro nos braços. Nenhum dos dois olhou para Locke e a capitã; alguns segundos depois, sumiram.

– Por ganhar aquele coração, nem que seja apenas por uma noite, o seu amigo Jerome deve ser mais extraordinário ainda do que eu pensava.

– Ele *é* extraordinário – sussurrou Locke. – E continua a salvar minha vida, repetidamente, mesmo que eu não mereça. – Voltou o olhar para a esteira reluzente do *Orquídea*, assombrada pelo monstro. – O que é mais ou menos sempre.

Zamira permaneceu em silêncio e, após alguns instantes, Locke prosseguiu:

– Bom, depois de ele ter feito isso de novo hoje de manhã, eu escorreguei, tropecei e corri feito o diabo até que a luta acabasse. Só isso. Pânico e pura sorte.

– Mesmo assim você foi à frente, nos botes. Subiu primeiro, sem saber o que o esperava.

– Tudo baboseira. Eu sou um às das baboseiras, Zamira. Um fingidor. Um ator, um impostor. Não tinha nenhuma motivação nobre quando fiz aquele pedido. Minha vida não valeria muito se eu não fizesse algo

absolutamente maluco para recuperar algum respeito. Eu forjei cada segundo de compostura hoje de manhã.

– O fato de você considerar isso extraordinário só significa que foi *mesmo* sua primeira batalha.

– Mas...

– Ravelle, qualquer um que esteja no comando finge tranquilidade no momento em que a morte se aproxima. Nós fazemos isso pelos que estão ao redor e por nós mesmos. Porque a única alternativa é morrer se retorcendo. A diferença entre um líder experiente e um que não foi testado é que *só* os que não foram testados se chocam ao perceber como conseguem fingir bem sob pressão.

– Não estou acreditando – falou Locke. – Quando cheguei a bordo, não pude impressioná-la o suficiente para fazer você cuspir na minha cara. Agora você está inventando desculpas para mim. Zamira, Jerome e eu nunca trabalhamos para o *Priori*. Nunca me encontrei com um membro do *Priori*, a não ser de passagem. O fato é que ainda estamos trabalhando para Maxilan Stragos.

– O quê?

– Jerome e eu somos ladrões. Ladrões independentes e profissionais. Fomos a Tal Verrar para um serviço muito delicado, que nós mesmos planejamos. Os... serviços de informação do Arconte descobriram quem e o que nós somos. Stragos nos deu um veneno latente para o qual só ele pode fornecer o antídoto. Até garantirmos o antídoto ou conseguirmos algum outro remédio, somos marionetes dele.

– Com que objetivo?

– Stragos nos entregou o *Mensageiro Vermelho*, permitiu que formássemos uma tripulação com os prisioneiros da Rocha de Barlavento e forjou documentos de um oficial imaginário e ressentido chamado Orrin Ravelle. Ele nos deu um mestre de navegação, que teve um ataque cardíaco logo antes de depararmos com a tempestade, e nos mandou para cá, para fazermos o negócio dele. Foi assim que conseguimos o navio. Foi assim que passamos a perna no Stragos de modo tão improvável.

– Ele quer o quê? Alguém em Porto Pródigo?

– Ele quer a mesma coisa que vocês deram na última vez em que se cruzaram. Ele está praticamente em guerra com o *Priori* e sentindo a idade. Se quiser recuperar algo parecido com popularidade, a hora é agora. Ele

precisa de um inimigo fora da cidade para fazer seu exército e sua marinha serem necessários de novo. Esse inimigo é *você*, Zamira. Nada seria mais conveniente para Stragos do que pirataria perto da cidade dele nos próximos meses.

– E é *exatamente* por isso que os capitães do Mar de Bronze evitaram chegar perto de Tal Verrar nos últimos sete anos! Nós aprendemos a lição do pior modo. Se ele vier procurando briga, vamos preferir nos esconder e fugir a enfrentá-lo.

– Eu sei. Ele também sabe. Nosso trabalho, nossa *obrigação*, é encontrar um modo de criar problemas aqui. Fazer com que vocês icem a bandeira vermelha suficientemente perto a ponto de os verraris comuns a verem das latrinas públicas.

– Como, diabos, vocês planejavam conseguir isso?

– Eu tinha uma ideia grosseira de espalhar boatos, oferecer subornos. Se você não tivesse abordado o *Mensageiro*, eu teria tentado provocar uma confusão sozinho. Mas isso foi antes de termos alguma ideia do verdadeiro estado de coisas por aqui. Agora Jerome e eu obviamente precisamos da sua ajuda.

– Para quê?

– Para ganhar tempo. Para convencer o Stragos de que estamos tendo sucesso.

– Se você acha, ao menos por um segundo, que eu farei alguma coisa para ajudar o Arconte...

– Não acho. Se você pensa que eu pretendo mesmo ajudá-lo, não estava me escutando. O antídoto de Stragos deve durar dois meses. Isso significa que Jerome e eu *precisamos* estar em Tal Verrar em cinco semanas para conseguir outro gole. E se não progredirmos, ele pode simplesmente decidir cortar o investimento em nós.

– Se vocês precisarem nos deixar para retornar a Tal Verrar, vai ser uma infelicidade. Mas vocês podem encontrar um mercador independente em Porto Pródigo; sempre parte um a cada poucos dias. Temos arranjos com vários deles para parar em Tal Verrar e Vel Virazzo. Vocês terão dinheiro suficiente da divisão do saque para comprar passagem.

– Zamira, você é inteligente. Escute. Eu falei pessoalmente com Stragos várias vezes. Ou melhor, ouvi sermões. E *acredito* nele. Acredito que essa é a última chance que ele tem para esmagar o *Piori* e de fato governar Tal

Verrar. Ele precisa de um inimigo, Zamira. Precisa de um inimigo que ele sabe que pode esmagar.

– Então seria loucura ceder ao plano dele provocando-o.

– Zamira, essa luta vai alcançar vocês independentemente das suas intenções. Vocês são *tudo que ele tem*. São o único inimigo que se encaixa na situação. Ele já sacrificou um navio, um mestre de navegação veterano, uma tripulação de prisioneiros e um tanto de prestígio só para colocar Jerome e eu em ação. Enquanto estivermos aqui e você nos ajudar, você vai saber quais são os planos dele, porque estaremos realizando-os em seu navio. Se você nos ignorar, não faço ideia do que ele vai tentar em seguida. Só sei que ele *terá* outros projetos e você não saberá quais são.

– De que vai me servir participar disso com vocês e provocar Tal Verrar a ponto de Stragos obter o que deseja? Não pudemos derrotar a frota dele há sete anos, nem com o dobro do nosso contingente atual.

– As armas não são vocês – explicou Locke. – As armas somos Jerome e eu. Só precisamos de uma solução para o veneno e vamos nos virar contra o filho da puta como um escorpião nas calças dele.

– E para isso eu exibio meu navio, minha tripulação e meus filhos ao alcance de um inimigo muito mais forte do que eu?

– Zamira, você falou do Mar de Bronze como se fosse um reino das fadas, infinitamente mutável, mas você está agarrada a Porto Pródigo e sabe disso. Não duvido que você possa viajar para qualquer porto no mundo e alcançá-lo em segurança, mas você poderia viver em qualquer outro lugar como vive aqui? Vender com tanta facilidade suas mercadorias e seus navios capturados? Pagar sua tripulação com tanta regularidade? Conhecer as águas e seus colegas fora da lei tão bem? Espreitar nas rotas de comércio à metade da distância atual com relação à marinha de qualquer potência?

– Essa é a conversa mais estranha que tenho em anos. – Zamira recolocou o chapéu. – E provavelmente é o pedido mais estranho que alguém já me fez. Não tenho como saber se você está dizendo a verdade. Mas conheço este navio e sei como ele pode navegar rápido se todo o resto falhar. Mesmo se Porto Pródigo cair.

– Esta, claro, é uma opção: me ignorar. Esperar até que Stragos encontre outro modo de obter sua guerra ou algo próximo disso. E depois fugir. Para outro mar, alguma vida mais dura. Você mesma disse que não pode vencer a marinha do Arconte; não pode golpear Stragos pela força das armas. Então

pense no seguinte: cedo ou tarde, todas as alternativas que você tem vão se transformar em recuo e retirada. Jerome e eu representamos o único meio de ataque que você jamais possuirá. Com sua ajuda, podemos destruir o Arconato para sempre.

– Como?

– Esse... é um plano que ainda está sendo elaborado.

– Esta deve ser a coisa menos tranquilizadora que você já...

– No mínimo – interrompeu Locke –, nós *sabemos* que existem forças poderosas em Tal Verrar contrárias ao Arconte. Jerome e eu podemos contatá-las, envolvê-las de algum modo. Se o Arconato fosse abolido, o *Priori* seguraria Tal Verrar pelos cordões das bolsas. A última coisa que eles iriam querer seria se meter numa guerra inútil que poderia popularizar outro herói militar.

– Parado aqui na popa do meu navio, a semanas de Tal Verrar, como você pode falar com certeza sobre o que pode ser feito com os mercadores e políticos de uma cidade?

– Você mesma disse que eu tenho talento para a desonestidade. Com frequência, acho que é a única habilidade que tenho e que vale ser recomendada.

– Mas...

– Drakasha, isso é intolerável!

Locke e Zamira giraram ao mesmo tempo e encontraram a Erudita Treganne parada no topo da escada de tombadilho. Ela foi na direção dos dois, mancando sem a ajuda da bengala, e nos braços estendidos se retorcia um pesadelo preto e quitinoso, de múltiplas patas e brilhando sob a luz da lanterna. Uma aranha do tamanho de um gato. A galena segurou-a com a barriga para a frente e as presas reluzentes se remexiam indignadas.

– Santos deuses, sem dúvida é – comentou Locke.

– Treganne, que diabo Zekassis está fazendo fora da gaiola?

– A sua tenente começou um ataque contra a divisória entre nossos alojamentos – sibilou Treganne. – Um barulho e uma agitação intoleráveis! Ela teve sorte de só derrubar uma gaiola com todos aqueles chutes e teve mais sorte ainda porque eu estava ali para conter esta dama sem culpa...

– Então... espera aí, você mantém essa coisa na sua cabine? – Locke ficou aliviado ao descobrir que o bicho não estivera solto pelo navio.

– De onde você acha que vem a seda para suturar os ferimentos, Ravelle?

Pare de se encolher; Zekassis é uma criatura delicada e tímida.

– Treganne – interveio Drakasha –, como galena, você deve estar familiarizada com os hábitos de acasalamento da fêmea humana adulta.

– É, mas a 2 metros da minha cabeça é uma intromissão insuportável...

– Treganne, na minha opinião, interromper Ezri neste momento seria uma intromissão insuportável. O compartimento do intendente, do outro lado do corredor, está aberto. Peça ao carpinteiro para dar uma acomodação temporária à Zek e ponha sua rede no espaço do Gwillem.

– Vou me lembrar dessa indignidade, Drakasha...

– Sim, aproximadamente por dez minutos, até que alguma afronta nova surja para reivindicar sua atenção completa.

– Se Delmastro se causar algum dano por causa desses esforços – disse Treganne com afetação –, ela pode encontrar outro galeno para servir às suas necessidades. E devo dizer que ela pode usar o próprio abdômen para fiar seda para os curativos...

– Tenho certeza de que o abdômen de Ezri está ocupado de outro modo, Erudita. Por favor, encontre alguém para construir uma casa para esta coisa passar a noite. Você não vai precisar argumentar muito para convencê-los da urgência.

Enquanto Treganne saía pisando firme e bufando com sua criatura tímida e delicada sacudindo-se em protesto, Locke se virou para Zamira com uma sobrancelha arqueada.

– Onde foi que você arranjou essa...

– O castigo pela insolência na família real de Nicora é ser pendurado para morrer de fome numa gaiola de ferro. Nós estávamos em Nicora roubando um pouco; Treganne estava lá em cima, definhando. Na maior parte do tempo, não me arrependo de tê-la tirado de lá.

– Bom, o que você diz da minha...

– Proposta louca?

– Zamira, eu não preciso que você navegue até o porto de Tal Verrar. Só me dê algo para ganhar alguns meses da indulgência de Stragos. Saqueie um ou dois navios perto de Tal Verrar. Trabalho rápido e fácil. Você sabe que Jerome e eu seremos os primeiros a pular ao mar por você. Só... deixe que eles corram para a cidade e espalhem um pouco de pânico. Depois nos mande à noite, num bote, deixe-nos fazer nosso serviço e voltaremos com uma ideia melhor de como reverter a situação...

– Atacar navios verraris e chegar perto o bastante da cidade para deixar vocês saírem num bote? Esperar ancorada com um prêmio de 5 mil solaris pela minha cabeça...

– Ora, *isso é injustiça*, Zamira, independentemente de qualquer coisa que eu tenha feito para provocar suspeitas. Se Jerome e eu quiséssemos apenas voltar a Tal Verrar, por que arriscaríamos o pescoço no seu ataque hoje de manhã? E se eu quisesse continuar enganando ou espionando você, por que não aproveitei sua conclusão de que éramos agentes do *Priori*?

Ele fez uma pausa e prosseguiu:

– Jerome e eu discutimos hoje cedo. Se você conversou com Jabril antes de me tirar do seu porão, deve saber que sou sacerdote do Treze, do Guardião Torto. Vocês fazem parte... da nossa gente, mais ou menos. Da nossa laia. É uma questão de dignidade. Jerome insistiu que lhe contássemos a verdade, que precisamos de vocês como aliados voluntários e não como marionetes. Sinto vergonha de dizer que eu estava irritado demais para concordar. Mas ele tem razão, e não é só a porra de um sentimento, mas a dura verdade. Não creio que Jerome e eu possamos fazer isso, a não ser que você ajude com o pleno conhecimento do que estamos fazendo. E se você não quiser ou não puder fazer isso, acho que vai ter uma tremenda confusão pela frente. Em breve.

Drakasha pousou a mão direita no cabo de um dos sabres e fechou os olhos, parecendo cansada e aborrecida.

– Antes de qualquer coisa, fora todas as outras considerações, precisamos parar em Porto Pródigo. Tenho carga para vender, suprimentos para comprar, uma presa da qual dispor e uma tripulação para cuidar. Estamos a vários dias de lá e vamos ficar vários dias por lá. Vou pensar no que você disse. De um modo ou de outro, vou lhe dar uma resposta depois de termos feito os negócios em terra.

– Obrigado.

– Então você se chama mesmo Leocanto?

– Continue me chamando de Ravelle. É mais fácil para todo mundo.

– Claro. Bem, você está no Turno Alegre e só vai voltar ao serviço amanhã à tarde. Sugiro que aproveite a noite.

Locke olhou para seu copo de couro com vinho azul, subitamente pensando que poderia tomar mais alguns e talvez participar de um jogo de dados para desanuviar a mente durante algumas horas.

– Se os deuses forem gentis, já aproveitei. Boa noite, capitã Drakasha.
Deixou-a sozinha junto à amurada, estudando silenciosamente o monstro que espreitava na esteira do *Orquídea*.

8

– Doeu? – sussurrou Ezri, percorrendo com um dedo a pele escorregadia de suor acima das costelas de Jean.

– Se doeu? Deuses do céu, mulher, não, foi...

– Não estou falando disso. – Ela lhe deu um cutucão firme na cicatriz que traçava um arco sobre seu abdômen, abaixo do peito direito. – Mas *disso*.

– Ah, isso. Não, foi maravilhoso. Alguém veio atrás de mim com um par de dentes de ladrão. Pareceu uma brisa quente num belo dia de primavera. Eu adorei cada segundo da... ai!

– Idiota!

– Onde você arranjou cotovelos tão pontudos? Você afia num esmeril ou... ai!

Ezri estava em cima de Jean na rede de semisseda que ocupava a maior parte do compartimento dela. Ele mal conseguiu se deitar com um braço sob a cabeça, roçando a antepara interior do lado de estibordo do navio, e poderia ter ocupado toda a largura com os braços abertos. Um badulaque alquímico do tamanho de uma moeda fornecia uma leve luz prateada. Os cabelos de Ezri, escuros feito madeira-bruxa, reluziam como seda de aranha ao luar. Ele passou as mãos por aquela úmida floresta de cabelos, massageou o couro cabeludo quente com as unhas e, com um gratificante gemido, ela deixou que os músculos relaxassem.

O ar parado do compartimento estava denso de suor e com o calor preso da primeira hora interminável e frenética que passaram juntos. Jean notou pela primeira vez que o lugar também estava absolutamente desarrumado. As roupas espalhadas formando um caos. As armas e as poucas posses de Ezri caídas no chão feito destroços de um naufrágio. Uma pequena rede contendo alguns livros e rolos de pergaminho pendia de uma trave do teto e se inclinava na direção da porta do cômodo, indicando que todo o navio estava adernado a bombordo.

– Ezri – murmurou ele, olhando a rígida divisória de lona que formava a

“parede” esquerda. Um par de pés grandes e outro de pés pequenos haviam causado danos sérios a ela. – Ezri, de quem é a cabine que nós quase derrubamos com chutes há pouco?

– Ah... da Erudita Treganne. Quem disse para você parar de fazer cafuné? Ah, está muito melhor.

– Ela vai ficar puta da vida?

– Mais do que o usual? – Ezri bocejou e deu de ombros. – Ela é livre para arranjar um amante e chutar a parede de volta quando quiser. Estou ocupada demais para ser diplomática. – Ela beijou o pescoço de Jean, que estremeceu. – Além disso, a noite mal começou. Podemos derrubar tudo a chutes se eu quiser, Jerome.

– Então você é quem manda – falou Jean, movendo ligeiramente o corpo dela até estarem deitados de lado, cara a cara.

Ele passou as mãos com o máximo cuidado possível pelas bandagens rígidas do braço dela; a única coisa de que ela não conseguiu se despir. As mãos foram até as bochechas de Ezri e depois ao cabelo. Os dois se beijaram durante o tipo de momento interminável que só existe entre amantes cujos lábios ainda são território novo um para o outro.

– Jerome – sussurrou ela.

– Não. Faça uma coisa por mim, Ezri: em particular, nunca me chame assim.

– Por quê?

– Me chame pelo meu nome verdadeiro. – Ele beijou o pescoço dela, encostou os lábios na sua orelha e o sussurrou.

– Jean... – repetiu ela.

– Pelos deuses, sim. Repita.

– Jean Estevan Tannen. Gostei.

– Seu e somente seu – murmurou Jean.

– Vou lhe dar algo em troca: Ezriane Dastiri de la Mastron. Dama Ezriane da Casa de Mastron. De Nicora.

– Sério? Você tem uma propriedade ou algo assim?

– Duvido. Filhas excedentes que fogem de casa não costumam receber propriedades. – Ela beijou-o de novo e desgrenhou sua barba com as pontas dos dedos. – Depois de ter deixado aquela carta para meus pais, tenho certeza de que fui deserdada.

– Pelos deuses. Sinto muito.

– Não sinta. – Ela desceu os dedos até o peito dele. – Essas coisas acontecem. A gente vai em frente. Encontra coisas aqui e ali que ajudam a esquecer.

– É verdade – sussurrou ele, e então ficaram ocupados demais para conversar durante um bom tempo.

9

Locke foi arrancado de seu vívido emaranhado de sonhos por várias coisas: o calor crescente do dia, a pressão de três copos de vinho na bexiga, os gemidos dos homens de ressaca ao redor e as pontas afiadas das garras da criaturinha pesada que dormia em sua nuca.

Atacado pela súbita lembrança da aranha da Erudita Treganne, ele ofegou aterrorizado e rolou, agarrando a coisa grudada nele. Piscou várias vezes para afastar a névoa de sono dos olhos e se pegou lutando não com Zekassis, mas com um gatinho de rosto estreito e pelos pretos.

– Que diabo...?

– Miau – retrucou o animal, encarando-o.

Tinha a expressão comum a todos os gatinhos, de um tirano em formação. *Eu estava confortável e você ousou se mexer*, diziam os olhos de jade. *Por causa disso, você deve morrer*. Quando ficou aparente para o gato que seu peso era insuficiente para quebrar o pescoço de Locke com uma pancada violenta, pôs as patas no ombro dele e começou a esfregar o focinho coberto de baba nos lábios dele. Locke se retraiu.

– É o Magnífico – disse alguém à esquerda de Locke.

– Magnífico? Não, é ridículo.

Locke enfiou o gatinho sob o braço como se fosse um perigoso instrumento alquímico. O pelo era fino e sedoso e o bicho começou a ronronar alto. O homem que havia falado era Jabril; Locke levantou as sobrancelhas ao ver que ele estava deitado de costas, completamente nu.

– É o nome dele – explicou Jabril. – Magnífico. Ele tem uma mancha branca no pescoço. E nariz úmido, não é?

– Isso mesmo.

– Magnífico. Você foi adotado, Ravelle. Não é irônico?

– A ambição da minha vida finalmente se concretizou.

Locke olhou em torno, para o porão do castelo meio vazio. Vários dos novos tripulantes do *Orquídea* roncavam alto. Um ou dois engatinhavam para se levantar e pelo menos um dormia contente numa poça do que parecia ser o próprio vômito. Jean não estava à vista.

– E como foi sua noite, Ravelle? – Jabril se apoiou nos dois cotovelos.

– Virtuosa, acho.

– Meus pêames. – Jabril deu um sorriso. – Já conheceu Malakasti, do Turno Azul? Que tem o cabelo meio ruivo e adagas tatuadas nos nós dos dedos? Pelos deuses, acho que ela não é humana.

– Você sumiu cedo da festa, devo admitir.

– É. Ela tinha algumas exigências. E alguns amigos. – Jabril massageou as têmporas com a mão direita. – Aquele contramestre do Turno Vermelho, o cara sem dedos na mão direita. Não tinha ideia de que ensinavam aos garotos ashmiris, tementes aos deuses, esses tipos de truque. Uau.

– Garotos? Eu não sabia que você... ahn... perseguia esse tipo de presa.

– É, bem, parece que sou capaz de tentar tudo pelo menos uma vez. – Jabril deu uma risada. – Ou cinco ou seis vezes, por acaso. – Ele coçou a barriga e pareceu perceber pela primeira vez que estava sem roupa. – Diabos. Eu me lembro de que estava usando calções ontem...

Locke emergiu ao sol alguns minutos depois, com Magnífico ainda enfiado sob o braço. Espreguiçou-se e bocejou, e o gato fez o mesmo, tentando se soltar e, aparentemente, voltar para cima da sua cabeça. Locke segurou o sujeitinho minúsculo no alto e o encarou.

– Não vou deixar que você me cative. Encontre outro para compartilhar a baba.

Sabendo que qualquer maltrato ao bichano poderia fazer com que ele fosse jogado no mar, pousou o gato no chão e cutucou-o com o pé descalço.

– Tem certeza de que você está autorizado a dar ordens a esse gato? – Locke se virou e viu Jean parado nos degraus do castelo de proa, acabando de vestir uma túnica. – É preciso ter cuidado. Ele pode ser chefe de turno.

– Se ele fosse se atribuir algum posto, acho que se colocaria em algum lugar entre Drakasha e os Doze. – Locke encarou Jean por um tempo. – Oi.

– Olá...

– Olha, temos pela frente um bocado de conversa tediosa do tipo “eu fui um escroto” e ainda estou me sentindo meio vitimizado por aquele vinho azul, portanto só vamos presumir...

– Desculpe – disse Jean.
– Não, eu que devo me desculpar.
– Nós batemos de frente de verdade, não foi?
– Se há uma coisa para a qual uma batalha não serve, é para acalmar os nervos. Não culpo você pelo... que disse.

– Podemos pensar em alguma coisa – continuou Jean, baixo e com urgência. – Alguma coisa juntos. Sei que você não é... eu não queria insultar a sua...

– Eu mereci. E você estava certo. Conversei com Drakasha ontem à noite.

– Conversou?

– Conte a ela... – Locke fez uma careta, espreguiçou-se de novo, usou o movimento para encobrir uma série de sinais de mão. Jean fez o mesmo, arqueando as sobrancelhas.

Não mencionei os Magos-Servidores, a Agulha do Pecado, Camorr, os nomes verdadeiros. Todo o resto, a verdade.

– É mesmo? – perguntou Jean.

– É. – Locke olhou para o piso. – Eu disse que você estava certo.

– E como foi que ela...

Locke imitou lançar dados e deu de ombros.

– Vamos para Porto Pródigo antes que qualquer coisa aconteça. Serviços a fazer. Ela falou que depois... conta o que decidiu.

– Sei. E assim...

– Você teve uma boa noite?

– Pelos deuses, tive.

– Ótimo. Quanto a... bem... ao que eu disse ontem...

– Não precisa...

– Preciso. O que eu disse ontem foi a coisa *mais idiota* de todas. Mais idiota e menos justa. Sei que eu andei... sem esperança por tanto tempo que uso isso como uma armadura. Não me ressinto de nada que você tem. Aproveite ao máximo.

– Estou aproveitando, acredite.

– Que bom. Você não vai querer aprender comigo.

– Ah, então...

– Tudo está bem, mestre Valora. – Locke conseguiu sorrir. – Mas esse vinho do qual eu estava falando...

– Vinho? Você...

– Os cabos de bosta, Jerome. Preciso mijar antes que minha bexiga exploda. Você está bloqueando a escada.

– Ah. – Jean desceu e deu um tapa nas costas de Locke. – Desculpe. Alivie-se, irmão.

CAPÍTULO DOZE

Porto Pródigo

1

O *Orquídea Venenosa* seguiu na direção oeste por sul através de um ar mormacento e ondas moderadas e os dias passaram para Locke no ritmo das tarefas.

Ele e Jean foram postos no Turno Vermelho, sob a supervisão direta da tenente Delmastro, na ausência de Nasreen. As cerimônias de iniciação grandiosas não serviram nem um pouco para aplacar o apetite do navio por manutenção; os mastros ainda precisavam ser engraxados, as emendas verificadas e reverificadas, os conveses lavados, os cordames ajustados. Locke lubrificava os sabres dos armários de armas, fazia força no cabrestante para mudar a carga de lugar com o objetivo de melhorar o equilíbrio do navio, servia cerveja nas refeições do meio da noite e destrançava pedaços de corda para fazer estopa até ficar com os dedos vermelhos.

Drakasha apenas o cumprimentava com movimentos rígidos de cabeça e não o chamou de novo para conversas particulares.

Como tripulantes oficiais, os ex-marinheiros do *Mensageiro* tinham o direito de dormir mais ou menos onde pudessem. Alguns optaram pelo porão principal, especialmente os que conseguiram companheiros de redes entre os velhos membros do *Orquídea*, mas Locke se achou confortável o bastante no portão do castelo, agora com espaço suficiente. Ganhou uma túnica de reserva num jogo de dados e usava-a como travesseiro, um luxo após dias tendo só o convés como apoio. Dormia como uma estátua de pedra depois de terminar cada turno da noite, logo antes da luz vermelha do alvorecer.

Jean, claro, dormia em outro lugar.

Não avistaram nada até o dia 27, quando os ventos mudaram e começaram a soprar com força, vindos do sul. Locke desmoronou ao alvorecer em seu lugar de sempre, encostado na antepara de bombordo no porão do castelo, e então roncou durante várias horas, parecendo satisfeito consigo mesmo. Até que algum tipo de agitação o acordou e encontrou Magnífico enroscado sobre seu pescoço.

– Argh! – exclamou ele.

O gatinho recebeu isso como sinal para apoiar as patas dianteiras nas suas bochechas e começar a cutucar entre os olhos de Locke com o focinho úmido. Locke pegou o animal, sentou-se e piscou. Sua mente estava enevoada; algo definitivamente o havia acordado antes da hora.

– Foi você? – murmurou, franzindo a testa e esfregando o topo da cabeça de Magnífico com dois dedos. – Precisamos parar de nos encontrar assim, garoto. Não estou sendo cativado por você.

– Terra à vista! – soou um grito débil do lado de fora do porão do castelo. – Três pontos a bombordo!

Locke pousou Magnífico, deu-lhe um cutucão na direção de alguém que roncava ali perto e se arrastou para a luz da manhã.

A atividade no convés parecia normal: ninguém estava agitado, nem mandando mensagens urgentes a Drakasha ou mesmo apinhando a amurada para tentar ver a terra que se aproximava. Alguém deu um tapa nas costas de Locke. Ele se virou e deu de cara com Utgar, que tinha um rolo de corda pendurado no ombro. O vadrã assentiu amigavelmente.

– Você parece confuso, Turno Vermelho.

– É só que... eu ouvi o grito. Achei que haveria mais agitação. Aquilo é Porto Pródigo?

– Não. São os Ventos Fantasmas, sim, mas só estamos vendo o entorno. Lugares miseráveis. Ilha Asp, Rocha do Bastardo, as Areias de Opala. Nenhum lugar do qual a gente queira chegar perto. Ainda faltam dois dias para Pródigo e, com o vento deste jeito, não estamos indo como gostaríamos, não é?

– Como assim?

– Você vai ver. – Utgar sorriu por estar escondendo informações. – Você vai ver, sem dúvida. Volte ao seu sono de beleza, certo? Você vai voltar para os mastros em duas horas.

2

As Ilhas dos Ventos Fantasmas apareceram aos poucos ao redor do *Orquídea* como uma quadrilha de assaltantes saboreando a lenta aproximação de um alvo. No horizonte, que já fora límpido, brotavam ilhas densas com uma selva coberta de névoa. Picos altos e pretos ribombavam de vez em quando, arrotando linhas de vapor ou fumaça nos céus pesados e cinzentos. A chuva caía constantemente, não as tempestades implacáveis dos mares abertos e, sim, a umidade insignificante dos trópicos, quente como sangue e mal acossada pela brisa da selva.

As águas haviam clareado com a viagem para o oeste, desde o cobalto das profundezas até o azul-celeste e um água-marinha translúcido. O lugar era repleto de vida; pássaros voavam em círculos, peixes disparavam nas águas rasas em cardumes prateados e formas sinuosas maiores do que homens os seguiam. Elas iam languidamente na esteira do *Orquídea*: tubarões-foice, viúvos-azuis, rizadores-do-azar, barbatanas-de-adaga. Os mais assustadores de todos eram os tubarões-lobos da região, cujas costas cor de areia lhes permitiam sumir na turbulência pálida embaixo do navio. Era preciso ter bom olho para ver as incongruências fantasmagóricas que traíam seu movimento de espreita e eles tinham o hábito desconcertante de circular abaixo dos cabos de bosta.

Locke agradeceu aos deuses por eles não saltarem.

Continuaram velejando por um dia e meio, desviando-se de ocasionais recifes ou ilhas menores. Drakasha e Delmastro pareciam conhecer a área como a palma da mão e só analisavam os mapas, murmurando, a raros intervalos. Locke começou a vislumbrar detritos humanos nos bancos de areia e nas pedras – aqui um mastro desgastado, ali as costelas esqueléticas de uma quilha antiga no fundo arenoso. Num turno à tarde, ele viu centenas de coisas parecendo caranguejos do tamanho de cachorros se congregando no fundo virado do casco de um navio. À medida que o *Orquídea* passava, as criaturas fugiam em massa de seu recife artificial, fazendo a água ao redor espumar. Em instantes, haviam desaparecido completamente.

Locke terminou o turno após algumas horas, cômico de uma tensão crescente na tripulação ao redor. Algo mudara. Drakasha andava sem parar pelo tombadilho, ordenou vigias extras no calcês e tinha reuniões

sussurradas com Delmastro e Caladão.

– Ela não quer dizer o que está acontecendo – disse Jean depois de Locke ter dado o que achava ser uma sugestão sutil. – No momento, ela é totalmente tenente, nem um pouco Ezri.

– Isso, em si, já significa uma coisa: que devemos conter a celebração – observou Locke.

Drakasha convocou todos os tripulantes na hora da troca do turno da tarde. Uma vasta massa de homens e mulheres ansiosos e suados fixaram os olhares na amurada do tombadilho e esperaram as palavras da capitã. O sol era um disco de cobre ardente coroando selvas logo adiante; as cores abrasadoras se esgueiravam, camada após camada, através das nuvens, e a toda volta as ilhas escureciam.

– É o seguinte – começou Drakasha. – Os ventos permaneceram firmes feito o diabo nos últimos dias, vindos do sul. Podemos baixar âncora em Pródigo esta noite, mas não podemos passar pelo Portão do Comerciante.

Houve um murmúrio geral na multidão. Delmastro, surgindo ao lado do cabrestante, pôs a mão no seu cinturão de armas e berrou:

– Quietos! Pelo mijo de Perelandro, a maior parte de nós já esteve aqui antes.

– Estivemos mesmo – continuou Drakasha. – Corações fortes, Orquídeas. Faremos o de sempre. Turno Vermelho, descanse um pouco. Esperem um chamado a toda a tripulação dentro de algumas horas. Depois disso, ninguém dorme, ninguém bebe, ninguém trepa até estarmos de novo seguros em casa. Turno Azul, você está de serviço. Del, cuide dos novatos. Passe tudo para eles.

– Passar *o quê?* – Locke olhou ao redor, fazendo a pergunta ao ar, enquanto a tripulação se dispersava.

– Há duas passagens para Porto Pródigo – explicou Jabril. – A primeira, o Portão do Comerciante, fica ao norte da cidade. Tem uns 20 quilômetros de comprimento. É cheia de curvas, com bancos de areia por toda parte. Na melhor das hipóteses, é uma passagem lenta, mas com um vento forte do sul, não dá. Iríamos demorar dias.

– Então o que vamos fazer, diabos?

– O segundo caminho, pelo oeste. Tem metade do tamanho. Também é sinuoso, mas não tão ruim. Especialmente com esse vento. Mas é melhor evitá-lo se for possível. Chamam de Passagem do Mercado.

– Por que é melhor evitar?

– Porque tem alguma coisa lá – interveio a tenente Delmastro, abrindo caminho pelo pequeno grupo, composto por ex-Mensageiros, que tinha se reunido em torno de Jabril. Locke viu-a dar um aperto brevíssimo no braço de Jean. – Alguma coisa... mora lá.

– Alguma coisa? – Locke deixou transparecer a irritação na voz. – O navio corre perigo?

– Não – respondeu Delmastro.

– Deixe-me ser mais específico, então. Nós, que estamos *a bordo* dele, corremos perigo?

– Não sei. – Delmastro trocou um olhar com Jabril. – Se alguma coisa virá a bordo do navio? Não. Não mesmo. Se você... vai sentir vontade de *sair* do navio? Não posso afirmar. Depende do seu temperamento.

– Não sei se eu gostaria de ter a atenção íntima de alguma coisa nadando naquelas águas – falou Locke.

– Ótimo. Então provavelmente você não tem com que se preocupar. – Delmastro suspirou. – Todos vocês, prestem atenção no que a capitã disse. O negócio é descansar um pouco; vocês serão chamados na metade do tempo do descanso usual, portanto aproveitem ao máximo. – Ela parou ao lado de Jean, e Locke entreouveiu um sussurro: – Eu certamente pretendo aproveitar.

– Eu, ahn... encontro você mais tarde, Jerome.

Locke sorriu, mesmo contra a vontade.

– Vai tirar um cochilo? – perguntou Jean.

– Diabos, não. Vou ficar girando os polegares, acordado, até que me chamem para o serviço. Talvez eu encontre alguém para jogar uma partida de baralho...

– Duvido – replicou Delmastro. – A sua reputação...

– Essa é uma perseguição injusta contra a minha sorte – disse Locke.

– É, bem, talvez você devesse exibir publicamente seu azar. Para bom entendedor, meia palavra basta. – Ela jogou um beijinho zombeteiro para Locke. – Se é que você entende, Ravelle.

– Ah, roube o Jerome e faça o pior que puder com ele. – Locke cruzou os braços e deu um sorriso enviesado; o fato de Delmastro estar ficando mais à vontade com ele havia sido uma mudança bem-vinda nos dias anteriores. – Vou avaliar o desempenho de vocês vendo como Treganne está puta da vida. É assim que vou me divertir. Vou propor apostas para ver até que ponto

vocês conseguem deixar a Erudita...

– Se você fizer *qualquer coisa* desse tipo – interrompeu Delmastro –, eu o acorrento a uma âncora por suas partes preciosas e mando que seja arrastado por cima de um recife.

– Não, a ideia é boa – contrapôs Jean. – Nós também podemos apostar com ele e trapacear...

– Este navio tem *duas* âncoras, Valora!

3

O crepúsculo se aproximava quando Jean e Ezri se esgueiraram de volta para o tombadilho. Drakasha estava perto da amurada de popa, com Cosetta aninhada no braço esquerdo, segurando uma pequena taça de prata na mão direita.

– Você precisa beber, amor – sussurrou Drakasha. – É uma bebida noturna especial para as princesas piratas.

– Não – murmurou Cosetta.

– Você não é uma princesa pirata?

– Não!

– Eu acho que é. Seja boazinha...

– Não quero!

Jean se lembrou do tempo passado em Camorr, de como às vezes Correntes se comportava quando um dos jovens Nobres Vigaristas decidiam dar um chique. Na época, eles eram muito mais velhos do que Cos, certo, mas crianças eram crianças e Drakasha estava com um olhar preocupado.

– Ora, ora – disse ele em voz alta, aproximando-se das duas Drakashas de modo que Cosetta o visse. – Isso aí parece *muito* bom, capitã.

– Parece mesmo muito bom e tem um gosto ainda melhor que o visual.

– Humpf – reagiu Cosetta. – Ahhhh! Não!

– Você *precisa* tomar – alegou a mãe.

– Capitã, isso parece tão maravilhoso! – Jean fingia estar fascinado pela taça de prata. – Se Cosetta não quer, eu quero.

Drakasha o encarou, depois sorriu.

– Bom... – começou, parecendo relutante. – Se Cosetta não quer, acho que não tenho escolha.

Ela afastou lentamente a taça da filha, como se fosse entregá-la a Jean, e os olhos da menininha se arregalaram.

– Não! – exclamou ela. – Não!

– Mas você não quer – replicou Drakasha com um ar definitivo. – Jerome quer. Então ele é que vai tomar, Cosetta.

– Hummmm – fez Jean. – Vou beber tudo de uma vez.

– Não! – Cosetta estendeu a mão para a taça. – Não, não, não!

– Cosetta. – Drakasha estava séria. – Se você quer, precisa beber. Entendeu?

A menininha assentiu, a boca formando um “o” de preocupação, os dedos se esforçando para alcançar o prêmio agora valiosíssimo. Zamira levou a taça aos lábios de Cosetta, que bebeu o líquido com uma cobiça urgente.

– Muito bom – elogiou Drakasha, beijando a testa da filha. – Muito, muito bom. Agora vou levar você para baixo, para você e Paolo dormirem. – Ela enfiou a taça num bolso do casaco, carregou Cosetta com ambos os braços e assentiu para Jean. – Obrigada, Valora. O convés é seu, Del. Só uns minutos.

– Ela odeia fazer isso – comentou Ezri baixinho depois que Drakasha sumiu na escada do tombadilho.

– Alimentar Cos de noite?

– É leite de papoula. Ela bota os dois para dormir... para a Passagem do Mercado. Ela não quer os dois acordados de jeito nenhum quando passarmos por lá.

– Que diabo vai...

– É difícil explicar. É mais fácil passar pela coisa. Mas você vai ficar bem, sei que vai. – Ela passou uma das mãos pelas costas dele. – Você consegue sobreviver a *mim* de mau humor.

– Ah. Mas, quando uma mulher tem o seu coração, não tem mau humor.

– Onde eu nasci, as pessoas que fazem elogios detestáveis são penduradas em gaiolas de ferro para definhar.

– Dá para ver por que você fugiu. Você inspira tantos elogios que qualquer homem que falasse com você durante algum tempo ficaria enjaulado depois...

– Você está sendo *mais* do que detestável!

– Preciso fazer alguma coisa para manter o pensamento longe do que vai

acontecer...

- O que nós fizemos lá embaixo não bastou?
- Bom, acho que poderíamos voltar para lá e...
- Infelizmente, a pior praga neste navio não é Drakasha nem eu e, sim, o serviço. – Ela deu um beijo no rosto de Jean. – Se quer se ocupar com alguma coisa, pode começar com os preparativos para a Passagem. Vá ao armário de lanternas de proa e me traga as luzes alquímicas.
- Quantas?
- Todas. Todas que você encontrar.

4

Era a décima hora da tarde. A noite caía feito um manto sobre os Ventos Fantasma e o *Orquídea Venenosa*, sob as velas de gávea, atravessava a Passagem do Mercado com uma aura branca e âmbar. Uma centena de lâmpadas alquímicas tinham sido sacudidas para se acender e foram postas ao longo de todo o casco do navio, algumas no cordame, mas a maioria abaixo da amurada, refletindo o fogo falso na água escura.

– Seis braços! – gritou um dos dois marinheiros que Drakasha havia colocado nas laterais.

Eles eram os prumadores: lançavam as linhas de sonda para avaliar a quantidade de água entre o casco do navio e o fundo do mar. Seis braços; onze metros. O *Orquídea* podia passar por estreitos muito mais rasos do que aquele.

Normalmente, as sondagens eram ocasionais e bastaria um marinheiro para fazê-las. Naquele momento, os dois marinheiros, que estavam entre os mais velhos e mais experientes, lançavam as linhas e berravam os resultados a todo instante. E cada um deles era vigiado por um pequeno grupo de... cuidadores, era a melhor expressão em que Jean pôde pensar. Marinheiros armados e com armaduras.

Estranhas precauções haviam sido tomadas em todo o navio. A pequena tripulação de elite que esperava no alto para trabalhar nas velas tinha cabos de segurança amarrados na cintura; eles ficariam pendurados feito pêndulos se caíssem, mas pelo menos viveriam. Os fogos de verdade foram apagados, fumaça era rigidamente proibida. Os filhos de Drakasha dormiam na cabine

com as janelas de popa trancadas e a porta da escada do tombadilho vigiada. A capitã estava com seu colete de mosaico de Vidrantigo e os sabres pendiam nas bainhas.

– Cinco e três quartos! – gritou um prumador.

– A névoa está chegando – anunciou Jean.

Ele e Locke tinham se posicionado junto à amurada de estibordo do tombadilho. Drakasha andava de um lado para outro ali perto, Caladão estava ao timão e Delmastro, junto à bitácula com uma pequena fileira de ampulhetas de precisão.

– É assim que começa – explicou Caladão.

O *Orquídea* estava entrando no canal de 1,5 quilômetro de largura entre penhascos que se erguiam até cerca de metade da altura dos mastros e eram cobertos por uma selva escura que desaparecia em meio ao negrume. Ouviam-se ruídos débeis de coisas ocultas naquela floresta: guinchos, estalos, sons farfalhantes. Os arcos de lanternas do navio clareavam a água ao redor por 15 ou 20 metros e, nos limites desse círculo luminoso, Jean via fiapos de névoa cinzenta começando a brotar do mar.

– Cinco e meia! – soou o grito do prumador de estibordo.

– Capitã Drakasha. – Utgar estava junto à amurada de popa com a linha da barquilha presa entre os dedos. – Quatro nós.

– Sim. Quatro nós e nossa popa está nivelada com a boca da Passagem. Me dê dez minutos, Del.

Delmastro assentiu, virou uma das suas ampulhetas e ficou olhando a areia começar a escorrer da câmara superior para a inferior. Drakasha foi até a amurada dianteira do tombadilho.

– Atenção – disse aos tripulantes que trabalhavam ou esperavam no convés. – Se começarem a se sentir estranhos, fiquem longe das amuradas. Se não conseguirem ficar no convés, desçam. Essa é uma tarefa que precisamos suportar e já passamos por ela antes. Vocês *não vão* sofrer nada se ficarem no navio. Agarrem-se a esse pensamento. *Não saiam do navio.*

Agora a névoa estava se elevando aos poucos. As silhuetas sombreadas dos penhascos e selvas mais além desapareciam rapidamente. Diante deles, havia apenas o negrume.

– Dez, capitã – avisou Delmastro por fim.

– Cinco! – gritou um prumador.

– Hummm, vire o timão. – Drakasha usou um pedaço de carvão para

rabiscar uma anotação rápida num pergaminho dobrado. – Dois raios a sotavento.

– Certo, capitã, dois a sotavento.

Com o ligeiro ajuste feito pelo mestre de navegação, o navio se inclinou para bombordo. Marinheiros no alto fizeram pequenos acertos nas velas e no cordame sob instruções que Drakasha havia ensaiado antes de entrarem na Passagem.

– Me dê doze minutos, Del.

– Sim, capitã, doze.

Durante esses doze minutos, a névoa ficou mais densa, como fumaça de um fogo bem alimentado. Fechou-se dos dois lados, uma parede cinza e em redemoinhos que parecia trancar a luz e os sons do navio numa bolha, isolando qualquer indício do mundo lá fora. Os estalos dos moitões e do cordame, as batidas das ondas no casco, as vozes – todas essas coisas familiares ecoavam abafadas e os ruídos da floresta desapareceram. A névoa continuava avançando, até atravessar a linha efêmera da água iluminada pelas lanternas. Agora a visibilidade em qualquer direção morria a pouco mais de 10 metros de distância.

– Doze, capitã – anunciou Delmastro.

– Caladão, vire o timão – ordenou Drakasha, olhando a bússola na bitácula. – Timão a barlavento. Leve-nos para noroeste por oeste. – E gritou para os tripulantes no convés central: – Preparem-se para mexer nas vergas! Noroeste por oeste, vento no quarto de bombordo!

Houve uma movimentação intensa enquanto o navio se virava lentamente para o novo curso e a tripulação prendia as vergas mais uma vez. Durante todo esse tempo, Jean ficou ainda mais convencido de que a névoa de fato amortecia o som ao redor. O ruído das atividades na embarcação não se propagava, sendo abafado por aquela mortalha intangível. A única evidência de um mundo do outro lado do nevoeiro era o cheiro úmido e terroso da selva que vinha com a brisa quente, atravessando o tombadilho.

– Sete braças! – gritou um prumador.

– Del, 22 minutos.

– Certo – respondeu Delmastro, virando suas ampulhetas como um autômato.

Os 22 minutos seguintes se passaram num silêncio claustrofóbico, pontuado apenas pelo balanço ocasional de uma vela ou os berros dos

homens com as sondas. A tensão crescia à medida que o tempo se arrastava, até que...

– Deu a hora, capitã.

– Obrigada, Del. Caladão, vire o timão. Leve-nos para sudoeste por oeste.

– Ela acrescentou, levantando a voz: – Depressa, agora! Amuras e panos! Para a bordada de bombordo, sudoeste por oeste!

Velas estremeçeram e tripulantes correram de um lado para o outro xingando e trabalhando nas cordas enquanto o navio adernava para a bordada de bombordo. Eles giraram no coração da névoa; a brisa com cheiro de selva pareceu rodar em volta como um boxeador esperando o momento para atacar o oponente e Jean sentiu-a na bochecha esquerda.

– Firme, Caladão – ordenou Drakasha. – Ezri, quinze minutos.

– Quinze, certo.

– Aí vem, caralho – murmurou Caladão.

– Pare com essa merda – rebateu a capitã. – A única coisa verdadeiramente perigosa aqui somos nós, entendeu?

Jean sentiu uma comichão na pele da testa e enxugou o suor que brotava ali.

– Quatro e três quartos! – gritou um prumador.

Jean, sussurrou uma voz débil.

– O quê, Orrin?

– Hein? – Locke estava segurando a amurada com as duas mãos e mal olhou para Jean.

– O que você quer?

– Eu não disse nada.

– Você está...

Jean Tannen.

– Ah, pelo amor dos deuses – gemeu Locke.

– Você também? – Jean o encarou. – Uma voz...

– Não veio do ar – sussurrou Locke. – Mais parecia... você sabe quem. Lá de Camorr.

– Por que está dizendo o meu...

– Não está – interveio Drakasha em voz baixa e urgente. – Todos ouvimos falando conosco. Todos ouvimos nosso nome. Controle-se.

– Guardiã Torto, não temerei o escuro, pois a noite é sua – murmurou Locke, apontando o indicador e o dedo médio da mão esquerda para a

escuridão: a Adaga do Treze, um gesto dos ladrões contra o mal. – Sua noite é meu manto, meu escudo, minha libertação dos que caçam para alimentar a força. Não temerei o mal, pois você tornou a noite minha amiga.

– Bendito seja o Benfeitor – completou Jean, apertando o antebraço esquerdo de Locke. – Paz e lucro aos seus filhos.

Jean... Estevan... Tannen.

Jean *sentia* a voz, percebendo de algum modo que a impressão de som era apenas um truque que ele fazia consigo mesmo, um eco nos ouvidos. Sentia aquilo como uma intromissão na consciência, como um roçar de patas de insetos contra a pele. Enxugou a testa de novo e percebeu que estava suando demais até para uma noite quente como aquela.

Na proa, alguém começou a soluçar em voz alta.

– Doze – Jean ouviu Ezri sussurrando. – Mais doze minutos.

A água está fresca, Jean Tannen. Você... está suando. Suas roupas coçam. A pele... coça. Mas a água está fresca.

Drakasha endireitou as costas e desceu a escada do tombadilho até o convés central. Encontrou o tripulante que soluçava, ergueu-o gentilmente e lhe deu um tapinha.

– Cabeça erguida, Orquídeas. Isso não é de carne e osso. Não é uma luta. Mantenham-se firmes.

Ela parecia bastante corajosa. Jean se perguntou quantos tripulantes sabiam ou adivinhavam que ela drogava os filhos para que eles não passassem por aquilo.

Seria sua imaginação ou a névoa ia clareando a estibordo? A névoa não estava menos densa, mas a escuridão por trás parecia diminuir... adquirir uma luminescência doentia. Um sussurro de água cresceu numa pulsação constante, rítmica. Ondas se quebrando em bancos de areia. A água preta ondulava na borda do pequeno círculo de luz.

– O recife – murmurou Caladão.

– Quatro braços! – gritou um prumador.

Algo se agitou na névoa, uma impressão fraquíssima de movimento. Jean olhou para a escuridão em redemoinho, esforçando-se para enxergar aquilo de novo. Esfregou o peito, onde a túnica encharcada de suor irritava a pele por baixo.

Venha para a água, Jean Tannen. A água é tão fresca... Venha. Deixe a túnica, deixe o suor. Traga... a mulher. Traga-a com você para a água. Venha.

– Pelo amor dos deuses – sussurrou Locke. – O que quer que está aí conhece o meu nome verdadeiro.

– O meu também – falou Jean.

– Quero dizer, ele não está me chamando de Locke. Ele sabe o meu nome *de verdade*.

– Ah. Merda.

Jean fitou a água negra e ouviu o som dela batendo no recife oculto. Era impossível estar fresca... só podia estar quente, como todo o resto naquele lugar maldito. Mas o barulho... o barulho daquelas ondas não era tão desagradável. Escutou, fascinado, por um tempo, depois levantou a cabeça em letargia e olhou para a névoa.

Algo apareceu ali por um instante brevíssimo – uma forma escura visível através do nevoeiro. Do tamanho de um homem. Alto, magro e imóvel. Esperando em cima do recife.

Jean estremeceu violentamente e o vulto desapareceu. Ele piscou como se acordasse de um devaneio. Agora a névoa estava escura e sólida como sempre, a luz imaginária havia sumido, o sibilo da água no banco de areia não era mais tão prazeroso. O suor escorria em filetes pelo pescoço e pelos braços, e ele gostou dessa distração, pois o fez se coçar furiosamente.

– São... são, ahn, 4 braços... e um quarto – murmurou um prumador.

– Deu a hora – anunciou Ezri, parecendo também sair de um atordoamento. – É hora, é hora!

– Não é possível – murmurou Locke. – Só se passaram... poucos minutos.

– Eu olhei agora e a areia estava toda embaixo. Não sei quando isso aconteceu. – Ela levantou a voz com urgência: – Capitã! Deu a hora!

– Acordem! Acordem! – berrou Drakasha como se o navio estivesse sob ataque. – Amuras e panos! Oeste por norte! Vento no quarto de bombordo, firmem as vergas!

– Oeste por norte, certo – confirmou Caladão.

– Não entendo – disse Ezri, olhando suas ampulhetas. Jean viu que a túnica azul dela estava empapada de suor, o cabelo embolado, o rosto escorregadio. – Eu estava olhando as ampulhetas. Foi como se... eu só pisquei e... o tempo todo havia passado.

O convés estava tomado por uma enorme agitação. De novo a brisa mudou, a névoa redemoinhou e Caladão colocou-os no novo curso com movimentos precisos, quase delicados, no timão.

– Pelos deuses! – exclamou Ezri. – Essa foi a pior de que me lembro.
– Nunca foi assim antes – acrescentou Caladão.
– Quanto tempo falta? – perguntou Jean, sem se envergonhar em parecer ansioso.

– É a nossa última virada – respondeu Ezri. – Presumindo que não tenhamos ido demais para o sul a ponto de encalhamos em algo nos próximos minutos, basta seguir para oeste por norte até Porto Pródigo.

Continuaram deslizando pelas águas escuras e, gradualmente, as sensações estranhas na pele de Jean foram sumindo. A névoa recuou, primeiro se abrindo numa escuridão menos intensa diante do navio e depois se dissipando atrás deles. As lanternas voltaram a iluminar a noite e o som tranquilizador da selva dos dois lados do canal retornou.

– Oito braças! – gritou um prumador.

– É o canal principal – informou Drakasha, subindo de novo a escada do tombadilho. – Muito bem, gente. – Ela se virou para olhar por cima do poço do navio. – Tirem a maior parte das lanternas. Deixem algumas para a navegação, para não surpreendermos ninguém ao entrarmos no porto. Continuem usando as sondas. – Ela abriu os braços e envolveu Caladão e Ezri, apertando os ombros dos dois. – Sei que eu proibi a bebida, mas acho que todos nos beneficiaríamos de um gole.

Seu olhar pousou em Locke e Jean.

– Parece que vocês dois gostariam de um serviço. Peguem um barril de cerveja e sirvam a todos no mastro principal. – Em seguida, gritou: – Meio copo para quem quiser!

Encaminhando-se rapidamente para a proa, seguido de perto por Locke, Jean ficou satisfeito ao sentir a tensão de pouco antes se evaporar. Tripulantes sorriam de novo, conversando, até rindo aqui e ali. Alguns permaneciam calados, os braços cruzados, olhando para baixo, mas até esses pareciam aliviados. A única coisa bizarra na situação, percebeu Jean, era o zelo com que a maioria tentava manter a atenção concentrada no navio e nas pessoas ao redor.

Mais de uma hora se passaria antes que muitos deles se permitissem olhar para a água de novo.

Se você pudesse ficar parado a mil metros acima de Porto Pródigo, no meio daquela noite, veria um tênue feixe de luz que lembrava uma joia brilhando na névoa de uma escuridão tropical sem limites. Nuvens ocultam as luas e as estrelas. Até as finas linhas vermelhas de lava vulcânica que às vezes reluzem nos horizontes distantes estão ausentes; as montanhas escuras fumegam sem fogo visível.

Pródigo tem uma praia comprida no lado norte de uma ilha vasta, montanhosa. Além dela, quilômetros de uma antiga floresta tropical recuam na noite e nenhuma luz arde em lugar algum dessa vastidão soturna.

Assim que deslizam por qualquer das passagens árduas que os trazem do mar, os navios são recebidos com uma amabilidade incomum por um porto amplo, fechado de todos os lados. Não há recifes, ilhas menores ou qualquer coisa pondo em risco a navegação e maculando o fundo de areia branca da baía. Na extremidade leste da cidade, a água chega até a altura da cintura, enquanto no oeste até mesmo navios pesados podem quase beijar a terra e manter 8 ou 9 braças abaixo da quilha.

Uma floresta de mastros oscila suavemente acima dessas profundezas, uma confusão de cais, barcos, navios e cascos em todos os níveis de estrago. Há dois ancoradouros mal delimitados que servem a Porto Pródigo. No Cemitério, flutuam as centenas de cascos e destroços que jamais voltarão ao mar aberto. A leste dele, reivindicando todas as docas maiores e mais novas, fica o Hospital, chamado assim porque seus pacientes ainda têm esperança de viver.

6

Um sino começou a tocar, as batidas lentas ecoando na água, assim que o *Orquídea Venenosa* emergiu da Passagem do Mercado.

Locke olhou por cima da amurada de bombordo, em direção às luzes da cidade e seus reflexos ondulantes na baía.

– Os vigias do porto vão tocar essa porcaria até a gente baixar a âncora. – Jabril notara sua curiosidade e se postara a seu lado. – É preciso avisar a todo mundo que eles estão no serviço, para continuarem recebendo a ração de bebida.

– Você passou muito tempo aqui, Jabril?

– Nasci aqui. A prisão em Tal Verrar foi o que recebi na única vez em que tentei avistar outros oceanos.

Baixar âncora em Porto Pródigo não teve nada da cerimônia que Locke vira em outros locais; nenhum piloto de porto, nem autoridades de alfândega, nem mesmo um único pescador curioso. E, para sua surpresa, o *Orquídea* ficou parado no meio do caminho. Eles se acomodaram a cerca de 800 metros do cais, enrolaram as velas e mantiveram as lanternas acesas.

– Baixar um bote a bombordo – ordenou Drakasha, contemplando a cidade e os ancoradouros pela luneta. – Depois ponham as redes-navalhas a estibordo. Mantenham as lanternas acesas. Turno Azul dispensado, mas com sabres a postos junto aos mastros. Del, vá buscar Malakasti, Dantierre, Grande Konar e Rask.

– Como quiser, capitã.

Depois de ajudar a equipe de trabalho a colocar um dos botes maiores na água, Locke se aproximou de Drakasha, que ainda examinava a cidade com a luneta.

– Imagino que tenha motivo para cautela, capitã.

– Nós estamos fora há algumas semanas e as coisas mudam. Eu tenho uma tripulação grande e uma embarcação grande, mas nenhuma das duas é a maior que existe.

– A senhora vê alguma coisa que a deixe nervosa?

– Nervosa, não: curiosa. Parece que, pela primeira vez, a maioria de nós está em casa. Está vendo aquela linha de navios junto à doca leste, mais perto de nós? Quatro capitães do conselho estão na cidade. Cinco, agora que eu voltei. – Ela baixou a luneta e olhou-o de lado. – Além de dois ou três mercadores independentes, pelo que vejo.

– Espero mesmo que não seja nada de mais – disse ele baixinho.

Nesse momento, a tenente Delmastro voltou ao tombadilho, armada e com armadura, seguida por quatro marinheiros.

Malakasti, uma mulher magra com mais tatuagens do que palavras no seu vocabulário, tinha uma ótima reputação de lutadora com facas. Dantierre era um verrari barbudo e careca que costumava usar as sedas de um nobre maltrapilho; tinha se tornado fora da lei depois de uma longa carreira como duelista profissional. Grande Konar fazia jus ao apelido: era o maior a bordo do *Orquídea*. E Rask, bem, Rask era um tipo que Locke reconhecia quase de imediato, um matador de assassinos. Drakasha, como

muitos *garristas* em Camorr, mantinha-o sob rédea curta e só lhe dava liberdade quando precisava de sangue. *Muito* sangue.

Um grupo brutal, nenhum deles jovem nem há pouco tempo sob o comando de Drakasha, pensava Locke enquanto todos os tripulantes eram reunidos brevemente no convés central.

– Utgar fica no controle do navio – anunciou Drakasha. – Não vamos atracar esta noite. Vou levar Del e um grupo de terra para sondar a cidade. Se tudo estiver bem, teremos alguns dias movimentados... e vamos começar a dividir as cotas amanhã à tarde. Tentem não apostar e perder tudo para os colegas antes mesmo de ter o dinheiro em mãos, hein? Nesse meio-tempo, Turno Vermelho, cuide do navio. As redes-navalhas ficam a estibordo até voltarmos. Postem vigias em todos os mastros e fiquem de olho na linha-d'água. Turno Azul, se quiserem, alguns de vocês podem dormir perto dos armários das armas. Mantenham adagas e porretes à mão mesmo se não quiserem. – Para Utgar, acrescentou baixinho: – Guarda dupla na porta da minha cabine a noite toda.

– Sim, capitã.

Drakasha desapareceu em sua cabine por alguns instantes. Ao voltar, ainda vestia o colete de mosaico de Vidrantigo, com os sabres agora em belas bainhas adornadas com joias, esmeraldas reluzentes nas orelhas e anéis de ouro sobre as luvas pretas. Locke e Jean se aproximaram dela do modo mais discreto possível.

– Ravelle, não tenho tempo...

– Capitã – começou Locke –, a senhora juntou uma equipe de briga porque está disposta a amedrontar qualquer um que possa lhe causar encrenca, não foi? E se eles forem idiotas demais para aceitar a deixa, a senhora quer pessoas que possam acabar depressa com tudo. Eu sugiro fortemente, *fortemente*, que Jerome iria lhe servir bem nas duas situações.

– Eu... hummm. – Ela encarou Jean, como se tivesse acabado de notar a largura de seus ombros e a grossura dos braços. – Isso pode acrescentar um toque final. Certo, Valora, quer sair numa noitada?

– Quero – respondeu Jean. – Mas eu trabalho melhor em dupla. Orrin é o homem exato para...

– Vocês dois se acham *muito* espertos – interrompeu Drakasha. – Mas...

– É sério – interveio Jean às pressas. – Peço humildes desculpas, mas a senhora já viu o que ele faz. A senhora vai ter uma pilha de músculos na

retaguarda. Leve-o para... imprevistos.

– Esta noite é um negócio delicado – avisou Drakasha. – Dar um passo em falso em Porto Pródigo após a meia-noite é como mijar numa cobra raivosa. Eu preciso...

– Aham – disse Locke. – Somos camorris.

– Ah. Estejam no bote em cinco minutos – orientou Drakasha.

7

Drakasha assumiu a proa e Delmastro, a popa; todos os outros pegaram um remo. Atravessaram a superfície calma da baía num ritmo constante.

– Pelo menos aquele imbecil enfim parou de tocar o sino – murmurou Jean.

Ele estava no último banco de remador, perto de Grande Konar, assim podia conversar com Ezri, que roçava a água com uma das mãos.

– Isso é sensato? – perguntou Jean.

– O quê, mexer na água? – Ezri apontou um polegar por cima do ombro, na direção da Passagem do Mercado. – À noite não dá para ver, mas nas entradas da baía, no fundo, existem fileiras regulares de enormes pedras brancas.

– Pedras Ancestres – falou Konar.

– Elas não nos incomodam, mas nada mais passa por elas – continuou Ezri. – Não há nenhuma coisa viva nesta baía; você pode nadar ao crepúsculo com cortes sangrentos nos pés e nada vai aparecer para tirar uma provinha.

– Mas não faça isso muito perto do cais: tem mijo – avisou Konar, quase como se pedisse desculpas.

– Bom, parece ótimo. – disse Jean.

– É, acho que sim – concordou Ezri. – Só que é um saco pescar. Os barquinhos apinham a entrada da passagem do Portão do Comerciante e atrapalham o trabalho lá mais do que o usual. Por falar em atrapalhar o trabalho...

– Hum?

– Não estou vendo o *Mensageiro Vermelho* em lugar nenhum.

– Ah.

– Mas ele estava se arrastando feito uma lesma. E nós temos uma companhia interessante no lugar dele.

– Quem?

– Está vendo aquela primeira fileira de navios? O primeiro de estibordo a bombordo é o *Águia-Pescadora*, o lúgar de Pierro Strozzi. A tripulação dele é minúscula, assim como sua ambição, mas ele seria capaz de navegar num barril dentro de um furacão. Em seguida, o *Cadela Régia*, da capitã Chavon Rance. Ela é um pé no saco. Tem um tremendo mau humor. Ao lado está o *Draconiano*, o brigue de Jacqueline Colvard. Ela é razoável e está aqui há mais tempo do que todo mundo. Aquele grande de três mastros na extremidade oposta é o *Soberano Temível*, a dama de Jaffrim Rodanov. Uma embarcação maligna. Na última vez que vi, ele estava na praia sendo reformado, mas agora parece pronto para o mar.

Com seis pessoas puxando os remos, a viagem foi rápida. Em alguns instantes, tinham chegado a um cais de pedras meio desmoronado. Enquanto Jean prendia seu remo, notou um cadáver boiando suavemente na água.

– Ah – fez Ezri. – Coitado. Essa é a marca de uma noite animada por aqui.

O grupo de terra de Drakasha amarrou o bote na ponta do cais e subiu como se estivesse abordando uma embarcação inimiga, com coração cauteloso e mãos perto das armas.

– Santos deuses! – exclamou um bêbado quase todo banguela no meio do cais, aninhando um odre. – É Drakasha, não é?

– É. Quem é você?

– Banjital Vo.

– Bom, Banjital Vo, você está encarregado da segurança do bote que acabamos de amarrar.

– Mas... eu...

– Se ele estiver aqui ao voltarmos, eu lhe dou uma moeda de prata verrari. Se alguma coisa acontecer com ele, vou perguntar por você e, quando encontrá-lo, vou arrancar a droga dos seus olhos.

– Eu... vou vigiar o barco como se fosse meu.

– Não: vigie-o como se ele fosse *meu*.

Ela levou-os para fora do cais, subindo um caminho de areia um pouco inclinado, ladeado por barracas de lona, cabanas de troncos sem teto e

construções de pedra parcialmente desmoronadas. Jean podia ouvir roncões de pessoas dormindo naquelas estruturas decrepitas, além dos balidos suaves de cabras, rosnados de vira-latas e a agitação de galinhas. Algumas fogueiras tinham se reduzido a brasas, mas não havia lampiões nem luzes alquímicas penduradas em nenhum lugar naquele lado da cidade.

Uma fedorenta torrente de mijo e fezes escorria pelo lado direito da trilha e Jean pisou com cuidado para evitar aquela sujeira, assim como um cadáver esparramado que represava o fluxo a uns 500 metros do cais. Ocasionalmente bêbados ou fumadores de cachimbo semilúcidos os encaravam em várias reentrâncias e sombras, mas ninguém falou com eles, até que passaram pelo topo de uma ladeira e o chão voltou a ser de pedra.

– Drakasha, bem-vinda de volta à civilização! – gritou um homem corpulento em vestes de couro com tachas de ferro enegrecido.

Ele segurava uma lanterna fraca numa das mãos e um porrete com argolas de bronze na outra. Atrás, havia um homem mais alto, encurvado e barrigudo, armado com um comprido cajado de carvalho.

– Belo Marcus – cumprimentou Drakasha. – Pelos deuses, cada vez que eu volto, você está mais feio! Como se alguém esculpisse lentamente um cu com base num rosto humano. Quem é a nova figura charmosa?

– Gutrin. O esperto decidiu parar de navegar e se juntar ao resto de nós, que vivemos balançando o pau na vida glamorosa.

– É? – Drakasha estendeu um punho fechado com moedas e o sacudiu para que elas tilintassem. – Encontrei isto na estrada. São suas?

– Tenho um lar feliz para elas aqui mesmo. Está vendo, Gutrin? Esse é o estilo. Faça algum favor a essa dama e ela devolve o elogio. Viagem frutífera, capitã?

– A barriga está tão cheia que não podemos mais nadar, Marcus.

– Bom para você, capitã. Então vai encontrar o Desmancha-Navios?

– Ninguém *quer* encontrar aquele escroto inútil, mas se ele desejar abrir a bolsa e se dobrar, tenho uma coisinha de madeira e lona para a coleção dele.

– Vou mandar avisar. Vai passar a noite aqui?

– É apenas um pulo, Marcus. Só vim içar a bandeira.

– Ótima ideia. – Ele olhou brevemente ao redor, depois acrescentou com a voz mais séria: – Chavon Rance pegou a mesa alta no Carmim. Digo isso só para você parecer que sabe das coisas quando entrar.

– Obrigada.

Quando os dois haviam se afastado descendo para o cais, Jean se virou para Ezri.

– São algum tipo de guardas?

– Mantenedores. É mais como uma gangue. São sessenta ou setenta, os que botam ordem aqui. Os capitães lhes pagam um pouquinho de cada carga que trazem e eles ganham o resto da vida sendo um incômodo público. Você pode fazer praticamente o que quiser, desde que esconda os corpos e não queime nada nem acorde metade da cidade. Se fizer isso, os Mantenedores aparecem para um pouco de manutenção.

– E o que é “içar a bandeira”?

– Às vezes é preciso fazer esses joguinhos. Deixar todo mundo em Pródigo saber que Zamira voltou, que está com o casco cheio de coisas, que vai chutar a cabeça deles se a olharem de viés. Sabe? Em especial os outros capitães.

– Ah. Entendi.

Entraram na cidade propriamente dita, onde, pelo menos, as luzes que tinham visto da baía se irradiavam de janelas e portas abertas dos dois lados da rua. Outrora, as construções tinham sido respeitáveis casas e lojas de pedra, mas o tempo e a maldade marcaram suas fachadas. Janelas quebradas cobertas de tábuas de navios ou pedaços de pano de vela rasgados. Muitas casas possuíam anexos de madeira de que parecia inseguro se aproximar, quanto mais morar neles. Outras tinham terceiros e quartos andares de pau a pique parecendo cogumelos brotando nos telhados antigos.

Jean sentiu uma pontada súbita de nostalgia relutante. Bêbados largados sem sentidos nas sarjetas. Crianças maldosas olhando das sombras. Mantenedores usando compridos casacos de couro espancando algum pobre coitado e deixando-o apagado atrás de uma carroça sem rodas. Os sons de xingamentos, discussões, gargalhadas e vômitos soando em cada porta e janela aberta... esse lugar era, se não um irmão de Camorr, pelo menos um primo de primeiro grau.

– Orquídeas! – berrou alguém de uma janela do segundo andar. – Orquídeas!

Zamira respondeu ao grito bêbado com um aceno casual e virou à direita numa encruzilhada lamacenta. Da boca escura de um beco, cambaleou um homem atarracado, usando apenas uma calça suja. Tinha os olhos vítreos, desfocados, de um fumador de pó jeremita e, na mão direita, trazia uma faca

serrilhada do tamanho e da largura do antebraço de Jean.

– Dinheiro ou boquete – ameaçou o homem, com filetes de saliva pingando do queixo. – Não me importa o que for. Tenho necessidades. Dê um...

Se ele não percebeu que estava diante de oito oponentes, não deixou de notar Rask batendo na mão com a faca e empurrando-o para o beco pelo pescoço. Jean escutou um gorgolejo úmido e Rask retornou à rua em poucos segundos, limpando uma das suas facas num trapo. Jogou o pano no beco, embainhou a faca e enfiou os polegares no cinto, despreocupadamente. Ezri e Drakasha não acharam que o incidente mereceria comentário e continuaram andando, à vontade como fiéis indo ao templo numa manhã do Dia da Penitência.

– Cá estamos – disse Ezri ao chegarem ao topo de outra ladeira baixa.

Uma praça ampla meio pavimentada com as seções lamacentas entrecruzadas por rastros de carroças era dominada por um gordo prédio de dois andares com um pórtico construído na popa cortada de um antigo navio. O tempo, o clima e sem dúvida incontáveis brigas tinham raspado e lascado seu elaborado trabalho de entalhe, mas podiam ser vistas pessoas bebendo e festejando atrás das janelas do segundo andar, no que teria sido a grande cabine. Onde antes estivera o leme, havia agora uma pesada porta dupla, flanqueada por globos alquímicos – do tipo redondo e grosso que era quase impossível de ser quebrado – imitando lanternas de popa.

– O Carmim Esfarrapado – continuou Ezri. – É o coração de Porto Pródigo, ou o cu, dependendo da sua perspectiva.

À esquerda da entrada, havia um escaler de navio, preso ao prédio por pesadas estruturas de madeira e correntes de ferro. Alguns braços e pernas humanos se projetavam dele. A porta do Carmim Esfarrapado se abriu violentamente e um par de brutamontes emergiu, carregando um velho frouxo entre os dois. Sem cerimônia ou pena, o jogaram no bote, onde sua chegada provocou alguns gritos incoerentes e membros se sacudindo.

– Agora olhe onde pisa – alertou Ezri, sorrindo. – Se ficar bêbado demais para permanecer de pé, eles lançam você ao mar. Em algumas noites, dez ou vinte pessoas são empilhadas naquele bote.

Um instante depois, Jean se espremeu para passar pelos brutamontes e adentrou a taverna movimentada, com os cheiros familiares de uma hora mais perto do amanhecer que do jantar. Suor, carne escaldada, vômito,

sangue, fumaça e uma dúzia de tipos de cerveja e vinho ruins: o aroma de uma vida noturna civilizada.

O lugar parecia construído para uma clientela que travaria guerra não apenas uns com os outros, mas com os que estivessem no bar e na despensa. O balcão, na extremidade oposta do salão, era cercado por painéis de ferro até o teto, deixando apenas três janelas estreitas, através das quais os funcionários podiam servir bebidas e comida como arqueiros disparando flechas de seteiras.

Só havia mesas de chão ali embaixo, ao estilo jereshti: superfícies baixas ao redor das quais homens e mulheres sentavam-se, ajoelhavam-se ou se deitavam em almofadas puídas. Naquele ambiente mal iluminado, abafado como uma caverna, eles jogavam cartas ou dados, fumavam, bebiam, disputavam quedas de braço, discutiam e tentavam rir da atenção dos leões de chácara que percorriam o lugar, obviamente procurando candidatos para jogar no bote lá fora.

Parte das conversas silenciou quando o grupo de Drakasha apareceu; ouviram-se gritos de “Orquídeas!” e “Zamira voltou!”. A capitã assentiu para ninguém em especial e virou devagar os olhos para o segundo andar.

Escadas subiam dos dois lados do salão; nas laterais, o segundo andar era pouco mais do que uma passarela com corrimão. Acima do bar e da entrada, ele se expandia em sacadas mais amplas com mesas e cadeiras ao estilo terem. Jean presumiu que a “mesa alta” fosse a que ele tinha vislumbrado lá de fora. Drakasha começou a se encaminhar para a escada que levava exatamente naquela direção.

Uma súbita corrente de excitação surgiu na taverna: um bom número de conversas parou por completo e vários olhos seguiram a passagem deles. Jean estalou os nós dos dedos e se preparou para que as coisas ficassem interessantes.

No topo da escada, havia uma alcova cercada por corrimão, cujo fundo eram as janelas que davam para a praça escura. Estandartes de seda vermelha pendiam em nichos com globos alquímicos por trás, emitindo uma luz fraca, vagamente agourenta e tingida de rosa. Duas mesas largas tinham sido unidas para acomodar um grupo de doze, todos marinheiros e muitos com ar duro, percebeu Jean.

– Zamira Drakasha – disse a mulher à cabeceira da mesa, levantando-se da cadeira.

Era jovem, mais ou menos da idade de Jean, com a pele bronzeada de sol e rugas fracas ao redor dos olhos, que indicavam anos passados no mar. Seu cabelo cor de areia estava preso atrás em três rabos e, apesar de ser mais baixa do que Zamira, parecia pesar mais de 10 quilos que ela. Forte e rotunda, com um punho de sabre bastante usado visível no cinto.

– Rance – respondeu Drakasha. – *Chay*. Foi uma noite longa, querida, e você sabe muito bem que está sentada à minha mesa.

– Isso é tremendamente curioso. Nossas bebidas estão em cima dela e nossas bundas, nas cadeiras. Se você acha que ela é sua, talvez devesse levá-la ao sair da cidade.

– Quando eu estou fora, nos meus negócios, você quer dizer. Lutando com meu navio, balançando a bandeira vermelha. Você sabe onde fica o mar, não sabe? Você já viu outros capitães indo e vindo...

– Não preciso ralar mês sim, mês não, Drakasha. Só escolho alvos ricos, para começo de conversa.

– Você não está me ouvindo, Chay. Realmente não me importa que tipo de cadela rói ossos no meu lugar quando estou fora, mas depois de voltar, espero que ela se arraste para baixo da mesa, que é o seu lugar.

O pessoal de Rance saltou das cadeiras e Chay levantou uma das mãos, rindo ferozmente.

– Saque aço, sua puta irritante, e eu mato você de modo justo diante de testemunhas. Então os Mantenedores vão poder arrastar sua tripulação de volta ao cais por causa de briga e a Ezri aqui pode ver o que aqueles seus pirralhos acham do gosto das tetas *dela*...

– Mostre suas cartas, Rance. Você acha mesmo que tem condições de manter esse lugar?

– Diga qual é o teste e eu deixo você chorando.

– Os brutamontes da casa vão vir para cima de nós... – sussurrou Jean para Ezri.

– Não. – Ela fez sinal para ele silenciar. – Desafio não é o mesmo que uma arruaça comum. Ainda mais entre capitães.

– Pela mesa – gritou Drakasha, estendendo a mão para uma garrafa meio vazia –, todo o Carmim é testemunha, a disputa é de bebidas! A primeira a cair de bunda pega a tripulação e vai para o andar de baixo.

– Eu esperava alguma coisa que demorasse mais de dez minutos – disse Rance. – Mas aceito. Fique à vontade com essa garrafa.

Zamira olhou ao redor e pegou dois pequenos copos de cerâmica de tamanho igual que estavam em lugares anteriormente ocupados por tripulantes de Rance. Jogou o conteúdo sobre a mesa, depois encheu-os com líquido da garrafa. Era conhaque kodari branco, viu Jean, forte como terebintina, que descia queimando. A tripulação de Rance recuou para perto das janelas e a outra capitã rodeou a mesa para ficar ao lado de Zamira. Ela ergueu um dos copos.

– Uma coisa – falou Zamira. – Você vai tomar a primeira bebida ao estilo de Syrune.

– Que diabo é isso?

– Quero dizer que vai beber através da porra dos olhos.

Velozmente, ela pegou seu copo com a mão esquerda e jogou a bebida no rosto da mulher. Antes que Rance pudesse ao menos gritar, o braço direito de Drakasha subiu com rapidez igual. O punho enluvado, com anéis e tudo, encontrou o queixo de Rance com o som de um chicote estalando e a outra capitã bateu no chão com tanta força que os copos em cima da mesa chacoalharam.

– Você está de bunda aí no chão, querida, ou isso é a sua cabeça? Alguém acha que há alguma diferença?

Drakasha se postou acima de Rance e tomou lentamente seu conhaque. Engoliu tudo sem se contrair e jogou o copo por cima do ombro.

– Você disse que ia ser...

Antes que o furioso tripulante de Rance, provavelmente seu imediato, pudesse continuar a protestar, Locke se adiantou com a mão levantada.

– Zamira cumpriu com o juramento. O teste *foi* uma bebida e sua capitã caiu de bunda.

– Mas...

– A sua capitã deveria ser inteligente e mais específica – interrompeu Locke. – E ela perdeu. Você vai retirar o juramento *por* ela?

O homem agarrou Locke pela frente da túnica. Os dois se debateram por pouco tempo e Jean saltou adiante, mas antes que a situação piorasse, o marinheiro de Rance foi puxado para trás, de má vontade porém com firmeza, pelos amigos.

– Quem é você, afinal? – gritou ele.

– Orrin Ravelle – respondeu Locke.

– Nunca ouvi falar, porra.

– Mas acho que vai se lembrar de mim. – Locke balançou uma pequena bolsa de couro diante do sujeito. – Peguei sua bolsa, seu broxa.

– Seu filho da...

Locke jogou a bolsa para trás e ela caiu em algum lugar no meio dos cerca de cem fregueses que assistiam à ação na sacada, com olhos e bocas abertos.

– *Epa* – fez Locke. – Mas tenho certeza que você pode contar com que todas as pessoas íntegras que estão lá embaixo vão guardá-la para você.

– Chega! – Zamira se abaixou, agarrou Rance pelo colarinho e a fez sentar. – Sua capitã lançou o desafio e perdeu. *Ela é sua capitã?*

– É – respondeu o homem, com uma carranca.

– Então cumpra com o juramento dela. – Zamira arrastou Rance até o topo da escada e se ajoelhou na frente dela. – Você não é uma cadela tão régia afinal de contas, hein, Chay?

Rance recuou a cabeça para cuspir sangue no rosto da rival, mas o tapa de Drakasha foi mais rápido e o líquido espirrou na escada.

– Duas coisas – disse Zamira. – Primeiro: estou convocando o conselho para amanhã. Espero ver você lá, no lugar e na hora de sempre. Confirme com essa cabeça idiota.

Rance assentiu lentamente.

– Segundo: eu não tenho pirralhos. Tenho uma filha e um filho. E se *algum dia* você se esquecer disso outra vez vou esculpir a porra dos seus ossos para fazer brinquedos para eles.

Ela empurrou Rance escada abaixo. Quando ela caiu embolada aos pés dos degraus, sua tripulação consternada já estava correndo atrás, sob os olhares triunfantes do grupo de Drakasha.

– Vejo você por aí... Orrin Ravelle – falou o marinheiro sem bolsa.

– Valterro – interveio Zamira, séria. – Isso foi um negócio. Não o transforme em algo pessoal.

O homem não pareceu feliz, mas acompanhou o resto da tripulação de Rance.

– Aquela parte sobre seus filhos pareceu bem pessoal – sussurrou Jean.

– Então eu sou hipócrita – murmurou Drakasha. – Se quiser protestar, pode tomar uma bebida ao estilo de Syruene. – Zamira foi até o corredor acima do salão principal e gritou: – Zacorin! Está escondido em algum lugar aí embaixo?

– Escondido é a palavra certa, Drakasha – respondeu uma voz atrás das janelas do bar blindado. – A guerra já terminou?

– Se você tiver alguma coisa que não tenha gosto de suor de porco, mande para cima. E um pouco de carne. E a conta da Rance. A pobre coitada precisa de toda a ajuda possível.

Houve uma gargalhada no salão. A tripulação de Rance, carregando-a pelos braços e pernas, não pareceu achar nem vagamente divertido.

– Então é isso – declarou Zamira, acomodando-se na cadeira que Rance tinha acabado de deixar vaga. – Acomodem-se. Bem-vindos à mesa alta do Carmim Esfarrapado.

– Bom, isso aconteceu como esperado? – perguntou Jean, ocupando um lugar entre Locke e Ezri.

– Ah, sim. – Ela deu um sorriso enviesado para Drakasha. – É, eu diria que nossa bandeira foi *içada*.

8

Eles se esforçaram ao máximo para parecer relaxados e se divertindo por quase uma hora, servindo-se da cerveja escura medíocre do Carmim e de todas as bebidas melhores que a tripulação de Rance deixara para trás. O prato da noite era pato com uma película de gordura; a maioria tratou-o como decoração, mas Rask e Konar o brutalizaram até restar apenas uma pilha de ossos.

– O que fazemos agora? – indagou Locke.

– A notícia da nossa volta vai correr até todos os urubus de sempre – respondeu Drakasha. – Em no máximo dois dias, eles vão estar nos cortejando. A bebida e as rações irão primeiro; é sempre o mais fácil de vender. Vamos ficar com o material náutico normal e o de reserva. Com relação às sedas e as coisas mais finas, os mercadores independentes atracados na doca do Hospital são nossos amigos. Vão tentar nos limpar pagando quinze a vinte por cento do valor de mercado. É bom para nós, e então eles vão levá-las de novo para o mar e vendê-las pelo preço integral, com sorrisos inocentes no rosto.

– E o *Mensageiro*?

– Quando ele aparecer, o Desmancha-Navios vai nos fazer uma visita. Vai

oferecer um pouco de mijo numa tigela de barro e vamos convencê-lo a dar um pouco de mijo numa jarra de madeira. Então o navio será problema dele. Deve valer 6 mil solaris com o cordame intacto; eu terei sorte se conseguir 2. A tripulação dele vai levá-lo para o leste e vender a algum mercador solícito por uns 4 mil, cobrando muito menos do que os concorrentes e ao mesmo tempo lucrando bastante.

– Diabos, alguns navios no Mar de Bronze já foram tomados e revendidos três ou quatro vezes – praguejou a tenente Delmastro.

– Esse tal Desmancha-Navios... – disse Locke, começando a maquinar um plano. – Imagino que o fato de a profissão ser também o nome dele significa que ele não tem concorrentes.

– Todos estão mortos – explicou Delmastro. – De modo terrível e publicamente instrutivo.

– Capitã, quanto tempo isso tudo vai demorar? Estamos quase no fim do mês e...

– Sei muito bem em que dia estamos, Ravelle. Vai durar o necessário. Talvez três dias, talvez sete, oito... Enquanto estamos aqui, todo mundo na tripulação tem pelo menos uma chance de passar um dia e uma noite em terra.

– Eu...

– Não esqueci o assunto que o preocupa – interrompeu Drakasha. – Vou levá-lo ao conselho amanhã. Depois disso, veremos.

– Que assunto? – Delmastro pareceu genuinamente confusa. Locke imaginava que Jean já tivesse contado a ela, mas a impressão era de que os dois tinham passado os momentos particulares de um modo mais sábio e mais divertido.

– Você vai saber amanhã, Del. Afinal de contas, você vai ao conselho comigo. Chega desse assunto, Ravelle.

– Certo. – Locke bebericou a cerveja e ergueu um dedo. – Outra coisa, então. Deixe-me requisitar umas coisas à senhora em particular antes que esse Desmancha-Navios apareça. Talvez eu possa ajudá-la a espremer um preço maior do colega.

– Ele não é um colega. É escorregadio feito um cagalhão mergulhado em pus e quase tão agradável quanto.

– Tanto melhor. Pense no comandante Nera; pelo menos me deixe tentar.

– Sem promessas. Mas vou ouvir o que você tem a dizer.

– Orquídeas! – urrou um homem de voz profunda, surgindo no topo da escada. – Capitã Drakasha! Sabe que ainda estão arrancando os dentes de Rance das paredes lá embaixo?

– Rance caiu doente com uma crise súbita de descortesia – disse Zamira. – Depois simplesmente caiu. Olá, capitão Rodanov.

Ele era um dos maiores homens que Locke já vira; devia mais de 2 metros, com mais ou menos a idade de Zamira e um tanto rotundo. Mas os braços longos e musculosos pareciam feitos para estrangular ursos e o fato de não se dignar a carregar uma arma significava muito. O rosto era comprido e tinha uma mandíbula pronunciada, o cabelo claro apresentava entradas e os olhos brilhavam com o humor satisfeito de alguém que sente poder enfrentar o mundo. Locke já vira homens do tipo entre os *garristas* de Camorr, mas nenhum tão alto; até mesmo o Grande Konar só podia suplantá-lo em gordura.

De modo incongruente, suas mãos enormes envolviam duas delicadas garrafas de vinho feitas de vidro cor de safira com fitas prateadas abaixo das rolhas.

– Há alguns meses, tirei cem garrafas de Azul Lashani do ano passado de um galeão. Guardei algumas porque sei que você gosta. Bem-vinda de volta.

– Bem-vindo à mesa, capitão.

A um gesto de Drakasha, Ezri, Jean, Locke e Konar passaram cada um para uma cadeira à direita, deixando livre a que ficava ao lado de Zamira. Jaffrim acomodou-se nela e lhe entregou as garrafas. Quando ela ofereceu a mão direita, ele beijou-a, depois estendeu a língua.

– Hummmm. Sempre me perguntei qual seria o gosto de Chavon. – Ele se serviu de um copo deixado de lado enquanto Zamira gargalhava. – Quem está mais perto do barril de cerveja?

– Permita-me – respondeu Locke.

– Eu conheço a maioria de vocês – observou Rodanov. – Rask, claro, estou tremendamente chocado ao ver que ainda está vivo. Dantierre, Konar, é bom ver vocês. Malakasti, querida, o que Zamira tem que eu não tenho? Espera, não sei se quero saber. E *você*. – Ele passou um braço em torno da tenente Delmastro e apertou-a. – Não sabia que Zamira deixava crianças soltas no convés. Quando você vai terminar de crescer?

– Eu cresço em todas as direções certas. – Ela sorriu e fingiu dar um soco na barriga dele. – Sabe, o único motivo para as pessoas pensarem que seu

navio tem três mastros é porque você está sempre de pé no tombadilho.

– Se eu tirar o calção, de repente vai parecer que ele tem *quatro*.

– Poderíamos acreditar nisso se não tivéssemos visto um bom número de vadrãs nus – interveio Drakasha.

– Bom, *eu* não sou uma vergonha para a velha pátria – replicou Rodanov enquanto Locke lhe passava um copo de cerveja. – E vejo que você andou arranjando caras novas.

– Aqui e ali. Orrin Ravelle, Jerome Valora. Este é Jaffrim Rodanov, capitão do *Soberano Temível*.

– À sua saúde e sorte – entouou Rodanov, erguendo no copo. – Que seus inimigos estejam desarmados e sua cerveja, intacta.

– Mercadores idiotas e bons ventos para persegui-los – completou Zamira, levantando uma das garrafas.

– Teve um bom ganho desta vez?

– Os porões estão cheios a ponto de arrebentar – respondeu Drakasha. – E pegamos um pequeno brigue, de mais ou menos 90 pés. Já deveria estar aqui, por sinal.

– É o *Mensageiro Vermelho*?

– Como você...

– Strozzi chegou ontem. Disse que partiu para cima de um brigue lento e já ia pegá-lo quando deu de cara com uma das suas tripulações acenando para ele. Isso foi uns 100 quilômetros ao norte do Portão do Comerciante, perto do Promontório Queimado. Diabos, eles devem estar se arrastando pelo Portão agora mesmo.

– Mais poder a eles, então. Nós viemos pelo Mercado.

– Nada bom – comentou Rodanov, parecendo pouco satisfeito pela primeira vez desde que aparecera. – Ouvi umas coisas estranhas sobre o Mercado ultimamente. Sua Eminência, o Sacana Gordo...

– O Desmancha-Navios – sussurrou Konar para Locke.

– ... mandou um lúgar no mês passado e diz que ele se perdeu numa tempestade. Mas ouvi, por lábios confiáveis, que o lúgar não chegou a sair do Mercado.

– Achei que a velocidade seria a melhor vantagem na vinda para cá. Mas da próxima vez vou usar o Portão, nem que demore uma semana. Pode espalhar a notícia.

– Seria o meu conselho também. Por falar nisso, ouvi dizer que você quer

convocar o conselho para amanhã.

– Há cinco de nós na cidade. Eu tenho... um negócio curioso, de Tal Verrar. E quero uma reunião fechada.

– Um capitão e um imediato. Certo. Vou avisar a Strozzi e Colvard. Acho que Rance já sabe, não é?

– Sabe.

– Talvez ela não consiga falar.

– Não vai precisar. Eu é que tenho de contar uma história.

– Então que seja. “Falemos por trás das mãos, para que os lábios não sejam lidos como o livro dos nossos desígnios, e vamos encontrar algum local onde apenas os deuses e os ratos possam ouvir nossas palavras ditas em voz alta.”

Locke encarou Rodanov; aquilo era Lucarno, de...

– *O casamento do assassino* – disse Delmastro.

– É, fácil – confirmou Rodanov com um sorriso. – Nada mais difícil me veio à mente.

– Que curiosa queda pelo teatro vocês, predadores do Mar de Bronze, parecem ter – comentou Jean. – Sei que Ezri tem um gosto...

– Só cito Lucarno por causa dela – retrucou Rodanov. – Eu, pessoalmente, odeio o sacana. Sentimentos piegas, autossatisfação óbvia e um monte de piadinhas sobre trepadas para que todos os panacas bem-vestidos do Trono Terim pudessem se sentir maliciosos em público. Enquanto isso, os Magos-Servidores e meus ancestrais jogavam dados para ver quem conseguia queimar o império primeiro.

– Jerome e eu gostamos muito de Lucarno – falou Delmastro.

– Isso é porque não conhecem nada melhor – rebateu Rodanov. – Porque as peças dos antigos poetas do Trono são mantidas em cofres por pessoas obtusas enquanto os meros pingos de vômito de Lucarno são exaltados por qualquer um que tenha moedas para desperdiçar com escribas e encadernações. As peças dele não são preservadas, são *perpetradas*. Mercallor Mentezzo...

– Mentezzo é ok – interrompeu Jean. – Seus versos são razoáveis, mas ele usa o coro como uma muleta e sempre lança os deuses no fim para resolver os problemas de todo mundo...

– Mentezzo e seus contemporâneos *construíram* a dramaturgia do Trono Terim a partir do modelo de Espadri, revigorando os monótonos rituais dos

templos com temas políticos relevantes. Suas limitações de estrutura deveriam ser perdoadas; em comparação, Lucarno teve toda a obra deles sobre a qual trabalhar e tudo o que acrescentou à mistura foi um melodrama meloso...

– O que quer que ele tenha acrescentado basta para que, quatrocentos anos depois do flagelo de Terim Pel, Lucarno seja o *único* dramaturgo com o patronato formal de Talatri cuja obra ainda é preservada inteiramente e trabalhada regularmente para novas edições...

– Um apelo aos leitores sem gosto *não* equivale a uma análise filosófica válida das obras em questão! Lucesta de Nicora escreveu em suas cartas a...

– Com o perdão de todo mundo – interrompeu Grande Konar –, mas não é educado ter uma discussão se mais ninguém sabe de que *porra* vocês estão falando.

– Devo admitir que Konar está certo – observou Drakasha. – Não sei se vocês dois estão para sacar as armas ou fundar um culto de mistérios.

– Quem diabos é você? – questionou Rodanov, fixando o olhar em Jean.
– Não tenho com quem discutir isso há anos.

– Eu tive uma infância incomum – explicou Jean. – E você?

– Na minha juventude, eu... digamos... ostento o fato de que o Colégio Terim precisava de um mestre de letras e retórica chamado Rodanov.

– O que aconteceu?

– Bom, havia um professor de retórica, veja bem, que bolou um modo perfeito de manter uma casa de apostas no Salão das Reflexões Aplicadas. Arenas de gladiadores, corridas de barcos do Colégio, esse tipo de coisas. Ele usava os alunos como moleques de recado e, como o dinheiro podia ser usado para comprar cerveja, isso o tornou nosso herói pessoal. Claro, no momento em que ele precisou fugir da cidade, o resto de nós recebeu chicotes e correntes, por isso me alistei para um serviço de merda a bordo de um galeão mercante...

– Quando foi isso? – interrompeu Locke.

– Diabos, foi quando os deuses eram jovens. Deve fazer 25 anos.

– Esse professor de retórica... o nome dele era Barsavi? Vencarlo Barsavi?

– Como *raios* você pode saber disso?

– Posso ter... cruzado o caminho dele algumas vezes. – Locke sorriu. – Viajando pelo leste. Nas vizinhanças de Camorr.

– Ouvi boatos – disse Rodanov. – Ouvi o nome uma ou duas vezes, mas

nunca fui a Camorr. Barsavi, sério? Ele ainda está lá?

– Não – respondeu Jean. – Ouvi dizer que morreu há uns dois anos.

– Que pena. – Rodanov suspirou. – Que pena mesmo. Bom... devo dizer que chateei vocês por tempo demais falando de gente que morreu há séculos. Não me leve muito a sério, Valora: foi um prazer conhecê-lo. Você também, Ravelle.

– Foi bom vê-lo, Jaffrim – comentou Zamira, levantando-se da cadeira com ele. – Até amanhã, então?

– Espero uma boa apresentação. Boa noite a todos.

– Um dos seus colegas capitães – observou Jean enquanto Rodanov descia a escada. – Muito interessante. Por que ele não quis nossa mesa?

– O *Soberano Temível* é o maior navio que qualquer capitão de Porto Pródigo jamais teve – explicou Zamira lentamente. – E tem a maior tripulação, de longe. Jaffrim não precisa fazer os mesmos joguinhos que o resto de nós. E sabe disso.

Não houve conversa à mesa durante vários minutos, até que de repente Rask pigarreou e falou com voz baixa e grave:

– Eu vi uma peça de teatro uma vez. Tinha um cachorro grande que mordeu um cara nos bagos...

– É – confirmou Malakasti. – Eu também vi. Porque o cachorro adorava salsicha e o sujeito vivia dando salsicha a ele, aí ele tirou a calça...

– Certo – cortou Drakasha. – A próxima pessoa que mencionar qualquer tipo de peça vai nadar de volta até o *Orquídea*. Vamos ver até que ponto o nosso amigo Banjital Vo queria a prata dele.

9

No dia seguinte, Magnífico acordou Locke bem a tempo da mudança do turno do meio-dia. Locke tirou o gatinho de cima da cabeça, encarou seus olhos verdes e disse:

– Pode ser um tremendo choque, mas de jeito nenhum, em todos os infernos, vou ser cativado por você, seu destruidor do sono.

Locke bocejou, espreguiçou-se e saiu sob a chuva quente e fraca que caía de um céu coberto por um aglomerado de nuvens.

– Aahh – fez ele, despindo-se até ficar apenas com o calção e deixando a

chuva tirar parte do odor do Carmim Esfarrapado de sua pele.

Era estranho, refletiu, como a miríade de fedores do *Orquídea* havia se tornado familiar e o cheiro do tipo de lugares em que ele passara anos se tornara intrusivo.

Drakasha tinha posicionado o *Orquídea* perto de um dos longos píeres de pedra no ancoradouro do Hospital e Locke viu que uma dúzia de botes chegara junto ao costado de bombordo. Enquanto cinco ou seis marinheiros armados do Turno Azul vigiavam a portinhola de entrada, Utgar e Zamira negociavam vigorosamente com um homem em uma lancha atulhada de abacaxis.

O início da tarde foi consumido pela ida e vinda de botes; diversos moradores de Porto Pródigo apareciam para vender de tudo, desde comida fresca até drogas alquímicas, e representantes dos mercadores independentes vinham indagar sobre as mercadorias no porão e examinar amostras sob o olhar atento de Drakasha. O *Orquídea* se tornou temporariamente um mercado flutuante.

Mais ou menos às duas da tarde, quando a chuva diminuía e o sol atravessava as nuvens, o *Mensageiro Vermelho* apareceu, vindo do Portão do Comerciante, e baixou âncora ao lado do *Orquídea*. Nasreen, Gwillem e a tripulação da presa voltaram a bordo, com vários ex-tripulantes do *Mensageiro* que haviam se recuperado o suficiente para se locomover.

– Que diabo *ele* está fazendo aqui?! – gritou um deles ao ver Locke.

– Venha comigo – chamou Jabril, passando um braço pelos ombros do sujeito. – Não é nada que eu não possa explicar. Nesse meio-tempo, vou lhe contar sobre uma coisa chamada equipe do esfregão...

Treganne exigiu que baixassem um bote para ela visitar o *Mensageiro* e examinar os feridos ainda a bordo. Enquanto Locke ajudava nessa tarefa, a Erudita cruzou com Gwillem junto à portinhola.

– Nós trocamos de cabine – informou ela, fazendo cara feia. – Estou com seu antigo compartimento e você pode ficar com o meu.

– O quê? *O quê?* Por quê?

– Você logo vai descobrir.

Antes que o vadrã pudesse perguntar mais alguma coisa, Treganne havia descido e Zamira segurou-o pelo braço.

– Que tipo de oferta inicial o Desmancha-Navios vai fazer por ele?

– Duas moedas de prata e um copo de cascas de ferida de varíola.

- É, mas até onde eu devo conseguir que ele chegue, mais ou menos?
- De 1.100 a 1.200 solaris. Ele vai precisar de dois mastaréis novos, já que o de proa também se partiu. Só não caiu. Vergas novas, algumas velas novas. O navio foi reformado recentemente e isso ajuda, mas uma olhada nas tábuas vai mostrar a idade. Ele deve ter uns dez anos de uso pela frente.
- Capitã Drakasha – chamou Locke, parando ao lado de Gwillem. – Se é que posso me intrometer...
- É o tal esquema de que você falou, Locke?
- Tenho certeza de que consigo espremer pelo menos mais algumas centenas de solaris dele.
- Ravelle? – Gwillem franziu a testa. – Ravelle, o ex-capitão do *Mensageiro Vermelho*?
- É um prazer conhecê-lo – disse Locke. – E tudo o que preciso pegar emprestado, capitã, são algumas roupas melhores, sacolas de couro e uma pilha de moedas.
- O quê?
- Relaxe, não vou gastá-las. Só preciso delas para fazer uma exibição. E é melhor que Jerome vá junto também.
- Capitã – disse Gwilem –, por que Orrin Ravelle está vivo, faz parte da tripulação e está pedindo dinheiro?
- Del! – gritou Drakasha.
- Estou aqui – respondeu ela, aparecendo um instante depois.
- Del, explique ao Gwillem por que Ravelle está vivo e faz parte da tripulação.
- Mas por que ele está pedindo dinheiro? – repetiu Gwillem.
- Ezri o agarrou pelo braço e puxou-o para longe.
- Meu pessoal espera ser pago pelo *Mensageiro* – falou Drakasha. – Preciso garantir que o que você está tramando não vai piorar as coisas.
- Capitã, nessa questão eu estarei agindo *como* membro da sua tripulação. Não sei se a senhora se lembra, mas eu também tenho direito a uma parte do que ganharmos com o *Mensageiro*.
- Hummm. – Ela olhou em volta e bateu os dedos no punho de um dos seus sabres. – Roupas melhores, é?

Os agentes do Desmancha-Navios, instigados por boatos da noite anterior, foram rápidos em ver as velas novas na Baía Pródiga. Às cinco da tarde, uma barca ornamentada, remada por escravos, parou ao lado do *Mensageiro Vermelho*.

Drakasha esperava para receber os ocupantes da outra embarcação com Delmastro, Gwillem e duas dúzias de tripulantes armados. Os primeiros a subir pelo costado faziam parte de um esquadrão de guardas, homens e mulheres suando sob armaduras de couro fervido e correntes. Após varrerem o convés com o olhar, uma equipe de escravos saltou a bordo e preparou cabos para içar uma cadeira suspensa e seu ocupante, da barca até a portinhola de entrada. Suando furiosamente, fizeram força para levantar a cadeira e o homem sentado nela.

O Desmancha-Navios estava exatamente como Drakasha lembrava: um terim velho, com uma pele fina tão distendida de gordura que parecia ter estourado nas emendas, e sua carne viscosa se derramava no mundo ao redor. As bochechas caídas iam até algum lugar abaixo do meio do pescoço, os dedos pareciam salsichas que haviam arrebentado e as papadas tinham tão pouca firmeza que tremiam quando ele piscava. Ele conseguiu se levantar da cadeira com a ajuda de um escravo de cada lado, mas não pareceu sequer remotamente confortável até que outro serviçal apareceu com uma larga prateleira laqueada, uma espécie de mesa portátil. O móvel foi posto à sua frente e ele apoiou a barriga enorme em cima, com um gemido de alívio.

– Um brigue manco – disse a ninguém em particular. – Faltando um mastaréu e com outro que só serve para virar lenha. Meio velho. Uma dama cujos encantos desbotados estão mal ocultos por camadas recentes de pintura e douração. *Ah*. Desculpe, Zamira, não vi você aí parada.

– Já eu senti o navio adernar no instante que você subiu a bordo – retrucou Drakasha. – O brigue foi forte o bastante para atravessar uma tempestade de fim de verão mesmo nas mãos de um incompetente. Os cabos estão limpos, mastaréus são baratos e ele é muito mais atraente do que a maioria dos bagulhos que você leva para o leste.

– Bagulhos que são trazidos a mim por capitães como você. Bom, eu vou querer olhar por baixo das calças dessa embarcação e ver se ela ainda tem alguma xota que valha a pena. Depois podemos discutir o tamanho do favor que eu farei a você.

– Faça pose o quanto quiser, seu velhote. Eu terei um bom preço por um bom navio.

– E é bom mesmo – falou Leocanto Kosta (como Zamira havia passado a pensar nele), escolhendo esse momento para emergir de seu esconderijo na escada do tombadilho.

O pequeno estoque de roupas finas do *Orquídea* lhe dera um verniz de riqueza. Seu casaco marrom-mostarda tinha punhos de brocado de prata, a túnica era de seda sem manchas, os calções eram razoáveis e os sapatos estavam engraxados. As vestimentas também eram de tamanho suficiente para um homem com o corpo de Jean, mas Kosta as enchera com trapos para não parecerem largas. Não se pode ter tudo.

Um florete emprestado pendia do cinto e vários anéis de Zamira reluziam nos dedos. Atrás dele vinha Jerome, vestido como o Obediente Serviçal de Postura Comum, carregando três pesadas pastas de couro no ombro. A velocidade com que haviam assumido os papéis levou Zamira a deduzir que já os tinham usado em outro lugar.

– Milorde, terminou a inspeção? – perguntou Drakasha.

– Terminei. E, como eu disse, gostei do navio. Não é excelente, mas não é uma armadilha mortal. Posso ver quinze anos nele, com um pouco de sorte.

– Quem é você, porra?

O Desmancha-Navios encarou Kosta com olhos que pareciam de um pássaro subitamente confrontado por um bico rival na hora em que ia pegar uma minhoca.

– Tavrín Callas – respondeu Kosta. – De Lashane.

– Um nobre? – perguntou o Desmancha-Navios.

– Da Terceira Ordem. Não precisa usar meu título.

– E não vou mesmo. Por que está farejando este navio?

– Seu crânio deve ser mais mole do que sua barriga! Estou pensando em comprá-lo da capitã Drakasha.

– Sou *eu* que compro navios na Baía Pródiga.

– Com base em quê, num decreto dos deuses? Eu tenho verba e é só isso que importa.

– Suas verbas não vão ajudá-lo a nadar, garoto...

– *Chega* – ordenou Drakasha. – Até que um de vocês pague por ele, é no *meu* navio que vocês estão.

– Você está muito longe de casa, moleque, e se atravessar o meu

caminho...

– Se quiser este navio, pague o preço justo por ele. – Drakasha se inflamou, com irritação genuína. O Desmancha-Navios era poderoso e útil, mas numa disputa de força qualquer capitão do Mar de Bronze poderia esmagá-lo sob o calcanhar. A falta de concorrência o levava a abusar demais da paciência dos outros. – Se lorde Callas fizer a melhor oferta, eu venderei a ele. Já podemos parar de ser idiotas?

– Estou preparado para comprar meu navio – garantiu Kosta.

– Ei, espere aí, capitã – interveio Delmastro, pegando a deixa. – Nós sabemos que o Desmancha-Navios pode pagar. Mas ainda não vimos o dinheiro do lorde.

– Del está certa – concordou Drakasha. – Por aqui, nós usamos cartas de crédito para limpar a bunda, lorde Callas. É melhor ter alguma coisa pesada nessas bolsas.

– Claro – disse Kosta, estalando os dedos.

Jerome avançou e largou uma pasta aos pés de Drakasha. Ela bateu no convés com um tilintar.

– Gwillem – chamou ela, sinalizando para ele avançar.

O intendente se agachou sobre a pasta, abriu os fechos e revelou uma pilha de moedas de ouro – uma combinação da bolsa do navio de Zamira e as verbas que Leocanto e Jerome haviam trazido para o mar. Gwillem ergueu uma moeda, segurou-a à luz do sol e mordeu-a. Assentiu.

– É das boas, capitã. Solari de Tal Verrar.

– Há 700 nessa pasta – assegurou Kosta, o que era a deixa para Jerome jogar a segunda no convés ao lado. – Mais 700.

Gwillem abriu a segunda pasta, permitindo que o Desmancha-Navios visse que ela também transbordava de ouro. Continha cinco ou seis camadas de solaris sobre uma bolsa de seda cheia de moedas de prata e cobre. A terceira pasta era igualmente uma fraude, mas Zamira esperava que Kosta não precisasse provar seu argumento de novo.

– E com isso eu lhe dou mil, para começar – anunciou Leocanto.

– Devem ser moedas de baixa qualidade – disse o Desmancha-Navios. – Isso é intolerável, Drakasha. Traga uma balança do seu navio e eu vou pegar as minhas.

– Essas moedas são perfeitas – rebateu Kosta, trincando os dentes. – Todas elas. Sei que a senhora vai verificá-las, capitã, e sei o que valeria

minha vida se a senhora descobrisse que qualquer uma delas é falsificada.

– Mas...

– Sua profunda preocupação com meu bem-estar é notável, Desmancha-Navios – observou Drakasha –, mas lorde Callas está totalmente correto e eu julgo que ele é sincero. Ele oferece mil. O senhor quer aumentar o lance?

– As apostas estão abertas, velhote – provocou Leocanto. – Você pode mesmo oferecer mais?

– Mil e dez – respondeu o Desmancha-Navios.

– Mil e *cem* – retrucou Kosta. – Pelos deuses, estou me sentindo como se jogasse cartas com meus cavaliços.

– Mil e cento e cinquenta – chiou o adversário.

– Mil e duzentos.

– Ainda nem examinei as madeiras dele...

– Então deveria ter atravessado a baía mais depressa. Mil e duzentos.

– Mil e trezentos.

– Esse é o espírito. Finja que pode me acompanhar. Mil e quatrocentos.

– E quinhentos. Estou avisando, Callas, se você aumentar o preço vai haver consequências.

– Pobre e velho balde de banha, obrigado a se contentar com um lucro ridículo, em vez de um lucro obscuro. Mil e seiscentos.

– De onde você *veio*, Callas?

– Comprei passagem no barco de um mercador independente.

– Qual?

– Não é da sua conta. Mil e seiscentos. O que você...

– Mil e *oitocentos* – sibilou o Desmancha-Navios. – Está ficando sem bolsas, seu fingidor lashani?

– Mil e novecentos – disse Kosta, denotando um tom de preocupação na voz pela primeira vez.

– *Dois mil solaris*.

Leocanto conferenciou brevemente com Jerome, dando um espetáculo. Olhou para os pés e murmurou:

– Vá se foder, velhote. – Fez um gesto para Jerome recolher as pastas no convés.

– Vendido ao Desmancha-Navios – anunciou Zamira, contendo um sorriso enorme. – Dois mil foi o preço.

– Rá! – O rosto do Desmancha-Navios se contorceu com um triunfo que

parecia quase doloroso. – Eu poderia comprar dez de vocês por capricho, moleque. Se algum dia eu sentir necessidade de enfiar o pau em algo estrangeiro e inútil.

– Bom, você venceu – disse Leocanto. – Parabéns. Estou desconcertado.

– E deve estar mesmo, já que de repente está no meu navio. Agora eu gostaria de ouvir o que você pagaria para impedir que eu coloque você num espeto sobre uma fogueira...

– Desmancha-Navios – cortou Drakasha. – Até que eu veja 2 mil solaris nas minhas mãos, este não é seu navio nem no *inferno*.

– Ah – fez o velho. – Uma questão técnica. – Ele bateu as palmas das mãos e seus escravos mandaram a cadeira suspensa de volta à barca, presumivelmente para ser carregada com ouro.

– Capitã Drakasha – disse Kosta –, obrigado pela tolerância, mas eu sei quando é hora de me retirar...

– Del, leve lorde Callas e seu criado a um dos nossos botes – ordenou Drakasha. – Lorde Callas, o senhor está convidado a jantar na minha cabine. Depois disso podemos... mandá-lo de volta ao seu lugar.

– Estou em dívida para com a senhora, capitã. – Kosta fez uma reverência mais profunda do que era necessário e desapareceu pela portinhola de entrada com Delmastro e Jerome.

– Estripe o pirralho sacaninha – falou o Desmancha-Navios em voz alta. – Fique com o dinheiro dele.

– Estou contente com o seu – retrucou Zamira. – Além disso, gosto da ideia de ter um barão lashani *genuíno* convencido de que me deve a vida.

Os escravos do Desmancha-Navios transferiram um saco após outro de moedas para o convés do *Mensageiro*, com prata e ouro, até que o preço combinado formasse uma pilha aos pés de Zamira. Gwillem iria contar tudo com tranquilidade, claro, mas Zamira não achava que haveria fraude ou moedas falsas, devido à mesma lógica que “Tavrin Callas” havia exposto alguns minutos antes. O Desmancha-Navios mantinha uma dúzia de mercenários bem equipados em sua propriedade fortificada nos limites da cidade, mas se enganasse uma capitã, seria perseguido por pelotões de piratas, e os dias em que ele conseguia correr eram uma lembrança distante.

Drakasha deixou o *Mensageiro* nas mãos dos guardas e escravos do Desmancha-Navios e estava de novo à bordo do *Orquídea* em meia hora, sentindo o contentamento costumeiro advindo da venda de uma presa.

Menos uma complicação para preocupá-la. Agora toda a sua tripulação estaria de volta num único navio, as divisões de cotas seriam feitas, a bolsa do navio estaria substancialmente enriquecida. Os ex-Mensageiros feridos que não haviam participado do saque do *Martim-Pescador* representavam um pequeno problema, mas todos optaram pela indignidade temporária da equipe do esfregão, se a alternativa era serem deixados adoentados em Pródigo.

– Ravelle, Valora – chamou ela, encontrando os dois sentados no porão do castelo, sorrindo e conversando com Del e uma dúzia de tripulantes. – Foi melhor do que eu esperava.

– Setecentos ou oitocentos a mais do que seria possível – comentou Gwillem, surpreso.

– Muito mais gordura para as cotas de todo mundo – observou Valora.

– Até que o sacana gaste algum dinheiro para sondar os mercadores independentes – lembrou Del, com uma sobrancelha erguida, numa mistura de admiração e incredulidade. – Quando ele descobrir que ninguém trouxe nenhum nobre lashani recentemente para qualquer lugar perto de Pródigo...

– Claro que ele vai deduzir o que aconteceu, cedo ou tarde. – Kosta balançou a mão, sem dar importância. – Essa é a beleza da coisa. Esses tiranozinhos metidos a besta, egoístas, que vivem fazendo ameaças... bem, a gente pode dançá-los conforme nossa música. Jamais, nem em mil anos, ele deixaria alguém saber que a senhora o enganou em plena luz do dia com um truque tão simples. E com a margem de lucro que ele arranca de todo navio que tira da senhora, nem no inferno ele vai contra-atacar, a não ser com palavras birrentas.

– Ele não tem poder para fazer pressão, se é nisso que ele está pensando – completou Zamira. – Foi tudo bem-feito. Mas isso não significa que você pode andar por aí à vontade com essas roupas chiques a noite toda. Guarde-as de novo.

– Claro... capitã.

– E quer o Desmancha-Navios fique calado ou não, acho melhor manter vocês dois fora de vista pelo resto do tempo que passarmos aqui. Os dois permanecerão confinados ao navio.

– O quê?! Mas...

– Acredito – disse Drakasha num tom firme mas divertido – que não seja sensato deixar dois sujeitos como vocês livres com muita frequência. Vou

lhes dar uma coisinha extra da bolsa do navio para compensar o incômodo.

– Ah, é justo. – Kosta começou a tirar os componentes mais delicados de seu figurino elegante. – Acho que, de qualquer modo, não sinto um desejo particular de ter a garganta cortada num beco.

– Garoto esperto. – Zamira se virou para Delmastro. – Del, vamos fazer uma lista para o Turno Alegre desta noite. Eles podem ir para a terra conosco quando formos para o conselho. Digamos... metade da tripulação do navio. Faça com que seja justo.

– Certo – respondeu Del. – E até voltarmos da reunião, eles podem esperar nos botes, convenientemente atentos a qualquer encrenca, não é?

– Exato. Assim como todos os outros tripulantes, espero.

– Capitã – sussurrou Del, quase grudada no ouvido de Zamira –, de que se trata essa reunião, afinal?

– Negócios ruins, Ezri. – Ela olhou para Leocanto e Jerome, que sorriam e brincavam um com o outro, sem perceber que estavam sendo vigiados. – Ruins se forem verdadeiros. Ruins se não forem.

Ela pôs um braço em volta do ombro de Ezri – a jovem que dera as costas para a vida de mimada aristocrata de Nicora, que ascendera da equipe do esfregão até o posto de imediata, que quase fora morta duas vezes mais que os anos a serviço do *Orquídea*, na luta para preservá-lo flutuando.

– Certas coisas que você vai ouvir esta noite se referem a Valora. Não tenho como adivinhar o que vocês dois conversaram em particular... nos raros interlúdios em que passaram seus momentos privados *falando*... – Ezri levantou o queixo, sorriu e não se dignou a ficar ruborizada – ... mas o que eu tenho a dizer talvez não agrade.

– Se houver alguma coisa a ser resolvida entre nós, confio que ele vai resolver – comentou Ezri baixinho. – E não tenho medo de ouvir nada.

– Essa é a minha Ezri. Bom, então vamos nos vestir para encontrar os colegas. Armaduras e sabres. Lubrifique suas bainhas e afie as facas. Talvez precisemos das ferramentas para dar alguns argumentos de despedida, caso a conversa fique feia.

CAPÍTULO TREZE

Pontos de decisão

1

Um quilômetro e meio de praia solitária separa Porto Pródigo das ruínas de sua decaída sentinela de pedra: *Castana Voressa*, Forte Glorioso.

Construída para dominar o lado norte da baía que servia a Porto Glorioso antes que uma mudança na sorte dos Ventos Fantasma trouxesse uma modificação equivalente ao nome da cidade, agora a fortaleza não bastaria para conter um ataque de palavrões, quanto mais das lâminas e flechas de uma força hostil.

Dizer que foi construída com material barato seria uma injustiça para os pedreiros unhas de fome; várias cargas de blocos de granito verrari foram desviadas para o comércio de construções de casas em troca de dinheiro para o vinho, por oficiais entediados longe demais de casa. Planos grandiosos para muralhas e torres se tornaram planos grandiosos para uma muralha, e finalmente planos modestos para um muro menor com um alojamento. E, para fechar com chave de ouro, a guarnição de soldados para lá destinados se perdeu no caminho, devido a uma tempestade de fim de verão.

O único remanescente útil do forte é um pavilhão de pedra circular a uns 50 metros da água, ligado à ruína principal por um largo caminho elevado de pedras. O local deveria ser uma plataforma para catapultas, mas nenhuma chegou. Hoje em dia, quando os capitães piratas de Porto Pródigo convocam um conselho para discutir seus negócios, o pavilhão é sempre o lugar e o horário é sempre o crepúsculo. Ali, eles discutem com privacidade, de pé sobre pedras de um império verrari que jamais se concretizou, em

cima das ambições frustradas de uma cidade-estado que, mesmo assim, frustrou as ambições deles sete anos antes.

2

Começou como todas as reuniões de que Zamira se lembrava: sob o céu vermelho-púrpura do crepúsculo, com lanternas acima das pedras antigas, o ar úmido denso como o hálito de um animal e os insetos picando com força máxima.

Quando o conselho de capitães era convocado, nunca havia vinho, comida ou assentos. Sentar-se apenas deixava as pessoas mais inclinadas a desperdiçar tempo. O desconforto despia o sentimento das palavras de todos e os levava depressa ao âmago dos problemas.

Para surpresa de Zamira, ela e Ezri foram as últimas a chegar. Zamira assentiu cordialmente enquanto encarava um de cada vez.

Primeiro, havia Rodanov, agora armado, com sua imediata Ydrena Koros, uma loura magra, apenas um pouco mais alta do que Ezri. Ela tinha a pose de uma duelista profissional e grande reputação com a cimitarra jereshti de lâmina larga.

Ao lado deles, se achava Pierro Strozzi, um careca amigável perto dos 50 anos, ladeado por seu tenente, reconhecido como Jack Arranca-Orelhas, pois gostava de fazer isso com seus inimigos derrotados. Dizia-se que ele as curtia e costurava, fazendo colares elaborados, que mantinha trancados em sua cabine.

Rance estava ali, com Valterro ao lado, como sempre. O lado direito do maxilar da capitã tinha vários tons arrepiantes de preto e verde, mas ela ficava de pé sozinha e pelo menos teve a cortesia de não encarar Zamira com fúria quando achava que a rival a observava.

O último chefe, mas não menos importante, era Jacqueline Colvard, chamada de “a Velha dos Ventos Fantasmas”, ainda elegante aos 60 e tantos anos, apesar de grisalha e queimada de sol feito couro velho. Sua atual protegida, portanto amante, era Maressa Vicente, cujas habilidades de luta e navegação ainda não eram muito conhecidas. A jovem sem dúvida parecia bastante capaz.

Até que um deles fosse embora, estavam isolados do resto do mundo.

Grupos de tripulantes, cerca de meia dúzia de cada navio, misturavam-se desconfortavelmente no fim da trilha elevada. Ninguém mais teria permissão de caminhar por ela até que a reunião terminasse.

Então, pensou Zamira, como vamos fazer isso?

– Zamira, foi você que convocou o conselho – lembrou Rodanov. – Vamos ouvir o que está na sua mente.

Direto à ação, então.

– Não tanto na minha mente, Jaffrim, mas na de todos nós. Há evidências de que o Arconte de Tal Verrar tem planos inconvenientes para nós outra vez.

– Outra vez? – Rodanov fechou os punhos enormes. – Foi *Bonaire* que teve planos inconvenientes, Zamira; deveríamos saber que Stragos faria o que qualquer um de nós teria feito no lugar dele...

– Não me esqueci de nem ao menos um dia daquela guerra, Jaffrim. – Zamira sentiu os pelos da nuca se arrepiarem, apesar de sua decisão de ser paciente. – Você sabe muito bem que eu passei a chamar aquilo de erro.

– A Causa Perdida – bufou Rodanov. – Melhor chamar de Porra de Ideia Imbecil. Seria bom se você tivesse visto aquilo como uma loucura na época!

– Seria bom se você tivesse feito mais do que *falar* na época – interveio Strozzi em tom ameno. – Falar e ir embora quando a frota do Arconte escureceu o horizonte.

– Eu nunca participei da sua porcaria de Armada, Pierro. Me ofereci para atrair alguns navios dele para longe e foi o que fiz. Sem minha ajuda, vocês teriam perdido o barlavento mais cedo e seriam flanqueados pelo norte. Chavon e eu seríamos os únicos capitães de pé aqui...

– *Parem com isso!* – gritou Zamira. – Eu convoquei o conselho e tenho mais coisas a dizer. Não chamei todos aqui para cutucar velhas feridas.

– Fale – disse Strozzi.

– Há um mês, um brigue saiu de Tal Verrar. O capitão o roubou da Marina da Espada.

Houve uma súbita explosão de murmúrios e um balançar de cabeças. Zamira sorriu antes de continuar.

– Para formar sua tripulação, ele entrou na Rocha de Barlavento e esvaziou uma câmara inteira de prisioneiros. A intenção era navegar para o sul e se juntar a nós em Porto Pródigo. Para içar a bandeira vermelha.

– Quem seria capaz de roubar um navio do Arconte num porto vigiado?

– questionou Rodanov, como se não acreditasse muito nessa possibilidade. – Eu gostaria de conhecê-lo.

– Já conheceu – informou Zamira. – O nome dele é Orrin Ravelle.

Valterro, que estivera em silêncio atrás da capitã Rance, quase engasgou.

– *Aquele* escrotinho...

– Quietos – cortou Zamira. – Você perdeu sua bolsa ontem à noite, não foi? Ravelle tem mãos rápidas. Mãos rápidas, mente ágil, talento para comandar e jeito com uma arma. Ele ganhou lugar na minha tripulação matando quatro Redentores Jeremitas sozinho. – Zamira divertiu-se ao promover Kosta com as mesmas meias verdades em que ele trabalhara tanto para fazê-la desacreditar.

– Você disse que ele tinha seu próprio navio – observou Rodanov.

– É. O *Mensageiro Vermelho*, que foi vendido ao Desmancha-Navios esta tarde mesmo. Pierro, você o viu no Promontório Queimado há alguns dias, não viu?

– Vi.

– E lá estava eu, cuidando da minha vida, inocentemente catando presas aqui e ali no Mar de Bronze quando por acaso dei de cara com o *Mensageiro* de Ravelle. Interrompi os planos dele, para dizer o mínimo. Encontrei furos na história dele e consegui espremê-la inteira, mais ou menos.

– E que história é essa? – Rance parecia ter pedras na boca, mas dava para compreendê-la.

– Pense bem, Rance. Quem é Ravelle? Um ladrão, sem dúvida. Treinado para fazer muitas coisas incomuns. Mas um homem seria capaz de tirar um brigue do porto trancado da Marina da Espada? Um homem poderia invadir a Rocha de Barlavento, dominar todos os guardas, libertar todos os prisioneiros de uma câmara e enfiá-los em seu brigue, roubado convenientemente na mesma noite?

– Ahn... Bom, pode ser que...

– Ele não fez isso sozinho – falou Colvard pela primeira vez, em voz baixa, mas atraindo os olhares de todos no pavilhão. – Stragos deve tê-lo deixado escapar.

– Exatamente – concordou Zamira. – Stragos o deixou escapar. Stragos lhe deu uma tripulação de prisioneiros ansiosos por qualquer tipo de liberdade. Stragos lhe deu um navio. E fez tudo isso sabendo que Ravelle navegaria para o sul. Viria se juntar a nós.

– Ele queria um agente entre nós – explicou Strozzi, com uma empolgação pouco característica.

– É. Mais do que isso. – Zamira passou os olhos pelo círculo de piratas, certificando-se de que tinha a atenção integral antes de prosseguir: – Ele *tem* um agente entre nós. A bordo do meu navio. Orrin Ravelle e seu companheiro Jerome Valora estão agora a serviço do Arconte.

Ezri girou a cabeça bruscamente para encarar Zamira, boquiaberta. A capitã apertou seu braço com discrição.

– Mate-os – sugeriu Colvard.

– A situação é mais complicada e mais séria do que isso.

– É séria mesmo, para esses dois homens de quem você fala. Acho melhor transformar complicações em cadáveres.

– Se eu tivesse descoberto a trama deles sozinha, isso já teria sido feito. Mas foi Ravelle que me confessou essas coisas. Segundo diz, ele e Valora são agentes contra a vontade. Stragos lhes deu um veneno latente e afirma ter o antídoto. Dentro de mais um mês, eles precisarão tomar a segunda dose.

– Então a morte seria um favor – resmungou Rance. – Aquele sacana jamais deixará que eles sejam mais do que marionetes.

Rodanov balançou a mão, sinalizando para ela se calar.

– Qual era a missão deles, segundo Ravelle? Nos espionar?

– Não, Jaffrim. – Zamira pôs as mãos às costas e começou a andar lentamente de um lado para o outro no centro do pavilhão. – Stragos quer que nós lhe façamos o favor de içar outra vez a bandeira vermelha à vista de Tal Verrar.

– Isso *não* faz sentido – rebateu Strozzi.

– Faz, quando você considera as necessidades do Arconte – reagiu Colvard.

– Como assim? – perguntaram Rance e Strozzi em uníssono.

– Ouvi dizer que as coisas estão ruins entre o Arconte e o *Priori* – explicou Colvard. – Se alguma coisa aparecer e causar medo nos ótimos cidadãos de Tal Verrar, o apreço deles pelo exército e pela marinha aumentará.

– Stragos precisa de um inimigo externo a Tal Verrar – completou Zamira. – Precisa disso depressa e é necessário uma garantia de que suas forças possam chutá-lo à vontade. – Ela abriu os braços, encarando os colegas capitães e imediatos. – É o mesmo que sermos pintados como alvos.

– Não há lucro em lutar conosco... – começou Strozzi.

– Para os que lucram com moedas, você está certo. Mas, para Stragos, isso significa tudo. Ele jogou com um navio, uma tripulação de prisioneiros e a própria reputação na missão de Ravelle. Vocês não acham que ele está agindo a sério? Ele se tornou motivo de risos permitindo que um “pirata” escapasse de seu porto seguro, só com o objetivo de se redimir nos esmagando mais tarde. – Zamira juntou os punhos. – Essa era a tarefa de Ravelle: nos convencer, nos enganar, mentir para nós, nos subornar. E se não pudéssemos ser levados a servir, seu plano era fazer isso pessoalmente, no *Mensageiro*.

– Então nosso rumo é óbvio – disse Rodanov. – Não vamos dar nada ao Stragos. Não vamos dançar em volta da força dele. Vamos manter 800 quilômetros de distância de Tal Verrar, como fizemos desde a guerra. Se for preciso, bancaremos os humildes durante alguns meses. – Ele estendeu a mão e deu um tapa caloroso na pança de Strozzi. – Vamos viver da gordura acumulada.

– Se é que podemos ter êxito nisso, pedindo o seu perdão, capitão – falou Ydrena Koros. – Essa sua evidência, capitã Drakasha... A palavra de dois homens parece mais frágil do que...

– Não é só a palavra deles – interrompeu Zamira. – Pense, Koros. Eles tinham o *Mensageiro Vermelho*. A tripulação, cujos sobreviventes agora fazem parte da *minha* tripulação, veio de fato da Rocha de Barlavento. O Arconte os mandou, sem dúvida.

– Concordo – falou Colvard –, mas também concordo com Jaffrim: ficar longe da provocação é o modo mais sensato...

– *Seria* o mais sensato se Stragos estivesse fazendo isso por capricho – cortou Zamira. – Mas não está, não é? Ele está lutando pela própria vida. Seu posto está correndo risco. Ele precisa de nós.

Ela andou de novo pelo centro do pavilhão, lembrando-se dos “argumentos” que havia oferecido no correr dos anos em suas representações de magistrada nos rituais de iniciação. Será que aquelas atitudes teatrais eram mais convincentes? Esperava que sim, pelos deuses.

– Se nós jogarmos Ravelle e Valora no mar e os ignorarmos, ou se ficarmos longe de Tal Verrar, Stragos tentará outra coisa. Alguma trama ou truque para nos atrair para a luta, ou para convencer seu povo de que estamos provocando uma luta. Só que da próxima vez os deuses talvez não

permitam que os instrumentos do desígnio dele caiam nas nossas mãos. Vamos estar cegos.

– Há mais hipóteses aí do que praticamente tudo que já ouvi no Colégio – retrucou Rodanov.

– O *Mensageiro Vermelho* e os prisioneiros indicam que Stragos fez uma aposta – disse Colvard. – Isso significa que ele não pode se mover às claras ou com confiança. Sabendo o que sabemos sobre a situação em Tal Verrar... eu diria que essa ameaça é real. Se Stragos precisa de um inimigo, nós somos os únicos pretendentes nesta dança que se ajustam à necessidade dele. O que mais ele pode fazer? Chamar Balinel para a luta? Camorr? Lashane? *Kartane*? Não mesmo.

– O que você gostaria que fizéssemos, Zamira? – Rodanov cruzou os braços e fez uma cara feia.

– Nós temos meios de atacar o Arconte.

– Nós *não* podemos lutar contra a marinha verrari – objetou Rodanov. – Nem podemos invadir a droga da cidade, invocar raios do céu nem pedir aos deuses para educadamente se livrar do Stragos para nós. Então de que modo podemos atacar? Ferindo os sentimentos dele com cartas maldosas?

– Stragos espera que Ravelle e Valora se apresentem diretamente a ele para receber o antídoto.

– Eles têm acesso a ele – compreendeu Colvard. – Um assassinato!

– Pelo qual eles seriam culpados se sobrevivessem – observou Strozzi.

– Bom para eles – falou Rodanov. – E aí? Você quer nosso consentimento para levá-los de volta a Tal Verrar e soltá-los? Tudo bem. Eu ficaria feliz em emprestar um par de facas a eles.

– Segundo a perspectiva de Ravelle e Valora, só há uma pequena complicação: eles prefeririam obter um antídoto permanente *e depois* acabar com o Stragos.

– Infelizmente é raro realizarmos nossos desejos na vida... – comentou Rance.

– Diga a ele que temos um antídoto – propôs Colvard. – Convença-os de que temos os meios para livrá-los dessa situação. Depois solte-os em cima do Arconte... Tanto faz se eles vão sobreviver ou não ao assassinato.

Ezri abriu a boca para discordar, mas Zamira a encarou com o olhar mais gélido de seu arsenal treinado por tanto tempo.

– Isso é maravilhosamente ardiloso – falou Zamira, quando teve certeza

de que Ezri iria se conter –, mas é conveniente demais. Se você estivesse no lugar deles, acreditaria nessa afirmação?

– Minha cabeça está começando a girar – reclamou Strozzi. – O que diabos você quer fazer, Zamira?

– Eu gostaria – respondeu ela, enunciando cada palavra com muito cuidado – que nenhum de vocês ficasse alarmado demais se eu achar necessário provocar certo tumulto nas imediações de Tal Verrar.

– E com isso invocar nossa destruição! – gritou Rodanov. – Quer ver Porto Pródigo saqueado como Montierre? Quer nos ver espalhados por meio mundo e nossas rotas de comércio sem vigilância cheias de furiosos navios de guerra verraris?

– Se eu fizer alguma coisa – disse Zamira –, a discricção seria...

– Impossível – rosnou Rodanov. – Assim, Stragos vai terminar o serviço que começou ao esmagar a Armada Livre. Ele vai destruir nosso meio de vida!

– Ou *preservá-lo*. – Zamira pôs as mãos nos quadris. – Se Stragos está decidido a nos pressionar, ele vai nos pressionar, quer dancemos segundo a música dele ou não. A bordo do meu navio, estão nossos meios, nossos *únicos* meios de lutar contra ele. Se Stragos for derrubado, o Arconato vai cair junto. E se o *Priori* governar Tal Verrar, podemos saquear este oceano o quanto quisermos até o dia da nossa morte.

– Por que você iria querer entrar no jogo do Arconte, mesmo com... discricção? – perguntou Strozzi.

– Ravelle e Valora não são santos – explicou Zamira. – Não estão dispostos a jogar a vida fora em nosso benefício. Eles querem viver e, para isso, precisam de tempo. Se Stragos acreditar que eles estão trabalhando duro para ele, vai lhes conceder as semanas ou os meses necessários para encontrar uma solução. E, enquanto isso, pode ser que ele adie seus outros planos.

– Essas semanas e meses também podem ser o tempo suficiente para ele conseguir o apoio da cidade – retrucou Rodanov.

– Vocês devem confiar que eu vou ser delicada. Como capitães irmãos, é isso que estou pedindo, no fim das contas. Não importa o que vocês ouvirem com relação a Tal Verrar, confiem no meu julgamento.

– É um pedido significativo – comentou Colvard. – Nenhum de nós iria ajudar?

– Não posso pensar em nada que fosse *mais* contraproducente do que todos nós aparecermos uma manhã em Tal Verrar. O Arconte teria sua guerra em dez minutos, mais ou menos. Portanto, deixem essa tarefa comigo. É um risco só para o meu navio.

– É um risco para todos nós – rebateu Rodanov. – Você está pedindo que coloquemos nosso destino e o de Porto Pródigo nas suas mãos. Sem qualquer supervisão.

– E foi diferente nesses últimos sete anos? – Ela encarou cada capitão. – Cada um de nós *sempre* esteve à mercê dos outros. Qualquer um de nós poderia ter golpeado muito ao norte, atacado um navio que carregasse o primo real de alguém, assassinado marinheiros demais ou simplesmente ficado ganancioso demais para ser ignorado. Nós estivemos em perigo o tempo todo. Estou apenas fazendo a cortesia de avisar antes, pela primeira vez.

– E se você fracassar? – questionou Rance.

– Se eu fracassar, não haverá pena para vocês aplicarem: já estarei morta.

– Nossos juramentos de não interferência – disse Colvard. – É isso que você quer, não é? Uma promessa de manter as espadas nas bainhas enquanto você joga a regra mais importante da nossa... associação pela sua janela de popa.

– Não havendo alternativas melhores, sim. É isso mesmo que estou pedindo.

– E se recusarmos? – perguntou Rodanov em voz baixa. – Se nós, quatro contra um, proibirmos isso?

– Então alcançaremos uma fronteira que todos tememos atravessar – respondeu Zamira, encarando-o também.

– *Eu* não vou proibir – interveio Rance. – Prometo manter as mãos longe de você, Zamira. Se você suar para que eu tenha lucro, tanto melhor. E se você morrer fazendo isso, não vou ficar de luto.

– Eu também dou meu juramento – disse Colvard. – Zamira está certa: nossa segurança coletiva depende de quem de nós for mais maluco. Se houver uma chance de chutar Maxilan de cima do seu pedestal, rezo pelo seu sucesso.

– Obviamente, Zamira Drakasha vota a favor de Zamira Drakasha – completou Zamira, fitando Rodanov e Strozzi.

– Não gosto de nada disso – reagiu Strozzi. – Mas, se der merda, nenhum

navio neste oceano pode correr como o meu *Águia-Pescadora*. – Ele sorriu e estalou os nós dos dedos. – Inferno. Balance a saia para o Arconte e veja se ele está a fim de um roça-roça. Eu não vou estar por perto.

Todos os olhares se voltaram para Rodanov.

– Parece que eu tenho em mãos a oportunidade de ser... antissocial. – Ele suspirou e esfregou a testa. – Não creio que nada disso seja sensato, mas se sua promessa de discricção for tão rígida quanto meu juramento de não interferência... muito bem. Vá acionar as engrenagens dessa trama insana.

– Obrigada. – Zamira sentiu o alívio se espalhar pelo corpo, da cabeça aos pés. – Não é mais fácil do que fazermos picadinho uns dos outros?

– Isso precisa ficar entre nós – lembrou Colvard. – Não peço um juramento, eu *espero* um juramento. Stragos pode ter outros olhos e ouvidos em Pródigo. Se isso chegar a alguém que não está aqui, o tempo que passamos nesta reunião, para não mencionar a missão de Zamira, será um desperdício completo.

– Certo – concordou Strozzi. – Silêncio. Todos os deuses são nossas testemunhas.

– Todos os deuses são nossas testemunhas – repetiram os outros.

– Você vai partir imediatamente? – indagou Colvard.

– Minha tripulação precisa de uma noite em terra. Não posso pedir para voltarem sem ter ao menos isso. Vou mandar metade de cada vez, vender o resto do meu saque o mais rápido possível. Pretendo sair do porto em dois ou três dias.

– São três semanas até Tal Verrar – disse Rodanov.

– Certo – confirmou Zamira. – Não há sentido em nada disso se nossos rapazes caírem mortos no caminho. Pretendo ser rápida. – Ela se aproximou de Rodanov, pôs uma das mãos na bochecha direita dele e ficou nas pontas dos pés para beijar a esquerda. – Jaffrim, eu já desapontei você alguma vez?

– Nunca desde a guerra. Ah, merda, não devia ter dito isso. Não me ponha na berlinda assim, Zamira. Só... não faça merda.

– Ei – chamou Colvard –, como é que eu posso ganhar uma atenção assim?

– Estou me sentindo generosa, mas fique com as mãos onde estão, se prefere que elas continuem presas ao corpo.

Zamira sorriu, beijou Colvard no meio da testa enrugada e lhe deu um abraço. Cautelosamente, porque era difícil acomodar todas as espadas e

adagas que as duas estavam usando.

É sempre assim, pensou Zamira. É sempre assim nessa vida.

3

Utgar esperava na portinhola de entrada para ajudar quando Zamira e Ezri subiram de novo pelo costado do *Orquídea Venenosa*. Eram dez e meia da noite.

– Bem-vinda de volta, capitã. Como está?

– Passei o dia discutindo com o Desmancha-Navios e o conselho de capitães – murmurou Zamira. – Quero meus filhos e quero uma bebida. Ezri...

– Sim?

– Você, Ravelle, Valora. Na minha cabine, imediatamente.

Assim que entrou em seu aposento, Zamira jogou na rede o casaco, os sabres, o colete de Vidrantigo e o chapéu. Acomodou-se com um gemido em sua cadeira predileta e recebeu Paolo e Cosetta no colo. Perdeu-se no cheiro familiar dos cabelos encaracolados dos dois e olhou com absoluta satisfação os dedinhos quando os pegou em suas mãos ásperas. Os de Cosetta, ainda tão minúsculos e inseguros... os de Paolo, crescendo e ficando mais hábeis a cada semana. Pelo amor dos deuses, eles estavam crescendo depressa demais, depressa demais.

A conversa familiar a acalmou até o âmago; aparentemente, Paolo havia passado a tarde lutando contra monstros que viviam num dos seus baús de viagem e, naquele momento, Cosetta tinha planos de crescer e virar Rei dos Sete Tutanos. Zamira pensou brevemente em explicar a diferença entre um rei e uma rainha, mas achou que o esforço não valia a pena; contradizer Cos só levaria a dias de discussões sem fim.

– Rei! Dos Sete *Tutandos*! – exclamou a menininha, e Zamira assentiu, solene.

– Lembre-se da sua pobre família quando você entrar no seu reino, querida.

A porta se abriu e Ezri apareceu com Kosta e Valora... ou seria mestre de Ferra? Malditas identidades falsas.

– Tranque a porta – pediu Zamira. – Paolo, pegue quatro copos para a

mamãe. Ezri, pode cuidar de uma daquelas garrafas de Azul Lashani? Estão bem atrás de você.

Paolo, assoberbado pela responsabilidade, colocou quatro copos pequenos na mesa laqueada em cima dos baús. Kosta e De Ferra acomodaram-se em almofadas no chão e Ezri tirou rapidamente a rolha encerada que lacrava a garrafa. O cheiro de limões frescos permeou a cabine e a tenente encheu cada copo até a borda com o vinho da cor das profundezas do oceano.

– Infelizmente, não farei brindes – disse Zamira. – Às vezes, a gente apenas precisa de uma bebida. Aproveitem.

Segurando Cosetta com o braço esquerdo, Zamira tomou seu vinho num gole só, apreciando o gosto mesclado de especiarias e frutas cítricas, sentindo o pinicar da ardência gélida.

– Quero – exigiu Cosetta.

– Essa bebida é da mamãe, Cos, você não vai gostar.

– Quero!

– Eu disse... Ah, tudo bem. Não dá para temer o fogo sem se queimar.

Ela serviu uma quantidade mínima do vinho azul em seu copo e entregou cuidadosamente a Cosetta. A menina pegou-o com uma expressão da maior solenidade, virou-o na boca e depois bateu-o na mesa com estrépito.

– Parece MIJO! – berrou, sacudindo a cabeça.

– Sempre há algumas desvantagens em criar filhos entre os marinheiros – comentou Zamira, pegando o copo antes que caísse da mesa. – Mas, afinal de contas, sem dúvida eu é que estou fazendo a maior contribuição para o vocabulário dela.

– MIIIIIIJO! – gritou Cosetta, rindo, imensamente satisfeita consigo mesma. Zamira mandou-a ficar quieta.

– Eu faço um brinde – disse Kosta, abrindo um sorriso enviesado e erguendo o copo. – À percepção clara. Só agora, depois de todas essas semanas, percebi quem é a *verdadeira* capitã desta embarcação.

De Ferra deu um risinho e bateu o copo no dele. Mas Ezri deixou seu vinho intocado na mesa e olhou para as próprias mãos. Zamira decidiu ser rápida: Ezri claramente precisava ficar a sós com Jerome.

– É o seguinte, Ravelle – começou Zamira. – Eu não sabia que argumentaria a favor do seu plano até que me peguei fazendo isso.

– Então a senhora vai nos levar...

– De volta a Tal Verrar. Sim. – Ela se serviu de mais um copo de vinho e tomou um gole mais conservador. – Convenci o conselho a não entrar em pânico caso cheguem histórias do Norte falando da trama que vamos pôr em prática.

– Obrigado, capitã, eu...

– Não me agradeça com palavras, Ravelle. – Zamira bebericou de novo e pousou o copo. – Agradeça mantendo seu lado do acordo. Descubra um modo de matar Maxilan Stragos.

– Sim.

– Deixe-me esclarecer outra coisa. – Zamira virou Cosetta com cuidado no colo, de modo que a menininha olhasse diretamente para Kosta. – Todo mundo a bordo deste navio estará arriscando a vida para lhe dar uma chance nesse plano. *Todo mundo.*

– Eu... eu entendo.

– Se o tempo passar e não pudermos encontrar uma solução para o que Stragos fez a vocês... bom, seu acesso a ele não é eterno. Farei tudo ao meu alcance para ajudá-los antes que a coisa chegue a esse ponto. Mas se não houver alternativa, se o tempo se esgotar e o único modo de vocês o derrubarem for sacrificando-se, não esperarei vê-los de novo, entendeu?

– Se a coisa chegar a esse ponto, vou arrastá-lo ao julgamento dos deuses com minhas mãos nuas – garantiu Kosta. – Vamos os dois juntos.

– Pelos deuses – disse Cosetta. – Mãos nuas!

– Mijo! – gritou Kosta, levantando seu copo na direção de Cosetta, que quase caiu de tanto rir.

– *Obrigada*, Ravelle, por presentear minha filha, que agora vai ficar acordada a noite inteira repetindo a palavra.

– Desculpe, capitã. Então, quando partimos?

– Metade da tripulação vai para a terra esta noite; a outra metade, amanhã. No dia seguinte, vamos juntar os que quiserem ficar conosco. Espero que possamos nos livrar dos saques amanhã. Portanto... dois dias. Dois e meio, talvez. Depois veremos como o *Orquídea* voa.

– Obrigado, capitã.

– E é só isso. Já está na hora de meus filhos dormirem e pretendo reivindicar o privilégio de roncar o quanto quiser assim que todos vocês saírem da minha cabine.

Kosta foi o primeiro a aproveitar a deixa, terminando de tomar sua bebida e pondo-se de pé. De Ferra o acompanhou e já ia sair quando Ezri falou em voz baixa:

– Jerome, você pode ir comigo a minha cabine? Só uns minutos?

– Só uns minutos? – De Ferra deu uma risada. – Ora, Ezri, quando foi que você ficou tão pessimista?

– Agora – respondeu ela, arrancando o sorriso do rosto dele. Consternado, Jean ajudou-a a se levantar.

Um momento depois, a porta da cabine se fechou com um estalo, deixando Zamira sozinha com sua família num dos calmos interlúdios que eram tão perversamente raros. Durante alguns breves instantes a cada noite, ela podia fingir que seu navio não estava próximo do perigo e se imaginar mais como mãe do que como capitã, sozinha com as preocupações ordinárias de seus filhos...

– Mamãe – chamou Paolo. – Quero aprender a lutar com espada.

Zamira não conseguiu se conter; encarou-o por um tempo e explodiu numa gargalhada. Ordinárias? Pelos deuses, como é que alguma criança nascida naquela vida poderia ao menos ter alguma coisa ordinária?

– Espada! – berrou Cosetta, possível futuro Rei dos Sete Tutanos. – Espada! Espada!

4

– Ezri, eu...

Ele viu o tapa chegando, mas jamais lhe ocorreu, nem por um instante, tentar impedi-lo. Ela colocou toda a força no golpe, o que significava muita coisa, e as lágrimas turvaram a visão de Jean.

– Por que não me *contou*?

– Contei...

Agora ela estava soluçando, mas o soco seguinte acertou o braço dele com a mesma força.

– Ai – gemeu ele. – O quê? O quê?

– *Por que você não me contou?* – questionou ela, quase gritando.

Ele agarrou os punhos dela: um soco nas costelas ou no plexo solar poderia deixá-lo sentindo dor durante horas.

– Ezri, por favor. Contar o quê?

Ele se ajoelhou no piso estreito do compartimento, beijando as pontas dos dedos dela enquanto Ezri tentava puxar as mãos de volta. Por fim, Jean soltou-a e baixou os braços.

– Ezri, se você precisa me bater, pelos deuses, bata. Se é disso que você precisa, não vou lutar nem por um segundo. Nunca. Só... diga o que você quer.

– Como você pôde não me contar? – sussurrou ela.

– Eu conto qualquer coisa que você quiser, só...

– O veneno, Jean.

– Ah – gemeu ele, tombando de lado contra a parede dos fundos da cabine. Ela deslizou com ele. – Ah, *merda*.

– Seu sacana egoísta, como pôde...

– Drakasha contou nossa história no conselho dos capitães – entendeu Jean, entorpecido. – Você estava lá e ouviu.

– Ouvi dela, e não de você! Como você pôde fazer isso comigo?

– Ezri, por favor, é...

– Você é a única coisa, a *única* coisa em toda essa porra de *oceano* que é minha, Jean Tannen – sussurrou ela, abraçando-o com toda a força. – Eu não tenho este navio. Diabos, nem tenho esta cabine. Não tenho a porra de um tesouro enterrado. Não tenho família nem título, não mais. Até que enfim posso pegar alguma coisa em troca...

– E por acaso eu tenho... um defeito significativo.

– Podemos fazer alguma coisa. Podemos encontrar alguém. Galenos, alquimistas...

– Nós tentamos, Ezri. Alquimistas e envenenadores. Precisamos do antídoto do Stragos ou de uma amostra do veneno dele, para criar um com base nela.

– E eu não merecia saber? E se você...

– Cálisse morto aqui uma noite? Ezri, e se um Redentor tivesse atravessado meu crânio com uma espada ou se a tripulação tivesse me assassinado no dia em que nos conhecemos?

– Você não é assim, não é assim que alguém como você morre, eu sei, eu sei...

– Ezri, você viu cada uma das minhas cicatrizes, sabe que eu não sou...

– Isso é *diferente*. É uma coisa contra a qual você não pode simplesmente

lutar.

– Ezri, eu *estou* lutando. Estou lutando desde o dia em que o Arconte colocou essa porra em mim. Leocanto e eu contamos os dias, entende? Eu ficava acordado à noite nas primeiras semanas e tinha certeza de que podia sentir o veneno agindo dentro de mim... – Ele engoliu em seco e sentiu as lágrimas escorrendo pelo rosto. – Olha, quando eu estou aqui ele não existe, entende? Quando estou com você, não consigo senti-lo. Não *me importo* com ele. Isto é... como um mundo diferente. Como eu poderia contar a você? Como poderia arruinar isso tudo?

– Eu ajudaria. acredite...

Ela tirou os braços que estavam em volta do pescoço dele e os dois ficaram ajoelhados na penumbra, encarando-se.

– Eu te amo, Jean – sussurrou ela.

– Eu também te amo, Ezri. – Ele sentiu o coração ficar mais leve; foi como respirar depois de séculos passados embaixo d'água. – Você é diferente de tudo que eu já conheci.

– Não posso deixar você morrer.

– Não é você... você não pode...

– Eu posso fazer o que quiser. Posso levar você a Tal Verrar. Posso ganhar tempo para você conseguir o que precisa com Stragos. Posso ajudá-lo a chutar o rabo dele.

– Ezri, Drakasha está certa. Se eu não puder conseguir o que preciso com ele... acabar com o Stragos é mais importante...

– Não diga isso.

– Eu farei isso. Faz todo o sentido. Pelo amor dos deuses, eu não quero, mas se não tiver opção, vou me sacrificar por ele.

– Seu desgraçado – sussurrou Ezri, e antes que ele pudesse reagir, ela pôs-se de pé, agarrou-o pela frente da túnica e jogou-o contra a antepara de estibordo. – Você não vai! Não se nós o derrotarmos, Jean Tannen. Não se nós *vencermos*.

– Mas se eu não tiver opção...

– Invente uma opção, seu filho da puta. – Ezri segurou-o na antepara com um beijo que era pura alquimia.

As mãos de Jean se enfiaram na túnica dela, descendo até o calção, e soltaram o cinto das armas com o máximo possível de carícias nas áreas não cobertas por ele.

Ela tirou o cinto das mãos dele e jogou-o contra uma das paredes de lona esticada, onde as armas fizeram um estardalhaço enorme e caíram no chão.

– Se não houver um modo, invente um modo, Jean Tannen. Os fracassados não trepam nesta cabine.

Ele pegou-a no colo, sentando-a em seus braços cruzados, e girou-a de modo que as costas dela ficassem grudadas na antepara e os pés, pendurados. Beijou os seios através da túnica, sorrindo da reação de Ezri. Parou para encostar a cabeça no peito dela, sentiu as batidas rápidas do coração sob a bochecha esquerda.

– Eu teria contado – sussurrou. – De algum modo.

– De algum modo, mesmo. “Homem! Em que rato ele se transforma ao conversar...”

– Ah, não basta eu ter de aguentar isso de você, agora tenho *Lucarno* para me censurar...

– Jean – interrompeu Ezri, apertando a cabeça dele com mais força contra o corpo. – Fique comigo.

– Como assim?

– Esta vida é boa – murmurou ela. – Você se encaixa bem nela. Nós nos encaixamos bem nela. Depois de cuidarmos do Stragos... fique comigo.

– Eu gosto daqui. Às vezes, acho que poderia ficar para sempre. Mas há... outros lugares que eu poderia mostrar a você. Outras coisas que poderíamos fazer.

– Não sei se eu me ajustaria bem a uma vida em terra...

– A terra tem seus piratas, como o mar – sussurrou ele entre os beijos. – Eu sou um deles. Você poderia...

– Deixe isso para depois. Não precisamos decidir nada agora. Só... pense no que eu falei. Eu não o trouxe aqui para negociações.

– Por que, então?

– Para fazer barulho – sussurrou ela, começando a tirar a túnica dele. – Para fazer muito, muito barulho.

5

Logo antes da mudança de turno da meia-noite, Gwillem emergiu de seu novo alojamento no corredor estreito entre as quatro cabines menores do

navio. Com uma carranca, vestindo apenas sua tanga e um colete colocado às pressas, passou pela porta de seu antigo compartimento com pedaços de flanela enfiados nos ouvidos.

Bateu à porta várias vezes. Como não houve resposta, bateu de novo e berrou:

– Treganne, sua vaca, você vai se ver comigo!

6

– Então os preparativos estão quase completos?

Os dois homens se encontraram nas ruínas sem teto de um casebre de pedras, ao sul da cidade propriamente dita, tão perto dos limites da floresta fantasmagórica que nem mesmo os bêbados e os viciados em Mira iriam até lá em busca de abrigo. Era quase meia-noite e caía uma chuva forte, quente como cuspe.

– Ela vendeu todo o nosso bagulho esta tarde. Andou pegando água e cerveja feito uma louca. Já tem comida mais do que suficiente. Amanhã, assim que juntarmos todo mundo que quiser ir embora, tenho certeza de que partiremos.

Jaffrim Rodanov assentiu e, pela centésima vez, olhou ao redor, para a casa arruinada e suas sombras. Qualquer pessoa próxima o bastante para ouvir através do barulho da chuva teria de estar visível, supôs ele.

– Drakasha disse... coisas perturbadoras no conselho. O que ela contou a vocês sobre os planos para quando voltarem ao mar?

– Nada – respondeu o outro homem. – Curioso, em geral, ela nos dá uma boa semana para estourar a cabeça e esvaziar as bolsas. Ela está com fogo no rabo, e isso é um mistério para nós.

– Claro. Ela só vai contar depois que vocês estiverem a caminho. Mas ela não disse nada sobre o Arconte? Sobre Tal Verrar?

– Não. Então você acha que ela vai...

– Eu sei o que ela vai fazer. Só não estou totalmente convencido de que seja sensato. – Rodanov suspirou. – Ela pode jogar um monte de merda em cima de todo mundo que está nos Ventos Fantasma.

– Então agora você...

– É. – Rodanov entregou uma bolsa, sacudindo-a para que se ouvisse o

tilintar das moedas. – Como discutimos. Fique de olhos abertos. Observe tudo. Vou querer um relatório depois.

– E a outra coisa?

– Está aqui. – Rodanov sopesou uma sacola de pano impermeável, com algo pesado dentro. – Tem *certeza* de que você consegue escondê-la bem...

– No meu baú. É privilégio de posto, certo? Tem fundo falso.

– Está bom.

Rodanov entregou a sacola.

– E se eu precisar... usar essa coisa...

– Mais uma vez, é como discutimos. O triplo do que paguei a você, esperando para ser dado assim que estiver feito.

– Quero mais do que isso. Quero um lugar a bordo do *Soberano*.

– Claro. – Rodanov estendeu a mão e os dois se cumprimentaram do modo vadrã tradicional, apertando o antebraço um do outro. – Você sabe que um bom homem sempre será útil para mim.

– Estou sendo útil, não estou? Só quero ter certeza de que vou ter um local para chamar de lar quando tudo tiver acabado. Independentemente de como acabar.

O sorriso de Utgar era um débil crescente branco contra as sombras.

7

Na direção norte por leste pelo Mar de Bronze, com o úmido vento sul no quarto de estibordo, o *Orquídea Venenosa* cortava as ondas como um cavalo de corrida a quem finalmente tivessem dado rédea solta. Era o terceiro dia do mês de Aurim.

Depois de um dia perdido navegando com dificuldade pela passagem tortuosa e cheia de pedras conhecida como Portão do Comerciante, tinham passado mais dois desviando-se de recifes e ilhas, até que a última corcova coroada por selva e a última fumaça vulcânica dos Ventos Fantasmas tivessem sumido além do horizonte.

– Esse é o jogo – disse Drakasha.

Ela se dirigia ao grupo que havia reunido no tombadilho. Delmastro, Treganne, Gwillem, Utgar, Nasreen, Oscarl e todos os tripulantes especializados: carpinteiros, fabricantes e reparadores de velas, e assim por

diante. Caladão ouvia tudo de seu posto junto ao timão e Locke estava na escada do tombadilho, com Jean e meia dúzia de marinheiros de folga. Não tinham sido exatamente convidados para escutar o pequeno discurso da capitã, mas também não foram dissuadidos. Não fazia diferença, já que as notícias corriam por um navio mais depressa do que o fogo.

– Vamos para Tal Verrar – continuou Drakasha. – Vamos deixar que nossos novos amigos, Ravelle e Valora, realizem alguns negócios escusos em terra.

– Cabeça a prêmio – lembrou Caladão.

– Ele está certo – concordou Gwillem. – Com o seu perdão, capitã, mas se aparecermos à vista de Tal Verrar...

– Se o *Orquídea Venenosa* baixar âncora, sim, eu valho um bocado de dinheiro. Mas, se fizermos alguns ajustes no meu belo navio aqui e ali, alterar um pouquinho a disposição de velas, trocar as lanternas de popa por algo mais simples e pintar um nome falso em letras enormes...

– Como vamos chamá-lo, capitão? – perguntou o carpinteiro.

– Eu simpatizo com *Quimera*.

– É uma atitude atrevida – comentou Treganne. – Mas o que o resto de nós tem a ganhar com esses “negócios escusos”?

– Nada que eu queira discutir antes que tudo esteja concluído – respondeu Drakasha. – Mas o ganho para todos nós será substancial. E estamos indo com a bênção de todo o conselho de capitães.

– Então por que eles não estão aqui, dando uma ajudinha? – questionou Nasreen.

– Porque uma capitã faz melhor que os outros. – Drakasha fez uma reverência exagerada. – Agora, voltem às tarefas ou ao descanso. Espalhem a notícia a todo mundo.

Locke estava à toa alguns minutos depois, sozinho com seus pensamentos junto à amurada de bombordo, quando Jean apareceu ao seu lado. O sol poente davam um tom de bronze ao mar e ao céu e, mesmo assim, o ar calorento do oceano era revigorante após a atmosfera suarenta dos Ventos Fantasmas.

– Está sentindo alguma coisa estranha? – perguntou Jean.

– O quê, com relação a...? Ah, você está falando do veneno. Não. Não me sinto melhor ou pior do que ultimamente. Mas, ah, tenho certeza de que vou tentar mandar um recado para você se começar a vomitar salamandras ou

algo assim. Presumindo que você consiga ouvir alguém batendo na porta daquela cabine.

– Ah, pelo amor dos deuses. Você também, não. Ezri quase jogou Gwillem por cima da amurada...

– Bom, sejamos honestos, as pessoas costumam notar o tipo de estardalhaço que em geral acompanha um ataque contra o navio...

– E agora *você* está prestes a sofrer um acidente repentino...

– ... perpetrado por Redentores Jeremitas montados em garanhões. Aonde você arranja tanta energia?

– Ela faz com que seja fácil.

– Ah.

– Ela pediu para eu ficar – revelou Jean, olhando para as mãos.

– No navio? Depois que tudo isso acabar? Presumindo que reste alguma coisa de nós?

Jean assentiu.

– E tenho certeza de que ela queria dizer você também...

– Ah, claro que sim – disse Locke, sem conter totalmente o tom de sarcasmo. – O que você respondeu?

– Eu pedi... Achei que ela pudesse ir conosco.

– Você a ama. – Locke assentiu antes que Jean pudesse responder. – Você não está só passando tempo enquanto estamos aqui. Você despencou mesmo do penhasco, não foi?

– É – sussurrou Jean.

– Ela é boa. Tem inteligência e fogo. Tem um gosto por tirar coisas das pessoas na ponta da espada, o que, para mim, é um ponto a favor. E pelo menos você pode confiar a retaguarda a ela, numa briga...

– Eu *sempre* confiei em você...

– Para *estar* nas suas costas numa briga, é claro. Mas você pode confiar nela para não deixá-lo envergonhado antes que a briga acabe. Vocês dois ganharam o dia no *Martim-Pescador* , e não eu. E eu vi como ela levou pancadas; a maioria das pessoas ficaria abraçada à rede durante alguns dias depois daquilo. Ela é teimosa demais para parar de se mexer. Vocês dois combinam muito bem.

– Você faz parecer que é ela ou você.

– Claro que não precisa ser. Mas as coisas vão mudar...

– Vão mudar, sim. E *melhorar* . Essa situação não precisa significar o fim

de nada.

– Levá-la conosco? Três contra o mundo? Recomeçar a coisa toda, formar de novo uma gangue? Já não tivemos essa conversa?

– Já, e...

– Na ocasião, eu estava fazendo meu melhor papel de escroto bêbado. Eu sei. – Locke pôs a mão esquerda em cima da direita de Jean. – Você está certo. As coisas podem mudar e melhorar. Nós vimos isso acontecer com outras pessoas; talvez possa acontecer com a gente, para variar. Assim que concluirmos o golpe na Agulha do Pecado, vamos estar podres de ricos e não seremos mais bem-vindos na sociedade educada de Tal Verrar. Ela poderia ir conosco... ou você poderia ficar com ela...

– Ainda não sei. Nenhum de nós sabe. Decidimos enfrentar a situação ignorando-a durante a viagem.

– Excelente ideia.

– Mas eu quero...

– Escute. Quando chegar a hora, você vai fazer a escolha necessária e não deve pensar em mim, entendeu? Vocês combinam *muito*. Talvez você pudesse encontrar coisa melhor... – Locke sorriu para que Jean não levasse aquilo a sério – ... mas sei com certeza que ela não poderia. *Jamais*. – Ele apertou a mão de Jean. – Estou feliz. Você conquistou uma coisa neste beco sem saída em que Stragos nos enfiou. Segure com força.

Não havia mais nada a dizer, por isso ficaram ouvindo os gritos das gaivotas que circulavam no alto e contemplaram o sol afundar no horizonte distante, inflamando o mar. Até que passos pesados soaram na escada do tombadilho atrás deles.

– Meus garotos – falou Drakasha, passando os braços pelos ombros dos dois. – Exatamente com quem eu queria falar. Estou tirando-os do turno de serviço da tarde com todos os outros Vermelhos.

– Ah... muita generosidade da sua parte – comentou Locke.

– Não é, não. De agora em diante, vocês estão emprestados ao carpinteiro durante as tardes. Já que vamos a Tal Verrar por causa de vocês, a maioria das alterações no *Orquídea* serão responsabilidade dos dois. Pintar, esculpir, rizar... Vocês vão ficar bem ocupados.

– Uau, parece um modo absolutamente *fantástico* de passar a viagem.

Não era.

8

– Terra à vista! – gritou o vigia no mastro de proa no início da tarde. – Terra e fogo a um ponto a estibordo!

– Fogo? – Locke ergueu o olhar da sua mão no jogo que havia começado no porão do castelo. – Merda!

Largou as cartas no convés, abrindo mão da aposta de 7 solaris para a rodada: quase um ano de salário para um trabalhador verrari honesto. Eram apostas comuns nos jogos após o pagamento das cotas. Havia muitas moedas circulando pelo navio, já que tinham saído de Porto Pródigo com tanta pressa.

Ao sair do porão do castelo, quase trombou com Delmastro.

– Tenente, aquilo é Tal Verrar?

– Só pode ser.

– E o fogo? É verdade?

Fogo na cidade poderia significar desastre ou guerra civil. Caos. Stragos podia já estar morto, sitiado ou até vitorioso, portanto não precisando mais de Locke ou Jean.

– É dia 21, Ravelle.

– Eu sei que droga de dia... Ah. Ah.

O vigésimo primeiro dia de Aurim: a *Festa Iono*, o grande cortejo do Senhor das Águas Revoltas. Locke suspirou de alívio. Longe dos ritmos usuais da cidade, havia quase esquecido o feriado. Os verraris agradeciam a influência de Iono na sorte da cidade queimando navios antigos enquanto milhares de bêbados faziam uma confusão no cais. Locke só vira a festa das sacadas da Agulha do Pecado, mas era uma ocasião animada e ficaria mais fácil entrar na cidade; haveria mil coisas ocupando os guardas.

– Todos os tripulantes! – souo um grito na popa. – Todos os tripulantes no convés central! A capitã quer falar!

Locke sorriu. Sempre que ocorria uma daquelas chamadas durante um carteadado, o jogo precisava parar e todo mundo podia pegar de volta o dinheiro que houvesse apostado. Seus 7 solaris logo voltariam para casa.

Os tripulantes se reuniram ruidosamente no poço do navio e, depois de alguns minutos, foram silenciados por um gesto de Drakasha. A capitã pôs um barril vazio ao lado do mastro principal e Delmastro saltou em cima,

usando um sobretudo respeitável tirado do depósito de roupas finas do navio.

– Pelo resto da noite – gritou a tenente –, nós somos o *Quimera* e nunca ouvimos nem falar do *Orquídea Venenosa*. Eu sou a capitã! Estarei no tombadilho se alguém precisar de alguma coisa. E Drakasha vai ficar na cabine dela, a não ser que as coisas tenham ido para o inferno. Se outro navio nos saudar, eu é que vou responder. Vocês vão fingir que não falam terim. Nossa tarefa é deixar nossos dois amigos em terra, para um serviço que será importante para todos nós. Ravelle, Valora, vamos enviá-los no mesmo bote que vocês doaram à nossa causa, tantas semanas atrás. – Ela voltou a falar só depois que as conversas cessaram. – Devemos baixar âncora nas próximas duas horas. Se vocês não retornarem ao nascer do sol, este navio vai embora e nunca mais chegaremos a menos de 800 quilômetros desta cidade.

– Entendido – disse Locke.

– Assim que a âncora estiver baixada, quero o dobro de vigias no alto. Preparem redes-navalhas nos dois costados para serem içadas rapidamente, mas deixem embaixo. Coloquem alabardas nas laterais, encostadas nos corrimões, e sabres a postos junto aos dois mastros. Se um barco da alfândega ou alguma outra coisa carregando pessoas uniformizadas tentar fazer uma visita, vamos convidá-los a bordo e detê-los durante a noite. Se algo a mais nos incomodar, vamos repelir a abordagem, botar os panos e fugir feito o diabo.

Houve um murmúrio geral de aprovação.

– E é só. Preparados para Tal Verrar. Caladão, coloque-nos a cerca de 1,5 quilômetro das Galerias de Esmeralda. E icem uma bandeira cinza de Ashmira na amurada de popa.

Ashmira, apesar de não ter uma frota mercante ou militar própria, fazia muitos negócios com registros de conveniência para contrabandistas, caçadores de recompensa e mercadores que desejavam escapar de tarifas. Ninguém olharia duas vezes para eles com aquela bandeira. E, o mais importante, ninguém se aproximaria apenas para jogar conversa fora com conterrâneos longe da pátria. Locke aprovou a ideia. Ancorando nas águas a sudeste da cidade, eles ficariam a uma curta distância da *Castellana*, logo poderiam chegar a Stragos sem ficar muito perto das marinas apinhadas ou do ancoradouro principal.

– Ei – disse Utgar, dando um tapa nas costas de Locke e Jean. – Vocês dois, em que diabos vão se meter? Querem um guarda-costas?

– Ravelle é o único guarda-costas de que preciso – afirmou Jean com um sorriso enviesado.

– É justo. Isso preciso admitir. Mas onde vocês vão enfiar o nariz, hein? Alguma coisa perigosa?

– Provavelmente não – respondeu Locke. – Olha, Drakasha vai contar tudo, provavelmente mais cedo do que você imagina. Por enquanto, digamos que vamos realizar uma tarefa comum.

– Dizer olá à vovó – completou Jean. – Pagar as dívidas de jogo do titio. Pegar três pães e um saco de cebolas no Mercado Noturno.

– Ótimo, ótimo. Guardem seus segredos. Vamos ficar aqui nos entediando, certo?

– Não é provável – replicou Locke. – Esse navio é cheio de surpresinhas, não é?

– É verdade – concordou Utgar, dando uma risadinha. – É bem verdade. Bom, tenham cuidado. Que os olhos dos deuses estejam sobre vocês e coisas desse tipo.

– Obrigado. – Locke coçou a barba, depois estalou os dedos. – Diabos, quase esqueci uma coisa. Jerome, Utgar, vejo vocês daqui a pouco.

Foi correndo para a popa, desviando-se de grupos do Turno Azul e de Vermelhos entediados ajudando a carregar armas tiradas dos armários. Subiu os degraus até o tombadilho em dois saltos rápidos, deslizou descendo pelo corrimão de outra escada e bateu com força na porta da cabine de Drakasha.

– Está aberta! – gritou ela.

– Capitã. – Locke fechou a porta depois de entrar. – Preciso pegar emprestado o dinheiro que estava no meu baú de viagem.

Drakasha estava deitada em sua rede com Paolo e Cosetta, lendo para eles um livro pesado que se parecia terrivelmente com o *Léxico prático do bom marinheiro*.

– Tecnicamente, aquele dinheiro foi dividido em cotas – disse ela. – Mas posso lhe dar o equivalente, tirado da bolsa do navio. Todo ele?

– Duzentos e cinquenta solaris devem bastar. Ah. Ele, ah, não vai voltar comigo.

– Fascinante. Esta é uma definição de “emprestado” que não me compele

exatamente a me levantar da rede. Quando estiver saindo...

– Capitã, Stragos é apenas metade dos negócios desta noite. Preciso manter Requin ronronando também. Caso contrário, ele pode esmagar esse plano como um inseto. Além disso, se eu inflar o ego dele, há um item útil que posso arrancar de suas mãos, agora que estou pensando.

– Então você precisa de um suborno.

– Entre amigos, nós chamamos isso de consideração. Vamos lá, Drakasha. Pense nisso como um investimento para o resultado que desejamos.

– Em nome da minha paz e do meu silêncio, tudo bem. Estará tudo preparado para quando você sair do navio.

– A senhora é muito...

– Não sou gentil nem de longe. Saia.

9

Os dois estavam fora havia sete semanas, mas parecia uma vida inteira.

Parado junto à amurada de bombordo, olhando de novo para as ilhas e torres de Tal Verrar, Locke sentia a ansiedade e a melancolia se mesclando como bebidas. As nuvens estavam baixas e escuras sobre a cidade, refletindo a luz laranja do incêndio festivo que ardia no ancoradouro principal.

– Está preparado? – perguntou Jean.

– Preparado e suando bastante – respondeu Locke.

Usavam roupas finas e capas de linho com capuzes, todas emprestadas. As capas eram quentes demais, mas não tão raras nas ruas de muitos bairros; significavam que a pessoa devia estar armada e era melhor não incomodá-la. Ele esperava que as vestimentas a mais os protegessem de algum vislumbre casual de alguém inconveniente que pudesse reconhecê-los.

– Baixar! – gritou Oscarl, encarregado do grupo que punha o bote na água.

Com os estalos de cordas e moitões, a pequena embarcação balançou para a escuridão e bateu na água. Utgar desceu pela rede de abordagem para soltar tudo e preparar os remos. Locke estava prestes a descer quando Delmastro segurou seu braço.

– Não importa o que acontecer, traga-o de volta – sussurrou ela.

- Não vou fracassar. Nem ele.
- Zamira mandou lhe dar isso.

Delmastro entregou-lhe uma pesada bolsa de couro, atulhada de moedas. Locke assentiu em agradecimento e enfiou-a num bolso interno da capa.

Enquanto descia lentamente para o bote, Locke passou por Utgar, que fez uma saudação animada e continuou subindo. Locke chegou ao bote, mas continuou agarrado à rede de abordagem para poder ficar de pé. Olhou para cima e, à luz das lanternas do navio, viu Jean e Ezri se despedindo com um beijo. Ela sussurrou alguma coisa para ele e os dois se separaram.

– Isso é infinitamente preferível à última vez em que dividimos este bote sozinhos – comentou Jean no momento em que os dois se acomodaram no banco e encaixaram os remos nos toletes.

– Você disse a ela seu nome de verdade, não foi?

– O quê? – Os olhos de Jean se arregalaram e ele fechou a cara. – Isso é uma suposição?

– Não sou muito bom em leitura labial, mas a última coisa que ela disse a você tinha uma sílaba, e não três.

– Ah. – Jean suspirou. – Bom, não é que você é mesmo um sacana esperto?

– Sou, em todos os sentidos.

– Eu disse e não me arrependo...

– Pelos deuses, não estou com raiva, Jean. Só estou me exibindo.

Os dois começaram a remar juntos, fazendo força, impelindo o bote pela água escura e agitada em direção ao canal entre o Bairro Galezzo e as Galerias de Esmeralda.

Minutos passaram-se em silêncio; os remos estalavam, a água espirrava e o *Orquídea Venenosa* ficava para trás, a brancura das velas enfunadas sumindo no escuro até que tudo o que restava era uma débil constelação das luzes das lanternas.

– O alquimista – disse Locke do nada.

– Hein?

– O *alquimista* de Stragos. É a chave para essa confusão toda.

– Se com “chave” você quer dizer “causa”...

– Não, escute. Qual é a probabilidade de Stragos acidentalmente deixar conosco os vidros que ele usa ou nos dar o antídoto? Ou deixar uma dose escorregar do bolso?

- Pergunta fácil: totalmente impossível.
- Certo. Então não adianta esperar que ele cometa um erro; precisamos fazer contato com esse alquimista.
- Ele pertence ao séquito pessoal do Arconte. Talvez seja a pessoa mais importante a serviço de Stragos, se o Arconte tem o hábito de fazer isso com frequência. Duvido que ele tenha uma casa conveniente, isolada, onde a gente possa lhe fazer uma visita. Ele provavelmente mora no Mon Magisteria.
- Mas tem de haver alguma coisa que a gente possa fazer. O sujeito deve ter um preço. Pense no que temos na Agulha do Pecado ou no que poderíamos conseguir com a ajuda de Drakasha.
- Admito que é a melhor ideia até agora – comentou Jean. – O que não quer dizer muita coisa.
- Olhos abertos, ouvidos atentos e esperança no Guardião Torto – murmurou Locke.

Naquele lado da cidade, o porto interno de Tal Verrar estava apinhado de gôndolas alugadas, embarcações de lazer e barcas. Os ricos – e os não tão ricos que não se importavam se acordariam sem um centira no dia seguinte – migravam dos crescentes profissionais para os bares e cafés das Galerias de Esmeralda. Locke e Jean se misturaram ao fluxo e remaram contra a corrente principal, desviando-se de embarcações maiores e trocando vulgaridades da mais alta qualidade com os clientes que gritavam, zombavam e arremessavam garrafas de algumas das barcas mais agitadas.

Enfim passaram entre o Crescente dos Artífices e o Crescente dos Alquimistas, admirando as vívidas esferas de fogo azuis e verdes que os alquimistas estavam atirando, presumivelmente em apoio à festa (mas nunca se sabia), a 12 ou 15 metros de altura, de suas docas particulares. O vento vinha da direção contrária de Locke e Jean, que se viram perseguidos por uma chuva de fagulhas com cheiro de enxofre e pedacinhos de papel queimado.

Seu destino era bastante fácil de descobrir; na extremidade noroeste da *Castellana* ficava a gruta de entrada para as cavernas de Vidrantigo de onde tinham emergido com Merrane na primeira noite em que ela os levara ao Arconte.

A segurança no desembarcadouro particular do Arconte havia aumentado. Enquanto Locke e Jean percorriam a última curva para entrar

na cavidade de vidro prismático, uma dúzia de Olhos levantou balestras e se ajoelhou atrás de escudos de ferro curvos com 1,5 metro de altura, presos ao chão para protegê-los. Atrás deles, um esquadrão de soldados verraris comuns cuidava de uma balista, uma pequena arma de cerco capaz de despedaçar o bote deles com um quatrelo de 5 quilos. Um Olho puxou a corrente que saía de uma abertura no muro, talvez para fazer soar um alarme acima.

– O uso deste atracadouro é proibido! – gritou o oficial.

– Por favor, ouça com atenção! – berrou Locke. O rugido surdo da cachoeira lá em cima ecoava através da caverna e não havia espaço para erro. – Temos uma mensagem para a dama à espera.

O barco bateu na borda do atracadouro. Era desconcertante, pensou Locke, ter tantas balestras dedicadas a intimidá-los. Mas o Olho se aproximou e se ajoelhou ao lado dele. Sua voz ecoou metálica através dos buracos em sua máscara sem feições.

– Vocês estão aqui para falar com a dama à espera?

– Estamos – respondeu Locke. – Diga a ela exatamente o seguinte: “Duas fagulhas foram acesas e duas fogueiras brilhantes retornaram.”

– Vou dizer. Enquanto isso...

Depois de pousar cuidadosamente as balestras, meia dúzia de Olhos saiu de trás dos escudos para tirar Locke e Jean do bote. Os dois foram imobilizados e revistados; as adagas nas botas foram confiscadas, assim como o saco de ouro que Locke trazia. Um Olho o examinou e entregou-o ao oficial.

– Solaris, senhor. É para confiscar?

– Não. Leve-os à câmara da dama à espera e devolva isso a eles. Se o dinheiro por si só pudesse matar o Protetor, o *Priori* já teria feito isso, certo?

10

– Vocês fizeram *o que* com o *Mensageiro Vermelho*?

Maxilan Stragos estava com o rosto rubro de vinho, esforço e surpresa. As vestes do Arconte eram as mais suntuosas que Locke já vira, uma capa de seda verde-piscina com listras verticais e tiras de brocado de ouro, sobre um casaco e um calção que também reluziam em ouro. Usava anéis em todos os

dedos, engastados alternadamente com rubis e safiras, muito próximas das cores de Tal Verrar. Ele estava diante de Locke e Jean numa câmara forrada de tapeçarias no primeiro andar do Mon Magisteria, acompanhado por dois Olhos. Locke e Jean não tinham recebido cadeiras, mas também não foram amarrados. Nem postos na câmara do suadouro.

– Nós, ahn, o usamos para dar início ao contato bem-sucedido com os piratas.

– *Perdendo-o* para eles.

– De certa forma, sim.

– E Caldris está morto?

– Há algum tempo.

– Agora diga, Lamora, exatamente que tipo de reação você esperava de mim ao trazer essas notícias?

– Bom, a porra de um ataque cardíaco seria bom, mas vou aceitar um pouco de paciência enquanto explico o restante.

– Sim, faça isso.

– Quando o *Mensageiro* foi tomado pelos piratas, todos nós a bordo fomos feitos prisioneiros.

Locke havia decidido que os detalhes específicos das injúrias, da equipe do esfregão e assim por diante poderiam ser deixados fora da história.

– Por quem?

– Drakasha.

– Zamira está viva, é? Com o velho *Orquídea Venenosa*?

– É. Em ótimas condições e, para dizer a verdade, está ancorado a uns 3 quilômetros, ah... – Ele apontou com um dedo na direção que esperava ser o sul – ... para lá.

– Ela ousa fazer isso?

– Ela está praticando uma técnica obscura chamada “disfarce”, Stragos.

– Então agora vocês... fazem parte da tripulação dela?

– Sim. Nós, que fomos tirados do *Mensageiro*, fomos presenteados com a oportunidade de provar nossas intenções abordando a presa seguinte de Drakasha. Você não verá o *Mensageiro* de novo, pois ele foi vendido a uma espécie de... ahn... barão dos desmanches. Mas pelo menos agora estamos em posição de lhe dar o que você quer.

– Estão? – A expressão no rosto de Stragos passou da irritação para a pura cobiça num piscar de olhos. – Que... revigorante ouvir esse informe,

em vez de vulgaridades e reclamações.

– As vulgaridades e as reclamações são meus talentos especiais. Mas ouça: Drakasha concordou em provocar o pânico. Se recebermos nosso antídoto esta noite, no fim da semana você terá relatórios de ataques em todos os lugares. Vai ser como jogar um tubarão numa casa de banhos pública.

– O que você quer dizer com “Drakasha concordou”?

Improvisar um motivo fictício para Zamira era muito simples: Locke poderia ter feito isso dormindo.

– Eu contei a verdade a ela. O resto foi fácil. Assim que nosso serviço estiver concluído, você mandará sua marinha para o sul, para encher de porrada cada pirata dos Ventos Fantasmas que encontrar. *Exceto* os que começaram a confusão, que, convenientemente, caçarão em outro lugar por alguns meses. E quando você tiver encerrado sua fantástica guerrinha, ela voltará para casa e descobrirá que os antigos rivais estão no fundo do oceano. Que infelicidade!

– Sei. Eu preferiria que ela não soubesse das minhas verdadeiras intenções...

– Se houver algum sobrevivente nos Ventos Fantasmas, ela não vai poder falar com eles sobre o papel que representou, vai? E se *não* houver sobreviventes... com quem ela poderá falar?

– Faz sentido – murmurou Stragos.

– No entanto – completou Jean –, se nós dois não retornarmos logo, o *Orquídea* vai para o mar aberto e você perderá sua única chance de usá-lo.

– E terei desperdiçado o *Mensageiro*, manchado minha reputação e suportado a companhia de vocês em troca de nada. Sim, Tannen, tenho plena consciência de todos os ângulos do que você sem dúvida acha que é um argumento terrivelmente esperto.

– E o nosso antídoto, então?

– Vocês ainda não mereceram a cura final. Mas as consequências serão adiadas de novo.

Stragos apontou para um dos Olhos, que fez uma reverência e saiu da sala. Voltou alguns instantes depois e manteve a porta aberta para duas pessoas. A primeira era o alquimista pessoal de Stragos, carregando uma salva de prata com uma cúpula. A segunda era Merrane.

– Nossas duas fogueiras brilhantes *retornaram* – disse ela.

Usava um vestido de mangas compridas no mesmo tom verde-piscina da capa de Stragos e sua cintura esguia era acentuada por uma apertada faixa de brocado de ouro. Trançada no cabelo, havia uma guirlanda de botões de rosa vermelhos e azuis.

– Kosta e De Ferra merecem outro gole temporário de vida, minha cara.

Ele estendeu o braço e ela se aproximou, segurando seu cotovelo com o jeito leve e amigável de uma acompanhante, e não de uma amante.

– É mesmo?

– Conto a você quando voltarmos aos jardins.

– Algum tipo de comemoração da *Festa Iono*, Stragos? Você nunca me pareceu do tipo que gosta de comemorar – comentou Locke.

– Só por causa dos meus oficiais – respondeu Stragos. – Se eu ofereço festas de gala para eles, o *Priori* espalha boatos de que sou esbanjador. Se não faço nada, eles sussurram que sou austero e sem coração. De qualquer modo, meus oficiais sofrem muito mais em sociedade quando não têm funções particulares das quais possam excluir seus rivais ciumentos. Assim, eu dou uma utilidade aos meus jardins, no mínimo.

– Choro de novo por suas dificuldades – ironizou Locke. – Forçado por circunstâncias cruéis a dar festas em jardins.

Stragos sorriu e fez um gesto para o alquimista. O sujeito tirou a cúpula da salva de prata, revelando duas taças de cristal branco opaco, cheias do familiar líquido âmbar claro.

– Esta noite, podem tomar o antídoto em cidra de pera – falou o Arconte.

– Em nome dos velhos tempos.

– Ah, seu velho sacana engraçadinho.

Locke passou uma taça para Jean, esvaziou a sua em vários goles e depois jogou-a longe.

– Pelos céus! Escorregou.

A taça de cristal bateu no piso de pedras com um tinido alto, sem se estilhaçar. Quicou uma vez e rolou para um canto, completamente intacta.

– Um presentinho dos Mestres Alquimistas. – Stragos pareceu se divertir bastante. – Não é Vidrantigo, mas é a coisa certa para negar aos meus convidados grosseiros suas satisfações mesquinhas.

Jean terminou de tomar sua cidra e pousou a taça na bandeja do careca. Um dos Olhos pegou a outra taça e, quando as duas estavam cobertas de novo pela cúpula de prata, Stragos dispensou o alquimista com um aceno.

– Eu... ahn... – começou Locke, mas o sujeito já havia passado pela porta.
– O negócio desta noite está concluído – avisou Stragos. – Merrane e eu precisamos voltar à festa de gala. Mestre Kosta, mestre de Ferra, vocês têm a parte mais importante de sua tarefa pela frente. Me agradem... e talvez eu faça tudo isso valer a pena para vocês.

Stragos levou Merrane até a porta, virando-se apenas para falar com um dos seus Olhos.

– Tranque-os aqui durante dez minutos. Depois, os acompanhem de volta ao bote. Devolvam as coisas deles e garantam que tenham ido embora. Depressa.

– Eu... mas... *maldição* – praguejou Locke bruscamente quando a porta se fechou atrás dos dois Olhos.

– O antídoto – disse Jean. – É só isso que importa agora. O antídoto.

– Acho que sim. – Locke encostou a cabeça numa das paredes de pedra da sala. – Que os deuses nos acudam. Espero que nossa visita ao Requin corra melhor do que esta.

11

– É a entrada de serviço, seu filho da mãe ignorante!

O leão de chácara da Agulha do Pecado surgiu do nada. Deu uma joelhada em Locke, tirando seu fôlego com uma pancada cruel, e jogou-o no pátio de cascalho iluminado por lampiões localizado atrás da torre. Locke nem havia entrado, meramente se aproximara da porta, pois não vira alguém que pudesse subornar com facilidade para ter uma audiência com Selendri.

– Uuf – fez ele ao ser cumprimentado pelo chão.

Jean, guiado mais por um reflexo leal do que pelo pensamento racional, meteu-se na briga no momento em que o homem avançou para continuar a bater em Locke. O leão de chácara rosou e virou o punho de modo casual demais na direção de Jean, que o agarrou com a mão direita, depois quebrou várias costelas dele usando a esquerda. Antes que Locke pudesse dizer qualquer coisa, Jean chutou o sujeito na virilha e lhe deu uma rasteira.

– Urrrrgh, ai – gemeu o homem, batendo no chão.

O próximo funcionário a passar pela porta tinha uma faca; Jean quebrou

o punho que a segurava e fez o sujeito ricochetear na parede da Agulha do Pecado como uma bola numa quadra. Os próximos seis ou sete funcionários que os cercaram, infelizmente, tinham espadas curtas ou balestras.

– Vocês não têm ideia de com quem estão mexendo – disse um deles.

– Na verdade – soou um áspero sussurro feminino na entrada de serviço –, suspeito de que eles têm.

Selendri usava um vestido de noite, de seda azul e vermelha, que devia custar o mesmo que uma carruagem dourada. Uma manga comprida cobria seu braço arruinado e os músculos fortes e a pele lisa do outro braço estavam desnudos, destacados por pulseiras de ouro e Vidrantigo.

– Nós pegamos os dois tentando entrar pela porta de serviço, senhora – alegou um dos funcionários.

– Vocês nos pegaram chegando *perto* da porta de serviço, seu filho da mãe imbecil. – Locke se ergueu até ficar de joelhos. – Selendri, nós precisamos...

– Tenho certeza de que sim – interrompeu ela. – Soltem-nos. Eu cuido deles. Ajam como se nada tivesse acontecido.

– Mas ele... pelos deuses, acho que ele quebrou minhas costelas – chiou o primeiro homem com quem Jean havia lidado. O outro estava inconsciente.

– Se você concordar que nada aconteceu, eu faço com que você seja levado a um galeno. Aconteceu alguma coisa?

– Aaahn... não. Não, senhora, nada aconteceu.

– Ótimo.

Enquanto ela se virava para voltar à área de serviço, Locke se levantou cambaleando, apertando a barriga, e estendeu a mão para segurá-la suavemente pelo ombro. Ela girou bruscamente em sua direção.

– Selendri – sussurrou Locke –, não podemos ser vistos nos andares dos jogos. Há...

– Indivíduos poderosos chateados com sua incapacidade de lhes dar uma oportunidade de revanche?

Ela afastou a mão dele.

– Desculpe. Sim, é exatamente isso.

– Durena e Corvaleur estão no quinto andar. Você e eu podemos pegar o armário ascensor no terceiro.

– E Jerome?

– Fique aqui na área de serviço, Valora.

Ela conduziu os dois pela entrada de serviço para que garçons, deliberadamente ignorando os homens feridos no chão, pudessem continuar recebendo as gorjetas da noite dos menos inibidos da cidade.

– Obrigado – agradeceu Jean, ocupando um lugar meio escondido atrás de altas estantes de madeira cheias de pratos sujos.

– Vou dar instruções para eles o ignorarem – avisou Selendri. – Desde que você ignore o *meu* pessoal.

– Vou ser um santo.

Selendri agarrou um funcionário de passagem, que estava sem bandeja, e sussurrou algumas ordens rápidas em seu ouvido. Locke captou as palavras “sanguessuga de cachorro” e “segure o pagamento deles”. Em seguida, acompanhou Selendri pela multidão do andar térreo, encolhido como se tentasse sumir embaixo da roupa, rezando para que a única pessoa que o reconhecesse fosse Requin.

12

– Sete semanas – disse o Senhor da Agulha do Pecado. – Selendri tinha certeza de que nunca mais veríamos vocês.

– Cerca de três semanas de ida e três de volta – explicou Locke. – Mal passamos uma semana em Porto Pródigo.

– Você certamente parece ter ficado um bom tempo no convés. Trabalhando para merecer a passagem?

– Os marinheiros comuns atraem muito menos atenção que os passageiros pagantes.

– Suponho que sim. Essa é a cor natural do seu cabelo?

– Acho que é. Se o senhor mudasse tanto quanto eu, começaria a perder a noção.

As amplas portas da sacada no lado leste do escritório de Requin estavam abertas, a não ser por uma fina tela que mantinha os insetos do lado de fora. Através dela, Locke podia ver os dois navios transformados em pira no porto, cercados por centenas de pontos de luz de lanternas que deviam ser espectadores em embarcações menores.

– Este ano vão queimar quatro – informou Requin, notando o que atraía a atenção de Locke. – Um para cada estação. Acho que estão terminando

com o terceiro. O quarto deve se inflamar logo, e então tudo vai ficar bem. Menos pessoas nas ruas e mais tumulto nas casas de tavolagem.

Locke assentiu e se virou para admirar o que Requin havia feito com o conjunto de cadeiras que ele encomendara. Tentou afastar o sorriso de satisfação do rosto e conseguiu parecer apenas um pouquinho admirado. As quatro réplicas se encontravam em volta de uma mesa de pernas finas do mesmo estilo, onde tinham sido postas garrafas de vinho e um artístico arranjo de flores.

– Isso é...

– Sim, uma réplica, infelizmente. Seu presente me levou a mandar fazê-la.

– Meu presente. Por falar nisso... – Locke enfiou a mão embaixo da capa, pegou a bolsa e colocou em cima da mesa de Requin.

– O que é isso?

– Uma consideração. Em Porto Pródigo, há uma quantidade enorme de marinheiros com mais moedas do que bom senso no carteadado.

Requin abriu a bolsa e ergueu uma sobrancelha.

– Que bonito. Você está se esforçando *mesmo* para não me chatear, não é?

– Quero meu emprego. Agora mais do que nunca.

– Vamos discutir a sua tarefa, então. Esse tal de Calo Callas ainda existe?

– Sim. E está lá.

– Então por que, diabos, você não o trouxe de volta?

– Ele está totalmente louco.

– Então é inútil...

– Não. *Não* é inútil. Ele tem mania de perseguição, Requin. Está alucinando. Imagina que o *Priori* e a Guilda dos Artífices têm agentes em cada canto de Porto Pródigo, em cada navio, em cada taverna. Ele mal sai de casa. – Locke sentiu prazer em conjurar tão rapidamente uma vida imaginária. – Mas o que ele *faz* dentro daquela casa! O que ele tem! Centenas de fechaduras. Instrumentos mecânicos. Uma forja particular e foles. Ele continua insaciável como nunca em relação à sua profissão. É tudo o que lhe resta no mundo.

– Como os restos de um louco podem ser significantes? – questionou Selendri. Ela estava parada entre duas das exóticas pinturas a óleo de Requin, encostada na parede com os braços cruzados.

– Eu experimentei todo tipo de coisas quando achei que conseguiria abrir o cofre desta torre. Ácidos, óleos, abrasivos, diferentes tipos de fechaduras e ferramentas. Eu me considero um bom avaliador de mecanismos e de arrombamentos. E as coisas que esse sacana é capaz de fazer, as coisas que ele constrói e inventa, mesmo enlouquecido... – Locke espalmou as mãos e deu de ombros num gesto teatral. – Pelos deuses!

– O que será necessário para trazê-lo aqui?

– Ele quer segurança. Não é avesso a sair de Porto Pródigo. Diabos, ele está ansioso por isso. Precisa sentir que alguém poderoso está disposto a colocá-lo debaixo da asa.

– Ou você poderia simplesmente dar uma pancada na cabeça dele e trazê-lo acorrentado – interveio Selendri.

– E me arriscar a perder a cooperação dele para sempre? Pior, *lidar* com ele numa viagem de três semanas depois que ele acordar? A mente do sujeito é delicada feito vidro, Selendri. Eu não recomendaria pancadas na cabeça.

Locke estalou os nós dos dedos: era hora de adoçar o discurso.

– Olha, vocês *querem* esse homem em Tal Verrar. Ele vai enlouquecê-los, talvez vocês até precisem providenciar algum tipo de enfermeiro ou cuidador, e sem dúvida terão de escondê-lo dos artífices, mas as coisas que ele poderia fazer valeriam cem vezes isso. É o melhor arrombador que eu já vi. Ele só precisa acreditar que eu de fato represento o senhor.

– O que você sugere?

– Você tem um sinete de cera nos seus livros-caixas e nas cartas de crédito. Eu já o vi, ao fazer meus depósitos. Coloque-o num pedaço de pergaminho...

– E me incriminar? Não mesmo.

– Já pensei nisso. Não escreva um nome no pergaminho. Não date, não assine, nem acrescente seu “R” de sempre. Só escreva algo agradável e não específico. “Estou ansioso para oferecer conforto e hospitalidade” ou “Espero toda a devida consideração”.

– Bobagens banais. Sei.

Requin pegou um pergaminho numa gaveta da mesa e rabiscou algumas frases com a pena do tinteiro. Depois de passar um dessecante alquímico na carta, encarou Locke.

– E esse artifício pueril vai ser suficiente?

– Devido ao seu medo, Callas é uma criança. Ele vai agarrar isso feito um

bebê agarrando um peito.

– Ou um homem adulto – murmurou Selendri.

Requin sorriu. Usando luvas como sempre, tirou o cilindro de vidro de um pequeno lampião sobre a mesa. Com a vela, derreteu um bastão de cera preta, pingando algumas gotas no pedaço de pergaminho. Por fim, tirou um pesado anel de sinete de um bolso do casaco e pressionou-o contra a cera.

– A sua isca, mestre Kosta. – Ele entregou o pergaminho. – O fato de ter se esgueirado pela entrada de serviço e tentar se esconder embaixo desta capa sugere que não está planejando ficar muito tempo na cidade.

– Volto para o sul em um ou dois dias, assim que meus colegas tripulantes terminem de descarregar a... carga completamente legítima e adquirida com responsabilidade em Porto Pródigo.

Essa era uma mentira segura: com dezenas de navios descarregando na cidade todo dia, pelo menos alguns deviam estar trazendo mercadorias ilegais.

– E você vai trazer Callas de volta.

– Vou.

– Se o sinete não for suficiente, prometa a ele qualquer outra coisa razoável. Dinheiro, drogas, bebidas, mulheres. Homens. As duas coisas. E se não bastar, aceite a sugestão de Selendri e deixe que eu me preocupe com o estado mental dele. Não volte com as mãos abanando.

– Como o senhor quiser.

– E quanto a você e o Arconte? Com Callas na mão, você provavelmente voltará à tal trama para o meu cofre...

– Não sei. Vou levar seis ou sete semanas para voltar. Por que o senhor não pensa em como posso servi-lo da melhor forma nesse tempo? Qualquer plano que o senhor considere adequado. Se quiser que eu o entregue ao Arconte como agente duplo, tudo bem. Se quiser que eu diga ao Arconte que ele morreu ou algo assim... simplesmente não sei. Minha cabeça dói. O senhor é o homem que tem a visão de tudo. Estou ansioso por novas ordens.

– Se você puder permanecer tão educado assim – disse Requin, sopesando a bolsa –, me traga o Callas e continue a ficar satisfeito com sua posição no esquema geral... talvez você tenha um futuro a meu serviço.

– Agradeço.

– Vá. Selendri vai levá-lo. Ainda tenho uma noite movimentada pela frente.

Locke deixou transparecer um pouco de seu alívio real. Essa teia de mentiras estava crescendo de modo tão complexo, tão ramificado e delicado que um peido de mariposa poderia desintegrá-la. Mas as duas reuniões da noite haviam alcançado o que ele e Jean necessitavam.

Mais dois meses de vida obtidos com Stragos e mais dois meses de tolerância de Requin. Agora só precisavam voltar ao bote sem complicações e remar até a segurança.

13

– Estamos sendo seguidos – alertou Jean enquanto atravessavam o pátio de serviço da Agulha do Pecado.

Iam voltar pelo labirinto de becos e cercas vivas por onde tinham vindo, pelo pouco usado quarteirão de jardins e caminhos secundários por trás das casas de tavolagem menores. O bote estava amarrado num píer das docas internas da Grande Galeria; eles haviam subido ao topo dos Degraus de Ouro por escadas precárias, ignorando as caixas de ascensão e as ruas em que milhares de complicações poderiam estar à espreita.

– Onde estão?

– Do outro lado da rua. Vigiando o pátio. Mexeram-se quando nos mexemos, agora mesmo.

– Merda – praguejou Locke. – Gostaria que esse monte de escrotos tivesse só um par de bagos, para eu poder chutá-lo toda hora.

– Na beira do pátio, vamos sair correndo de repente, sem a mínima sutileza – orientou Jean. – Esconda-se. Quem correr atrás de nós...

– Vai ter que explicar umas coisas do modo mais difícil.

No fundo do pátio, havia uma cerca viva com o dobro da altura de Locke. Uma passagem em arco ladeada por caixotes e barris vazios levava a uma região atrás dos Degraus de Ouro, escura e pouco usada. A cerca de 10 metros dela, Locke e Jean saíram correndo ao mesmo tempo.

Passaram pelo arco e entraram no beco sombreado. Locke sabia que tinham apenas instantes para se esconder. Precisavam estar longe o bastante do pátio para impedir que algum funcionário da Agulha do Pecado visse a luta. Passaram correndo por fundos de gramados murados e jardins, a poucos metros de prédios onde centenas das pessoas mais ricas do mundo

terim perdiam dinheiro por diversão. Por fim, encontraram duas pilhas de barris vazios dos dois lados do beco – o local mais óbvio possível, mas se os oponentes achassem que eles estavam tentando escapar, talvez apenas ignorassem essa possibilidade.

Jean já havia sumido em seu esconderijo. Locke puxou a adaga da bota, sentindo as marteladas do próprio coração, e se agachou atrás dos outros barris. Cobriu o rosto com o braço, deixando apenas os olhos e a testa expostos.

Ouviram o som rápido de couro batendo em pedras, e então duas formas escuras passaram correndo pela pilha de barris. Locke atrasou deliberadamente seu movimento, permitindo que Jean investisse primeiro. Quando o perseguidor mais próximo de Locke se virou, espantado pelo ruído do ataque contra o companheiro, Locke avançou, a adaga em riste, empolgado com a perspectiva de enfim conseguir algumas respostas para aquela coisa.

Sua ofensiva foi boa: passou o braço esquerdo em volta do pescoço do sujeito no instante exato em que postou a faca contra a junção entre pescoço e queixo, no lado direito.

– Largue sua arma ou eu...

Mas foi só isso que teve tempo de dizer antes que o homem tomasse a pior decisão possível. Ele se impulsionou para a frente numa tentativa de se soltar, talvez num reflexo, sem perceber o ângulo em que a faca de Locke estava posicionada. Locke jamais saberia se o motivo fora um supremo otimismo ou uma miserável idiotice: o homem foi degolado e morreu instantaneamente, cuspiendo sangue. Sua arma caiu dos dedos frouxos para as pedras.

Locke levantou as mãos, incrédulo, e deixou o cadáver cair. Viu-se em frente a Jean, que ofegava sobre a forma imóvel de seu próprio oponente.

– Espera um minuto – disse Locke. – Quer dizer...

– Acidente – explicou Jean. – Eu peguei a faca dele, nós lutamos um pouco e ela se enfiou embaixo das costelas do sujeito.

– Maldição – murmurou Locke, sacudindo a mão direita para se livrar do sangue. – A gente tenta manter um sacana vivo e veja o que acontece...

– Balestras – falou Jean, apontando para o chão.

Os olhos de Locke se acostumaram ao escuro e ele viu as formas vagas de duas pequenas balestras de mão. Armas de beco, do tipo que só podia ser

usado a no máximo 10 metros.

– Pegue-as. Pode haver mais deles atrás de nós.

– Que inferno. – Locke recolheu uma das armas e entregou a outra a Jean, cautelosamente; os pequenos quatielos podiam estar envenenados.

Pensar em manusear a arma envenenada de outra pessoa no escuro o fez se arrepiar. Mas Jean estava certo: caso tivessem outros perseguidores, eles precisariam aproveitar a vantagem.

– Para mim, a discrição é o passatempo alheio – disse Locke. – Vamos dar no pé.

Correram loucamente por lugares abandonados dos Degraus de Ouro, indo para o norte em direção à borda do vasto platô de Vidrantigo. Desceram lance após lance de escadas de madeira bambas a ponto de causar náusea, olhando em frenesi para cima e para baixo à procura de perseguidores ou de alguma emboscada. No meio da escadaria, o mundo era um redemoinho vertiginoso ao redor de Locke, pintado nas cores surreais de incêndio e vidro alienígena. No porto, o quarto e último navio do festival começava a ficar incandescente, um sacrifício em madeira, piche e lona diante de centenas de barcos pequenos apinhados de sacerdotes e farristas.

Chegaram ao pé da escada e atravessaram, cambaleantes, as plataformas de madeira do cais interior, passando por ocasionais mendigos e bêbados, balançando loucamente as adagas e balestras. Diante deles, estava o píer, longo e vazio, lar de apenas uma comprida pilha de caixotes. O bote oscilava convidativo nas ondas, agora a apenas 30 metros, iluminado pelo clarão do inferno.

Pilha de caixotes, pensou Locke, mas já era tarde demais.

Dois homens saíram das sombras enquanto Locke e Jean passavam, saltando do ponto de emboscada mais óbvio possível.

Locke e Jean giraram juntos; a sorte é que eles carregavam as balestras. Quatro homens ficaram parados suficientemente perto para se darem as mãos, fazendo mira. Quatro dedos tremeram, cada um separado dos gatilhos por não mais do que o tamanho de uma gota de suor.

Locke Lamora estava parado no píer de Tal Verrar, com o vento quente de um navio em chamas às costas e a picada fria de uma flecha de balestra no pescoço.

14

Ele deu um sorriso torto e se concentrou em manter sua balestra ao nível do olho esquerdo do oponente. Os dois se achavam próximos o bastante para se sujarem com o sangue um do outro caso disparassem ao mesmo tempo.

– Seja razoável – disse o homem que o encarava. O suor deixava riscas visíveis ao escorrer pela testa e pelas bochechas cobertas de sujeira. – Considere as desvantagens da sua situação.

Locke fungou.

– A não ser que seus globos oculares sejam feitos de ferro, a desvantagem é mútua. Não acha, Jean?

Estavam parados dois a dois: Locke e Jean frente a frente com seus rivais. Eram quatro flechas de metal frio nas armas retesadas, a poucos centímetros da cabeça de quatro homens compreensivelmente nervosos. A essa distância ninguém poderia errar, nem se todos os deuses acima ou abaixo do céu quisessem o contrário.

– Parece que nós quatro estamos enfiados em areia movediça até os bagos – comentou Jean.

Na água atrás deles, o velho galeão gemia e estalava à medida que as chamas violentas o consumiam de fora para dentro. A noite virava dia num raio de centenas de metros ao redor e o casco era entrecruzado por riscas de um laranja esbranquiçado nos pontos em que as tábuas se separavam. A fumaça saía daquelas rachaduras infernais em pequenas erupções negras, os últimos suspiros trêmulos de uma enorme fera de madeira em agonia. Os quatro homens estavam no píer, estranhamente sozinhos no meio da luz e do barulho que atraíam a atenção de toda a cidade.

– Baixe a arma, pelo amor dos deuses – pediu o oponente de Locke. – Fomos instruídos a não matá-los se não fosse necessário.

– E tenho certeza de que você diria a verdade se a ordem fosse justamente o contrário, é claro – replicou Locke. Seu sorriso se alargou. – Faço questão de jamais confiar em homens com armas encostadas no meu pescoço. Desculpe.

– Sua mão vai começar a tremer muito antes da minha.

– Vou apoiar a ponta do meu quadrelo no seu nariz quando me cansar. Quem mandou vocês atrás de nós? Quanto estão pagando? Não estamos

desprovidos de fundos; poderíamos chegar a um feliz acordo.

– Na verdade – interveio Jean –, eu sei quem os mandou.

– SÉRIO?

Locke lançou um olhar para Jean antes de encarar o adversário outra vez.

– E foi feito um acordo, mas eu não diria que é feliz.

– Ah... Jean, acho que não estou acompanhando você.

– Não.

Jean levantou uma das mãos para o homem à sua frente, com a palma para fora. Depois virou a mira devagar, com cuidado, para a esquerda, até apontar a balestra contra a cabeça de Locke. O homem que ele estivera ameaçando anteriormente piscou, surpreso.

– Sou *eu* que não estou acompanhando você, Locke.

– Jean. – O sorriso de Locke desapareceu. – Isso não é engraçado.

– Concordo. Me entregue sua arma.

– Jean...

– Entregue agora. Depressa. E você aí, por acaso é imbecil? Tire essa coisa da minha cara e aponte para ele.

O antigo oponente de Jean umedeceu os lábios, nervoso, mas não se mexeu. Jean trincou os dentes.

– Olhe, seu macaco de cais com cérebro de esponja, estou fazendo o serviço para vocês. Aponte a balestra para a droga do meu ex-parceiro para podermos sair deste píer!

– Jean, eu descreveria esta reviravolta como *muito pouco favorável* – disse Locke, e parecia a ponto de falar mais, só que o oponente de Jean escolheu esse momento para aceitar o conselho.

Agora Locke sentia o suor descendo numa cascata pelo rosto, como se sua própria umidade traiçoeira estivesse abandonando o recinto antes que algo pior acontecesse.

– Pronto. Três contra um. – Jean cuspiu no cais. – Você não me deu escolha, tive que fazer um acordo com o patrão desses cavalheiros antes de partirmos. Maldição, *você* me obrigou. Desculpe, achei que eles fariam contato antes de partirem para cima de nós. Agora entregue sua arma.

– Jean, que diabo você acha que está...

– Não. Não diga mais porra nenhuma. Não tente vir com artimanhas para cima de mim; conheço você muito bem para não deixá-lo falar. Silêncio, Locke. Tire o dedo do gatilho e *entregue a arma*.

Locke olhou a ponta de aço do quadrelo de Jean com a boca aberta, incrédulo. O mundo ao redor se dissipou até restar apenas aquela ponta minúscula, reluzente, viva com o reflexo laranja do inferno que chamejava no ancoradouro atrás dele.

– Não acredito – disse Locke. – Eu só...

– É a última vez que vou mandar, Locke. – Jean manteve a mira firme, bem entre os olhos dele. – Tire o dedo do gatilho e me dê a droga da arma. *Agora.*

LIVRO III

CARTAS NA MESA

*Estou sendo pressionado pela direita;
meu centro está cedendo... A situação é
excelente: vou atacar.*

GENERAL FERDINAND FOCH

CAPÍTULO CATORZE

O flagelo do Mar de Bronze

1

Jaffrim Rodanov vadeava no banco de areia junto ao casco de um barco de pesca emborcado, ouvindo as ondas se quebrarem contra as tábuas partidas e sentindo-as passar sobre seus tornozelos. A areia e a água da Baía Pródiga eram límpidas àquela distância da cidade. Não havia lodo e nenhum pedaço de metal enferrujado ou caco de cerâmica cobria o fundo. Nenhum cadáver flutuava como uma balsa sinistra para os pássaros barulhentos.

Crepúsculo do sétimo dia de Aurim. Drakasha partira havia uma semana. A mais de mil quilômetros, pensou Jaffrim, um erro estava sendo cometido.

Ydrena assobiou. Estava encostada no casco do barco, nem perto demais nem longe demais dele, meramente enfatizando, por sua presença, que Rodanov não estava sozinho e que seu comparecimento àquele encontro era conhecido da tripulação.

Jacqueline Colvard havia chegado.

Ela deixou sua imediata ao lado de Ydrena, tirou as botas e entrou na água sem levantar o calção. A velha e inabalável Colvard, que saqueava navios naquelas águas desde quando ele era um menino com o nariz enfiado em pergaminhos cheios de mofo. Antes de ele ao menos ter visto um navio que não estivesse desenhado.

– Jaffrim, obrigada por fazer minha vontade.

– Você só pode querer falar de uma coisa neste momento – comentou Rodanov.

– É. E isso está na sua cabeça também, não é?

– Foi um erro dar nosso juramento a Drakasha.

– Foi?

Rodanov enfiou os polegares no cinturão da espada e fitou a água que ia escurecendo, as ondulações onde seus tornozelos pálidos sumiam.

– Eu fui generoso quando deveria ter sido cínico.

– Então você se considera o único com poder de proibir aquilo?

– Eu poderia não ter feito o juramento.

– Mas aí seriam quatro contra um e Drakasha teria ido para o norte olhando o tempo todo por cima do ombro.

Rodanov sentiu uma ansiedade aflorar.

– Notei coisas curiosas nestes últimos dias – continuou ela. – Sua tripulação tem passado menos tempo na cidade. Você andou pegando água. E eu o vi no seu tombadilho, testando os instrumentos. Verificando suas balestilhas.

A ansiedade dele cresceu. Será que ela viera confrontá-lo sozinha ou aliar-se a ele? Seria louca de se aproximar tanto caso fosse a primeira hipótese?

– Então você sabe – disse ele.

– Sei.

– Pretende me dissuadir?

– Pretendo fazer com que seja feito direito.

– Ah.

– Você tem alguém a bordo do *Orquídea Venenosa*, não é?

Rodanov não estava com clima para disfarçar.

– Se você me disser o que sabe, não vou insultá-la negando.

– Foi uma suposição. Afinal de contas, você já tentou me espionar.

– Ah – fez ele, sugando o ar entre os dentes. – Então Riela não morreu num acidente num bote, afinal de contas.

– Sim e não. De fato, tudo se passou num bote.

– Você...

– Quer saber se eu o recrimino? Não. Você é um homem cauteloso, Jaffrim, assim como sou uma mulher fundamentalmente cautelosa. É nossa cautela compartilhada que nos traz aqui esta tarde.

– Você quer ir comigo?

– Não. E meus motivos são práticos. Primeiro, o *Soberano* está pronto para o mar e o *Draconiano* não está. Segundo, se nós dois saíssemos juntos,

isso provocaria... um grau inconveniente de especulação, quando Drakasha não retornar.

– Haverá especulações de qualquer modo. E haverá confirmação. Minha tripulação não vai ficar calada para sempre.

– Mas qualquer coisa poderia ter acontecido. Se sairmos num esquadrão, a única explicação razoável seria um conluio.

– E suponho que seja só coincidência que, mesmo vários dias depois de você ter descoberto sobre meus preparativos, o *Draconiano* ainda não esteja preparado para o mar?

– Bom...

– Me poupe, Jacqueline. Eu estava preparado para fazer isso sozinho antes de virmos aqui esta noite. Só não imagine que, de algum modo, me *convenceu* a ir no seu lugar.

– Jaffrim. Paz. Desde que essa flecha acerte o alvo, não importa quem puxará a corda. – Ela soltou o cabelo grisalho, que esvoaçou sobre os ombros à brisa mormacenta. – Quais são as suas intenções?

– Óbvias, imagino. Encontrá-la. Antes que ela cause danos suficientes para dar a Stragos o que ele quer.

– E caso você a encontre? Transmitirá mensagens educadas, de costado a costado?

– Um aviso. Uma última chance.

– Um ultimato para *Drakasha*? – Sua testa se franziu ao máximo. – Jaffrim, você sabe bem demais como ela vai reagir a qualquer ameaça: como um tubarão numa rede. Se você tentar chegar perto de uma criatura nesse estado, vai perder uma das mãos.

– Uma luta, então. Acho que nós dois sabemos que é nisso que vai dar.

– E o resultado da luta?

– Meu navio é mais forte e eu tenho oitenta almas a mais. Não vai ser bonito, mas pretendo fazer com que seja matemático.

– Zamira morrerá.

– É isso que costuma acontecer...

– Presumindo que você lhe permita a cortesia da morte em batalha.

– Permita?

– Considere que, ainda que o curso de ação de Zamira seja perigoso demais para ser tolerado, a lógica dela foi impecável num aspecto.

– Qual?

– A morte dela, de Ravelle e Valora faria as vezes de uma bandagem para um ferimento que já está supurando. A podridão vai se intensificar. Precisamos aplacar a ambição de Maxilan Stragos, e não apenas frustrá-la temporariamente.

– Concordo. Mas estou perdendo o gosto pela sutileza com a mesma rapidez com que gasto meu suprimento, Colvard. Terei que ser rude com Drakasha. Conceda-me a mesma cortesia.

– Stragos precisa de uma vitória, mas não em nome da própria vaidade e, sim, para instigar o povo. Se essa vitória estiver espreitando nas águas *perto* de Tal Verrar e for suficientemente espalhafatosa, que necessidade ele teria de nos incomodar aqui?

– Pusemos um sacrifício no altar – sussurrou Rodanov. – Pusemos *Zamira* no altar.

– Depois que Zamira causar algum dano. Depois de ela provocar certo pânico na cidade. Se a famosa pirata, a *infame* patife Zamira Drakasha, cuja cabeça vale 5 mil solaris, fosse obrigada a desfilar acorrentada por Tal Verrar... levada à justiça às pressas após desafiar mais uma vez tola mente a cidade...

– Stragos vitorioso. Tal Verrar unida em admiração. – Rodanov suspirou.
– Zamira pendurada numa jaula em cima do Abismo do Monturo.

– Satisfação para todos – completou Colvard.

– Mas talvez eu não possa pegá-la viva.

– O que quer que você entregue ao Arconte será de igual valor. Viva ou morta, ela será um troféu e os verraris vão atulhar as ruas para ver. Suspeito que seria melhor deixá-lo ficar com o que restar do *Orquídea Venenosa* também.

– Eu faço o serviço sujo. Depois entrego os louros da vitória a ele.

– E os Ventos Fantasmas serão poupados.

Rodanov contemplou as águas da baía durante algum tempo antes de falar outra vez:

– É o que presumimos. Mas não temos ideias melhores.

– Quando você vai partir?

– Na maré da manhã.

– Não o invejo por ter que navegar com o *Soberano* pelo Portão do Comerciante...

– Vou pela Passagem do Mercado.

- Mesmo durante o dia, Jaffrim?
- As horas se esvaem. Recuso-me a desperdiçar mais tempo. – Ele se virou para a terra, a fim de pegar as botas e ir embora. – Não é possível participar da última cartada se não se pode chegar lá a tempo para ocupar um assento.

2

Sentindo o ardor de lágrimas súbitas nos olhos, Locke afastou o dedo do gatilho da arma e apontou-a lentamente para cima.

- Pelo menos vai me dizer por quê?
- Mais tarde. – Jean não baixou sua balestra. – Entregue a arma. Devagar. *Devagar!*

O braço de Locke tremia; a reação nervosa fazia com que seus movimentos fossem espasmódicos. Concentrando-se, tentando manter as emoções sob controle, entregou a arma a Jean.

- Ótimo – disse Jean. – Mantenha as mãos erguidas. Vocês dois trouxeram corda, certo?
- Certo.
- Ele está sob minha mira. Amarrem-no. As mãos e os pés, e apertem bem os nós.

Um dos emboscadores apontou sua balestra para o ar e buscou uma corda num bolso do casaco. O outro baixou a arma e pegou uma faca. Mal seus olhos tinham se afastado de Locke para o colega, Jean agiu.

Com sua própria balestra numa das mãos e a de Locke na outra, girou calmamente e cravou uma seta na cabeça de cada atacante.

Locke ouviu o *tuac-tuac* agudo do disparo duplo, mas demorou um bom tempo para ter a compreensão total do significado. Ficou ali tremendo, o queixo caído, enquanto os dois estranhos espirravam sangue, estremeciam e morriam. Um deles apertou o gatilho por reflexo. Com um ruído final que fez Locke dar um pulo, uma seta partiu chiando para o escuro.

- Jean, você...
- Por que tanta dificuldade para *me entregar a porcaria da arma?*
- Mas você... você disse...
- Eu disse... – Jean largou as armas, agarrou-o pelas lapelas e sacudiu-o. –

Como assim “eu disse”, Locke? Por que estava prestando atenção ao que eu estava *dizendo*?

– Você não...

– Pelo amor dos deuses, você está tremendo. Você acreditou em mim? Como pôde *acreditar* em mim? – Jean soltou-o e ficou encarando-o, pasmo.

– Achei que você só estava entrando no jogo com uma convicção exagerada!

– Você não fez nenhum sinal, Jean! Que diabo eu deveria pensar?

– Não fiz sinal? Eu fiz o sinal de “mentira”, tão claro quanto aquele navio queimando! Quando levantei a palma da mão para aqueles idiotas.

– Você não...

– Eu levantei! Como se eu pudesse esquecer! Não acredito! Como você pôde pensar... onde você acha que eu arranjaria *tempo* para fazer um acordo com alguém? Nós estamos no mesmo navio há dois meses!

– Jean, sem o sinal...

– Eu fiz o sinal para você, seu pateta! Quando comecei com o papo de traidor frio e relutante! “Na verdade, eu sei quem os mandou.” Lembra?

– É...

– E depois o sinal. O sinal de “Ah, veja, Jean Tannen está mentindo para dois verraris cortadores de garganta sobre trair seu melhor amigo em toda a porra do mundo”! Será que a gente precisa treinar esse sinal com mais frequência? Precisa mesmo?

– Eu *não vi* nenhum sinal, Jean. Juro pelos deuses.

– Você é que não enxergou.

– Não enxerguei? Eu... é, olha tudo bem. Não enxerguei. Estava escuro, tinha balestras em todo canto, eu deveria saber. Deveria saber que a gente nem precisava disso. Desculpe.

Ele suspirou e olhou para os dois corpos com setas emplumadas se projetando grotescamente das cabeças imóveis.

– Nós precisávamos mesmo, de verdade, interrogar um desses sacanas, não é?

– É – respondeu Jean.

– Mas ainda assim... foram ótimos disparos.

– É.

– Jean?

– Hum?

– A gente deveria estar correndo como loucos agora.

– Ah. É. Vamos.

3

– Ó do navio! – gritou Locke enquanto o bote se encostava na lateral do *Orquídea Venenosa*.

Ele soltou os remos com alívio; Caldris teria orgulho da velocidade com que haviam saído de Tal Verrar, passando por uma flotilha de delegações de sacerdotes e bêbados, pelo galeão em chamas e pelos cascos enegrecidos dos sacrifícios anteriores, pelo ar ainda sufocante de fumaça cinza.

– Pelos deuses! – exclamou Delmastro, ajudando-os a passar pela portinhola. – O que aconteceu? Estão machucados?

– Meus sentimentos foram feridos – respondeu Jean –, mas todo esse sangue foi emprestado para a ocasião.

Locke olhou suas roupas finas, manchadas com a vida de dois homens. Ele e Jean pareciam açougueiros amadores bêbados.

– Conseguiram tudo de que precisavam? – perguntou Delmastro.

– De que precisávamos? Sim. O que queríamos? Não. E dos malditos atacantes misteriosos que não nos dão um momento de paz na cidade? Conseguimos demais.

– E quem são eles?

– Não fazemos ideia. Como os sacanas sabem onde estamos, quem nós somos? Faz quase dois meses! Nós fomos indiscretos como?

– Na Agulha do Pecado – arriscou Jean, sem muita convicção.

– Como eles estavam nos esperando no cais, então? É eficiente demais!

– Vocês foram seguidos de volta ao navio? – perguntou Delmastro.

– Não que tenhamos visto – respondeu Jean –, mas acho que seríamos idiotas se ficássemos esperando.

Delmastro assentiu, pegou seu apito e soprou três notas agudas e familiares.

– À meia-nau! Prender barras do cabrestante! A postos para içar âncora! Equipe do contramestre, a postos para içar o bote! – gritou. – Vocês dois parecem chateados – comentou, dirigindo-se a Locke e Jean enquanto o navio se transformava num redemoinho de atividade ao redor.

– Por que não estaríamos? – Locke esfregou a barriga, ainda sentindo

uma dor surda onde o leão de chácara da Agulha do Pecado o havia golpeado. – Nós nos livramos, claro, mas, em troca, alguém provocou uma encrenca infernal.

– Sabe o que gosto de fazer quando estou de mau humor? – indagou Ezri com doçura. – Gosto de saquear navios. – Ela apontou lentamente para além dos tripulantes agitados no convés, para o mar, onde outra embarcação podia ser vista, iluminada pelas lanternas de popa contra a escuridão do sul. – Ah, olhem, tem um ali agora mesmo!

Instantes depois, batiam à porta da cabine de Drakasha.

– Vocês não estariam de pé se esse sangue fosse seu – comentou ela, convidando-os a entrar. – Seria esperar demais que ele pertencesse a Stragos?

– Seria – respondeu Locke.

– Que pena. Bom, pelo menos vocês voltaram. Isso é tranquilizador.

Paolo e Cosetta estavam embolados em sua caminha, roncando pacificamente. Drakasha parecia não ver necessidade de sussurrar na presença deles. Locke sorriu, lembrando que, na idade deles, também aprendera a dormir em meio a distrações medonhas.

– Fizemos algum progresso real? – perguntou Drakasha.

– Ganhamos tempo – informou Locke. – Também saímos da cidade; não era certo que isso acontecesse.

– Capitã – chamou Delmastro. – Estávamos pensando se poderíamos dar início à próxima parte do plano um pouco mais cedo. Digamos, agora.

– Você quer fazer uma abordagem e socializar?

– Há um provável pretendente esperando para dançar a uns 3 quilômetros a sudoeste. Longe da cidade, além dos recifes...

– E, no momento, a cidade está meio absorvida pela festa – acrescentou Locke.

– Vai ser só uma visita rápida, como nós estivemos discutindo – continuou Ezri. – Acordá-los, fazer com que mijem nas calças, saquear a bolsa e as mercadorias transportáveis, jogar coisas no mar, cortar algumas correntes e danificar o cordame...

– Bom, temos de começar em algum ponto – falou Drakasha. – Del, mande Utgar para baixo, para pegar um pouco das minhas sedas e almofadas. Quero uma cama improvisada para as crianças no armário de cordas. Se terei de acordá-las para escondê-las, é justo que eu lhes dê isso.

– Certo – disse Delmastro.
– Como está o vento?
– Vindo da direção nordeste.
– Vamos virar para o sul, trazê-lo para o quarto de bombordo. Velas de gávea rizadas, devagar e com firmeza. Diga ao Oscarl para tirar os botes pela parte de trás, assim nosso amigo não os verá na água.

– Certo, capitã.

Delmastro tirou seu sobretudo, deixou-o na mesa de Drakasha e saiu rapidamente da cabine. Alguns segundos depois, Locke ouviu uma agitação no convés: Oscarl gritando que tinham acabado de receber ordem de içar o bote e Delmastro gritando algo sobre preguiçosos moles e burros.

– Vocês dois estão péssimos – comentou Zamira. – Terei que arranjar um novo baú para separar as roupas encharcadas de sangue das que estão limpas. Da próxima vez, usem apenas vermelho e marrom.

– Sabe, capitã – observou Locke, olhando as mangas ensanguentadas de seu casaco –, isto me dá uma ideia. Uma ideia realmente, realmente *divertida*...

4

Logo depois da segunda hora da madrugada, com Tal Verrar enfim entrando num sonambulismo bêbado e os incêndios da Festa extintos, o “*Quimera*” se esgueirou até o *Sardinha Feliz*. Passou pela chalupa desgastada, pequena e sonolenta a uma distância de cerca de 200 metros, com um número mínimo de lanternas de navegação e sem fazer uma saudação. Isso não era totalmente incomum em águas onde nenhum ato de pirataria fora informado por mais de sete anos.

No escuro, era impossível ver que o convés do *Orquídea* não tinha nenhum bote.

Naquele momento, eles emergiram devagar da sombra de bombordo do navio e, a um sinal silencioso, os remadores puseram-se em ação a todo vapor, tornando branco o mar escuro. Três linhas fracas, espumosas, se estenderam do *Orquídea* ao *Sardinha* e, quando o vigia solitário na popa da chalupa notou alguma coisa, era tarde demais.

– Ravelle! – gritou Jean, que foi o primeiro a subir pela lateral da chalupa.

– Ravelle!

Ainda vestindo as roupas sujas de sangue, ele enrolara um pedaço de pano vermelho na cabeça e pegara emprestado um varapau com ponta de ferro tirado de um armário de armas do *Orquídea*. Os outros tripulantes subiram rapidamente atrás dele: Jabril e Malakasti, Streva e Rask. Carregavam porretes e cassetetes, deixando as espadas nas bainhas presas aos cintos.

Três botes cheios de piratas abordaram o navio por três direções diferentes; a pequena tripulação da chalupa foi varrida para o convés central por lunáticos que berravam balançando porretes, até que finalmente ela foi dominada e o chefe dos atormentadores veio a bordo para se rejubilar com a vitória:

– Meu nome é Ravelle!

Locke andou pelo convés diante dos treze tripulantes encolhidos e seu estranho passageiro de roupão azul. Locke, como Jean, tinha mantido as roupas ensanguentadas, e complementara-as com uma faixa vermelha na cintura, um lenço vermelho sobre o cabelo e algumas joias de Zamira, para aumentar o efeito.

– Orrin Ravelle! E voltei para prestar meus respeitos a Tal Verrar!

– Não nos mate, senhor – implorou o capitão da pequena embarcação, um homem magricelo de cerca de 30 anos bronzeado como um marinheiro que fez uma longa viagem. – Nós nem somos de Tal Verrar, só viemos para que nosso contratante...

– Você está interrompendo experimentos hidrográficos críticos! – gritou o homem de roupão, tentando se levantar. Ele foi empurrado para baixo de novo por um grupo de tripulantes zombateiros do *Orquídea*. – Essas informações são vitais para o interesse de todos os navegadores! Você está cortando a própria garganta se...

– Que diabos é um *experimento hidrográfico crítico*, velhote?

– Ao examinar a composição do solo do mar...

– Composição do solo do mar? Eu posso *comer* isso? Posso *gastar* isso? Posso levar de volta à minha cabine e trepar com isso?

– Não, não e *certamente* não!

– Certo. Joguem esse escroto na água.

– Seus desgraçados ignorantes! Seus macacos hipócritas! Me soltem... *Me soltem!*

Locke ficou satisfeito ao ver Jean se apresentar para cumprir a tarefa: não apenas o sujeito ficaria totalmente apavorado como Jean controlaria a situação, impedindo que ele se machucasse.

– Ah, por favor, senhor, não faça isso – pediu o capitão do *Sardinha*. – Mestre Donatti é inofensivo, senhor, por favor...

– Olhem – interrompeu Locke –, será que todo mundo nesta banheira é idiota, menos eu? Por que eu sujaria as solas das minhas botas com uma visita a esta porcaria se vocês não tivessem algo que eu quisesse?

– Os... é... experimentos hidrográficos? – perguntou o capitão.

– DINHEIRO! – Locke o agarrou pela frente da túnica e puxou-o de pé. – Quero toda coisa de valor, toda coisa bebível, toda coisa consumível que esse bote crescido tenha a oferecer ou você pode olhar o velho idiota se afogar! Que tal esse *experimento hidrográfico*?

5

O saque não foi muito ruim para um navio tão pequeno; obviamente, Donatti havia pagado bem para ser carregado de um lado para o outro e fazer suas experiências e não estaria disposto a navegar sem levar muitos dos confortos de casa. Um bote cheio de bebidas, tabaco fino, almofadas de seda, livros, instrumentos de artífices, drogas alquímicas e sacos de moedas de prata logo foi mandado de volta ao *Orquídea* enquanto os piratas de “Ravelle” concluía a pilhagem.

– Os cabos do leme foram inutilizados, senhor – informou Jean cerca de meia hora depois da abordagem.

– Adriças cortadas, estais cortados! – berrou Delmastro, apreciando seu papel de bucaneira comum. Ela caminhou pela amurada de bombordo com uma machadinha, cortando coisas aparentemente ao acaso. – Sei lá o quê, cortado!

– Senhor, por favor – implorou o capitão –, vamos demorar séculos para consertar, o senhor já pegou tudo o que era de valor...

– Não quero que vocês morram aqui – cortou Locke, bocejando para fingir tédio. – Só quero ter algumas horas de calma antes que a notícia chegue a Tal Verrar.

– Ah, senhor, nós faremos o que o senhor pedir. Qualquer coisa que o

senhor pedir. Não contaremos a ninguém...

– *Por favor* – interrompeu Locke. – Agarre-se a alguma dignidade, mestre Sardinha. Eu *quero* que você fale sobre isso. Por toda parte. Use isso para conseguir a simpatia das putas. Talvez ganhar algumas bebidas nas tavernas. E o mais importante, repita meu nome: Orrin Ravelle.

– O-Orrin Ravelle, senhor.

– Capitão Orrin Ravelle – continuou Locke, sacando uma adaga e encostando-a no pescoço do capitão. – Do bom navio *Foda-se Tal Verrar!* Vá até lá e avise que estou nas vizinhanças!

– Eu... ahn... farei isso, senhor.

– Ótimo. – Locke empurrou o sujeito para o chão e guardou a adaga. – Então vamos encerrando por aqui. Agora você pode retomar seu divertido naviozinho de brinquedo.

Locke e Jean se encontraram brevemente na popa antes de entrar no último bote de volta ao *Orquídea*.

– Pelos deuses, o Arconte vai *adorar* isso – comentou Jean.

– Bom, nós não mentimos para ele, não foi? Prometemos ataques piratas. Só não dissemos que teriam Zamira como atração principal. – Locke jogou um beijo para a cidade ao longo do horizonte norte. – Feliz *Festa*, Protetor.

6

– Se há uma coisa que nunca sentirei necessidade de fazer de novo na vida é ficar pendurado o dia inteiro pintando o traseiro deste maldito navio – resmungou Locke.

Às três da tarde do dia seguinte, Locke e Jean estavam pendurados em precários balanços de corda presos à amurada de popa do *Orquídea Venenosa*. Agora que a apressada camada de tinta passada na noite anterior escondia o *Quimera*, eles rebatizavam o navio: *Deleite*. Suas mãos e túnicas estavam bem sujas de tinta prateada.

Tinham progredido até “*Dele*” e Paolo e Cosetta faziam caretas para eles através das janelas de popa da cabine de Zamira.

– Acho que ser pirata é parecido com beber – comentou Jean. – Se você ficar acordado a noite inteira fazendo isso, paga o preço no dia seguinte.

Naquela manhã, o *Orquídea* tinha virado para o norte, a confortáveis 60

ou 80 quilômetros a oeste da cidade; Drakasha saía rapidamente da área onde haviam atacado o *Sardinha* e decidira passar o dia longe, preparando o novo disfarce de sua menina de madeira. Ou, mais exatamente, encarregando Locke e Jean dessa tarefa.

Enfim conseguiram completar o nome, por volta da quarta hora da tarde. Sedentos e queimados de sol, foram puxados ao tombadilho por Delmastro, Drakasha e Nasreen. Depois de eles beberem canecas de aguarrosa morna, Drakasha chamou-os a sua cabine.

– O trabalho ontem à noite foi bem-feito. Bem-feito e lindamente desconcertante. Não duvido que o Arconte ficará bastante contrariado.

– Eu pagaria um bom dinheiro para ser uma mosca numa parede de taverna em Tal Verrar nos próximos dias – observou Locke.

– Mas isso também me deu uma ideia com relação à nossa estratégia geral.

– Qual?

– Você me disse que o capitão e a tripulação da chalupa não eram verraris. Isso vai diminuir um pouco o impacto da história deles. Haverá perguntas sobre a confiabilidade deles. Boatos e murmúrios grosseiros.

– Certo...

– Portanto, o que fizemos não vai ter tanto efeito. Vai provocar comentários, especulação e um bocado de incômodo para Stragos, mas não pânico; os verraris não vão criar tumultos nas ruas pedindo a intercessão dele. De certa forma, como primeiro serviço de pirataria para ele, foi um trabalho grosseiro.

– A senhora está ferindo nosso orgulho profissional – disse Jean.

– E o meu também! Mas pensem no seguinte... talvez o que precisemos seja de uma fiada de trabalhos igualmente grosseiros.

– Espero uma explicação muito divertida para essa ideia – falou Locke.

– Esta tarde, Del me contou que vocês dois depositam suas esperanças no alquimista pessoal do Stragos. De algum modo, acham que poderiam assegurar a ajuda dele fazendo uma oferta.

– É verdade – confirmou Locke. – Esse foi um dos aspectos da visita de ontem ao Mon Magisteria que não correu muito bem.

– Então, obviamente, o que precisamos fazer é lhes dar outra chance de se encontrar com o alquimista. Outro motivo plausível para visitar logo o Mon Magisteria. Como bons serviçazinhos, ansiosos para ouvir a opinião

do patrão sobre como o trabalho está progredindo.

– Ahhh – fez Locke. – Se ele quiser gritar com a gente, é a garantia de que pelo menos vai nos receber para um papinho.

– Exato. Então, o que precisamos é fazer... algo espalhafatoso. Algo impressionante, algo que seja *inegavelmente* um exemplo sincero de nossos maiores esforços a favor de Stragos. Mas... sem ameaçar Tal Verrar diretamente. Não a ponto de servir aos propósitos de Stragos.

– Hummm – murmurou Jean. – Algo impressionante. Espalhafatoso. Não ameaçador. Não tenho certeza de que esses conceitos se misturam bem com a vida de pirataria.

– Kosta, você está me olhando de modo muito estranho. Você tem alguma ideia ou eu o deixei no sol por tempo demais hoje?

– Impressionante, espalhafatoso e sem ameaçar Tal Verrar *diretamente* – sussurrou Locke. – Pelos deuses! Capitã Drakasha, a senhora me honraria se me consentisse uma humilde sugestão...

7

O Monte Azar estava silencioso naquela manhã, 27 de Aurim, e o céu acima de Salon Corbeau era azul como as profundezas de um rio, sem as marcas da fumaça cinza do velho vulcão. Era outro inverno ameno no norte da Costa de Bronze, num clima mais confiável do que os mecanismos verraris.

– Mandachuvvas – disse Zoran, chefe dos funcionários do cais no turno da manhã.

– Por que você está pedindo chuvas? – Giatti, seu colega mais novo, olhou sério na direção do porto.

– Mandachuvvas, seu idiota. Figurões, ricos. A classe abastada e abestada.

Zoran ajustou seu tabardo verde-oliva e espanou-o, desejando não ter de usar a porcaria do chapéu de feltro de lady Saljesca. Ele o fazia parecer mais alto, mas também suar.

Para além das paredes de rocha natural do porto de Salon Corbeau, um brigue pomposo de dois mastros e casco de madeira-bruxa escura acabara de se juntar a dois faluchos lashanis ancorados no mar calmo. Um escaler saíra do recém-chegado: quatro ou cinco nobres e uma dúzia de remadores.

Enquanto o escaler parava junto ao cais, Giatti se curvou e começou a

desenrolar uma corda de uma estaca do porto. Quando a proa da embarcação estava firme, Zoran postou-se ao lado dela, fez uma reverência e estendeu a mão para a primeira jovem que se levantou do banco.

– Bem-vinda a Salon Corbeau. Como a senhora se chama e como deve ser anunciada?

A jovem baixa, com uma musculatura incomum para alguém de seu status, abriu um bonito sorriso e segurou a mão de Zoran. Usava um casaco verde-floresta por cima de uma saia de babados da mesma cor, que fazia destacar muito bem seu cabelo castanho encaracolado. Mas ela parecia usar bem menos maquiagem e joias do que seria de esperar. Talvez uma parente mais pobre do dono do barco?

– Desculpe, senhora, mas preciso saber quem vou anunciar. – Ela pisou em segurança no cais e ele afrouxou o aperto.

Para sua surpresa, ela não fez o mesmo e, com um movimento hábil, encostou uma adaga de aço enegrecido na parte interna da sua coxa. Ele ofegou.

– Piratas muito bem-armados, um grupo de 98 – avisou a mulher. – Grite ou lute e você vai ser um eunuco surpreso.

8

– Fique calmo – pediu Delmastro enquanto Locke levava Jean, Streva, Jabril e Grande Konar para o cais. – Aqui somos todos amigos. É só uma família rica vindo visitar seu lindo povoadozinho. Cidade. Coisa.

Ela manteve a adaga entre si e o funcionário mais velho, para que não houvesse chance de alguém vê-la de longe. Konar pegou o funcionário mais novo, passando um braço em volta do seu ombro como se os dois se conhecessem, e murmurou algo no ouvido dele que fez a cor sumir do rosto do pobre coitado.

Devagar e com cautela, os tripulantes do *Orquídea* foram para o cais. No centro do grupo, os que usavam camadas de roupas elegantes tentavam não fazer muito barulho, já que carregavam um arsenal de armas que chacoalhava sob as capas e saias. Tinha sido demais supor que os funcionários das docas não notariam sabres e machadinhas nos cintos dos remadores.

- Cá estamos, então – disse Locke.
- Parece um belo lugar – observou Jean.
- A aparência é bastante enganadora. Agora vamos esperar que a capitã faça as honras.

9

- Perdão? Perdão, senhor?

Zamira Drakasha, sozinha no bote menor do *Orquídea*, olhava o guarda de aparência entediada atrás da amurada ornamental do iate mais próximo do navio dela. A outra embarcação tinha uns 15 metros de comprimento, um único mastro e bancos de quatro remadores de cada lado. Os remos estavam presos na vertical, como as asas de um pássaro empalhado. Logo atrás do mastro, havia um pavilhão similar a uma tenda, com paredes de seda que balançavam suavemente, postado bem entre o guarda e o continente.

O guarda espiou-a, franzindo os olhos. Zamira estava usando um vestido amarelo grosso que não se ajustava ao seu corpo, quase um roupão. Tinha deixado o chapéu na cabine e tirado as pulseiras dos braços e as fitas do cabelo.

- O que você quer?
- Minha senhora me deixou para cuidar das tarefas no navio enquanto ela se diverte em terra. Tenho várias coisas pesadas para mover e estava imaginando se poderia pedir sua ajuda.
- Quer que eu vá até lá e banque a mula para você?
- Seria muita gentileza da sua parte.
- E, ah, o que você estaria preparada para fazer em troca?
- Ora, oferecer meu agradecimento sincero aos deuses por sua bondade. Ou talvez eu possa fazer um pouco de chá.
- Você tem uma cabine lá?
- Tenho, pela gentileza da minha senhora...
- Alguns minutos sozinho com você e essa sua boca, e eu estaria feliz em mover essas merdas para você.
- Que... que *deselegante!* Minha senhora vai...
- Quem é a sua senhora, afinal?

– Lady Ezriane de la Mastron, de Nicora...

– Nicora? Rá! Como se alguém ligasse a mínima. Vá se catar. – O guarda se virou, rindo sozinho.

– Ah. Então que seja. Eu sei quando não agrado.

Ela esticou a mão e tirou a lona de cor parda que cobria o fundo do bote, logo à frente dos seus pés. Embaixo, estava a balestra mais pesada do arsenal do *Orquídea*, com uma seta de ferro farpado do tamanho do braço dela.

– E simplesmente *não me importo*.

O guarda ficou perplexo com o surgimento súbito de uma ponta de quarelo brotando do seu esterno. Zamira se perguntou se ele tivera tempo de especular sobre a localização do resto da seta antes de desmoronar.

Zamira puxou o vestido amarelo por cima da cabeça e jogou-o na popa do barco. Por baixo, usava seu colete de Vidrantigo, uma túnica leve, calção, botas e um par de esguias braçadeiras de couro. Ela enfiou a mão embaixo do banco, tirou seus sabres e os enfiou nas bainhas. Remou o barquinho até o costado do iate e acenou para Nasreen, que estava na proa do *Orquídea*. Dois tripulantes subiram na amurada do brigue e mergulharam na água.

Os nadadores chegaram à lateral da embarcação um instante depois. Zamira os ajudou a sair da água e mandou-os para a frente, para usarem um dos conjuntos de remos. Então, puxou os pinos para soltar as correntes da âncora do iate; não havia sentido em desperdiçar tempo levantando-a. Com seus dois marinheiros remando e ela cuidando do leme, foram necessários apenas alguns minutos para colocar o iate atrás do *Orquídea*.

Sua tripulação começou a descer lentamente para o iate, armada e com armaduras, não combinando em nada com a pequena embarcação frágil e coberta de entalhes elaborados. Quando o número de marinheiros chegou a 42, Zamira achou que o barco não suportaria mais; havia tripulantes agachados no convés, enfiados na cabine e segurando todos os remos. Estava bom: quase dois terços de sua tripulação em terra para executar o ataque principal e o outro terço no *Orquídea* para atacar os navios no porto.

Acenou para Utgar, que estaria encarregado desse último serviço. Ele sorriu e deixou a portinhola de entrada para dar início aos preparativos finais.

Os remadores de Zamira fizeram o iate rodear o *Orquídea*; viraram para bombordo logo depois de passar pela popa e apontaram na direção da praia. Além dela, podiam ser vistos os jardins escalonados e as construções do vale

pequeno e rico, arrumadas como pratos antes de um banquete.

– Quem trouxe o toque final? – perguntou Zamira.

Um dos tripulantes desenrolou um estandarte de seda vermelha e o prendeu na adriça de bandeira que pendia do mastro do iate.

– Certo, então. – Zamira se ajoelhou na proa do iate e fez um ajuste de praxe no cinto das espadas. – Remadores, com vontade! Vamos para a praia!

À medida que o iate avançava pelas águas temporariamente calmas da baía, Zamira notou algumas figuras pequenas em cima dos penhascos próximos enfim se alarmando. Um ou dois correram para a cidade; deviam chegar mais ou menos na mesma hora que Zamira esperava sentir a areia da praia sob as botas.

– Ice a vermelha e vamos ter um pouco de música!

Enquanto a bandeira escarlata subia pela adriça e tremulava ao vento, cada tripulante no iate soltou um uivo selvagem. Os berros ecoaram por todo o porto. Os tripulantes disfarçados no cais começaram a pegar as armas e agora cada pessoa visível no penhasco estava fugindo para a cidade. Os sabres de Zamira relampejaram ao sol no momento em que ela os sacou.

Era a melhor definição de uma bela manhã.

10

– Era *absolutamente necessário* saquear Salon Corbeau daquele jeito? – questionou Stragos.

Locke e Jean estavam sentados no escritório do Arconte, cercados pelo adejar fraco e sombreado de seus milhares de insetos mecânicos. Poderia ser apenas um truque da sala mal iluminada, mas parecia a Locke que as rugas do rosto de Stragos haviam se aprofundado desde que ele o vira pela última vez.

– Foi bastante divertido. Você tem alguma ligação especial com aquele lugar?

– Não, Lamora, só que eu tinha a clara impressão de que você iria concentrar suas atividades contra navios nas proximidades de Tal Verrar.

– Considera-se amplamente que Salon Corbeau está nas proximidades de...

– Ela é um *navio*, Lamora?

– Havia navios no porto...

– Eu tenho a droga dos números aqui, dados pelos meus agentes – interrompeu Stragos, batendo com dois dedos num pedaço de pergaminho.

– Dois faluchos afundaram. Quarenta e seis iates, barcas de lazer e embarcações menores queimadas ou afundadas. Cento e dezoito escravos roubados. Dezenove guardas particulares da condessa Saljesca mortos, dezesseis feridos. A vasta maioria das residências e casas de campo de Salon Corbeau foi queimada, praticamente todos os jardins foram destruídos. O estádio foi devastado. Prejuízo de mais de 95 mil solaris, numa primeira estimativa. Mais ou menos a única coisa que vocês deixaram de lado foram algumas lojas e a residência da própria lady Saljesca!

Locke deu um sorriso enviesado: esse tinha sido o objetivo. Depois que os hóspedes mais importantes de Saljesca haviam fugido para sua mansão-fortaleza e se trancado lá com o resto dos seus soldados, seria inútil atacar o prédio; os tripulantes do *Orquídea* seriam trucidados. Mas com a única oposição trancada no topo do vale, a tripulação de Drakasha ficara livre para agir alucinadamente por mais de uma hora, saqueando e queimando o vale à vontade. Tinham perdido apenas quatro membros no ataque.

Quanto às lojas, bem, Locke havia requisitado especificamente que a área ao redor do negócio da família Baumondain fosse deixada em paz.

– Não tínhamos tempo para atacar tudo – alegou ele. – E agora que Salon Corbeau está mais ou menos arruinada, alguns daqueles artesãos podem se estabelecer em Tal Verrar. Aqui é mais seguro, com você e seus militares por perto, não é?

– Como você pode passar o tempo executando um ataque assim, de modo tão eficiente, quando seus esforços pelo meu projeto principal são tão superficiais?

– Protesto...

– Um ataque feito por Orrin Ravelle na noite da *Festa...* muito *obrigado* por isso, por sinal... contra uma chalupa iridani contratada por um excêntrico. Mais dois ataques informados, ambos nas vizinhanças de Salon Corbeau, um feito por Ravelle e outro pela desconhecida “Capitã de la Mastron”. Drakasha teme receber o crédito por seu próprio trabalho?

– Estamos tentando criar a impressão de que vários piratas agem...

– O que vocês estão tentando é esgotar minha paciência. Vocês não roubaram cargas importantes, não queimaram navios no mar, nem mesmo

assassinaram um tripulante. Contentam-se com dinheiro e coisas valiosas fáceis de carregar, humilham e apavoram os prisioneiros, fazem pouco mais do que vandalizar as embarcações deles e depois desaparecem.

– Não podemos ficar pesados demais com carga maior: temos muitos ataques para executar.

– Parece que vocês têm um bocado de *matança* a executar. Agora a cidade está achando mais divertido do que preocupante. Continuo a sofrer aos olhos do público pelo negócio do Ravelle, mas poucos temem que essa farra de... arruaças realmente atrapalhe o comércio verrari. Nem mesmo o saque de Salon Corbeau provocou ansiedade. Seus ataques recentes dão a impressão de que agora você teme se aproximar de novo da cidade, que estas águas permanecem seguras. Se eu estivesse comprando produtos de um mercador, no momento não estaria satisfeito com a qualidade deles.

– A diferença, claro, é que quando eu tiro as medidas para, digamos, casacos novos, não *enveneno* meu alfaiate até que ele acerte o comprimento das mangas.

– Minha vida e minhas fortunas estão em risco. – Stragos se levantou da cadeira. – A sua também, dependendo do seu sucesso. Eu exijo carneiros, não palhaços. Tomem navios à vista dos muros da minha cidade. Passem as tripulações pela espada. Peguem a carga ou queimem, chegou a hora de agir a *sério*. Isso, e só isso, vai agitar a cidade até os alicerces. *Não retornem* até terem derramado sangue nestas águas. Até se tornarem um flagelo.

– Então que seja. Outro gole do nosso antídoto...

– Não.

– Se o senhor quer que trabalhem com confiança absoluta...

– Vocês vão *esperar*. Como ovos em conserva num vidro. Faz menos de duas semanas que tomaram a última dose. Não correm perigo durante mais seis.

– Mas... Espere, Arconte – interrompeu Jean enquanto Stragos se virava para sair. – Mais uma coisa: fomos atacados de novo aqui, na noite da *Festa*.

Os olhos de Stragos se estreitaram.

– Os mesmos assassinos de antes?

– Se você quer dizer o mesmo mistério, sim, acho que sim. Estavam à nossa espera no cais depois que visitamos Requin. Se eles receberam uma dica sobre nossa presença na cidade, agiram bem rápido.

– E o único lugar onde estivemos antes de visitar os Degraus de Ouro –

acrescentou Locke – foi *aqui*.

– Meu pessoal não teve nada a ver com isso – retrucou Stragos. – Na verdade, esta é a primeira vez que ouço falar nisso.

– Nós deixamos quatro mortos para trás – argumentou Jean.

– Nada de mais. Os policiais encontraram quase trinta corpos pela cidade após a *Festa*; sempre acontecem discussões e roubos nessas ocasiões. – Stragos suspirou. – Obviamente isso não tem nada a ver comigo e eu não tenho mais nada a lhes dizer a respeito. Presumo que voltarão direto para o navio depois de saírem.

– A toda velocidade – garantiu Locke. – Permanecendo o mais longe possível das ilhas.

– Algum malfeito anterior de vocês é que está provocando essas complicações. Agora vão embora. Nada de antídoto e nada de conversas. Vocês só vão estender o tempo de saúde quando mandarem mercadores em pânico aos meus portões, implorando ajuda porque a morte espreita do lado de fora do porto. *Vão e façam o serviço*.

Ele girou e saiu sem dizer mais nada. Um instante depois, um esquadrão de Olhos marchou pela porta principal e ficou esperando.

– Bom, maldição – murmurou Jean.

11

– Vamos pegar o sacana – assegurou Ezri enquanto estavam deitados na cabine dela naquela noite.

O *Orquídea Venenosa*, agora chamado de *Mercurial*, atravessava um mar agitado a uns 30 quilômetros a sudoeste de Tal Verrar, e os dois se agarravam um ao outro, balançando na rede.

– Vai ser difícil – opinou Jean. – Stragos não vai nos receber até que façamos algum trabalho sério para ele... e se fizermos isso, podemos levar as coisas ao ponto em que ele não precise mais de nós. Vamos receber uma faca em vez do antídoto. Ou... se chegar a esse ponto, *ele* vai receber a faca...

– Jean, não quero ouvir falar disso.

– É preciso encarar os fatos, querida.

– Não acredito. Não acredito. *Sempre* há um modo de atacar ou de escapar. É assim aqui. – Ela rolou para cima dele e beijou-o. – Eu disse para

você não desistir, Jean Tannen, e comigo o negócio é que eu *consigo* o que quero.

– Pelos deuses – sussurrou Jean –, como é que eu pude viver antes de conhecer você?

– Triste, mal, miseravelmente. Eu torno tudo muito melhor. É por isso que os deuses me puseram aqui. Agora pare de enrolar e me diga alguma coisa agradável!

– Alguma coisa agradável?

– É, seu pateta, ouvi dizer que às vezes outros amantes falam coisas agradáveis uns aos outros nos momentos a sós...

– É, mas com você é sob pena de morte, não é?

– Pode ser. Deixe-me encontrar um sabre...

– Ezri – começou ele com uma seriedade súbita. – Olha... quando tudo isso terminar, Stragos e todo o resto, talvez Leocanto e eu sejamos... muito ricos. Se nossos outros negócios em Tal Verrar correrem bem.

– Não diga “se”: o certo é “quando”.

– Certo. *Quando* isso acontecer... você poderia ir conosco. Leo e eu falamos um pouco sobre isso. Você não precisa escolher uma vida ou outra, Ezri. Pode simplesmente... tirar licença por um tempo. Todos nós poderíamos.

– Como assim?

– Poderíamos arranjar um iate. Em Vel Virazzo há um lugar, a marina particular, onde todos os ricos mantêm seus botes e barcas. Em geral, há alguns à venda, se você tiver centenas de solaris à mão, o que pretendemos ter. Precisamos ir a Vel Virazzo de qualquer modo, para... concluir nossos negócios. Um barco seria preparado para nós em dois dias e depois... rodar por aí um pouco! À deriva. Aproveitar. Fingir que somos nobres inúteis durante um tempo.

– E voltar para a pirataria mais tarde?

– Quando você quiser. Do jeito que você quiser. Você sempre consegue o que quer, não é?

– Viver num iate por um tempo com você e Leocanto. Sem ofensa, Jean, você é passável, para um homem de terra, mas seu amigo, como ele próprio admite, não seria capaz de navegar um sapato por uma poça de mijo...

– Por que você acha que levaríamos você, hein?

– Bom, eu pensei que tinha alguma coisa a ver com *isso*. – Ela moveu as

mãos estrategicamente para uma posição mais interessante.

– Ah, e tem, mas você poderia ser uma espécie de capitã honorária também...

– Posso dar o nome do barco?

– Você deixaria outra pessoa fazer isso?

– Certo – sussurrou ela. – Se o plano é esse, esse é o plano. Vai ser assim.

– Quer dizer mesmo que...

– Diabos, só com o saque que fizemos em Salon Corbeau, todo mundo dessa tripulação pode ficar bêbado durante meses quando voltarmos aos Ventos Fantasma. Zamira não vai sentir minha falta durante um tempo. – Eles se beijaram. – Meio ano. – Beijaram-se de novo. – Um ano ou dois, talvez.

– Sempre há um modo de atacar – murmurou Jean entre beijos –, sempre há um modo de escapar.

– Claro. Fique firme e, cedo ou tarde, você encontra o que procura.

12

Jaffrim Rodanov andava de um lado para o outro no tombadilho do *Soberano Temível* à luz laranja-prateada do início da manhã. Seguiam na direção norte por oeste com o vento no quarto de estibordo, cerca de 60 quilômetros a sudoeste de Tal Verrar. As ondas tinham de 1,5 metro a 2 metros.

Tal Verrar. A meio dia de viagem da cidade que eles haviam evitado como se fosse uma colônia de doentes de pele-solta nos últimos sete anos, rumo ao lar de uma marinha capaz de esmagar até mesmo seu poderoso *Soberano* se fosse provocada. Não havia liberdade genuína naquelas águas, apenas uma vaga ilusão: fartos navios mercantes que ele jamais poderia tocar, uma cidade rica que ele jamais poderia saquear. Mas podia viver com isso. Era *ótimo*, desde que a liberdade e os saques nos mares do sul pudessem permanecer disponíveis.

– Capitão – chamou Ydrena, aparecendo no convés com uma caneca de cerâmica lascada cheia de seu chá matinal misturado com conhaque. Não pretendo arruinar uma bela manhã...

– Você não seria minha imediata se eu precisasse de uma puxa-saco.

– Fizemos um tempo ótimo até aqui, mas agora estamos há uma semana sem pistas, capitão.

– Vimos duas dúzias de navios mercantes, lúgares e galeras de lazer só nos últimos dois dias e ainda não avistamos uma bandeira da marinha. Ainda há tempo para encontrá-la.

– Não discordo, capitão. Encontrá-la é que é...

– Um verdadeiro pé no saco. Eu sei.

– Afinal de contas, ela não vai estar por aí se anunciando como Zamira Drakasha do *Orquídea Venenosa*. – Ydrena tomou um gole do chá. – “Muito prazer, somos infames destruidores de navios dos Ventos Fantasma, será que podemos nos aproximar para uma visita?”

– Zamira pode usar o nome que quiser, pintar o que quiser na popa, mexer com o plano de velas até parecer um xaveco constipado, mas ela tem apenas um casco. Um casco escuro, de madeira-bruxa. E nós o vemos há anos.

– Todos os cascos são escuros até que a gente chegue bastante perto, capitão.

– Ydrena, se eu tivesse uma ideia melhor, acredite, estaríamos usando-a.

– Ele bocejou e se espreguiçou, sentindo os músculos dos braços se esticarem de modo agradável. – A única notícia que tivemos foi de alguns navios atacados, e agora Salon Corbeau. Ela está circulando por aí, mantendo-se a oeste. É o que eu faria, para ter mais espaço livre de mar.

– É. Um *tremendo* espaço.

– Ydrena – falou ele baixinho –, eu percorri um longo caminho para violar um juramento e matar uma amiga. Vou até onde for preciso e a perseguirei pelo tempo necessário. Vamos percorrer esse mar até que um de nós dê de cara com o outro.

– Ou que a tripulação decida que já está...

– Falta um bocado até passar dos limites. Enquanto isso, dobre todos os nossos vigias de topo à noite. Triplique de dia. Vamos colocar metade da porra da tripulação nos mastros se for necessário.

– Vela nova à vista! – gritou uma voz no topo do mastaréu de proa.

O aviso foi passado adiante pelo convés e Rodanov correu, incapaz de se conter. Tinham ouvido esse berro cinquenta vezes naquela semana, mas aquela poderia ser *a* vez.

– Onde?

– Três pontos a estibordo!

– Ydrena, ponha mais pano! Direto para o avistamento! Timão, leve-nos a nor-nordeste na bordada de estibordo!

O *Soberano Temível* estava à vontade com o vento e o mar naquele momento; seu tamanho e seu peso lhe permitiam cortar as ondas que roubariam a velocidade de embarcações menores. Eles se aproximariam em muito pouco tempo da outra embarcação.

Mesmo assim, os minutos passavam intermináveis. Chegaram ao novo curso, aproveitando a força do vento que agora soprava logo atrás do costado de estibordo. Rodanov andava pelo castelo de proa, esperando...

– Capitão Rodanov! É de dois mastros, senhor! Repetindo, dois mastros!

– Muito bem! Ydrena! Imediata ao castelo de proa!

Ela apareceu ali num minuto, o cabelo louro-claro balançando na brisa, jogando fora o resto do chá matinal.

– Leve minha melhor luneta ao mastaréu de proa – ordenou ele. – Avise... assim que souber alguma coisa.

– Sim. Enfim algo para fazer.

A manhã progrediu com lentidão torturante, mas ao menos o céu estava sem nuvens. Boas condições para um avistamento. O sol subiu e ficou mais claro, até que...

– Capitão, casco de madeira-bruxa! – gritou Ydrena. – É um brigue de dois mastros com casco de madeira-bruxa!

Ele não suportava mais esperar passivamente.

– Estou subindo!

Com dificuldade, arrastou-se pelos ovéns do mastro de proa até a plataforma de observação no mastaréu, um lugar que ele reservara para marinheiros menores e mais jovens muitos anos antes. Ydrena estava empoleirada lá, com um tripulante que se arrastou de lado a fim de abrir espaço para ele na plataforma. Rodanov pegou a luneta e espiou o navio no horizonte, até que nem mesmo sua faceta mais cautelosa lhe permitiria negar.

– É ele. Ela fez alguma coisa diferente nas velas, mas é o *Orquídea*.

– E agora?

– Ponha cada retalho de vela que pudermos aguentar. Abuse o máximo possível desse oceano antes que ela nos reconheça.

– O senhor quer atraí-la com bandeiras de sinalização? Oferecer um

acordo, depois pular em cima?

– “Falemos por trás das mãos, para que os lábios não sejam lidos como o livro dos nossos desígnios.”

– Mais das suas poesias?

– Versos, e não poesia genuína. Mas... não. Ela vai nos reconhecer, cedo ou tarde, e saberá *exatamente* qual é o nosso negócio.

Ele devolveu a luneta a Ydrena e se preparou para descer de volta pelos ovéns.

– Direto para ela, sem capas e com armas à mostra. Podemos dar isso a ela, porque é a última luta que ela trará.

CAPÍTULO QUINZE

Entre irmãos

1

– Jerome sabe que você está me pedindo isso?

– Não.

Locke estava atrás de Drakasha junto à amurada de popa, encolhido perto dela para que pudessem conversar em particular. Era a sétima hora da manhã, mais ou menos, e o sol subia para uma cúpula azul sem nuvens. O vento vinha do leste, um pouquinho atrás do costado de estibordo, e as ondas se intensificavam.

– E você acha que...

– É, acho que posso falar por nós dois. Não há outra opção. Não veremos Stragos de novo a não ser que você faça o que ele pede. E, para ser franco, se você fizer o que ele pede, acho que nossa utilidade terá um fim. Haverá mais uma chance de acesso físico a ele. É hora de mostrar a esse escroto como nós fazíamos as coisas em Camorr.

– Achei que vocês eram especializados em finesse desonesta.

– Também tenho um negócio ativo colocando facas no pescoço das pessoas e gritando com elas.

– Mas, se você requisitar outro encontro depois de afundarmos alguns navios para ele, não acha que ele estará preparado para alguma traição? Em especial num lugar apinhado de soldados?

– Só preciso chegar perto dele. Não vou fingir que poderia abrir caminho por uma muralha de guardas, mas a 15 centímetros de distância, com um bom punhal, eu sou a própria mão de Aza Guilla.

– Pegá-lo como refém, então?

– É simples. Direto. Espero que eficaz. Se eu puder enganá-lo para me dar o antídoto ou fazer um acordo com o alquimista, talvez possa deixá-lo meio morto de medo.

– E você realmente pensou direito nisso?

– Capitã Drakasha, eu mal consegui dormir nos últimos dias, pensando. Por que acha que vim até aqui falar com a senhora?

– Bom...

– Capitã! – gritou o vigia do mastro principal para o convés. – Temos ação atrás de nós!

– Como assim?

– Vela talvez a três pontos a bombordo, no horizonte. Acabou de dar a volta bem de repente. Parou de ir para o oeste e apontou direto para nós.

– Olhos bons – elogiou Drakasha. – Mantenha-me informada. Utgar!

– Sim, capitã?

– Dobre a vigilância em cada mastro. Vocês aí, no convés! Preparem-se para mudança de rumo! A postos com as amuras e os estais! Esperem minha ordem!

– Problema de verdade, capitã?

– Provavelmente não. Mesmo que Stragos tenha mudado de ideia desde ontem e decidido nos caçar agora, um navio de guerra verrari não poderia estar vindo daquela direção.

– Esperemos que sim.

– É. Portanto o que vamos fazer é modificar nosso rumo, bem devagar. Se a mudança de curso deles foi inocente, eles vão passar alegremente. – Ela pigarreou. – Timão, para noroeste por norte, rápido. Utgar! Firme as vergas para um vento no quarto de estibordo!

– Sim, capitã!

O *Orquídea Venenosa* adernou mais ainda a bombordo, até estar indo quase para noroeste. Agora a brisa forte soprava pelo tombadilho, quase batendo direto no rosto de Locke. Ao sul, ele achou que via velas minúsculas; não conseguia enxergar o casco.

Alguns minutos depois, veio o berro:

– Capitã! O navio virou cinco ou seis pontos a bombordo! Está atrás de nós outra vez!

– Nós estamos a estibordo deles. Ele está tentando se aproximar. Mas isso não faz sentido. – Ela estalou os dedos. – Espera. Pode ser um caçador de

recompensas.

– Como ele poderia saber que somos nós?

– Provavelmente tem uma descrição do *Orquídea*, dada pela tripulação daquela chalupa que você visitou. Olha, só podemos disfarçar nosso garoto por um tempo. Essas lindas tábuas de madeira-bruxa são características demais.

– Então... até que ponto isso é um problema?

– Depende de quem tiver mais velocidade. Se for um caçador de recompensa, será uma luta infrutífera. Vai estar carregando pessoas perigosas e nada de valor. Assim, se formos os mais rápidos, pretendo mostrar a bunda a eles e dar adeus.

– E se não formos?

– Teremos uma luta infrutífera.

– Capitã, é de três mastros! – gritou um dos vigias de um mastaréu.

– Isso está ficando cada vez melhor – comentou Drakasha. – Vá acordar Ezri e Jerome para mim.

2

– Azar – disse Delmastro. – Tremendo azar.

– Só para eles, se a coisa for como eu quero – replicou Zamira.

A capitã e sua tenente estavam junto à amurada de popa, olhando o débil quadrado branco que marcava a posição do perseguidor no horizonte. Locke esperava com Jean a pouca distância, junto à amurada de estibordo. Drakasha tinha virado o navio alguns pontos para o sul, assim viajavam em direção oés-noroeste com o vento bom no quarto de estibordo, o que ela afirmava ser o melhor ponto de vela do *Orquídea*. Locke sabia que havia naquilo certo risco: se o oponente fosse o mais rápido, poderia determinar um curso de interceptação que iria trazê-lo muito mais depressa do que numa caçada de popa. O problema era que uma perseguição desse tipo, indo para o norte, não duraria muito: o espaço de oceano ilimitado só existia a oeste deles.

– Não sei se estamos ganhando terreno, capitã – avisou Delmastro depois de alguns minutos de silêncio.

– Nem eu. Porcaria de mar agitado. Se ele é de três mastros, pode ter

peso para estabelecer uma velocidade melhor.

– Capitã! – O grito do mastro principal foi mais urgente ainda do que o usual. – Capitã, ele não está ficando para trás e... capitã, peço perdão, mas talvez a senhora queira vir olhar isso pessoalmente.

– Olhar o quê?

– Se eu não estou louca, já vi esse navio antes! Eu juro. Gostaria que outros olhos confirmassem.

– Vou dar uma olhada – interveio Delmastro. – Posso levar sua luneta predileta?

– Deixe-a cair e eu dou sua cabine a Paolo e Cosetta.

Locke ficou observando Delmastro subir pelo mastro principal, armada com o orgulho e a alegria de Zamira, uma obra-prima de óptica verrari engastada em couro tratado alquimicamente. Passaram-se mais alguns minutos antes que o grito dela chegasse ao convés:

– Capitã, é o *Soberano Temível!*

– O quê? Del, tem certeza absoluta?

– Eu já o vi bastante, não vi?

– Estou subindo!

Locke trocou um olhar com Jean enquanto Zamira saltava nos ovéns do mastro principal. Um zum-zum de murmúrios e palavrões havia brotado entre os tripulantes no convés. Cerca de uma dúzia deles abandonou suas tarefas e foi para a popa, esticando o pescoço para vislumbrar a vela ao sul. Afastaram-se alarmados quando Drakasha e Delmastro retornaram ao tombadilho, sérias.

– Então é ele? – perguntou Locke.

– É – respondeu Drakasha. – E, se está procurando por nós há algum tempo, quer dizer que não partiu muito depois de nós.

– Ele pode estar trazendo uma mensagem ou algo assim, não é?

– Não. – Drakasha tirou o chapéu e passou a outra mão pelas tranças, quase nervosa. – Ele se opôs ao plano mais do que todos os outros no conselho de capitães. Não navegou por tanto tempo e tão longe quanto nós, arriscando o navio perto de Tal Verrar, para dar uma mensagem. Infelizmente, precisamos adiar nossa conversa, Ravelle. O argumento não faz sentido se este navio não estiver flutuando no fim do dia.

3

Locke olhou para o *Soberano Temível* por cima da espuma branca das ondas, agora bem acima do horizonte, apontado para eles como uma agulha atraída para um ímã. Era a décima hora da manhã e o progresso de Rodanov sobre eles era óbvio.

Zamira fechou sua luneta com força e girou de costas para a amurada de popa.

– Capitã – falou Delmastro –, deve haver alguma coisa... Se pudermos mantê-lo à distância até o anoitecer...

– Então teríamos opções, sim. Mas só uma caçada direta de popa garantiria esse tempo e, se corrermos para o norte, vamos encontrar o litoral muito antes do crepúsculo. Para não mencionar que ele foi restaurado há pouco tempo e nós já passamos da hora de fazer isso. A verdade é que já perdemos essa corrida.

Drakasha e Delmastro ficaram em silêncio durante vários instantes, até que a tenente pigarreou.

– Eu... é... vou começar a preparar as coisas, está bem?

– É melhor mesmo. Deixe o Turno Vermelho continuar dormindo enquanto puder, se é que algum deles ainda está dormindo.

Delmastro assentiu, agarrou Jean pela manga da túnica e puxou-o em direção à escotilha do convés principal.

– A senhora pretende lutar – disse Locke.

– Não tenho opção. Nem você, se quiser viver para o jantar. Rodanov tem quase o dobro do nosso número. Você entende a confusão em que estamos.

– E tudo por minha causa, mais ou menos. Desculpe, capitã...

– Basta de papo furado, Ravelle. Não me arrependo de tê-lo ajudado, portanto ninguém mais precisa se arrepender. Isso é coisa do Stragos, e não sua. De um modo ou de outro, os planos dele nos atingiriam.

– Obrigado, capitã Drakasha. Agora... eu sei que já conversamos sobre a verdadeira extensão das minhas habilidades em batalha, mas a maior parte da tripulação provavelmente ainda pensa que sou uma espécie de matador. Eu... acho que...

– Você quer um lugar no meio da encrenca?

– Quero.

– Achei que você ia pedir isso mesmo. Já tenho um lugar para você. Não pense que vai pegar moleza.

Ela se afastou por um momento e gritou em direção à proa:

– Utgar!

– Sim, capitã?

– Pegue a sonda de mar profundo e faça uma medição!

Locke levantou as sobrancelhas interrogativamente e ela explicou:

– Preciso saber quanta água temos sob os pés. Então vou saber quanto tempo a âncora vai demorar para descer.

– Por que a senhora baixaria uma âncora?

– Você terá de esperar para se surpreender. Assim como Rodanov, espero... mas isso seria pedir demais.

– Capitã, temos umas 9 braças! – gritou Utgar após vários minutos.

– Certo. Ravelle, sei que você está de folga agora, mas você foi insensato a ponto de vir para cá e pedir atenção. Pegue uns dois Azuis e alguns barris de cerveja lá de baixo. Tente fazer silêncio, para não acordar nenhum Vermelho. Vou convocar todos os tripulantes dentro de mais ou menos uma hora e nunca é sensato mandar pessoas para uma confusão dessas com a garganta seca demais.

– Será um prazer, capitã. Mais ou menos uma hora, então? Quando a senhora acha que estaremos...

– Pretendo provocar a briga antes do meio-dia. Só há um modo de vencer quando a gente está sendo perseguida por alguém maior e mais forte. Dar meia-volta, dar um soco nos dentes dele e esperar que os deuses gostem da gente.

4

– Todos os tripulantes! – gritou Ezri pela última vez. – Todos os tripulantes no convés central! Vagabundos e filhos da puta preguiçosos, no convés! Se têm colegas de quarto ainda lá embaixo, puxem todos para cima!

Jean parou na frente do grupo à meia-nau, esperando que Drakasha fizesse seu discurso. Ela estava junto à amurada, tendo atrás Ezri, Nasreen, Utgar, Caladão, Gwillem e Treganne. A Erudita parecia profundamente chateada, pois uma coisa tão trivial quanto uma luta sangrenta de navio

contra navio havia interrompido sua rotina.

– Ouçam bem! O navio que vem para cima de nós é o *Soberano Temível*. O capitão Rodanov não gostou dos nossos negócios nestas águas e viajou um longo caminho para lutar conosco.

– Não podemos lutar com tanta gente assim! – berrou alguém da turba.

– Não temos escolha. Eles estão se aproximando para fazer a abordagem, quer gostemos ou não.

– Mas e se ele só estiver atrás de você? – perguntou um tripulante que Jean não reconheceu; o sujeito também estava de pé na frente do grupo, bem onde Drakasha e todos os seus oficiais podiam vê-lo. – Nós entregamos você a ele e poupamos uma luta infernal. Isto aqui não é a marinha e eu tenho o direito de gostar tanto da minha vida quanto...

Jabril abriu caminho pelo grupo atrás do homem e deu-lhe um soco no cóccix. O sujeito caiu se retorcendo no convés.

– Nós *não* sabemos se ele só quer Drakasha! – vociferou Jabril. – Eu não vou esperar junto à amurada com as calças abaixadas para ver se alguém beija o meu pau! A maioria de vocês sabe disto tanto quanto eu: se um capitão luta contra um capitão, não é conveniente deixar que os dois lados da história retornem a Porto Pródigo!

– Espere, Jabril – Zamira desceu rapidamente a escada do tombadilho, foi até o homem pragmático e ajudou-o a sentar-se. Então, parou diante da tripulação reunida, ao alcance da primeira fileira. – Basryn está certo com relação a uma coisa: isto aqui não é a marinha, portanto vocês têm o direito de gostar da própria vida. Não sou uma droga de imperatriz. Se alguém quer tentar me entregar ao Rodanov, estou aqui. É a chance de vocês. Alguém?

Como ninguém se destacou do grupo, Drakasha levantou Basryn e olhou-o direto nos olhos.

– Agora você pode pegar o menor bote, você e qualquer um que queira ajudá-lo. Ou pode ficar.

– Ah, diabos – praguejou ele gemendo. – Desculpe, capitã. Eu... acho que prefiro viver como covarde a morrer como idiota.

– Oscarl, quando terminarmos aqui, junte um grupo e baixe o bote pequeno, depressa. Se mais alguém quiser ir com o Basryn, fique à vontade. Se Rodanov vencer, tentem a sorte. Se eu vencer... saibam que estamos a pelo menos 80 quilômetros de terra e vocês não voltarão a bordo.

Basryn assentiu, e foi só. Drakasha soltou-o e ele cambaleou para o meio

dos tripulantes, abraçando a si mesmo e ignorando os olhares irados das pessoas ao redor.

– Ouçam bem, agora! – gritou Drakasha. – O mar não é nosso amigo hoje; aquele filho da puta tem mais capacidade de cortar a água do que nós. Uma caçada em qualquer direção só iria nos garantir mais algumas horas. Se quisermos resolver isso à distância de um beijo, pretendo determinar os termos do cortejo. Só para que alguns de nós fiquem de pé, é necessário que cada um mate dois deles, logo, obviamente, precisamos nos sair melhor do que isso. Se colocarmos um dos nossos costados contra a proa dele, podemos nos apinhar em volta do ponto de abordagem dele e ficar em maior número no único lugar que importa. A tripulação grande não vai significar nada se ele tiver de mandá-la em partes direto para os nossos dentes.

Ela fez uma pausa e prosseguiu:

– Assim, vou colocar vocês em fileiras no poço do navio. Espadas e escudos na frente, lanças e alabardas atrás. Não percam tempo: se não puderem matar uma pessoa, joguem-na na água, fora da porcaria da luta! Del vai escolher nossos dez melhores arqueiros e mandá-los lá para cima. Cinco por mastro. Eu gostaria de enviar mais, porém vamos precisar de cada arma possível no convés.

Em seguida, virou-se para Locke e Jean.

– Ravelle, Valora, vou dar alguns tripulantes a vocês, para formar nossa “companhia de voo”, fazendo voar pedras contra os botes do *Soberano*. Eles vão tentar nos abordar por todos os lados assim que estivermos ocupados na área central, portanto vocês vão aonde eles forem. Uma pessoa no convés pode rechaçar cinco num bote, desde que vocês ajam depressa. Nasreen, escolha três pessoas e fique perto da âncora de estibordo, à espera de ordens. Assim que eu mandar, vocês protegerão a proa contra botes, permitindo que o grupo de Ravelle lute em outro lugar. Utgar, você vai ficar comigo, carregando as balestras. Bom, há cerveja no castelo de proa e quero ver o barril vazio antes de darmos início ao trabalho. Bebam, encontrem as armaduras. Se tiverem cota de malha ou peças de couro que estejam guardando, coloquem tudo. Não me importa o quanto vocês vão suar; vocês nunca vão precisar tanto disso quanto hoje.

Drakasha dispensou a tripulação virando-se de costas para ela e voltando a subir a escada do tombadilho. Um pandemônio irrompeu no convés

central; de repente, os tripulantes empurravam uns aos outros, indo em todas as direções, em busca de armaduras e armas ou do que poderia ser sua última bebida em vida.

Ezri pulou a amurada do tombadilho e gritou enquanto penetrava no caos:

– Equipes de incêndio, preparem baldes duplos de areia! Ponham a rede-
navalha de bombordo e a icem bem alto! Jerome, carregue seu rabo
preguiçoso até o tombadilho! Forme a companhia de voo lá!

Jean acenou e acompanhou Drakasha à popa, onde Utgar esperava,
parecendo nervoso. Treganne estava descendo a escada de tombadilho,
murmurando algo sobre “compras no atacado”.

Subitamente, uma forma baixa e escura disparou pela escada de
tombadilho até Drakasha, que recebeu um puxão na calça. Ela olhou para
baixo e viu Paolo agarrado em suas pernas.

– Mamãe, o barulho!

Zamira sorriu e pegou-o no colo, aninhando-o contra as lapelas do
casaco. Virou-se para o vento, que afastou o cabelo de seu rosto. Jean pôde
ver que os olhos de Paolo estavam virados para o *Soberano Temível*, que
oscilava sob o céu sem nuvens, diminuindo implacavelmente a distância
entre eles.

– Paolo, querido, a mamãe precisa que você a ajude a esconder você e sua
irmã no armário de cordas na cobertura inferior, está bem?

O menino assentiu e Zamira deu-lhe um beijo na testa com os olhos
fechados, enterrando o nariz no emaranhado de cachos curtos e escuros.

– Ah, ótimo – falou ela. – Por que depois disso a mamãe precisa pegar a
armadura e os sabres, abordar o navio daquele filho da puta mentiroso e
afundá-lo como se fosse uma pedra.

5

Jaffrim Rodanov estava na proa de seu navio, com o *Orquídea Venenosa* bem
no centro da luneta, quando o navio de Drakasha girou subitamente a
bombordo e apontou para ele feito uma flecha. As velas do mastro principal
tremeram e foram sumindo de vista à medida que a tripulação de Drakasha
as posicionava para a batalha.

– Ah, lá vamos nós, Zamira. Enfim fazendo a única coisa sensata.

Como sempre, Rodanov vestira um casaco de couro reforçado com malha nas costas e nas lapelas. Os amassados e os vincos da peça antiga eram sempre um conforto para ele: uma lembrança de que, havia anos, as pessoas vinham tentando matá-lo, sem sucesso.

Nas mãos, usava suas armas prediletas, luvas de aço enegrecido segmentado. Na confusão de um combate corpo a corpo, elas podiam aparar lâminas e arreentar crânios. Além disso, ele se valia de um porrete cravejado de ferro que chegava até a cintura. Fechou a luneta com cuidado e enfiou-a num bolso, pensando em recolocá-la na bitácula antes do início da luta. Não como na última vez.

– Ordens, capitão?

Ydrena esperava na escada do castelo de proa, com sua espada curva embainhada às costas e a maior parte da tripulação preparada atrás dela.

– Ela está vindo na nossa direção – trovejou Rodanov. – Sei que isso não é fácil, mas Drakasha está atacando em águas verraris. Ela vai fazer o inferno baixar sobre a vida de que todos nós gostamos... a não ser que a impeçamos agora. Formar a estibordo, como planejamos. Escudos na frente. Balestras atrás. Lembrem-se, uma saraivada, depois joguem-nas no chão e saquem os aços. Equipes dos botes, saiam pelo lado de estibordo assim que estivermos emparelhados com o *Orquídea*. Arpêus a postos na lateral e na proa. Timão, você já sabe o que fazer: execute com perfeição ou reze para morrer na luta. Este dia será vermelho! Drakasha é uma adversária de respeito, mas o que nós somos, sobre todos os ventos e águas do Mar de Bronze?

– SOBERANOS! – gritaram os tripulantes como se fossem um só.

– O que somos, jamais abordados e jamais derrotados?

– SOBERANOS!

– O que nossos inimigos berram quando falam o nome de sua perdição no julgamento dos deuses?

– SOBERANOS!

– Nós somos! – Ele sacudiu o porrete acima da cabeça. – E temos algumas surpresas para Zamira Drakasha! Tragam as jaulas para a frente!

Três equipes de seis marinheiros trouxeram gaiolas cobertas de lona ao convés do castelo de proa. Elas tinham alças de madeira, postas bem longe das laterais de tela, e cerca de 2 metros de comprimento e 1 de largura e de altura.

- Não comeram nada desde ontem, certo?
- Não – respondeu Ydrena.
- Ótimo.

Rodanov verificou duas vezes as seções da amurada de estibordo de cerca de 3 metros que seu carpinteiro havia enfraquecido, para que um bom empurrão as derrubasse. Um estrago em seu amado *Soberano*, mas que poderia ser consertado facilmente mais tarde.

- Ponham-nas aqui. E chutem as jaulas. Deixem que elas fiquem bem irritadas.

6

Os dois navios rasgavam as ondas um em direção ao outro e, pela segunda vez na vida, Locke Lamora se viu prestes a entrar numa batalha marítima.

- Firme, Caladão! – gritou Drakasha, que olhava por cima da amurada de bombordo do tombadilho.

Locke e Jean esperavam ali perto, armados com machadinhas e sabres. Jean também tinha um par de braçadeiras de couro, outrora pertencentes a Basryn, que não estava em nenhum lugar à vista desde que fora sozinho para o mar no bote pequeno. *Meu bote*, pensou Locke, um tanto amargamente.

Locke e Jean haviam formado a “companhia de voo” com Malakasti, Jabril, Strevia e Gwillem. Todos portavam escudos e lanças, à exceção do contramestre de aparência tímida, que usava um avental de couro cheio de pesadas bolas de chumbo para a funda que carregava na mão esquerda.

A maior parte da tripulação esperava à meia-nau, enfileirada como Drakasha havia ordenado: os que tinham escudos grandes e espadas se achavam à frente; os com alabardas, atrás. As velas do mastro principal estavam içadas, baldes de areia haviam sido dispostos, a portinhola de entrada de bombordo fora protegida com o que Delmastro chamava de “rede de esfolar” e o *Orquídea Venenosa* corria para o abraço do *Soberano Temível* como um amante que ficara muito tempo distante.

Delmastro surgiu do meio da confusão no convés central, lembrando muito a primeira vez que Locke a vira, com a armadura de couro e o cabelo preso para a ação. Sem se importar com as armas que os dois carregavam

nos cintos, ela saltou para cima de Jean, envolvendo-o com os braços e as pernas. Ele abraçou-a e os dois se beijaram até que Locke riu alto. Não era o tipo de coisa que as pessoas costumavam ver antes da maioria das batalhas, imaginou.

– Este dia é nosso – afirmou ela quando os dois enfim se separaram.

– Tente não matar todo mundo lá antes que eu ao menos me envolva, certo? – Jean sorriu e ela lhe entregou uma bolsinha de seda.

– O que é isso?

– Um cacho do meu cabelo. Era para ter lhe dado há alguns dias, mas ficamos ocupados com os ataques. Você sabe. Pirataria. Vida agitada.

– Obrigado, amor.

– Agora, se você estiver encrencado em algum lugar, pode segurar essa bolsinha na frente de quem estiver incomodando e dizer: “Você não faz ideia de com quem está querendo foder. Eu estou sob a proteção da dama que me deu este objeto.”

– E isso vai impedir alguém?

– Merda, não, é só para confundi-los. Então você os mata enquanto eles estiverem olhando com uma cara esquisita.

Os dois se abraçaram de novo e Drakasha pigarreou.

– Del, se não for muito problema, estamos planejando atacar aquele navio ali na frente. Será que você poderia...

– Ah, é, a luta pela nossa vida. Acho que posso ajudar a senhora por alguns minutos, capitã.

– Boa sorte, Del.

– Boa sorte, Zamira.

– Capitã – chamou Caladão –, agora...

– *Nasreen!* – berrou Drakasha o mais alto possível. – *Soltar âncora de estibordo!*

– Colisão total! – berrou Delmastro um instante depois. – Segurem-se todos! Aí em cima! Agarrem um mastro, agarrem um cabo!

Alguém começou a tocar freneticamente o sino do mastro de proa. Os dois navios se aproximavam a uma velocidade espantosa. Locke e Jean se agacharam na escada de bombordo do tombadilho, agarrando-se à amurada interna. Locke olhou para Drakasha e viu que ela estava concentrada, contando alguma coisa. Curioso, tentou decifrar o que dizia e concluiu que ela não falava em terim.

– Capitã – chamou Caladão, calmo como se estivesse pedindo um café –, o outro navio...

– Timão, tudo a bombordo! – gritou Drakasha.

Caladão e seu companheiro começaram a girar o timão do navio para a esquerda. De repente, houve um rangido e um estalo na proa; o navio estremeceu de ponta a ponta e foi sacudido para estibordo como se fosse apanhado nos dentes de um vendaval. Locke sentiu o estômago protestar e se agarrou à amurada com toda a força.

– Equipe de âncora, corte o cabo! – berrou Drakasha.

Locke tinha uma visão excelente do *Soberano Temível* correndo na direção deles, a menos de 100 metros. Ofegou ao pensar no pesado gurupés do navio transpassando o *Orquídea* e sua tripulação feito uma lança, mas o navio de três mastros adernou para bombordo, girando também.

Rodanov evitou uma colisão de frente, numa manobra intencional, supôs Locke. Ainda que pudesse causar danos sérios ao *Orquídea*, o abalroamento prenderia o navio bem no lugar onde Zamira poderia resistir melhor à abordagem e possivelmente afundaria os dois navios cedo ou tarde.

O que aconteceu foi espetacular: o mar borbulhou entre as duas embarcações e Locke ouviu as ondas protestando, sibilando furiosamente como carvões ardentes. De algum modo, o *Soberano* e o *Orquídea* contiveram o impulso e deslizaram um contra o outro ao longo dos costados. O mundo inteiro pareceu se sacudir quando os dois se encontraram; madeiras estalaram, mastros estremeeceram e lá em cima uma tripulante do *Orquídea* foi arrancada de sua posição. Ela bateu no convés do *Soberano*, tornando-se a primeira baixa na batalha.

– Draiva! Draiva! – gritou Zamira.

Todos no tombadilho olharam para cima ao mesmo tempo enquanto a draiva do *Orquídea* era enfunada do modo mais atabalhado possível por uma pequena equipe. Descendo até a extensão total, a vela foi presa no lugar a uma velocidade desesperada. Normalmente as velas de proa e de popa jamais seriam posta de lado para o vento, mas a intenção era que a brisa forte do leste a empurrasse, afastando a popa do *Orquídea* do contato com o *Soberano*. Caladão forçou o timão para estibordo, tentando facilitar o movimento.

Houve uma série de gritos e estalos na proa; o gurupés do *Soberano* estava destruindo ou estragando boa parte do cordame de proa, mas o plano

de Drakasha parecia ter sido bem-sucedido. O gurupés não havia aberto um buraco no casco e apenas a proa de Rodanov a estibordo estava em contato com o lado de bombordo de Drakasha. Lá de cima, pensou Locke, os deuses podiam ver os navios como esgrimistas bêbados, os gurupés cruzados mas causando relativamente pouco dano enquanto oscilavam.

Coisas invisíveis riscaram o ar com sibilos serpentinos e Locke percebeu que choviam flechas ao seu redor. A luta de fato começara.

7

– Vaca syresti espertalhona – murmurou Rodanov, erguendo-se após a colisão.

Drakasha usava sua raiva para impedir um contato pleno de costado com costado. Que fosse: ele tinha cartas na manga, prontas para serem usadas.

– Soltem-nas! – gritou.

Um tripulante parado bem atrás das três jaulas, ladeado por homens com escudos, puxou a corda que abria as portas. Elas estavam a apenas centímetros do trecho enfraquecido da amurada, que fora convenientemente arrancado quando os navios se encontraram.

Um trio de *valconas* adultas – famintas, sacudidas e irritadas além da conta – saíram em disparada, berrando como mortos-vivos vingativos. A primeira coisa em que puseram os olhos foi o grupo de Orquídeas que estava do outro lado. Ainda que pesadamente armados e com armaduras, o pessoal de Zamira sem dúvida esperava repelir primeiro uma abordagem humana.

As três aves de ataque lançaram-se pelo ar e pousaram no meio de escudos e alabardas, atacando com os bicos e as garras do tamanho de adagas. Tripulantes gritaram, empurraram-se uns contra os outros e provocaram o caos absoluto na luta desesperada para golpear as feras ou fugir delas.

Rodanov riu ferozmente. A aquisição das aves tinha valido a pena, mesmo tendo custado tanto em Pródigo, mesmo tendo empestado o porão, mesmo que fossem estar mortas em pouco tempo. Cada Orquídea que elas mutilavam era um a menos para seu pessoal enfrentar e não era possível avaliar o prazer de fazer os inimigos se borrarem.

– Baixar botes! – gritou ele. – Soberanos! Comigo!

8

Os gritos vindos da proa eram mais do que humanos; Locke subiu correndo de quatro a escada de tombadilho, esforçando-se para ver o que acontecia. Vultos marrons se agitavam entre as “legiões” de Zamira ao longo da amurada de bombordo. Que diabo era aquilo? A própria Drakasha passou correndo com os dois sabres na mão, partindo para o ponto de maior caos.

Vários marinheiros a bordo do navio de Rodanov lançaram arpéus. Uma equipe de Drakasha, já esperando por isso, correu para a amurada de bombordo e cortou os cabos dos arpéus com machadinhas, porém um deles tombou com uma flecha no pescoço.

Um estalo agudo, chapado, indicou que uma flecha havia batido ali perto e Jean agarrou Locke pelo colarinho da túnica e puxou-o para o tombadilho. Sua “companhia de voo” estava agachada atrás dos escudos pequenos; Malakasti usava o dela para proteger também Caladão, que manobrava o timão de cócoras. Alguém gritou e caiu do cordame a bordo do *Soberano* e, um segundo depois, Jabril berrou quando uma flecha arrancou lascas da amurada de popa ao lado de sua cabeça.

Para surpresa de Locke, Gwillem se levantou subitamente e, com uma expressão plácida, começou a girar uma bola de chumbo em sua funda. Enquanto seu braço subia, ele soltou uma das cordas da arma e um arqueiro no tombadilho do *Soberano* caiu para trás. Jean puxou o contramestre de volta para o convés no momento em que o vadrã começou a pegar outro projétil.

– Botes! – berrou Streva. – Botes dando a volta!

Dois botes, cada um carregando cerca de vinte marinheiros, vinham depressa de trás do *Soberano*, fazendo uma curva para se aproximar da popa do *Orquídea*. Locke desejou ardentemente que algumas flechas atrapalhassem a passagem deles, mas os arqueiros lá em cima tinham ordem de ignorar os botes. Aquelas embarcações eram trabalho apenas para o lendário herói do barril de cerveja, Orrin Ravelle.

Contudo, ele possuía uma grande vantagem: Jean Tannen. Colocadas de modo incongruente nas polidas tábuas de madeira-bruxa do convés, havia

várias pedras grandes e redondas, tiradas laboriosamente do lastro do navio.

– Dê uma de bruto, Jerome! – bradou Locke.

Quando o primeiro bote do *Soberano* se aproximou da amurada de proa, dois marinheiros armados com balestras se levantaram para abrir caminho para uma mulher que segurava um arpéu. Gwillem girou e disparou uma das suas bolas para baixo, abrindo a cabeça de um homem de proa e derrubando-o para trás, em meio à confusão de marinheiros. Jean foi até a amurada de popa, erguendo acima da cabeça uma pedra de 40 quilos, do tamanho do peito de um homem comum. Ele berrou e jogou-a no bote, onde ela despedaçou não apenas as pernas de dois remadores, mas o casco da pequena embarcação. A água começava a jorrar pelo buraco, provocando pânico.

Então vieram setas de balestra do segundo bote. Apanhado enquanto olhava os esforços do primeiro, Streva recebeu uma nas costelas e caiu para trás, em cima de Locke, que empurrou de lado o rapaz desafortunado, sabendo que não poderia ajudá-lo. O convés já estava vermelho de sangue. Uma flecha disparada das vergas superiores do *Soberano* se cravou nas costas de Malakasti, que caiu sobre a amurada, e seu escudo despencou no mar.

Jabril empurrou a lança dela para longe e puxou-a para o convés. Locke viu que a flecha havia perfurado um dos pulmões e as respirações úmidas pelas quais ela lutava agora seriam as últimas. Jabril, com a expressão angustiada, tentava cobri-la com o próprio corpo, até que Locke gritou:

– Tem mais vindo! Não perca a porra da cabeça!

Hipócrita maldito, pensou com o coração martelando.

No barco que afundava lá embaixo, outro marinheiro se preparou para jogar um arpéu. Gwillem disparou de novo, despedaçando o braço do sujeito. E outra pedra foi atirada por Jean. Diante do bote afundando e de cadáveres se amontoando nos bancos, os sobreviventes pulavam na água. Eles poderiam significar encrenca de novo dentro de alguns minutos, mas por enquanto estavam fora da luta, assim como um terço da “companhia” de Locke. O segundo bote inimigo se aproximava, cauteloso com as pedras, mantendo-se afastado. Deu a volta ao redor da popa e partiu para o lado de estibordo, um tubarão com uma presa ferida.

9

Zamira arrancou seu sabre do corpo da última *valcona* e berrou para seu pessoal no lado de bombordo:

– Reorganizar! Reorganizar! Fechem a porra da abertura ali!

Valconas! Maldito Rodanov, o sacana esperto: pelo menos cinco tripulantes seus estavam mortos por causa daquelas coisas malditas e só os deuses sabiam quantos mais estariam feridos ou abalados. Ele já esperava que ela fosse de costado para a proa.

E ali estava ele, impossível não ver, quase do tamanho de dois homens, usando um casaco escuro e aquelas porcarias de luvas. Nas mãos, um porrete que devia pesar 10 quilos. Seus homens fluíram ao redor dele e partiram contra a primeira fileira dela através da abertura que Rodanov fizera em seu corrimão de estibordo. O ponto de decisão era exatamente a confusão que ela havia esperado: lanças furando, escudos balançando, cadáveres e lutadores pressionados pela turba e impedidos de se mover. Alguns escorregavam pelo abismo entre os dois navios, afogando-se ou sendo esmagados pelas embarcações.

– Balestras! – gritou ela. – Balestras!

Atrás dos lanceiros, quase todas as balestras de seu navio tinham sido carregadas. A fileira de trás dos Orquídeas pegou-as e disparou uma saraivada por entre as filas da frente; oito ou nove homens de Rodanov tombaram, mas ele próprio pareceu intocado. Um instante depois, os inimigos revidaram. Homens e mulheres caíram gritando nas fileiras de Zamira, com setas emplumadas na cabeça ou no peito.

Os Soberanos tentavam pular por cima da abertura maior à direita da luta principal; alguns deles tiveram sucesso e estavam agarrados tenazmente à amurada dela, lutando para subir. Drakasha resolveu esse problema por conta própria, cortando rostos e partindo crânios com os cabos dos sabres. Três, quatro... mais deles vinham. Drakasha já estava ofegando: não era mais a lutadora incansável de outrora, refletiu pesarosa. Flechas cortavam o ar ao redor, mais tripulantes de Rodanov saltavam e parecia que todos os malditos piratas do Mar de Bronze se encontravam no convés do *Soberano Temível*, enfileirados e esperando para invadir seu navio.

10

A “companhia de voo” de Locke estava ocupada com a amurada de estibordo do tombadilho enquanto Caladão e um dos seus companheiros usavam lanças para rechaçar nadadores vindos de qualquer outro ângulo. Locke, Jean, Jabril e Gwillem tentavam afundar o segundo bote, que era bem mais forte do que o anterior.

As duas pedras atiradas por Jean haviam matado ou ferido pelo menos cinco pessoas, mas não fizeram buracos na madeira. Os tripulantes de Rodanov procuravam acertá-los com arpéus, num duelo desajeitado com as lanças dos Orquídeas. Jabril gritou quando um gancho furou uma das suas pernas e deu o troco acertando o pescoço de um Soberano.

Gwillem se levantou e atirou uma bola de ferro contra o barco; foi recompensado pelo esforço com um grito de dor. Enfiou a mão no bolso do avental para pegar outra, mas uma flecha brotou nas suas costas como por mágica. Ele cambaleou para a frente, contra a amurada de estibordo, e as bolas da funda rolaram pelo convés, num estrépito.

– Merda! – gritou Locke. – Estamos sem pedras grandes?

– Usei todas – respondeu Jean.

Uma mulher com uma adaga nos dentes deu um salto acrobático para a amurada e teria conseguido escalá-la se Jean não a tivesse acertado no rosto com um escudo. Ela despencou na água.

– Maldição, sinto falta das minhas Irmãs Malvadas!

Jabril tentou acertar freneticamente com sua lança quatro ou cinco Soberanos que se seguravam na amurada; dois soltaram, mas num instante havia mais dois rolando sobre o convés, com sabres na mão. Jabril caiu de costas e cravou a lança na barriga de um e Jean pôs as mãos na funda de Gwillem e passou-a pelo pescoço do outro, estrangulando-o como nos velhos tempos em Camorr. Outro marinheiro surgiu, apontando apenas a cabeça, e empurrou uma balestra entre as hastes da amurada, mirando Jean. Locke sentiu-se o lendário herói do barril de cerveja ao chutar o rosto do homem.

Gritos vindos da água anunciavam alguma novidade; cauteloso, Locke olhou por cima da borda. Uma massa borbulhante, gelatinosa, flutuava ao lado do bote como um cobertor translúcido, pulsando com uma fraca

luminescência interna que era visível até mesmo de dia. Um homem que nadava foi puxado, gritando. Em segundos, aquela substância se nublou em vermelho e ele começou a ter espasmos. A coisa estava sugando o sangue dos seus poros como uma pessoa faria com o sumo de uma fruta madura.

Era uma lanterna-da-morte, como sempre atraída pelo cheiro de sangue na água. Era um modo medonho de morrer, mesmo para pessoas que Locke estava tentando matar com todo o empenho – mas ela e outras sem dúvida viriam cuidar dos nadadores. Não havia mais Soberanos subindo pelo costado; os poucos que restavam no bote embaixo procuravam freneticamente escapar da criatura. Locke largou sua lança e respirou fundo várias vezes, necessitado de fôlego. Uma flecha acertou a amurada 60 centímetros acima de sua cabeça, outra passou sibilando, uma terceira atingiu o timão.

– Protejam-se! – gritou ele, olhando ao redor em busca de um escudo.

Jean o agarrou e o arrastou para a direita, segurando o corpo de Gwillem à frente. Jabril se arrastou para trás da bitácula e Caladão e seu colega se entrincheiraram atrás do cadáver de Streva. Locke sentiu o impacto de pelo menos uma flecha se cravando no contramestre.

– Mais tarde a gente pode se sentir mal por usar os mortos desse jeito, mas, diabos, há um bocado deles por aí – berrou Jean.

11

Ydrena Koros passou por cima da amurada e quase matou Zamira com o primeiro golpe de sua cimitarra. A lâmina ricocheteou no Vidrantigo – mesmo assim Zamira ficou furiosa ao ver que sua vigilância havia falhado. Golpeou de volta com os dois sabres, mas Ydrena, pequena e ágil, teve todo o espaço necessário para aparar um e evitar o outro. Tão rápida, com tão pouco esforço! Zamira trincou os dentes. Eram duas lâminas contra uma e, ainda assim, Koros não parava de desferir sua arma. Zamira perdeu o chapéu e quase perdeu o pescoço, aparando o golpe apenas no último segundo. Outro ataque sibilou contra seu colete, um segundo cortou uma braçadeira. *Merda* – ela se encostou num dos seus próprios marinheiros. Não havia mais nenhum lugar aonde ir no convés.

Koros fez surgir uma adaga curva, de lâmina larga, na mão esquerda,

fintou com ela e girou a cimitarra contra os joelhos de Zamira. A capitã soltou os sabres e entrou na guarda de Koros, ficando peito a peito com ela. Agarrou os braços de Ydrena, forçando-os para trás e para baixo com toda a força. Naquilo, pelo menos, ela levava vantagem. Além do mais, a luta suja prevalecia sobre a luta bonita.

Zamira deu uma joelhada na barriga de Ydrena, agarrou o cabelo dela e socou seu queixo. Os dentes de Ydrena fizeram um som parecido com bolas de bilhar se chocando. Zamira puxou-a de pé e jogou-a de costas, contra a espada do Soberano que estava logo atrás. Um breve olhar de surpresa surgiu no rosto ensanguentado da mulher, depois morreu com ela. Zamira sentiu mais alívio do que triunfo.

Pegou os sabres no convés e, quando o marinheiro à sua frente arrancou a espada do corpo de Ydrena e o deixou cair, encontrou de súbito uma das lâminas de Zamira no peito. A batalha continuou, em movimentos mecânicos: os sabres subiam e desciam contra a maré de tripulantes de Rodanov, e as mortes se sucediam numa cacofonia vermelha. Flechas voavam, o sangue deixava o convés escorregadio e os navios oscilavam, dando a tudo um ar de pesadelo.

Podiam ter se passado minutos ou séculos antes que ela visse Ezri ao lado, afastando-a da amurada. O pessoal de Rodanov recuava para se reagrupar, o convés estava repleto de mortos e feridos; seus próprios sobreviventes praticamente pisavam em cima deles, tropeçando uns contra os outros e caindo também.

– Del – ofegou Zamira. – Está ferida?

– Não. – Ezri estava coberta de sangue; suas peças de couro tinham sido cortadas e o cabelo estava meio desgrenhado, mas, fora isso, ela parecia incólume.

– E a companhia de voo?

– Não faço ideia, capitã.

– Nasreen? Utgar?

– Nasreen está morta. Não vejo Utgar desde que a luta começou.

– Drakasha! – soou uma voz acima dos gemidos e murmúrios da confusão dos dois lados: era Rodanov. – Drakasha! Renda-se! Todo mundo, renda-se! Drakasha, escute!

12

Rodanov olhou para a flecha cravada no alto do seu braço direito. Doía, mas não era uma agonia profunda, lacerante, logo não atingira o osso. Fez uma careta, usou a mão esquerda para firmar a ponta de flecha e partiu a haste logo acima, com a direita, ofegando. Até poder cuidar do ferimento do modo adequado, aquilo bastaria. Sopesou seu porrete outra vez, fazendo pingar sangue no convés do *Soberano*.

Ydrena estava morta; maldição, fora sua imediata durante cinco anos. Ele tentara chegar perto dela, lascando escudos e empurrando lanças para o lado. Pelo menos meia dúzia de Orquídeas o haviam enfrentado e ele reagira à altura. Tinha derrubado Dantierre no mar. Mas o espaço de luta era estreito demais, os movimentos dos navios eram imprevisíveis, os tripulantes eram muito poucos ao seu redor. Zamira sofrera bastante, mas o ponto de contato reduzido o prejudicara. A ausência de tumulto na popa do *Orquídea* sugeria que os botes passavam por dificuldades. Merda. Pelo menos metade de sua tripulação se fora. Era hora de soltar a segunda surpresa. O pedido de interrupção na batalha era o sinal para revelá-la. Era tudo ou nada: a última partida, a última mão, a última rodada.

– Zamira, não me faça destruir seu navio!

13

– Vá para o inferno, seu filho da puta que viola juramentos! Venha tentar de novo, se acha que ainda tem tripulantes dispostos a morrer depressa!

Locke havia deixado Jabril, Caladão e o outro timoneiro – com as lanternas-da-morte, supôs – vigiando a popa. Ele e Jean foram rapidamente para a popa, de súbito livre do ataque de flechas, passando pelos montes de mortos e feridos. A Erudita Treganne veio pisando firme, a perna falsa ressoando no convés, arrastando Rask com apenas uma das mãos. No convés central, Utgar estava de pé, usando um gancho para levantar a grade do porão de carga principal, com uma bolsa de couro junto aos pés. Locke presumiu que ele estivesse fazendo alguma coisa para a capitã e o ignorou.

Encontraram Drakasha e Delmastro na proa, com cerca de vinte

Orquídeas sobreviventes olhando para um número duas vezes maior de Soberanos do outro lado. Ezri abraçou Jean ferozmente; parecia ter passado por muito sangue, mas ainda não perdera nenhum do seu. Ali em cima, o *Orquídea* dava a impressão de não ter convés, só uma camada de mortos e agonizantes. O sangue escorria pelos costados.

– Eu, não! – gritou Rodanov.

– Aqui! – berrou Utgar no centro do *Orquídea*. – Aqui, Drakasha!

Locke se virou e viu Utgar segurando uma esfera cinza, com cerca de 20 centímetros de diâmetro, com uma superfície curiosamente untuosa. Ele a aninhou na mão esquerda, suspendendo-a acima da escotilha de carga aberta, e com a outra segurava algo que se projetava da parte de cima do artefato.

– Utgar – disse Drakasha –, que diabo você acha que...

– Não se mexa, porra, está bem? Ou você sabe o que eu faço com essa coisa.

– Deuses do céu, não acredito – sussurrou Ezri.

– Que diabo é aquilo? – perguntou Locke.

– Má notícia, a porra de uma péssima notícia: uma esfera mata-navio.

14

Ezri explicou rapidamente:

– Alquimia, alquimia negra, cara pra diabo. Você precisa ser a porra de um maluco para trazer uma para o mar. É pior que óleo de fogo, incandescente. Você não pode tocar nela. Não pode chegar perto. Basta deixar no convés e ela queima e atravessa as tábuas direto, até as entranhas, e incendeia *qualquer coisa*. Diabos, provavelmente põe fogo até na água. Ao menos não se apaga quando é molhada.

– Utgar – falou Drakasha –, seu *filho da puta*, seu traidor, como você pôde...

– Traidor? Não. Eu sou homem de Rodanov; sou e tenho sido desde antes de me juntar a você. A ideia foi dele, sabe? Se eu lhe prestei um bom serviço, Drakasha, só estava fazendo meu trabalho.

– Mande atirarem nele – disse Jean.

– A coisa que ele está segurando é o pavio do fósforo de enrolar. Se ele mover a mão direita ou se nós o matarmos e fizermos aquilo cair, vai se acender. É para *isso* que essas porcarias existem, entendeu? Um homem pode manter uma centena como prisioneiros se ficar parado no lugar certo.

– Utgar, nós estamos vencendo esta luta – tentou argumentar Drakasha.

– Você podia estar. Por que acha que eu agi?

– Utgar, por favor. Este navio está cheio de feridos. Meus filhos estão lá embaixo!

– É. Eu sei. Então é melhor baixar as armas, não acha? Encostem na amurada de estibordo. Arqueiros, desçam dos mastros. Fiquem todos calmos: tenho certeza de que há um arranjo feliz esperando por todo mundo, menos por você, Drakasha.

– Gargantas cortadas e corpos jogados ao mar! – gritou Treganne, que apareceu no topo da escada de tombadilho com uma besta nas mãos. – Esse é o arranjo feliz, não é, Utgar? – Ela foi mancando até a amurada do tombadilho e apoiou a balestra no ombro. – Este navio *está* cheio de feridos e eles são minha responsabilidade, seu escroto!

– Treganne, *não!* – berrou Drakasha.

Mas já era tarde; Utgar deu um salto e estremeceu quando a seta se cravou em suas costas. A esfera cinza tombou para a frente e caiu de sua mão esquerda; a outra puxou um cordão branco e fino. Utgar tombou no convés e seu instrumento sumiu de vista no porão embaixo.

– Ah, *inferno* – praguejou Jean.

– Não, não, não – sussurrou Ezri.

– As crianças – Jean pegou-se dizendo. – Eu posso pegá-las...

Ezri olhou para a escotilha de carga, pasma, encarou-o, depois voltou a fitar a escotilha.

– Não só eles: o navio inteiro.

– Eu vou – afirmou Jean.

Ela o agarrou, envolveu-o com tanta força que ele mal pôde respirar e sussurrou no ouvido dele:

– Jean Tannen, seu desgraçado. Você torna isso... você torna isso difícil demais.

E então lhe deu um soco no estômago, com mais força do que ele jamais achara possível. Jean caiu para trás, dobrado em agonia, percebendo as

intenções de Ezri no momento em que ela o soltou. Ele gritou em fúria. Mas ela já corria pelo convés, em direção à escotilha.

15

Locke soube o que Ezri pretendia fazer no instante em que a viu fechar o punho, mas Jean, com os reflexos embotados pelo amor, pela fadiga ou por ambos, obviamente não sabia. Antes que Locke pudesse fazer qualquer coisa, ela empurrou Jean para trás e Locke tropeçou por cima dele. Locke ergueu os olhos bem a tempo de ver Ezri pular no porão, onde uma claridade laranja artificial emanava da escuridão.

– Ah, Guardiã Torto, que inferno – sussurrou ele, vendo tudo passar lentamente, como xarope esfriando...

Treganne junto à amurada do tombadilho, perplexa, obviamente ignorando o que suas boas intenções haviam provocado.

Drakasha saltando à frente, os sabres ainda nas mãos, lenta demais para impedir Ezri ou se juntar a ela.

Jean se arrastando, quase incapaz de se mexer, mas obrigando-se a ir atrás dela a qualquer custo, uma das mãos se estendendo inútil.

A tripulação dos dois navios olhando, apoiando-se nas armas e uns nos outros, tendo esquecido a luta por um momento.

Utgar alcançando a seta em suas costas, agitando-se debilmente. Fazia cinco segundos que Ezri saltara no porão de carga. Foi quando os gritos começaram.

16

Ela emergiu da escada do convés principal, segurando-a nas mãos. Não, mais do que isso, percebeu Locke horrorizado: ela devia saber que suas mãos não resistiriam, por isso a aninhava junto ao corpo.

A esfera estava incandescente, um sol em miniatura, queimando com as cores vívidas de prata e ouro derretidos. Locke sentiu o calor contra a pele a 10 metros de distância, retraiu-se por causa da luz, sentiu de imediato o cheiro estranho de metal queimado. Ezri correu o mais rápido possível,

porém, mais perto da amurada, passou a apenas caminhar rapidamente e depois saltitar, desesperada. Estava pegando fogo e gritava o tempo todo e era impossível pará-la.

Chegou à amurada de bombordo e, com um último esforço convulsivo, tanto das costas e das pernas quanto do que restava dos braços, jogou a esfera no *Soberano Temível*. O artefato cresceu em brilho enquanto voava, um cometa de metal derretido, e os tripulantes de Rodanov se afastaram no momento em que bateu no convés.

Não se podia tocar aquela coisa, ela dissera. Isso não era verdade, mas Locke sabia que não era possível encostar nela e sobreviver. A flecha que acertou na barriga uma fração de segundo depois veio tarde demais. Ezri caiu no convés, soltando fumaça, e então todo o inferno se abriu pela última vez naquele dia.

– Rodanov! – gritou Drakasha. – Rodanov!

Houve uma erupção de luz e fogo no centro do *Soberano*: a esfera, rolando de um lado para o outro, havia finalmente explodido. A alquimia incandescente chovia pelas escotilhas, pegava em velas, engolfava tripulantes e quase partiu o navio ao meio em segundos.

– Se eles vão queimar o *Soberano*, todos os tripulantes, tomem o *Orquídea*! – bradou Rodanov.

– Resistam! – ordenou Drakasha. – Vamos repelir a abordagem! Timão todo a bombordo, Caladão! Tudo a bombordo!

Locke sentiu um calor novo e crescente contra a bochecha direita; o *Soberano* já estava condenado e, se o *Orquídea* não se soltasse de seus ovéns, do gurupés e de entulhos variados, o fogo engoliria os dois navios. Jean se arrastou lentamente para o corpo de Ezri. Locke ouviu sons de novas lutas irrompendo atrás e pensou por um instante em lhes dar atenção, mas então percebeu que, se deixasse Jean naquele momento, jamais iria se perdoar. Ou merecer perdão.

– Santos deuses – sussurrou ao vê-la. – Por favor, não. Ah, pelos deuses.

Jean gemeu, soluçando, as mãos acima dela. Locke também não saberia onde tocá-la. Restava muito pouco *dela*: pele, roupas e cabelo queimados numa textura medonha. E ela ainda se mexia, tentando debilmente se levantar. Ainda lutava por algo parecido com a respiração.

– Valora – chamou Treganne, mancando na direção deles. – Valora, não, não toque...

Jean deu um soco no convés e gritou. Treganne se ajoelhou ao lado do que restava de Ezri, tirando uma adaga da bainha no cinto. Locke ficou espantado ao ver lágrimas escorrendo pelas bochechas dela.

– Valora, pegue isso. Ela já está morta. Ela precisa de você, pelo amor dos deuses.

– Não. – Jean soluçou. – Não, não, não...

– Valora, *olhe para ela*, maldição. Ela não pode mais ser ajudada. Cada segundo é uma hora para Ezri e ela está *rezando* por essa lâmina.

Jean arrancou a faca da mão de Treganne, passou a manga da túnica sobre os olhos e estremeceu. Ofegando apesar do cheiro terrível de queimado que pairava no ar, moveu a faca na direção dela, com espasmos no mesmo ritmo dos soluços, como se tivesse tido um derrame. Treganne pôs as mãos sobre a dele, para firmá-la, e Locke fechou os olhos.

E então tudo acabou.

– Sinto muito – lamentou-se Treganne. – Desculpe, Valora, eu não sabia... não sabia o que era aquela coisa, o que estava com Utgar. Desculpe.

Jean permaneceu em silêncio. Locke abriu os olhos de novo e o viu se levantando como num transe, os soluços praticamente interrompidos, a adaga ainda frouxa na mão. Ele se moveu como se não visse nada da batalha que continuava furiosa ao redor, atravessando o convés na direção de Utgar.

17

Mais dez Orquídeas se lançaram à proa para protegê-la, seguindo as ordens de Zamira, empurrando o *Soberano* com toda a força com a ajuda de lanças, bicheiros e alabardas. Soltavam o gurupés e os cordames do *Orquídea* enquanto os sobreviventes de Rodanov junto à proa lutavam feito demônios para escapar. Por fim, tiveram sucesso, com a ajuda de Caladão, e os dois navios sofridos se separaram.

– Todos os tripulantes! – gritou Zamira, atordoada pelo esforço demasiado para se fazer ouvir. – Todos os tripulantes! Amuras e estais! Virando para oeste, à frente do vento! Equipe de incêndio ao porão principal! Levem os feridos para Treganne, na popa! – Presumindo que Treganne estivesse viva, presumindo... muita coisa. Mais tarde poderiam lamentar. Agora era hora de mais sofrimento.

Rodanov não havia participado da luta final para abordar o *Orquídea*; Zamira o vira pela última vez correndo para a popa, lutando através das chamas e indo para o timão. Quer fosse um último esforço desesperançado para salvar o navio ou destruir o dela, ele tinha fracassado.

18

– Socorro – sussurrou Utgar. – Socorro, tire isso, não consigo alcançar.

Seus movimentos eram fracos e os olhos estavam ficando vítreos. Jean se ajoelhou ao lado, encarou-o e cravou a adaga nas costas dele. Utgar inspirou, em choque; Jean continuou a golpear enquanto Locke olhava, até Utgar morrer, até suas costas estarem cobertas de ferimentos, até Locke o segurar pelo pulso.

– Jean...

– Isso não adianta de nada – disse Jean, numa voz incrédula. – Pelos deuses, não adianta.

– Eu sei. Eu sei.

– Por que você não a impediu? – Jean se lançou contra Locke, prendendo-o contra o convés, uma das mãos envolvendo seu pescoço. Locke engasgou e se debateu, sem sucesso, como se esperava. – *Por que você não a impediu?*

– Eu tentei – garantiu Locke. – Ela empurrou você em cima de mim. Ela sabia o que iríamos fazer, Jean. Ela sabia. Por favor...

Jean soltou-o e sentou-se. Olhou para as mãos e balançou a cabeça.

– Ah, pelo amor dos deuses, desculpe. Desculpe, Locke.

– Sempre – respondeu Locke. – Jean, eu sinto tanto, tanto! Eu não... eu não queria que isso acontecesse por nada no mundo. Por nada no *mundo*, ouviu?

– Ouvi – disse ele baixinho. Em seguida, enterrou o rosto nas mãos e ficou mudo.

A sudeste, o incêndio a bordo do *Soberano* avermelhou o céu. Subiu rugindo pelos mastros e velas, fez chover lona queimada como cinza vulcânica sobre as ondas, devorou o casco e enfim foi sumindo numa enorme montanha de fumaça e vapor enquanto o casco enegrecido do navio afundava.

– Ravelle – chamou Drakasha, pondo a mão no ombro de Locke e interrompendo seu devaneio –, se você puder ajudar, eu...

– Estou bem – assegurou Locke, levantando-se cambaleante. – Posso ajudar. Só talvez... deixar Jerome...

– É. Ravelle, nós precisamos...

– Zamira, chega. Chega de Ravelle isso, Kosta aquilo. Perto da tripulação, tudo bem. Mas meus amigos me chamam de Locke.

– Locke.

– Locke Lamora. Não... Ah, a quem, diabo, você iria contar? – Ele estendeu a mão e pôs sobre a dela e, num momento, os dois se abraçaram. – Desculpe – sussurrou ele. – Ezri, Nasreen, Malakasti, Gwillem...

– Gwillem?

– É, ele... Um arqueiro do Rodanov, sinto muito.

– Pelos deuses... Gwillem estava no *Orquídea* quando eu o roubei. Era o último da tripulação original. Ra... Locke, Caladão está no timão e, por enquanto, estamos em segurança. Preciso... preciso descer e ver meus filhos. E preciso... preciso que você cuide da Ezri. Eles não podem vê-la assim.

– Eu cuido disso. Olhe, desça. Eu cuido das coisas no convés. Vamos mandar o resto dos feridos para Treganne. Vamos cobrir todos os corpos.

– Muito bem – falou Zamira em voz baixa. – O convés é seu, mestre Lamora. Volto daqui a pouco.

O convés é meu, pensou Locke, olhando a destruição deixada ao redor pela batalha: cordames arrebentados, ovéns danificados, amuradas partidas, flechas cravadas praticamente em todo lugar. Corpos apinhados em cada canto do convés central e do castelo de proa; sobreviventes moviam-se através de tudo isso como fantasmas, muitos se apoiando em lanças e arcos como se fossem muletas.

Que os deuses nos acudam. Então é assim que se sente um comandante. Encarar as consequências e fingir que não se vacila.

– Jean – sussurrou ele, agachando-se junto ao amigo sentado no convés.

– Jean, fique aqui. Fique o quanto quiser. Vou estar por perto. Só preciso cuidar das coisas, está bem?

Jean assentiu debilmente.

– Certo – falou Locke, olhando de novo em torno, daquela vez procurando os menos feridos. – Konar! Grande Konar! Prepare uma bomba, a primeira que você encontrar e que funcione. Enfie uma mangueira nessa

escotilha de carga e dê uma boa encharcada no porão do convés principal. Não podemos ter nada queimando lá embaixo. Oscar! Venha cá! Traga lona de vela e facas. Precisamos fazer alguma coisa com esses... com todas essas pessoas.

Todos os tripulantes mortos no convés. *Precisamos fazer alguma coisa com eles aqui*, pensou Locke. *E depois vou fazer alguma coisa com o pessoal de Tal Verrar. De uma vez por todas.*

CAPÍTULO DEZESSEIS

Acertando as contas

1

– Guardiã Torto, Treze Silencioso, seu servidor o chama. Ponha os olhos sobre a passagem desta mulher, Ezri Delmastro, serviçal de Iono e sua serviçal. Amada de um homem amado por você. – A voz de Locke ficou embargada e ele lutou para se controlar. – Amada de um homem que é meu irmão. Nós... lhe entregamos esta de má vontade, Senhor, e não me importo em dizer isso.

Restavam 38 de pé; haviam jogado cinquenta no mar e o resto desaparecera durante a batalha. Locke e Zamira compartilharam os deveres fúnebres. As recitações de Locke tinham ficado mais entorpecidas a cada morto, mas naquele momento, no último ritual da noite, ele se pegou amaldiçoando o dia em que fora escolhido como sacerdote do Guardiã Torto. No seu suposto décimo terceiro aniversário, sob a Lua do Órfão. Que poder e que magia ele sentira na época! O poder e a magia de fazer orações fúnebres. Fez um muxoxo, enterrou os pensamentos cínicos em favor de Ezri e continuou:

– Esta é a mulher que salvou todos nós. É a mulher que derrotou Jaffrim Rodanov. Nós a entregamos, em corpo e espírito, ao reino de seu irmão Iono, poderoso Senhor do Mar. Ajude-a. Carregue sua alma até Aquela que pesa todos nós. Imploramos isso com o coração esperançoso.

Jean se ajoelhou junto à mortalha de lona e pôs em cima um cacho de cabelos castanho-escuros.

– Minha carne – sussurrou ele, e furou o dedo com uma adaga, deixando uma gota vermelha cair. – Meu sangue. – Inclinou-se para a parte da lona

que cobria a cabeça e deu um beijo demorado. – Meu ar e meu amor.

– Essas coisas atam sua promessa – anunciou Locke.

– Minha promessa – confirmou Jean, levantando-se. – Uma oferenda de morte, Ezri. Que os deuses me ajudem a torná-la digna. Não sei se posso, mas que os deuses me ajudem.

Zamira, parada ali perto, aproximou-se para segurar um dos lados da prancha de madeira que sustentava o corpo de Ezri enrolado em lona. Locke ajudou com o outro; Jean, como havia alertado a Locke antes da cerimônia, estava incapacitado de auxiliar. Ele torceu as mãos e olhou para outro lado. Era uma hora após o pôr do sol e num momento tudo acabou – Locke e Zamira inclinaram a prancha e a mortalha de vela deslizou pela portinhola de entrada, caindo nas ondas escuras lá embaixo.

O círculo silencioso de tripulantes exaustos, a maioria ferida, começou a se dispersar, de volta aos cuidados de Treganne ou aos seus grupos de serviço reduzidos. Rask havia substituído Ezri, Nasreen e Utgar por enquanto; com a cabeça enrolada numa grossa bandagem de pano, ele começou a pegar os sobreviventes em melhores condições e a passar tarefas.

– E agora? – indagou Locke.

– Agora seguimos com dificuldade, com o vento principalmente contra nós, de volta a Tal Verrar. – A voz de Zamira estava cansada, mas seu olhar era firme. – Tínhamos um acordo antes disso. Eu perdi mais do que apostei, tanto em amigos quanto em tripulantes. Não temos força para tomar nem mesmo um barco de pesca, por isso acho que o que resta está por sua conta.

– Como prometemos – concordou Locke. – Stragos. É. Leve-nos até lá e eu... vou pensar em alguma coisa.

– Não precisa – replicou Jean. – Só chegue perto e me mande para a terra. – Ele olhou para os pés. – Depois vão embora.

– Não – rebateu Locke. – Não vou ficar aqui enquanto...

– Só é preciso um para o que tenho em mente.

– Você acabou de prometer uma oferenda de morte...

– Ela vai receber. Nem que seja *eu*, ela vai receber.

– Você não acha que Stragos vai suspeitar se vir só um de nós?

– Vou dizer a ele que você morreu. Vou dizer que tivemos uma luta no mar e não estarei mentindo. Então ele vai me receber.

– Não vou deixar você ir sozinho.

– E não vou deixar você ir comigo. O que acha que pode fazer? Me

impedir?

– Calem a boca, vocês dois – interveio Zamira. – Pelo amor dos deuses. Hoje de manhã mesmo, Jerome, seu amigo aqui tentou me convencer a deixar que ele fizesse exatamente o que você está planejando fazer agora.

– O quê? – Jean olhou furioso para Locke e trincou os dentes. – Seu sujeitinho miserável e ardiloso, como pôde...

– O que foi? Você quer saber como pude pensar em fazer o que você está planejando fazer comigo? Seu pavão metido a besta, eu vou...

– Vai o quê?!

– ... vou me jogar contra você e você vai me encher de porrada. E aí você vai se sentir péssimo! O que acha disso, hein?

– Já me sinto péssimo. Por que você simplesmente não me deixa fazer isso? Por que não me concede isso? Pelo menos você vai estar vivo; pode tentar achar outro alquimista, outro especialista em venenos. É uma oportunidade melhor do que a que eu tenho.

– Nem no inferno. Não é assim que a gente trabalha e, se você queria algo diferente, deveria ter me deixado sangrar até a morte em Camorr. Lembro que eu estava bem decidido a isso, na ocasião.

– É, mas...

– É diferente quando é *você*, não é?

– Eu...

– Cavalheiros – interrompeu Zamira – ou sei lá o que vocês são. Deixando todas as outras considerações de lado, esta tarde eu dei meu bote pequeno ao Basryn para que o sacana pudesse morrer nas ondas, e não no meu navio. Você terá uma tremenda dificuldade para chegar com um dos outros botes a Tal Verrar sozinho, Jerome. A não ser que se proponha a voar, não vou levar o *Orquídea* a mais do que a distância de um tiro de flecha do quebra-mar de recifes.

– Eu nado se for preciso...

– Não banque o idiota por estar irritado, Jerome. – Drakasha o agarrou pelos ombros. – Seja *frio*. A frieza é a única coisa que vai ter utilidade se você quiser me retribuir pelo que foi feito à minha tripulação. À minha *imediata*.

– Merda – murmurou Jean.

– Juntos – disse Locke. – Você não me deixou em Camorr nem em Vel Virazzo. De jeito nenhum vou deixar você aqui.

Jean fez uma cara feia, segurou a amurada e olhou para a água.

– É uma tremenda pena. Todo aquele dinheiro na Agulha do Pecado. Uma pena não podermos pegá-lo. Ou as outras coisas.

Locke sorriu, reconhecendo a mudança súbita de assunto como um modo de Jean ceder resguardando o próprio orgulho.

– Agulha do Pecado? – perguntou Zamira.

– Nós não contamos algumas partes da nossa história, Zamira. Desculpe. Às vezes essas tramas se enredam demais. Nós, ahn, temos alguns milhares de solaris nos livros-caixas da Agulha do Pecado. Diabos, eu deixaria minha parte para você se houvesse como pegar, mas isso é impossível.

– Se ao menos existisse alguém na cidade que pudesse guardar um pouco dele para nós...

– Não adianta chorar sobre o leite derramado – observou Locke. – Duvido que tenhamos cultivado um único amigo em Tal Verrar que não seja contratado ou subornado. Sem dúvida seria bom ter a porra de um amigo agora.

Juntou-se a Jean na amurada e fingiu estar tão concentrado no mar quanto ele, mas só conseguia pensar em corpos amortalhados caindo na água.

Corpos caindo, assim como ele e Jean haviam planejado usar cordas, para cair em segurança da...

– Espere um minuto. Um amigo. Um amigo. É disso que a gente precisa, porra. Nós jogamos com Stragos e Requin à vontade. Com quem não nos incomodamos em mexer nos últimos dois anos? Quem nós ignoramos?

– Os templos?

– Boa tentativa, mas não. Quem tem um interesse direto nessa porcaria?

– O *Priori*?

– O *Priori* – confirmou Locke. – Aqueles sacanas gordos, cheios de segredos, de conluios. – Locke tamborilou no corrimão, tentando afastar a tristeza dos pensamentos e forçar uma dúzia de planos frouxos, improváveis, numa trama coerente. – Pense. Com quem nós já jogamos? Quem nós encontrávamos na Agulha do Pecado?

– Ulena Pascalis.

– Não. Ela mal se sentava à mesa.

– De Morella...

– Não. Pelo amor dos deuses, ninguém o leva a sério. Quem poderia

levar o *Priori* a fazer algo absolutamente ousado? Quem está por lá há tempo suficiente para exigir respeito ou mexer os pauzinhos? Precisamos de alguém dos Sete Internos. Para o diabo com o resto.

Entender a política do *Priori* era o mesmo que prever o futuro com base em entranhas de frangos, pensou Locke. Havia três níveis de sete membros nos conselhos mercantis; o objetivo de cada cadeira nos dois inferiores era de conhecimento público. Dos Sete Internos, só os nomes eram conhecidos – a hierarquia, as tarefas que realizavam, tudo era um mistério para as pessoas de fora.

– Cordo – disse Jean.

– O Velho Cordo ou Lyonis?

– Os dois. Qualquer um dos dois. Marius é dos Sete Internos, Lyonis está subindo. E Marius é mais velho do que os bagos de Perelandro. Se alguém poderia mobilizar o *Priori*, como parte de alguma coisa insana que você está sonhando em fazer...

– Só é meio insana.

– Eu conheço essa porra de expressão na sua cara! Tenho certeza de que qualquer um dos Cordos é o que você quer; uma pena não termos conhecido os sacanas. – Jean encarou Locke com cautela. – Você *está mesmo* com aquela expressão. O que pretende fazer?

– Eu pretendo... e se eu pretendo me sair bem em tudo? Por que estamos tramando o suicídio como primeira opção? Por que pelo menos não *tentamos* primeiro? Pegar o Requin. Fazer o serviço. Pegar Stragos. Espremer uma resposta ou um antídoto dele. Depois cair em cima dele, de um modo ou de outro.

Locke fez mímica de enfiar uma adaga num invisível Arconte de Tal Verrar. Era algo tão prazeroso que ele repetiu o gesto.

– Como, diabos, vamos fazer isso?

– Essa é uma pergunta fantástica. A melhor que você já fez na vida. Sei que precisamos de algumas coisas. Primeiro, pelo modo como as coisas andam ultimamente, todos os verraris podem estar nos esperando no cais com balestras ou tochas. São necessários disfarces melhores. Qual é o sacerdócio mais ordinário dos Doze?

– O de Callo Androno – respondeu Jean.

– Com o perdão d’Ele, é isso mesmo.

Callo Androno, Olhos-nas-Encruzilhadas, deus das viagens, das línguas e

do conhecimento tradicional. Seus sacerdotes itinerantes, além de seus estudiosos estabelecidos, desdenhavam as roupas finas, orgulhando-se de suas vestes rústicas.

– Zamira – chamou Locke –, se ainda houver alguém a bordo capaz de usar linha e agulha, precisamos de dois mantos. Faça-os de pano de vela, restos de roupas, qualquer coisa. É horrível falar isto, mas deve haver muitas roupas sobrando por aí agora.

– Os sobreviventes vão dividir os bens e eu vou repartir o dinheiro entre eles. Mas posso pegar umas coisas antes.

– E precisamos de alguma coisa azul.. As faixas de cabeça azul de Androno. Se as usarmos, seremos homens santos, e não vagabundos malvestidos.

– A túnica azul de Ezri – sugeriu Jean. – Está... deve estar na cabine, onde ela deixou. Meio desbotada, mas...

– *Perfeito* – comentou Locke. – Zamira, quando nós voltamos da primeira visita a Tal Verrar com este navio, eu lhe dei uma carta para guardar. Ela tem o sinete de Requin. Jerome, preciso que você transfira o sinete, como Correntes nos mostrou. Você é melhor nisso do que eu e tem de ficar bom.

– Posso tentar. Não tenho certeza... não sei se posso ser bom em alguma coisa agora.

– Preciso que você dê o seu melhor. Preciso que você faça. Por mim. Por ela.

– Para onde você quer que o sinete seja transferido?

– Para um pergaminho limpo. Papel. Qualquer coisa. Você tem alguma folha, Zamira?

– Uma folha inteira? Não creio que Paolo e Cosetta tenham deixado alguma. Mas várias estão rabiscadas só em parte; talvez eu possa cortar uma ao meio.

– Faça isso. Jerome, você pode encontrar algumas ferramentas necessárias no meu antigo baú de viagem, na cabine de Zamira. Ele pode usá-lo, assim como algumas lanternas, capitã?

– Paolo e Cosetta se recusam a sair do armário de cordas. Estão assustados demais. Eu levei roupas de cama e luzes alquímicas para eles. A cabine está à sua disposição.

– Você vai precisar das suas cartas também – lembrou Jean. – Pelo menos

imagino que sim.

– Diabos, é, pretendo usar as cartas. Vou precisar delas, além do melhor equipamento que pudermos juntar. Adagas. Pedacos curtos de corda, de preferência de semisseda. Dinheiro, Zamira, bolsinhas com 50 ou 60 solaris para o caso de termos de pagar para sair de algum problema. E uns cassetetes; se você não tiver, há areia e pano de vela...

– E um par de machadinhas – completou Jean.

– Há duas na minha cabine. Na verdade, eu as peguei no seu baú.

– O quê? – O rosto de Jean se irradiou de empolgação. – Você está com elas?

– Eu precisava de um par. Não sabia que eram especiais, caso contrário teria devolvido quando você saiu da equipe do esfregão...

– Especiais? Elas são parte da família – disse Locke.

– É, graças aos deuses. E como tudo isso se encaixa, então? – perguntou Jean.

– Como eu disse, é uma pergunta excelente, em que eu pretendo pensar por longo tempo...

– Só vamos ver Tal Verrar de novo amanhã à noite, se o tempo permanecer assim – falou Zamira. – Garanto que você terá um longo tempo para pensar. E vai passar a maior parte dele em cima do mastro de proa, como vigia. Ainda preciso que você seja útil.

– Claro – concordou Locke. – Claro. Capitã, ao chegarmos a Tal Verrar, leve-nos pelo norte se possível. Independentemente de qualquer coisa, nossa primeira parada tem de ser no Quarteirão dos Mercadores.

– Cordo? – perguntou Jean.

– Cordo. O velho ou o novo, não importa. Eles vão nos receber nem que tenhamos de nos esgueirar pela porcaria das janelas.

2

– Que diab... – disse um serviçal corpulento e bem-vestido que teve o infortúnio de passar pela alcova do quarto andar por onde Locke e Jean tinham acabado de se esgueirar.

– Ei, parabéns! – exclamou Locke. – Somos ladrões reversos, que viemos lhe dar 50 solaris!

Ele jogou a bolsa de moedas para o serviçal, que a pegou numa das mãos e ficou boquiaberto com o peso. Jean aproveitou a hesitação do homem e o acertou com o cassetete.

Tinham vindo pelo canto noroeste do último andar da mansão da família Cordo; ameias e espetos de ferro haviam tornado pouco atraente a subida até o telhado. Passava pouco da décima hora da noite, uma perfeita noite do final de Aurim no Mar de Bronze, e Locke e Jean já tinham atravessado uma cerca viva de espinhos, se desviado de três grupos de guardas e jardineiros e gastado vinte minutos escalando as pedras úmidas e lisas da residência.

A maior parte dos objetos necessários à empreitada estava enfiada em mochilas costuradas às pressas por Jabril. Possivelmente graças aos improvisados mantos de sacerdotes de Callo Androno, ninguém disparara uma balestra contra eles desde que haviam posto os pés em território sólido verrari, mas a noite era uma criança, pensou Locke – uma criança muito, muito pequena.

Jean arrastou o serviçal inconsciente para a alcova e olhou ao redor, procurando outras complicações, enquanto Locke fechava em silêncio a janela de vidro fosco duplo e a trancava de novo. Uma fina peça de metal cuidadosamente entortada permitira que ele abrisse a tranca; as Pessoas Certas de Camorr chamavam essa ferramenta de “ganha-pão” porque, se você pudesse entrar e sair de uma casa rica o bastante para ter janelas de vidro, seu jantar estava garantido.

Por acaso, Locke e Jean tinham invadido um número suficiente de casas grandiosas como aquela – ainda que nenhuma tão ampla – para saber vagamente onde procurar sua presa. Os quartos principais costumavam ser adjacentes a cômodos confortáveis como salas de fumar e de estar, escritórios e...

– Biblioteca – murmurou Jean, andando em silêncio pelo corredor da direita, ao lado de Locke.

Luzes alquímicas em nichos com cortinas de bom gosto davam ao lugar um agradável brilho laranja-dourado. Através de uma porta dupla aberta no meio do corredor, à esquerda, Locke vislumbrou prateleiras repletas. Não havia outros serviçais à vista.

A biblioteca era uma maravilha: devia conter mil volumes, além de centenas de rolos de pergaminho em fileiras e caixas organizadas. Mapas das constelações, pintados em couro curtido alquimicamente, decoravam os

poucos espaços vazios das paredes. Duas portas fechadas, à esquerda e à frente, levavam a outros cômodos internos.

Locke se encostou na porta da direita, ouvindo. Escutou um leve murmúrio, virou-se para Jean e o avistou parado junto a uma estante de livros. Jean puxou um fino volume em oitavo – com cerca de 15 centímetros de altura – e enfiou-o rapidamente na mochila. Locke sorriu.

Naquele momento, a porta da esquerda se abriu, dando-lhe uma pancada inofensiva mas dolorida na nuca. Ele girou e deu de cara com uma jovem que carregava uma bandeja de prata vazia. Ela abriu a boca para gritar e Locke a tapou com a mão esquerda, pegando uma adaga com a direita. Empurrou-a para o cômodo de onde ela viera, sentindo os pés afundarem num tapete fofo com 2 centímetros de espessura.

Jean veio atrás dele e fechou a porta. A bandeja da serviçal caiu no tapete e Locke a empurrou de lado. A mulher caiu nos braços de Jean com um “Uuunf!” de surpresa e Locke se viu ao pé de uma cama que devia ter 3 metros de lado, envolvida em seda suficiente para fabricar as velas de um iate razoavelmente grande.

Sentado em travesseiros na outra ponta daquela cama, parecendo menor diante de tanto espaço vazio e opulento, estava um velho murcho de camisola de seda verde. Seu cabelo comprido, cor de espuma do mar, caía sobre os ombros. Ele examinava uma pilha de papéis sob uma luz alquímica.

– Marius Cordo, imagino – disse Locke. – Para o futuro, posso sugerir que você invista em algum mecanismo de artífice para os fechos das suas janelas?

O velho ergueu os olhos e arregalou-os, deixando cair os papéis das mãos.

– Ah, que os deuses me acudam! – exclamou ele. – Que os deuses me protejam! É você!

3

– Claro que sou eu – falou Locke. – Só que você ainda não sabe quem, diabos, sou eu.

– Mestre Kosta, podemos discutir isso. O senhor deve saber que sou um homem razoável e extremamente rico...

– Certo, você *sabe* quem, diabos, eu sou – cortou Locke, inquieto. – E estou cagando e andando para o seu dinheiro. Estou aqui para...

– No meu lugar, o senhor teria feito a mesma coisa – interrompeu Cordo.
– Eram negócios, apenas negócios. Poupe-me e deixe que esta também seja uma decisão de negócios, baseada em ouro, joias, finos produtos alquímicos...

– Mestre Cordo, olhe, eu... – Ele fez um muxoxo, virou-se para a serviçal.
– Esse homem está... é... senil?

– Ele é absolutamente lúcido – respondeu ela com frieza.

– Garanto que sou – rugiu Cordo. A raiva mudou suas feições por completo. – E não serei tirado dos negócios por assassinos no meu próprio quarto! Agora, ou vocês me matam logo ou negociam o preço de minha soltura!

– Mestre Cordo, diga-me duas coisas, e seja perfeitamente claro com relação a ambas, porra. Primeiro, como sabe quem eu sou? Segundo, por que acha que eu vim aqui para matá-lo?

– Me mostraram seus rostos numa poça d'água.

– Numa poça... – Locke sentiu o estômago se revirar. – Ah, *maldição*, foi um...

– Um Mago-Servidor de Kartane, representando sua guilda numa questão pessoal. Sem dúvida o senhor percebe agora...

– *Você*. Eu teria feito o mesmo no seu lugar, foi o que você disse. *Você* mandou aqueles malditos assassinos atrás de nós! Aqueles escrotos no cais, aquele garçom com o veneno, aqueles homens na noite da *Festa*...

– É óbvio. E vocês foram esquivos, infelizmente. Com um pouco de ajuda de Maxilan Stragos, imagino.

– Infelizmente? Infelizmente? Cordo, você não faz ideia de como você é um filho da puta sortudo por eles não terem tido sucesso! O que os Magos-Servidores contaram a você?

– Ora, sobre os seus planos...

– Fale com as palavras deles ou eu mato você *de verdade*!

– Que vocês são uma ameaça ao *Priori* e que, devido a pagamentos anteriores feitos por nós, eles consideraram interessante avisar sobre a presença de vocês.

– Quer dizer, aos Sete Internos.

– É.

– Seus sacanas *estúpidos*. Os Magos-Servidores usaram você, Cordo. Considere isso na próxima vez em que pensar em dar dinheiro a eles. Mestre de Ferra e eu estamos na porra da lista deles, de quem querem foder, e eles nos jogaram entre você e Stragos, para se divertirem. É só isso! Nós não viemos aqui para fazer nada contra o *Priori*.

– É o que você diz...

– Por que não o matamos ainda, então?

– Este é um ponto ao mesmo tempo agradável e vexatório – respondeu Cordo, mordendo o lábio.

– O fato é que, por motivos além da sua compreensão, eu invadi sua casa para entregar a cabeça de Maxilan Stragos numa bandeja.

– *O quê?*

– Não de forma literal. Eu tenho planos para aquela cabeça e sei como você ficaria bastante feliz em ver o Arconato chutado feito um formigueiro. Eu pretendo retirar Maxilan Stragos do poder permanentemente esta noite. E *preciso* da sua ajuda.

– Mas... você é algum tipo de agente do Arconte...

– Jerome e eu somos agentes relutantes. O alquimista pessoal de Stragos nos deu um veneno latente. Enquanto Stragos controlar o antídoto, podemos servi-lo ou morrer de um modo medonho. Mas o escroto acabou nos pressionando demais.

– Vocês poderiam ser... poderiam ser *provocadores* enviados por Stragos para...

– Para o quê? Testar a sua lealdade? Em que tribunal, sob que juramento, diante de qual lei? E por que ainda não o matamos?

– Hum... é um argumento válido.

– Aqui – disse Locke, rodeando a cama para sentar-se ao lado de Cordo.

– Pegue uma adaga. – Ele jogou a arma no colo do velho no mesmo momento em que bateram à porta.

– Pai! Pai, um serviçal está ferido! O senhor está bem? Pai, eu vou entrar!

– Meu filho tem uma chave – explicou Cordo enquanto a porta era destrancada.

– Ah, então vou precisar disso de volta. – Ele pegou a adaga e apontou-a para Cordo de um modo vagamente ameaçador. – Fique parado. Isso não vai demorar mais de um minuto.

Um homem forte, de 30 e poucos anos, irrompeu no quarto com um

florete ornamentado nas mãos. Lyonis Cordo, membro do segundo nível do *Priori*, único herdeiro e viúvo havia vários anos. Talvez o solteirão mais cobiçado de toda Tal Verrar, e, de forma notável, raramente visitava a Agulha do Pecado.

– Pai! Alacyn! – Lyonis deu um passo para dentro do quarto, brandindo a arma com um floreio e abrindo os braços para bloquear a porta. – Soltem eles, seus desgraçados! Os guardas da casa estão acordados e vocês jamais descerão até a...

– Ah, pelo amor de Perelandro, nem vou atuar. – Locke devolveu a adaga ao Velho Cordo, que a segurou entre dois dedos como se fosse uma espécie de inseto capturado. – Olhe. Pronto. Que tipo de assassino esdrúxulo eu sou? Guarde sua espada, feche a porta e abra os ouvidos. Temos muitos negócios a discutir.

– Eu... mas...

– Lyonis – interveio o pai –, este homem está fora de si, mas, como diz, nem ele nem seu colega são assassinos. Guarde a arma e diga aos guardas para... – Ele se virou para Locke com suspeita. – Você feriu *muito* algum empregado meu ao invadir a casa, Kosta?

– Só uma pancadinha na cabeça. A gente faz isso o tempo todo. Ele vai ficar bem, quem quer que seja.

– Ótimo. – Marius suspirou e devolveu cuidadosamente a adaga a Locke, que a enfiou de volta no cinto. – Lyonis, mande os guardas ficarem longe. Depois tranque a porta e sente-se.

– Posso ir embora, já que ninguém vai cometer nenhum assassinato nestes aposentos? – perguntou Alacyn.

– Não. Desculpe. Você já ouviu demais. Acomode-se para ouvir o resto. – Locke se virou para o Velho Cordo. – Olhe, por motivos óbvios, ela não pode sair desta casa até que nosso negócio desta noite seja concluído, certo?

– Por todos os...

– Não, Alacyn, ele está certo. – Marius gesticulou para acalmá-la. – Muita coisa depende disso e, se você for leal a mim, sabe bem. Se, perdão, você não for, sabe melhor ainda. Vou deixá-la confinada no escritório, onde ficará confortável. E eu vou recompensá-la muito, muito bem por isso, prometo.

Solta por Jean, ela sentou-se num canto e cruzou os braços, mal-humorada. Lyonis, parecendo duvidar da própria sanidade, dispensou o

esquadrão de brutamontes que chegou à biblioteca um instante depois e embainhou o florete. Fechou a porta do quarto e encostou-se nela, a carranca combinando com a de Alacyn.

– Bom, como eu estava dizendo – continuou Locke –, no fim desta noite, haja o inferno ou o fogo dos Ancestres, meu colega e eu estaremos perto de Maxilan Stragos. De um modo ou de outro, vamos retirá-lo do poder. Possivelmente da própria vida se não tivermos escolha. Mas, para conseguir o que desejamos, exigimos algumas coisas de vocês. E, se aceitarem entrar nessa, devem entender que assim funcionará. Estou falando sério. Quaisquer que sejam seus planos para tomar a cidade de Stragos, estejam prontos para acioná-los. Quaisquer que sejam suas medidas para manter o exército e a marinha dele de mãos atadas até lembrarem quem paga os salários, ponham-nas em prática.

– Retirar Stragos? – Lyonis pareceu pasmo e alarmado ao mesmo tempo.
– Pai, esses homens são loucos...

– Quietos, Lyo. – Marius levantou a mão. – Esses homens afirmam que estão numa posição única para concretizar a mudança que desejamos. E... abriram mão de me causar mal em represália a certas atitudes contra eles. Vamos ouvi-los.

– Ótimo – disse Locke. – Vocês precisam entender o seguinte: dentro de duas horas, mestre de Ferra e eu vamos ser presos pelos Olhos do Arconte quando sairmos da Agulha do Pecado...

– Presos? – interrompeu Lyonis. – Como vocês podem saber...

– Porque eu vou marcar um encontro. E vou *pedir* a Stragos para nos prender.

4

– O Protetor não vai recebê-los, nem a dama. Essas são as nossas ordens.

Locke podia sentir a expressão desdenhosa do Olho, mesmo através da máscara.

– Agora vá – disse Locke ao chegar com Jean ao atracadouro do Arconte no barco menor e mais ágil que tinham conseguido com Marius. – Diga a ele que fizemos o que ele pediu quando nos vimos pela última vez e que precisamos *mesmo* falar sobre isso.

O oficial demorou alguns segundos pensando, depois foi até a corrente para dar o sinal. Enquanto esperavam uma decisão, Locke e Jean tiraram todas as armas e equipamentos, colocaram-nos nas sacolas e deixaram tudo no fundo do bote. Por fim, Merrane apareceu no topo da escada e chamou-os; eles foram revistados com a meticulosidade de sempre e acompanhados até o escritório do Arconte.

Jean tremeu ao ver Stragos, que estava de pé atrás da mesa. Locke notou-o fechando e abrindo os punhos, por isso apertou seu braço.

– Boas notícias? – perguntou o Arconte.

– Alguém veio informar um incêndio no mar ontem, por volta do meio-dia, a oeste da cidade? – indagou Locke.

– Dois navios mercantes informaram sobre uma grande coluna de fumaça no horizonte oeste. Mais nenhuma notícia, que eu saiba, e nenhum sindicato informando nenhuma perda.

– Logo, logo eles farão isso. Um navio queimado e afundado. Sem sobreviventes a bordo. Ia para a cidade e estava pesado de tanta carga, por isso tenho certeza de que, com o tempo, sua falta será sentida.

– Com o tempo... E o que vocês querem agora, um beijo no rosto e um prato de doces? Eu disse para não me incomodarem até...

– Pense no nosso primeiro afundamento como dinheiro garantido. Decidimos mostrar nosso vinho e bebê-lo também.

– O que isso significa?

– Queremos os frutos dos nossos esforços na Agulha do Pecado. Queremos o que levamos dois anos para conseguir. E queremos esta noite, antes de fazermos qualquer outra coisa.

– Bom, vocês não podem ter necessariamente *esta noite*. Ora, vocês acham que eu vou lhes dar algum tipo de documento, uma requisição educada ao Requin para permitir que vocês carreguem o que querem?

– Não, mas nós vamos lá esta noite e, até estarmos longe, em segurança, com o botim, nenhum outro navio será afundado nas suas águas pelas mãos do *Orquídea Venenosa*.

– Você *não* dita os termos de seu trabalho para mim...

– Na verdade, eu *dito*. Ainda que estejamos confiando em você para nos devolver nossa vida após o fim da escravidão, não confiamos mais que as circunstâncias nesta cidade nos permitirão levar adiante o esquema da Agulha do Pecado depois de você ter o que quer. Pense, Stragos. Nós

certamente já pensamos. Se você pretende colocar o *Priori* sob seu domínio, poderá haver caos. Derramamento de sangue e prisões. Requin está de conluio com o *Priori*; a fortuna dele precisa estar intacta se quisermos roubá-la. Portanto, desejamos primeiro ter o que é nosso em mãos antes de concluirmos seu negócio.

– Seu arrogante...

– Sim! Eu! Arrogante! Ainda precisamos da porra do antídoto, Stragos. Ainda precisamos recebê-lo da sua mão. E *exigimos* outro adiamento, no mínimo. Esta noite. Quero ver seu alquimista ao seu lado quando voltarmos aqui, dentro de duas horas.

– Por todos os malditos... Como assim, quando voltarem aqui?

– Só há um modo de nós sairmos em segurança da Agulha do Pecado, depois de Requin se dar conta de que passamos a perna nele. Precisamos sair de lá e cair direto nas mãos dos seus Olhos, que vão estar esperando para nos prender.

– Por que, diante de todos os deuses, eu mandaria que fizessem isso?

– Porque, assim que estivermos aqui de novo, em segurança, vamos sair discretamente, voltar ao *Orquídea Venenosa* e, mais tarde, nesta noite mesmo, atacar a própria Marina de Prata. Drakasha tem 150 tripulantes e nós passamos a tarde tomando dois barcos de pesca para usar como embarcações incendiárias. Você queria ter a bandeira vermelha à vista de sua cidade? Pelos deuses, vamos colocá-la no *porto*. Vamos golpear e queimar o máximo possível e acertar o que estiver ao nosso alcance na saída. O *Priori* estará junto aos nossos portões com sacos de dinheiro, implorando por um salvador. O povo vai se rebelar se não tiver esse salvador. Isso é o bastante? Podemos fazer o que você quer. Podemos fazer esta noite. E um ataque punitivo contra as Ilhas dos Ventos Fantasmas... bom, com que rapidez você consegue arrumar o seu baú de viagem, Protetor?

– O que você vai tomar do Requin? – perguntou Stragos após uma longa ruminação silenciosa.

– Nada que não possa ser transportado por um homem com muita pressa.

– O cofre de Requin é impenetrável.

– Nós sabemos. O que queremos não está dentro dele.

– Como posso ter certeza de que vocês não morrerão?

– Nós morremos se não ficarmos sob a custódia pública e legal de seus

Olhos. E depois sumimos, levados embora, devido a crimes contra o Estado verrari, numa determinada questão que é prerrogativa do Arconato. Uma prerrogativa que em pouco tempo você terá o direito de alardear. Ande, admita que o plano é lindo.

– Você vai deixar o objeto do seu desejo comigo – exigiu o Arconte. – Roube-o. Ótimo. Transporte-o para cá. Mas como você precisa que seu veneno seja neutralizado de qualquer modo, vou guardá-lo até nos separarmos de vez.

– Isso é...

– Um conforto necessário para mim – completou Stragos, num tom ameaçador. – Dois homens que sabem estar diante da morte certa poderiam fugir facilmente e depois beber, farrear e se deitar com prostitutas durante várias semanas antes do fim, caso encontrassem uma grande quantia em dinheiro, não é?

– Acho que você está certo – respondeu Locke, fingindo irritação. – Absolutamente tudo que deixarmos com você...

– Receberá um cuidado escrupuloso. Seu investimento de dois anos o estará esperando.

– Acho que, então, não temos escolha. Concordo.

– Mandarei redigir um mandado de prisão contra Leocanto Kosta e Jerome de Ferra. E concederei esse pedido. E então, pelos deuses, é melhor que você e aquela puta syresti façam o que é necessário.

– Faremos. Da melhor maneira possível. Foi feito um juramento.

– Meus soldados...

– Olhos – interrompeu Locke. – Mande Olhos. Deve haver agentes do *Priori* entre os soldados comuns e eu confio que você fica de olho nos seus Olhos, por assim dizer. Além disso, eles fazem as pessoas se cagar de medo. Esta é uma operação de choque.

– Hummm. A sugestão é razoável.

– Então ouça atentamente, por favor.

5

Era bom ser eles mesmos.

Emergir de um longo período de identidade falsa podia ser como

respirar depois de um quase afogamento, pensou Locke. Agora toda as múltiplas camadas de mentiras estavam sendo descascadas, ficando para trás, enquanto eles subiam pela última vez a escada dos Degraus de Ouro. Agora que sabiam qual era a origem dos assassinos misteriosos, não tinham necessidade de se fingir de sacerdotes e se esgueirar pelos cantos; podiam andar como simples ladrões, com as autoridades da cidade nos seus calcanhares. Ele e Jean deveriam estar adorando a situação, gargalhando juntos, desfrutando da alegria ofegante que sempre sentiam com um crime bem executado. *Mais ricos e mais espertos do que todos os outros.* Mas naquela noite só Locke falava e Jean lutava para manter a compostura, até o momento em que pudesse golpear, e que os deuses ajudassem quem estivesse no seu caminho.

Calo, Galdo e Pulga, pensou Locke. *Ezri.* Tudo que ele e Jean tinham desejado era roubar o máximo que pudessem carregar e rir o tempo todo, até se afastar a uma distância segura. Por que isso lhes custara tantos entes amados? Por que um filho da puta idiota *sempre* precisava imaginar que era possível atravessar impunemente o caminho de um camorri?

Porque não é possível. Nós provamos isso uma vez e vamos provar de novo esta noite, diante de todos os deuses.

6

– Fiquem longe da entrada de serviço, seus... Ah, que os deuses me protejam, são vocês! Socorro!

O leão de chácara que havia recebido nas costelas os dolorosos cuidados de Jean no encontro anterior se encolheu enquanto os Nobres Vigaristas corriam pelo pátio de serviço na direção deles. Locke viu que o homem usava uma espécie de cinta rígida por baixo do tecido fino da túnica.

– Não viemos machucar você – garantiu Locke, ofegando. – Chame... Selendri. Chame-a agora.

– Vocês não estão vestidos para falar com...

– Chame-a agora e ganhe uma moeda – insistiu Locke, enxugando o suor da testa – ou fique aí mais dois segundos e tenha a porra da costela quebrada de novo.

Meia dúzia de funcionários da Agulha do Pecado se reuniu em volta,

para o caso de haver encrenca, mas não fizeram movimentos hostis. Alguns minutos depois de o homem ferido sumir dentro da torre, Selendri voltou.

– Vocês dois deveriam estar no mar...

– Não há tempo para explicações, Selendri. O Arconte ordenou que fôssemos presos. Há um esquadrão de Olhos vindo nos pegar agora mesmo. Vão chegar aqui em minutos.

– *O quê?!*

– Ele descobriu de algum modo. Ele sabe que estávamos tramando com vocês contra ele e...

– Não fale sobre isso aqui – sibilou Selendri.

– Esconda-nos. Esconda-nos, por favor!

Locke pôde ver pânico, frustração e cautela guerreando no lado incólume do rosto dela. Deixá-los ali para enfrentar o destino e permitir que revelassem tudo o que sabiam aos torturadores do Arconte? Matá-los no pátio, diante de testemunhas, sem a explicação plausível de uma queda “acidental”? Não. Precisava levá-los para dentro. Por enquanto.

– Venham – ordenou. – Depressa. Você e você, revistem-nos.

Funcionários da Agulha obedeceram, tirando suas adagas e bolsas de moedas. Selendri pegou-as.

– Este aqui tem um baralho – avisou um deles depois de remexer nos bolsos de Locke.

– Isso é a cara dele – respondeu Selendri. – Não ligo. Vamos ao oitavo andar.

Entraram pela última vez no grandioso templo da avareza de Requin. Passando pelas multidões e pelas camadas de fumaça que pairavam feito espíritos inquietos, subiram a ampla escadaria espiral percorrendo os andares de fineza e risco crescentes.

Locke olhava ao redor: seria sua imaginação ou não havia nenhum membro do *Priori* por ali? Subiram ao terceiro andar, ao quarto – e ali, naturalmente, ele quase trombou com Maracosa Durena, que o olhou boquiaberta com uma bebida na mão enquanto Selendri e seus guardas o arrastavam. No rosto de Durena, Locke viu mais do que perplexidade ou irritação: ela estava *puta da vida*.

Locke podia imaginar como ela os via: mais cabeludos, mais magros e queimados de sol. Para não mencionar malvestidos, suados e claramente numa tremenda encrenca com a casa. Sorriu, acenou para Durena e ela

ficou para trás.

Passaram pelos últimos andares, pelas camadas mais rarefeitas da casa. Ainda nenhum membro do *Priori*. Seria coincidência ou um sinal encorajador?

Chegaram ao escritório de Requin, onde o Senhor da Agulha estava parado diante de um espelho, vestindo um casaco de noite, de abas compridas, com acabamento de brocado de prata. Ele pareceu irritado ao ver Locke e Jean, a maldade em seus olhos combinando com a feroz luz alquímica de seus ópticos.

– Olhos do Arconte – explicou Selendri. – Estão vindo prender Kosta e De Ferra.

Requin rosnou, saltou adiante como um esgrimista e deu um tapa em Locke com as costas da mão, com uma força espantosa. Locke deslizou pelo chão de costas e bateu na mesa de Requin. Badulaques chacoalharam de modo alarmante acima dele e um prato de metal caiu com estardalhaço nos ladrilhos.

Jean avançou, mas os dois corpulentos funcionários da Agulha o agarraram pelos braços e, com um estalo bem lubrificado, Selendri liberou suas lâminas ocultas para dissuadi-lo.

– O que você fez, Kosta? – rugiu Requin.

Ele chutou Locke na barriga, jogando-o de novo contra a mesa. Uma taça de vinho caiu e se espatifou no chão.

– Nada – respondeu Locke, arfando. – Nada, ele simplesmente *sabia*, Requin, sabia que estávamos conspirando contra ele. Tivemos de fugir. Os Olhos estão nos nossos calcanhares.

– Olhos vindo à minha Agulha – rosnou Requin. – Olhos que podem estar a ponto de violar uma tradição importantíssima dos Degraus de Ouro. Você me colocou numa situação muito delicada, Kosta. Você fodeu com tudo, não foi?

– Desculpe – lamentou-se Locke, ficando de quatro. – Desculpe, não havia para onde fugir. Se ele... se ele puser as mãos em nós...

– Certo. Vou lidar com os seus perseguidores. Vocês dois, permaneçam aqui. Vamos discutir isso no momento em que eu voltar.

Quando voltar, pensou Locke, você trará mais funcionários. E Jean e eu vamos “escorregar” pela janela.

Era hora de agir.

Os saltos das botas de Requin ecoaram primeiro contra ladrilhos, depois contra o ferro de sua pequena escada durante sua descida até o andar de baixo. Os dois funcionários que seguravam Jean o soltaram, mas ficaram de olho nele, e Selendri se encostou na mesa de Requin, com as lâminas a postos. Ela olhou friamente para Locke enquanto ele se levantava de novo, contraindo-se.

– Não tem mais coisinhas doces para murmurar no meu ouvido, Kosta?

– Selendri, eu...

– Você sabia que ele estava planejando matá-lo, mestre de Ferra? Que os negócios dele conosco nesses últimos meses dependiam de nós permitirmos que isso acontecesse?

– Selendri, escute, por favor...

– Eu sabia que você era um investimento ruim. Só não percebi que a situação iria dar uma virada tão repentina.

– É, você estava certa. Era um investimento ruim e não duvido que Requin vá ouvi-la com mais atenção no futuro. Porque eu jamais quis matar Jerome de Ferra. Jerome de Ferra não existe. Nem Calo Callas. Na verdade – continuou ele com um sorriso largo –, você acabou de nos trazer *exatamente* aonde queríamos, para receber a recompensa por dois longos anos de trabalho duro, para que possamos *roubar a porra toda* de você e do seu chefe.

O som seguinte na sala foi um funcionário da Agulha do Pecado batendo na parede, com a impressão de um punho de Jean avermelhando todo um lado do seu rosto.

Selendri agiu com velocidade notável, mas Locke estava preparado para ela; não para lutar, mas apenas para se desviar e ficar longe daquela mão cheia de lâminas. Pulou por cima da mesa, espalhando papéis, e gargalhou enquanto os dois fintavam de um lado para o outro, dançando para ver quem passaria primeiro pelo móvel.

– Então você vai morrer, Kosta.

– Ah, e você estava planejando nos poupar. Faça-me o favor. Por sinal, Leocanto Kosta também não existe. Há muitas coisinhas que você *não sabe*, viu?

Jean deu uma testada no rosto do segundo funcionário, partindo o nariz dele, e o homem caiu de joelhos, gorgolejando. Jean passou por trás dele e acertou o cotovelo em sua nuca com toda a força. Locke estava tão

concentrado em evitar Selendri que se retraiu com o barulho do crânio do sujeito batendo no chão.

Um instante depois, Jean surgiu atrás de Selendri, com sangue do nariz quebrado do funcionário escorrendo pelo rosto. Ela golpeou com suas lâminas, mas a raiva de Jean o impulsionava de uma forma rara, maligna. Ele agarrou o antebraço de bronze, dobrou-a ao meio com um soco na barriga, girou-a e agarrou-a pelos braços. Ela se debateu e lutou para respirar.

– Este é um belo escritório – comentou Jean baixinho, como se tivesse acabado de apertar a mão de Selendri e de seus funcionários em vez de espancá-los.

Locke franziu a testa, mas deu prosseguimento ao plano: não podia perder tempo.

– Olhe com atenção, Selendri, porque só posso fazer esse truque uma vez. – Ele pegou suas cartas fraudulentas e as embaralhou de modo teatral. – Há alguma bebida na casa? Uma bebida muito forte, do tipo que provoca lágrimas nos olhos e fogo na garganta?

Ele fingiu surpresa diante de uma garrafa de conhaque na prateleira atrás da mesa de Requin, perto de uma tigela de prata cheia de flores.

Locke pegou o recipiente, jogou as flores no chão e colocou-o na mesa. Depois, abriu a garrafa e derramou o líquido marrom na tigela, até encher cerca de três dedos.

– Agora, como você pode ver, não estou segurando nada nas mãos a não ser este baralho perfeitamente normal, perfeitamente comum. *Será?*

Ele embaralhou pela última vez e jogou as cartas na tigela. Elas amoleceram, distenderam-se e começaram a borbulhar e espumar. As figuras e os símbolos se dissolveram, primeiro numa gosma branca riscada de cores, depois numa gosma cinza e oleosa. Locke encontrou uma faca de manteiga de ponta arredondada num pequeno prato no canto da mesa e usou-a para mexer vigorosamente a gosma cinza até que todos os traços das cartas tivessem sumido.

– Que diabo você está fazendo? – perguntou Selendri.

– Cimento alquímico. Pequenas folhas de resina pintadas para parecer cartas de baralho, elaboradas para reagir com alguma bebida forte. Pelos doces deuses, você *não* quer saber quanto isso me custou. Diabos, eu não tinha opção a não ser vir roubar vocês, depois que mandei fazê-las.

– O que você pretende...

– Devido a uma experiência profissional vívida, sei que esta bosta seca até ficar mais dura do que aço. – Ele correu até o ponto da parede onde o armário ascensor emergiria e começou a passar a gosma cinza por cima de todos os vãos quase invisíveis que indicavam a porta. – Assim, depois que eu pintar isto nesta linda entrada oculta e derramar na fechadura da porta principal, bom... em cerca de um minuto, Requin vai precisar de um aríete se quiser ver de novo seu escritório esta noite.

Selendri tentou gritar por socorro, mas sua garganta era muito danificada e saiu apenas um som alto e lúgubre, que não chegou ao andar de baixo com a força necessária. Locke desceu correndo a escada de ferro, fechou a porta principal do escritório de Requin e lacrou apressadamente o mecanismo da tranca com um bocado do cimento que já ia endurecendo.

– E agora – prosseguiu, retornando ao centro do escritório – a próxima curiosidade da noite, relativa a este *lindo* conjunto de cadeiras que presenteei ao nosso estimado anfitrião. Por acaso, eu sei o que é o Barroco Talatri e *há* um motivo para alguém com a cabeça no lugar construir uma coisa tão bonita com uma madeira tão fraca como a crescente-cisalha.

Locke pegou uma cadeira, arrancou a almofada e o painel de baixo com as mãos, expondo uma câmara rasa dentro do assento cheia de ferramentas: facas, um cinto de escalada feito de couro, prendedores, descensores e vários outros recursos. Jogou tudo no chão com estrépito e levantou a cadeira acima da cabeça, sorrindo.

– Isso faz com que elas sejam muito mais fáceis de quebrar.

E foi o que fez, lançando a cadeira com força no piso de Requin. Ela se despedaçou em todas as juntas, mas os pedaços não voaram porque eram unidos por algo enfiado através das cavidades ocas nas pernas e no encosto. Locke remexeu nos restos do móvel durante um tempo até extrair vários pedaços longos de corda de semisseda.

Pegou um deles e, com a ajuda de Jean, amarrou Selendri rapidamente na cadeira atrás da mesa de Requin. Ela chutou, cuspiu e até tentou mordê-los, mas de nada adiantou.

Assim que ela estava presa, Locke retirou uma faca da pilha de ferramentas e Jean começou a despedaçar as outras três cadeiras e extrair o conteúdo escondido. Enquanto Locke se aproximava de Selendri com a faca na mão, ela o olhou com desprezo.

– Não posso lhe contar nada de significativo – alegou ela. – O cofre fica na base da torre e vocês acabaram de se lacrar aqui em cima. Portanto, pode me amedrontar o quanto quiser, Kosta, mas não tenho ideia do que você está fazendo.

– Ah, acha que isso é para você? – Locke sorriu. – Selendri, eu imaginava que você me conhecesse melhor. Eu não falei nada sobre cofre.

– Seu trabalho para encontrar um modo de entrar...

– Eu menti, Selendri. Sou conhecido por minhas mentiras. Você acha que eu estava mesmo testando com fechaduras e fazendo anotações para Maxilan Stragos? De jeito nenhum. Eu tomava conhaques no térreo e no primeiro andar, tentando voltar a ser o que era depois de quase ter sido transformado em picadinho. A porra do seu cofre é impenetrável, querida. Eu jamais quis chegar perto dele.

Locke olhou ao redor, fingindo notar o escritório pela primeira vez.

– Mas Requin tem mesmo um monte de pinturas caras nas paredes, não é?

Com um sorriso que Locke sentia como se fosse maior ainda do que era, foi até a tela mais próxima e começou, com muito cuidado, a cortá-la da moldura.

7

Locke e Jean se jogaram de costas da varanda de Requin dez minutos depois, as cordas de semisseda indo dos cintos de couro até os perfeitos nós de ancoragem no corrimão. Nas cadeiras, não houvera espaço suficiente para cordas de reserva, mas às vezes não era possível chegar a algum lugar na vida sem correr pequenos riscos.

Locke berrou de júbilo enquanto deslizavam depressa pelo ar noturno, passando por sacadas e janelas de jogadores entediados, satisfeitos, desinteressados ou exaustos. Sua alegria derrotara temporariamente a tristeza. Ele e Jean desceram em vinte segundos, usando os descensores de ferro para evitar um mergulho de cabeça e, durante esse tempo, tudo estava bem no mundo, louvado seja o Guardião Torto. Dez das caríssimas pinturas de Requin – amorosamente retiradas das molduras, enroladas e enfiadas em tubos de tecido impermeável – estavam penduradas no seu ombro. Ele tivera

de deixar duas na parede, por não possuir mais tubos, mas, de novo, o espaço nas cadeiras era limitado.

Assim que concebera a ideia de ir atrás da conhecida coleção de arte de Requin, Locke havia sondado um possível comprador entre os negociantes de várias cidades. O preço que acabara sendo oferecido pela hipotética aquisição fora gratificante, para dizer o mínimo.

A descida terminou 7 centímetros acima do chão de pedras. A aterrissagem incomodou vários casais bêbados que caminhavam pelo perímetro do pátio de Requin. Nem bem estavam se soltando das cordas e dos arneses, ouviram o som de botas pesadas e o tilintar de armas e armaduras. Um esquadrão de oito Olhos correu para eles, vindo da rua ao lado da Agulha do Pecado.

– Fiquem onde estão! – gritou o que estava no comando. – Como oficial do Arconte e do Conselho, prendo-os por crimes contra Tal Verrar. Levantem as mãos e não lutem, caso contrário não seremos misericordiosos.

8

O bote comprido e raso se aproximou do ancoradouro particular do Arconte e Locke se deu conta de que seu coração martelava no peito. Agora vinha a parte delicadíssima.

Ele e Jean foram empurrados para fora da embarcação pelos Olhos que os cercavam. Suas mãos estavam amarradas às costas e as pinturas tinham sido confiscadas. Elas foram carregadas muito delicadamente pelo último Olho a sair do bote.

O oficial que executara a prisão se aproximou do que comandava o ancoradouro e prestou continência.

– Viemos trazer os prisioneiros para ver o Protetor imediatamente, oficial das espadas.

– Eu sei – disse o outro homem, com um quê de satisfação inconfundível na voz. – Muito bem, sargento.

– Obrigado, senhor. Para o jardim?

– Sim.

Locke e Jean foram levados através do Mon Magisteria, percorrendo corredores vazios e salões de baile silenciosos, sentindo os odores de óleo de

armas e cantos empoeirados. Por fim, saíram no jardim do Arconte.

Trilharam o caminho de cascalho pela noite perfumada, em meio ao brilho débil de trepadeiras prateadas e à luminescência trêmula dos besouros-lanterna.

Maxilan Stragos os esperava na casa de barcos, numa cadeira trazida para a ocasião. Com ele estavam Merrane, mais dois Olhos e... o coração de Locke se acelerou: viu também o alquimista careca. Os Olhos que os haviam detido, comandados pelo sargento, prestaram continência ao Arconte.

– De joelhos – disse Stragos em tom casual, e Locke e Jean foram forçados a se ajoelhar no cascalho diante dele.

Locke se retraiu e tentou captar os detalhes da cena. Merrane usava uma túnica de mangas compridas e uma saia escura; Locke podia ver que as botas dela não eram frágeis, elegantes e, sim, calçados de montaria pretos, de salto baixo, boas para correr e lutar. Interessante. O alquimista de Stragos segurava uma grande sacola cinza, parecendo nervoso. A pulsação de Locke voltou a se acelerar enquanto ele pensava no que poderia haver ali.

– Stragos, outra festa no jardim? – perguntou Locke, fingindo não saber o que se passava na mente do Arconte. – Seus patetas blindados podem nos desamarrar agora; duvido que haja agentes do *Priori* espreitando nas árvores.

– Às vezes eu me perguntava o que seria necessário para torná-lo mais submisso – divagou Stragos, e sinalizou para o Olho que estava à sua direita. – Lamentavelmente, concluí que isso é impossível.

O Olho chutou Locke no peito, derrubando-o de costas. Locke tentou se contorcer para longe, deslizando pelo cascalho. O Olho abaixou-se e puxou-o de volta de joelhos.

– Está vendo meu alquimista? Aqui, como você requisitou? – perguntou Stragos.

– Estou – respondeu Locke.

– É isso que você vai ter. Só isso. Mantive minha palavra. Desfrute de seu inútil vislumbre.

– Stragos, seu escroto, nós ainda temos trabalho a fazer para...

– Acho que não – interrompeu o Arconte. – Acho que seu trabalho já está feito. E enfim acredito que consigo entender por que você incomodou tanto os Magos-Servidores a ponto de eles o entregarem aos meus cuidados.

– Stragos, se nós não voltarmos ao *Orquídea Venenosa*...

– Meus observadores me informaram sobre um navio com a descrição daquele pirata, ancorado ao norte da cidade. Vou tomá-lo em pouco tempo, com metade das galeras da minha frota. E depois farei outro desfile pelas ruas e terei uma tripulação para jogar no Abismo do Monturo, um a um, enquanto toda Tal Verrar me aplaude.

– Mas nós...

– Vocês me deram o que eu preciso, ainda que não como pretendiam. Sargento, você encontrou alguma dificuldade em tirar esses prisioneiros da Agulha do Pecado?

– Requin se recusou a deixar que entrássemos no prédio, Protetor.

– Requin se recusou a deixar que vocês entrassem no prédio. – Stragos nitidamente saboreou cada palavra. – Tratou uma tradição informal como se tivesse precedência sobre minha autoridade legal. E me deu motivo para mandar minhas tropas em pelotões e para fazer o que os policiais comprados e pagos não fariam: aprisionar aquele desgraçado até descobrir quanto tempo ele está disposto a ficar quieto com relação às atividades de seus bons amigos, o *Priori*. Agora tenho minha chance de lutar. Não é necessário que vocês dois provoquem mais violência nas minhas águas.

– Stragos, seu filho da puta...

– Na verdade, não há necessidade nenhuma de vocês dois.

– Nós tínhamos um acordo!

– E eu poderia cumpri-lo se vocês não tivessem zombado de mim na única questão em que eu não poderia admitir desobediência! – Stragos se levantou da cadeira, trêmulo de raiva. – Minhas instruções eram para deixar os homens da Rocha de Barlavento vivos! *Vivos!*

– Mas nós... – começou Locke, absolutamente perplexo. – Nós usamos o Geladestreza e os deixamos...

– Com as gargantas cortadas – completou Stragos. – Só os dois do telhado sobreviveram; presumo que vocês foram preguiçosos demais para subir até lá e acabar com eles.

– Nós não...

– Quem mais estava atacando minha ilha naquela noite, Kosta? Aquilo não é exatamente um centro de peregrinação, certo? Se vocês não fizeram isso, deixaram os prisioneiros fazerem. De qualquer modo, a culpa é de vocês.

– Stragos, honestamente não sei do que você está falando.

– Suas alegações não vão trazer meus quatro bons guardas de volta, vão?
– Stragos levou as mãos às costas. – Portanto, está tudo encerrado. O som da sua voz, seu tom arrogante, a pura *afronta* contida nessa sua língua... você incomoda meus ouvidos como se eu tivesse enfiado neles pele de tubarão, mestre Kosta, e assassinou soldados honestos de Tal Verrar. Você não terá sacerdote, cerimônia ou sepultura. Sargento, me dê sua espada.

O sargento dos Olhos avançou, desembainhou a espada e virou o punho para o Arconte.

– Stragos – disse Jean. – Uma última coisa. – Locke se virou para o amigo e viu que ele abrira um pequeno sorriso. – Vou me lembrar deste momento pelo resto da minha vida desgraçada.

– Eu...

Stragos não terminou a frase, já que o sargento recuou subitamente o braço com a espada e acertou o punho da arma no rosto do Arconte.

9

Foi assim que os acontecimentos chegaram àquele ponto.

Os Olhos arrastaram Locke e Jean do pátio da Agulha do Pecado e os enfiaram numa pesada carruagem com barras de ferro nas janelas. Três entraram no compartimento com eles, dois foram em cima para guiar os cavalos e três ficaram nas laterais e atrás, do lado de fora.

No fim da rua, em cima da camada mais alta dos Degraus de Ouro, o veículo virou à esquerda para pegar a rampa de descida até o nível seguinte e outra carruagem bloqueou subitamente o caminho. Os Olhos gritaram ameaças; o outro cocheiro pediu mil desculpas e explicou que seus cavalos eram teimosos demais.

As cordas de balestras começaram a estalar e os cocheiros e guardas do lado de fora tombaram, apanhados indefesos numa tempestade de quatrelos. Esquadrões de policiais uniformizados apareceram na rua, dos dois lados da carruagem, balançando seus porretes e escudos.

– Saiam do caminho! – gritaram para os espectadores de olhos arregalados, porém os mais espertos já haviam procurado abrigo. – Não há nada para ver aqui. Negócios do Arconte e do Conselho.

Enquanto os corpos batiam nas pedras do calçamento, a porta se

escancarou e os três que estavam dentro fizeram uma tentativa inútil de ajudar os colegas caídos. Mais dois esquadrões de policiais atacaram e os dominaram, com a ajuda de indivíduos à paisana que, *por acaso*, se envolveram. Um dos Olhos lutou com tanto empenho que foi morto acidentalmente; os outros dois foram logo imobilizados ao lado da carruagem e suas máscaras de bronze foram removidas.

Lyonis Cordo apareceu usando um uniforme de Olho completo, a não ser pela máscara. Estava acompanhado por mais sete homens e mulheres com vestimentas quase iguais. Com eles, havia uma jovem, desconhecida para Locke, que se ajoelhou diante dos dois Olhos capturados.

– Você eu não conheço – disse ela ao da direita.

Antes que o homem tivesse tempo de perceber o que acontecia, um policial cortou seu pescoço com uma adaga e o empurrou no chão. Outros policiais arrastavam rapidamente os corpos para um lugar fora de vista.

– Você – falou a mulher, encarando o único Olho sobrevivente –, Lucius Caulus. Você eu conheço.

– Me mate agora – reagiu o homem. – Não vou lhe dar nada.

– É claro. Mas você tem uma mãe. E uma irmã, que trabalha no Crescente das Mãos Pretas. E tem um cunhado nos barcos de pesca e dois sobrinhos...

– Foda-se – disse Caulus. – Você não faria...

– Enquanto você olhasse. Eu faria. Eu *farei*. Cada um deles, e você vai ver tudo e eles vão saber que você poderia salvá-los com algumas palavras.

Caulus olhou para o chão e começou a soluçar.

– Por favor, deixe que isso fique entre nós...

– Tal Verrar permanece, Caulus. O Arconte não é Tal Verrar. Mas não tenho tempo para fazer joguinhos com você. Responda às minhas perguntas ou vamos encontrar sua família.

– Que os deuses me perdoem. – Caulus assentiu.

– Passaram a vocês alguma senha ou procedimento especial para usar quando entrassem de novo no Mon Magisteria?

– N-não...

– Quais, *exatamente*, foram as ordens dadas ao seu sargento?

Ao término do breve interrogatório, Caulus foi levado com os corpos para longe – vivo, para continuar temendo as consequências caso tivesse deixado alguma coisa de fora –, os falsos Olhos se armaram com os

utensílios dos verdadeiros e puseram as máscaras de bronze. Então, a carruagem partiu de novo, acelerando em direção ao bote à espera no cais interior, para que nenhum agente de Stragos atravessasse a baía a tempo de alertá-lo sobre o que vira.

– Tudo correu praticamente tão bem quanto se esperava – comentou Lyonis, sentado com eles dentro da carruagem.

– Esses uniformes falsos dão para enganar? – perguntou Locke.

– Quem disse que são falsos? Os uniformes não foram a parte difícil: nossos simpatizantes dentro das forças de Stragos os deram há um tempo. As máscaras é que são bastante difíceis. Uma para cada Olho, sem reserva; eles as mantêm como herança de família. E passam tanto tempo olhando para elas que até mesmo uma cópia bem-feita seria notada. – Cordo levantou sua máscara e sorriu. – Depois desta noite, espero que jamais vejamos essas porcarias de novo. Agora, que diabo há nesses tubos de tecido impermeável?

– Um presente do Requin. Um negócio pessoal sem qualquer relação com o que nos interessa.

– Você conhece bem o Requin?

– Nós compartilhamos um gosto pela arte do período tardio do Trono Terim – respondeu Locke, sorrindo. – Até trocamos algumas obras recentemente.

10

Enquanto Lyonis derrubava o Arconte, os outros falsos Olhos tiravam as máscaras e agiam. Locke e Jean se soltaram dos falsos nós nos pulsos em menos de um segundo.

Um dos homens de Lyonis subestimou as habilidades do Olho verdadeiro que ele enfrentava e caiu de joelhos com a maior parte do lado esquerdo aberta. Mais dois homens do *Priori* se aproximaram e golpearam o Olho até que sua guarda falhou; derrubaram-no e o esfaquearam várias vezes. Os outros tentaram correr e pedir ajuda, mas foram mortos antes de dar cinco passos.

Merrane e o alquimista olharam ao redor, ele muito mais nervoso do que ela, mas dois seguidores de Lyonis os detiveram sob a ponta das espadas.

– Bom, Stragos – disse Lyonis, puxando o Arconte até ficar de novo de joelhos –, os mais calorosos cumprimentos da Casa de Cordo.

Ele levantou o braço, com a espada virada para golpear, e sorriu.

Jean o agarrou por trás, jogou-o no chão e se postou acima dele, furioso.

– O *trato*, Cordo!

– Vocês nos fizeram um tremendo serviço – falou Lyonis, ainda sorrindo no chão –, mas não nos sentimos confortáveis deixando pontas soltas por aí. E agora nós somos sete e vocês são...

– Seus vira-casacas *amadores* – cortou Locke. – Fazem com que nós, profissionais, fiquemos horrorizados. Você se acha tão esperto, porra. Eu pensei nisso muitíssimo antes, por isso pedi que um amigo mútuo oferecesse uma opinião sobre este assunto.

Locke enfiou a mão na bota e pegou uma meia folha de pergaminho um pouco amarrotada e úmida de suor, dobrada em quatro. Entregou-a a Lyonis e sorriu enquanto o o membro do *Priori* a desdobrava, sabendo o que ele iria ler:

Eu consideraria uma afronta pessoal se os portadores deste bilhete sofressem algum mal ou fossem prejudicados de qualquer modo, já que estão engajados numa tarefa de benefício mútuo. A extensão de todas as cortesias a eles será digna de nota e retribuída como uma cortesia a mim. Eles têm minha confiança total e absoluta.

R

Tudo isso, claro, acima do sinete pessoal de Requin.

– Sei que você, pessoalmente, não gosta muito da casa de tavolagem dele – continuou Locke. – Mas deve admitir que o mesmo não é verdade para todos os membros do *Priori* e muitos de seus colegas mantêm uma grande quantidade de dinheiro no cofre dele...

– Chega. Já entendi. – Cordo se levantou e praticamente jogou a carta de volta para Locke. – O que você pede?

– Só quero duas coisas: o Arconte e o alquimista dele. O que vocês fizerem com esta maldita cidade é totalmente da sua conta.

– O Arconte deve...

– Você já ia estripá-lo feito um peixe. Agora ele é da minha conta. Só saiba que qualquer coisa que aconteça com ele não será uma inconveniência para você.

Gritos soaram do outro lado do jardim. Não, corrigiu-se Locke: do outro lado da fortaleza.

– Que diabo é isso? – perguntou.

– Temos simpatizantes no portão do Mon Magisteria – explicou Cordo. Estamos trazendo gente para impedir que alguém vá embora. Eles devem estar marcando presença agora.

– Se você tentar invadir...

– Não vamos invadir o Mon Magisteria. Só vamos lacrá-lo. Assim que as tropas do lado de dentro compreenderem a nova situação, confiamos que aceitarão a autoridade dos conselhos.

– É melhor você esperar que isso seja verdade em toda Tal Verrar. Mas chega desta merda. Ei, Stragos, vamos bater um papinho com seu alquimista de estimação.

Jean levantou o Arconte, ainda claramente em choque, e começou a puxá-lo para onde Merrane e o alquimista estavam sob guarda.

– Você – Locke apontou para o careca – vai começar a explicar um monte de coisas se tem amor à vida.

O alquimista balançou a cabeça.

– Ah, mas eu... eu...

– Preste muita atenção. Este é o fim do Arconato, entendeu? Esta noite toda a instituição vai afundar no porto de uma vez por todas. Maxilan Stragos não terá poder para comprar um copo de mijo quente nem com todo o ouro de Tal Verrar. Assim, você não vai poder se arrastar até *ninguém* enquanto passa o resto de sua vida curta e miserável respondendo aos dois homens que você envenenou, porra. Você tem um antídoto *permanente*?

– Eu... eu carrego um antídoto para cada veneno que uso a serviço do Arconte. Só para garantir.

– Xandrin, não faça... – começou Stragos. Jean lhe deu um soco no estômago.

– Ah, não. *Faça*, Xandrin, faça – retrucou Locke.

O careca enfiou a mão na bolsa e tirou um frasco de vidro cheio de líquido transparente.

– Eu só ando com uma dose. Basta para um homem, portanto *não* derrame. Isso vai limpar a substância dos humores e canais do corpo.

Locke pegou o frasco com a mão trêmula.

– E isso... quanto vai custar para que outro alquimista faça mais?

– É impossível. Eu projetei o antídoto para impedir a análise reativa. Qualquer amostra levada a exame alquímico será arruinada. O veneno e seu antídoto são fórmulas que pertencem somente a mim...

– Anotações – interrompeu Locke. – Receitas, como quer que você chame essas porcarias.

– Estão na minha cabeça. O papel não guarda bem segredos.

– Bom, então até que nos prepare outra dose, parece que você vem com a gente, porra. Você gosta do mar?

11

Então Merrane tomou sua decisão. Se o antídoto não podia ser duplicado e se ela derrubasse o frasco no chão... as incômodas anomalias Kosta e De Ferra estariam praticamente mortas. Assim, restariam apenas Stragos e Xandrin.

Se eles fossem eliminados, todos que tinham algum conhecimento direto do fato de que ela servia a um senhor fora de Tal Verrar seriam silenciados.

Moveu bem pouco o braço direito, deixando cair o punho da adaga envenenada na mão, e respirou fundo.

Merrane agiu tão depressa que o falso Olho junto a ela nem teve a chance de erguer a espada. Seu golpe de lado, sem um olhar ou gesto revelador, pegou-o na lateral do pescoço. Ela deslizou a lâmina, cortando o que podia, para o caso de o veneno demorar a agir.

12

A primeira vítima de Merrane mal havia ofegado, surpresa, quando ela se moveu de novo, cortando a nuca de Xandrin com uma faca que surgiu do nada em sua mão. Locke encarou aquilo por uma fração de segundo, espantado; ele se considerava rápido, mas percebeu que, se ela o tivesse

atacado, não veria o golpe a tempo.

Enquanto Xandrin gritava e tombava para a frente, Merrane chutou Locke, um ataque mais rápido do que forte, acertando seu braço, e o frasco voou dos dedos dele. Locke mal teve tempo de gritar “Merda!” antes de mergulhar em busca do vidro, sem ligar se iria se ralar no cascalho ou Merrane faria alguma coisa com ele. Pegou o frasco ainda intacto, soltou um murmúrio de agradecimento e foi empurrado de lado no momento em que Jean passou.

Com o invólucro grudado no peito, Locke viu Merrane girar e atirar a faca, sendo acertada por Jean no mesmo instante. Assim, em vez de ela se cravar no pescoço ou no peito de Stragos, a arma ricocheteou no cascalho.

Surpreendentemente, Merrane conseguiu lutar de verdade contra Jean. Ela livrou um braço do aperto dele e lhe deu uma cotovelada nas costelas. Ágil e sem dúvida desesperada, chutou o pé direito de Jean, soltou-se e tentou se afastar. Jean continuou segurando um pedaço grande o suficiente da túnica dela para arrancar a manga esquerda até o ombro; desequilibrado quando o pano cedeu, ele caiu no chão.

Locke vislumbrou uma tatuagem elaborada e escura na pele clara do braço de Merrane – algo parecido com uma videira entrelaçada numa espada. Ela partiu feito uma seta de besta, correndo pela noite, para longe de Jean e dos falsos Olhos que a perseguiram em vão antes de desistir e xingar alto.

– Bom, que diab... Ah, inferno – praguejou Locke, notando pela primeira vez que o falso Olho que Merrane golpeará, assim como Xandrin, se retorcia no chão e espumava. – Ah, merda, merda, *inferno!* – gritou, dobrando-se impotente sobre o alquimista agonizante.

As convulsões pararam em apenas alguns segundos e Locke olhou para o único frasco de antídoto nas mãos, com uma sensação doentia na boca do estômago.

– Não – disse Jean atrás dele. – Ah, pelo amor dos deuses, por que ela fez isso?

– Não sei – respondeu Locke.

– O que vamos fazer?

– Nós... Merda. Não faço a mínima ideia.

– Você deveria...

– Ninguém vai fazer nada – cortou Locke. – Vou manter isto em

segurança. Assim que tudo acabar, vamos jantar com este frasco e pensar sobre a situação. Vamos bolar alguma coisa.

– Você pode...

– É hora de ir – interrompeu Locke, com o máximo de firmeza possível.

– Vamos levar o que viemos pegar, antes que as coisas fiquem mais complicadas.

Antes que as tropas leais ao Arconte notem que ele está tendo uma noite ruim. Antes que Lyonis descubra que Requin está nos caçando agora mesmo. Antes que alguma outra maldita surpresa brote para morder nossa bunda.

– Cordo, onde está o saco que você prometeu?

Lyonis fez um gesto para um dos seus falsos Olhos, que entregou um pesado saco de aniagem a Locke. Locke sacudiu-o; era mais largo do que ele e tinha quase 2 metros de comprimento.

– Bom, Maxilan, eu lhe dei a chance de esquecer tudo isso e manter o que você tinha, mas você precisava ser a porra de um escroto, não é?

– Kosta – respondeu Stragos, enfim redescobrimo a voz –, eu... eu posso lhe dar...

– Você não pode me dar porcaria nenhuma. – Stragos parecia estar pensando em pegar a adaga de Merrane, por isso Locke deu um chute forte na arma, que quicou no cascalho e sumiu na escuridão do jardim. – Nós que servimos ao Guardiã Torto temos uma pequena tradição, que seguimos quando alguém próximo de nós morre. Nesse caso, uma pessoa que foi morta em resultado dessa porra de trama louca que você armou.

– Kosta, não jogue fora o que eu posso oferecer...

– Nós chamamos de oferenda de morte. Significa que roubamos algo de valor proporcional à vida que perdemos. Só que neste caso não creio que haja alguma coisa no mundo que sirva. Mas vamos fazer o nosso melhor.

Jean se postou ao lado dele e estalou os nós dos dedos.

– Ezri Delmastro – disse muito baixinho –, eu lhe dou o Arconte de Tal Verrar.

Deu um soco tão forte em Stragos que levantou o Arconte do chão, enfiou-o, inconsciente, no saco de aniagem e o colocou no ombro como um saco de batatas.

– Bom, Lyonis, desejo sorte com sua revolução, ou sei lá o que é – disse Locke. – Vamos sair daqui antes que as coisas fiquem mais interessantes para nós.

- E o Stragos...
- Você nunca mais vai vê-lo.
- Então está bom. Vocês vão deixar a cidade?
- Não suficientemente rápido para o nosso gosto.

13

Jean largou-o no tombadilho, sob os olhos de Zamira e de toda a tripulação sobrevivente. Fora uma viagem longa e árdua de volta: primeiro para pegar as mochilas no barquinho de Cordo, depois para pegar o bote de Drakasha e remar para o oceano. Mas valera a pena. Toda a *noite* valera a pena, decidiu Locke, só para ver a expressão de Stragos ao dar de cara com Zamira.

– Dr... Dra... kasha – murmurou ele, depois cuspiu um dente no convés. O sangue escorria em vários fios pelo seu queixo.

– Maxilan Stragos, ex-Arconte de Tal Verrar – disse ela. – *Último* Arconte de Tal Verrar. Na última vez que o vi, minha perspectiva foi um tanto diferente.

– A minha... também. – Ele suspirou. – E agora?

– Existem dívidas demais sobre a sua carcaça para serem pagas apenas com a morte. Nós pensamos muito nisso. Resolvemos mantê-lo por aí pelo máximo de tempo possível.

Ela estalou os dedos e Jabril avançou, carregando um monte de correntes de ferro e algemas robustas, ainda que ligeiramente enferrujadas. Ele largou-as no convés perto de Stragos e gargalhou quando o velho deu um pulo. Outros tripulantes o agarraram e ele começou a soluçar, incrédulo, ao ver os braços e pernas serem presos e as correntes, enroladas em seu corpo.

– Você vai para o porão, Stragos. Vai para a escuridão. E vamos considerar um privilégio especial carregá-lo aonde formos. Em qualquer tempo, qualquer mar, qualquer calor. Vamos levá-lo por um longo caminho. Você e os seus ferros. Muito depois de suas roupas apodrecerem, garanto que você ainda irá usá-los.

– Drakasha, por favor...

– Juguem-no no lugar mais profundo possível – ordenou ela, e meia dúzia de tripulantes começou a carregá-lo para uma escotilha do convés principal. – Acorrentem-no à antepara. Depois deixem que ele se

aconchegue.

– Drakasha! Você não pode! Não pode! Eu vou enlouquecer!

– *Eu sei.* E vai gritar. Pelos deuses, como você vai uivar lá embaixo. Mas tudo bem. É sempre bom ter um pouco de música no mar.

Ele foi levado para baixo do convés do *Orquídea Venenosa*, onde ficaria para o resto da vida. Drakasha virou-se para Locke e Jean.

– Vocês dois cumpriram com o prometido. É incrível, mas conseguiram o que queriam.

– Não, capitã – replicou Jean. – Conseguimos o que fomos correr atrás. Mas não conseguimos o que queríamos. Nem de longe.

– Sinto muito, Jerome.

– Espero que nunca mais alguém me chame assim. Meu nome é Jean.

– Locke e Jean. Certo, então. Posso levar os dois a algum lugar?

– Vel Virazzo, se não for incômodo – respondeu Locke. – Temos alguns negócios a realizar.

– E então serão ricos?

– Teremos verbas, sim. Quer um pouco, para o seu...

– Não. Vocês entraram em Tal Verrar e executaram o roubo. Fiquem com o saque. Nós temos o bastante de Salon Corbeau e muito poucos modos de dividi-lo agora. Vamos ficar bem. E o que vocês vão fazer depois disso?

– Nós tínhamos um plano – disse Locke. – Lembra-se do que você me falou junto à amurada naquela noite? Se alguém tentar riscar linhas em volta do seu navio, simplesmente... enfundar mais velas?

Drakasha assentiu.

– Digamos que tentaremos fazer isso.

– Vão precisar de mais alguma coisa?

– Bom, só por uma questão de segurança, dado o nosso histórico... talvez você possa nos emprestar uma sacola e nos dar uma coisa pequena mas importante?

14

Eles se encontraram no dia seguinte, a convite de Requin, no que só poderia ser descrito como os destroços de seu escritório. A porta principal estava arrancada das dobradiças, as cadeiras continuavam no chão, quebradas, e

quase todas as pinturas das paredes tinham sido cortadas das molduras. Requin parecia sentir um prazer perverso em sentar os sete membros do *Priori* em belas cadeiras no meio do caos e fingir que tudo estava perfeitamente normal. Selendri andava pelo aposento atrás dos convidados.

– Tudo correu bem para as damas e os cavalheiros desde ontem à noite?
– perguntou Requin.

– A luta na Marina da Espada terminou – respondeu Jacanta Tiga, a mais nova dos Sete Internos. – A marinha está nas nossas rédeas.

– O Mon Magisteria é nosso – continuou Lyonis Cordo, representando o pai. – Todos os capitães de Stragos estão sob custódia, a não ser dois capitães da inteligência...

– Não podemos ter outra porra de incidente como o de Ravelle – opinou um homem de meia-idade.

– Tenho pessoas trabalhando nessa questão – garantiu Requin. – Eles não vão se esconder dentro da cidade, isso eu posso prometer.

– Os embaixadores de Talisham, Espara e do Reino dos Sete Tutanos expressaram publicamente a confiança na liderança dos conselhos – informou Tiga.

– Eu sei – Requin sorriu. – Ontem à noite eu lhes perdoei algumas dívidas substanciais e sugeri que eles poderiam ser úteis para o novo regime. E quanto aos Olhos?

– Cerca de metade deles está viva e sob custódia – respondeu Cordo. – O resto está morto e apenas uns poucos podem estar tentando organizar uma resistência.

– Eles não irão longe – assegurou Tiga. – A lealdade ao velho Arconato não vai pagar comida nem cerveja. Acho que vão aparecer mortos aqui e ali assim que irritarem demais os soldados regulares.

– Vamos nos livrar do resto discretamente nos próximos dias – observou Cordo.

– Bom, eu fico pensando se isso é mesmo inteligente... – comentou Requin. – Os Olhos do Arconte representam um grupo significativo de pessoas muito bem-treinadas e comprometidas. Sem dúvida seriam mais úteis sem encher sepulturas.

– Eles eram leais só ao Stragos...

– Ou talvez a Tal Verrar, se você lhes perguntar. – Requin pôs a mão no coração. – Meu dever patriótico me impele a observar isso.

Cordo bufou.

– Eles eram as tropas de choque dele, seus guarda-costas, seus torturadores. Eles são inúteis para nós, mesmo que não se tornem indisciplinados.

– Talvez, apesar de todo o seu alardeado conhecimento militar, nosso caro e ausente Arconte tenha empregado os Olhos de modo pouco eficaz – continuou Requin. – Talvez as máscaras sem rosto fossem exageradas. Eles podiam ter sido mais bem-utilizados à paisana, como um acréscimo ao seu aparato de inteligência, em vez de aterrorizar o povo como seus executores.

– Talvez para o bem *dele* – replicou Tiga. – Se Stragos tivesse feito isso, esse aparato de inteligência poderia ter arruinado nossa ação contra ele ontem. Foi por pouco.

– Mesmo assim, é difícil manter um reino quando não se tem mais um rei – objetou Cordo.

– É – concordou Tiga. – Todos estamos muito impressionados, Cordo. Mencione sutilmente seu envolvimento com o máximo de frequência que puder, por favor.

– Pelo menos eu...

– E é mais difícil *ainda* manter um reino – interrompeu Requin – quando a gente descarta ferramentas em ótimo estado deixadas para trás pelo rei anterior.

– Perdoe se somos obtusos – disse Saravelle Fioran, uma mulher quase tão velha quanto Marius Cordo –, mas o que você está querendo dizer, Requin?

– Apenas que os Olhos, adequadamente controlados e treinados, podem ser um recurso importante para Tal Verrar se não forem usados como tropas de choque e, sim, como... uma polícia secreta?

– Diz o homem responsável pelas pessoas que essa força estaria encarregada de caçar – zombou Cordo.

– Jovem Cordo, essas também são as pessoas cuja interferência com os negócios da sua família é mantida num mínimo aceitável, devido ao meu envolvimento. Essas pessoas foram fundamentais para a nossa vitória ontem: levando suas mensagens, enchendo as ruas para impedir reforços do exército, distraindo os oficiais mais leais de Stragos enquanto alguns de vocês tinham condições de abordar essa questão com o ar de amadores tentando jogar bocha.

– Eu, não... – disse Cordo.

– Não, você, não. Você lutou. Mas eu alardeio minha hipocrisia com um sorriso no rosto, Lyonis. Não ouse fingir, aqui em particular, que seu desdém o absolve de algum modo do seu envolvimento com gente como eu. Você não deseja uma cidade sem regulamentação do crime! Quanto aos Olhos, não estou pedindo, estou apenas *relatando*. Os poucos que eram fanáticos por Stragos podem tropeçar convenientemente e cair em cima de espadas. O resto é útil demais para ser jogado fora.

– Baseado em que você tem a presunção de fazer sermões...? – começou a perguntar Tiga.

– Baseado em que seis das sete pessoas sentadas aqui acharam bom armazenar bens e dinheiro no cofre da Agulha do Pecado. Itens que, sejamos francos, não precisam reaparecer caso eu me sinta ansioso com relação ao nosso relacionamento. Eu tenho um investimento nesta cidade, assim como vocês. Não acharia bom que um poder estrangeiro interrompesse meus negócios. Para dar crédito ao Stragos, não posso imaginar que o exército e a marinha nas mãos de vocês irá inspirar temor nos nossos inimigos, dado o que aconteceu na última vez em que o *Priori* governou durante uma guerra. Portanto é melhor termos garantias.

– Certamente podemos discutir isso dentro de alguns dias – disse Lyonis.

– Acho que não. Inconveniências como os nossos Olhos sobreviventes têm um hábito de desaparecer antes que as discussões possam ser ampliadas, não é? Este é um período agitado. Mensagens podem ser perdidas, mal-entendidas, e tenho certeza de que haveria um motivo plausível para o que quer que acontecesse.

– Então o que você quer? – perguntou Fioran.

– Se vocês vão tomar o Mon Magisteria como centro administrativo para nosso novo governo brilhante, imagino que uma suíte de escritórios seria um bom começo. Algo belo e prestigioso, antes que todos os melhores tenham sido ocupados. Além do mais, espero um orçamento operacional elementar até o fim da semana; eu mesmo vou fazer o rascunho. Salários para o ano que vem. Por falar nisso, pelo menos três cargos dessa nova organização devem ser meus. Salários de 10 a 15 solaris por ano.

– Para que você possa oferecer molezinhas a alguns de seus ladrões emproados – disse Lyonis.

– Para que eu possa auxiliá-los na transição para uma vida de cidadãos

respeitáveis e defensores de Tal Verrar.

– Essa vai ser a *sua* transição para uma vida de cidadão respeitável? – perguntou Tiga.

– E eu pensava que já era! – exclamou Requin. – Pelos deuses, não. Não desejo me afastar das responsabilidades de que desfruto no momento. Mas por acaso tenho uma candidata ideal para comandar nossa nova organização. Alguém que compartilha minhas apreensões com relação ao modo como Stragos empregava seus Olhos e que deve ser levada muito mais a sério pelo fato de que já *foi* um deles.

Selendri não pôde deixar de sorrir quando os membros do *Priori* se viraram nas cadeiras para encará-la.

– Ora, Requin, espere um pouco... – começou Cordo.

– Não vejo necessidade – contrapôs Requin. – Não acredito que seus seis colegas queiram me negar este pedido muito pequeno e muito patriótico, certo?

Cordo olhou ao redor e Selendri soube o que ele estava vendo no rosto dos outros: se ele tentasse formalmente impedir aquele estratagema, estaria sozinho e enfraqueceria não só a posição pelo seu pai, mas também suas perspectivas futuras.

– Acho que a compensação inicial para ela dever ser algo bonito, bem bonito – prosseguiu Requin, animado. – E, é claro, ela vai requisitar o direito de usar carruagens e barcas oficiais. E uma residência oficial: Stragos tinha dezenas de casas e mansões à disposição. Ah, e acho que o escritório dela no Mon Magisteria deveria ser o mais belo e prestigioso de todos. Não concordam?

Os dois se beijaram por longo tempo, sozinhos no escritório após os demais terem saído em vários níveis de perplexidade, preocupação e irritação. Como fazia usualmente, Requin tirou as luvas para passar a pele marrom cheia de cicatrizes em Selendri.

– Pronto, querida. Sei que você estava incomodada aqui há algum tempo, subindo e descendo as escadas desta torre, servindo e se curvando diante de bêbados abastados.

– Ainda lamento meu fracasso em...

– Nosso fracasso foi totalmente compartilhado. De fato eu caí mais do que você no papo furado de Kosta e De Ferra. Você manteve a suspeita o tempo todo. Se eu deixasse, você os teria jogado pela janela mais cedo e

evitado toda a confusão no final, tenho certeza.

Ela sorriu.

– E aqueles membros do *Priori* metidos a besta presumem que estou apenas dando a você um trabalho fácil. – Requin passou os dedos pelo cabelo dela. – Pelos deuses, que surpresa eles terão. Mal posso esperar para vê-la agindo. Você vai construir algo que fará meu pequeno bando de *felantozzis* parecer insignificante.

Selendri olhou a bagunça no escritório. Requin riu.

– Devo admirar aqueles merdinhas audaciosos. Passar dois anos planejando uma coisa assim e ainda o negócio das cadeiras... e o meu selo! Nossa, o Lyonis teve um ataque...

– Imaginei que você ficaria furioso.

– Furioso? Acho que estou. Eu gostava um bocado daquelas cadeiras.

– Sei quanto tempo você trabalhou para adquirir aqueles quadros...

– Ah, os quadros, é. – Requin deu um sorriso malicioso. – Bom, quanto a isso... as paredes ficaram um tanto carentes de decoração. O que você acha de descer ao cofre comigo e começar a pegar os verdadeiros?

– Como assim “os verdadeiros”?

EPÍLOGO

Mares de sangue

1

– Como assim “reproduções”?

Locke estava sentado numa cadeira de madeira confortável, de encosto alto, no estúdio de Acastus Krell, negociante de Finas Distrações em Vel Virazzo. Ele envolveu sua esguia taça de chá morno com as duas mãos para evitar derramá-la.

– Certamente o senhor não desconhece o termo, mestre Fehrwight.

Krell pareceria um graveto, não fosse a graciosidade dos seus movimentos; andou pelo estúdio como um dançarino num palco, manipulando as lentes de aumento como um duelista fazendo pose. Usava um manto frouxo de brocado de seda azul-crepúsculo e o brilho de sua cabeça careca enfatizava a natureza fantasmagórica e penetrante de seu olhar. Aquele recinto era o covil de Krell, o centro de sua existência, que lhe dava um ar de serena autoridade.

– Com relação à mobília, não desconheço, mas quanto a pinturas...

– É uma raridade, mas não tenho dúvida disso. Nunca vi as versões originais destas dez pinturas, cavalheiros, mas há incongruências *fundamentais* nos pigmentos, nas pinceladas e no envelhecimento geral da superfície. Não são genuínas obras de arte do Barroco Talatri.

Jean absorveu isso pensativamente, as mãos cruzadas diante do corpo, ignorando seu chá. Locke sentiu gosto de bile subir-lhe a garganta.

– Explique – pediu, lutando para manter a irritação sob controle.

Krell suspirou, sua irritação obviamente atenuada pela simpatia dirigida a eles.

– Olhe. – Ele levantou com cuidado uma das pinturas roubadas, uma imagem de nobres do Trono Terim sentados assistindo a uma disputa de gladiadores, recebendo o tributo de um lutador ferido mortalmente. – Quem pintou isso é um mestre artesão, um indivíduo fantástico, paciente e hábil. Seriam necessárias centenas de horas para cada pintura e a obra deve ter sido feita com acesso pleno aos originais. Obviamente o... cavalheiro com quem os senhores conseguiram essas peças tinha restrições quanto a expor os originais. Eu apostaria minha casa com todos os jardins que os originais estão no cofre dele.

– Mas as... incongruências. Como o senhor as reconheceu?

– Os mestres sob o mecenato dos últimos cortesãos do Trono Terim tinham um meio secreto de distinguir suas obras das produzidas por artistas que serviam a patronos menos importantes. Um fato desconhecido fora da corte até anos depois de o império ter caído. Nas pinturas, os mestres escolhidos por Talathri e seus associados criavam deliberadamente uma pequena falha visual num canto da obra, com pinceladas cujo tamanho e direção não combinavam com as feitas ao redor. A imperfeição que proclama a perfeição, por assim dizer. Como a marca de beleza que alguns vadrãs gostam de ver em suas damas.

– E o senhor identifica isso apenas com um olhar?

– Se não encontro nenhuma sugestão dela em lugar algum, em nenhuma dessas dez obras de arte...

– Maldição – praguejou Locke.

– Isso me sugere que o artista que criou estas peças ou o patrão dele admirava tanto as obras originais que se recusou a falsificar as marcas ocultas.

– Bom, isso é muito animador.

– Vejo que o senhor exige mais provas, mestre Fehrwight, e felizmente o que resta é mais claro ainda. Primeiro, o brilho desses pigmentos é impossível, dado o estado da alquimia há quatrocentos anos. A vibração desses tons revela uma origem contemporânea. Por fim, o mais incriminador: não há verniz que acuse antiguidade nessas obras. Nenhuma rachadura fina nos pigmentos, nem descoloração devido a mofo ou luz do sol, nenhum desgaste nas camadas de laca. A carne dessas obras, por assim dizer, é tão diferente das genuínas quanto meu rosto seria do de um menino de 10 anos. – Krell deu um sorriso triste. – Eu envelheci bem. Estas obras

nem envelheceram.

– O que isso implica para o nosso acordo?

– Tenho consciência – falou Krell, acomodando-se na cadeira atrás de sua mesa e pousando a pintura – de que os senhores passaram por uma dificuldade extraordinária para retirar até mesmo essas cópias do... cavaleiro de Tal Verrar. Os senhores têm minha gratidão e minha admiração.

Jean bufou e olhou para a parede.

– Sua gratidão e sua admiração, por mais bem-intencionadas que sejam...
– começou Locke.

– Não possuem valor legal – completou Krell. – Não sou tolo, mestre Fehrwight. De qualquer forma, por essas dez pinturas, ainda posso lhe oferecer 2 mil solaris.

– Dois? – Locke apertou os braços de sua cadeira e se inclinou à frente. – A soma que discutimos originalmente foi de *50 mil*, mestre Krell!

– Pelos originais eu pagaria alegremente essa quantia; por artefatos genuínos do Último Florescer, eu teria compradores em regiões distantes, que não se preocupariam com o... possível desprazer do cavaleiro de Tal Verrar.

– Dois – murmurou Locke. – Pelos deuses, nós deixamos mais do que isso guardado na Agulha do Pecado. Dois mil solaris por dois anos, é o que o senhor está oferecendo.

– Não. – Krell uniu as pontas dos dedos finos. – Dois mil solaris por dez quadros. Por mais que eu lamente o que os senhores passaram para pôr as mãos nessas obras, não havia cláusulas de dificuldade no nosso acordo. Eu pago por mercadorias, e não pelo processo exigido para obtê-las.

– Três mil – retrucou Locke.

– Dois mil e quinhentos e nem um centira a mais. Eu *posso* encontrar compradores para estes quadros; cada um deles ainda é um objeto único que vale centenas de solaris, digno de ser possuído e exposto. Se eu for pressionado, posso até tentar vendê-los, depois de um tempo, de volta ao cavaleiro de Tal Verrar, afirmando que os consegui em alguma cidade distante. Não tenho dúvida de que ele seria generoso. Mas se o senhor não quer aceitar meu preço... está livre para levá-los a uma praça de mercado ou uma taverna, talvez.

– Dois mil e quinhentos... Para o inferno.

– Suspeito que todos estaremos lá, mestre Fehrwight, no devido tempo. Mas agora eu gostaria de uma decisão. Aceita a oferta?

2

– Dois mil e quinhentos – disse Locke pela vigésima vez enquanto a carruagem chacoalhava em direção à marina de Vel Virazzo. – Não acredito, porra.

– É mais do que muita gente tem, acho – murmurou Jean.

– Mas não é o que eu prometi. Desculpe, Jean. Fiz merda de novo. Dezenas de milhares, foi o que eu disse. Um valor gigantesco. Colocando a gente no topo. Como nobres lashanes. Que os deuses nos acudam. – Ele pôs a cabeça nas mãos. – Guardião Torto, por que, diabos, você ainda me ouve?

– Não foi sua culpa. Nós conseguimos. Nós saímos com tudo, como planejamos. É só... que era o tudo errado. Não havia como saber.

– Merda.

A carruagem diminuiu a velocidade e parou rangendo. Houve um estalar e um raspar enquanto o lacaio posicionava um degrau de madeira e, em seguida, a porta abriu à luz do dia. O cheiro do mar tomou o compartimento, assim como os gritos de gaivotas.

– Você ainda... quer fazer isso? – Locke mordeu o lábio ao ver que Jean não reagia. – Eu sei... que ela deveria estar aqui com a gente. Nós podemos simplesmente esquecer o antigo plano, deixar pra lá, tomar carruagens...

– Tudo bem. – Jean apontou para o saco de aniagem no banco ao lado de Locke, que ondulava como se estivesse vivo. – Além disso, desta vez nós nos demos o trabalho de trazer um gato.

– É... – Locke cutucou o saco e deu um sorriso débil quando o animal tentou atacá-lo. – Mas, ainda assim, você...

Jean já estava se levantando para sair da carruagem.

3

– Mestre Fehrwight! É um prazer finalmente conhecê-lo. E o senhor também, mestre...

– Callas – interveio Locke. – Tavrín Callas. Desculpe meu amigo, ele teve um dia difícil. Eu vou conduzir nossos negócios.

– É claro – disse o responsável pelo porto de iates particulares de Vel Virazzo.

Ali, as barcas de lazer e as embarcações de passeio das famílias notáveis de Vel Virazzo – que podiam ser contadas nas duas mãos sem usar todos os dedos disponíveis – eram mantidas sob vigilância constante.

O homem levou-os ao final de uma das docas, onde uma esguia embarcação de um mastro balançava suavemente nas ondas: 12 metros de comprimento, de teca e madeira-bruxa laqueadas, com acabamento em latão e prata. O cordame era de semisseda nova e finíssima e as velas enroladas eram brancas como areia de praia limpa.

– Tudo preparado segundo suas cartas, mestre Fehrwight. Peço desculpas pelo fato de que foram necessários quatro dias, em vez de três...

– Não faz mal – interrompeu Locke, entregando uma sacola de couro contendo solaris que ele havia contado na carruagem. – O pagamento combinado, integral, além do bônus para três dias, para sua equipe de trabalho. Não tenho motivos para ser avarento.

– O senhor é gentil demais. – O homem fez uma reverência enquanto aceitava a bolsa pesada. Quase 800 solaris já haviam ido embora.

– E as provisões? – perguntou Locke.

– Completas, conforme foi especificado. Rações e água para uma semana. Os vinhos, capas oleadas e outros equipamentos de emergência, tudo no lugar, verificado pessoalmente por mim.

– Nosso jantar?

– Está vindo, está vindo. O entregador já deveria ter chegado há vários minutos. Espere, aí está o garoto.

Locke olhou na direção da carruagem. Um menino havia acabado de aparecer atrás dela, correndo com um cesto coberto maior do que seu peito, aninhado nos braços. Locke sorriu.

– O jantar conclui nossos negócios – disse enquanto o garoto se aproximava e entregava o cesto a Jean.

– Muito bem, mestre Fehrwight. E os senhores vão zarpar...

– Imediatamente. Temos... muitas coisas para deixar para trás.

– Vão precisar de ajuda?

– Tínhamos esperado uma terceira pessoa – respondeu Locke baixinho.

– Mas bastamos nós dois. – Olhou para seu barco novo, para o arranjo de velas, cordame, mastro, leme, que antigamente eram estranhos. – Nós sempre bastamos.

Demoraram menos de cinco minutos para carregar o barco com a bagagem tirada da carruagem, pois era pouca coisa: algumas roupas de reserva, túnicas e calções de trabalho, armas e o pequeno kit de instrumentos de ladrões.

O sol estava se pondo no oeste e Jean começou a desamarrá-los do cais. Locke pulou para o convés de popa, um espaço do tamanho de uma sala cercado por amuradas, abriu o saco de anagem e soltou o conteúdo no barco.

O gatinho preto olhou-o, espreguiçou-se e começou a se esfregar na sua bota direita, ronronando alto.

– Bem-vindo ao novo lar, garoto. Tudo que você vir é seu – avisou Locke.
– Mas isso não quer dizer que estou sendo cativado por você.

4

Ancoraram a 100 metros da última torre-lanterna de Vel Virazzo e, sob sua luz rubi, tiveram o jantar que Locke havia prometido.

Sentaram-se no convés de popa, as pernas cruzadas, com uma mesinha entre os dois. Cada um fingiu estar absorto no pão e no frango, nas barbatanas de tubarão com vinagre, nas uvas e nas azeitonas pretas. Magnífico tentou guerrear com a refeição várias vezes e só aceitou uma paz honrada depois que Locke o subornou com uma asa de frango quase do tamanho de seu corpo.

Tomaram um vinho branco camorri comum, o tipo que suaviza uma refeição sem se tornar o elemento central. Locke jogou a garrafa vazia no mar e começaram a beber outra, mais lentamente.

– Está na hora – disse Jean por fim, quando o sol já estava tão baixo que parecia afundar na amurada de estibordo.

Era um momento vermelho: todo o mundo, do mar ao céu, da cor de uma pétala de rosa escurecendo, de uma gota de sangue que ainda não secara. O mar estava calmo e o ar, imóvel. Sem nada para atrapalhar, sem responsabilidades, sem um plano ou um compromisso em qualquer lugar no

mundo.

Locke suspirou, tirou um frasco de líquido transparente do bolso interno do casaco e pousou-o na mesa.

– Nós discutimos sobre dividi-lo.

– Discutimos – confirmou Jean. – Mas não é isso que vamos fazer.

– Não?

– Você vai bebê-lo. – Jean pôs as duas mãos na mesa, com as palmas viradas para baixo. – Todo.

– Não.

– Você não tem escolha.

– Quem, diabos, você acha que é?

– Não podemos correr o risco de dividi-lo – respondeu Jean, num tom controlado que indicava que ele não aceitaria uma recusa. – É melhor que um de nós fique curado com certeza do que os dois resistirmos por um tempo e... morrermos de uma hora para a outra.

– Eu me arrisco a resistir.

– Eu, não. Por favor, beba, Locke.

– Ou o quê?

– Ou você sabe o quê. Você não é mais forte do que eu. Beba a porra do antídoto, pelo amor do Guardião Torto.

– Não posso.

– Então você me obriga a...

– Você não entendeu: eu não disse que “não quero”. Eu *não posso*.

– Como assim?

– Isso é apenas água num frasco que eu peguei na cidade. – Locke enfiou a mão de novo no bolso, pegou um frasco de vidro vazio e colocou-o lentamente ao lado do falso. – Você me conhece tão bem... estou surpreso por você ter concordado que eu servisse o seu vinho.

5

– Seu vigarista escroto – rugiu Jean, saltando de pé.

– Nobre Vigarista.

– Sua porra de filho da *puta* miserável! – Locke se encolheu, alarmado. Jean agarrou a mesa e jogou-a no mar, espalhando os restos do jantar no

convés. – Como você pôde? Como pôde fazer isso comigo?

– Não posso ver você morrer – replicou Locke com um tom inexpressivo.

– Não posso. Você não poderia me pedir para...

– Você nem me deu uma opção!

– Você ia fazer com que eu engolisse o antídoto à força, porra! – Locke se levantou, espanando migalhas e fragmentos de osso de frango da túnica. – Eu *sabia* que você tentaria alguma coisa assim. Você me culpa por ter feito primeiro?

– Agora eu tenho de ver você morrer, é isso? Ela, e agora você? E isso é um *favor*?

Jean desmoronou no convés, enterrou o rosto nas mãos e começou a soluçar. Locke se ajoelhou perto dele e passou os braços em volta dos seus ombros.

– É um favor. Um favor para mim. Você salva minha vida o tempo todo porque é um idiota e não sabe das coisas. Deixe-me... deixe-me fazer isso por você, só uma vez. Porque você merece.

– Isso não entra na minha cabeça – sussurrou Jean. – Porra, seu filho da puta, como pôde fazer isso? Quero abraçar você. E quero arrancar sua cabeça. As duas coisas ao mesmo tempo.

– Ah. Pelo que sei, esta é a definição de “família”.

– Mas você vai morrer – murmurou Jean.

– Isso ia acontecer de qualquer modo. E o único motivo para não ter acontecido antes... é... você, na verdade.

– Odeio isso.

– Eu também. Mas está feito. Acho que tenho de me sentir bem a respeito.

Eu estou calmo, pensou. Acho que posso dizer isso. Eu estou calmo.

– O que vamos fazer agora?

– O que foi planejado. Algum lugar, qualquer lugar, na velocidade mais preguiçosa possível. Subir o litoral, à toa. Ninguém atrás de nós. Ninguém no caminho, ninguém para roubar. Nunca fizemos esse tipo de coisa. – Locke sorriu. – Diabos, honestamente, não sei se vamos ser *bons* nisso.

– E se você...

– Acontecerá quando tiver que acontecer. Desculpe.

– Sim... Não, nunca vou perdoar você.

– Acho que entendo. Levante-se e me dê uma mão com a âncora, está

bem?

– O que você tem em mente?

– Este litoral é antigo demais. Está desmoronando. Já vi isso antes. Vamos ver se conseguimos apontar essa coisa para um lugar diferente.

Locke se levantou, mantendo uma das mãos no ombro de Jean.

– Algum lugar novo.

POSFÁCIO

Os entusiastas náuticos, tanto os de poltrona quanto os que põem a mão na massa, devem ter notado que, neste livro, no quesito jargão do mar, tomei algumas liberdades e cometi exageros e mutilações.

Em alguns casos, posso dar desculpas honrosas: dizer que abstraí certos elementos em nome da compreensão do leitor ou os ajustei para as peculiaridades culturais e tecnológicas do mundo de Locke. Outras só podem ser explicadas pela aflição tradicional dos autores: a de que fiz besteira e não tenho ideia do que estou falando. As coisas sempre funcionarão melhor para nós dois, caro leitor, quando você não souber identificar a diferença. Cruzo os dedos para que isso ocorra.

Concluo aqui o segundo volume da série dos Nobres Vigaristas.

Scott Lynch
New Richmond, Wisconsin

26 de janeiro de 2007

SOBRE O AUTOR



SCOTT LYNCH já foi escritor freelance de RPG e teve uma série de empregos até seu primeiro livro ser publicado. Recebeu o prêmio de Melhor Revelação do British Fantasy Award e foi finalista do World Fantasy Award com *As mentiras de Locke Lamora*, primeiro livro da série dos Nobres Vigaristas, que já foi vendida para 28 países. O autor vive atualmente em New Richmond, Wisconsin.

www.scottlynch.us

AGRADECIMENTOS

De novo à incrível Jenny, por ser tantas coisas no correr dos anos: namorada, melhor amiga, primeira leitora, crítica construtiva e, por fim, esposa.

A Anne Groell, Gillian Redfearn e Simon Spanton, não só por serem brilhantes, mas por não me assassinarem.

A Jo Fletcher, de novo por não me matar. Viva!

A todas as pessoas da Orion Books que tornaram uma alegria minha primeira viagem à Inglaterra (de muitas, eu espero) e me toleraram, apesar da minha doença miserável; em especial a Jon Weir, fiel estalador de chicote e guia.

A todos os livreiros do Reino Unido, que se esforçaram para promover e falar de *As mentiras de Locke Lamora* quando ele era apenas um livro recém-nascido, ainda sem andar por conta própria, muitíssimo obrigado.

A Desiree, Jeff e Cleo.

A Deanna Hoak, Lisa Rogers, Jorsh Pasternak, John Joseph Adams, Elizabeth Bear, Sarah Monette, Jason McCray, Joe Abercrombie, Tom Lloyd, Jay Lake, GRRM e tantos outros. E a Rose, que é baixinha mas uma companhia tolerável.

A Loki, Valkyrie, Peepit, Artemis e Thor, os melhores animais de estimação do mundo.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[LIVRO I](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[LIVRO II](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[LIVRO III](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Epílogo](#)

[Posfácio](#)

[Sobre o autor](#)

[Agradecimentos](#)

Informações sobre a Arqueiro